



FERDINAND DENIS

RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL

SEGUIDO DO

RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL

Tradução, apresentação e notas
Regina Zilberman



edições makunaima

Coordenador

José Luís Jobim

Revisão

Regina Zilberman

Diagramação

Casa Doze Projetos e Edições



869.09 Denis, Ferdinand
D395 Resumo da história literária de Portugal seguido do resumo da história literária do Brasil / Ferdinand Denis ; tradução, apresentação e notas Regina Zilberman. Dados eletrônicos (1.717 KB). – Rio de Janeiro : Edições Makunaima, 2018. 483p., 21 cm.

Inclui bibliografia.

E-book acessível pelo formato PDF.

ISBN: 978-85-65130-23-3

1. Literatura portuguesa – História e crítica. 2. Literatura brasileira – História e crítica. I. Zilberman, Regina. II. Título.

<http://edicoesmakunaima.com.br/>

CDD 23. ed. 869.09

FERDINAND DENIS

RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL
SEGUIDO DO
RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL

Tradução, apresentação e notas

REGINA ZILBERMAN

Rio de Janeiro

2018



Conselho Consultivo

Alcir Pécora (Universidade de Campinas, Brasil)
Alckmar Luiz dos Santos (NUPILL, Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil)
Amelia Sanz Cabrerizo (Universidade Complutense de Madrid, Espanha)
Benjamin Abdala Jr. (Universidade de São Paulo, Brasil)
Bethania Mariani (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Cristián Montes (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Eduardo Coutinho (Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil)
Guillermo Mariaca (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Horst Nitschack (Universidad de Chile, Facultad de Filosofía y Humanidades, Chile)
Ítalo Moriconi (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
João Cezar de Castro Rocha (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Jorge Fornet (Centro de Investigaciones Literárias – Casa de las Américas, Cuba)
Lívia Reis (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Luiz Gonzaga Marchezan (Universidade Estadual Paulista, Brasil)
Luisa Campuzano (Universidad de La Habana, Cuba)
Luiz Fernando Valente (Brown University, EUA)
Marcelo Villena Alvarado (Universidad Mayor de San Andrés, Bolívia)
Márcia Abreu (Universidade de Campinas, Brasil)
Maria da Glória Bordini (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Maria Elizabeth Chaves de Mello (Universidade Federal Fluminense, Brasil)
Marisa Lajolo (Universidade de Campinas/Universidade Presbiteriana Mackenzie, Brasil)
Marli de Oliveira Fantini Scarpelli (Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil)
Pablo Rocca (Universidad de la Republica, Uruguai)
Regina Zilberman (Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil)
Roberto Acízelo de Souza (Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil)
Roberto Fernández Retamar (Casa de las Américas, Cuba)
Salette de Almeida Cara (Universidade de São Paulo, Brasil)
Sandra Guardini Vasconcelos (Universidade de São Paulo, Brasil)
Silvano Peloso (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)
Sonia Neto Salomão (Universidade de Roma La Sapienza, Itália)

Sumário

FERDINAND DENIS DE 1798 A 1826: BREVE BIOGRAFIA	11
Rafael Souza Barbosa	
FERDINAND DENIS E O RESUMO DE HISTÓRIA LITERÁRIA	31
Regina Zilberman	
RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL SEGUIDO DO RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL	53
Ferdinand Denis	
DISCURSO PRELIMINAR	54
RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL	
Capítulo I	64
Por que a literatura portuguesa é pouco conhecida. – Origem da língua; seus progressos.	
Capítulo II	68
Os primeiros estímulos recebidos pela literatura portuguesa.	
Capítulo III	71
Visão sumária da literatura portuguesa no começo do século XV. – Macias e sua escola.	
Capítulo IV	74
Introdução da imprensa.	
Capítulo V	75
Historiadores do século XV.	
Capítulo VI	77
Visão sumária das causas que deviam estimular o gênio poético dos poetas do século XVI. – Bernardim Ribeiro. – Cristóvão Falcão.	
Capítulo VII	87
Estímulos dados aos estudos. – Buchanan, os irmãos Gouveias chamados à universidade. – Sá de Miranda. – Antônio Ferreira.	

Capítulo VIII	98
Camões. – Sua vida. – Análise de <i>Os Lusíadas</i> .	
Capítulo IX	137
Obras diversas de Camões.	
Capítulo X	149
A poesia dramática em Portugal no século XVI. – Gil Vicente, Sá de Miranda, Antônio Ferreira.	
Capítulo XI	157
<i>O cioso</i> , primeira comédia de caracteres na Europa. <i>Inês de Castro</i> , segunda tragédia regular. – Camões, poeta dramático.	
Capítulo XII	170
Poetas que se destacaram no século XVI em diferentes gêneros de poesia e principalmente na écloga. – Diogo Bernardes. – Andrade Caminha. – Fernão Álvares do Oriente. – Rodrigues Lobo. – Manuel da Veiga.	
Capítulo XIII	184
Bandarra, poeta popular.	
Capítulo XIV	185
Visão sumária da poesia latina em Portugal.	
Capítulo XV	187
Historiadores portugueses do século XVI. Jerônimo Osório, João de Barros, Couto, Albuquerque, Damião de Góis, Castanheda, Resende, etc.	
Capítulo XVI	199
Moralistas. – Heitor Pinto, Amador Arrais.	
Capítulo XVII	201
Principais viajantes dos séculos XV e XVI.	
Capítulo XVII	206
Francisco de Moraes, notável romancista do século XVI.	
Capítulo XVIII	209
Considerações gerais sobre a poesia épica em Portugal. – Corte Real, <i>Naufração de Sepúlveda</i> , <i>Segundo cerco de Diu</i> . – Luís	

Pereira, a <i>Elegíada</i> , poema épico.	
Capítulo XIX	221
Mouzinho de Quevedo, <i>Afonso Africano</i> .	
Capítulo XX	237
<i>A Ulisseia</i> , ou Lisboa edificada, de Gabriel Pereira de Castro.	
Capítulo XXI	246
Francisco de Sá de Meneses. – <i>Malaca conquistada</i> .	
Capítulo XXII	258
Ferreira de Lacerda, Miguel da Silveira, Botelho de Morais e Vasconcelos, poetas épicos.	
Capítulo XXIII	259
Escritores da primeira metade do século XVII.	
Bernardo de Brito, Nunes de Leão, Frei Luís de Sousa, Faria e Sousa, Freire de Andrade, padre Vieira, orador, padre Macedo, Antônio Sousa de Macedo, polígrafos célebres.	
Capítulo XXIV	279
Começo da decadência da poesia, na metade do século XVII. – Violante do Céu, Vasconcelos, Baía, Bacelar, etc. – <i>Cartas portuguesas</i> de Mariana de Alcoforado.	
Capítulo XXV	287
Melhoria do estado das Letras. – O conde de Ericeira.	
Capítulo XXVI	291
Fundação da Arcádia Lusitana. – Antônio Garção, Dinis da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita, Francisco Dias Gomes.	
Capítulo XXVII	302
O teatro do século XVIII em Portugal. Antônio José, Garção, Dinis da Cruz, Silveira, etc.	
Capítulo XXVIII	308
Biografias. Diogo Barbosa, Soares de Brito.	
Capítulo XXIX	310
Estudos das línguas orientais entre os portugueses.	

Capítulo XXX	312
Fundação da Academia das Ciências; obras publicadas, em ordem, durante o século XVIII.	
Capítulo XXXI	315
Poetas e letrados do século XIX, falecidos há poucos anos. Francisco Manuel do Nascimento, conde da Barca, Brito, Sousa, Maximiano Torres, Barbosa du Bocage, etc.	
Capítulo XXXII	330
Breve panorama dos letrados vivos. – José Agostinho de Macedo: <i>O Oriente</i> , poema épico, entre suas obras. – Mouzinho de Albuquerque: as <i>Geórgicas portuguesas</i> . Medina e Vasconcelos; visconde de São Lourenço; condessa de Oyenhausen, etc.	
Capítulo XXXIII	336
A poesia dramática no século XIX. J. B. Gomes, falecido recentemente; condessa de Vimieiro, Pedro Nolasco, Pimenta de Aguiar.	
Capítulo XXXIV	341
Visão sumária da literatura e das ciências. Trabalhos recentes da Academia. – Correia da Serra, Solano Constâncio, Garção Stocker, Verdier, Câmara, Casado Geraldês, etc. – A imprensa.	
RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL	
Capítulo I	348
Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo.	
Capítulo II	356
Visão sumária sobre alguns poetas dos séculos XVII e XVIII.	
Capítulo III	359
José de Santa Rita Durão. <i>Caramuru</i> , poema épico.	

Capítulo IV	371
Basílio da Gama, <i>O Uruguai</i> , poema épico; <i>Quitúbia</i> . Cardoso, <i>Trípoli</i> , poema latino.	
Capítulo V	379
<i>Marília</i> , cantos elegíacos de Tomás Antônio Gonzaga – <i>Metamorfoses do Brasil</i> , de Dinis da Cruz, Caldas, Alvarenga; Poesias de M. B***, etc.	
Capítulo VI	387
Do gosto dos brasileiros pela música.	
Capítulo VII	389
Oradores e historiadores brasileiros. Manuel de Moraes, Rocha Pitta, Azeredo.	
Capítulo VIII	393
Geografia, viagens, etc.	
NOTAS	397

Ferdinand Denis de 1798 a 1826: breve biografia

Rafael Souza Barbosa¹

Sumaria-se a vida de Ferdinand Denis entre 1798, ano de seu nascimento, e 1826, quando foi publicado *Resumo da História Literária de Portugal seguido da História Literária do Brasil*. O período abarca a infância em Paris, a estada no Brasil e o início da carreira enquanto homem de letras depois de retornar à capital francesa. Para a elaboração dessa biografia, foram consultados documentos primários, como certidões, cartas, diários e notas, bem como fontes secundárias: verbetes, necrológios e textos monográficos. Privilegiaram-se os primeiros, sobretudo o dossiê profissional de seu pai, a correspondência ativa (1816-1819) e manuscritos oriundos do *Fonds Ferdinand Denis*. Ressalte-se que os estudos sobre o autor de Luís Doria (1912), Georges Le Gentil (1926), Pierre Moreau (1932) e Léon Bourdon (1958), os mais frequentemente mencionados, estabelecem uma relação de continuidade em relação à conformação de uma narrativa da vida de Denis. Ao cabo, foram incluídas a transcrição e a tradução para o português de dois manuscritos de caráter autobiográfico que dizem respeito ao período entre o nascimento do autor e a publicação do livro de 1826.

11

A infância de Ferdinand Denis (1798-1816)

Jean-Ferdinand Denis nasceu em 13 de agosto de 1798 em Paris,² filho de Joseph-André Denis e Aglaé-Sophie Stocard. A família também era composta por Alphonse, o primogênito, e por Francisca, a caçula, nascidos, respectivamente, em 1794 e 1807. A ampliação do núcleo familiar coincidiu com um período de intensa instabilidade política decorrente da Revolução Francesa (1789-1799). A infância

e a adolescência de Ferdinand transcorreram durante o Consulado (1799-1804) e o Primeiro Império Napoleônico (1804-1814), que consolidaram o fim do Antigo Regime na França.

À época do nascimento de Ferdinand, Joseph-André Denis, que, em uma carta,³ se apresentava como homem de letras, casado e pai de família, ocupava o cargo de intérprete juramentado junto ao *Conseil de Prises Maritimes*, para o qual fora nomeado pelo ministro das Relações Exteriores Charles-Maurice de Talleyrand-Périgord (1754-1838). Em 1801, solicitou a transferência para a Divisão de Relações Comerciais do Ministério, onde vagara um posto de tradutor, demanda logo deferida. Conforme afirma no pedido, Joseph-André compreendia perfeitamente o inglês, o italiano, o espanhol e o português; era capaz de traduzir o alemão; e conhecia um pouco do holandês, do sueco, do dinamarquês, do grego moderno e do polonês.⁴ A partir de então, atuou como tradutor junto à Divisão dos Consulados e colaborou igualmente com outras repartições, até ser afastado do cargo por ocasião da dissolução do império napoleônico em 1815.

12

O emprego obtido por Joseph-André possibilitou a Alphonse receber uma bolsa parcial de Talleyrand para estudar no *Lycée Impérial de Versailles* em 1807. Inaugurada naquele ano, a instituição fora criada para receber alunos oriundos da elite e encontrava-se entre as escolas mais prestigiadas da França. Em 1813, ele foi admitido na *École Spéciale Militaire de Saint-Cyr*, que, fundada por Napoleão em 1804, formava oficiais para o Exército Imperial. Desse modo, o primogênito adquiriu o grau de subtenente (alferes). Os custos da formação foram arcados pelo pai, sem qualquer tipo de subvenção.⁵ Em 1814, combateu na Batalha de Montereau e foi agraciado com a Legião de Honra, recebida do Imperador. Nessa medida, Alphonse, graças a seu pai, recebeu uma educação de relevo e exercia uma profissão distinta com sucesso, de modo a garantir seu futuro, não fossem as reviravoltas políticas resultantes da queda de Napoleão.

A posição de Joseph-André não possibilitou a Ferdinand uma educação formal semelhante à de Alphonse. Em 1810, o pai, que ambicionava para ele uma carreira consular no Oriente, solicitou a admissão do filho na *École de Jeunes de Langues*⁶ ao ministro de Relações Exteriores, então Jean-Baptiste Nompère de Champagny (1758-1834), tão logo houvesse uma vaga. Na carta, comenta que trabalhava há mais de dez anos no Ministério e alega que “os custos de manutenção da educação dessa criança estão além das minhas condições”.⁷ Mesmo com a promessa de Champagny, não logrou sucesso. Em 1813, faz uma segunda solicitação ao novo ministro, Hugues Maret (1763-1839), e o pedido não foi deferido. Nessa ocasião, insiste que trabalha há quatorze anos enquanto tradutor do ministério e menciona que Talleyrand garantiria-lhe a vaga há mais de sete anos. Além disso, argumenta que o ingresso de Ferdinand aliviaria o orçamento familiar, uma vez que, tendo um salário medíocre, nunca recebeu gratificações por trabalhos extraordinários; e que a fortuna da família fora particularmente alterada pela revolução.⁸ Em 1814, solicita pela terceira vez sua inscrição, dessa vez a Armand de Caulaincourt (1773-1827). Na carta, ressalta uma última vez os serviços prestados e a importância econômica do aceite, acrescentando que Ferdinand havia sido educado com vistas à carreira e que demonstrava interesse especial pelas línguas.⁹ Ainda assim, o resultado não é diferente.

A educação de Ferdinand foi realizada principalmente junto à família, por meio de tutores e da convivência com amigos. Léon Bourdon (1958, p. 147) sublinha que os Denis, residindo em diferentes endereços nesse período, nunca deixaram a margem esquerda do Sena, associada à aristocracia, e mantinham um seleto círculo de relações, inclusive parentes que possuíam um castelo na Normandia. A partir de menções de Ferdinand nas cartas do Brasil, também Bourdon (1958, p. 148-152) e Pierre Moreau (1932, p. 6-10), citam frequentadores assíduos da residência e destacam a existência de

uma biblioteca pessoal. Conforme Denis relata em uma nota autobiográfica,¹⁰ aprendeu latim e italiano com Jageot, que frequentava a casa da família, e exercitava com ele seus estilo e eloquência em francês, atribuindo ao amigo o letramento mais elementar na língua materna. Também recebeu lições de turco do abade Dejean, que fora missionário em Constantinopla, até deixar Paris. Moreau (1932, p. 3) supõe que o jovem fizera mais progressos nas línguas modernas do que nas clássicas, haja vista as poucas e imprecisas menções a autores gregos e latinos em seus diários e cartas. Além disso, Moreau (1932, p. 7-8) destaca que Denis, não se limitando aos livros, sabia também recitar versos, apreciar música, tocar piano e desenhar, conjunto de competências ligado à vida social dos salões.

14 Entre os frequentadores da casa dos Denis, destaca-se Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), poeta português conhecido como Filinto Elísio, exilado em Paris. Léon Bourdon (1958, p. 149) resalta que ele ensinou português a Ferdinand, como fazia com frequência desde que se exilara. Ramalho Ortigão (1868, p. 66-69), em um livro de viagens sobre Paris, relata uma visita que fez a Ferdinand Denis anos mais tarde. Nesta ocasião, lembram Francisco Manuel, e ele conta que, resistindo a aprender a ler e a escrever com nove anos de idade, aceitava lições apenas do poeta. Mesmo que a anedota seja pouco confiável, é possível atribuir à convivência com Filinto Elísio o aperfeiçoamento da língua portuguesa e o interesse pela cultura luso-brasileira por parte do jovem. O poeta também encarregara Ferdinand Denis de entregar missivas quando chegasse ao Rio de Janeiro, conforme comenta com o pai.¹¹ Georges Le Gentil (1926, p. 195) considera que eram cartas de recomendação; porém, acredita-se que se trate de uma correspondência ordinária. A situação de Francisco Manuel face a Portugal era litigiosa; e o jovem assinala seu estranhamento em não poder referir-se a ele como Dom, haja vista o número restrito de indivíduos que portavam o título¹².

A dissolução do Império Napoleônico em 1815 afetou dire-

tamente a família Denis. Joseph-André, funcionário do ministério das Relações Exteriores desde o período revolucionário, foi repentinamente aposentado sem receber qualquer bonificação. Alphonse, cuja atuação militar era diretamente associada a Napoleão, não foi incorporado a qualquer repartição do exército reorganizado durante a Restauração (1814-1830). Dessa feita, passou a receber o meio-soldo e foi forçado a reintegrar a vida civil. Com a dilapidação dos bens e a perda de capital de seus arrimos, a família encontrava-se em franca derrocada econômica. Ferdinand, que ainda não possuía uma profissão, via-se impossibilitado de obter uma formação superior. Francisca, bastante jovem, não podia contar com um dote que lhe garantiria um casamento. A situação era bastante adversa, e a conjuntura não oferecia soluções imediatas.

Entre 1815 e 1816, Adolphe Dubois, amigo da família Denis, propôs a Ferdinand partir para as Índias, onde poderia arranjar-lhe um emprego. A recomendação era que viajasse inicialmente ao Brasil e, depois, a Bengala, onde os dois se encontrariam. Léon Bourdon (1958, p. 153) e Luís Doria (1912, p. 221) consideram equivocadamente que a passagem pela América Portuguesa era escolha do próprio jovem, seja por razões econômicas, seja em função das rotas marítimas. A orientação de Dubois pode se dever à instabilidade das relações da França com outros países, decorrente das invasões napoleônicas, de modo a ser mais seguro embarcar em um navio português do que em um francês ou inglês. Além disso, Henri Plasson, também amigo da família, foi nomeado agente consular na Bahia nesse ínterim, o que facilitava seguir as instruções de Dubois. Assim, Ferdinand Denis acompanhou-o e partiu do porto de Le Havre em agosto de 1816.¹³

A estada no Brasil (1816-1819)

Tendo feito breve parada na Ilha da Madeira em setembro de 1816,¹⁴ Ferdinand Denis chegou ao Rio de Janeiro no final daquele ano.¹⁵ Permaneceu na cidade durante alguns meses, à espera de um

navio para o Oriente. Nas cartas que enviou para a família, ressalta positivamente a beleza do país, o acervo da Biblioteca Pública e o Jardim Botânico. Todavia, aponta negativamente a existência de apenas quatro livrarias na cidade. Como não encontrou qualquer embarcação para transportá-lo a Bengala, partiu para a Bahia em maio de 1817,¹⁶ instalando-se na residência de Henri Plasson. Pierre Moreau (1932, p. 12) destaca que, sem poder se juntar a Dubois, Denis decidiu associar-se a Plasson com o intuito de que ele, tornando-se cônsul, poderia garantir-lhe uma posição.¹⁷

16 Ferdinand Denis residiu na Bahia entre 1817 e 1819, deixando a cidade apenas para realizar excursões.¹⁸ A correspondência e o diário íntimo que manteve no período indicam em parte a vida que levou e os indivíduos com quem se relacionou. Georges Le Gentil (1926) e Léon Bourdon (1958), em relação de continuidade, fornecem uma narrativa detalhada a partir da leitura extensiva desses documentos. Sublinham-se as anotações de cunho naturalista de Denis, que as remete esporadicamente à família, e suas incursões na Biblioteca Municipal de Salvador, mencionadas mais de uma vez. Destaca-se também que ele conheceu membros da Missão Artística liderada por Lebreton (1760-1819), que chegara ao Brasil em 1816, e tornou-se próximo de Hippolyte Taunay (1793-1864), com quem trabalharia e escreveria livros nas décadas seguintes.

Durante a estada, Ferdinand Denis realizou trabalhos para a agência consular, garantindo sua subsistência, e acompanhou Plasson em alguns de seus empreendimentos, com vistas a acumular capital. Georges Le Gentil (1926, p. 298) enumera, a partir das cartas à família, as sucessivas tentativas de enriquecimento, todas fracassadas. Inicialmente, tentaram obter uma concessão para se tornarem produtores agrícolas, pois consideravam a exploração agrária um investimento seguro. A seguir, procuraram investir em uma fábrica de curtumes, acumulando prejuízos. Concomitantemente, o governo francês iniciou uma fase de austeridade econômica,

frustrando as esperanças de Plasson de se tornar cônsul. Arruinados financeiramente e malograda a carreira, decidiram dirigir-se à região de Vendas Novas, às margens do rio Belmonte, onde arriscariam a exploração de minas de diamantes. Culminou, assim, seu derradeiro insucesso. Sem qualquer perspectiva de fortuna e com a situação familiar ainda delicada, Ferdinand Denis iniciou sua viagem de retorno no final de 1819, em data desconhecida.

O início da carreira do homem de Letras (1820-1826)

Não se sabe ao certo quando Ferdinand Denis chegou a Paris. A evidência mais antiga que se conhece é a transcrição de uma carta de 9 de maio de 1820 enviada da capital francesa. Nessa carta, ele escreve ao padre Ducloux, amigo da família, sugerindo que tentou ganhar a vida por meio da escrita desde o retorno, atuando junto à imprensa: “Je suis maintenant excessivement occupé, c’est-à-dire que pour 1800 fr. par an je donne tous les jours au *Courrier Français* des nouvelles plus ou moins intéressantes que j’extrais des journaux étrangers”¹⁹ (MOREAU, 1832, p. 153). Todavia, à exceção dessa carta e dos documentos traduzidos no final dessa breve biografia, não há fontes documentais sobre a vida do autor nos anos vinte do século XIX. Além da obra impressa, que começa a tomar forma a partir de 1821, dispõe-se apenas de relatos de terceiros e de verbetes enciclopédicos pouco precisos ou confiáveis.

Os anos vinte, que marcam o início de sua carreira enquanto homem de letras, caracterizam-se como um período de intensa produção bibliográfica, sobretudo em relação ao Brasil, a Portugal e à América Ibérica. Em 1821, Denis traduziu três partes substanciais de *Corografia Brasília* (1817), de Aires de Casal (1754-1821), para dois periódicos. A carta do descobrimento de Pero Vaz de Caminha, divulgada pela primeira vez nessa obra, foi publicada no *Journal des Voyages, Découvertes et Navigations Modernes, ou Archives Géographiques et Statistiques du XIX^e Siècle*, editado por J.-T. Verneur. É curioso notar que a divulgação em francês da

carta, que seria tomada como certidão de nascimento do país nas décadas seguintes, é imediatamente anterior à independência política do Brasil. Os capítulos sobre as capitanias do Pará, do Solimões e do Mato Grosso, extraídas do mesmo livro, foram publicados nos volumes IX e XI de *Nouvelles Annales de la Géographie et de l'Histoire*, editado por Jean-Baptiste Eyriès e Conrad Malte-Brun. Os dois geógrafos, que atuavam principalmente na tradução e difusão de obras estrangeiras, mostraram um vivo interesse pelos textos, ressaltando a contemporaneidade da publicação e da revolução do Pará de 1821. Graças a esses trabalhos, Ferdinand Denis pôde se inserir no mercado editorial francês em virtude de seu domínio da língua portuguesa e da sua experiência no Brasil.

18 No final de 1821 e início de 1822, Denis publicou, em coautoria com Taunay, *Le Brésil, ou Histoire, Moeurs, Usages et Coutumes des Habitants de ce Royaume* pela editora Nepveu de Paris. A obra, composta de seis volumes, pertencia à coleção *Moeurs et Usages, Arts et Métiers de Tous les Peuples*, que se propunha a difundir informações de cunho histórico, geográfico e etnológico acerca de países estrangeiros. Doria (1912, p. 228) comenta que Hippolyte fora convidado pelo amigo para participar do livro. Le Gentil (1926, p. 304) afirma que a maior parte da redação pode ser atribuída a Denis, haja vista as semelhanças de conteúdo e estilo com a correspondência e os diários do Brasil, tendo o pintor se ocupado sobretudo das gravuras. De qualquer forma, Denis, desta vez individualmente, também foi encarregado pelo editor da escrita de dois outros livros para a coleção. Em 1823, foram publicados *Buenos-Ayres et le Paraguay, ou Histoire, Moeurs, Usages et Coutumes des Habitants de cette partie de l'Amérique* (2 v.) e *La Guyane ou Histoire, Moeurs, Usages et Coutumes des Habitants de cette partie de l'Amérique* (2 v.). O conjunto desses trabalhos indica que o autor, cuja experiência enquanto viajante era bastante valorizada, expandiu seu campo de atuação para além da tradução.

Em 1823, Ferdinand Denis também publicou *Chefs-d'Oeuvre du Théâtre Portugais – Gomès, Pimenta de Aguiar, Jozé* pela editora Ladvoat de Paris. O livro, parte da coleção *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers*, contém a tradução de quatro peças dos autores do título,²⁰ precedidas de um prefácio histórico-crítico sobre a dramaturgia portuguesa. Trata-se de seu primeiro trabalho relativo a Portugal. A popularidade do empreendimento editorial colaborou com a promoção de Denis enquanto conhecedor não só do Brasil, mas também daquele país ibérico.

Em 1824, Ferdinand Denis publicou, novamente em coautoria com Taunay, *Notice Historique et Explicative du Panorama du Rio de Janeiro* pela editora Nepveu. A obra, provavelmente encomendada, fornece informações complementares para se apreciar o quadro mencionado no título, pintado a partir de desenhos de Félix Taunay e exposto em Paris. Dessa feita, o texto, cuja numeração à margem corresponde à parte comentada do panorama, fornece uma visão sumária de elementos já presentes na obra de 1822. Mesmo com o envolvimento do irmão de Hippolyte, a escolha dele e de Denis sugere a qualidade de sua relação com o editor. Além disso, o livro, em um único volume e associado a um evento cultural específico, favorecia a divulgação do nome dos dois amigos junto a um público mais amplo.

Em 1824, Ferdinand Denis também publicou *Scènes de la Nature sous les Tropiques et de leur Influence sur la Poésie, suivies de Camöens et Jozé Indio* pela editora Louis Janet de Paris. A primeira parte do livro discute a influência da natureza na imaginação dos homens e dá a conhecer aos europeus imagens de que podem tirar proveito para a criação artística. Nessa medida, formula uma poética tropical e fornece duas narrativas condizentes, *Palmares* e *Os Maxacalis*, que posteriormente produziriam ressonância em obras do Romantismo brasileiro. A segunda compreende uma narrativa biográfica centrada nos últimos anos de vida do poeta português e na

amizade dele com a outra personagem do título. O conjunto da obra conforma, assim, a primeira incursão de Denis no campo da criação literária. Ainda que tenha sido duramente criticada por Sainte-Beuve no jornal *Le Globe*, a poética proposta chamou a atenção de alguns autores franceses, cujos poemas e narrativas remeteram a ela nas décadas seguintes.²¹

Em 1825, Ferdinand Denis publicou o *Résumé de l'Histoire du Brésil et de la Guyane* pela editora Lecointe et Durey de Paris. O livro, reeditado no mesmo ano, faz parte da coleção de resumos históricos para a qual foram encomendados os de história literária de 1826. Conforme Joaquim Norberto Silva (1890, p. 476), a parte referente ao Brasil foi traduzida e adotada como leitura nas escolas primárias do Império. Destaque-se que foi a primeira história escrita em língua francesa após o reconhecimento da independência política do país, promovendo autonomia em relação a Portugal. A obra, produzida individualmente e restrita ao gênero historiográfico, contribuiu com o reconhecimento de Denis, ainda que bastante jovem, enquanto profundo conhecedor dos dois países de língua portuguesa.

20

A produção bibliográfica de Ferdinand Denis desde o retorno a Paris até a publicação do *Resumo da História Literária de Portugal seguido da História Literária do Brasil* (1826) compreende, em um período de cinco anos, sete obras integrais, algumas em mais de um volume, e três traduções de artigos. Há ainda a atuação do autor junto à imprensa, de qualidade e extensão desconhecidas. Mesmo que se saiba pouco de sua vida pessoal nesse intervalo, pode-se afirmar que ele se dedicou sobretudo à escrita, procurando profissionalizar-se. Além disso, imagina-se que, no bojo desse processo de criação de relações profissionais, houve também uma expansão de suas relações pessoais. Nesse sentido, Alberto Pimentel (1890, p. 20) comenta que o autor visitou, “na mocidade, (...) a Espanha e Portugal”. Jaime Victor (1890, p. 189) fala na preparação de uma viagem ao Oriente,

que, por razões políticas, limitou-se a uma excursão na Península Ibérica. Ele também arrola a convivência com Almeida Garrett (1799-1854), que residia então em Paris. Infelizmente, ainda não foram encontradas evidências para além do relato desses autores, e a escrita de uma biografia mais abrangente depende de uma pesquisa documental ainda em curso.

O manuscrito 4322 e a carta ao ministério das Relações Exteriores

Como há poucas fontes conhecidas sobre a vida de Ferdinand Denis entre 1820 e 1830, decidimos transcrever e traduzir dois documentos de cunho autobiográfico do autor. O manuscrito 4322, conservado pela *Bibliothèque Sainte-Geneviève*, contém notas biográficas autógrafas de 1825 que fornecem dados pessoais e informações bibliográficas de Denis. A carta ao ministério das Relações Exteriores, conservada pelos *Archives Diplomatiques*, solicita um emprego de tradutor e, sem data precisa (c. 1827), expõe suas origem familiar e qualificações profissionais. Os dois documentos permitem depreender auto-representações de Ferdinand Denis em relação à infância, à estada no Brasil e às primeiras produções nos anos vinte do século XIX.

1. Ms. 4322 (2 f., 3 p.)

[f. 1, p. 2]

Je suis né à Paris en 1798, mon éducation se fit en grande partie à la maison paternelle. Je reçus alors les soins d'un des amis de ma famille M. Jageot qui eut la bonté de m'enseigner le latin, l'italien d'après un système dont il avait déjà fait d'heureux effets en de jeunes gens de mon âge. Il s'occupa surtout de former mon style en français par de fréquentes analyses des pièces de théâtre, que j'avais été à même de voir, par la relation des promenades que je faisais avec lui et, enfin par la lecture continuelle des bons auteurs.

Comme mon père était employé alors aux Relations Extérieures et qu'il avait l'espérance de me faire rentrer à l'école de jeunes

de langue destinée à former des drogman aux Consulats du levant, il avait décidé que je me louerais aux études des langues orientales. M. Dejean, qui avait longtemps résidé à Constantinople comme missionnaire, fut mon maître de turc. Je fis des progrès assez rapides dans cette langue, mais de nouveaux projets m'occupèrent bientôt et changèrent ma détermination.

Quoique j'accompagnasse depuis longtemps mon père aux Relations Extérieures et que j'eusse de protecteurs dans les bureaux, je vis qu'il était presque impossible d'entrer au drogmanat. J'avais toujours été bercé de l'idée des voyages. Un de mes amis, M. Dubois, me proposa de m'emmener avec lui dans l'Inde – de plutôt le rejoindre au Bengale en passant par le Brésil, pays sur lequel il comptait se procurer des renseignements. Je partis. Nous relâchâmes à Madère et je parvins au bout de deux mois de navigation à Rio de Janeiro où je séjournai un an. Sans pouvoir trouver de navires pour l'Inde, mes parents ne voulurent point que je m'éloignasse davantage d'eux, je partis pour S. Salvador où j'aurais un emploi à l'Agence Consulaire.

22

Je m'occupai alors de rechercher sur l'histoire naturelle du pays. [f. 1, p. 2] J'entrepris de fréquentes promenades aux environs de la ville. Tout les dévoila, ces remarquables habitants excitèrent mon imagination. Je résolus de m'avancer dans l'intérieur. Je visitai le pays situé entre Rio de Janeiro et San Salvador. J'observai au sein d'un pays entièrement désert des tribus des botocudos, de machakalis, des patachos. Je revins à S. Salvador où je trouvai des lettres de mes parents qui me rappelaient près d'eux. Je m'embarquai dans un état de santé déplorable. Notre navigation fut heureuse et j'eus le bonheur d'embrasser ma famille. Un an après, j'eus la douleur de perdre la meilleure de mères.

Les souvenirs que j'avais recueillis commencèrent cependant à se développer. Je résolus dès lors de rendre mes voyages de quelque utilité et ma carrière littéraire commença. Je donnai d'abord dans le recueil de M. Maltebrun deux larges articles traduits de la Corografia

Brasílica. Ils contenaient la description de deux capitaineries méconnues jusqu'alors : l'Amazonie et le Mato Grosso. J'avais précédemment publié dans le recueil de M. Verneur la première lettre écrite au Brésil par Vas de Caminha. Quelques mois après, j'entrepris avec M. Taunay l'ouvrage sur le Brésil en 6 vol. in-18^o pour la collection de Nepveu. Dans cet ouvrage, nous nous attachâmes autant que possible à donner des idées nouvelles sur la géographie du pays. La *Corografia Brasílica* nous fournit d'excellents documents que nous joignîmes à ceux que nous avons recueillis. Je publiai successivement d'après le même plan un ouvrage sur la Guyane 2 vol. in-18^o et un ouvrage sur le Paraguay pour lequel un ouvrage anglais me fournit des gravures fort curieuses. La traduction de *Chefs-d'Oeuvre des Théâtres Étrangers* je publiai chez Ladvocat. Je donnai le théâtre portugais que je fis précéder d'une notice sur la littérature dramatique de la nation. Je rassemblais depuis longtemps les matériaux de mon ouvrage sur la nature des tropiques. Je fus employé à la traduction des nouvelles étrangères au *Courier* et je profitai alors des excellents conseils de M. Salvandy.

23

Ma bonne mère avait [f. 2, p. 3] encouragé mes affaires. Je continuai mon travail avec ardeur. Je n'avais d'abord eu l'intention que de publier des épisodes détachés. Je conçus un autre plan et je résolus d'indiquer les réformes qui pourraient procurer à nos poètes une nature étrangère. Mon meilleur frère et mes amis approuvèrent mon projet. J'ai publié il y a 9 mois environ cet ouvrage – depuis j'ai donné le *Résumé de l'Histoire du Brésil* qui est à sa seconde édition. Je viens de mettre sous presse celui du Paraguay. Je m'occupe du *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal*, mais j'ai surtout à coeur d'achever un long et pénible ouvrage dont je m'occupe déjà depuis assez longtemps et qui porte sur l'éloquence et la poésie des peuples sauvages. J'ai terminé un petit roman qui ira bientôt paraître. D'autres ouvrages d'imagination occupent mes loisirs.

Quoiqu'il n'ait rien publié, mon père a en portefeuille des

poésies remarquables parmi lesquelles on distingue un poème sur l'astronomie et quelques odes traduites d'Anacréon. Il s'est livré à l'étude des langues avec les plus grand succès.

Mon frère, quoiqu'il ait passé les premières années dans les campos, a pris beaucoup pour la littérature. On a représenté à l'Odéon une comédie de lui intitulée *La Bague ou l'Ami du Mari*. Il s'est voué entièrement à l'étude du sanskrit depuis quelques années.

[f. 1, p. 2]

Nasci em Paris em 1798, minha educação se fez em grande parte junto à casa paterna. Recebi então os cuidados de um dos amigos da família, o senhor Jageot, que teve a bondade de me ensinar latim e italiano conforme um sistema que promovia auspiciosos resultados em jovens de minha idade. Ele procurou sobretudo formar meu estilo em francês por meio de frequentes análises de peças de teatro, a que assistia; do relato de passeios que fazia com ele; e, enfim, da leitura contínua de bons autores.

24

Como meu pai era empregado do ministério das Relações Exteriores e tinha a esperança de me fazer ingressar na *École de Jeunes de Langues*, destinada a formar intérpretes e tradutores para os consulados do Oriente, ele decidira que me dedicaria ao estudo de línguas orientais. O senhor Dejean, que morara durante muito tempo em Constantinopla como missionário, foi meu mestre de turco. Fiz progressos bastante rápidos nessa língua, mas novos projetos logo me ocuparam e modificaram minhas determinações.

Embora acompanhasse meu pai há bastante tempo ao ministério e contasse com protetores nos gabinetes, vi que era quase impossível tornar-me tradutor-intérprete de línguas orientais. Nutria desde sempre o desejo de viajar. Um de meus amigos, o senhor Dubois, fez a proposta de levar-me com ele às Índias – ou, ainda, de encontrar-me em Bengala passando pelo Brasil, país no qual contava obter notícias a meu respeito. Parti. Aportamos em Madeira e cheguei ao cabo de dois meses de navegação ao Rio de Janeiro, onde

permaneci por um ano. Sem encontrar navios para as Índias, meus pais não quiseram que me afastasse ainda mais deles, e parti para Salvador, onde teria um emprego junto à agência consular.

Ocupei-me então com pesquisas acerca da história natural do país. [f. 1, p. 2] Realizei frequentes passeios nos arredores da cidade. Tudo os revelava, seus notáveis moradores excitavam minha imaginação. Decidi explorar o interior. Visitei as terras situadas entre o Rio de Janeiro e Salvador. Observei, no seio de terras inteiramente desertas, tribos de botocudos, de maxacalis e de pataxós. Retornei a Salvador, onde encontrei cartas de meus pais que me chamavam para perto deles. Embarquei em um estado de saúde deplorável. Nossa navegação foi bem-sucedida e tive a felicidade de beijar minha família. Um ano depois, tive a dor de perder a melhor mãe do mundo.

As lembranças que criara começaram, contudo, a se desenvolver. Decidi, a partir de então, tornar minhas viagens úteis, e minha carreira literária começou. Furneci, inicialmente, à antologia do senhor Malte-Brun dois longos artigos traduzidos de *Corografia Brasílica*. Eles continham a descrição de duas capitânicas até então pouco conhecidas: a Amazônia e o Mato Grosso. Publicara anteriormente, na antologia do senhor Verneur, a primeira carta escrita no Brasil por Pero Vaz de Caminha. Alguns meses depois, realizei, com o senhor Taunay, uma obra sobre o Brasil em 6 v. in-8º para a coleção de Nepveu. Nessa obra, detivemo-nos o máximo possível no fornecimento de ideias novas sobre a geografia do país. *Corografia Brasília* forneceu-nos documentos excelentes que juntamos aos que havíamos reunido. Publiquei sucessivamente, nos mesmos moldes, uma obra sobre a Guiana em 2 v. in-18º e uma outra sobre o Paraguai, para a qual uma obra inglesa forneceu-me gravuras bastante eruditas. A tradução de *Obras-Primas do Teatro Português* publiquei na editora de Ladvoocat. Era a do teatro português, a que antecedi uma notícia sobre a literatura dramática da nação. Reunia há bastante tempo materiais para a minha obra sobre a natureza

dos trópicos. Fui encarregado da tradução de notícias estrangeiras no *Courrier Français* e então aproveitei os excelentes conselhos do senhor Salvandy [o editor].

Minha boa mãe [f. 2, p. 3] encorajara-me a prosseguir meus empreendimentos. Continuei meu trabalho com ardor. Tivera inicialmente a intenção de apenas publicar episódios esparsos. Concebi uma outra diretriz e decidi indicar as reformas que poderiam propiciar a nossos poetas uma natureza não familiar. O melhor irmão do mundo e meus amigos aprovaram o projeto. Publiquei, há cerca de nove meses, essa obra – desde então produzi o *Resumo da História do Brasil* que se encontra em sua segunda edição. Acabei de colocar no prelo o do Paraguai. Dedico-me ao *Resumo da História Literária de Portugal*, mas desejo sobretudo encerrar uma longa e difícil obra a que me dedico já há bastante tempo e que trata da eloquência e da poesia dos povos selvagens. Terminei um pequeno romance que será publicado em breve. Dedico-me a outras obras de ficção durante meu tempo livre.

26

Embora tenha nada publicado, meu pai tem na gaveta poesias notáveis, entre as quais distinguem-se um poema sobre a astronomia e algumas odes traduzidas de Anacreonte. Ele se dedicou ao estudo das línguas e obteve grande sucesso.

Meu irmão, embora tenha passado seus primeiros anos em férias permanentes, considerou a literatura algo importante. Foi encenada, no teatro do Odéon, uma comédia sua intitulada *La Bague ou l'Ami du Mari*. Ele se consagra plenamente ao estudo do sânscrito há alguns anos.

2. FL. S/N do Dossier Personnel de Joseph-André Denis [1 f., 2 p.]

[f. 1, p. 1]

À l'époque où Monsieur Denis était employé au Ministère des Affaires étrangères en qualité de traducteur, une maladie terrible interrompit ses travaux ; son fils fut obligé de l'accompagner pendant

plusieurs années à son bureau et on le destina, dès lors, à remplir un emploi de drogman dans les échelles du Levant. M. Ferdinand Denis reçut à diverses reprises la promesse positive d'entrer aux jeunes-de-langue, mais on lui fit plusieurs passe-droit et, son père ayant été mis à la retraite après d'honorables services, il perdit bientôt l'espoir d'entrer dans la carrière à laquelle il s'était consacré. M. Ferdinand Denis partit alors pour le Brésil et visita l'intérieur et revint au bout de trois ans près de son père ; il s'est depuis entièrement consacré à la littérature et principalement aux études historiques. Il désirerait vivement obtenir une place analogue à [f. 1, p. 2] celle de son père, près duquel il doit rester. Ses connaissances des langues portugaise et espagnole, etc., pourraient peut-être lui donner quelques droits à l'emploi de traducteur.

M. Ferdinand Denis est auteur d'une histoire littéraire de Portugal, des scènes de la nature sous les tropiques, d'une histoire de l'éloquence et de la poésie chez les sauvages et chez les peuples demi-civilisés (inédite) ; il a rassemblé de nombreux matériaux pour une histoire de Portugal et il a publié il y a quelques mois le Tableau chronologique de la littérature espagnole, ainsi que celui de la littérature portugaise.

[f. 1, p. 1]

Na época em que o senhor Denis estivera empregado na qualidade de tradutor no ministério das Relações Exteriores, uma doença terrível interrompeu seus trabalhos; seu filho viu-se obrigado a acompanhá-lo durante muitos anos a seu escritório, e ele foi destinado, a partir de então, a ocupar uma vaga de tradutor-intérprete no escalão do Oriente. Foi prometida, reiteradas vezes, a admissão na *École de Jeunes de Langues* ao senhor Ferdinand Denis, mas a negaram injustamente inúmeras vezes, e, seu pai tendo se aposentado após honrosos serviços, ele logo perdeu a esperança de começar a carreira à qual se dedicara. O senhor Ferdinand Denis partiu então para o Brasil e visitou seu interior e retornou ao cabo

de três anos para perto de seu pai; dedicou-se, desde então, inteiramente à literatura e, principalmente, aos estudos históricos. Ele gostaria muito de obter um cargo análogo ao [f. 1, p. 2] de seu pai, próximo de quem deve permanecer. Seu conhecimento das línguas portuguesa e espanhola, etc. poderia talvez garantir-lhe o direito de um emprego de tradutor.

O senhor Ferdinand Denis é autor de uma história literária de Portugal, de *Cenas da Natureza sob os Trópicos*, de uma história da eloquência e da poesia nos povos selvagens e pouco civilizados (inedita); ele reuniu numerosos materiais para uma história de Portugal e publicou há alguns meses o *Quadro Cronológico da Literatura Espanhola*, bem como o da literatura portuguesa.

REFERÊNCIAS

28

1 Manuscritos e documentos:

Dossier Personnel de Joseph-André Denis (fl. 308-313, fl. s/n). In: *Microfilme P6288*. Disponível em: Archives Diplomatiques, La Courneuve.

Ferdinand Denis (LH/731/78). In: *Dossier de la Légion d'Honneur*. Disponíveis em: Archives Nationales, Paris.

Ms. 3417. In: *Fonds Ferdinand Denis*. Disponíveis em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

Ms. 4322. In: *Fonds Ferdinand Denis*. Disponíveis em: Bibliothèque Sainte-Geneviève, Paris.

2 Livros Impressos:

BOURDON, Léon. Lettres Familières et Fragment du Journal Intime « Mes Sottises Quotidiennes » de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasília*, Coimbra, n. X, p. 143-286, 1958.

CORDIER, Henri. Ferdinand Denis: 1798-1890. In: _____ *Mélanges Américains*. Paris: Jean Maisonneuve & Fils, 1913, p. 1-17.

DORIA, Luís Gastão de Escragnole. Um Amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LXXV, parte I, 1912, p. 217-230.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, Iniciador dos Estudos Portugueses e Brasileiros. Tradução de Paiva Boleo. *Biblos*, Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

MOREAU, Pierre. Introduction. In: Denis, Ferdinand. *Journal (1829-1848)*. Organisation, introduction et notes de Pierre Moreau. Fribourg: Librairie de l'Université; Paris: Librairie Plon, 1932, p. 1-39.

ORTIGÃO, José Duarte Ramalho. Uma visita a Ferdinand Denis. In: _____ *Em Paris*. Porto: Typographia Lusitana, 1868, p. 61-69.

PIMENTEL, Alberto. In: _____ *Figuras Humanas*. Lisboa: Parceria Antonio Maria Pereira, 1905, p. 15-21. [Caldas da Rainha, 10 de agosto de 1890]

SILVA, Joaquim Norberto de Souza. Ordem do Dia da 13ª Sessão Ordinária de 22 de Agosto de 1890. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LIII, parte II, 1890, p. 474-477.

VICTOR, Jayme. Ferdinand Denis. *O Occidente*, Lisboa, v. XIII, n. 420, p. 187-190, ago. 1890.

NOTAS

29

1 Licenciado em Letras na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), mestre em Estudos de Literatura, com bolsa do CNPq naquela instituição, e doutorando em Ciências Sociais na Ecole des Hautes Etudes em Sciences Sociales (EHESS).

2 A certidão de nascimento de Ferdinand Denis encontra-se indisponível nos arquivos públicos de Paris. Doria (1912, p. 219) atribui a desaparecimento ao incêndio causado na prefeitura durante a Comuna de Paris. A data e o local de nascimento podem ser confirmados nos arquivos da Legião de Honra, de que Denis fez parte, conservados nos *Archives Nationales* de Paris com o código LH/731/78.

3 A carta ocupa a folha 308 do dossiê profissional de Joseph-André Denis que se encontra conservado em microfilme nos *Archives Diplomatiques* de La Courneuve com o código P6288.

4 Idem.

5 Folha 312 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

6 Atualmente, *Institut National des Langues et Civilisations Orientales* (INALCO).

7 Folha 310 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

8 Folha 312 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

9 Folha 313 do dossiê profissional de Joseph-André Denis.

10 Notas biográficas autógrafas de Ferdinand Denis conservadas pela *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código MS. 4322, que se encontram transcritas e traduzidas no final do artigo.

11 Carta de 12 de março de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 191).

12 Idem.

13 Carta de 24 de agosto de 1816 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 188-189).

14 Carta de 4 de setembro de 1816 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 189-191).

15 Carta de 12 de março de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 191-193).

16 Carta de 12 de maio de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 193).

30

17 Ferdinand Denis escreve a Louis-Charles Arsenne algo muito semelhante em uma carta do começo de junho de 1817 conservada na *Bibliothèque Sainte-Geneviève* com o código Ms. 3417 e transcrita por Léon Bourdon (1958, p. 198-200).

18 Joaquim Norberto Silva (1890, p. 474) comenta que Ferdinand Denis teria conhecido quase todo o Brasil e também as repúblicas do Rio da Prata e do mar Pacífico. Tendo em vista a duração da estada e a correspondência mantida, é pouco provável que isso tenha acontecido.

19 “Ando excessivamente ocupado, pois, por 1800 fr. anuais, forneço diariamente ao *Courrier Français* notícias mais ou menos interessantes que retiro de jornais estrangeiros” (Tradução nossa). À época de realização de sua pesquisa, Pierre Moreau obteve essa carta no acervo pessoal do Coronel Henrique de Ferreira Lima.

20 *Nova Castro*, de João Batista Gomes (c. 1775-1803); *A Conquista do Peru e Caráter dos Lusitanos*, de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar (1765-1832); e *Vida do Grande D. Quixote de la Mancha e do Gordo Sancho Pança*, de Antônio José da Silva (1705-1739).

21 Destaca-se *Jakaré-Ouassou, ou Les Tupinambas* (1830), de Gavet e Boucher.

Ferdinand Denis e o resumo de história literária

Regina Zilberman¹

Visitou quase todo o nosso país, embrenhando-se pelos sertões, afrontando perigos, expondo-se a fadigas, mas colhendo impressões que o tornaram eternamente entusiasta das cenas sob os trópicos, de modo que Ferdinand Denis converteu-se num íntimo brasileiro.

JOAQUIM NORBERTO (1890, p. 474)

O autor

Jean Ferdinand Denis (1798-1890) nasceu em Paris, filho, segundo Georges Le Gentil, “dum funcionário do Ministério dos negócios estrangeiros” (LE GENTIL, 1928, p. 293). Deixou a França em 1816, aparentemente na direção das Índias, na busca de autonomia financeira. Acabou por desembarcar no Rio de Janeiro,² à época em que ali residia a Família Real Portuguesa, sob a regência de D. João (1767-1826), portando carta de recomendação de Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), Filinto Elísio na Arcádia Lusitana, de quem Denis era amigo e admirador (LE GENTIL, 1928, p. 295). Seis meses depois, seguiu para a Bahia, atuando junto a representantes comerciais da França, que sofriam a concorrência dos ingleses no que diz respeito à troca, entre seus respectivos países e a colônia portuguesa, de produtos naturais e industrializados.³ No Brasil, lembra Jean-Paul Bruyas, “Denis se tornara amigo de Hippolyte Taunay (1793-1864), filho do pintor Nicolas Taunay (1755-1830), membro da missão artística francesa, enviado ao Rio, em 1816” (BRUYAS, 1979, p. XXII), amizade que rendeu a produção de um livro em parceria, *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, publicado em seis volumes, entre 1821 e

1822. Sinal de que, ao deixar a Bahia, o jovem retornou à cidade natal, dedicando-se doravante à atividade literária, com ênfase na escrita de obras relativas à América e a Portugal, sobretudo, e ao trabalho de bibliotecário, e depois curador, da Bibliothègue Sainte-Geneviève, em Paris, posto obtido em 1838 e conservado até a morte, em 1890.

Também em 1821 e na França, Denis publicou a carta de Pero Vaz de Caminha (c. 1450-1500) sobre o descobrimento do Brasil. O texto, que apareceu no fascículo 28, do tomo sete, do *Journal de voyages, découvertes et navigations modernes*, ou *Archives géographiques et statistiques du XVIe siècle*, é, conforme Maria Helena Rouanet, a “primeira publicação da Carta em outra língua que não o português” (ROUANET, 1991, p. 300). Em *Le Brésil*, Denis reproduziu o documento de Caminha, segundo observa a pesquisadora.

32 Em 1823, Ferdinand Denis voltou-se a temas lusitanos: organizou para a coleção Obras-primas dos Teatros Estrangeiros o volume consagrado ao teatro português, que inclui, além da “Notícia sobre o teatro português” (DENIS, 1823), as peças *Nova Castro*, de Batista Gomes (c. 1775-1803), *A conquista do Peru*, tragédia, e *Caráter dos lusitanos*, tragédia, de Pimenta de Aguiar (1765-1832), e *Vida do grande D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancho Pança*, de Antônio José da Silva (1705-1739). Datam de 1824 as *Scènes de la nature sous les tropiques et de leur influence sur la poésie*, coleção de ensaios que contém, ao lado de duas novelas históricas, “Os maxacalis” e “Palmares”, lançadas no Brasil respectivamente em 1979 (DENIS, 1979) e 1997 (DENIS, 1997), a biografia ficcionalizada *Camões e José Índio*, tradução publicada em 2014 (DENIS, 2014).

Em 1825, Ferdinand Denis escreveu um de seus livros editorialmente mais bem sucedidos, o *Résumé de l'histoire du Brésil et de la Guyane*, integrada à *Collection des Résumés Historiques*, dirigida por Felix Bodin (1795-1837). Essa obra foi traduzida no Brasil por Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde (1802-1839)⁴ e, conforme Joaquim Norberto, “adotad[a] por circular do governo às

câmaras municipais do império para leitura das escolas primárias” (NORBERTO, 1890, p. 476).

Talvez o sucesso desse trabalho, bem como o êxito editorial da coleção coordenada por Felix Bodin tenham-no estimulado a redigir os resumos de história da literatura, publicados em 1826. Esse texto, porém, não foi traduzido na época,⁵ embora tenha constituído leitura obrigatória dos românticos brasileiros, conforme se verifica em ensaios de Joaquim Norberto (SILVA, 1998) e João Manuel Pereira da Silva (1817-1898) (SILVA, 1843), cujos juízos sobre as obras nacionais calcaram-se nas teses do estudioso francês.

Quando o livro aparece no mercado editorial francês, Ferdinand Denis é já um intelectual firmemente enraizado no que poderia chamar sistema letrado franco-lusitano, do qual participavam portugueses emigrados para Paris, como Filinto Elísio e Almeida Garrett (1799-1854), e franceses conhecedores ou estudiosos das línguas românicas ou das literaturas da Península Ibérica, como Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) e François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836).

Denis ainda produziu livros e ensaios com assuntos que se estendem da biblioteconomia à cultura oriental, de que era igualmente admirador. Seu interesse pelo Brasil e pela América Latina nunca esmoreceu, haja vista o lançamento de obras como o *Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de La Plata, suivi du Résumé de l'histoire du Chili*, de 1827, a *Histoire géographique du Brésil*, de 1833 (reimpressa em 1834 e 1835), *Brésil*, de 1837, *Une fête brésilienne célébrée à Rouen en 1550*, de 1850, e *Voyage dans les forêts de la Guyane*, de 1853.

A cultura e a história portuguesa igualmente o atraíam, destacando-se a admiração por Luís de Camões (1524?-1580?), tema do estudo introdutório à edição francesa de 1841 de *Os Lusíadas*. Em 1835, traduziu duas peças de Antônio Ferreira, a tragédia *Castro*, que denomina *Inez de Castro*, e a comédia *O cioso*, *Le jaloux* na versão de

Denis. A história do Frei Luís de Sousa, figura sobre a qual se detém em 1826, em um dos capítulos do *Résumé de l'Histoire Littéraire du Portugal suivie de l'Histoire Littéraire du Brésil*, rendeu-lhe outra obra, também de 1835, *Luís de Sousa*, em dois volumes, matéria de polêmica por ocasião do lançamento da tragédia de Almeida Garrett, de título similar (LE GENTIL, 1928).

O RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE DU PORTUGAL SUIVI DU RÉSUMÉ DE L'HISTOIRE LITTÉRAIRE DU BRÉSIL

O *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil* (doravante denominado *Resumo*) (DENIS, 1826), foi publicado em 1826 por Lecoq et Durey. Contém um “Discurso preliminar”, que esclarece os paradigmas adotados, e duas partes, a primeira dedicada ao “Resumo da história literária de Portugal”, com 35 capítulos (repete-se a numeração do capítulo dezessete), e a segunda, ao “Resumo da história literária do Brasil”, com oito capítulos. Fecham o livro as “Notas”, com informações adicionais provavelmente obtidas quando o texto já se encontrava na gráfica e não podia ser alterado. A obra soma 625 páginas.

34

Até então, nenhum estudo em forma de livro independente fora dedicado inteiramente às literaturas em língua portuguesa. Não significa que o assunto fosse ignorado, tendo sido antecipado por:

a) na forma de livro, a *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), catálogo bibliográfico impresso entre 1741 e 1759. Precedem-no dicionários de autores elaborados no século XVII, como o *Theatrum lusitaniae litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, manuscrito de João Soares de Brito (1611-1664), e a *Bibliotheca hispana nova*, de Nicolau Antônio (1617-1684), que incorpora autores nascidos em Portugal.

Depois da *Biblioteca Lusitana*, a Academia Real das Ciências de Lisboa providenciou um “Catálogo de autores”, que antecede

o primeiro e único volume do *Dicionário da língua portuguesa*, organizado por Pedro José da Fonseca (1737-1816).

b) Também na forma de livro, mas distribuído o tema entre outras expressões nacionais, o quarto volume da *História da poesia e da eloquência*, de Friedrich Bouterwek (1765-1828), que aborda as literaturas de língua portuguesa, e os cinco últimos capítulos de *De la littérature du Midi de l'Europe*, de 1813, de Simonde de Sismondi (1773-1842), consagrado a escritores de procedência lusitana.

c) Na forma de prefácios a coletâneas de poesias, o ensaio de Alexandre-Marie Sané, “Introduction sur la littérature portugaise”, que precede *Poésie lyrique portugaise ou Choix des Odes de Francisco Manuel*, publicado em Paris em 1808, e as “Notas ao poema”, de Timóteo Lecussan-Verdier (1754?-1831), que acompanha a edição de *O hissope*, de Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), de 1821.

d) Na forma de ensaio divulgado em revistas dedicadas à literatura e cultura, “De l'état des sciences et des lettres en Portugal, à la fin du dix-huitième siècle”, de José Correia da Serra (1750-1823), encontrável no primeiro volume dos *Archives Littéraires de l'Europe*, ou *Melanges de Littérature, d'Histoire et de Philosophie*, de 1804, e o de Alexandre-Marie Sané, “Coup d'oeil sur la littérature portugaise”, em duas partes, impresso em dois tomos do *Mercurie Étranger*, ou *Annales de la Littérature Étrangère*, em 1813.

Particularizam a obra assinada por Ferdinand Denis os seguintes aspectos:

a) dirige-se predominantemente ao público francês, dando continuidade ao trabalho que desenvolvia, ao publicar livros como *Le Brésil*, ou *Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, ou ao traduzir os dramas portugueses que compõem as Obras-primas dos Teatros Estrangeiros.

b) reproduz o maior número possível de trechos das obras literárias, apresentadas em tradução, sinalizando, também por este ângulo, a preocupação com a difusão de um patrimônio cultural.

c) as literaturas em língua portuguesa até então reconhecidas são divididas em dois grupos, considerando a procedência geográfica dos escritores e o espaço de sua circulação. Assim, identifica um núcleo português e um núcleo brasileiro, dando visibilidade a esse último na década em que o Brasil acabara de conquistar a emancipação política.

Para elaborar o livro, Denis valeu-se, além da leitura das obras literárias a seu alcance, de uma bibliografia secundária, constituída pelas fontes disponíveis a seu tempo, algumas já citadas:

- a *Biblioteca Lusitana*, de onde retira a maior parte das informações relativas à biografia dos autores citados;

- as histórias da literatura que examinaram as literaturas de Portugal e do Brasil, como as de Bouterwek e de Sismondi;

- os prefácios, ensaios e estudos assinados por portugueses, como Correia da Serra e Lecussan-Verdier, ou franceses, como Sané e Raynouard.

36

A esse material relativo à Literatura Portuguesa, acrescentou a própria pesquisa, extraindo informações sobretudo dos seguintes autores e obras:

I) dentre o material de procedência portuguesa:

a) a obra *Europa Portuguesa*, de Manuel de Faria e Sousa (1590-1649), bem como os livros desse autor dedicados à poesia de Camões: *Rimas várias de Luis de Camões* e *Lusíadas de Luís de Camões*, edições, ambas, antecedidas por uma “Vida do poeta”, lembrada com frequência pelo historiador francês;

b) as notas de Francisco Dias Gomes (1745-1795) a seus poemas, publicados postumamente em *Obras poéticas*, de 1799; a *Coleção de livros inéditos da história portuguesa*, organizada por Correia da Serra e publicada em 1790; os *Discursos políticos*, de Manuel Severim de Faria (1583-1665), de 1624, republicados em 1791;

c) os memoriais produzidos pela Academia Real das Ciências de Lisboa, publicados a partir de 1792:

- *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, onde se encontram a “Memória sobre a poesia bucólica dos poetas portugueses”, de Joaquim de Foyos (1733-1811), de 1797, e a “Memória sobre o teatro português”, de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato (1777-1838), de 1817;

- *Memórias de Literatura Portuguesa*, em oito volumes, lançados entre 1792 e 1812, com consulta sobretudo aos ensaios “Análise e combinações filológicas sobre a elocução e o estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões”, de Francisco Dias Gomes, “Ensaio sobre a Filologia Portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes poetas, que floresceram no século XVI”, de Antônio das Neves Pereira (17??-1818), e “Em defesa de Camões contra Monsieur de la Harpe”, de Antônio de Araújo Azevedo (1754-1817);

- *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, coleção publicada a partir de 1815, com referências particularmente aos estudos “Sobre o estabelecimento da Arcádia de Lisboa e sobre a sua influência na restauração da nossa literatura”, de Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato, de 1819, “Memória histórica e crítica acerca de Fr. Luís de Sousa e das suas obras”, de Francisco Alexandre Lobo (1763-1844), de 1823, e “Exame crítico das primeiras cinco edições dos *Lusíadas*”, de Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (1773-1821), de 1823.

- a edição de *Os Lusíadas* promovida em 1817 por José Maria de Sousa Botelho (1758-1825), o Morgado de Mateus, cujo ensaio introdutório, “Vida de Camões”, alicerça a biografia do poeta lusitano em *Camões e José Índio* e no *Resumo*.

II) Dentre o material publicado na França:

a) a obra do geógrafo e estatístico italiano Adriano Balbi (1782-1848), *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi*

les productions portugais des deux hémisphères, de 1822, que lhe propiciou informações sobre os primeiros tempos da língua e da poesia em Portugal;

b) os volumes dos *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, produzido pela Sociedade de Portugueses Residentes em Paris, sob a direção de José Diogo Mascarenhas Neto (1752-1826), e publicado entre 1818 e 1822;

c) os ensaios sobre literatura portuguesa lançados, desde o século XVIII

- no *Journal Étranger*, periódico parisiense editado entre 1754 e 1764, que tinha Antoine François Prévost (1697-1763) entre seus diretores;

- em *Les Soirées Littéraires*, ou *Mélanges de traductions nouvelles des plus beaux morceaux de l'antiquité, de pièces instructives et amusantes, françaises et étrangères*, publicação periódica de textos clássicos e modernos, iniciada em 1795 e encerrada em 1801, sob a direção de Jean Marie Louis Coupé (1732-1818);

38

- no *Mercuré Étranger*, periódico mantido entre 1813 e 1816, sob a direção de Louis-Mathieu Langlès (1763-1824), Amaury Duval (1760-1838) e Pierre-Louis Ginguené (1748-1816);

- no *Journal de Savants*, periódico nascido em 1665, onde François-Juste-Marie Raynouard publicou, em 1825, resenha sobre a tradução, por J. B. Millié (1772-1826), de *Os Lusíadas*, de Camões;

d) a produção dos pesquisadores franceses dedicados aos assuntos lusófonos, alguns já citados:

- Alexandre-Marie Sané, autor de *Nouvelle grammaire portugaise*, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire e de différents morceaux de prose et de poésie, extraits des meilleurs classiques portugais, e estudioso e tradutor de poemas de Filinto Elísio, publicados em 1808, em *Poésie lyrique portugaise*, ou Choix des odes de Francisco Manuel, traduits en français, avec le texte en regard, précédées d'une notice sur l'auteur et d'une introduction sur

la littérature portugaise, avec des notes historiques, géographiques et littéraires. Alexandre-Marie Sané publicou também resenha sobre *O hissope*, poema herói-cômico de Antônio Diniz da Cruz e Silva, no *Mercure Étranger*, em 1813;

- François-Juste-Marie Raynouard, historiador, filólogo e dramaturgo, autor, entre outras obras, de *Éléments de la grammaire de la langue romane* (1816) e da *Grammaire des troubadours* (1816), autor também de *Camões*: ode, de 1819, que Ferdinand Denis reproduz ao final de *Camões e José Índio*;

- Timóteo Lecussan-Verdier, autor da introdução a *O hissope*, de Antônio Diniz da Cruz e Silva; Lecussan-Verdier traduziu ainda a *Ode a Camoens*, de Raynouard, responsabilizando-se pelas notas que acompanham o texto, material referido no *Resumo*;

- G. Hamonière (1789-18??), gramático francês, autor, entre outras obras, de *Coleção de pedaços em prosa / Recueil de morceaux en prose*, extraído dos melhores autores franceses e portugueses, de 1818, da *Grammaire portugaise divisés en quatre parties*, de 1820, e da *Grammaire espagnole divisée en quatre parties*, de 1821.

39

Quando examina a obra de Luís de Camões, Denis mobiliza a bibliografia francesa então disponível a respeito do épico português, destacando-se *L'essai sur la poésie épique*, que acompanha *La Henriade*, de Voltaire (1694-1778), e o verbete dedicado àquele na *Biographie universelle*, preparado por Madame de Staël (1766-1817), em 1812. Recorre igualmente às traduções da epopeia lusitana, produzidas na França por Duperron de Castera (1705-1752), em 1735, por Jean-François de La Harpe (1739-1803) e Nicolas-Gabriel Vaquette d'Hermilly (1705-1778), em 1776, e por Jean-Baptiste Millié, em 1824, além de conhecer e citar a versão em inglês, de responsabilidade de William Julius Mickle (1735-1788), lançada entre 1771 e 1775. É na *Histoire philosophique et politique des établissements et du commerce des européens dans les deux Indes*, do abade Guillaume-Thomas Raynal (1711-1796), que o historiador

francês localiza a tradução do “Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda”, do jesuíta Antônio Vieira (1608-1697), matéria de exame detalhado no capítulo XXIII.

Igualmente subsidiaram a pesquisa de Ferdinand Denis obras de historiadores, como a de Alphonse Rabbe (1784(?)-1829), *Résumé de l'histoire de Portugal*, e de viajantes, como as de Charles François Dumouriez (1739-1823), *État present du Royaume de Portugal en l'année 1766*, de 1775, e *Campagnes du Maréchal Schomberg en Portugal, de 1662 a 1668*, de 1807, de Heinrich Friedrich Link (1767-1851), *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799* (cujo capítulo XXXVIII, do volume dois, intitula-se “Sur la littérature et la langue portugaise”), lançada originalmente em alemão entre 1803 e 1805, e de Jean François Bourgoing (1748-1811), *Voyage du ci-devant duc Du Châtelet en Portugal*, de 1801.

40 Optando por alinhar seu texto à história da literatura, citada no título do livro e gênero emergente nas décadas finais do século XVIII, mas consolidado nas primeiras décadas do XIX, Denis não perdeu de vista as obras que, na ocasião, estruturavam esse campo intelectual, como as de:

- Pierre-Louis Ginguené, crítico literário e musical, encarregado, à época de Napoleão Bonaparte (1769-1821), de escrever a história literária da França, contribuindo com os volumes que apareceram em 1814, 1817 e 1820. Seu trabalho mais importante, modelado a partir da obra de Girolamo Tiraboschi (1731-1794), é *Histoire littéraire d'Italie*, em catorze volumes, publicado entre 1811 e 1835, sendo os últimos redigidos por Francesco Salfi (1759-1832) e revisados por Pierre Danou (1761-1840);

- Juan Andrés (1740-1817), padre jesuíta espanhol, que redigiu, em sete volumes, *Dell'Origine del Progressi e dello Stato Attuale d'ogni Letteratura* (1782-1799), em que se identifica material relativo às letras portuguesas.

A confluência dessas obras e do pensamento romântico em ascensão a seu tempo determinou os paradigmas e valores por meio dos quais Denis organiza seu material e qualifica o universo literário com que se depara.

a história da literatura

Ferdinand Denis organiza e avalia o patrimônio literário em língua portuguesa, apoiado nos seguintes critérios:

a) divisão das literaturas por nacionalidades e opção por ordená-las cronologicamente.

O autor do *Resumo* acata as palavras de ordem de seu tempo, compondo sua obra a partir da divisão em nacionalidades distintas, razão por que separa os conjuntos lusitano e brasileiro. Dispõe cada um deles segundo cronologias que lhes seriam próprias (sem que as entrecruze ou compare), apresentadas em perspectiva crescente, sendo as repartições determinadas pelos séculos. O século XVI, por exemplo, época marcada pelo sucesso das grandes navegações e pelo aparecimento de poetas e dramaturgos do porte de Sá de Miranda (1481/1485?-1558?), Luís de Camões, Antônio Ferreira (1528-1569), historiadores como Damião de Góis (1502-1574), João de Barros (1496-c. 1570) e Diogo do Couto (1524-1616), humanistas como Jerônimo Osório (1514-1580), será qualificado como “o grande século”, apropriando a classificação adotada pela literatura francesa, que confere esse atributo ao período de Luís XIV (1638–1715). Quando os recortes literários não coincidem com os segmentos de tempo, Ferdinand Denis recorre a conceitos como os de transição, garantindo, por meio deste expediente, a articulação entre as épocas.

Ao lado do recorte cronológico, encontra-se o critério evolutivo, já que a literatura pode avançar – por exemplo, da “barbárie” dos séculos anteriores ao XVI ao progresso corporificado por essa época – ou então decair, estando o declínio assinalado pela imitação dos nomes do passado, pela perda da autenticidade ou pela rejeição da língua materna. Sob esse aspecto, a produção do século XVII é

modelar, pois são muitos os emuladores de Camões, bem como os escritores lusitanos que redigem em castelhano.

Integra esse quadro historiográfico o relacionamento entre a produção literária e os eventos políticos. Assim, a formação do Estado português, entre os séculos XIV e XV, virá acompanhada de uma literatura ainda primitiva, que não se realizou plenamente até porque não encontrou a língua em que se expressar, sendo o emprego do galego considerado sintoma da rudeza primeva. Quando Portugal torna-se uma das principais potências da Europa e ocupa posição de liderança no que diz respeito às conquistas ultramarinas, a literatura é pujante e original, servindo de inspiração para seus vizinhos geográficos, como Espanha e Itália. Quando Portugal perde a autonomia, passando a fazer parte do império filipino, a literatura decai, a língua portuguesa ocupa um segundo plano, prevalece a imitação.

42 Ferdinand Denis pode não ter inventado esse formato de história da literatura, aliás predominante até o século XX, mesmo quando a divisão em séculos foi substituída pela repartição em escolas e estilos literários. Mas aplicou-o de modo disciplinado e coerente, mostrando-se bom discípulo dos historiadores da literatura que o precederam.

b) Caráter nacional, cor local e manifestação da emoção alçados a critérios de avaliação.

A divisão das literaturas por recortes geográficos não constitui apenas um critério de organização do material; ele precisa corresponder à marca de nacionalidade. Assim, se produzidas no espaço português, a poesia, a prosa e a dramaturgia lusitanas devem expressar o universo de onde provêm, traduzido especialmente pelo ambiente físico. Daqui emerge a cor local, exigência que atravessa o *Resumo* e que pode servir para valorizar positiva ou negativamente uma obra.

A cor local atesta o caráter nacional, e a manifestação desse afiança a qualidade, mesmo quando falham os elementos compo-

sicionais. Assim, não apenas significa possibilidade de ajuizar, mas também de resgatar obras, incorporando-as (ou excluindo-as) à história da literatura, vale dizer, ao cânone, na terminologia contemporânea. Quando a cor local não pode ser identificada, compensa a ausência com a valorização de manifestação de autêntica emoção por parte de um criador. A expressão, pelo artista, de sentimentos espontâneos pode redimi-los de outros percalços, e não são poucos os casos em que Denis elege essa alternativa.

Sentimentos legítimos, por sua vez, são os de índole amorosa; como, segundo Denis, os poetas são as pessoas mais propensas à paixão, nada melhor que uma literatura plena de experiências afetivas para se mostrar verdadeira, digna de crédito e elogiável. Por causa disso, a poesia assume perfil autobiográfico, e essa associação entre vida e criação literária é constante no *Resumo*, sendo a lírica de Luís de Camões a demonstração cabal dessa concepção.

c) O possível interesse do público francês

O *Resumo* foi redigido para atrair o interesse do público francês na direção da literatura portuguesa. Denis já se responsabilizara pelas traduções do teatro lusitano, e talvez entendesse que poderia alargar esse mercado, chamando a atenção dos leitores para um material até então praticamente desconhecido. À época de lançamento da obra, ele contaria com poucos livros editados em sua língua materna – os *Lusíadas*, de Camões,⁶ *Marília de Dirceu*,⁷ de Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) –, ao lado do reaproveitamento de mitos de procedência lusitana, como o de Inês de Castro, inspirador das tragédias de Antoine Houdar de La Motte (1672-1731), de 1723, e de Firmin Didot (1764-1836), *La reine de Portugal*, de 1824. Mas a circulação de obras portuguesas traduzidas em território francês não ultrapassava esse universo restrito.

Por essa razão, justifica a validade de sua matéria e preocupa-se em citar em francês trechos das obras, providenciando, ele mesmo, as traduções. Lamenta quando falta espaço para a inclusão

de maior número de excertos, e observa seguidamente o quanto os lusitanos anteciparam a literatura de outras nações, destacando sobretudo os avanços do século XVI, quando Portugal não apenas expandiu-se territorialmente, mas foi capaz também de oferecer à Europa modelos de poemas épicos, graças a Luís de Camões e Jerônimo Corte Real (1530?-1588), de teatro sacro e profano, graças a Gil Vicente (1469?-1536?) e Antônio Ferreira, de historiografia, graças a Jerônimo Osório, João de Barros e Damião de Góis.

Assim sendo, o *Resumo* pode ser classificado como Literatura Portuguesa (ou Brasileira, conforme o caso) para Estrangeiros, em uma época em que a França efetivamente abria espaço para a integração com outras culturas da Europa, da Ásia e da América. A obra, contudo, não alcançou o público desejado; seus principais cultores situavam-se no Brasil, onde o livro obteve alguma repercussão, especialmente entre a primeira geração romântica. Por outro lado, Ferdinand Denis não perdeu seu tempo: continuou a fornecer traduções para o francês, como as de *Inês de Castro* e *O cioso*, publicadas em 1835 em *Le théâtre portugais*, de 1835, e a redigir prefácios a publicações de obras de autores lusitanos, como “Antonio Diniz da Cruz e Sylva, notice biographique”, prólogo à *Le goupillon* (O hissope), de 1867.

44

Questões de ordem metodológica

Passados quase duzentos anos desde o aparecimento da única edição do *Resumo*, proceder à sua tradução e comentários, com notas explicativas, pode parecer trabalho de antiquário, segundo Brás Cubas, um “sujeito magro, amarelo, grisalho” que, setenta anos depois de publicado, encontra um exemplar das *Memórias póstumas*, obra inteiramente desconhecida por ele, redigida por um autor ignorado. Mesmo assim, o bibliômano deslumbra-se com a descoberta, a ponto de nada mais lhe interessar: “Ele rejeitaria a coroa das Índias, o papado, todos os museus da Itália e da Holanda, se os houvesse de trocar por esse único exemplar”. Nem mesmo a

passagem de “um César ou um Cromwell” por debaixo de sua janela desviaria seu olhar da contemplação do “exemplar único” que ele “folheia [...] devagar, com amor, aos goles...” (ASSIS, 1880, p. 254-255).

Contudo, aspectos a seguir discriminados contrariam a sugestão de anacronismo:

a) o *Resumo* logrou grande impacto sobre os intelectuais brasileiros da primeira metade do século XIX, que transcreveram suas afirmações sobre a necessidade de a literatura exibir caráter nacional e dar vazão à cor local, valendo-se delas para reiterar a importância das criações literárias, como as de Gonçalves de Magalhães (1811-1882), pioneiro da poética romântica no país. Logo, a interpretação da formação do cânone das literaturas em língua portuguesa não pode descartar a presença de um de seus fundadores mais significativos.

b) No *Resumo*, encontram-se os critérios de construção e reconhecimento de uma história da literatura que conferiram a essa última suas marcas fundamentais. O autor não foi o primeiro a utilizá-los, mas um dos pioneiros na aplicação das concepções de tempo, espaço e narração que transformaram a História da Literatura em um gênero autônomo e uma área de conhecimento independente. Por isso, importá-lo para a atualidade faculta conhecer não apenas seu conteúdo, mas também seus efeitos, a saber, a irradiação de que é centro e que determinou a trajetória das leituras e interpretações das literaturas em língua portuguesa.

c) O *Resumo* constitui expressão do processo de formação e consolidação da História da Literatura, apresentando-se como uma de suas melhores expressões. O acesso a esse texto lançado em 1826 e nunca reeditado, a não ser parcialmente, faculta entender em que constitui a História da Literatura enquanto possibilidade de organização da produção literária ao longo do tempo e, sobretudo, o papel que assumiu e as tarefas que desempenhou.

A História da Literatura, alinhada à História, assenta-se,

desde seu aparecimento, em um princípio cronológico, narrando os inícios, as transformações e os modos como desemboca no presente. Enquanto gênero literário, corresponde ao das grandes narrativas (LYOTARD, 1986), elegendo um início mítico – a fundação (ZILBERMAN, 1994), a que se segue uma trajetória ascendente até, de preferência, a atualidade do historiador que a redige e do público visado. Adota, por causa disso, foco evolutivo, calcada sobre a noção de progresso (ou o seu avesso, o declínio), utilizada para evidenciar as mudanças ocorridas nos planos artístico e político.

À grade temporal associa-se uma proposição de ordem judicativa – a representação do caráter nacional, decorrente da manifestação espontânea da cor local. É por ocasião do Romantismo que o caráter nacional alça-se à palavra de ordem da expressão artística, afetando sua produção e acolhimento. O vínculo não é ocasional, pois o período assiste à emergência e consolidação do Estado-nação, cuja territorialidade é garantida não apenas pela conformação de uma comunidade imaginada, conforme conceituação de Benedict Anderson (ANDERSON, 1989), mas também por uma cultura, dentre a qual sobressai a literatura, que, por meio de tipos humanos, uma história e uma natureza, valida a verdade de sua existência, origem e propagação.

46

A História da Literatura participou intensamente deste projeto, narrando como esse caráter nacional se apresenta na obra de autores locais. Como migrou para o ensino e ali se instalou com bastante propriedade (JAUSS, 1969; JAUSS, 1970), fortaleceu-se e, assim, sobreviveu às mudanças políticas, sociais e ideológicas que levaram à crise do Estado-nação de onde recebia seus principais insumos. Por isso, muitos critérios originalmente propostos pela História da Literatura permaneceram, sobretudo em conjuntos literários em que a busca de autonomia e autenticidade persiste, como ocorre a algumas das expressões nacionais das literaturas de língua portuguesa.

O *Resumo*, de Ferdinand Denis, não se mostra indiferente aos papéis desempenhados pela História da Literatura desde seu aparecimento, razão por que sua difusão tardia em língua portuguesa é pertinente e relevante.

Por outro lado, examinada ao longo do tempo, a carreira da História da Literatura não se revelou homogênea. Hans Robert Jauss, em ensaios da segunda metade dos anos 1960 (JAUSS, 1970; ZILBERMAN, 1989), chamou a atenção para a decadência da História da Literatura enquanto disciplina, vale dizer, no âmbito mesmo em que havia florescido e ocupado posição hegemônica por muitas décadas. Indicou também as aporias daquela ciência que a levaram ao declínio, em uma época em que se presenciava a supremacia quase incontestável do Estruturalismo, em especial na Europa Ocidental. Por último, atribuiu à Estética da Recepção, posicionamento teórico e sobretudo metodológico de que era o principal porta-voz, a possibilidade de superar os dilemas com que se deparavam os estudos históricos dirigidos à literatura no âmbito da pesquisa e da docência. Praticante da ciência de que era o fundador e renomado expoente, Jauss renovou as possibilidades de exame da obra literária desde uma perspectiva histórico-estética que não repetisse os, em sua opinião, equívocos do passado.

Talvez não tenha dado completamente conta da tarefa, mesmo porque não evitou reproduzir alguns dos pecados cometidos por uma ciência da literatura circunscrita ao âmbito da textualidade. Ainda que valorizasse a leitura e a recepção enquanto horizonte resultante das interpretações de uma obra ao longo do tempo, nunca se deteve na materialidade da produção de um livro impresso, nas diversidades de público, no modo de funcionamento da economia da cultura. A recusa em levar em conta a literatura de massa, os meios de reprodução mecânica, as condições de circulação dos objetos artísticos enquanto mercadoria encolheu seu enfoque, fazendo-o provar o próprio veneno.

Contudo, não se pode negar o papel desempenhado pela Estética da Recepção no processo de resgate da História da Literatura, aos quais pode se alinhar a reinserção do trabalho de Ferdinand Denis no cenário contemporâneo. Seu livro, ao contrário do exemplar de *Memórias póstumas* encontrado fortuitamente pelo bibliômano de Brás Cubas, preencheu expectativas de seu tempo, disseminou uma interpretação sobre as literaturas lusitana e brasileira, e afirmou-se como parte do espectro de conhecimento das culturas em língua portuguesa. Integrá-lo a nosso tempo não é oferecer-lhe uma sobrevida, mas entendê-lo, à distância e no presente, o que significou e o que ainda representa.

48 A esses aspectos, de ordem teórica e histórica, soma-me o intuito de comentar a obra de Ferdinand Denis e, sobretudo, compreender seu autor, vale dizer, decifrar o leitor que ele foi até a época em que redigiu sua obra, um letrado que, aos 28 anos, redigiu e publicou em Paris o *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Dessa prática, advém a explicitação do campo de possibilidades de leitura das literaturas em língua portuguesa naquele período de renovação de um dos conjuntos – o de Portugal – e de formação ou afirmação de outro – o do Brasil. Sob esse aspecto, Denis não se configura enquanto um leitor idiossincrático ou privilegiado, mas se evidencia como um expoente do que o(s) sistema(s) literário(s) português e brasileiro poderia(m) oferecer a um artista ou a um intelectual no tempo em que se alicerçavam suas respectivas identidades e diferenças.

São essas as tarefas que, desde a tradução do *Resumo*, oferecem-se ao pesquisador:

- identificar, em seu texto, o material que Denis teve à disposição na época, depois de suas passagens pelo Brasil e por Portugal e então residindo em Paris;

- discriminar, no conjunto de suas leituras, o que corresponde a interpretações singulares e o que está respaldado em juízos

anteriores, decorrentes muitas vezes do fato de ele não dispor dos originais (ZILBERMAN, 2006);

- apontar como avaliou o patrimônio luso-brasileiro, destacando-se a admiração pela obra de Camões (ZILBERMAN, 2010; ZILBERMAN, 2015; BARBOSA, 2017);

- reconhecer a ação que exerceu sobre ele, de um lado, a emergente crítica romântica, representada por Staël e Sismondi, de outro, a educação clássica de recebeu, sintetizada na poética de Boileau (1636-1711), então ainda vigente (ZILBERMAN, 2014);

- recuperar as fontes expressas por suas leituras, que se manifestam em citações diretas e indiretas, tarefa nem sempre de fácil execução, pois se verificam citações incompletas, truncadas e até equivocadas, ao lado de traduções que muitas vezes não correspondem ao original, já que o autor procede a reduções e simplificações semânticas, sobretudo ao trasladar versos para prosa.

Eis um elenco de tarefas que supõe, primeiramente, um posicionamento retrospectivo, ao procurar evidenciar como, de forma específica, se constitui o campo literário em língua portuguesa, e, de forma geral, como opera a construção de um cânone desde a elaboração de uma história da literatura. E que supõe, na sequência, posicionamento prospectivo, pois induz à reflexão sobre as possibilidades de elaboração de uma História da Literatura que, na era do esgotamento do Estado-nação, disponha de parâmetros e ferramentas para se reinventar, suplantando seu compromisso com as grandes narrativas, sem abrir mão da identificação e do exame da historicidade e materialidade da literatura.

Não são limitadas as alternativas, nem acanhado o horizonte que se abrem na continuidade do conhecimento do *Resumo*, de Ferdinand Denis, agora em sua versão para a língua portuguesa.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Benedict. *Nação e consciência nacional*. Trad. de Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Ática, 1989.

ASSIS, Machado de. *Memórias posthumas de Braz Cubas*. *Revista Brasileira*, Rio de Janeiro, Ano II, Tomo V, 13 de agosto de 1880.

BARBOSA, Rafael Souza. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras; UFRGS, 2017 (Dissertação de mestrado).

BELLEGARDE, Henrique Luís de Niemeyer. *Resumo de Historia do Brasil até 1828, traduzido de Mr. Denis, correcto e augmentado por H. L. de Niemeyer Bellegarde*. Rio de Janeiro: Typ. Gueffier. 1831.

BOURDON, Léon. Lettres familiares et fragments du journal intime *Mes sottises quotidiennes* de Ferdinand Denis à Bahia (1816-1819). *Brasília*, Coimbra, n. X, p. 143-286. 1958.

BRUYAS, Jean-Paul. Introdução. In: DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

50

CESAR, Guilhermino. *Historiadores e críticos do Romantismo*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: EDUSP, 1978.

DENIS, Ferdinand. Notice sur le théâtre portugais. In: *Chefs d'œuvre du théâtre portugais*. [Paris]: Ladvocat, 1823.

DENIS, Ferdinand. *Résumé de l'histoire littéraire du Portugal suivi du Résumé de l'histoire littéraire du Brésil*. Paris: Lecointe et Durey, Libraires, 1826.

DENIS, Ferdinand. *Resumo da história literária do Brasil*. Tradução, prefácio e notas de Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968.

DENIS, Ferdinand. *Os maxacalis*. Edição crítica com introdução, notas e apêndice de Jean-Paul Bruyas. Trad. Maria Cecília de Moraes Pinto. São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia; Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas, 1979.

DENIS, Ferdinand. *Palmares*. Trad. Maria Helena Rouanet. *Cadernos do Centro de Pesquisas Literárias da PUCRS*. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 13-44. 1997.

DENIS, Ferdinand. *Camões e José Índio*. Org., tradução e notas de Rafael

Souza Barbosa. Rio de Janeiro: Makunaima, 2014.

DORIA, Luís Gastão de Escagnolle. Um amigo do Brasil (Ferdinand Denis). *Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LXXV, parte I, 1912, p. 217-230.

JAUSS, Hans Robert. Paradigmawechsel in der Literaturwissenschaft. *Linguistische Berichte*. 1 (3): 44 - 56. 1969.

JAUSS, Hans Robert. *Literaturgeschichte als Provokation*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.

LE GENTIL, Georges. Ferdinand Denis, iniciador dos estudos portugueses e brasileiros. Trad. Paiva Boleo. *Biblos*. Coimbra, n. 4, 1928, p. 293-323.

LYOTARD, Jean-François. *O pós-moderno*. 2. ed. Trad. de Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

NORBERTO, Joaquim. Ordem do Dia da 13ª Sessão Ordinária de 22 de Agosto de 1890. *Revista Trimestral do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, t. LIII, parte II, 1890, p. 474-477.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. A fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991.

SILVA, Joaquim Norberto de Sousa. Bosquejo da história da poesia brasileira. In: ZILBERMAN, Regina; MOREIRA, Maria Eunice. *O berço do cânone*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1998.

SILVA, João Manuel Pereira da. Uma introdução histórica e biográfica sobre a literatura brasileira. In: _____. *Parnaso brasileiro*. Rio de Janeiro: Laemmert, 1843.

SOUZA, Roberto Acízelo de. *Na aurora da literatura brasileira*. Olhares portugueses e estrangeiros sobre o cânone literário nacional em formação (1805-1885). Rio de Janeiro: Caetés, 2017.

ZILBERMAN, Regina. A fundação da literatura brasileira. *Revista de Literatura Comparada*. Revista da Associação Brasileira de Literatura Comparada/ABRALIC, v. 2, p. 59- 68. 1994.

ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.

ZILBERMAN, Regina. As lições de Ferdinand Denis. *Gragoatá*. Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras. Niterói, v. 20, p. 199-218. 2006.

ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis, leitor de Camões. In: PETROV, Petar (Org.). *Lugares da lusofonia*. Faro: Colibri; Centro de Estudos Linguísticos e Literários da Universidade do Algarve, 2010.

ZILBERMAN, Regina. Ferdinand Denis e o século XVI – o moderno em disputa. *Todas as Letras*. São Paulo, v. 16, n. 2, p. 14-26, nov. 2014. <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v16n2p14-26>.

ZILBERMAN, Regina. A epopeia nas décadas iniciais do Romantismo: de Camões para Ferdinand Denis. In: FEIJÓ, Elias J. Torres; SAMARTIN, Roberto; VÁZQUEZ, Raquel Bello; BRITO-SEMEDO, Manuel (eds). *Estudos da AIL em Literatura, História e Cultura Portuguesas*. Santiago de Compostela; Coimbra: Associação Internacional de Lusitanistas, 2015.

NOTAS

1 Doutora em Romanística pela Universidade de Heidelberg, na Alemanha, com estágio de pós-doutorado no University College (Inglaterra) e na Brown University (Estados Unidos). Professora do Instituto de Letras, da UFRGS, e pesquisadora 1A do CNPq. Autora, entre outras obras, de *Estética da recepção e história da literatura e Brás Cubas* autor Machado de Assis leitor.

2 Luís Gastão de Escragnolle Doria supõe que Ferdinand Denis aguardaria, no Rio de Janeiro, embarcação para Goa. (DORIA, 1912, p. 219-230; LE GENTIL, 1928, p. 295)

52 3 Relativamente à permanência de Ferdinand Denis no Brasil, em especial na Bahia, cf. BOURDON, 1958.

4 A obra de Henrique Luís de Niemeyer Bellegarde apareceu em 1831 pela Tipografia Gueffier, com o título *Resumo de História do Brasil até 1828*. Na folha de rosto, registra-se que o livro foi “traduzido de Mr. Denis, corrigido e aumentado por Luís Henrique Niemeyer Bellegarde” (BELLEGARDE, 1831).

5 Guilhermino Cesar (1908-1993), em 1968, traduziu e publicou os capítulos relativos à literatura brasileira (DENIS, 1968; CESAR, 1978). Em 2017, Roberto Acízelo de Souza publicou nova tradução do *Resumo de História Literária do Brasil* (SOUZA, 2017)

6 Cf. *La Lusiade de Camoens*: poeme heroique sur la decouverte des Indes Orientales. Trad. Duperron de Castera. Paris: Huart, 1735. 3v. *La Lusiade de Louis de Camoëns*. Poëme héroïque, em dix chants. Trad. Jean-François de La Harpe e Nicolas-Gabriel Vaquette d’Hermilly. Paris, Nyon aîné, Librairie, 1776. *Les Lusíadas ou Les Portugais*, poeme de Camoëns en dix chants: traduction nouvelle, avec des notes, par J. B. Millié. Paris: Firmin Didot, 1823-1824.

7 Cf. *Marilie*. Chants élégiaques de Gonzaga. Trad. E. de Moglave e P. Chalas. Paris: Panckoucke, 1825.

FERDINAND DENIS

**RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO PORTUGAL SEGUIDO DO
RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL**

Discurso preliminar

Plena de admiração exclusiva por seus grandes escritores, orgulhosa da influência que exercia na Europa, a França desdenhou por muito tempo as literaturas estrangeiras. Pela metade do século XVIII, parecia até esquecer completamente as dívidas que nossos primeiros gênios tinham para com os povos vizinhos. Nossa maneira de ver era tal, que submetíamos às formas francesas os vários autores cujas obras traduzíamos para nossa língua. E cabe confessar que as outras nações colaboravam com nossa prevenção desdenhosa: como adotavam nossas ideias e nossos sistemas, e seguiam o impulso que dávamos, deixavam de ser originais, e nós éramos sempre superiores, pois imitavam a nós.

A tediosa uniformidade que se alastrava sobre as produções literárias de todos os países cansou. Uma nação, cuja literatura era nascente, a Alemanha, entregou-se às suas próprias impressões; homens de gênio traziam em seu coração esta energia, esta originalidade que ilustra um século e que funda uma literatura. Os povos, cujas ideias desenvolveram-se mais rapidamente, pesquisaram seus velhos tempos, indagaram pelas épocas de glória, e perceberam que era melhor imitar seus antigos poetas, que continuar pagando tributo de admiração a uma nação estrangeira, cuja influência tornara-se talvez por demais exclusiva.

Quando os povos disseram: queremos ser nós mesmos; quando tiveram o sentimento da própria força, entendemos que podiam se tornar poderosos rivais e quisemos conhecê-los.

Além disso, pela marcha que seguíamos, nossas ideias deviam se alargar; nossos conhecimentos se desenvolveram; percebemos o movimento geral. Submetidos a seu poderio, constatamos que cada século, cada região tem seu gênero de belezas literárias; que os acontecimentos políticos, assim como o clima, influenciam seus espíritos; que todas as formas distintivas de estilo devem ser conservadas;

que, estudando as literaturas, enfim, era preciso estudar o gênio das nações, e que esse, julgado até então com espírito prevenido, deveria ser examinado sem preconceitos. Então a crítica cresceu, rejeitou as discussões retóricas para se entregar ao exame dos pensamentos. Aumentando o círculo de suas observações, ela identificou em cada povo o caráter que o distinguia.

No século XIX, quase todas as nações perceberam que suas riquezas tornavam-se muito consideráveis para não serem classificadas, que não podíamos mais servir-nos de simples dicionários biográficos e que, em vez de nos contentarmos com um mero catálogo de obras, cabia refletir e analisar. Nessa mudança, Ginguené¹ desempenhou papel decisivo; mostrou sobretudo como a literatura acompanhava os acontecimentos políticos. Explicou como a influência dos grandes poetas se expande sobre seus séculos. Seu admirável talento, seu espírito reto, sua perseverança fizeram com que se conhecesse a extensão destes gênios, cuja leitura frequentemente não ousávamos empreender, porque era preciso obter, para entendê-los, muitos conhecimentos prévios. Se a morte tivesse respeitado este célebre escritor, ele teria analisado todas as literaturas da Europa, e este imenso trabalho teria sido um dos mais belos marcos do estado das Letras no século XIX.

A literatura espanhola era mais conhecida na França que as demais literaturas estrangeiras, mas a de Portugal era totalmente ignorada. O espírito de investigação que caracteriza nosso século favoreceu o desejo de estudar este povo extraordinário, cujos esforços sempre foram bem sucedidos; que se tornou célebre por um curto período, mas que ocupou o mundo com sua glória, e cujas nobres instituições brilharão de novo entre as nações.

Um autor corretamente comparou o Portugal literário a uma destas ilhas, cujas praias são avistadas pelos navegadores, mas cujas riquezas permanecem ignoradas. Bouterwek² deu os primeiros passos, Sismondi³ o seguiu; contudo, consagraram a Portugal apenas

uma pequena parte de suas estimáveis obras. Devemos a eles o respeito, como o que se deve aos primeiros exploradores que avistaram rapidamente, mas que avistaram primeiro. A história literária de Portugal ainda está por ser feita.

Estou convicto da necessidade da obra que agora ofereço ao público. Surpreendido com as riquezas que se apresentavam diante de mim, ficou-me o pesar de só poder exibir uma pequena parte. Cabia reunir a maioria dos documentos necessários a uma história literária antes de resumi-la. Obrigado a rejeitar uma porção de detalhes, de examinar incessantemente sem poder dizer o que descobria, restou-me a certeza de apenas ter feito sobre a literatura portuguesa um trabalho mostrando a necessidade de uma obra mais extensa. A minha talvez possa tornar-se de alguma utilidade aos amigos das Letras, porque sempre bebi nas fontes.

Os autores que escreveram antes sobre a literatura portuguesa adotaram apenas quatro períodos, a que acrescentei mais um. Ele se compõe dos sucessores imediatos de Camões⁴ e precede a decadência: pareceu-me que era muito distinto. Vou examinar rapidamente os homens mais notáveis que se destacaram nas diversas épocas.

(Primeiro período) Veremos, nesta obra, como, em curto espaço de tempo, a literatura portuguesa passa por revoluções e mudanças completas devidas às circunstâncias políticas. Depois de tentativas informes, foi encorajada por um rei legislador que era, ele mesmo, poeta. É então que brilha Lobeira,⁵ autor de um romance de cavalaria que, traduzido pelo pai de Tasso,⁶ exerce enorme influência em toda a Itália.⁷ A partir daí, a literatura começa a se desenvolver, mas durante algum tempo não oferece nada notável, até que a natureza criou um poeta. No século XV, aparece Bernardim Ribeiro,⁸ e é apelando ao coração que se aprecia o encanto de sua poesia. Dotado da qualidade mais preciosa que pode ter um escritor, assinala um período brilhante. Sua melancolia cavalheiresca pinta um século de agitação: é poeta sem arte, a arte nasce depois dele.

(Segundo período) No século XVI, aparecem dois legisladores do Parnaso português, título que Sá de Miranda⁹ e Antônio Ferreira¹⁰ merecem. Reunindo as melhores e mais brilhantes qualidades, falam à alma e ao espírito, e aperfeiçoam a linguagem. Meditando sobre os antigos, introduzem novos ritmos e rejuvenescem velhas ideias. O primeiro, dotado de rara sensibilidade, de tocante ingenuidade, de admirável harmonia, deixa-se orientar pelos antigos, mas abandona-se a um devaneio que denota o admirador apaixonado pela natureza e o sábio amigo dos homens, aos quais procura corrigir. O segundo, brilhante na sua poesia, correto, elegante, une a dignidade da linguagem ao encanto da versificação, dedica-se essencialmente às formas do estilo, e percebemos que meditou sobre elas. Quando deixa falar o coração, põe de lado as regras que busca impor e dá-nos uma obra de arte. Seu gênio possibilita a segunda tragédia regular que vê nascer a Europa; volta-se de novo ao teatro, cria a primeira comédia de caracteres e descobre a verdadeira rota dramática.

Contemporâneo destes dois grandes homens, menos imitador, porque se dirige ao gosto da nação, Gil Vicente¹¹ se dedica aos espetáculos dramáticos e cria suas regras, ou melhor, ele não dá ouvidos a nenhuma delas; ataca os vícios da época de modo a ser compreendido por todo um povo. Após educá-lo, ele o diverte com sua alegria, assim como se interessa por seus quadros de religião e de cavalaria.

Em volta destes homens que começam a glória do século, agrupam-se muitos autores menos célebres, mas que brilham por sua correção, por sua harmonia, por esta melancolia contemplativa que distingue os meridionais. Entre eles, muitas vezes a pretensão está ao lado do ingênuo, e uma imaginação oriental às vezes distancia-os, a nosso ver, da verdade. Diogo Bernardes¹² é desses nomes, mais que Andrade Caminha.¹³

Enquanto esses poetas gozam os favores da fortuna, enquanto podem cantar no seio de cortes as descobertas que causavam a ad-

miração do mundo, um homem ignorado por todos, errante, pobre, querendo dever tudo apenas à sua coragem, participa dessas descobertas que quer celebrar; agitado sempre por uma paixão que faz o destino de sua vida, só esquece de seu amor para cantar a vitória de seus compatriotas. Se lembra por um instante de sua miséria, pensa na glória, o santo amor da pátria que faz com que esqueça de tudo; aos reis, pede apenas que o escutem, porque quer fazê-los participar dos mais nobres pensamentos, que nunca antes agitaram um coração: Camões. Ele escapa às tempestades, oferece a seu país *Os Lusíadas*, e morre em um asilo no dia em que a pátria sucumbe. Nunca deixarei de dizer a verdade! Jamais adularei o poder! tal é a divisa do grande homem que, dando os mais sábios conselhos ao jovem príncipe, diz-lhe que seu braço está pronto para defendê-lo, da mesma maneira que sua lira pode cantá-lo. Quem leu Camões, admirou não sei que sentimento de coragem e de virtude difundido em seus versos. Certamente compreendeu que era o poeta da pátria, cujos cantos eram repetidos combatendo por ela. Compreendeu talvez porque os portugueses não conseguem nomeá-lo sem uma visível emoção. Devo confessar? Quis apresentar não tanto os detalhes de *Os Lusíadas*, mas a alma do poeta. Há alguns defeitos no poema, não tanto nos sentimentos que o colorem e que se dirigem à nação, cujo heroísmo atestam. Não é somente a harmonia tocante do estilo, a grandiosidade das imagens, que fizeram com que Camões sobrevivesse ao tempo, é este fogo de uma alma nobre que penetra os corações, quaisquer que sejam os séculos a que pertençam.

(Terceiro período) Camões morreu, mas conferiu vitalidade a seu século: parece que legou algo de seu devaneio cavalheiresco, de sua ardente sensibilidade, a algumas almas. Rodrigues Lobo¹⁴ canta e emociona-nos; leva-nos com ele ao seio das campanhas; empresta à natureza suas imagens mais tocantes. Como todos aqueles que sentem mais do que podem exprimir, tem algo vago em sua poesia e muito pouco movimento em seu pensamento.

Corte Real¹⁵ é contemporâneo de Camões. Poeta guerreiro, seu coração lhe revela as únicas belezas que brilham em suas obras. O fardo imposto pela Antiguidade é muito pesado para ele; aos poucos sorri de desdém e versa lágrimas de dor. Basta senti-lo, não é preciso procurar criticá-lo.

A glória de Portugal caiu, e só existe na lembrança de alguns poetas. Eles falam, recordam-na, compreendemos sua grandeza e seus reveses. Quevedo¹⁶ canta Afonso o Africano; mas canta também a batalha de Alcácer Quibir, e a admiração se transforma em frêmito involuntário. É preciso energia, e não lágrimas, para pintar tal infelicidade. Quevedo tem a força para não chorar.

A nação está submetida, mas em repouso: Pereira de Castro¹⁷ leva-nos para o interior das grandiosidades do Olimpo. Admiramos com ele o esplendor mitológico; cansamo-nos de admirar sua harmoniosa poesia que lembra a dos antigos. Canta algumas vezes os modernos, mas produz pouca emoção; é poeta, mas sua suntuosidade pomposa dirige-se antes à imaginação que à alma ou ao amor da pátria.

59

Sá de Meneses¹⁸ herdou uma fagulha do fogo que abrasava Camões; mas, vago em seu plano, algumas vezes incorreto em seu estilo, nós o julgaríamos mal se só nos entregássemos ao movimento cavalheiresco que o anima, que ao desejo de examinar o desenvolvimento de sua composição. Interrompo aqui, embora haja ainda alguns nomes a citar: a decadência começou, e alguns anos de mau gosto ou de indolência não precisam ser destacados. Destituído de todas suas vantagens políticas, Portugal apresenta apenas produções infestadas de mau gosto, que algumas obras estimáveis não podem impedir de triunfar. A inútil crueldade da Inquisição sufocava o que queria se elevar.

(Quarto período) Não sei se é preciso citar Violante do Céu,¹⁹ Faria e Sousa,²⁰ Vasconcelos²¹ cujas obras atestam a completa decadência. Aos poucos, o século de Luís XIV²² exerce seu império sobre esta literatura, como sobre tantas outras.

(Quinto período) Um amigo de Boileau²³ deseja impor as regras do gosto aos compatriotas; mas introduz o gosto francês. Ele retifica talvez seu julgamento, e não sabe despertar sua verve. O conde de Ericeira²⁴ rende bons serviço ao bom senso, mas debéis serviços à poesia. É um reformador sem gênio e, de todo modo, hábil escritor, que sabe variar o talento.

Na mesma época, aparece um destes espíritos independentes aos quais as regras seriam verdadeiramente necessárias, mas que nada fazem para se submeter a elas. Antônio José²⁵ é muito imperfeito, muito negligente, muito trivial, para sobreviver a seu século; mas tem originalidade. A infame Inquisição lhe dá um penhor bem funesto de imortalidade. Por fim, os jesuítas, que tinham subjogado Portugal, são expulsos; seu poder odioso, que oprimia o pensamento, não existe mais; os espíritos despertam. Um ministro hábil impulsiona os estudos, e inicia-se a reforma projetada por Ericeira. Funda-se a Arcádia Lusitana, e muitos imitadores dos antigos a ilustram: 60 Garção,²⁶ Dinis da Cruz²⁷ são os mais notáveis. Eles ressucitam o gosto pela literatura antiga; sua versificação brilhante lembra os bons modelos; pelo fundo de seus pensamentos, mais que pelo seu estilo, constatamos que leram os autores franceses. Francisco Manuel do Nascimento²⁸ é um dos chefes dessa escola; seu pensamento é enérgico, elevado. Põe em prática a reforma da linguagem, e muitas vezes suas ideias triunfam. Bocage,²⁹ seu contemporâneo, pertence mais ou menos ao mesmo período; mas este jovem poeta, viajante como Camões, como ele infeliz, raramente evidencia a arte em seus escritos. O infortúnio arranca dele plantas amargas; enternece, porque sabemos que é verdadeiro. É um poeta da natureza, dotado de todas as boas qualidades decorrentes da habilidade do talento.

Há um rápido sumário dos poetas vivos; alguns homens ainda honram o Parnaso português.

Por último, uma nação nova reclamava a história de sua literatura, e tentei traçar suas linhas principais. Apontando o caminho

que deve tomar a poesia no Novo Mundo, pensei ser conveniente expor, rapidamente, o carácter poético das diversas raças, a desenvolver em outra obra. A literatura brasileira nasce no século XVII; no século XVIII, aparecem dois poemas.

Durão³⁰ exhibe de maneira pitoresca e interessante os usos dos povos antigos; Basílio da Gama,³¹ detestado pelos jesuítas, canta as regiões onde eles fundaram um império. Seus quadros variados são interessantes; seu estilo é correto, elegante. Lembro também os poetas que merecem a atenção dos letrados, como Caldas,³² o infeliz Gonzaga,³³ e o elegante autor das poesias dirigidas às damas baianas.³⁴

A história dos prosadores portugueses oferece tanto interesse talvez quanto a dos poetas; as mesmas causas desenvolvem seus talentos, as mesmas circunstâncias os fazem brilhar. Mas, nesta região em que o Oriente parece ter animado, com sua brilhante imaginação, a exaltação cavalleiresca da Europa, os escritores nem sempre se submeteram às leis da razão e da filosofia. Surpreendidos com os fatos admiráveis que transmitirão à posteridade, os historiadores creem-se obrigados a recorrer à linguagem da poesia. E, se revelam continuamente vezes exageros no estilo, é preciso ater-se mais à grandeza dos acontecimentos que agitam suas almas ardentes que aos desvarios da imaginação. No século XV, quando um grupo de guerreiros junta, ao ardor do combate, o amor da poesia, quando os cavaleiros trovadores começam a ilustrar o nome português, nasce o pai da história, Fernão Lopes,³⁵ ingênuo, exato, tocante e filósofo. Com ele, percebe-se que a prosa bastará para ilustrar os grandes escritores. Zurara³⁶ conta as conquistas por meio do homem que viu os lugares onde elas se passaram. Por fim, Bernardim Ribeiro aparece, e se nós o consideramos tão somente prosador, ele é superior a seu século, ou melhor, prepara a glória dos outros.

O século XVI, a idade de ouro da literatura portuguesa, chega enfim. Tudo o que a glória pode ter de fama apodera-se da nação.

Confiante de suas lembranças, embriagado de esperanças brilhantes, cada português teria necessidade de um historiador; mas também cada português teria necessidade de ouvir a linguagem do humanismo. Aparecem então os dois homens cujos conselhos este povo reclama. Osório³⁷ deplora a crueldade de seus contemporâneos, Barros³⁸ exalta ainda a coragem; ele visitou a África, onde, segundo sua expressão, não há praia ou rochedo que não esteja pintado com o sangue dos portugueses. É idolatrado em sua nação; como uma coragem absoluta explodindo a seus olhos, apresenta provas sem cessar. Diríamos um cavaleiro que fala a seus companheiros de armas, e só toma a palavra para motivá-los a novas descobertas.

Em torno desses historiadores, agruparam-se homens que só acreditam que poderão dar conta dos acontecimentos se os testemunharem, vivendo nas regiões que descrevem. Os Castanheda,³⁹ os Couto,⁴⁰ os Albuquerque⁴¹ têm a eloquência que provém da verdade; por último, durante este belo período, temos um diplomata, narrador cheio de interesse, Damião de Góis,⁴² e um viajante, Mendes Pinto,⁴³ cujo estilo absorve os desvarios de sua imaginação.

62

Estes grandes historiadores têm notáveis sucessores; mas, tomando um caráter diferente, aparecem quando a pátria está submetida. Tratei de caracterizá-los. Frei Luís de Sousa⁴⁴ e Jacinto Freire de Andrade⁴⁵ são os mais notáveis. Depois deles, destaca-se Vieira,⁴⁶ um dos homens mais eloquentes de seu século.

O mau gosto percebido na poesia mostra-se na prosa, que se recupera com o conde de Ericeira. Mas a Inquisição, os jesuítas se opõem a que os espíritos retomem seu progresso. Apesar da fundação de uma academia de história, a prosa debilita-se até que, aplicada às ciências, brilha com novo esplendor.

No Brasil, há obras em prosa do Brasil a salientar, como as de Rocha Pita⁴⁷ e Azeredo.⁴⁸ Mas um marco político, saído recentemente daquele país, atesta a nobre vontade do jovem príncipe que o governa; sob semelhante legislador, as Letras devem rapidamente se elevar.

Sismondi queixa-se, com justa razão, da raridade de diversas obras portuguesas. Graças a alguns amigos das Letras, obtive as que me pareceram importantes em razão de suas informações detalhadas. As memórias da Academia de Ciências de Lisboa, as de literatura, foram-me de grande utilidade;⁴⁹ consultei, com frutos, Bouterwek e Simonde de Sismondi; encontrei preciosas indicações em muitos outros livros, como a *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa;⁵⁰ o dicionário biográfico, de Soares de Brito;⁵¹ o grande dicionário publicado pela Academia;⁵² Francisco Dias;⁵³ o *Mercure Étranger*;⁵⁴ os *Anais das Ciências*;⁵⁵ as viagens de Link,⁵⁶ as de Du Châtelet⁵⁷ e de Dumouriez^{58,59}; a obra de Andrés;⁶⁰ por último, a de Balbi.

À exceção de Bouterwek e Sismondi, aqueles autores nada analisam, enquanto que examinei muitos poemas muito interessantes, mas quase desconhecidos fora de Portugal.

Citando os diversos autores, sempre escrevi o nome principal segundo a ortografia portuguesa, tornando-se necessário em algumas ocasiões o emprego do *til*.⁶¹ As pessoas que ignoram o valor deste signo devem se lembrar que ele muda o som da letra sobre a qual está colocado, ou melhor, toma o lugar de uma outra letra; assim, escrevem-se muitas vezes Liaõ, Liam ou Liaon; Joaõ, Joam; Garçaõ, Garçaon; Duraõ, Duraon. Este signo foi objeto de longas discussões. Na maioria das obras recentes, ele é colocado sobre a penúltima letra; Sousa,⁶² na bela edição de Camões, resolveu a dificuldade, colocando-o entre as duas letras.

Apesar de meu vivo desejo, foi impossível transcrever o texto dos trechos citados. Importava introduzir o maior número possível de passagens, espaço que me foi recusado.

Tal é aproximadamente o conjunto deste trabalho, que lamento não ter podido apresentar de modo mais completo. Que ele provoque o desejo de estudar a literatura de um povo cujas instituições tornaram em pouco tempo tão interessantes para o resto da Europa!

RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DE PORTUGAL

Capítulo I

Por que a literatura portuguesa é pouco conhecida. – Origem da língua; seus progressos.

Ao ler as obras-primas da literatura portuguesa em que admiramos na língua nobre e harmoniosa dos poetas, dos historiadores, dos romanceiros, que existiam bem antes de nossos autores darem impulso a seu gênio; ao lembrar a quantos povos os portugueses levaram seus costumes e sua língua, perguntamo-nos como é tão pouco conhecida e buscamos saber por que não foi estimulada por um tempo mesmo no belo país de que é ainda a glória.

64 Muitas vezes o poder dos espanhóis depreciou o renome militar dos portugueses, ocorrendo provavelmente algo igual com a literatura. As duas línguas tiveram a mesma origem, as obras-primas que a fixaram brilharam mais ou menos na mesma época; entretanto, Cervantes,⁶³ Lope de Vega,⁶⁴ Calderón⁶⁵ ficaram mais conhecidos na Europa que Sá de Miranda, Ferreira e mesmo Camões, que os precederam. Isto deve-se sem dúvida à posição geográfica de Portugal e, mais ainda, às relações políticas entre os dois países. Os portugueses, poderosos na Ásia, nada eram na Europa; a Espanha impôs suas leis e suas artes a uma parte dos povos vizinhos.

Embora atualmente ignorada, não temo afirmar que podemos considerar a literatura portuguesa tão rica quanto a dos espanhóis e que ela teria alcançado muito mais celebridade se uma terrível comoção política não tivesse interrompido seu progresso. Ela tem, aliás, o incontestável mérito de ter dado à Europa seu primeiro épico moderno.

Ainda que não disponhamos de muitos detalhes sobre a língua dos antigos habitantes da Lusitânia, parece, segundo o testemunho

de Estrabão,⁶⁶ que esta língua era já muito avançada, pois os turdetanos⁶⁷ tinham um grande número de leis escritas em versos e possuíam mesmo, segundo aquele autor, obras muito antigas.

É provável, como observa Faria,⁶⁸ que aconteceu na Lusitânia o que acontece em todas as pequenas nações conquistadas. As povoações mudavam de idiomas como mudavam de príncipes estrangeiros. Esta região sujeitou-se a mais revoluções que o resto da Espanha, em razão do número de seus portos, visitados então com muita frequência.

Logo, porém, as invasões romanas exerceram durável influência sobre a língua. O latim foi adotado⁶⁹ em quase todo o lugar, e as conquistas dos godos e dos africanos não puderam mudar inteiramente o caráter de uma língua ao mesmo tempo nobre, sonora e harmoniosa, cuja perfeição surpreendeu tanto os povos ainda bárbaros, que eles não mais a esqueceram. Desde logo, o latim tornou-se o modelo do português. Modificou-se conforme os povos conquistadores, mas não mudou tanto quanto na Itália, e desde então os bons escritores continuamente se esforçaram para restaurar sua harmonia na língua que aperfeiçoavam. Muitos autores até compuseram textos que são igualmente latinos e portugueses;⁷⁰ reuni as provas nas notas a esta obra.⁷¹

O latim corrompido pelos conquistadores, que, contudo, não puderam de imediato introduzir nele os sons guturais do árabe, tornou-se a língua que se falava na Galiza, em Portugal e em Castela. O francês modificou ainda este idioma com a chegada do conde Henrique de Borgonha.⁷² Não restaram marcos literários anteriores a essa época, exceto o fragmento de um poema sobre a ocupação da Espanha pelos árabes;⁷³ é atribuído a Rodrigo,⁷⁴ rei dos godos; e pertence, segundo se afirma, a duas literaturas, cujo início assinala. Foi citado por Faria e Sousa, Bouterwek, Sismondi e Balbi;⁷⁵ não o colocarei aqui, mas ao fim deste volume, pois é mais interessante para os estudiosos dos tempos passados que para os letrados; mas talvez

não devêssemos olhá-lo como sendo de uma data muito mais antiga.⁷⁶

A língua permaneceu, durante muito tempo, em barbárie similar. Ignoramos se o latim se conservava em sua pureza entre as classes educadas e se propiciava alguns momentos literários. Por sua vez, os movimentos políticos começaram a ter marcada influência, e dois trajetos diferentes modificaram a língua. O árabe influenciou o espanhol, seus sons guturais foram adaptados e deram à língua a nobreza enérgica tão admirada. O português conservou talvez mais harmonia, deixando entrever o que poderia ser um dia. Sob o reinado de Sancho I,⁷⁷ morto em 1211, o galego não se alterou muito, e Faria atribui as poucas mudanças que sofreu à distância das cortes, onde a linguagem é sempre polida.⁷⁸

66 Restou dessa época pequeno número de textos, que provam a tendência de a nação celebrar o amor cavalheiresco; ou então eles sugerem que, entre todos os povos, a maioria dos primeiros marcos literários é expressão de um amor infeliz. Não citarei a canção de Gonçalo Hermingues,⁷⁹ a de Egas Moniz Coelho⁸⁰ é mais interessante. Mas seria muito difícil apresentar sua tradução exata. Em geral, estes fragmentos pertencem antes à filologia e à ciência da antiguidade, que à história da literatura. Porém, cabe informar as origens, e esses textos aparecem mais adiante, transmitidos por Faria, Bouterwek e Sismonde de Sismondi^{81, 82}

A língua hispano-portuguesa, inicialmente incerta em suas formas, tomou rapidamente um caráter particular e logo chegou ao grau de perfeição que devia atingir graças ao gênio dos grandes escritores que a cultivaram.

Quase todos, em seu penhor, pagaram seu tributo de elogios.⁸³ Ela é sobretudo adequada para tornar os sentimentos ternos, patéticos ou apaixonados. Ferreira, com quem ela progride, expressa seu encanto principal, quando escreve que a musa portuguesa, herdeira da musa da Grécia e da Itália, canta com doçura e docemente suspira.⁸⁴

Surpreende-nos, porém, a energia que toma na boca de

Camões e de Mouzinho de Quevedo. Singularmente próxima da língua romana, tem às vezes a ingenuidade da língua tão poética dos trovadores.⁸⁵ Raynouard, em uma obra erudita, mostrou muito bem esta verdade para que ela seja posta em dúvida.⁸⁶

Tal como ela foi fixada pelos grandes escritores do século XVI, a língua portuguesa tem certamente analogia com o espanhol, e o soneto de Montemaior,⁸⁷ que podemos ler tanto nessa língua como em português, constituiria prova suficiente. Cabe dizer, no entanto, sem entrar na discussão sobre a superioridade das duas línguas, que seus gênios diferem e que o português conservou muito mais formas do latim.

Capítulo II

Os primeiros incentivos recebidos pela literatura portuguesa.

A superioridade dos portugueses sobre os outros povos impressiona a imaginação, levando-nos a buscar sua causa. Deve-se talvez ao surpreendente impulso dado pelos reis amigos da ciência a um povo amigo da independência e da vitória. Com efeito, chama a atenção o número de homens extraordinários que assumiram as rédeas do governo. Não me refiro aos reis do grande século, conhecidos por seus trabalhos e conquistas. Refiro-me aos monarcas legisladores, poetas e guerreiros, que preparam a grandeza posterior daqueles.

68 Aponto primeiramente Afonso I, proclamado rei no campo de batalha de Ourique, a quem Egas Moniz salvou mais tarde, por um nobre devotamento.⁸⁸ Ele é autor, conforme Barbosa, de uma obra intitulada *Conquista de Santarém*.⁸⁹

Sancho I foi também protetor das letras; mas a situação do país exigia que conferisse atenção à agricultura, impedindo ocupar-se inteiramente de uma literatura nascente. Sob os dois reis que o sucederam, Portugal talvez aumentasse seu poder graças a algumas vitórias sobre os mouros e a uma administração vigorosa; mas nada prova que as Letras tivessem sido encorajadas.

Por fim, chegou a época que intitulamos a idade de ouro de Portugal. No reinado de Dinis [1279],⁹⁰ as artes e as letras se desenvolveram. Os cuidados do monarca com a agricultura não afetaram seu gosto ardente pela poesia. Primeiro, talvez tenha percebido em que podia tornar-se a língua portuguesa, e ordenou que muitos livros estrangeiros fossem traduzidos ao vernáculo. Seus benefícios não ficaram só aí: fundou a universidade [1290] e assim deu à literatura um impulso que repercutiu até o grande século.

Suas poesias foram recolhidas em alguns cancioneiros, e afirma-se que elas igualam, por sua doçura e ingenuidade, às dos trovadores.

Um reduzido número destes homens superam seu século e preparam a glória dos seguintes.

Um filho de Dinis imitou o pai; mas não foi chamado a suceder o grande príncipe. A ilegitimidade de seu nascimento afastou-o da coroa; soube aproximá-lo de outra que ainda derrama sobre ele uma glória inocente e, sem dúvida, mais durável que a de um reino agitado.

O conde de Barcelos⁹¹ não se restringiu à cultura da poesia, tornando-se um dos criadores da história em Portugal. Sua obra sobre a linhagem dos homens constitui um dos documentos mais preciosos de nossos dias.⁹²

Honra a esses ensaios informes nascidos em um século de escolarização precária! Eles supõem talvez maiores esforços que os de nossos provectoros escritores, preparados por uma sólida educação.

Fora dado o impulso, doravante ininterrupto. Portugal saía da barbárie, apesar das dissensões de que era presa. Afonso IV⁹³ foi guerreiro, mas estimulou as letras; e, sob Pedro,⁹⁴ celebrado por um amor infeliz, cultivou-se ainda mais a poesia. O próprio esposo de Inês de Castro⁹⁵ queria eternizar seus infortúnios⁹⁶ e celebrou esta mulher interessante que só depois de morta foi rainha.

Sua corte tinha uma rudeza guerreira, que permaneceu ainda por muito tempo; mas os jogos que logo deveriam conduzir às representações dramáticas ainda não tinham sido banidos, e este príncipe executava em público, com seus cortesãos, danças guerreiras ao som de címbalos e de trompetes.⁹⁷

Fernando⁹⁸ teve o mérito de estimular o primeiro historiador do reino e, de certo modo, fundar os arquivos.

A dinastia mudou: João I subiu ao trono português; e, com as primeiras atribulações, é provável que as letras fossem pouco culti-

vadas. Mas Duarte tomou as rédeas do governo, e os estudos fizeram novos progressos. Esse chefe de Estado pode ser considerado um dos homens que, a esta época, cultivaram as letras com muito sucesso.⁹⁹ Dedicado aos estudos morais, a lista de suas obras, consevada na biblioteca lusa, é verdadeiramente extraordinária para a época.

Encontra-se na biblioteca real um manuscrito do rei muito bem conservado, em que uma parte se refere à moral e outra, à arte da cavalaria.¹⁰⁰ Esta obra, julgada em relação ao tempo em que apareceu, mostra a grande instrução de Duarte e seu estilo notável.

Este rei teve um sucessor que fez as ciências e a navegação progredirem. Sob Afonso V,¹⁰¹ os costumes adquiriram mais polidez. Este príncipe, que levou suas conquistas à África, estimulou o estudo da história. Enviou o célebre Zurara à África para lá recolher os documentos de suas crônicas, e foi o primeiro rei de Portugal a ordenar que se transmitisse em latim a história do reino, tendo ele próprio escrito sobre tática militar e astronomia.¹⁰²

70

Apresento adiante as causas principais que agiram sobre a nação e que a fizeram assegurar sua mais brilhante glória literária. Seus esforços foram encorajados por Manuel¹⁰³ e por João III.¹⁰⁴ Entretanto, esta glória foi independente, e o maior gênio nada deveu aos chefes de Estado.

Mas ainda não saímos da barbárie, e não é hora de dirigir nossos olhares à época em que as Letras chegaram a seu mais alto grau de perfeição. Vamos retroceder para seguir os progressos indicados pelo tempo.

Capítulo III

Visão sumária da literatura portuguesa no começo do século XV. – Macias e sua escola.

[1407 a 1410] Desde os primeiros anos do século XV, a glória literária de Portugal mostrou o que poderia vir a ser um dia. Tal qual a glória militar da nação, começou a expandir-se; mas não sobreviveria àquela. Pouco faltava, agora que a língua tinha sido estabelecida. Ainda que os monumentos literários que chegaram até nós sejam pouco numerosos, bastam para atestar as comunicações que teriam havido antes com os árabes. Elas deram à literatura e às artes palavras, então ainda mais numerosas, cuja maior parte se alterou.

O estudo do latim progredia, e professores hábeis vinham da Itália para ensinar a literatura antiga. As formas adaptadas na poesia parecem também provar que, na mesma época, foram lidos Petrarca¹⁰⁵ e os outros autores italianos.

Imagina-se facilmente o que a literatura oferecia. As discussões teológicas, a cultura de certos ramos das ciências, ensinadas pelos árabes, ocupavam as mentes mais atentas, porém, desenvolvendo os espíritos, não aperfeiçoavam a língua vulgar. Acreditava-se, como no resto da Europa, que se devia adotar o latim para exprimir os pensamentos mais sérios.

Coube então ao amor cavalheiresco polir a linguagem, dar-lhe uma força e uma graça novas. Mas o amor neste tempo nem sempre empregava o português para exprimir seus prazeres ou seus lamentos. O galego parecia, aos poetas espanhóis e portugueses, infinitamente mais apropriado que sua língua para dar a compreender as paixões dolorosas. O galego foi adotado nas duas nações para pintar os sentimentos exaltados que o espírito cavalheiresco concebia e que as pinturas ardentes dos árabes tornavam ainda mais ativos. Os orientais introduziam então na Europa imagens

poéticas, talvez exageradas para nossos climas, ainda que fossem naturais entre eles.¹⁰⁶

Cultivava-se então a poesia em Portugal apenas como um passatempo, ou talvez era a língua adotada por homens fortemente comovidos, necessária à exposição do fogo que os devorava. A alegria burlesca se mostrava, por sua vez, com singular exagero. Tudo era extremo, próprio dos espíritos que nada ainda regulamenta. Não há, porém, grande encanto nesses primeiros lances de uma imaginação ingênua. Infelizmente, nada foi feito para preservar, imprimindo-os, os monumentos literários que datam do começo deste século; somos quase forçados a remeter a tradições e a uma celebridade que o tempo não pôde apagar.¹⁰⁷

Entre os poetas desta época, dos quais se preservaram apenas os nomes, destaca-se o famoso Macias, cognominado O Namorado.¹⁰⁸ Sua história é a de todos os poetas que deram um interesse durável ao relato de seus infortúnios. Os seus eram verdadeiros.

72

Poeta e guerreiro, Macias se distinguiu durante as guerras de Granada. O título de cavaleiro foi sua recompensa, mas não pôde obter a mais doce que ambicionava. Apaixonou-se perdidamente por uma jovem dama educada na casa do marquês de Vilhena, governador despótico de Aragão e de Castela.¹⁰⁹

Sua paixão tornou-se um crime. Foi aprisionado na prisão de Jaen; mas um cativo injusto deu forma nova a seu amor. Então seu gênio poético encontrou as expressões mais ternas e mais melancólicas para pintar sua infelicidade e constância. Estes cantos célebres chegaram aos ouvidos de um esposo ofendido, que se vingou de maneira ao mesmo tempo covarde e cruel. Ébrio de ciúme, foi ao lugar onde estava aprisionado Macias e atingiu-o com um golpe de dardo lançado através das barras da prisão. O infeliz tombou banhado em seu sangue; dando seu último suspiro no fundo de uma masmorra, eternizou seu amor, seu infortúnio e a infâmia do assassino.

Seu túmulo foi construído na igreja de Santa Catarina, onde foi gravada uma inscrição, eloquente pela simplicidade. *Aqui yace Macias el enamorado*: aqui jaz Macias, o que amou.

Os cantos de dor do poeta se difundiram após sua morte.¹¹⁰ Ele suscitou a admiração e a piedade. As almas ternas não podiam esquecê-lo. Seu nome foi repetido de boca em boca; e a recordação de seu grande infortúnio somava-se ao encanto de seus escritos. Ele foi um dos mais célebres, assim como um dos mais infelizes, do século.

Tal como acontece àqueles que fortemente ocuparam os espíritos, houve numerosos imitadores entre os espanhóis e, sobretudo, entre os portugueses, para os quais ele era quase nacional. Os que não tinham males reais para pintar, criaram males imaginários. O entusiasmo quase exclusivo pelo gênero de poesia de Macias teve enorme influência; como os corações estavam fortemente emocionados pelas composições poéticas que não apresentavam dificuldades muito grandes, as tentativas se multiplicaram. Tinham elas talvez o defeito de um exagero extravagante; mas, ao menos, acostumaram ao uso da língua coloquial. Como eram compreendidas por todos, espalharam algumas luzes.

É inacreditável que, apesar de sua celebridade, quase nada da obra de Macias tenha permanecido. Preservou-se uma única canção, a que causou sua morte.¹¹¹ Há um abandono de dor difícil de expressar em prosa, e a concisão dos versos impede apresentar a versão literal. Passamos então a um outro assunto, cuja influência foi ainda maior.

Capítulo IV

Introdução da imprensa.

Observamos que, desde a época de pouca escolaridade, os portugueses entregavam-se com ardor à cultura da poesia. Supomos que dispunham de historiadores aos quais a língua logo ficou devedora.

Os espíritos encontravam-se nesta situação em que os menores estímulos dão passos ousados na direção do aperfeiçoamento, quando uma invenção que tanta influência teve sobre os destinos do mundo começou a expandir seus benefícios em Portugal. A imprensa se introduziu em Leiria por volta do final do século XV [1470 ou 1474],¹¹² e imediatamente as produções poéticas dos diversos autores se difundem no reino, apesar da imperfeição da tipografia nascente, que jamais se aprimorou. Resende apresentou, no começo do século XVI [1516], um cancioneiro, onde reuniu as inspirações poéticas que escaparam à musa das pessoas mais distintas do reino. Esta obra preciosa, porém, cuja impressão é quase ilegível, tornou-se tão rara que não a encontramos em nenhuma biblioteca.¹¹³

74

Dado o impulso, os livros começaram a ser difundidos; mas aparentemente a tipografia não era empregada para grandes empreendimentos e para que as obras de Fernão Lopes e de Zurara fossem impressas. As crônicas destes dois escritores, que podemos considerar os pais da história, permaneceram guardadas na Torre do Tombo, de onde somente foram retiradas no século XIX, graças ao zelo infatigável da Academia das Ciências.¹¹⁴

Então, sem dúvida temia-se desvelar para a massa da nação a verdadeira situação do reino. Mas os poetas foram mais ditosos; multiplicaram-se, e logo um ultrapassa a todos pelo encanto de seu estilo e de suas ideias: Bernardim Ribeiro, a quem Camões chamava seu Ênio.¹¹⁵

Capítulo V

Historiadores do século XV.

Quando, em Portugal, a poesia começava a tomar o caráter que conservou por tanto tempo, homens hábeis escreviam a história de uma maneira verdadeiramente notável para a época.

Em primeiro lugar situa-se Fernão Lopes, que fez a crônica dos reis e que, desde logo, imprimiu novo caráter à língua imperfeita que devia usar. Os críticos portugueses pagam justo tributo de homenagens aos serviços que prestou; um deles exprime-se nestes termos relativamente a este assunto e apresenta-o em algumas palavras: “Daí a pouco mais de meio século apareceram as crônicas dos reis portugueses compostas por Fernão Lopes, o mais antigo, e venerando historiador português, escritas em língua clara, e tão diversa da que se observa naqueles anteriores escritos, que se pode reputar outro idioma. Sirva-nos este grande historiador de época para ajuizarmos o estado em que se achava a língua portuguesa, antes de Sá de Miranda aparecer.”¹¹⁶

A Torre do Tombo, destinada a receber os tesouros do reino, mudou de destino sob Fernão Lopes e conservou os arquivos.

Ele foi um dos primeiros guardiães desse precioso depósito,¹¹⁷ enriquecido com suas crônicas, há pouco impressas em uma coleção do mais alto interesse para aqueles que se dedicam ao estudo da história.¹¹⁸

Li sobretudo com curiosidade a crônica de Pedro, tão célebre por seu amor por Inês de Castro, por sua constância e pelo desejo de vingança que só se apagou em meio às mais horríveis crueldades.

É no relato ingênuo de Fernão Lopes que somos introduzidos a esse caráter surpreendente que aliava o amor ardente da justiça aos mais terríveis excessos do despotismo. Assim, distante do espírito de seu século, e com toda a presteza, ordena que se corte a cabeça de um

de seus servidores por ter roubado um judeu; em outro momento, submete à tortura um bispo surpreendido em adultério.

A maneira como se vinga dos assassinos de Inês, as honras que presta à esposa infeliz, tudo é contado com nobre simplicidade, e o historiador não teme usar uma linguagem sincera, quando diz, falando dos ministros de Afonso, que o relato de seu suplício apresentava um quadro bem estranho e bem cruel.¹¹⁹

A esse historiador, verdadeiramente superior no século em que vivia, sucedeu um homem que herdou seu emprego e uma parte de seu talento: Gomes Eanes de Zurara, que se tornou o grande cronista do reino. Barros, que o apreciava, diz que ele mereceu este título, não somente por seu estilo, mas pelos cuidados com que se ocupou de suas tarefas.¹²⁰

Este historiador fez um relato interessante da expedição de Afonso V, intitulado O Africano.

76 No mesmo volume, há uma memória do mais alto interesse sobre a chegada de Cristóvão Colombo, em seu primeiro retorno do Novo Mundo, designado sob o nome de Antilha e de Cipango. Vemos como então se acusava o rei de Portugal de negligência, por ter desprezado a oportunidade de obter o ouro informado pelo mais audacioso dos navegantes.¹²¹

Deve-se esta memória, muito curta para a importância de seu objeto, a Rui de Pina,¹²² que acompanha em qualidade os dois cronistas aos quais me refiro. Rui de Pina teve um filho que seguiu seus passos e que, após ter sido secretário da embaixada na Inglaterra [1482], foi encarregado, por Manuel, da reforma dos tribunais, recebendo, por fim, como recompensa, os empregos obtidos pelo pai. Mas a inveja o perdeu; ele deixou uma obra de grande interesse sobre o estado dos tribunais em Portugal e sobre sua reforma.¹²³

Não falarei dos outros historiadores desta época. Examinemos agora os poetas que começaram a glória do século XVI.

Capítulo VI

Visão sumária das causas que deviam estimular o gênio poético dos poetas do século XVI. – Bernardim Ribeiro. – Cristóvão Falcão.

Se, como primeiro móvel de suas inspirações poéticas, os portugueses tinham nobres tradições, a natureza ofereceu-lhes alternadamente as cenas mais graciosas e as mais imponentes. Se, após ter contemplado as margens do oceano e admirado a coragem do pescador e sua indústria, o poeta seguia as margens do Tejo, o mais doce espetáculo impressionava seu olhar. Ele admirava os vales férteis que a charrua não tinha ainda sulcado, as florestas que os protegiam contra as tempestades, e que se começava a derrubar para construir as frotas que dominariam o mundo.

Esta terra, pouco cultivada, não era, entretanto, selvagem: costas plantadas de vinhas, alguns campos cobertos de colheitas douradas, atestavam que a natureza tinha outorgado abundância a esse reino, assim como valor e gênio a seus habitantes. Também havia maior número de pastores que de lavradores, e a paisagem era sempre animada pelos rebanhos que cobriam as imensas pastagens. Sob este belo céu, os pastores assemelhavam-se aos da Grécia; suas diversões, suas riquezas, os nomes que tinham, conferiam-lhes algo de mais poético que no Norte. Obrigados a repelir por vezes as agressões dos mouros, tinham recordações de glória, assim como pensamentos de amor.

Quando observamos os habitantes das planícies meridionais, quando percebemos a influência do clima sobre eles, a poesia pastoril dos antigos e de alguns modernos parece bem menos exagerada. Aceitamos que simples pastores empreguem expressões de entusiasmo e de ternura. A linguagem do pastor não é muito diferente da do cavaleiro.

A poesia pastoril foi cultivada em Portugal por muito tempo e quase exclusivamente. Antes de celebrar suas conquistas, cantavam-se os rebanhos, e os mais graciosos modelos dentro deste gênero provêm da literatura que examinamos. Apesar da monotonia dos sentimentos expressos, as élogas portuguesas apresentam rica variedade nas cenas e nas principais personagens. Descrevem-se as produções do litoral, bem como as das margens dos rios. O pescador conta seus perigos ao pastor, e esse, por sua vez, gaba os rebanhos do lavrador.

A vida campestre aparece sob mil formas, sem fatigar o leitor. Os poetas bucólicos dessa época produziram muitas vezes verdadeiras obras-primas e que superam todos os que, entre nós, se valeram do mesmo gênero. Eles tinham os modelos diante dos olhos.

78 Alonguei-me sobre a origem do gênero, porque o primeiro poeta que ilustrou o grande século da literatura portuguesa é um poeta bucólico. Bernardim Ribeiro já tinha encontrado seus modelos, mas, na sequência, serviu ele mesmo de modelo aos que o sucederam; e poucos autores célebres do país deixaram de produzir algumas pastorais. Aqueles que preferiam a nobreza da linguagem à pintura dos sentimentos exercitaram-se na écloga.¹²⁴

Bernardim Ribeiro foi, pois, o primeiro poeta português que obteve grande prestígio, dedicando-se a esse gênero de poesia e quem começou os brilhantes exemplos da literatura. Camões tinha-o em grande estima, e ele, efetivamente, impulsionou a poesia pastoril do século XVI, servindo muitas vezes de modelo aos espanhóis, como esses confessaram.¹²⁵

Os versos de Bernardim Ribeiro também ofereciam a expressão ingênua de seus sentimentos. Era poeta, porque amava; e encontramos nele sobretudo a tristeza sincera que comove.

Ribeiro nasceu na cidade de Torrão, na província do Alentejo. Era gentil-homem na câmara de Manuel I e pensamos que dirigia seus votos a Beatriz, filha do rei. Esta paixão, que procurou de todas

as maneiras esconder, determinou o destino de sua vida. No meio da agitação de uma corte numerosa, dos movimentos da ambição, da esperança que despertam novas conquistas, retirou-se na solidão, vagou em meio ao campo tantas vezes celebrados, e talvez também procurasse esquecer na contemplação da natureza o terrível fanatismo que desonrava um tempo de glória.

Nada mais instrutivo que o fim de seus amores; sabemos que casou: e, embora alguns de seus biógrafos tenham valorizado sua fidelidade conjugal, sabemos que, durante esta união, antigas lembranças ainda o agitavam. Uma de suas cantigas oferece a prova disso.¹²⁶

Bernardim Ribeiro escreveu cinco élogas, e colocou seus pastores à beira do Tejo e do Mondego. Comprazia-se em desenhar, incessantemente, o lento desespero de um amor infeliz; seus lamentos repetidos conteriam fatigante monotonia, se não soubesse variar os quadros e encantar pela graça de sua poesia. Escreveu a maioria de suas élogas em redondilhas, o verso de quatro sílabas, a estrofe de nove ou dez versos.

Eis um fragmento da quarta égloga, particularmente impregnada pelo caráter que indiquei:

Um pastor, Jano chamado,
De amor da fermosa Dina,
Andava tam tresportado,
Que por dita, nem mofina,
Nunca era outro seu cuidado,
Segundo o bem que queria
Tam mal do mal se guardou,
Que vendo a Dina, um dia,
Logo da vista cegou,
Que dantes d'alma não via.
De si ela o desterrou.
Pera longe terra estranha

Seu mal só o acompanhou,
Sobre ãa mágoa camanha
Camanha mágoa ajuntou:
Vendo-se assi desterrado
Muitas vezes se sobia
Pera um despovoado,
Onde ir ninguem podia
Senão desencaminhado.
Ali triste se assentava;
Pacendo ao derredor,
Seu pobre gado o cercava,
E o coitado do pastor
Nunca ãa hora repousava;
Encostado a ãa mão,
Os olhos postos na terra,
E a Dina no coração,
Assi antre aquela serra
Se estava queixando em vão.

80

– Dina minha, ou, se me engano,
Ao menos muito querida,
E com tanto desengano,
Ja me vós fostes a vida,
Agora me sois o dano:
Danos meus, tão encobertos,
Aqui podereis sem medo
Ser agora descobertos;
Se ficou algum segredo
Al de menos nos desertos.
A outro nenhum lugar,
Por minha desventura,
Vos não posso ja levar,
Levou-me tudo a ventura,
Leixou-me só o pesar:
.....
Quem me meteo neste enleo,
Pois nunca mais saí dele,

Tem-me cercado o receo.
Mal se me creo por ele,
Mal tambem se o não creo:
Certa está ja minha fim.
Minha vida está em perigo,
De mi eu me desavim,
E pois eu me sam imigo
Quem me vingará de mim?
Coitado, não sei que diga,
A nenhũa parte vou
Que la não ache fadiga,
Que aquesta só me ficou
De minha amiga, ou imiga:
O deserto, e povoado,
Todo é cheo de meus males,
Vim a esta serra cansado,
Não ha lugar nestes vales,
Onde não tenha chorado.
Donde vos começarei,
Mágoas minhas, a contar?
Porque palavras direi
Do mal que soube buscar?
Queixar-me agora não sei:
A lingoa, e o sentido
Tudo anda tam ocupado,
Tam cansado, e destruido,
Que seria mal contado
Como foi mal merecido.
Pola ribeira do Tejo
Guardando eu o meu gado,
Nunca inda vira dessejo,
Quando me dum vi levado,
Onde me agora não vejo:
E foi camanha a mudança,
Que quando ja m'acordei
Achei ida a esperança,¹²⁷

Bernardim Ribeiro deixou outra obra, aparentemente escrita para si mesmo e que só veio à luz muito tempo após sua morte: o romance intitulado *Menina e moça*, produção notável pelo estilo e que goza de justa celebridade.

Nesta obra, o autor confere caráter novo à prosa. Soube ceder a novas formas, e é lamentável que a concepção não responda sempre ao mérito do estilo. Para bem compreender este pequeno romance, é preciso conhecer a corte de Manuel I e os acontecimentos que agitaram a vida de Bernardim Ribeiro. Parece que ele teve a intenção de relembrar os amores de uma corte galante e a paixão de que foi vítima.¹²⁸ É o que prova o editor de suas obras, Manuel da Silva Mascarenhas.¹²⁹ “O assunto do livro são amores do Paço daquela idade, e histórias, que verdadeiramente aconteceram disfarçadas debaixo de cavalarias, que era o que mais naquele tempo se usava escrever. O principal da história é sobre coisa sua de certo amor ausente, cujas saudades lhe acabaram a vida.”¹³⁰

82

Com efeito, reina nessa pequena obra uma cor melancólica e cavalheiresca bem diversa do caráter que tinham então nossos escritos na França. A natureza aí se associa a todas as impressões. Eis um exemplo extraído do começo da obra. Uma jovem conta como se retirou na solidão e a maneira como passava uma existência já perturbada pelo sofrimento:

Neste monte mais alto de todos, que eu vim buscar sua suavidade diferente dos outros que nele achei, passava eu a minha vida como podia: ora em me ir pelos fundos vales que cingem derredor, ora em me por mais alto deles a olhar a terra como ai acabar ao mar, e depois o mar como se estendia logo após ela, para acabar onde ninguém visse. Mas quando vinha a noite accepta a meus pensamentos, que via as aves buscarem seus pousos umas chamarem as outras, parecendo que queria sossegar a terra mesma, então eu, triste com os cuidados dobrados com que amanhecia, me recolhia para minha pobre casa, onde Deus me é boa testemunha de como as noites dormia. Assim passava eu o tempo, quando

uma das passadas pouco há, levantando-me eu, vi a manhã como se erguia formosa e se estendia graciosamente por entre os vales a deixar ainda os altos. Cá o sol, já levantado até os peitos, vinha tomando posse dos outeiros, como quem se queria senhorar da terra. As doces aves batendo as asas andavam buscando umas às outras; os pastores, tangendo as suas flautas e rodeados dos seus gados, começavam a assomar pelas cumeadas. Para todos parecia que vinha aquele dia assim ledó. Os meus cuidados só vendo como vinha seu contrário (ao parecer poderoso) recolhiam-se a mim, pondo-me ante os meus olhos para quanto prazer e contentamento pudera aquele dia vir, se não fora tudo tão mudado; de onde o que fazia alegre a todas as coisas, a mim só teve causa de fazer triste. E como os meus cuidados, para o que tinha a aventura ordenada, me comessem de entrar pela lembrança de algum tempo que foi, e que nunca fora, senhorearam-se assim de mim que me não podia sofrer a par de minha casa, e desejava ir-me por lugares sós, onde desabafasse em suspirar. E ainda bem não foi alto dia quando eu (parece que acinte) determinei ir-me para o pé deste monte, que de arvoredos grandes e verdes ervas e deleitosas sombras é cheio, por onde corre um pequeno ribeiro de água de todo o ano que, nas noite caladas, o rugido dele faz no mais alto deste monte um saudoso tom, que muitas vezes me tolhe o sono.¹³¹

Se não me engano, percebemos nesse trecho algo que toca e comove, e parece-me que há o caráter da poesia moderna inglesa, em que tão frequentemente os sentimentos se modificam segundo o aspecto da natureza. Identifico aí o amor de uma contemplação sonhadora que se mostra também entre nós, entre os escritores do século XIX.

Aliás, o caráter da prosa portuguesa do final do século XV é notável; ele marcha com os grandes acontecimentos que agitaram os espíritos e que lhe conferiram ideias novas. A contemplação da natureza tornou-se necessária aos que tinham percebido a agitação das descobertas e das conquistas, pois nenhuma voz deixa de celebrar certas impressões.

Um dos mais dignos rivais de Bernardim Ribeiro é um habitante da Madeira, de nome Cristóvão Falcão.¹³² Restam poucas obras suas; mas há nas que sobreviveram tocante ingenuidade talvez ausente na tradução e que ousou apenas tentar fazer sentir.

Falcão foi também vítima do amor: ele se encontrou retido durante cinco anos na prisão, por ter-se casado contra a vontade de seus pais; e foi, sem dúvida, durante este longo cativeiro que se entregou com mais ardor à poesia. Eis uma de suas *voltas*:¹³³

Meus olhos, por muitas vias
usais comigo cruezas;
tomais as minhas tristezas
pera vossas alegrias.
Então noites, então dias,
olhos, nunca me dormis:
olhos a quem eu tanto quis!
Quando vós primeiro vistes,
que não me era bom sabíeis;
mas, por gozar do que víeis,
em meu dano consentistes.
O que então me encobristes,
agora mo descobris,
olhos a quem eu tanto quis!
Ando-vos a vós buscando
cousas que vos dêem prazer,
e vós, quando podeis ver,
tristezas me andais tornando.
Agora vou-vos cantando,
vós a mim chorando me is,
olhos a que eu tanto quis!
Quem o que digo cantava,
dês que o cantado teve,
não sei o que o causava,
mas espaço se deteve
assi como que cuidava.

Depois de cuidado ter,
 a voz de novo alçou;
 este cantar começou,
 o qual devia de ser
 aquilo em que cuidou:
 Como dormirão meus olhos?
 Não sei como dormirão,
 pois que vela o coração.¹³⁴

Cristóvão Falcão lembrou, em longa écloga, sua infelicidade sob um nome suposto, e a maneira como conta a separação da esposa é tão tocante quanto ingênua:

E dizendo: - Ó mezquinha,
 como pude ser tam crua! -
 bem abraçado me tinha,
 a minha boca na sua
 e a sua face na minha.
 Lágrimas tinha choradas
 que com a boca gostei;
 mas, com quanto certo sei
 que as lágrimas são salgadas,
 aquelas doces achei.
 Soltei as minhas então,
 com muitas palavras tristes,
 e tomei por conrusão:
 - Alma, porque não partistes,
 que bem tínheis de rezão?
 Então ela, assi chorosa
 de tam choroso me ver,
 já pera me socorrer,
 com ua voz piadosa
 começou-me assi dizer:
 - Amor de minha vontade,
 ora nom mais! Crisfal manso,

bem sei tua lealdade:
ai, que grande descanso
é falar com a verdade!
Eu sei bem que não me mentes,
que o mentir é diferente:
não fala d'alma quem mente.
Crisfal, não te descontentes,
se me queres ver contente.¹³⁵

Capítulo VII

Estímulos dados aos estudos. – Buchanan, os irmãos Gouveias chamados à universidade. – Sá de Miranda. – Antônio Ferreira.

Houve muitos poetas notáveis em Portugal; porém, desde Pedro e Afonso V, a literatura não recebia estímulos fortes. Sob o reino que antecedeu o de João III, ela começou a receber ininterrupto impulso até as agruras da monarquia. E os infortúnios de Camões devem-se bem menos ao espírito de seu século que a um concurso deplorável de circunstâncias.

Sob Manuel, a infanta Maria¹³⁶ dedicou grande zelo à prosperidade das letras. Ela mesma escrevia corretamente em latim e transmitiu seus gostos literários às damas que a cercavam. Algumas delas também se salientaram. Sigeia escreveu em latim um poema intitulado *Cintra*,¹³⁷ que gozou então de grande reputação.¹³⁸

João III fez muito pelas Letras, pois tomou a resolução de estabelecer a literatura sobre as bases de uma educação sólida. Ele agia diante da poesia como diante das conquistas: sua sabedoria desejava tirar proveito de um espírito ardente, porém sem regras.

Graças a seus cuidados, sábios nacionais e estrangeiros fixaram-se em Coimbra e deram novo impulso aos estudos, que foram reformados. Entre eles, destacamos Diogo de Teive,¹³⁹ os irmãos Gouveia¹⁴⁰ e o ilustre Buchanan,¹⁴¹ que se tornou provavelmente o professor de Sá de Miranda, Ferreira e Camões e a quem a Inquisição, em sua estúpida obstinação, recompensou o zelo com uma longa perseguição.¹⁴²

Sob esses homens hábeis, os estudos foram quase inteiramente reformulados, preparando o grande século. Este poderoso auxiliar não seria suficiente; poderoso foi também o amor da glória que tomou conta de todos os espíritos e que já se fundava sobre lembranças ilustres.

Uma natureza mais bela que no resto da Europa, tradições nobres e imponentes, eis, pois, o que de imediato influenciava os escritores, dando-lhes o gosto da contemplação que convém aos poetas e a ardente energia que prepara para a poesia mais elevada.

Os portugueses do século XVI interrogavam o futuro, e tudo parecia prometer à nação glória durável. A língua difundira-se em todas as partes do mundo; celebravam-se por todo o lugar suas conquistas e descobertas. Nada impedia, pois, o impulso de sua imaginação.

Três homens apareceram no começo deste período, preparando o caminho para os poetas originais que continuaram a ilustrá-lo. Ferreira, Sá de Miranda e Gil Vicente atuaram em diferentes gêneros, mas andaram via de regra na mesma direção. Deveria talvez começar por Gil Vicente, o mais antigo deles; mais adiante examinar-lo-ei, considerando-o o pai da poesia dramática em Portugal, poder-se-ia dizer mesmo, na Europa, se excetuarmos a Itália.

88

Sá de Miranda e Ferreira são, de todo modo, os legisladores do Parnaso português. Aliaram o exemplo ao preceito, e sua poesia é notável pelo seu encanto, assim como pela correção. Fixaram prontamente a língua sobre bases sólidas; deram novos metros à poesia. Ainda que Camões fosse seu contemporâneo, sem eles não poderia ter sido tudo em que se tornou.

Lendo-os, surpreendemo-nos com o estudo que fizeram dos antigos. Assim aperfeiçoaram a língua e souberam dar-lhe um grau de harmonia de que, até então, não se acreditava suscetível. É provavelmente a essas qualidades que devemos atribuir a espécie de culto que os letrados portugueses devotaram a Sá de Miranda, assim como a Ferreira, que não se destacam talvez tanto por suas grandes concepções quanto seus sucessores, mas cujas poesias permaneceram verdadeiros modelos.

Estes dois autores foram também poetas dramáticos; assim os examinaremos, ao falar do teatro português e dos progressos que trouxe para as nações vizinhas.

Franciso de Sá de Miranda nasceu em Coimbra nos últimos anos do século XV [1495]. Ainda que o gosto o tenha levado à cultura da poesia, ele obedeceu primeiro às ordens paternas e dedicou-se ao estudo do Direito. Lecionou esta ciência na célebre universidade onde se educou. O pai morreu, e o gosto da poesia superou os sacrifícios que o jovem Miranda havia feito à obediência.

Tornando-se poeta, tornou-se viajante, buscando inspirações na bela Itália e na brilhante Espanha. De volta a Lisboa, o acolhimento que recebeu de João III fez com que permanecesse na corte. Gozou por algum tempo o favor do monarca; mas o orgulho e a inveja fizeram-no retornar aos lugares que convinham a seu espírito melancólico e sonhador.

Deixando a corte de um rei poderoso, aprendeu uma lição que nos transmitiu e que pinta, ao menos, a conduta que soube manter:

Homem dum só parecer,
dum só rosto e d'ua fé,
d'antes quebrar que volver,
outra cousa pode ser,
mas de corte homem não é.¹⁴³

O poeta, a quem a natureza tinha dado uma imaginação tão terna e tão sonhadora, não permaneceu, pois, muito tempo na corte enganadora e brilhante. Mas o infortúnio atingiu-o no fundo de seu retiro; perdeu um filho que amava e morreu, ao que parece, no mesmo ano.¹⁴⁴

Nada pinta melhor, ao que me parece, a tocante impressão que deixou no coração de seus amigos que esses versos de um contemporâneo, Diogo Bernardes:

O nosso Sá Miranda, que entendeu,
A sem razão do mundo, a tirania,
Aqui entre estes montes se escondeu
Onde senhor de si livre vivia:
Vivia esses bons anos que viveu,
Pois que não esperava, nem temia.
Ah discreto pastor, que te seguisse
Tuas pisadas cá: que lá te visse.

.....
Tu nos bosques as plantas, tu nas serras
As pedras, abrandavas com teu canto,
Trazido para cá por ti de estranhas terras,
Com grande inveja de uns, de outros espanto:
Agora em longo sono os olhos cerras,
Agora estes meus abres ao pranto.
Mas eu não choro só, que choram montes.
Vales, bosques, e prados, rios, fontes.¹⁴⁵

90

O túmulo construído para ele também atesta o pesar de uma nação reconhecida.

Sá de Miranda foi educado por hábeis professores. Sua instrução foi verdadeiramente notável, e dominava em alto grau os autores da Antiguidade. Familiarizado com o grego e o latim, modificou suas ideias meditando sobre a literatura italiana. Escreveu longo tempo em espanhol, mas percebeu em que o português podia se transformar,¹⁴⁶ consagrando-se desde então ao aperfeiçoamento de sua língua. Dominando a rudeza da frase, afirma um crítico português, e adaptando-a a uma infinidade de combinações, ele estabelece novas leis para a cesura métrica e determina a harmonia que doravante teria a poesia portuguesa. Apartando-se do uso comum que prescrevia estritamente o emprego dos versos de oito sílabas, fixou o movimento do endecassílabo, quase inteiramente desconhecido, e provou que ele deveria ser doravante o auxiliar mais poderoso da harmonia poética entre os portugueses.¹⁴⁷

Sá de Miranda escreveu sonetos, epístolas, hinos à Virgem, canções. Lamentou, em uma tocante elegia, a morte de seu filho.

Nestes diferentes gêneros de poesia, reconhecemos o homem que meditou sobre os antigos. Mas, como afirmou muito bem um crítico judicioso, Miranda, que escrevia conforme seu coração, era original, e nunca imitador.¹⁴⁸ Eis um de seus sonetos, em que aparece algo desta melancolia que se confia à natureza e que toma dela suas imagens:

Ó cousas, todas vãs, todas mudaves,
Qual é tal coração qu'em vós confia?
Passam os tempos, vai dia trás dia,
Incertos muito mais que ao vento as naves.
Eu vira já aqui sombras, vira flores,
Vi tantas águas, vi tanta verdura,
As aves todas cantavam de amores.
Tudo é seco e mudo; e, de mestura,
Também mudando-m'eu fiz doutras cores:
E tudo o mais renova, isto é sem cura!¹⁴⁹

91

Ainda que o gênio de Sá de Miranda tenha-se elevado às mais altas inspirações, ele parece chamado sobretudo a celebrar os encantos da vida pastoril, que expõe com admirável ingenuidade. Estou convencido, como um crítico de sua nação, que, se se tivesse dedicado aos apólogos, seria considerado o La Fontaine dos portugueses.¹⁵⁰

Eis um curto exemplo desta simplicidade, em que compara a existência do homem à dos animais, que sujeitamos a um jugo cruel:

Do leite e sangue empolado,
o bezerrinho viçoso
vai brincando polo prado;
despois eis que, prigueiroso,
ora ò carro, ora ò arado.
C'os dias e c'o trabalho

o saldar d'antes lhe esquece;
 não é já o que era almalho:
 venda-se para o talho,
 qu'este boi velho enfraquece.¹⁵¹

Os objetos da vida pastoril são enobrecidos aos olhos dos portugueses. Suas éclogas introduzem todos os gêneros de animais, e uma ridícula delicadeza não os faz procurar denominações pretensiosas, para designar os que nada têm de nobre. Eles engrandecem, assim, o domínio da poesia bucólica: e quem, entretanto, tem mais verdadeira delicadeza na língua? Em uma época em que todas nossas obras estavam plenas de expressões que sua indecência fez suprimir, eles já evitavam palavras muito livres, e um estilo casto era seu apnágio, mesmo quando pintavam o mais exaltado delírio do amor.

Sá de Miranda sabia se elevar à mais alta poesia, e suas expressões tornaram-se nobres e enérgicas. Eis um soneto em que anima o rei a proteger as letras:

92

Dar favor aos engenhos e a toda arte
 das boas, faz os Reis aqui imortais
 por fama; inda, passando avante mais,
 uns fez Deuses de todo, outros em parte.
 À guerra leva o mor Cipião consigo
 as Musas, brandas de seu natural,
 que, assi sem armas, são d'altas ajudas.
 Ainda nos cantam do bom tempo antigo.
 Caíram as estátuas de metal:
 qu'al se podia esperar de cousas mudas?¹⁵²

Entretanto, a musa de Miranda nunca se vendeu ao poder. Com dignidade soube se conservar reto, quando esse poder quis submetê-lo a seus caprichos. Do fundo de seu retiro, dirigia os versos mais enérgicos a seus compatriotas, que o ardor das conquistas importava, e que o gosto do luxo começava a corromper:

Escravos, mais que os escravos,
 por razão e por justiça,
 deixai-vos de vossos gavos,
 que vos vendeu a cobiça
 a mar bravo e a ventos bravos!¹⁵³

Na segunda carta, dirige-se de novo aos portugueses, referindo-se ao luxo então reinante em Lisboa:

Ouves, Viriato, o estrago
 que cá vai dos teus costumes?
 Os leitos, mesas e lumes,
 todo cheira: eu óleos trago;
 vem outros, trazem perfumes.
 E ao bom trajo dos pastores,
 com que saíste à peleja
 dos Romãos tam vencedores
 são mudados os louvores;
 não há lá quem t'haja enveja.

93

.....
 Fez no começo a pobreza
 vencer os ventos e o mar,
 vencer quási a natureza;
 medo hei de novo à riqueza,
 que nos venha a cativar.¹⁵⁴

Eis a última citação, e lamento não serem mais numerosas, porque algumas palavras fazem compreender o caráter do poeta:

Da antiga e nobre cidade
 sou natural, sou amigo,
 sou porém mais da verdade.¹⁵⁵

Voltaremos ainda a Sá de Miranda, ao falar da poesia dramática.

Ao lado de Sá de Miranda, destacamos Antônio Ferreira, pois estes dois poetas andam sempre juntos, como legisladores do Par-

naso português; brilharam perto da mesma época e conquistaram em ocasião aproximada o mesmo gênero de glória, ainda que seu gênio fosse diferente.¹⁵⁶

[1528] Ferreira nasceu em Lisboa. Como aquele de quem ele seria o êmulo, estudou primeiramente Direito em Coimbra, e tornou-se professor na universidade dessa cidade; sua vida não oferece nada de muito notável; morreu perto do final do século XVI.

Não me referirei nesse momento a Ferreira enquanto poeta dramático, saliento-o primeiramente como um dos fundadores da literatura. Em nossos dias é considerado eminentemente clássico entre os portugueses, e eis as obrigações que eles lhe devem.

Em uma época em que a maioria das pessoas instruídas ainda preferia exprimir seus pensamentos em espanhol, ou na língua de Virgílio,¹⁵⁷ Ferreira parecia estudar os grandes escritores da Antiguidade somente para fazer passar suas belezas na língua vernácula. Era poeta eminentemente nacional, e em uma época em que isso era belo. Seus esforços se encontraram plenamente coroados de sucesso; ofereceu aos compatriotas o gosto da língua portuguesa, pelas belezas que nela descobriu. Alcançou uma pureza de dicção verdadeiramente surpreendente; e, na minha opinião, reprovou-se muito sua falta de arrebato poético. Ele mais de uma vez comprova que a correção do estilo aliava-se à grandeza de suas ideias.

94

Admirador devotado de Horácio,¹⁵⁸ e talvez seu imitador com muita frequência, rejeitou as formas orientais, introduzidas há muito tempo no espanhol e no português. Tinha a rigidez severa de um legislador e várias vezes temeu talvez entregar-se a seu entusiasmo. Ao mesmo tempo, dá mais impulso às suas ideias na tragédia; e a dignidade de pensamento e de linguagem, que ele aí mostra, se encontra em todas suas poesias.

Ferreira, além de obras dramáticas, deixou cartas, odes, sonetos, elegias, em que a imaginação nem sempre é a qualidade mais saliente. Todavia, elas alcançaram, com justa razão, grande estima

entre as pessoas que essa imaginação de certa maneira enganou e que a veem submetida por um homem de verdadeiro talento que provou o poder da sabedoria.

A parte mais considerável de suas obras diversas compõe-se de cartas. Lendo-as, percebe-se que o poeta meditou muito tempo sobre os homens e que vivia no seio de uma sociedade brilhante, em que suas observações podiam multiplicar-se: ele casa uma filosofia adequada com a elegância da linguagem. Em suas odes, reconhecem-se muitos pensamentos de Horácio, mas também a introdução de novas formas linguísticas.

Eis um trecho em que o estilo é notável: um dos coros de sua *Inês*:

Tristes pobrezaas ninguem as deseje.
 Cegas riquezaas ninguem as procure.
 Num meo honesto está a felicidade
 Dos Céus, e terra.
 Reis poderosos, Príncipes, Monarcas
 Sobre nós pondez vossos pés, pisai-nos.
 Mas sobre vós está sempre a fortuna.
 Nós livres dela.
 Nos altos muros soam mais os ventos.
 As mais crescidas árvores derribam.
 As mais inchadas velas no mar rompem.
 Caem móres torres.
 Pompas, e ventos, títulos inchados
 Não dão descanso, nem mais doce sono.
 Antes mais cansam, antes em mais medo
 Põem, e perigo.

.....

S'eu me podesse á minha vontade
 Formar meus fados, mais não quereria
 Que meãmente segurar a vida
 Co necessário.

Quem mais deseja, muitas vezes s'acha
Triste, enganado: poucas vezes dorme,
Temendo o fogo, ventos, ares, sombras,
Temendo os homens.
Rei poderoso, tu porque desejas
Nunca ter Reino? porque essa coroa
Chamas pesada? pelo peso d'alma
Que te carrega.¹⁵⁹

O trecho seguinte não é menos notável pelo movimento poético e pelo estilo:

96

Teme teus erros, mocidade cega,
Fuge a ti mesma, logra-te do tempo,
Que assi te deixa correndo, e voando
Com suas asas.
O' quanto ua hora, quanto um só momento
Breve algu'hora quererás debalde!
Poupa o presente, guarda-o, entesoura-o,
Te-lo-hás seguro.
Todo ouro, e prata, pedras preciosas,
A que correndo vão todos perdidos,
Por agoa, e fogo, não temendo a morte,
Cavar nas veas,
Nunca poderam, nunca poderão
Comprar um ponto deste tempo livre,
Que assi atrás deixa Príncipes, Senhores,
Como os mais baixos.
Igual a todos, igualmente foge,
Não valem forças, não val gentileza,
Por tudo passa, tudo calca, e pisa
Ninguem o força.
Com sua fouce, cruel vai cortando
Vidas a moços, trabalhos a velhos.
Só boa fama, só virtude casta
Pode mais que ele.

Esta se salva somente em si mesma.
 Esta o espírito segue. sempre vive.
 Esta seguindo vencerás o tempo,
 Rir-te-hás da morte.¹⁶⁰

Nas elegias, talvez Ferreira não deixe seu coração falar muito, sendo que, às vezes, basta um nome ilustre para inspirá-lo. Elas não oferecem novas provas de seu talento. Seus sonetos indicam que tinha lido os italianos, e nas suas poesias bucólicas reconhece-se antes o tributo pago ao gosto da época, que um verdadeiro arrebatamento na direção da expressão melancólica do canto pastoril.¹⁶¹ No teatro, o talento de Ferreira eleva-se até a genialidade, porque então ele cria, e merece novo reconhecimento da nação.

Os fundadores da língua e da literatura foram secundados por grande número de poetas que estenderam seu prestígio, celebraram-nos seguindo seus passos e cedo, no século XVI, ofereceram obras em que se engrandece o domínio da literatura. Analisarei as obras de Andrade Caminha, Diogo Bernardes, Rodrigues Lobo, F. Álvares do Oriente;¹⁶² mas é tempo de um homem que se ergueu acima de todos e que não recebeu deles nenhum elogio, que fez a glória de seu país, e que seu país ignorou, e que morreu sem usufruir a glória que os séculos lhe reservaram.¹⁶³ Já o nomeamos, pois Camões eleva-se diante de outros poetas de Portugal e da Espanha, como Homero,¹⁶⁴ sobre os autores da Antiguidade.

Capítulo VIII

Camões. — Sua vida. — Análise de Os Lusíadas.

Minha “lira sonora / será mais afamada que ditosa”:¹⁶⁵ essas palavras proféticas, expressas pelo grande poeta, contam toda sua história. Com efeito, se algo igualou sua glória, foram seus infortúnios; ele contava com a justiça da posteridade, mas sabia também o que viria a sofrer.

Antes de analisar suas obras, apresentemos uma visão sumária dessa vida tempestuosa que um amor infeliz manchou e a calúnia envenenou.

Luís de Camões nasceu em 1525. Acredita-se que Lisboa foi sua cidade natal. Seu pai tinha antepassados ilustres, mas medíocre fortuna e, nessa honorável penúria, impôs-se, em muitas ocasiões, grandes sacrifícios para dar ao filho a educação brilhante que desenvolveu rapidamente um gênio poderoso.

98

Camões foi encaminhado bastante jovem às escolas de Coimbra. Comprova-se que logo se dedicou à poesia e que as recordações nobres ou tocantes que lembravam sua bela cidade natal gravaram-se profundamente em sua alma ardente.

Camões dirigiu-se cedo à corte, e lá começaram seus males. Como Tasso,¹⁶⁶ amou, e deveu amar sem esperança. Um coração como o seu não podia submeter os sentimentos aos entraves impostos pela hierarquia. Ele adorou, diz-se, Catarina de Ataíde;¹⁶⁷ deveria ter amado uma pastora do Tejo. As recordações poéticas consagradas a essa amiga, tão longo tempo lamentada, provam ser ela digna desse amor.

A família Ataíde era poderosa, mas não era mais ilustre que a de Camões. É provável que se sentiria honrada com a aliança do grande poeta cujo nome honra a pátria; mas o tempo não tinha consagrado sua glória. Não foi suficiente repelir seus votos, ele foi exilado; como Ovídio,¹⁶⁸ cantou seus males.

Que pena! Como seus primeiros cantos teriam sido mais dolorosos, se tivesse previsto os males que o tempo lhe reservava! Só o amor causava os que então experimentava, e, ao menos, uma esperança lhe restava. Ele a buscou nas armas [1546]. Lutou na África, onde Pedro de Meneses era governador de Ceuta.¹⁶⁹ Um golpe de arma de fogo fez com que perdesse um olho em um combate naval em que se destacou.

Voltou a Lisboa. Ignora-se o que passou; mas, sem dúvida, seu valor foi ignorado, como seu amor fora desdenhado. Sem dúvida, experimentou muitas amarguras, já que resolveu jamais rever a pátria, e seu adeus foi um adeus eterno.¹⁷⁰

Partiu para a Índia e, na sua modéstia, parecia querer que suas façanhas fossem esquecidas. O poeta distanciou-se por algum tempo do que de mais caro tinha no mundo, quando soube da morte de Antônio de Noronha.¹⁷¹ Era seu melhor amigo. Da maneira como o celebrou, constatamos o que pode ser semelhante infelicidade para certas almas.

Não gozando nem mesmo as ilusões que dão às vezes um amor infeliz, privado dos consolos de que a amizade é pródiga, apesar da distância, Camões errou pelo Oriente e lutou, até que a calúnia o obrigou a exilar-se. De volta a Goa, pintou com ousadia os vícios que desonravam essa cidade brilhante, agora tão decadente. Sua franqueza desagradou a Francisco Barreto,¹⁷² e recebeu ordens de deixar a capital das Índias.

Roubava-se a Camões a possibilidade de perseguir a gloriosa carreira das armas; mas seu pensamento não foi escravizado, e o gênio sabe conquistar uma glória independente dos homens. Após errar pelas ilhas do oceano Índico, após testemunhar os crimes dos vencedores e a indolência estúpida dos vencidos, Camões deixou este arquipélago para se refugiar nas costas da China, onde os portugueses começavam a construir Macau. Chegou a essa terra hospitaleira e por fim gozou de algum repouso. O espírito pleno de numerosas

observações, a alma exaltada pelas recordações das guerras nas quais tomou parte, o poeta deu mais do que nunca progresso a seu gênio. Parece que então compôs uma parte de *Os Lusíadas*, e existe ainda a gruta solitária em que recebeu suas tocantes e sublimes inspirações.

Essa foi a época em que, aparentemente, Camões foi menos infeliz. Constantino de Bragança¹⁷³ concedeu-lhe um emprego honroso em um novo lugar. Este governador não quis reparar uma injustiça pela metade: chamou o poeta à capital das Índias portuguesas. Tal foi o destino desse homem infeliz, que se tornou aos poucos vítima da iniquidade e da compaixão. Após ter realizado sua frágil fortuna, deixou Macau; mas, depois de alguns dias de navegação, o navio que o conduzia naufragou junto as costas do Camboja. Todos seus bens foram perdidos; um único lhe restou, o que legava a uma pátria ingrata. No meio das ondas enfurecidas, em um braço firme, erguia *Os Lusíadas*, e a coragem salvou a obra do gênio.

100 Mas assim são as almas verdadeiramente fortes, cujas inspirações tornam-se sublimes, quando os outros se sentiriam derrotados. Julgamos que foi nesta terra bárbara onde se refugiou, que Camões parafraseou o cântico em que um poeta sagrado representa os exilados de Sião, associando sua lira aos salgueiros que bordejam o rio da Babilônia.

[1561] Um navio o recolheu, ele chegou a Goa, e o vice-rei recebeu-o com bondade.¹⁷⁴ À proteção deste senhor ele teve alguns momentos de tranquilidade; mas não é preciso crer que todas as obstáculos que experimentou tivessem dissipados as lembranças de seu amor: as poesias provam que Ataíde continuava presente em seu espírito.

Constantino se afastou; as calúnias que desprezava despertaram. Quem acreditaria? Camões foi jogado na prisão; e, mais infeliz que Tasso, foi acusado de uma ação aviltante.¹⁷⁵

Sua inocência foi logo reconhecida; mas isso não lhe devolveu a liberdade. Ávidos credores o retiveram, e foi preciso uma

tal circunstância, para que se decidisse a solicitar algum socorro do vice-rei. Ele o fez sem baixeza, o favor foi-lhe concedido com generosidade.

Após recuperar a liberdade, Camões gozou por algum tempo as doçuras de uma vida mais tranquila; entretanto, sempre poeta e sempre guerreiro, se se entregava ao culto das musas, nunca abandonava o partido das armas, e podemos crer que suas mais belas inspirações foram uma nobre conquista de seu valor.

Porém, este guerreiro que resistira a todos os acontecimentos, este homem forte na adversidade, era o frágil juguete de suas antigas recordações. Superou o destino e abandonou-se a uma paixão da juventude. Dobrava a sorte ante sua coragem impassível, e gemia na solidão, lembrando seus amores. Sempre arrastado pelo coração na direção da pátria, ainda se encontrava na Índia quando Catarina de Ataíde faleceu, e seus lamentos provam que implorava então a morte que tinha tantas vezes enfrentado.

Camões, por essa época, oferece-nos ainda uma prova do poder do estranho instinto que arrasta na direção dos lugares em que fomos infelizes, mas onde fomos amados. Seu poema estava terminado; sem confessá-lo talvez, percebia que a glória da nação o exigia. Quis rever Lisboa; a fortuna o contrariou ainda nesse tocante desejo, e talvez nunca teria revisto sua pátria, se Pedro Barreto¹⁷⁶ não o enviasse a Sofala,¹⁷⁷ onde acabava de ser nomeado governador. Assim, por uma singular contradição da sorte, este homem que logo mostrou a baixeza de seu caráter, serviu para preencher o mais nobre dos votos.

Camões tornou-se devedor de seu companheiro de viagem, e foi seu prisioneiro até que compatriotas generosos pagaram a este Barreto, como diz Faria, o preço de sua honra.¹⁷⁸

Durante essa espécie de cativo, o poeta exalou os cantos mais melancólicos. Lembrava sobretudo o passado: à tristeza profunda de seus versos, dir-se-ia que lia o futuro.

Retornou a Portugal. O que então se passava na Europa teria sido suficiente para encher sua alma de amargura: um grande rei acabara de morrer, a peste devastava Lisboa. No meio de um desastre comum, Camões foi primeiramente ignorado; ele não se lamentava. O flagelo cessou; publicou seu poema [1572],¹⁷⁹ e por recompensa obteve uma dessas parcas gratificações que se concede algumas vezes ao gênio para deixá-lo enlanguescer e vegetar ainda por algum tempo sobre uma terra em que foi encharcado de desgostos.¹⁸⁰

Seja como for, Camões deveu a possibilidade de aperfeiçoar *Os Lusíadas* sem dúvida aos cuidados concedidos a ele. Felicitemo-nos, então, que um pouco de ouro tenha caído sobre mãos ávidas, tendo sustentado o poeta em seus nobres trabalhos. Mas este frágil socorro abandonou-o, ele caiu em uma profunda miséria, maior do que se imaginaria.

102 Há coisas tão vulgares, que, falando de um homem de gênio, não ousamos relatar; porém, quando pintam sua verdadeira situação, devemos dizê-las, é penitenciá-las na posteridade.

Um dos nobres da corte de Sebastião pressionou Camões a acabar uma tradução dos salmos que havia encomendado.¹⁸¹ “Quando fiz aqueles cantos, era mancebo, farto, namorado, e querido de muitos amigos, e damas, o que me dava calor poético: agora não tenho espírito, nem contentamento para nada; aí está o meu jau que me pede duas moedas (de cobre) para carvão, e eu não as tenho para lhas dar.”¹⁸² E este nobre escravo, que deveria então sofrer, vemo-lo tantas vezes implorar a caridade pública para seu mestre! Sofria sem dúvida, mas sua piedade não era infrutífera como a dos grandes que liam Camões, admiravam-no e viravam os olhos à sua miséria.¹⁸³ Não víeis às costas a ele! O poeta não necessita mais vossa piedade, seu fim está marcado pela época em que todas as glórias de Portugal findam!

Sebastião foi para África [1578], todos conhecem o resultado desafortunado da batalha de Alcáçar Quibir, em que pereceu a elite da nação, em que sucumbiu a glória portuguesa. Ao menos morro

com ela,¹⁸⁴ gritou o poeta, quando conheceu a notícia fatal. Algum tempo depois entrou em um asilo, onde morreu; mas suas palavras, saídas do abrigo da miséria, repercutiram em Portugal, atravessaram os séculos; agora, fazem-nos compreender toda a grandeza da alma daquele que nos legou uma obra-prima.

Para bem analisar este poema, para fazer entender suas belezas, seria preciso transportar-se por um momento para o alto da colina a que Vasco da Gama é conduzido por uma divindade, que o faz contemplar os gloriosos destinos de Portugal.

Examinando esta vasta concepção, vemos desenrolarem-se todos os acontecimentos que tornaram tão poderosa uma nação inicialmente frágil, e logo superior a todas as outras, porque ela reuniu a constância à coragem. O que há de mais admirável é que as belezas dessa epopeia brilhante se apresentam sem mostrar os esforços da arte; é o poeta viajante, o soldado que canta navegadores e guerreiros.

103

A natureza deu-lhe profundo sentimento de harmonia; ele é dos que fixam uma língua pelo encanto de seu estilo; é dos raros que anima todo um povo por um grande pensamento.

O mais belo privilégio de um poema épico é enobrecer uma nação a seus próprios olhos, é fixar nos corações as lições dadas pela coragem e pela honra; é comover pelas faltas e inspirar o horror pelos crimes. Camões talvez mereça repreensões no decorrer da composição; mas ele preencheu o verdadeiro objetivo a que deve se propor um poeta nacional.

Ele naturalmente deveria escolher o acontecimento que acabava de elevar sua nação acima dos outros povos: Gama tornou-se seu herói.

Um dos nossos poetas modernos, capaz de bem compreender o autor de *Os Lusíadas* e de fazê-lo sentir, mostrou-nos a forma adotada por ele desde o começo. “A abertura de Camões, diz Ray-

nouard, é original, nobre, poética; ela tem uma forma majestosa, em que indica, agrupa e acumula os fatos, as façanhas que ele deve ser reproduzir no poema; e é somente quando este quadro impressiona a imaginação do leitor, que o poeta anuncia que, cantando-o, ele semeará sua fama no universo.”¹⁸⁵

Após uma invocação digna da epopeia, Camões nos conduz ao meio do oceano. A grande empresa que deve entregar a Índia aos portugueses começou; a frota desses audazes navegadores sulca as ondas: cabe contemplar por um momento a cena imponente. O Olimpo se abre, os deuses estão reunidos e falam de novo a linguagem que lhes emprestou Homero.

Júpiter relembra a glória dos portugueses, as ordens do destino que lhes prometem um novo império. Quer que os ventos se acalmem e que as ondas, abrindo-se, ofereçam a eles uma rota tranquila. Mas um deus ciumento teme ver sua glória enfraquecida; Baco olha os viajantes com cólera, cólera que advém da inveja. Entretanto, outros deuses protegem os navegadores: para Vênus, eles lembram os romanos, amados por ela, graças aos quais, recorda, seu império deve expandir-se. Marte escuta a deusa da beleza, os portugueses têm um novo protetor. O poeta nos dá a compreender quão poderoso é ele:

Por dar seu parecer, se pôs diante
De Júpiter, armado, forte e duro:
E dando uma pancada penetrante
Co conto do bastão no sólio puro,
O Céu tremeu, e Apolo, de torvado,
Um pouco a luz perdeu, como enfiado.¹⁸⁶

Ele fala, a causa dos portugueses torna-se a de uma parte do Olimpo. Os deuses se retiram; e o espírito ainda admirado pelo espetáculo, cuja grandeza o poeta acaba de reanimar após tantos

séculos, contemplamos de novo os viajantes que se dirigem para as costas da África.

Já que, pela primeira vez, aparecem aqui os deuses do paganismo, em um assunto em que, nos nossos dias, sem dúvida intervêm apenas as forças da religião cristã, lembremos ainda esta vez que é preciso julgar os homens segundo os tempos, e não nos mostremos muito severos quando grandes belezas nos são oferecidas. Talvez não seja despropositado recordar a maneira pela qual Madame de Staël explica o emprego do maravilhoso mitológico, unido ao que era prescrito pela religião cristã; provavelmente o pensamento do poeta cabe inteiro dentro desta frase, sobretudo aplicando-se à época em que morreu Camões: “Fez-se injustiça relativamente a essa aliança; mas não nos parece que ela produziu, em *Os Lusíadas*, uma impressão discordante; percebe-se muito bem que o cristianismo é a realidade da vida, e o paganismo é o adorno das festas.”¹⁸⁷

Uma terra aparece no horizonte, e os chefes da expedição distanciam-se de suas margens para visitá-la, quando uma multidão, em um bote, fende o oceano, dirigindo-se aos navios. Os estrangeiros são recebidos à bordo da frota; informam-se do objetivo da viagem e induzem os portugueses a visitar a região que veem diante de si. Este país é a ilha de Moçambique, submetida recentemente pelos árabes, que aí estabeleceram seu império e impuseram sua religião. Eles prometem aos navegadores um piloto hábil para continuar a viagem. Tudo leva a crer na sua franqueza, tudo dá esperança à sua boa-fé. Logo os navios se cobrem de bandeiras para receber o chefe desses novos hóspedes. Prepara-se um festim, presentes são oferecidos, e todos se reúnem para dar a esse príncipe de um povo ainda bárbaro uma nobre ideia do poder dos europeus. Desde essa primeira descrição da atitude e dos usos de um povo estrangeiro, Camões mostra-nos que exatidão, que cor local cabe conservar nas numerosas pinturas das regiões distantes.

106 Enquanto isso, o muçulmano descobre quem são os guerreiros que uma coragem infatigável leva para longe de sua pátria. A religião deles o horroriza. A perseverança que eles mostram e que pode arrebatá-lo as riquezas do comércio, tudo faz com que os tema. A traição penetra no seu coração, o ódio prepara funestos efeitos; mas, se ele viu qual é a fé dos portugueses, tem também provas de sua intrepidez. Seu ódio torna-se impotente. Um deus desce sobre as margens da África, e este ódio reanima seus próprios furores. Ele faz ver ao muçulmano como pode satisfazê-lo e como ele deve ser recompensado. Baco, disfarçado de velho, fala; o plano da traição se forma, desenvolve-se; os portugueses serão surpreendidos sobre as margens em que devem se encontrar a fim de buscar a água pura das fontes. Mas Vasco da Gama une a coragem à prudência, é ele mesmo que comanda as chalupas que se dirigem à terra. Já os insulares espalham-se pela praia, e tudo anuncia as intenções perversas que os animam. À sua agitação, aos clamores terríveis com que eles fazem retinir os ares, os viajantes não podem mais ter dúvidas quanto a seus desígnios; é um dever preveni-los. Eles se lançam sobre a margem: a artilharia estronda, e os mouros perdidos fogem logo, abandonando as armas. Se buscam asilo no oceano, a ira dos europeus ainda os persegue. Morrem todos no meio das ondas ou sobre as areias ensanguentadas; e os herdeiros de Luso retornam pacificamente aos navios, que enriquecem com seus troféus.

O chefe dos muçulmanos implora a clemência daqueles que atraíu; mas ainda lhes envia a guerra sob a aparência da paz. Um piloto, tão perverso quanto ele, deve servir a seus projetos. Sua covardia se regozija, sonhando que os portugueses perecerão sobre uma terra estrangeira e que jamais as margens do Indo aparecerão diante de seus olhos. O impostor está à bordo e promete aos cristãos conduzi-los às margens habitadas por homens que adoram seu deus e seguem seu culto; mas dirige-os a Quiloa, e em Quiloa os muçulmanos devem matá-los.

Os navegadores estão cheios de esperança, e essa causaria sua perda, se sua divindade protetora não velasse por eles, se não os afastasse das margens pérfidas, ordenando que ventos contrários soprassem. Porém, eles não podem evitar completamente seu destino, o porto de Mombaça irá recebê-los, e lá também Baco insufla seus venenos. A perfídia triunfará sob a aparência da bondade. Novas armadilhas esperam o Gama.

No segundo canto, um enviado do rei de Mombaça oferece hospitalidade aos portugueses. Ele pinta as vantagens que apresenta uma terra venturosa onde a natureza congregou os mais belos produtos. Gama fica seduzido por esta descrição brilhante; mas mantém a adequada desconfiança que o salvou em Moçambique: antes de aceitar as instâncias do rei, envia dois degredados em que então se confiava às frotas portuguesas e cuja existência não era sempre respeitada. Eles partem, carregados de presentes; mil gritos de alegria os acolhem, tudo serve para enganá-los. Eles veem em um templo imaginário o Deus cristão reverenciado. Um mago ímpio oferece-lhes as imagens mais santas; o próprio Baco é o sacerdote deste lugar, onde insulta os cultos, lembrando seus mistérios: “assi por derradeiro, diz o poeta, o falso Deus adora o verdadeiro.”¹⁸⁸

107

Os enviados dão conta de sua mensagem, e enganam-se porque foram enganados. A tranquilidade reina no seio da frota, quando tudo se prepara em tumulto na cidade por causa de uma assustadora traição. Os navios avançam na direção do porto; sua perda seria certa, se a divindade protetora não continuasse velando por eles. Vênus desce dos céus para o oceano onde nasceu e onde todos lhe obedecem; à sua voz, as ninfas se reúnem, lançam-se acima das ondas e querem empurrar para longe da borda os navegadores imprudentes. Enquanto isso, o navio de Gama é jogado sobre um recife, ele perecerá; sua perda carregaria a dos guerreiros; mas, nos esforços que fazem para evitar o perigo, os africanos reunidos na margem acreditam ver o sinal dos combates e fogem em desordem.

As astúcias da perfídia, os temores da covardia, tudo revela ao Gama um complô que ele não teme suficientemente; ele percebe isso e dá graças ao céu. Vênus, cuja ternura está sempre ativa, retorna aos céus; ela faz passar ao coração de Júpiter a emoção que sentiu. Compreendemos, lendo essa pintura, que ninguém pode resistir à deusa, tudo submete-se a seu império, deuses e mortais. Ela chora, e suas lágrimas bastam para ganhar a causa dos portugueses; prediz-se sua glória, o triunfo está assegurado. Mas, antes de completar seu destino brilhante, eles devem encontrar asilo em Melinde; o filho de Maia prepara-o; e, continuando seu trajeto em um voo rápido, ele aparece em sonho ao chefe dos portugueses, ao qual promete a acolhida favorável. O herói acorda-se; por suas ordens, as velas soltam-se, mas a traição faz ainda um último esforço; os habitantes de Mombaça tentam cortar os cabos, e fogem ouvindo os gritos dos marujos.

108 As naus fendem o mar; logo atingem dois navios dirigidos pelos mouros, e um deles cai em poder dos portugueses. Em vão pedem um piloto a esses estrangeiros a quem acabam de vencer. Estes não conhecem as margens do Indo, e só Melinde, afortunada Melinde, pode oferecer aos portugueses o objeto de todos seus votos.

Aparece enfim esta terra fértil, cuja hospitalidade é franca, e as ofertas são verdadeiras: os presentes não recompensam a perfídia dos traidores de fora. Uma aliança se prepara entre esta região e Portugal. Os enviados do Gama se apresentam perante o rei de Melinde, que não cansa de admirar a coragem dos novos hóspedes. Dá testemunho disso e, indo ele mesmo visitar seus navios, assegura-lhes amizade constante.

A noite oferece o espetáculo brilhante de fogos de artifício, as horas passam-se em meio a concertos guerreiros que lembram os combates aos portugueses. Chega o dia, começa nova festa; o rei visita os viajantes, e Gama o recebe. Ninguém melhor que Camões saberia variar os movimentos de uma poesia brilhante: se, no come-

ço, revela as pompas do Olimpo, agora exhibe a nossos olhos o luxo da Europa e das regiões vizinhas da Ásia. Suas pinturas são preciosas para nosso século, e continuamente ele as diversificou.

Logo o rei está na chalupa do herói português. Desde os primeiros momentos de uma entrevista tão propícia, atesta que a glória de sua nação não é ignorada: fala-lhe das façanhas de seus compatriotas em Tânger e Ceuta. Gama agradece a recepção de modo ao mesmo tempo nobre e tocante. O navio acolheu-os, o rei admirou tudo; em seguida, uma curiosidade ardente leva-o a perguntar pela história dos viajantes, cuja coragem o espanta, que sabem se fazer temer e amar; Vasco prepara-se para o satisfazer. Assim termina o segundo canto.

Muito se criticou a maneira pela qual se anuncia este relato. Grandes escritores deram mesmo a entender que era absurdo e que um bárbaro não poderia compreender o Gama. Parecemos esquecer o grau de instrução então dos árabes. O rei de Melinde já conhecia os portugueses, o rumor de suas descobertas chegou a seus ouvidos; é natural que deseje conhecer uma nação cuja nomeada chegou tão longe.

Este relato, que ocupa quase dois terços do poema, parece ser a parte mais importante aos olhos de Camões, que deseja fazer dele os fastos nacionais. Seu espírito se deixou guiar pela equidade, e ao buscar ser verdadeiro tornou-se sublime. Mas não podemos exigir dele o interesse de outros épicos modernos e situações atraentes, pois sacrifica tudo a uma nobre e tocante educação.

O terceiro canto e o seguinte são, pois, muito difíceis de analisar, e seu grande mérito reside no estilo: algumas palavras dão a compreender uma grande ação. Mas seria preciso citar muito, espaço que foi recusado.

Gama descreve primeiramente a Europa. A poesia de Camões assume a elevação verdadeiramente digna do assunto. Quando, após falar da Espanha, chega à Lusitânia, sua sensibilidade desperta.

Alguns anos bastaram para esquecer as injustiças de Portugal e o adeus dirigido a ele:

Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne, com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo.¹⁸⁹

110 Mas, após este elã da alma, o poeta retorna à severidade de Clio. Narra a história dos reis que fundaram a glória nacional: Henrique recebendo de Castela a Lusitânia como prêmio de sua valentia; a coragem audaciosa de Afonso I, que o mais nobre devotamento conspira para conservar sua coroa. Com ele os mouros são aniquilados na famosa batalha de Ourique,¹⁹⁰ em que treze mil portugueses combateram trezentos mil mouros e venceram-nos, libertando seu território de um jugo duplamente odioso. Esta batalha, admiravelmente descrita, dá a compreender o heroísmo dos primeiros tempos da monarquia. Após ter levado suas conquistas à Espanha e a Portugal, Afonso é aprisionado; e quando recupera a liberdade, é privado de suas conquistas. Os anos imprimem-se em sua fronte venerável, mas seu filho precisa de socorro, ele parte, e os mouros são de novo vencidos.

Sancho carrega dignamente o nome de seu pai. Afonso II¹⁹¹ sustenta a glória de seu antepassado. Mas, sob o reinado seguinte, um rei, jogado na indolência, deixa correrem as rédeas do governo;¹⁹² seu irmão toma o cetro,¹⁹³ que lhe entrega a nação, e a vitória, despertada, expulsa para sempre os africanos.

Dinis, cujo reino sereno foi precedido por tantos combates, leva os títulos devidos a um rei pacífico que sabe tornar-se guerreiro.

Afonso IV não apresenta todas as virtudes de seu pai; mas sua coragem indomável torna-o um beneficiário da Providência, quando é preciso aniquilar os mouros que infestam Castela. É nos campos de Tarifa¹⁹⁴ que o africano encontra seu túmulo, e a batalha em que

sucumbiu tem todas as características cavalheirescas de que os dois partidos estavam animados.

Afonso retorna à sua pátria. O poeta, que, até o presente, conduziu-nos em permanente admiração, mostra agora que sabe fazer correrem as lágrimas.

Quero falar do célebre trecho que conclui o terceiro canto.

Lendo este episódio tocante, em que estão reunidos tantos gêneros de mérito, quem não se sentiria emocionado? O próprio Voltaire¹⁹⁵ proclamou-o uma obra-prima, ainda que nem sempre faça justiça às outras belezas do poema. Parece, tanta melancolia há nesse canto queixoso, que este é um último grito de dor escapado do infeliz Pedro, cuja constância o fez sobreviver ao desespero. Assim como não o vemos negligenciar nenhum dos fatos que asseguram a glória da nação, Camões congrega tudo o que pode excitar uma nobre tristeza; mas ele é simples em seus pesares, e vemos que se dirige a homens já vivamente tocados por uma tradição antiga. Não se esforça por aumentar a dor, ele relembra o que já fez tantas vezes correrem as lágrimas.

O fim de Inês é uma dessas catástrofes patéticas cuja recordação se espalha em todas as nações. Só lembrarei seus traços principais.

Entre os portugueses, seus infortúnios e os de Pedro são tão célebres quanto, entre nós, os de Heloísa e Abelardo.¹⁹⁶ Mas a posição da vítima, sua resignação, seu final trágico, tudo devia torná-la o objeto dos cantos mais nobres e mais tocantes. Também os poetas ilustres da nação eternizaram sua infelicidade. E, com efeito, que história pode produzir uma impressão mais viva e mais profunda? Uma mulher dotada da beleza arrebatadora, do caráter mais tocante, torna-se um objeto de ira para alguns seres ferozes, cujo único guia é uma política odiosa. Seu crime é ter amado e sido amada. Como sua existência opõe-se a uma aliança entre Castela e Portugal, sua morte é friamente resolvida. Um monarca inflexível ordena que

se aprestem: mas ele ainda não viu a vítima, ainda não abraçou as inocentes criaturas cuja mãe arrancará deles. Inês de Castro aparece, e o inflexível rigor de Afonso se dissipa: ele perdoa. A covardia e a ambição não perdoam; a ira dos ministros sobrepassa à de seu senhor. De modo indigno, eles exigem a morte de uma mulher, como se imploraria uma graça. Não basta ter obtido um espantoso sacrifício, querem usufruir todos os seus direitos, e esses direitos são os do carrasco: eles mesmos atacam a vítima.

Por muitos anos, Portugal oferece um espetáculo impressionante: o filho arma-se contra o pai, e responde pelo nome de Inês a todas as propostas que ousam lhe fazer. O sangue corre por todo lugar em que aquele nome é repetido. O príncipe sobe ao trono, e sua dignidade suprema não o faz esquecer nada. É então que explode seu furor; é então que deve espantar a Europa. Com efeito, sua vingança é tão assustadora quanto o crime. Seus inimigos são-lhe entregues; não lhes impõe apenas a morte: no meio das chamas em que perecem, insultos duplicam seu suplício, e eles expiram sem ouvir uma palavra de piedade.

112

Que cena imponente sucede a esse horror! Ela basta para eternizar o nome de um príncipe que teria talvez permanecido ignorado; ela o une às mais nobres lembranças. Ao final dos séculos, ela ainda lembra seu amor, para nos enternecer com seu infortúnio.

Aquela que uma aliança secreta unia ao príncipe é declarada rainha perante todos os grandes do reino. A morte não pode roubar de Inês um cetro que a constância lhe reserva. A morte não pode lhe arrebatara nenhuma das homenagens que lhe são devidas. Ela sai do túmulo para recebê-las, e estas honras são-lhe rendidas.

Eis o fato histórico que Camões tornou ainda mais célebre. Traçando os infortúnios de uma mulher inocente, seus versos alcançam nova harmonia; lendo as queixas de Inês, crer-se-ia ouvir seus suspiros dolorosos:

Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito

(Se de humano é matar uma donzela,
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vencê-la)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens à morte escura dela;
 Mova-te a piedade sua e minha,
 Pois te não move a culpa que não tinha.

E se, vencendo a Maura resistência,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe também dar vida com clemência
 A quem peja perdê-la não fez erro.
 Mas, se to assi merece esta inocência,
 Põe-me em perpétuo e mísero desterro,
 Na Cítia fria, ou lá na Líbia ardente,
 Onde em lágrimas viva eternamente.

Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres, e verei
 Se neles achar posso a piedade
 Que entre peitos humanos não achei.
 Ali co amor intrínseco e vontade
 Naquele por quem morro, criarei
 Estas relíquias suas que aqui viste,
 Que refrigério sejam da mãe triste.¹⁹⁷

No quarto canto, o poeta mostra-nos Portugal entregue a divisões internas, fomentadas pela paixão culpável de uma rainha, e a invasão dos espanhóis, que desejam colocar no trono de Portugal, em detrimento de João I, uma outra odiada rainha. Aqui, o poeta dá a conhecer este herói que os portugueses colocam acima dos demais. O condestável Nuno Álvares Pereira¹⁹⁸ aparece, arenga para seus soldados, combate os castelhanos e salva a monarquia. A batalha de Aljubarrota é pintada com novas cores. Percebe-se aí não sei que amor mais ardente da pátria que defende a glória nacional.

João reconquista seu trono e conduz seus guerreiros, tantas vezes bravos na Europa, à África. Sob Duarte, o infortúnio é o preço do trono, é sempre o tempo do heroísmo. Fernando, irmão do rei, deve entregar Ceuta aos infiéis ao preço de sua liberdade:

Só por amor da pátria está passando
A vida de senhora feita escrava.¹⁹⁹

Reina Afonso V,²⁰⁰ e a Lusitânia reergue a frente humilhada. Arzila, Tânger, Alcáçar viram-no vencedor; quando retorna à Europa, é vencido, por sua vez, pelos castelhanos. Mas então a coragem de seu filho consola-o da derrota.

114 Sob João II, nova era começa para Portugal. O rei quer obter glória diferente da que ilustrou seus ancestrais. Dirige seu olhar inquisitivo para o oceano. Por suas ordens, intrépidos viajantes visitam as regiões desconhecidas da África. Sob Manuel, a rota da Índia deve abrir-se, e o poeta sente reanimar-se ainda o poder de seu gênio para pintar um sonho do rei, em que os rios que banham as terras da Índia, o Ganges e o Indo, lhe prometem fácil conquista. O rei aceita o augúrio, seu conselho se reúne; Gama é encarregado de descobrir a rota que conduz a esse novo império. Aqui o caráter do almirante mostra-se por inteiro. Percebe-se que ele é digno de semelhante empresa.

A frota é equipada, os navios vão partir, lágrimas vão rolar.²⁰¹ Compreende-se que o poeta deixou sua pátria e que também ele viu mães beijarem os filhos, mulheres soluçarem nos braços dos esposos. Camões, dotado da mais bela alma, descrevendo o que sentiu, também aí é admirável. Se pinta a potência dos lugares da natureza, pinta também o poder da ambição, e os infortúnios que ela pode causar, anunciados por um velho que se dirige aos navegadores; e este velho, a quem o prestígio das conquistas não seduz, que fala de uma outra glória a obter, é sublime nas expressões, como em seus pensamentos. Junto ao rio, em que instrui um povo repleto de ardor

louco, tem a linguagem potente que deve conservar a sabedoria sustentada pelo gênio. Não quer que se vá buscar tão longe homens a combater. Ele os quer na Europa, às portas de Portugal, nas regiões santas que estão oprimidas.

Suas palavras, porém, são inúteis, a frota parte, e o quinto canto representa os portugueses vagando sobre os mares então muito pouco conhecidos. Logo que ultrapassam a Madeira, “das que nós povoamos, a primeira, mais célebre por nome que por fama”,²⁰² visitam as ilhas Afortunadas, cujas fontes lhes fornecem água pura. Costeiam a África e já passam o Equador. O poeta ainda não descreveu nenhum destes fenômenos que observamos durante uma longa navegação. Mas suas pinturas serão novas, elas não lembram nenhuma das então conhecidas. Para descrever uma tromba-d’água, não podia encontrar as cores entre os antigos. Fornece-as sua profunda observação. Eu mesmo já fui testemunha, há alguns anos, deste espetáculo que causa, entre os viajantes, tanta admiração e medo. Reli Camões e percebi que ele era um dos grandes pintores dos fenômenos da natureza.

115

Seguimos Vasco da Gama em sua navegação, vemo-lo visitando as costas da África e descrevendo a surpresa estúpida dos selvagens. Em um relato talvez não inteiramente digno da epopeia, mas animado pela mais graciosa brincadeira, o poeta parece querer tornar mais surpreendente e mais forte a cena imponente que prepara. Um jovem guerreiro cheio de uma temeridade tola visita os selvagens da costa; obrigado a fugir, torna-se objeto das zombarias de seus companheiros. Uma chalupa avança para recebê-lo, e a frota continua sua viagem. Veloso conta sua aventura, enquanto novo quadro espanta os viajantes. Aqui, para compreender, é preciso citar, nada pode substituir as menores expressões do poeta:

Porém já cinco Sóis eram passados
Que dali nos partíramos, cortando

Os mares nunca d' outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando,
Quando uma noite, estando descuidados
Na cortadora proa vigiando,
Uma nuvem que os ares escurece,
Sobre nossas cabeças aparece.

Tão temerosa vinha e carregada,
Que pôs nos corações um grande medo;
Bramindo o negro mar, de longe brada,
Como se desse em vão nalgum rochedo.

– «Ó Potestade, disse, sublimada:
Que ameaço divino, ou que segredo
Este clima e este mar nos apresenta,
Que mor cousa parece que tormenta?
Não acabava, quando uma figura
Se nos mostra no ar, robusta e válida,
De disforme e grandíssima estatura;
O rosto carregado, a barba esquelada,
Os olhos encovados, e a postura
Medonha e má, e a cor terrena e pálida,
Cheios de terra e crespos os cabelos,
A boca negra, os dentes amarelos.

Tão grande era de membros, que bem posso
Certificar-te, que este era o segundo
De Rodes estranhíssimo Colosso,
Que um dos sete milagres foi do mundo:
C'um tom de voz nos fala horrendo e grosso,
Que pareceu sair do mar profundo:
Arrepiam-se as carnes e o cabelo
A mi e a todos, só de ouvi-lo e vê-lo!
E disse: – «Ó gente ousada, mais que quantas
No mundo cometeram grandes cousas,
Tu, que por guerras cruas, tais e tantas,

E por trabalhos vãos nunca repousas,
 Pois os vedados términos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo há já que guardo e tenho,
 Nunca arados d' estranho ou próprio lenho:
 Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do húmido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de imortal merecimento,
 Ouve os danos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento,
 Por todo o largo mar e pela terra
 Que inda hás-de sojugar com dura guerra.
 Sabe que quantas naus esta viagem
 Que tu fazes, fizerem, de atrevidas,
 Inimiga terão esta paragem
 Com ventos e tormentas desmedidas.

E da primeira armada que passagem
 Fizer por estas ondas insofridas,
 Eu farei d'improviso tal castigo
 Que seja mor o dano que o perigo.
 Aqui espero tomar, se não me engano,
 De quem me descobriu, suma vingança.
 E não se acabará só nisto o dano
 De vossa pertinace confiança:
 Antes em vossas naus vereis cada ano,
 Se é verdade o que meu juízo alcança,
 Naufrágios, perdições de toda sorte,
 Que o menor mal de todos seja a morte.
 E do primeiro Ilustre, que a ventura
 Com fama alta fizer tocar os Céus,
 Serei eterna e nova sepultura,
 Por juízos incógnitos de Deus.

Aqui porá da Turca armada dura

Os soberbos e prósperos troféus;
Comigo de seus danos o ameaça
A destruída Quíloa com Mombaça.
Outro também virá, de honrada fama,
Liberal, cavaleiro, enamorado,
E consigo trará a fermosa dama,
Que Amor por grã mercê lhe terá dado.
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado,
Os deixará dum cru naufrágio vivos,
Pera verem trabalhos excessivos.

Verão morrer com fome os filhos caros,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres ásperos e avaros,
Tirar à linda dama seus vestidos;
Os cristalinos membros e perclaros
À calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada, longamente
Co'os delicados pés a areia ardente.

E verão mais os olhos que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes míseros ficarem
Na férvida e implacábil espessura.

Ali, depois que as pedras abrandarem
Com lágrimas de dor, de mágoa pura,
Abraçados as almas soltarão
Da formosa e misérrima prisão.»

Mais ia por diante o monstro horrendo
Dizendo nossos fados, quando alçado
Lhe disse eu: – «Quem és tu? que esse estupendo
Corpo certo me tem maravilhado! »
A boca e os olhos negros retorcendo,
E dando um espantoso e grande brado,

Me respondeu, com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pesara:
 – Eu sou aquele oculo e grande Cabo²⁰³

Montesquieu anotou que este poema engloba as belezas dignas da *Eneida* e da *Odisseia*; a reflexão é correta.²⁰⁴ E como o estilo se modifica! Como este gigante expressa o ardor pela esposa de Peleu que o incendeia! Como ele faz compreender seu furor, pintando a maneira como foi enganado! Ele levou destruição ao império do oceano, enquanto a ninfa promete-lhe cumular seus votos. Ouçamo-lo ainda:

Já néscio, já da guerra desistindo,
 Uma noite de Dóris prometida,
 Me aparece de longe o gesto lindo
 Da branca Tétis única despida:
 Como doudo corri de longe, abrindo
 Os braços, para aquela que era vida
 Deste corpo, e começo os olhos belos
 A lhe beijar, as faces e os cabelos.

119

Oh que não sei de nojo como o conte!
 Que, crendo ter nos braços quem amava,
 Abraçado me achei c'um duro monte
 De áspero mato e de espessura brava.
 Estando c'um penedo fronte a fronte,
 Que' eu pelo rosto angélico apertava,
 Não fiquei homem não, mas mudo e quedo
 E junto dum penedo outro penedo!²⁰⁵

Após pintar a fuga dos lugares em que a vergonha o perseguia, expõe qual foi seu castigo:

Converte-se-me a carne em terra dura;
 Em penedos os ossos se fizeram,

Estes membros que vês e esta figura,
Por estas longas águas se estenderam;
Enfim, minha grandíssima estatura
Neste remoto Cabo converteram
Os Deuses, e por mais dobradas mágoas,
Me anda Tétis cercando destas águas.

Assi contava, e c'um medonho choro,
Súbito d' ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'um sonoro
Bramido muito longe o mar soou.²⁰⁶

Não comento essa citação do mais belo trecho de *Os Lusíadas*; contentar-me-ei em dizer, como um de nossos autores, que é provavelmente a obra-prima da epopeia.²⁰⁷

120 Os heróis prosseguem a viagem; ao longo das costas da África, veem novas regiões e começam a experimentar novos problemas. As calmarias, as tempestades, as doenças tornam mais terrível a navegação por mares desconhecidos; e, se a terra oferece-lhes asilo momentâneo, muitos guerreiros encontram o fim de seus males em margens estrangeiras:

Enfim que nesta incógnita espessura
Deixamos para sempre os companheiros,
Que em tal caminho e em tanta desventura
Foram sempre conosco aventureiros.
Quão fácil é ao corpo a sepultura!
Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
Receberão de todo o Ilustre os ossos.²⁰⁸

Em seguida, Vasco da Gama relembra a perfídia de Mombaça; alegre-se por ter encontrado enfim um asilo; entende-se, porém, que ele se prepara para novos trabalhos e que despreza os perigos a serem logo enfrentados. O poeta, descrevendo a glória de seus

heróis, tem a nobre consciência da que lhe pertence e que parecia ser então recusada ao gênio.

O sexto canto apresenta o Gama desdenhando as delícias de que o cerca um rei admirador de sua coragem. Deixa esse país hospitaleiro, e seus barcos navegam outra vez sobre mares desconhecidos. Os audazes navegadores alcançam o final de sua viagem quando o deus que os persegue busca ainda provocar novos perigos. Baco desce ao palácio de Netuno; implora seu poder; incendeia seu ódio, estimulando o ciúme. Por suas ordens, Tritão reúne os deuses do império aquático, e o conselho se encontra no palácio esplendoroso que oferece maravilhas desconhecidas à terra. Baco fala, seu discurso respira inveja e cólera. Apesar do ódio, paga um tributo de homenagem ao valor dos portugueses: percebe que esses guerreiros o privarão de seu império, como tornar-se-ão os donos do oceano. Seu ódio não é infrutífero. Logo os deuses compartilham seu furor. Em vão Proteu quer falar a seu favor, não é escutado: os navegadores devem morrer, um mensageiro de Netuno ordena ao arrebatado Éolo livrá-los no mesmo instante da superfície dos mares.

Camões logo deixa as profundezas deste oceano, em que seu talento flexível soube reunir deuses diferentes daqueles que já havia pintado. Voltamos à superfície das ondas que os navios fendem pacificamente. É noite. É preciso destacar os prazeres da viagem. Logo um jovem guerreiro toma a palavra; é Veloso, cujo espírito ardente entrega-se a relatos de aventuras e de combates, recordando com imaginação brilhante a história dos doze portugueses que foram vingar em Londres as ofensas feitas à beleza. Nada mais animado que este episódio, nada mais cavalheiresco que a pintura dos torneios e que as festas celebradas. Lamento de novo que o espaço me impeça de citá-lo inteiro, mas resumirei o assunto.

Ao tempo de João I, armou-se uma querela em Londres entre as jovens beldades da corte e alguns cavaleiros cujos insultos eram graves; mas eles eram temidos, e ninguém ousava aceitar o combate que

ofereciam. As damas ofendidas dirigem-se a Lancaster, que conhecia o valor dos portugueses e frequentemente compartilhou seus perigos, admirando suas conquistas. Ele estimula as belas compatriotas a reclamar a coragem de doze cavaleiros que brilham na corte de Lisboa. A mensagem parte, e os jovens cavaleiros aceitam com alegria a nova ocasião de mostrar seu valor e sua galanteria. Partem. Um único dentre eles desejaria conquistas mais árduas, seu valor ardente exige outros perigos. Ele combaterá pelas moças de Albion; mas, durante sua viagem, procurará outras aventuras, verá outras regiões. Parte-se, chega-se. O dia do torneio é marcado. Magriço não aparece, e aproxima-se a hora do combate. A corte reúne-se, as beldades ofendidas triunfam. Uma só fica triste, é a que o cavaleiro ausente devia vingar, esperado em vão pelos companheiros. De repente, um barulho surdo faz-se ouvir: é ele, cumprirá sua promessa, coloca-se entre os portugueses. A dama que deveria defender, em lugar das roupas de luto, reveste-se de ouro e de púrpura. O sinal é dado, e o combate começa:

122

Já dão sinal, e o som da tuba impele
 Os belicosos ânimos, que inflama:
 Picam d' esporas, largam rédeas logo,
 Abaixam lanças, fere a terra fogo;
 Dos cavalos o estrépito parece
 Que faz que o chão debaixo todo treme;
 O coração no peito, que estremece
 De quem os olha, se alvoroça e teme:
 Qual do cavalo voa, que não desce;
 Qual, co' o cavalo em terra dando, geme;
 Qual vermelhas as armas faz de brancas;
 Qual co' os penachos do elmo açouta as ancas.

Algum dali tomou perpétuo sono
 E fez da vida ao fim breve intervalo;
 Correndo algum cavalo vai sem dono,
 E noutra parte o dono sem cavalo.

Cai a soberba Inglesa de seu trono,
 Que dous ou três já fora vão do valo;
 Os que de espada vêm fazer batalha,
 Mais acham já que arnês, escudo e malha.
 Gastar palavras em contar extremos
 De golpes feros, cruas estocadas,
 É desses gastadores, que sabemos,
 Maus do tempo, com fábulas sonhadas.
 Basta, por fim do caso, que entendemos
 Que com finezas altas e afamadas,
 Co'os nossos fica a palma da vitória,
 E as damas vencedoras, e com glória.²⁰⁹

Veloso fala ainda das festas brilhantes que celebram o valor dos portugueses. Mas apressa seu relato, funestos pressários fazem prever a tempestade: a ordem de Netuno foi escutada, o temporal explode, e gritos de aflição substituem as histórias do marinheiro. A pintura da agitação dos elementos é realizada com admirável energia, e concordamos com Millié, Camões mostra-se aqui quase à altura de Virgílio.²¹⁰

123

Poderemos julgá-lo pelo traço que termina o quadro. Vasco da Gama invoca o Céu, inveja a morte dos que não foram esquecidos e ganharam um renome eterno, combatendo pela fé:

Assi dizendo, os ventos, que lutavam
 Como touros indómitos bramando,
 Mais e mais a tormenta acrecentavam,
 Pela miúda enxárcia assoviando.
 Relâmpados medonhos não cessavam,
 Feros trovões, que vêm representando
 Cair o céu dos eixos sobre a terra,
 Consigo os elementos terem guerra.²¹¹

Aqui encontramos, de maneira não muito satisfatória, os efeitos do maravilhoso empregado por Camões. Ele invocou a Pro-

vidência celeste, o Deus que antes salvou Israel; e é Vênus que, mais uma vez, socorre a frota portuguesa. Mas a maneira como pacifica as ondas é encantadora, e somos desarmados por tanta graça.

Camões, cujo gosto podia perder o rumo, mas que é sempre nobre, pleno da mais alta moral, dirige-se, ao final desse canto, a seus compatriotas, com a autoridade de um guerreiro que envelheceu nos combates. A grande empresa está quase chegando ao final, e ele diz como se conquista a glória que a assinalou:

Mas com buscar co' o seu forçoso braço
As honras, que ele chame próprias suas;
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Sofrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'um árduo sofrimento.²¹²

124

No canto seguinte, as margens da Índia aparecem aos portugueses. Se o poeta estimulou os compatriotas à perseverança, celebra agora sua glória, comparando-os às outras nações. E, quando conduz seu olhar para a mais nobre das regiões, é assim que se dirige aos reis:

Aquelas invenções feras e novas
De instrumentos mortais da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Bizâncio e de Turquia.
Fazei que torne lá às silvestres covas
Dos Cáspios montes, e da Cítia fria
A Turca geração, que multiplica
Na polícia da vossa Europa rica.
Gregos, Traces, Armênios, Georgianos,
Bradando-vos estão que o povo bruto
Lhe obriga os caros filhos aos profanos
Preceptos do Alcorão (duro tributo!)

Em castigar os feitos inumanos
 Vos gloriái de peito forte e astuto,
 E não queirais louvores arrogantes
 De serdes contra os vossos mui possantes.²¹³

Sim, nesse nobre elã,²¹⁴ reconheço o caráter do poeta: ele chama os cristãos para socorrer os gregos; desde o século XVI, ele impõe às nações o dever de torná-los livres. Que diria, se tivesse sido, como nós, testemunha das façanhas que apagaram as da Antiguidade? Após ter emprestado a uma causa santa o socorro de seu gênio, ofereceu-lhes o socorro de sua coragem. Como um poeta que lamentamos,²¹⁵ quis combater e cantar pela nobre Grécia; e, por esses dois exemplos, a Europa teria de enrubecer duplamente por sua indiferença.

Chegamos a um porto da Índia: a frota toca as margens. Um enviado do Gama, sob suas ordens, comunica ao monarca dessas regiões a chegada dos portugueses. O mensageiro encontra um jovem mouro que já visitara a Lusitânia, de nome Monçaide. O Gama pode interrogá-lo, e ele explica ao herói a que região chegou, qual é seu nome, quem são seus habitantes. Monçaide descreve-lhe o império de Calicute. Logo o Samorim, informado da chegada dos estrangeiros, quer conhecê-los. O Gama desembarca e, nas margens, é recebido pelo Catual, ao qual todos obedecem após o soberano. Ele atravessa a cidade; a cada momento duplica seu espanto, e os quadros mais variados formam bem realizado contraste, por sua novidade, com os que já vimos. Por fim, um brâmane conduz o Gama até o trono; pela primeira vez, um guerreiro da Europa oferece a amizade de seu rei ao soberano da Índia. Ele pinta as vantagens que lhe pode oferecer o comércio dessas regiões. O monarca hesita, mas Monçaide é seu intérprete, que descreve com calor a glória desses estrangeiros:

E se queres, com pactos e lianças
 De paz e de amizade sacra e nua

Comércio consentir das abundanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Por que cresçam as rendas e abastanças
Por quem a gente mais trabalha e sua,
De vossos Reinos, será certamente
De ti proveito, e dele glória ingente.²¹⁶

Seus discursos levam o Catual a visitar a frota portuguesa. É recebido na nau capitânia, as bandeiras são expostas.²¹⁷ O ministro do Samorim dirige seu olhar para os altos feitos que a pintura descreve. Camões, sempre nacional, ainda encontra meio de homenagear o valor dos portugueses. Mas, antes de se entregar ao amor patriótico, deixa escapar algumas queixas; descreve seus sofrimentos e rasga os corações, dando a perceber que sua infelicidade é obra dos ingratos que cantava. Entretanto, o amor ardente pela pátria não enfraqueceu; tange sua lira para obter brilhantes acordes, e logo sua voz emotiva toma uma força nova: há vitórias a cantar. Diz ele:

126

Nem creiais, Ninfas, não, que fama desse
A quem ao bem comum e do seu Rei
Antepuser seu próprio interesse,
Imigo da divina e humana Lei.
Nenhum ambicioso. que quisesse
Subir a grandes cargos, cantarei,
Só por poder com torpes exercícios
Usar mais largamente de seus vícios.²¹⁸

Com efeito, não celebra os ilustres do tempo; não elogia os homens que podiam espantar a miséria de seu modesto asilo. É a antiga glória da nação que canta. Voltou seu olhar para todas as épocas, buscou as belas ações dos lusitanos, até a obscuridade dos séculos. Para exaltar a alma de seus compatriotas, dir-se-ia que tentava ler o futuro.

Suas nobres inspirações eram consagradas aos portugueses;

que os estrangeiros não o esquecessem; que não buscassem unicamente nesse canto o interesse da ação, a imaginação que diverte; aí encontrarão o entusiasmo que educa e que funda o espírito nacional.

O irmão do Gama mostra inicialmente ao Catual o velho Luso, que buscou asilo nos vales do Douro e do Guadiana; Ulisses, que fundou Lisboa; e Viriato, que, trocando o cajado por uma lança, fez tremer os mestres do mundo; Sertório, que guiou as falanges lusitanas contra sua pátria injusta. Chega ao fundador da monarquia, a Henrique, que irá santificar sobre o túmulo de Cristo a estirpe dos reis de Portugal. Invoca a seguir Afonso, que expulsou os mouros do reino que o pai lhe deixou, e elevou a voz para celebrar sua coragem.

Egas Moniz soube dizer a verdade aos reis e é cantado como eles. Fuas, o Lutácio²¹⁹ português, vê suas ações inscritas entre as de outros heróis. Teotônio, padre e soldado, brande sua fulminante espada contra os mouros de Arronches; Mem Moniz imita seu digno pai, “digno destas bandeiras, pois sem falta / a contrária derriba e a sua exalta.”²²⁰ Camões nomeia também Giraldo, o Sem-Pavor dos portugueses; Mateus, pastor dos povos e vingador de sua tropa; Correia, que soube conquistar o Algarve; Ribeiro, vencedor dos cavaleiros castelhanos; anima-se ainda para falar dos campos de Aljubarrota, onde a poderosa armada dos castelhanos foi aniquilada. Nomeia Nuno Álvares Pereira e comemora: “Ditosa pátria que tal filho teve! Mas antes, pai!”.²²¹ Rodrigues de Landroal, Fernandes de Elvas, Pereira, “que co’o rosto / faz escudo às galés”,²²² são os heróis cantados a seguir; e os dezessete portugueses que se defenderam contra quatrocentos castelhanos fazem-no dizer, com justa razão, que o português jamais enumera seus inimigos. Pedro, Henrique, os ilustres Meneses, são nomeados: o poeta se interrompe diante dos vários heróis ainda a cantar.

Enquanto isso, o Samorim reúne os sacerdotes e consulta-os sobre a chegada dos estrangeiros. Eles predizem sua vitória, e logo Baco atiza o ódio que os muçulmanos devem ter pelos cristãos. Por

execrarem os dois povos que habitam a região, eles devem morrer. O espírito do soberano é prevenido contra os navegadores. Parece olhar o Gama como um pirata vil; exige dele presentes que atestem o poder de seu rei. Mas o nobre Gama fala, e a confiança volta ao espírito do Samorim. Entretanto, no momento em que o almirante retorna a seus barcos, o Catual quer retê-lo; ele insiste para que os navios se aproximem da terra, e a prudência do guerreiro salva a frota dos maiores perigos. Porém, para obter sua liberdade, consente em enviar as mercadorias exigidas. Álvaro e Diego supervisionam a venda. Eles são pagos. Aqui, o poeta fica indignado com eloquência contra o amor pelo ouro, que envergonha tantos corações, que anima tantas traições.

O nono canto começa:

Que os Infiéis, por manha e falsidade,
Fazem que não lha comprem mercadores;
Que todo seu propósito e vontade
Era deter ali os descobridores
Da Índia tanto tempo, que viessem
De Meca as naus, que as suas desfizessem.²²³

128

Eles seriam vítimas da perfídia, se Moçaide não lhes chamasse a atenção. Álvaro e Diego são chamados pelo almirante, mas o ministro os retém, e Gama, usando de justa represália, mantém à bordo do navio vários comerciantes indianos que ali negociavam. A medida tem um efeito positivo; logo, a frota pode partir. Os navegadores reverão sua pátria. Eles cortam outra vez os mares; e Vênus, feliz com seu sucesso, prepara-lhes doce repouso em uma ilha que ela mesma prazerosamente embeleza. Nada mais gracioso, nada mais poético que esse episódio encantador. Não se concebe como um grande escritor pôde dizer que, nesta ocasião, as pinturas de Camões eram mais dignas dos lugares em que se reúnem os marujos de Amsterdam, que da epopeia.²²⁴ Não podemos entender como o

Abade Delille²²⁵ pôde reproduzir essa crítica inconveniente, e os que leram Camões gostam de repetir com Mickle, seu tradutor inglês:²²⁶

“Todos os quadros que apresentam a ilha de Vênus lembram as formas puras da Vênus de Médici. As descrições são vivas e animadas, mas castas, como os primeiros amores de Adão e Eva em Milton,²²⁷ e inteiramente separadas das expressões duras que encontramos frequentemente em Dante,²²⁸ Ariosto,²²⁹ Spenser²³⁰ e no próprio Milton.^{231” 232}

Lamento de novo não ter espaço para este episódio encantador da tradução de Millié. Analiso-o brevemente. Os portugueses navegam há algum tempo, quando a deliciosa ilha que Vênus acaba de embelezar se apresenta a seus olhos; ela está povoada de ninfas encantadoras, que fogem primeiro e a quem os guerreiros perseguem. Mas a vitória define-se logo:

Para lá logo a proa o mar abriu,
Onde a costa fazia uma enseada
Curva e quieta, cuja branca areia,
Pintou de ruivas conchas Citereia.²³³

129

Nada mais gracioso que o discurso de um jovem soldado a quem o amor sempre maltratou e que implora em vão uma ninfa que foge dele. Logo o mais doce acordo reina no seio dessa ilha de delícias: a própria Tétis, a bela Tétis, está reservada por amor ao conquistador dos mares, e ela imediatamente lhe revela os mais nobres segredos. Ela o conduz ao cimo de uma montanha, a um palácio de ouro e de cristal, onde o filho de Vênus reuniu todos os prazeres, onde o futuro será revelado.

Chegamos ao décimo canto. Vemos ainda desenrolarem-se os anais do heroísmo. Os cantos sucedem aos festins. Aos acordes magníficos da lira, une-se subitamente uma das ninfas com uma voz mais melodiosa que a das sereias. Mas aqui o poeta se interrompe

um momento, necessário para retomar as forças e celebrar as novas façanhas. Seus tristes anos levam-no à decadência. Ainda alguns dias, ele terá visto escapar seu verão:

A Fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto nem me abono,
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono.
Mas tu me dá que cumpra, ó Grã Rainha
Das Musas, co' o que quero à nação minha!²³⁴

Ele invoca a rainha das Musas da maneira mais tocante.

Ela dá-lhe uma força nova, e ele lembra os cantos da jovem divindade que lê o futuro. Mostra ao Gama as cidades do Samorim entregue às chamas.²³⁵ O grande Pacheco, o Aquiles da Lusitânia,²³⁶ chega, e os indianos são vencidos por um punhado de combatentes. Muitas façanhas sucedem a essas, e o grande homem é perseguido.

130 A deusa expressa com dor:

Ó Belisário, disse, que no coro
Das Musas serás sempre engrandecido;
Se em ti viste abatido o bravo Marte,
Aqui tens com quem podes consolar-te!²³⁷

Não acompanharemos a ninfa em todas inspirações proféticas; percebe-se aí o segredo da mais alta poesia. Ela nos conduz ao meio dos mares da Índia, às ilhas que eles banham, e por tudo vê grandes façanhas a narrar. Mas chega ao dia em que Gama encontrará a morte. O herói não se emociona:²³⁸ os cantos predizem novos combates, honra da Lusitânia.

A ninfa não relata outras vitórias. Tétis mostra aos portugueses maravilhas ainda maiores que as que inflamaram sua imaginação. Eles chegam a alturas até então inacessíveis:

Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde um campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis, tais que presume
 A vista que divino chão pisava.
 Aqui um globo vem no ar, que o lume,
 Claríssimo por ele penetrava,
 De modo que o seu centro está evidente,
 Como a sua superfície, claramente.²³⁹

É o edifício do mundo; sua superfície radiante é Deus.²⁴⁰ A deusa, em uma poesia brilhante, conta a construção do mundo, a marcha dos corpos celestes; faz o guerreiro ver as regiões mais célebres da terra; dirige seu olhar para os lugares santos reverenciados pelos cristãos, que lhe lembram as antigas tradições. Mas, por uma estranha extravagância, e de mau gosto, Tétis celebra o martírio de São Tomé. Após esse trecho singular, a deusa continua as descrições e mostra ao herói o rio caridoso cujas margens hospitaleiras receberão um poeta infeliz. A China, o Ceilão, o Novo Mundo apresentam-se, cada um, aos olhos dos guerreiros e atestam a futura glória da nação.

131

Os portugueses acabam de usufruir o mais belo espetáculo que se poderia oferecer aos mortais. A deusa lembra-lhes a pátria; eles partem, e logo o Tejo os recebe em suas águas.

O poeta termina seu poema da maneira mais modesta e mais filosófica, dando sábios conselhos a um jovem monarca que os cortesãos enganavam, e essa linguagem faz sentir a nobreza que tem o direito de manter:

Pera servir-vos, braço às armas feito;
 Pera cantar-vos, mente às Musas dada.²⁴¹

Tal é o poema pouco conhecido na França, cujas belezas são compreendidas na excelente tradução de Millié.²⁴²

Não pretendo repetir aqui os elogios e as críticas de que *Os Lusíadas* foram objeto. Mas desconheceu-se por muito tempo essa

epopeia. Proveio de um de nossos grandes escritores, que observou uma natureza estrangeira e foi um dos primeiros, após mais de dois séculos, a dizer que havia coisas tocantes e às vezes sublimes em Camões.²⁴³ Madame de Staël empregou a mesma linguagem. Lemercier não ficou insensível ao elã do grande poeta, que admirava.²⁴⁴ Camões foi, pois, suficientemente vingado das críticas do padre Rapin,²⁴⁵ de Adrien Baillet,²⁴⁶ e mesmo das injustas censuras de Voltaire e de La Harpe. Não escondo seus defeitos. Sei que é talvez por demais historiador; que não destaca muito a ação principal; que peca às vezes pelo gosto; mas é preciso lembrar, com Chateaubriand, que foi o primeiro épico moderno.²⁴⁷

Acrescentarei que, se consideramos a alta poesia pelo lado de sua influência positiva sobre a moral, os povos, nenhum poeta pode ser elogiado como Camões. Ele não diverte como Ariosto, ele não interessa como Tasso; mas possui, mais que os outros, o ardente amor da pátria que penetra fogosamente em todos os corações e dá-lhes um nobre entusiasmo.²⁴⁸

132

O verdadeiro português que elevou então um monumento tão belo ao poeta da pátria fez-nos conhecer com algumas palavras o gênero de mérito que o honrará mais:

Naquele memorável cerco de Colombo em Ceilão, aonde brilhou como ultima luz o antigo valor dos portugueses na Ásia, é fama que os soldados oprimidos de fome e de trabalhos se aliviavam e animavam, repetindo em coro as estâncias do poema.²⁴⁹

Da criação e composição do homem, poema em três cantos atribuídos a Camões.

Poucas pessoas na França conhecem essa obra singular, e talvez não falasse dela se não tivesse por autor, segundo alguns,²⁵⁰ o maior poeta da nação. É um erro do gênio, que é preciso atribuir sobretudo à extravagância no século XVI.

Este poema é uma composição mística, muito difícil de entender e mais ainda de analisar. Gostaria pelo menos de dar uma ideia rápida dele.

O autor está no campo e descreve a época do ano em que se encontra, assim como o aspecto da natureza. Apresentarei aqui essa descrição, cujo estilo é notável:

Na mais fresca e aprazível parte do ano
 A Vênus dos antigos dedicada,
 Vênus amor de Marte e de Vulcano
 Formosa estrela do mar, e terra amada;
 Por cujo influxo amigo, brando e humano,
 Se mostra a primavera namorada,
 Guiando a destra mão da natureza,
 O sumo criador da redondeza.
 Quando a liberal terra guarnecida
 Com a humanidade do céu e temperança,
 De verde e vários esmalte revestida
 Mostra dos doces frutos a esperança;
 Em toda a planta e árvore florida,
 Com coroa e odorífera abundância,
 Então parece mais formosa e bela,
 Com o rigor brando da amorosa estrela.

Quando em sua liberdade as vagas aves,
 Com ledto canto o ar sereno enchendo,
 As manhãs graciosas mais suaves,
 E aprazíveis do fresco abril fazendo;
 Convidam a doce sono os corpos graves,
 Em leves sonos vão os entretendo,
 Ajuda o rouco tom da clara fonte,
 Que ao verde prado desce do alto monte.
 Em uma manhã destas pronto e esperto,
 Me detinha um profundo e grande cuidado
 Da estranha providência e alto conceito

Do criador de tudo o que é criado;
Como depois de dar número certo,
E ordem ao mundo esférico formado,
Formou logo com seu saber profundo,
De alto artifício outro pequeno mundo.²⁵¹

Após admirar as leis principais que regem o universo, o poeta adormece; tem uma visão, esta visão é o poema.

Vê primeiramente um edifício brilhante no meio do campo; mas este edifício, solidamente construído e munido de tudo que devia conservá-lo, logo se desmorona devido à falta de dois guardiões que comem um fruto proibido.

O autor vê apenas ruínas e desolação. Mas logo outro edifício mais brilhante e mais nobre é construído, que, entretanto, conserva qualquer coisa da imperfeição do anterior. A torre se ergue, uma jovem dama toma posse dela e deve comandá-la; ela é brilhante de esplendor. A torre é o edifício humano; a dama, sem dúvida, a alma.

134

No segundo canto, após estrofes muito belas sobre a diferença entre as obras de Deus e as dos homens, o poeta retorna a seu sonho, desejando ver o edifício de perto. Um espírito celeste que o guiara até então deixa de acompanhá-lo. Começa extravagante descrição do corpo humano, considerado um vasto edifício dividido em três partes e dominado por mestres que movem numerosos servidores. Não seguirei o poeta nessa pintura singular, que, confesso, custei a entender; mas, para dar uma ideia, exibirei a que diz respeito aos olhos:

Assentados estavam sobre fino
Marfim: as duas janelas alterosas,
Com vidraças de um puro cristalino,
Que as fazia mais claras e lustrosas;
E para defender-se do ar maligno,
Ou de outra coisa má umas formosas
Cortinas de cadilhos se cerravam,
E quando era necessário abrir tornavam.²⁵²

Não prosseguirei as citações, facilmente multiplicáveis e que comprovam inconcebível extravagância. Cabe acrescentar que, se, por um momento, deixamos de lado o excesso de mau gosto, é possível surpreender-se com a observação e a singular habilidade necessárias para encontrar descrições tão extraordinárias.

No terceiro canto, o poeta reencontra sua nobreza, dizendo:

Ó vida humana tão caduca e breve,
 Ó falsa glória dela imperfeita,
 A que mais dura fica a um sono leve,
 Ao tempo, ao fado, à morte enfim sujeita;
 Quem mais conta fez dela quem mais a teve,
 Com maior dor e tristeza a viu desfeita,
 Passa o seu fim remata em pranto e mágoa,
 Enchendo como fumo os olhos de água.
 Em que parou da terra o maior tirano,.
 Com próspera fortuna, ou com adversa,
 Em que parou o grande cetro romano,
 Em que o grego, o medo, o Ciro, o persa;
 De uma hora incerta um certo desengano,
 Daquela hora final, dura e perversa,
 Triste, odiosa a todos tudo em terra,
 Em muito esquecimento e pouca terra.²⁵³

135

Semelhantes pensamentos fariam provavelmente reconhecer o autor de *Os Lusíadas*. Mas, após este clarão fugidio que relembra suas belas inspirações, o poeta lança-se de novo nas descrições extravagantes: o sonho continua, ele vê, por gradações, a torre envelhecer e cair em ruínas, mostra-nos nesse triste estado as porções do edifício que antes apresentavam o aspecto da solidez.

Por fim, o prédio tomba, um pouco de terra o recobre.

Então o espírito celeste que havia guiado o poeta aparece-lhe de novo e recrimina a dor que não pode conter:

Que fazes fraco aqui, que cuidas triste,
Mortal, terreno, cego, descuidado,
Porque não te aproveitias do que viste,
No mal de outrem por teu bem doutrinado;
Não é vão sonho não o em que consiste
Perder este ou salvar este coitado,
Os olhos abre já esperto e pronto,
Regula a vida só por este ponto.²⁵⁴

Ele lhe explica ainda o que Deus fez pela alma imortal, e as ações das graças que devemos ao Redentor. Durante este discurso, o prédio, embora tombado, está ainda inteiro; o anjo faz sair dele a dama que aí mora há tanto tempo, porque ela queria ainda velar pela conservação de sua antiga residência. Mas o espírito escapa, o edifício desaba, e o poeta promete-se que o exemplo será útil para ele.

136 Se lembramos o gosto da época, não vejo por que a singularidade desse poema impeça que o creditemos verdadeiramente a Camões. Lembremos Dante, ao mesmo tempo tão sublime e tão extravagante; a linguagem do poeta português surpreenderá menos.

Capítulo IX

Obras diversas de Camões.

Reencontramos aqui todo o talento de Camões, e percebemos seu gênio despertar: é que ele deixa falar o coração e pinta os próprios infortúnios. Entretanto, em meio a grandes belezas, aparecem em várias vezes os defeitos devidos a seu século. Mas não é assim quando está fortemente emocionado, e os *concetti*²⁵⁵ que desarrumam alguns dos poemas somente se mostram quando o coração cala e a imaginação se entrega a seus caprichos.

Ignoro se La Harpe alguma vez tentou ler as poesias de Camões. É certo que ele não tinha condições de compreendê-las,²⁵⁶ e seu julgamento rigoroso demonstra a maneira curiosa como então apreciávamos a literatura estrangeira.²⁵⁷ Engano-me ao qualificar de rigoroso a este julgamento; ele é ridículo, e escritores de verdadeiro mérito já lhe fizeram justiça. Aliás, o próprio Camões se vinga, quando o lemos. Traduzi uma seleção desses trechos, que aparecerá em breve;²⁵⁸ mas este gênero de poesia em que o sentimento é tudo, em que a invenção é nada, perde sem dúvida muito em uma versão carente da adequada harmonia que faz dela seu principal encanto.

Nos poemas de Camões, encontramos o poeta por inteiro, surpreendemos seus afetos, afligimo-nos com suas dores, emocionamo-nos com seus pensamentos fortes. É um desses homens privilegiados capazes de sempre interessar, porque fazem perceber a necessidade ardente de exprimir seus lamentos ou de celebrar impressões nobres.

Entretanto, em muitas ocasiões Camões esquece que tomou parte em grandes aflições. Vemo-lo digno intérprete das queixas de uma nação, de uma mãe ou de um amigo. É então grande, ao afastar-se de suas lembranças para tomar parte nas dores alheias, que une às suas.

Em certos momentos, percebemos que foram necessários muitos infortúnios, para arrebatá-lo das ilusões de uma imagina-

ção brilhante e de um coração terno. Compreendemos que foi feito para a alegria doce e que animaria os prazeres como deplorou os sofrimentos: é uma alma suscetível de todas as impressões e que foi triste porque a sorte a fez assim.

A coleção das obras diversas de Camões é bastante considerável e parece provar que foram atribuídos a ele muitos textos que nunca saíram de sua pena. É oportuno, entretanto, distinguir o que lhe pertence do que é apresentado em seu nome; um caráter particular o torna reconhecível.²⁵⁹

138 É principalmente nos sonetos que percebemos a fraude literária, e a escolha deve ser feita com cuidado. Camões nunca pôde corrigir suas obras. Elas foram publicadas dezesseis anos após sua morte, por Fernando Rodrigues Lobo Soropita. Um pouco mais tarde, Manuel de Faria recolheu muitos textos, que somou àqueles que já tinham sido editados. Ele privou até Diogo Bernardes de algumas peças, que afirmava terem sido retiradas do grande poeta. Esta incerteza faz com que se lamente em dobro o fato de o infeliz Camões ter sido roubado em Moçambique, onde lhe foi tomado o manuscrito de obras diversas, preparadas por ele sob o título de *Parnaso português*.

A coletânea, tal como nos veio na última coleção, contém trezentos sonetos, dezesseis canções ou romances, doze odes, na maioria elegíacas; quinze éclogas, em que domina notável cor local e grande observação da natureza; quatro sextinas, em que os sentimentos do autor se mostram com energia; 21 elegias, nas quais se podem reconhecer com facilidade as principais circunstâncias da vida do poeta.

A seleção conclui com estâncias, redondilhas e outras poesias ligeiras, entre as quais se nota esta espécie de sátira intitulada *Disparates da Índia*, que provocou o exílio do autor da capital das Índias portuguesas. Falarei das comédias de Camões quando examinar a poesia dramática.

O espaço de que disponho é pequeno para muitas citações. Apresentarei, porém, alguns trechos, sem me restringir à ordem que ocupam na coletânea, mas tentando apontar, por meio do assunto, a época em que devem ter sido compostos.

Tanto de meu estado me acho incerto,
Que em vivo ardor tremendo estou de frio;
Sem causa, juntamente choro e rio;
O mundo todo abarco e nada aperto.

É tudo quanto sinto um desconcerto;
Da alma um fogo me sai, da vista um rio;
Agora espero, agora desconfio,
Agora desvario, agora acerto.

Estando em terra, chego ao Céu voando;
Na hora acho mil anos, e é de jeito
Que em mil anos não posso achar a hora.
Se me pergunta alguém porque assim ando,
Respondo que não sei; porém suspeito
Que só porque vos vi, minha Senhora.²⁶⁰

139

Se este soneto é a expressão de um ardente amor, que começava a nascer, eis um texto mais importante que manifesta os primeiros infortúnios de Camões e que podemos entender como um dos poemas que compôs à época em que começava a se entregar à poesia:

Elegia primeira

O sulmonense Ovídio, desterrado
Na aspereza do Ponto, imaginando
Ver-se de seus parentes apartado;
Sua cara mulher desamparando,
Seus doces filhos, seu contentamento,
De sua pátria os olhos apartando;
Não podendo encobrir o sentimento,
Aos montes e às águas se queixava

De seu escuro e triste nascimento.
O curso das estrelas contemplava,
E como por sua ordem discorria
O céu, o ar e a terra aonde estava.
Os peixes pelo mar nadando via,
As feras pelo monte procedendo
Como seu natural lhes permitia.
De suas fontes via estar nascendo
Os saudosos rios de cristal,
À sua natureza obedecendo.
Assim só, de seu próprio natural
Apartado, se via em terra estranha,
A cuja triste dor não acha igual.
Só sua doce Musa o acompanha,
Nos versos saudosos que escrevia,
E lágrimas com que ali o campo banha.
Destarte me afigura a fantasia
A vida com que vivo, desterrado
Do bem que noutro tempo possuía.
Ali contemplo o gosto já passado,
Que nunca passará pola memória
De quem o tem na mente debuxado.
Ali vejo a caduca e débil glória
Desenganar meu erro, co'a mudança
Que faz a frágil vida transitória.
Ali me representa esta lembrança
Quão pouca culpa tenho; e me entristece
Ver sem razão a pena que me alcança.
Que a pena que com causa se padece,
A causa tira o sentimento dela;
Mas muito dói a que se não merece!
Quando a roxa manhã, fermosa e bela
Abre as portas ao Sol, e cai o orvalho,
E torna a seus queixumes filomela;
Este cuidado que co'o sono atalho,
Em sonhos me parece; que o que a gente

Por seu descanso tem, me dá trabalho.
 E depois de acordado, cegamente
 (Ou, por melhor dizer, desacordado,
 Que pouco acordo tem um descontente),
 Dali me vou, com passo carregado,
 A um outeiro erguido, e ali me assento,
 Soltando a rédea toda a meu cuidado.
 Depois de farto já de meu tormento,
 Dali estendo os olhos saudosos
 À parte aonde tenho o pensamento:
 Não vejo senão montes pedregosos;
 E os campos sem graça e secos vejo,
 Que já floridos vira e graciosos.
 Vejo o puro, suave e brando Tejo,
 Co'as côncovas barcas que, nadando,
 Vão pondo em doce efeito seu desejo.
 Ûas com brando vento navegando,
 Outras co'os leves remos, brandamente
 As cristalinas águas apartando.
 Dali falo co'a água, que não sente
 Com cujo sentimento a alma sai
 Em lágrimas desfeita claramente:
 Ó fugitivas ondas, esperai!
 Que, pois me não levais em companhia,
 Ao menos estas lágrimas levai,
 Até que venha aquele alegre dia
 Que eu vá onde vós is, contente e ledó.
 Mas tanto tempo quem o passaria?
 Não pode tanto bem chegar tão cedo,
 Porque primeiro a vida acabará
 Que se acabe tão áspero degredo.²⁶¹

Este poema, além de ter a vantagem de lembrar-nos o ponto de partida de um grande gênio, é ainda um modelo de poesia. O original tem uma graça inimitável.²⁶²

Independentemente dos motivos que levaram Camões à Índia, é provável que o amor foi o ponto de partida do exílio voluntário, pois lamenta, sem cessar, durante as longas viagens, as razões que embelezaram sua juventude e que rapidamente o desenganaram. Talvez o soneto que transcrevo aqui tenha precedido seu exílio:

O cisne, quando sente ser chegada
A hora que põe termo a sua vida,
Música com voz alta e mui subida
Levanta pela praia inabitada.
Deseja ter a vida prolongada,
Chorando do viver a despedida;
Com grande saudade da partida,
Celebra o triste fim desta jornada.
Assim, Senhora minha, quando via
O triste fim que davam meus amores,
Estando posto já no extremo fio,
Com mais suave canto e harmonia
Descantei pelos vossos desfavores
La vuestra falsa fé y el amor mio.²⁶³

142

E a viagem que empreendeu com um sentimento tão profundo de dor e de lamento, como a descreveu! É a partida do poeta infeliz, que as musas consolam um momento e que busca nelas algum conforto para seus males. Após ter pintado os sentimentos que o agitam durante a travessia, ele expõe o discurso que dirigiu às nereidas que seguiam o navio. Descreve também as tempestades que retardaram sua viagem e, por fim, a chegada à Índia:

Dizia: Ó claras Ninfas! se o sentido
Em puro amor tivestes, e inda agora
Da memória o não tendes esquecido;
Se, porventura, fordes alguma hora
Aonde entra o grão Tejo a dar tributo
A Tétis, que vós tendes por Senhora;

Ou por verdes o prado verde enxuto,
Ou por colherdes ouro rutilante,
Das tágicas areias rico fruto;
Nelas em verso erótico e elegante
Escrevei c'ua concha o que em mim vistes:
Pode ser que algum peito se quebrante.
E contando de mim memórias tristes,
Os pastores do Tejo, que me ouviam,
Ouçam de vós as mágoas que me ouvistes.
Elas, que já no gesto me entendiam,
Nos meneios das ondas me mostravam
Que em quanto lhe pedia consentiam.
Estas lembranças, que me acompanhavam
Pela tranquilidade da bonança,
Nem na tormenta grave me deixavam.
Porque, chegado ao Cabo da Esperança,
Começo da saudade que renova,
Lembrando a longa e áspera mudança;
Debaixo estando já da estrela nova,
Que no novo Hemisfério resplandece,
Dando do segundo axe certa prova;
Eis a noite com nuvens escurece,
Do ar, supitamente, foge o dia;
E todo o largo Oceano se embravece.
A máquina do Mundo parecia
Que em tormentas se vinha desfazendo,
Em serras todo o mar se convertia!
Lutando, Bóreas fero e Noto horrendo,
Sonoras tempestades levantavam,
Das naus as velas côncavas rompendo.
As cordas, co'o ruído, associavam;
Os marinheiros, já desesperados,
Com gritos para o Céu o ar coalhavam.
Os raios por Vulcano fabricados
Vibrava o fero e áspero Tonante,
Tremendo os Pólos ambos, de assombrados!

Ali Amor mostrando-se possante,
E que por nenhum medo não fugia,
Mas quanto mais trabalho, mais constante,
Vendo a morte diante, em mim dizia:
– Se alguma hora, Senhora, vos lembrasse,
Nada do que passei me lembraria. –
Enfim, nunca houve cousa que mudasse
O firme Amor intrínseco daquele
Em cujo peito ua vez de siso entrasse.
Õa cousa, Senhor, por certa assele,
Que nunca Amor se afina, nem se apura,
Enquanto está presente a causa dele.
Destarte me chegou minha ventura
A esta desejada e longa terra,
De todo o pobre honrado sepultura.
Vi quanta vaidade em nós se encerra,
E dos próprios quão pouca; contra quem
Foi logo necessário termos guerra.
Que ua ilha que o rei de Porcá tem,
Que o rei da Pimenta lhe tomara,
Fomos tomar-lha, e sucedeu-nos bem.²⁶⁴

144

Eis agora as queixas do exílio. O poeta está na Arábia:

Se de tantos trabalhos só tirasse
Saber inda por certo que alguma hora
Lembrava a uns claros olhos que já vi;
E se esta triste voz, rompendo fora,
As orelhas angélicas tocasse
Daquela em cujo riso já vivi;
A qual, tornando um pouco sobre si,
Revolvendo na mente pressurosa
Os tempos já passados
De meus doces erros,
De meus suaves males e furores,
Por ela padecidos e buscados,

Tornada (inda que tarde) piadosa,
Um pouco lhe pesasse
E consigo por dura se julgasse;
Isto só que soubesse, me seria
Descanso para a vida que me fica;
Com isto afagaria o sofrimento...
Ah! Senhora! Senhora! que tão rica
Estais, que cá tão longe, de alegria
Me sustentais com doce fingimento!
Em vos afigurando o pensamento,
Foge todo o trabalho e toda a pena.
Só com vossas lembranças,
Me acho seguro e forte
Contra o rosto feroz da fera Morte,
E logo se me ajuntam esperanças
Com que a frente, tornada mais serena,
Torna os tormentos graves
Em saudades brandas e suaves.
Aqui com elas fico perguntando
Aos ventos amorosos, que respiram
Da parte donde estais, por vós, Senhora;
Às aves que ali voam, se vos viram,
Que fazíeis, que estáveis praticando,
Onde, como, com quem, que dia e que hora?
Ali a vida cansada se melhora,
Toma novos espíritos, com que vença
A Fortuna e Trabalho,
Só por tornar a ver-vos ,
Só por ir a servir-vos e querer-vos.
Diz-me o Tempo que a tudo dará talho;
Mas o Desejo ardente, que detença
Nunca sofreu, sem tento
Me abre as chagas de novo ao sofrimento.
Assim vivo; e se alguém te perguntasse,
Canção, como não mouro,
Podes-lhe responder que porque mouro. ²⁶⁵

Os versos compostos durante a estada na Índia caracterizam-se pela profunda melancolia que emociona,²⁶⁶ supondo que os males de Camões não eram imaginários. No texto citado, ele não revela qualquer esperança, e vários sonetos atestam os lamentos provocados pela morte da amiga que nunca esqueceu.²⁶⁷

Na “Canção X”, recapitula os males que sofreu e penso que, então, retornava à pátria:

Já me desenganei que de queixar-me
não se alcança remédio; mas, quem pena,
forçado lhe é gritar, se a dor é grande.²⁶⁸

Em outro momento, expõe ainda:

146

A piedade humana me faltava,
a gente amiga já contrária via,
no primeiro perigo; e no segundo,
terra em que pôr os pés me falecia,
ar para respirar se me negava,
e faltavam-me, enfim, o tempo e o mundo.
Que segredo tão árduo e tão profundo:
nascer para viver, e para a vida
faltar-me quanto o mundo tem para ela!
E não poder perdê-la,
estando tantas vezes já perdida!
Enfim, não houve transe de fortuna,
nem perigos, nem casos duvidosos,
injustiças daqueles, que o confuso
regimento do mundo, antigo abuso,
faz sobre os outros homens poderosos,
que eu não passasse, atado à grã coluna
do sofrimento meu, que a importuna
perseguição de males em pedaços
mil vezes fez, à força de seus braços.

Não conto tantos males como aquele
que, depois da tormenta procelosa,
os casos dela conta em porto ledó;
que ainda agora a Fortuna flutuosa
a tamanhas misérias me compele,
que de dar um só passo tenho medo.
Já de mal que me venha não me arredo,
nem bem que me faleça já pretendo,
que para mim não val astúcia humana;
de força soberana,
la Providência, enfim, divina pendo.
Isto que cuido e vejo, às vezes tomo
para consolação de tantos danos.
Mas a fraqueza humana, quando lança
os olhos no que corre, e não alcança
senão memória dos passados anos,
as águas que então bebo, e o pão que como,
lágrimas tristes são, que eu nunca domo
senão com fabricar na fantasia
fantásticas pinturas de alegria.
Que se possível fosse, que tornasse
o tempo para trás, como a memória,
pelos vestígios da primeira idade,
e de novo tecendo a antiga história
de meus doces erros, me levasse
pelas flores que vi da mocidade;
e a lembrança da longa saudade
então fosse maior contentamento,
vendo a conversação lida e suave,
onde ùia e outra chave esteve
de meu novo pensamento,
os campos, as passadas, os sinais,
a fermosura, os olhos, a brandura,
a graça, a mansidão, a cortesia,
a sincera amizade, que desvia
toda a baixa tenção, terrena, impura,

como a qual outra algũa não vi mais...
Ah! vês memórias, onde me levais
o fraco coração, que ainda não posso
domar este tão vão desejo vosso?
Nô mais,
Canção, nô mais; que irei falando,
sem o sentir, mil anos. E se acaso
te culparem de larga e de pesada,
não pode ser (lhe dize) limitada
a água do mar em tão pequeno vaso.
Nem eu delicadezas vou cantando
co gosto do louvor, mas explicando
puras verdades já por mim passadas.
Oxalá foram fábulas sonhadas!

148 Poderia ainda deixar o poeta contar suas derradeiras dores, a esperança religiosa com que procurava suavizar uma vida já sem probalidades de obter os bens desse mundo. Lamento não apresentar os poemas sublimes em que pinta a morte de Meneses²⁶⁹ e de D. Telo.²⁷⁰ Logo aparecerá, porém, a seleção que faço de suas obras, só me restando lamentar não ter podido interpretar dignamente este que se pode considerar verdadeiramente como um grande poeta à parte de *Os Lusíadas*.²⁷¹

Capítulo X

A poesia dramática em Portugal no século XVI. – Gil Vicente, Sá de Miranda, António Ferreira.

Desde a época em que se submeteram ao jugo dos mouros, os portugueses entregaram-se com ardor aos jogos guerreiros empregados pelos vencedores. As danças mouriscas, animadas por uma pantomima expressiva, deram provavelmente a primeira ideia das representações teatrais. Fernão Lopes, Gomes Eanes de Zurara e Resende falam dessas *mourarias*,²⁷² que divertiam os grandes senhores durante os festins reais.²⁷³

Manuel de Aragão Morato não reivindica, em favor de sua nação, a prioridade pela invenção da arte dramática na Europa, depois dos italianos. Ele confessa que o marquês Henrique de Vilhena²⁷⁴ compôs uma comédia alegórica por ocasião do casamento de Fernando I,²⁷⁵ nos primeiros anos do século XV, 1412, e pensa que a *Farsa do Maître Pathelin*²⁷⁶ e a representação da vida de Cristo, por Jean Michel,²⁷⁷ puderam sugerir ao primeiro dramaturgo português a ideia de dedicar-se a composições teatrais. Mas acredita que Gil Vicente pode reclamar, com justo direito, o mérito da superioridade e, mais ainda, o de ter expandido o gosto pela poesia dramática, multiplicando suas produções, que fizeram a delícia de duas cortes brilhantes.

Se examinamos qual país da Europa verdadeiramente viu renascer a literatura dramática, voltamos os olhos para a Itália, onde numerosas lembranças acordaram as antigas ideias com mais vigor.²⁷⁸ Mas, neste gênero, as primeiras tentativas foram tão somente o resultado das tradições, e as peças de Ariosto e de Maquiavel²⁷⁹ lembram de tal modo os antigos, que a originalidade está quase inteiramente banida. Não se encontra aí o que devia ser o teatro nacional. Pode-se aplicar a mesma censura a Bibbiena,²⁸⁰ a que devemos acrescentar outra, a de ter desconhecido completamente,

em sua *Calandra*, o verdadeiro espírito da poesia dramática e de ter oferecido um quadro imoral, quando podia expor lições tão úteis.

Gil Vicente aparece perto da mesma época;²⁸¹ ele foi menos correto, porém mais original que os dramaturgos italianos. Na maioria das vezes, extraiu seus assuntos da história moderna; imprimiu a este gênero de poesia o lacre particular do século e tornou-se o mestre de Lope de Vega e de Calderon. Talvez tenha sido também de alguns autores franceses.

Este pai do teatro nasceu no século XV, e à época de Manuel apresentou as primeiras peças (1505). Recebeu então o cognome de Plauto;²⁸² mas Erasmo,²⁸³ que aprendera o português para ler suas produções, acha que ele seguiu de preferência a maneira de Terêncio.²⁸⁴

Quanto a mim, penso que sua genialidade não se submetia ao jugo da imitação. Seu passo era original e adequado ao século.

150 Como nosso admirável Molière,²⁸⁵ atuava, ao que parece, nas peças que compunha, e percebia melhor que ninguém o que convinha ao público de seu tempo. O que emocionava era sobretudo o heroísmo cavallheiresco, aliado aos mistérios da religião. Ele compôs também, além das comédias, tragicomédias e *autos*²⁸⁶ sagrados e profanos.

Seria aqui talvez a ocasião de explicar o que era então um auto. Creio que nossos antigos mistérios podem dar uma ideia bastante correta. Tratava-se primeiramente de representar uma ação da história santa, em que intervinham personagens sacras; mas logo os portugueses adaptaram outros assuntos, e provavelmente Gil Vicente foi um dos principais inovadores neste gênero. Como nos mistérios, não se seguiam as leis impostas pelos antigos. O Plauto português não se constrangia em ignorar uma regra que o prejudicava. Aliás, sabemos como é remota a cultura da poesia dramática entre os indianos. Reproduzirei aqui uma ideia sugerida em outra obra. Os conquistadores da Índia testemunharam em São Tomé representações teatrais que muito os impressionaram.²⁸⁷ Tais relações

talvez tivessem modificado o sistema que adotamos na Europa, o que merecia examinar.

Gil Vicente teve três filhos e uma filha. Dois de seus filhos herdaram em parte seu talento. Seu filho, diz-se, teria sido superior a ele; mas, para não obscurecer a glória do pai, foi enviado à Índia, onde morreu. Já tinha composto muitas peças estimáveis.²⁸⁸ A filha de Gil Vicente chamava-se Paula, e tornou-se a mais famosa atriz de seu tempo; o aparecimento de uma mulher no palco foi então uma inovação; inicialmente, apenas homens eram admitidos à representação dos autos.

As obras de Gil Vicente não foram publicadas em vida. Mais tarde, seus filhos a publicaram em um volume in-folio [1562]. A coleção foi dividida em cinco livros, compreendendo os autos, as comédias, as tragicomédias e as farsas, e por fim as pantomimas. Limitar-me-ia a citar alguns títulos indicados pela *Biblioteca Lusitana*, se Bouterwek e Morato não reproduzissem alguns trechos desse poeta, cujas obras tornaram-se muito raras na Europa.

Ignoro, porém, se Bouterwek leu todo Gil Vicente. Parece que preferiu comprovar suas esquisitices, e não seu talento. O auto analisado procede a uma mistura entre o profano e o sagrado, mais monstruosa que a dos poemas épicos portugueses que tanto condenou.

Na primeira cena [do *Auto da Feira*], Mercúrio explica o movimento dos planetas segundo o sistema então adotado. Logo, porém, aparece Serafim, mensageiro do céu, que convida os habitantes da Terra para uma feira preparada em honra da Santa Virgem. Ele reprende então o clero da época, cujo luxo era crescente:

À feira, a feira igrejas, mosteiros,
Pastores das almas, Papas adormidos;
Comprai aqui panos, mudai os vestidos,
Buscai as samarras dos outros primeiros,

Os antecessores.
Feirai o carão que trazeis dourado;
Ó presidentes do crucificado,
Lembraí-vos da vida dos santos pastores
Do tempo passado.
Ó Príncipes altos, império facundo,
Guardai-vos da ira do Senhor dos Céus;
Comprai grande soma do temor de Deus
Na feira da Virgem, Senhora do Mundo,
Exemplo da paz,
Pastora dos anjos, luz das estrelas.
À feira da Virgem, donas e donzelas,
Porque este mercador sabeí que aqui traz
As cousas mais belas.²⁸⁹

152 O diabo, também com mercadorias a oferecer, aparece e discute com o enviado do céu. Ele está seguro de conquistar o gosto dos homens com o que tem a vender, trazendo-lhes vícios e meios de satisfazer as paixões. Por uma esquisitice ainda maior, é Mercúrio quem convoca Roma, enquanto representante da Igreja, para decidir a violenta discussão. Ela oferece a paz da alma, que o diabo não quer aceitar, e Roma se distancia para dar lugar a dois lavradores portugueses, sendo que um deles deseja vender a esposa; uma camponesa também quer livrar-se de seu marido; é nessas discussões que parece residir o cômico da peça. Mas o desnudamento que se prepara é também tão brusco, quanto inesperado para nossos hábitos teatrais. O diabo volta a oferecer mercadorias às lavradoras; ele não as engana: uma delas teme sua influência maligna e coloca-o em fuga, ao pronunciar o nome de Jesus. Logo reaparece Serafim, que, em vão, põe as virtudes à venda: na vila, como nas cidades, preferem o ouro a elas. Aguarda-se a generosidade da Virgem, a quem pertencem todas as mercadorias, e a peça encerra com uma canção em sua homenagem.

Essas representações aconteciam em igrejas, na maior parte das vezes sucedendo aos serviços divinos. As comédias puramente profanas eram apresentadas em teatros cuja construção permitia oferecer a pompa de um espetáculo bastante completo. Conhecia-se o uso de cortinas e de diversas máquinas que contribuíam para a ilusão teatral.

Os atores se dirigiam então aos grandes senhores, que proporcionavam representações privadas. Mas parece que, nesses tempos de simplicidade, não havia muita severidade quanto às alusões, pois, durante a doença que vitimou a rainha Maria, representou-se em sua câmara a *Barca do Inferno*.²⁹⁰ O príncipe real, conhecido depois sob o nome de João III, aceitava ser o interlocutor em uma comédia em que devia decidir com qual das duas filhas de um comerciante de Burgos casaria um indeciso príncipe estrangeiro.

Conhece-se outro auto, intitulado *Mofina Mendes*, representado em Lisboa, ante João III, durante as tardes de Natal. É considerado notável; vou analisá-lo acompanhando a *Memória da Academia das Ciências*.

Um monge aparece e, em forma de sermão, apresenta o argumento do auto, em que relaciona uma série de nomes de autores sagrados e profanos, aparentemente criticando o estilo defeituoso que utilizavam os pregadores da época. Por fim, o padre explica as razões que o fizeram aparecer em cena.²⁹¹

No começo do auto, a Virgem Maria entra acompanhada de suas damas, a Pobreza, a Fé, a Prudência e a Humildade. Sucede-a o arcanjo Gabriel, com a Anunciação. Fecha-se a cortina, e os pastores reúnem-se para o momento do nascimento, após recitar um longo diálogo.

Eles adormecem. A Santa Virgem aparece de novo, seguida por São José, a Fé e as Virtudes, que recitam um salmo em versos, de joelhos. A Virgem ordena que se acenda a luz da Esperança, e São José, continuando a alegoria, responde-lhe nos mesmos termos. O crítico português afirma que o diálogo é cheio de sal e de cômico;²⁹²

mas essas qualidades pertencem, sem dúvida, à expressão original, intraduzível:

Senhora, não monta mais
Semear milho nos rios,
Que queremos por sinais
Meter coisas divinais
Nas cabeças dos bugios.
Mandai-lhe acender candeias,
Que chamem ouro e fazenda,
E vereis bailar baleias,
Porque irão tirar das veias
O lume com que se acenda.
E à gente religiosa
Manda-lhes velas bispais;
A cera, de renda grossa;
Os pavios, de casais;
E logo não porão grossa.²⁹³

154

Após esta cena, o menino Jesus chora em seu berço; as Virtudes o acalantam, cantando. Um enviado celeste se anuncia aos pastores. No final, os anjos tocam vários instrumentos; as Virtudes acompanham o concerto com suas vozes; os pastores dançam; depois se retiram.

Provavelmente nenhum poeta desta época, exceto Gil Vicente, aproxime de modo tão extravagante o sagrado e o profano. Reúne assim a hierarquia dos anjos, as quatro estações do ano e o Júpiter da antiga mitologia, que vêm adorar o menino Jesus, enquanto Davi entra para cantar salmos. Um *Te Deum* encerra a estranha composição.

Gil Vicente concedeu-se igualmente plena liberdade relativamente às unidades de tempo e de espaço. Na vida de Cismena [*Comédia de Rubena*], a heroína, nascida na região de Campos, em Castela, parece novamente nascida no teatro, onde guardou

seu rebanho. Após esperar quinze anos, é sequestrada por ladrões, conduzida a Creta, adotada por uma grande dama, e, por último, casa-se com um príncipe da Síria, que viera visitar, incógnito, a cidade onde ela morava.

Lamento não poder assentar o julgamento de meus leitores sobre o mérito do pai da poesia dramática em Portugal em análises e citações mais numerosas e detalhadas; mas oferecer-lhes-ei o julgamento de um homem que parece imparcial e que forneceu muitos detalhes aqui reunidos:

De qualquer modo que se considere a regularidade de um drama, de balde se procurará ela nos de Gil Vicente. O que se chama enredo da fábula é quase desconhecido: os interlocutores aparecem no teatro, falam e retiram-se, quando o poeta quer que façam estas diversas cousas; os episódios não têm as mais das vezes relação com o objeto principal da fábula; enfim, os dramas são escritos simultaneamente em português e castelhano; em redondilhas de estâncias desiguais e em versos de arte maior ou hendecassílabos.

155

.....
A riqueza prodigiosa da sua invenção, a viveza e verdade do diálogo, a suavidade e harmonia poética da linguagem, a beleza das alegorias, o uso dos adágios e riffs portugueses, que os séculos seguintes têm cuidadosamente conservado e de um certo modo consagrado; finalmente, a graça e a delicadeza cômica que se encontram na maior parte dos seus dramas, especialmente nos autos e nas farsas; são as coisas que constituem o merecimento absoluto daquele autor, as quais bem justificam o entusiasmo que ele causou, não só aos nacionais, mas ainda aos estrangeiros.²⁹⁴

Gil Vicente tornou-se o chefe de uma numerosa escola, que superou muitas vezes a que Sá de Miranda começou a construir mais ou menos no mesmo período. Ela estava mais relacionada às necessidades da época: aliou-se mais às ideias religiosas e ao gosto de aventuras, que dominavam como nunca antes. Entre seus imi-

tadores, Gil Vicente contou com Luís,²⁹⁵ filho de Manuel, Brás de Resende,²⁹⁶ Henrique Lopes,²⁹⁷ Jorge Pinto,²⁹⁸ Antônio de Azevedo,²⁹⁹ Antônio Ribeiro Chiado³⁰⁰ e Jerônimo Ribeiro³⁰¹.³⁰² Seria interessante para a história do teatro conhecer estes autores. Suas obras foram reunidas por Afonso Lopes da Costa, sob o título de *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*. Esta obra tornou-se muito cara por causa de sua extrema raridade.³⁰³

Enquanto Gil Vicente se entregava aos caprichos de sua imaginação, Sá de Miranda estudava os antigos e almejava formar uma escola nova. Mas ele foi talvez muito imitador. Seu estilo sempre foi vivo, animado, elegante; suas composições carecem de originalidade. O cômico seguidamente é exagerado, e reconhece-se facilmente a leitura dos antigos. Verificamos também que ele recorreu a Ariosto, o que confessa.

Sá de Miranda deixou somente duas comédias; uma intitulada-se *Estrangeiros*, a outra, *Os Vilhalpandos*.³⁰⁴ Os limites desta obra não permitem analisar as duas peças. Direi, entretanto, que, na
156 primeira, o autor deixa evidente sua intenção de regenerar o teatro e estabelecer a comédia clássica em Portugal. No prólogo, Talia³⁰⁵ apresenta sua origem e lamenta o acolhimento que teve em Portugal.

Os Vilhalpandos manifesta evidentes intenções cômicas, e o estilo é ainda objeto de admiração dos portugueses; mas há aí também a imitação exata dos antigos, notando-se a personagem de um soldado fanfarrão, que é inteiramente o *Miles gloriosus* de Plauto.

Antônio Ferreira sempre viu Sá de Miranda como seu mestre; não surpreende que busque seguir seus passos na poesia dramática, o que, aliás, faz com naturalidade. Mas, contra a opinião de um erudito crítico português, creio que foi superior a Sá de Miranda, pois percebeu primeiro o que devia ser a boa comédia e teve a glória de indicá-lo.³⁰⁶

O gênero de cômico empregado em *Cioso* era muito mais elevado que o então adotado, e ele mostra o que pode ser útil na poesia teatral, como tentarei comprovar.

Capítulo XI

O cioso, primeira comédia de caracteres na Europa. Inês de Castro, segunda tragédia regular. – Camões, poeta dramático.

A metade do século XVI viu florescer um fenômeno literário digno de atenção por parte dos críticos de nossa época: trata-se da primeira comédia de caracteres que apareceu em Portugal e provavelmente na Europa. Ferreira condenou um vício reprovável sobretudo entre os compatriotas e entre os espanhóis: pintou os erros do ciúme e tirou partido das estranhas precauções que inspira. Na peça, em que há uma imitação bastante ingênua dos antigos, não cabe esperar um plano muito regular. Como *Inês de Castro*, *O cioso* peca pela ação; mas o estilo é variado, muitas vezes cômico, e muitas vezes impregnado da cor local ausente em um imitador dos antigos: a influência da época talvez se manifeste apesar do autor.³⁰⁷ Apresento o estilo de Ferreira por meio de uma citação; é Júlio, o ciumento, que abandona a esposa e que está extremamente atormentado por sua paixão funesta:

Oh com que trabalhos saio desta casa, o corpo anda pelas ruas, a alma cá fica espreitando as janelas, o porque hei mor inveja aos Reis e Príncipes, porque são tão bem-aventurados, que vêm os homens aos negócios, e passatempos buscá-los a suas casas. Se me não fora por fazer costumes novos, fechara estas portas, aquelas janelas mandara-lhes deitar umas travessas. Mas entre tantos parvos, de força é que o seja. Não guardarei eu meu tesouro, e minha honra, e minha fama, riem-se, e não vêem os cegos quanta diferença vai da mulher à bolsa, morrem sobre um pouco de ouro, que se acha por esse chão, cavam-no e escondem-no, e vigiam-no, e tem-no em relíquias, e nem eles mesmos o tocam. E a mulher, que é o seu verdadeiro tesouro, deixam-no, despeçam-no e oferecem-no aos ladrões, chama a um destes confiado, e um homem que é de

espírito, que estima sua mulher, que é perdido por ela, e como de pouco experimentados no Mundo, vos vem a vós outros parvos estes enganados, quem anda, quem ouve, quem vê por terras estranhas, fará o que eu faço. Oh que boa mestra é a experiência, por isso dizia o outro bem, que mais proveito recebiam os sisudos dos parvos, que os parvos dos sisudos, os parvos me ensinaram, e não acho um só, que queira aprender de mim. Deixai viver estes confiados, eu quero-me confiar de mim, e dos meus olhos, que não é ainda segura confiança, mas não há outra. Minha mulher desde que foi comigo à porta da Igreja, não sairá, senão para a cova, quando eu primeiro morrer, e ela for tão ditosa, então levará boa vida, os meus filhos creerei que são meus, os alheios suas mães o saibam. E não parece senão que, quanto me mais guardo, então acinte vejo mais continuar por esta rua galantes, namorados, ociosos, más caras, invenções, ruídos de noito, assobios, brados, músicas, e por essas outras todas não. Onde estará o fumo tem fogo.³⁰⁸

158

Apesar da execução frágil, a ideia que embasou essa comédia não é menos vigorosa: acompanhar o desenvolvimento de um caráter, mostrar os eventos a que pode levar um dos piores erros do espírito humano, divertir pintando uma fraqueza deplorável, tentar, por fim, corrigir os compatriotas – tal pensamento guiava Antônio Ferreira em uma época em que cabia, antes de tudo, exaltar a imaginação, destacar erros notáveis para servir de modelos, em que o bom humor talvez degenerasse sobretudo em licenciosidade, em que se procurava sobretudo divertir um público apreciador do exagero, porque havia exagero nos sentimentos cavalheirescos, e poderíamos mesmo dizer na sua necessidade de conquistas.

Aparentemente *O cioso* e as outras peças imitadas dos antigos eram representadas para a corte e a universidade, não para a massa do público. Sua compreensão requeria certo grau de educação, e podiam não agradar o gosto do povo. Hoje acharíamos que os gracejos de Ferreira eram, na maioria das vezes, dignos demais;

também nesse caso, para sermos justos, teríamos de avaliar segundo o espírito da época.

Em conformidade com essa maneira de ver, não nego o mérito dessas pequenas peças conhecidas sob o nome de *farsas*,³⁰⁹ em que o sagrado se alia ao profano, a extravagância, a uma admirável ingenuidade. Este gênero de dramas era particularmente dedicado às representações gerais; fazia as delícias da nação; e os guerreiros, sem deixar de se expor a novos perigos, aplaudiam peças que os afastavam por um momento de seus trabalhos.

O autor de *O cioso* escreveu uma outra peça intitulada *Bris-to*, representada na universidade e bem inferior em razão do que acabamos de falar. Ela comprova que, no estilo cômico, Ferreira era inferior a Sá de Miranda, assim como o ultrapassava na primeira concepção.

Mas logo destaca-se em um gênero em que apaga todos os rivais. Quando se torna poeta trágico, é verdadeiramente admirável, porque sua nobreza iguala sua sensibilidade.

159

O episódio que forneceu a Camões seu episódio mais tocante, este grande infortúnio que os outros povos adotaram como motivo poético, a morte de Inês de Castro inspirou a Ferreira a segundo tragédia regular que apareceu na Europa.³¹⁰ Ele desejou comover por meio de um assunto verdadeiramente nacional. Entregou-se com todo o entusiasmo poético de que era capaz, porque percebeu que o entusiasmo seria compartilhado, apesar das novas leis que imporia ao teatro.

Entretanto, buscando distanciar-se dos efeitos dramáticos exigidos pela época, não soube extrair do assunto todo o partido que hoje exigir-se-ia. Mas sua simplicidade tem qualquer coisa de antigo. É, como disse com justiça Sané, uma nobre exalação da escola grega;³¹¹ porém, a meu ver, há algo de mais arrebatador: o caráter cavalheiresco do século XVI unido à gravidade dos tempos heroicos. Talvez, examinando atentamente esta peça, encontrássemos nela

belezas poéticas mais verdadeiras que em Gomes,³¹² que dispõe hoje de tantos modelos, e cuja obra é infinitamente mais apropriada à representação.

O que sobretudo prejudica o interesse dramático é que Ferreira, com tantas dificuldades a vencer, recuou diante das situações fortes que lhe oferecia o amor de Pedro e Inês. Admirando a simplicidade, percebemos quanto é desajeitado.

O príncipe aparece somente no início e no final da peça, dando aos assassinos o tempo de coroar sua perversidade, e retornando somente quando é preciso adicionar imprecações assustadoras à catástrofe. Tudo isso sem dúvida provém dos entraves impostos pelas unidades que Ferreira quis observar: seu jugo o assusta, ele só o respeita por fraqueza. Percebemos que ele ainda não era suficientemente hábil para dobrá-las a todos os movimentos da imaginação. Considerando este sistema dramático, ele devia empregar os coros ligando-os à ação; é o que parece mais imperdoável, pois devia causar estranheza à época. Mas, quanta dignidade há na poesia desses coros! Apesar da frieza que, às vezes, derrama sobre a peça, um grande talento pode ser absolvido de tudo.

Desde o começo da peça, Ferreira se mostra mestre do pensamento, e faz a exposição com nobreza para um poeta dessa época. A cena acontece às margens do Mondego. Inês passeia com as companheiras e a ama; a alegria anima seu olhar. Ela convida as jovens ao prazer; à ama confessa sua felicidade; o príncipe deverá esposá-la. Cito esse começo admirável:

Inês
Colhei, colhei alegres,
Donzelas minhas, mil cheirosas flores
Tecei frescas capelas
De lírios, e de rosas; coroi todas
As douradas cabeças.
Espirem suaves cheiros,

De que s'encha este ar todo.
 Soem doces tangeres, doces cantos,
 Honrai o claro dia,
 Meu dia tão ditoso! a minha glória
 Com brandas liras, com suaves vozes.
 Ama
 Que novas festas, novos cantos pedes?
 Castro
 Ama, na criação ama, no amor mãe,
 Ajuda-m'ao prazer.
 Ama
 Novos extremos vejo.
 Nas palavras prazer, água nos olhos.
 Quem te faz justamente leda, e triste?
 Castro
 Triste não pode estar quem vês alegre.
 Ama
 Mistura às vezes a fortuna tudo.
 Castro
 Riso, prazer, brandura n'alma tenho.
 Ama
 Lágrimas sinais são da má fortuna.
 Castro
 Também da boa fortuna companheiras.
 Ama
 À dor são naturais
 Castro
 E ao prazer doces.
 Ama
 Que força de prazer tas traz aos olhos?
 Castro
 Vejo meu bem seguro, que receava.³¹³

Aos poucos se prepara a grande catástrofe que deve arrancar de Pedro sua esposa. Inês é advertida por um sonho. Os cruéis conselheiros cercam o rei e querem forçá-lo a condenar a vítima que

perseguiram com tanta obstinação. Afonso consente em receber Inês. É interessante saber como um autor da metade do século XVI tratou a situação que fez a fortuna da peça de La Motte³¹⁴ e que se apresenta naturalmente aos que abordaram o mesmo assunto. O coro das jovens leva Inês a obedecer ao rei, e ela diz:³¹⁵

Castro

Vou, amigas;

Acompanhai-me vós, amigas minhas,

Ajudai-me a pedir misericórdia.

Chorai o desamparo destes filhos

Tão tenros, e inocentes. Filhos tristes,

Vedes aqui o pai de vosso pai.

Eis aqui vosso avô, nosso senhor;

Beijai-lhe a mão, pedi-lhe piedade

De vós, desta mãe vossa, cuja vida

Vos vem, filhos, roubar.

Coro

Quem pode ver-te,

Que não chore, e s'abrangue?

Castro

Meu Senhor,

Esta é a mãe de teus netos. Estes são

Filhos daquelle filho, que tanto amas.

Esta é aquella coitada molher fraca,

Contra quem vens armado de crueza.

Aqui me tens. Bastava teu mandado

Para eu segura, e livre t'esperar,

Em ti, e em minh'inocência confiada.

Escusaras, Senhor, todo este estrondo

D'armas, e Cavaleiros; que não foge.

Nem se teme a inocência da justiça.

E quando meus pecados me acusaram,

A ti fora buscar: a ti tomara

Por vida em minha morte: agora vejo

Que tu me vens buscar. Beijo estas mãos

Reais tão piedosas: pois quiseste
Por ti vir-te informar de minhas culpas.
Conhece-mas, Senhor, como bom rei,
Como clemente, e justo, e como pai
De teus vassallos todos, a que nunca
Negaste piedade com justiça.
Que vês em mim, Senhor? que vês em quem
Em tuas mãos se mete tão segura?
Que fúria, que ira esta é, com que me buscas?
Mais contra inimigos vens, que cruelmente
T'andassem tuas terras destruindo
A ferro, e fogo. Eu tremo, Senhor, tremo
De me ver ante ti, como me vejo.
Mulher, moça, inocente, serva tua,
Tão só, sem por mim ter quem me defenda.
Que a língua não s'atreve, o espirito treme
Ante tua presença, porém possam
Estes moços, teus netos, defender-me.
Eles falem por mim, eles sós ouve:
Mas não te falarão, Senhor, com língua,
Que inda não podem: falam-te co as almas,
Com suas idades tenras, com seu sangue,
Que é teu, te falarão: seu desemparo
T'está pedindo vida: não lha negues.
Teus netos são, que nunca téqui viste:
E vê-los em tal tempo, que lhes tolhes
A glória, e o prazer, qu'em seus espiritos
Lhe está Deus revelando de te verem.
Rei
Tristes foram teus fados, Dona Inês,
Triste ventura a tua.
Castro
Antes ditosa,
Senhor, pois que me vejo ante teus olhos
Em tempo tão estreito: põe-nos ora,
Como nos outros sóis, nesta coitada.

.....
Ouve-me, Rei senhor: ouve primeiro
A derradeira voz dest'alma triste.
Co estes teus pés me abraço, que não fujo.
Aqui me tens segura.

Rei

Que me queres?

Castro

Que te posso dizer, que tu não vejas?
Pergunta-te a ti mesmo o que me fazes,
A causa, que te move a tal rigor.
Dou tua consciência em minha prova.
S'os olhos de teu filho s'enganaram
Com o que viram em mim, que culpa tenho?
Paguei-lhe aquele amor com outro amor,
Fraqueza costumada em todo estado.
Se contra Deus pequei, contra ti não.
Não soube defender-me, dei-me toda.
Não a imigos teus, não a traidores.
A que alguns teus segredos descobrisse
Confiados a mim, mas a teu filho
Príncipe deste Reino. Vê que forças
Podia eu ter contra tamanhas forças.
Não cuidava, senhor, que t'ofendia.
Defenderas-mo tu, e obedecera,
Inda que o grand'amor nunca se força.
Igualmente foi sempre entre nós ambos:
Igualmente trocamos nossas almas.
Esta que te ora fala, é de teu filho.
Em mim matas a ele, ele pede
Vida par'estes filhos concebidos
Em tanto amor. Não vês como parecem
Aquele filho teu? Senhor meu, matas
Todos, a mim matando: todos morrem.³¹⁶

A seguir, ela evoca o caráter de cavaleiro que reveste Coelho e Pacheco, mas em vão. Suplica que implorem ao rei em seu favor, e eles já pensam em matá-la. Com efeito, o rei a perdoou; mas logo envergonha-se deste momento de piedade. A infeliz Inês é assassinada. Pedro retorna mais cedo de Coimbra; pensa com prazer no momento em que reverá a esposa adorada; um mensageiro aparece e dá-lhe a notícia fatal. Sua fúria iguala a afronta. Em suas imprecações proféticas, anuncia a vingança que pode somente satisfazer sua dor; prediz o acontecimento que eternizará a memória de uma mulher desditosa. Ele procura consolar sua sombra, falando ao coração de uma mãe:

Tu serás cá Rainha, como foras.
Teus filhos, só por teus serão Infantes.
Teu inocente corpo será posto
Em estado real.³¹⁷

Segundo os costumes adotados há muito pelo teatro, duvido que a tragédia de Antônio Ferreira suporte facilmente a encenação. Mas acompanho um estudioso muito citado; há momento em que acreditaríamos reconhecer a linguagem de Alfieri.^{318 319}

Os críticos portugueses recriminam em Ferreira certa dureza de estilo.³²⁰ Francisco Dias, confessando que se pode fazer essa censura a uma centena de versos, elogia o restante da obra com um entusiasmo que facilmente compartilhamos.³²¹

Possivelmente esta tragédia era conhecida por nossos grandes autores; posso provar que foi traduzida antes para o francês e impressa em Paris. Foi totalmente impossível obtê-la. Caberia saber se exerceu alguma influência na França na época em que apareceu.³²²

Entre os autores aos quais serviu de guia, Gil Vicente teve a glória de contar Camões, quando esse quis devotar-se à poesia dramática. Sem dúvida, as peças que deixou não acrescentam muito à sua glória literária; mas contribuem provavelmente para dar o

impulso que repercutiu com tanta força na Espanha. Veremos sumariamente suas produções individuais, valorizando mais seu grau de importância que a ordem em que foram publicadas.

Camões deixou três peças de teatro, *Anfitriões*, *El-Rei Seleuco* e *Auto de Filodemo*. A primeira é uma imitação dos antigos, agradável quanto ao estilo, bastante imperfeita quanto à ação. *Seleuco* é um pequeno drama, cujas personagens gregas falam frequentemente como os portugueses no século XVI. Nesta peça, o estilo bufão alia-se a melancólicas situações. É Antíoco morrendo de amor por Estratônica, esposa de seu pai, ação seguida em toda sua simplicidade. Há uma pequena análise dela na minha tradução do teatro português.³²³

Quando pinta as paixões, o estilo de Camões torna-se notável. Nessas ocasiões, percebe-se que fala o homem que amou tão vivamente.

166 Ignoro se *Filodemo* foi alguma vez representado; mas esta peça, ainda hoje considerada imperfeita, era a que mais respondia às necessidades do período. Estão aí as personagens aventureosas da época, encenadas com os sentimentos exagerados então encontráveis em Portugal e na Espanha. Esta linguagem exprimia ao mesmo tempo os langores e os furores do amor; era a tristeza dos pastores da égloga portuguesa, que sucedia à linguagem impetuosa dos cavaleiros de romance, cujos modelos se viam então.

Havia nobreza nos sentimentos, porque ela estava presente na situação política. Houve a alegria bufona e às vezes trivial, porque então não se conheciam nuances e, nesses tempos em que se passavam as ações heroicas, as pessoas se divertiam com gracejos exagerados e exaltavam-se com a pintura dos devaneios cavalheirescos.

Isto comprova, sem dúvida, ser bastante difícil especificar qual é exatamente a linguagem da natureza para certas coisas. Ela varia segundo os tempos, e é sempre boa quando pinta uma época. Há, na maioria das nações, momentos em que nos encontramos em uma situação tão fora das leis comuns, que a linguagem não pode deixar

de passar por notável mudança, mesmo entre o povo. E gostaríamos agora de que o grego, com seu heroísmo e sua pobreza, pudesse ter a linguagem do holandês gozando de sua abundância pacífica. Se, em alguns anos, a Grécia, venturosa e livre, se dedicar ao teatro, que se interroguem seus escritos, e não encontraremos a exaltação de certos povos tão estranhos.

Analisarei o *Filodemo*, porque sua construção dramática ajuda a compreender o sistema do teatro romântico deste tempo e porque vale a pena conhecer tudo de um grande poeta.

O herói é servidor de uma personagem poderosa, denominada Luzardino, cuja filha, Dionisa, ele ama e, sem saber, é retribuído. Ele logo descobre essa sorte favorável, quando a acompanhante lhe relata a agitação de sua ama e o prazer que ela experimenta ao ouvi-lo cantar suas queixas, acompanhado pela guitarra. Ele manda-lhe um bilhete em que manifesta sua paixão, e Dionisa está longe de se incomodar.

Enquanto isso, outra ação se prepara; o filho de Luzardino, Venardoro, se perde, caçando um cervo nas montanhas; em vão, seus companheiros buscam reencontrá-lo. Repousando perto de uma fonte, nota uma jovem buscando água. Admira-a, fala-lhe, sente-se logo tomado por um amor tão violento, que decide cuidar de um rebanho, para viver sempre perto dela. Enquanto isso, Luzardino, inquieto por causa do filho, deixa Filodemo encarregado de sua casa e procura-o no lugar em que desapareceu sob os olhos dos acompanhantes. O idoso erra por longo tempo nas montanhas, quando percebe um matrimônio na vila. É seu filho que desposa a pastora Flomerina. Um velho pastor informa-lhe que encontrou, há algum tempo, essa moça e um menino, junto à mãe deles que morria; graças à arte da magia, que era sua profissão, descobriu que a infortunada mulher era uma grande princesa. Ele se oferece para informá-lo mais a respeito do assunto e diz que o rapaz, desejando elevar-se acima do estado que poderia lhe oferecer, mudou-se para

a corte. Luzardino fica descontente com a aliança; ele leva todos consigo, quando descobre que Flomerina é irmã de Filodemo, sendo que Luzardino reconhece neles os filhos de seu próprio irmão. Este, enviado há muito tempo à Dinamarca, teve um caso com a filha do rei e viu-se obrigado a fugir com a esposa em um navio que partia para Portugal. Quando chegavam à costa, uma tempestade os apanhou, o barco bateu nos rochedos, a tripulação pereceu, exceto a princesa, empurrada pelas ondas até as margens. Após vagar muito tempo no deserto, as dores do parto a tomaram de surpresa, e ela deu luz, pouco antes de morrer, às duas crianças encontradas pelo pastor. Após ser informado desses maravilhosos acontecimentos, Luzardino não recusa a filha a Filodemo; com muito mais razão, ele os surpreende juntos quando retorna. A peça termina por uma dupla união.³²⁴

168 Lamento nada citar desta peça singular. Circunscrito pelo espaço, obrigo-me a oferecer aos meus leitores a argamassa principal do edifício literário, fazendo-o compreender sobretudo qual era o espírito do século XVI, em que, como em nossos dias, havia em Portugal um perpétuo combate entre os imitadores estritos dos antigos e os escritores originais, submetidos, entretanto, quanto ao estilo, aos autores da Antiguidade.

Nessa época, aparece um autor dramático que teve talvez a intenção de reunir os dois gênero e cujo estilo sobreviveu ao esquecimento.

Jorge Ferreira³²⁵ compôs três comédias, cuja inconcebível extensão impede que atualmente sejam lidas e que apresentam a mais absurda acumulação de citações pedantes e sentenças morais colocadas indistintamente na boca de cada interlocutor. *A Eufrosina*, *o Ulisipo* e *a Aulegrafia* não prestaram grande serviço à literatura dramática, mas concorreram ao menos para o progresso da linguagem no estilo dramático.³²⁶

Apesar dos esforços desses diferentes autores, as farsas e os

*autos*³²⁷ sacros continuaram a ter grande sucesso durante o século XVI, representados frequentemente com uma pompa que atestava o gosto do povo por esses dramas religiosos. Mesmo antes de a monarquia portuguesa passar ao domínio estrangeiro, o teatro tomou naturalmente uma direção que se atinha ao antigo espírito nacional e à influência mais ativa então de uma sociedade religiosa que se tornava poderosa em todos os impérios. As tragicomédias escritas em versos latinos se multiplicavam; eram quase sempre extraídas das vidas de santos e representadas sobretudo nos colégios dos jesuítas.

As *comédias mágicas*³²⁸ estavam também em voga e encantavam pela variedade de quadros oferecidos. Mas observamos ainda menos verossimilhança que nos *autos*.³²⁹ Simão Machado³³⁰ foi o chefe da nova escola, cuja influência manteve-se até o século XVIII, repudiando a excelente comicidade dos autores franceses, que os letrados propunham por modelo.

Quando a glória dos portugueses se aniquilou na África e o reino mergulhou no luto, o teatro fora da corte foi abandonado por um tempo. Quando o gosto pela poesia dramática retornou, os senhores de Portugal desejaram estender seu poder mesmo sobre a cena. Lope de Vega e Calderón brilhavam na Espanha; só se encenavam suas peças em Lisboa. Os atores espanhóis foram os únicos a serem protegidos pelos vice-reis. A literatura dramática dos portugueses foi esquecida, após ter estimulado a da Europa. O esquecimento foi tal, que se manteve inalterável até o século XIX, quando as pesquisas diligentes de Bousterwek mostraram ao mundo literário riquezas até então desconhecidas.³³¹ Chegando ao final de uma fase gloriosa em todos os gêneros de poesia, continuaremos a examinar as outras produções literárias do período, retornando à história do teatro ao falar da época em que sua regeneração começou.

Capítulo XII

Poetas que se destacaram no século XVI em diferentes gêneros de poesia e principalmente na égloga. – Diogo Bernardes. – Andrade Caminha. – Fernão Álvares do Oriente. – Rodrigues Lobo. – Manuel da Veiga.

170 Depois de introduzir os poetas que consideramos os verdadeiros fundadores da literatura portuguesa, vejamos os que também ilustram o século XVI e que cooperaram para fixar a língua poética. Quase todos os autores que examinaremos dedicaram-se à égloga, à elegia e ao romance pastoril. Não há neles a ingenuidade do século precedente, mas eles mostram mais harmonia, mais elegância e mais ideias. Como seus precursores, contemplaram a natureza, mas seu espírito levou-os a ideias brilhantes de glória e de amor. Seus pastores falam muitas vezes como cavaleiros; eles têm a exaltação melancólica que só pertence aos homens continuamente contrariados em seus afetos e em suas esperanças pelos acontecimentos. Para exprimir o amor, multiplicam sem cessar as comparações mais exageradas, porque este sentimento, já tão romanesco entre eles, era ainda exaltado pelas expedições guerreiras. E a eles pode-se aplicar o que disse um escritor célebre,³³² referindo-se aos primeiros poetas italianos: “formados nas escolas nascentes do platonismo, distanciaram-se de tal modo, em seus poemas amorosos, de tudo o que era vulgar e pedestre, que se afastaram até mesmo do que era inteligível e humano. As mulheres, que eram o objeto de seus cantos, ficavam lisongeadas tanto com esta elevação do estilo, quanto com a dos sentimentos.”

Entretanto, graças a uma reunião bem sucedida, a elegância se alia frequentemente ao brilho do estilo; e, na poesia descritiva, os observadores da natureza pintam com encanto o que tinham sob os olhos:³³³ belas florestas, o oceano e as margens férteis dos rios.

Entre os poetas bucólicos desse tempo, destacamos Diogo Bernardes, Andrade Caminha, Fernão Álvares do Oriente, Rodrigues Lobo e Manuel da Veiga. Nem todos florescem precisamente na mesma época, mas a maioria pertence ao século XVI, e podemos dizer que, no século XVI, talvez tivessem sido mais conhecidos que Camões. Acusam-se mesmo vários deles de terem-se apropriado de versos que o grande poeta deixava escapar de sua musa em meio a viagens e combates, e aos quais desdenhava acrescentar seu nome. Indicarei sumariamente até que ponto essas alegações são fundamentadas.

Diogo Bernardes nasceu em Ponte da Barca, vilarejo situado no Alto Minho. Sua vida foi muito agitada, e ele mesmo dá uma ideia de seu caráter em uma de suas cartas:

Al punto que nasci luego fortuna
 Estendio sobre my su mano fiera
 Diome amarga leche, y dura cuna,
 La tristeza por ama, y compañera.³³⁴

171

Bernardes foi secretário da embaixada na Espanha, mas retornou quando a pátria o reclamou, e seu gênio cavalheiresco o levou a África, onde assistiu à batalha de Alcácer Quibir.

Após ter protagonizado atos de valor durante essa jornada desditosa, tornou-se prisioneiro dos mouros, que somente depois de certo tempo lhe devolveram a liberdade. Mas não sobreviveu muitos anos àquela espantosa catástrofe, morrendo ao final do século XVI [1596].

A principal obra de Diogo Bernardes intitula-se *O Lima*.³³⁵ São pastores que erram ao longo deste rio e que contam suas alegrias, suas esperanças, seus infortúnios. Há uma singular harmonia nos versos de Bernardes, mas o amor dos *concetti* os desarruma com frequência. Ele retorna, porém, muitas vezes à ingenuidade, na maioria das quais encanta por seu giro bem sucedido, pela elegância de seus versos. Há muita pesquisa; mas penso que Sismondi tratou-o seve-

ramente,³³⁶ dizendo que ele quis ser antes poeta do que satisfazer às necessidades de seu coração. Acredito, ao contrário, que havia muita exaltação na sua maneira de sentir e que ela o distanciava da simples verdade, como vários poetas de seu tempo. Este autor brilha, pois, sobretudo pela delicada pureza de seu estilo, pela elegância de suas formas poéticas. Sobressai-se ao pintar com encanto as paisagens que tinha sob os olhos. Apresentarei um exemplo de sua graça no gênero descritivo:

Que murtas, que medronhos, que avaleiras,
Que freixos, como estão de hera cingidos,
Quantas voltas lhe dá de mil maneiras!
Os lírios junto d'água bem nascidos,
Quanta graça que tem entre boninas,
Sem ordem cõ mais graça entremetidas.³³⁷

172 Eis um outro pequeno fragmento considerado modelo de expressão em português:

Dizem que quando o mar bonança nega,
Que corre aquela nau maior perigo.
Que à desejada terra mais se chega.
Assi m'aconteceu a mim comigo.
Seguro sempre o longe, sempre ledô.
Triste, e tratado o perto como imigo.³³⁸

Convido os amantes da bela literatura portuguesa a ler a écloga “*Cantava Alcido*”, em que o poeta, segundo os melhores críticos, mostra-se digno rival de Virgílio.

Diogo Bernardes está entre os acusados de terem-se apropriado de versos de Camões. Faria e Sousa privou-o de alguns trechos para introduzi-los nas obras diversas do grande poeta. Mas Sousa não faz uma acusação suficientemente fundamentada para que acreditemos nela.

Os poetas que examinaremos gozam, como Diogo Bernardes, da mais alta estima entre os portugueses, que os qualificam entre seus clássicos. Eles terão um grande defeito aos olhos dos franceses: dedicam-se quase exclusivamente ao gênero bucólico. Não podemos compreender a necessidade de lembrar incessantemente as doçuras da vida pastoril. Mais próximos do Norte, expandimos menos nossa existência no espaço externo; o panorama das cidades convém-nos mais. Não nos voltamos muito à contemplação da natureza, para exigir que nos dirijamos continuamente a ela.

Cabe dizer também que, entre muitos poetas, a extensão da écloga tornou-se fatigante e que os portugueses não variaram a pintura dos sentimentos, para serem estimados em outras nações, agora que desapareceu o encanto da poesia.

É sobretudo o estilo que consolidou a reputação dos poetas que examinaremos; mas seria desejável que tivessem conservado a tocante simplicidade de Sá de Miranda, que muitas vezes substituíu a pintura dos devaneios amorosos pela expressão de uma filosofia doce e ingênua. Apresentarei um autor em quem essa qualidade falta bastante e que brilha antes pela escolha das expressões que pela naturalidade dos pensamentos.

Pero de Andrade Caminha não foi desses poetas que devem suplantar a fortuna antes de tudo, que lutam continuamente contra o gênio que os arrasta e a miséria que os persegue.

Ele nasceu em uma família ilustre e contou com uma posição confortável na corte. Estava ligado aos homens mais prestigiados do século. É preciso, porém, excetuar Camões, ignorado por seus contemporâneos, e sendo a prova, como diz um escritor português, de que a superioridade foi odiosa em todos os tempos. Pois os poetas desta época nunca mencionam seu ilustre contemporâneo, embora suas obras não pudessem ser desconhecidas.

Caminha, cujas qualidades morais são elogiadas, foi sempre um homem bem sucedido; parece não ter conhecido a desventura,

mesmo quando uma catástrofe funesta arrebatou sua glória em Portugal: Sebastião, antes de partir para a África, recomendou-o vivamente a seu sucessor. Detive-me um momento sobre a vida deste poeta, para destacar os infortúnios que deveria descrever. Sua existência não ofereceu nada de notável. Ele morreu doze anos após a batalha de Alcácer Quibir [1589].

A reputação de Andrade Caminha atravessou os séculos, sem que os modernos soubessem se foi merecida. Conhecíamos apenas fragmentos pouco representativos de suas poesias, quando a Academia das Ciências publicou, há alguns anos, as obras completas,³³⁹ segundo dois manuscritos diferentes: um estava na mansão do duque de Cadaval; o outro foi encontrado por Joaquim Forjaz³⁴⁰ e Correia da Serra na biblioteca de um convento de Lisboa.³⁴¹

174 As poesias de Andrade Caminha se distinguem pelo encanto da dicção, pela harmonia. Francisco Dias Gomes recusa a ele o mérito de ter aperfeiçoado a língua, como seus contemporâneos;³⁴² mas ele soube utilizá-la bem. Ele não arrebatava por seu entusiasmo poético, mas encanta o ouvido por sua elegância e correção. Percebe-se que era um poeta cortesão, hábil ao fazer versos, amado por aqueles que o cercavam e que ele elogia com frequência. Ele entendia como primeiro mérito da poesia a combinação harmoniosa dos versos, esquecendo que o gênio submete-se a seu poder e que seu pensamento só pode servi-lo. Há em Andrade Caminha os movimentos de um espírito fino e delicado, adaptados à vida pastoril; mas estas pinturas raramente emocionam. É quase o Fontenelle³⁴³ da literatura portuguesa. Nesse trecho um pouco menos marcado por esses defeitos, um pastor dirige-se a uma jovem insensível:

As ninfas destes bosques apartados
Te desejam, e esperam coas mãos cheas
De dões a ti só Filis dedicados.
Para ti mais copiosas suas veas
Soltam as claras fontes, e os ribeiros,

Mas tu lá só contigo te recreas.

Para ti os frescos vales, e os outeiros
Se vão cubrindo de mil várias flores,
Mas tu em ti só tens gostos verdadeiros.

Para ti cantam sempre mil pastores
Em amor apurando a voz e a cana,
Mas tu tens só contigo teus amores.³⁴⁴

Andrade Caminha redigiu grande número de epitáfios, e é, na minha opinião, onde demonstra maior talento. Eis um deles, notável pela felicidade de expressão:

Ao mesmo João Lopes Leitão

Epitáfio
Vês tu que passas esta sepultura
De Palma ornada, e de Loureiro, e d’Hera:
Vazia está, que o quis assim a ventura
Que para o corpo de João Lopes era;
Seu corpo jaz no mar, su’Alma pura
O Céu se foi, onde seu corpo espera:
Coroa mereceo de dous Loureiros
A dos Poetas, e a dos Cavaleiros.³⁴⁵

175

A *Biblioteca Lusitana*³⁴⁶ atribui a Andrade Caminha um poema no gênero burlesco, intitulado *Nigralamio*.

Fernão Álvares do Oriente, nascido em Goa, é colocado entre os poetas mais notáveis da época. Habitante das Índias portuguesas, deveria ser guerreiro. O Capitão Mor Fernão Teles³⁴⁷ confiou-lhe o comando de um navio durante a expedição que fez em direção ao Norte. Barbosa não informa se ele viveu em Portugal; e Temudo da Fonseca³⁴⁸ parece provar que ele não retornou,³⁴⁹ dizendo ser o poeta para quem as musas foram mais longe, levando-lhe as riquezas que a Europa produziu.

Fernão Álvares do Oriente escreveu uma obra célebre, conhecida sob o nome de *Lusitânia transformada*. É uma pastoral em que prosa e verso se misturam, em que o encanto dos quadros se alia ao encanto da versificação. Mas surpreende-nos o fato de que um autor nascido na Índia tenha pintado a natureza da Europa, sem nunca tentar descrever a que tinha diante dos olhos e que ele devia admirar.³⁵⁰

Apresentarei dois trechos de um gênero diferente. O primeiro é retirado do começo da obra: em prosa, pinta uma das encantadoras paisagens que apresentam tão frequentemente as margens dos rios em Portugal:

Naquela parte da grande Lusitânia, que a natureza fez o sítio aos olhos mais oculta, e na frescura dos arvoredos, que a encobrem, mais aprazível, justo donte o rio Nabão, mais conhecido pela antiguidade de seu nome, que pela grandeza de sua corrente, e o claro Zêzare misturando as águas, juntamente com os seus nomes as vão entregar ao Tejo, que por douradas areas (cesconto certo de todos os bens do mundo) as leva de mistura com suas daí a pouco espaço ao mar salgado, nua abriga ao pé dum alto monte, que de contino lava com a sua corrente um ribeiro, viva ua companhia de pastores que, juntos debaixo do governo de Severo seu maioral, naqueles campos apacentam seus rebanhos.

Aqui a par dua fonte clara se alevanta um feixo antigo, que, estendendo os ramos sobre as ágoas, parece que ou estão contemplando no cristal líquido sua formosura, namorando-se, ou que, agradecido ao benefício, que das mesmas ágoas recebe, por natural impulso lho paga com a sombra, que de contino lhe fazem os ramos, que estende sobre a fonte cristalina. É naquela parte o clima tão temperado, que as ditosas flores, que ali nagem, se logram de ua perpétua primavera, de maneira que nem o frio inverno, nem o calmoso estio lhe fazem com suas alterações algua injúria, que, por particular dispensação do Céu, alcançou aquele bosque deleitoso, privilégio de não ser tributário às mudanças do tempo, que tudo senhoria.^{351 352}

Após caracterizar as descrições poéticas da *Lusitânia trans-*

formada, citarei um de seus mais belos trechos em verso, em que uma pastora dirige-se a outra jovem:

Se ponho os olhos n'esta clara fonte
 E polo longo largo campo espalho a vista,
 Aquela d'ágoas chea, este de flores,
 Colho de tudo aqui proveito e gosto.
 Que quanto vendo estou me alegra o peito,
 E em quanto vi me desengana o tempo.
 Ligeiro corre mais que a seta o tempo,
 E a quem atropelou, perpétua fonte
 Com seus golpes cruéis lhe abriu no peito,
 A qual sua evasão só na vista.
 Mas a quem convidou c'um breve gosto,
 Mais presto o murcha que no campo as flores.
 Ó vós que os Céus ornais, perpétuas flores,
 Vós só sojeitas não estais ao tempo,
 Que os mores bens do mundo, a vida, o gosto
 Buscando o fim (qual vai buscando a fonte
 O mar) desaparecem d'ante a vista,
 D'ágoas enchendo e dor a vista e o peito.
 Vós que o preço mortal trazeis no peito,
 Na cabeça trazeis mundanas flores,
 Só no favor humano ponto a vista;
 Preço, flores, favor, que gasta o tempo.
 Sabei que como corre ágoa da fonte,
 Assi passando vai da vida o gosto.³⁵³

Este trecho pertence ainda à escola dos poetas portugueses que procuraram suas imagens em um devaneio contemplativo. Encontramos o mesmo movimento do pensamento em todas os bucólicos que sucedem Camões ou que podemos ver como seus contemporâneos.

A época a que chegamos é interessante para o estudo filológico da literatura. A glória militar, depois de alcançar seu grau

mais alto, começou a declinar. Ocorreu uma terrível catástrofe, os espíritos ainda se exaltam pelas grandes recordações, mas a alma está fatigada. Então as produções poéticas adotam uma melancolia mais pronunciada que no século precedente. O impulso foi dado e não pode ser ainda interrompido, a literatura produzirá obras de um outro gênero. O estudo dos antigos se evidenciará menos; mas a observação de uma natureza estranha, a influência de acontecimentos extraordinários se mostrarão mais. A linguagem começa a perder a pureza; por outro lado, algumas grandes obras apresentam uma concepção talvez mais original. A nação sentiu bastante, busca-se satisfazer a novas necessidades literárias, prevê-se que um novo período se prepara. Infelizmente, os movimentos políticos interrompem a maioria de seus efeitos; mas é interessante conhecê-los todos.

178 Porém, a mudança não pode ser súbita; percebe-se muito lentamente a transição. Estamos quase no final do século XVI; o poeta a seguir é um dos mais célebres sucessores de Camões, mas aparece bem depois. Ele viu bastante, sentiu bastante; sua poesia arrebatada; pouco faz para a perfeição da linguagem, e talvez se possa afirmar que começa a preferir as formas novas do estilo.

Rodrigues Lobo nasceu perto da metade do século XVI. Não há muitos detalhes sobre sua vida, mas sabemos que viajou e dedicou-se com ardor ao estudo. Seu final foi infeliz; afogou-se no Tejo tantas vezes celebrado.

Rodrigues Lobo é cognominado o Teócrito³⁵⁴ português, título que não pode ser-lhe retirado e que, sob certos aspectos, preenche dignamente. O entusiasmo pelas belezas da natureza e a maneira como as pinta conferem-lhe méritos. Porém, em várias vezes falta-lhe ingenuidade e, na maioria de suas composições, uma imprecisão cansativa.

Se seu plano tivesse sido bem sucedido, sua primeira obra seria o poema épico sobre Nuno Álvares Pereira, grande condestável de Portugal. É a vida deste herói escrita em versos, não um poema; até o estilo é imperfeito. Falta aí o admirável autor das encantadoras pastorais.

Dividem-se suas outras obras em três classes. A moral ocupou-o por algum tempo, tendo ele publicado um livro de filosofia que nada tem de brilhante. Seguem-se os romances pastoris, misturados de prosa e verso.³⁵⁵ *O pastor peregrino* é o mais conhecido, difícil de analisar, como a maior parte das produções do mesmo gênero. Eis um de seus romances mais notáveis:

De cima deste penedo
 Aonde combatendo as ondas
 Mostram sempre mais segura
 A firmeza desta rocha,
 Com os olhos trás de ua barca
 Que o vento leva por força
 Vendo que tem força o vento
 Pera atalhar muitas obras,
 Me representa a ventura
 Quão pouco contra ela monta
 Firmeza, vontade e fé,
 Desejo, esperança e forças.
 Por um lar tão sem caminho,
 Morada tão perigosa
 Pera as mudanças do tempo,
 Dando sempre a vela toda,
 O leme na mão de um cego
 Que quando vai vento em popa
 Dá sempre em baixos de areia
 Aonda em vivas pedras toca,
 Que farei pera valer-me?
 Pois a terra venturosa
 Aonde aspira meu desejo
 É cabo que não se dobra.
 Se quero voltar ao porto,
 Não há vento pera a volta.
 Enfim, que o fim da jornada
 É dar no fundo ou na costa.

Pensamentos e esperanças,
 Julgai quanto melhor fora
 Não vos ter pera perder-vos
 Que sustentar-vos agora,
 Pois não custa tanto a pena
 Como dói perder a glória,
 E é mais sustentar cuidados
 Do que é conquistar vitórias.
 Só males são verdadeiros,
 Porque os bens todos são sombras
 Representadas na terra
 Que abarcadas não se tomara.
 Mar empeçalho e revolto,
 Navegação perigosa,
 Posto que nunca se alcança,
 Água que sempre soçobra,
 Estreitos não navegadfos,
 Baixos, ilhas, sirtes, rocas,
 Sereias que em meus ouvidos
 Sempre achastes livres portas.
 Adeus, que aqui lanço o ferro,
 E por mais que os ventos corram,
 Para saber da ventura
 Não quero fazer mais provas.³⁵⁶

Parece-me que há neste trecho aquela vaga melancolia que caracteriza tão bem a poesia de nossa época. Continuando-o, foi fácil para mim provar que este gênero, entre os portugueses, tem os defeitos que recriminamos na nova escola.

A meus olhos, há certa analogia, para o pensamento, entre Bernardim Ribeiro e Rodrigues Lobo. Estes dois poetas bucólicos pertencem a épocas bem diferentes, sem dúvida: um começa o grande século, o outro termina as mais brilhantes manifestações. Mas não esqueçamos que houve grandes comoções políticas no começo e no final deste período.

Citarei ainda um trecho de Rodrigues Lobo, que mostra seu grande talento, mas que revela uma maneira mais franca.

Na prosa do romance pastoril, este autor tem todo o encanto do gênero, mas também os defeitos, que decorrem frequentemente da busca do estilo. Porém, o poeta observa a natureza e encontra frequentemente sua linguagem. Em uma das narrações de Rodrigues Lobo, um velho pastor conta a Lereno os prazeres tranquilos que lhe oferece a solidão:

- Há mais de sessenta anos que naci detrás daquele penedo que daqui aparece no alto da serra, e de então até agora nem vi mais terra que a que dele se descobre, nem desejei outra de quantas ouvi gabar a meus naturais. Nunca tive de meu outro bem mais que não desejar os alheios, nem outro mal que me desse mais cuidado que as ocasiões que o tempo me ofereceu de poder possuir o que os homens estimam e sentem tanto perder, como são enganados. Sou tão pobre do que a fortuna reparte que cada hora que me quiser tomar conta de tantos anos lhe não ficarei devendo nem um desejo. Vivo de guardar gado de outros donos, sou fiel em o tratar, diligente no pasto e remédio dele, rico com a parte que me cabe da sua lã e do seu leite, porque dela me visto e dele me sustento; nem quando os frutos são poucos me lastimo, nem quando as novidades são maiores me alvoroco; contenta-me o bem, não me soçobra o mal. Tenho ua cabana em que vivo, feita por minha própria mão das árvores destas brenhas. Não acharás dentro cousa que deva direitos à vaidade: tudo são instrumentos necessários ao meu ofício de guardador, e se alguma cousa sobeja, será das que ainda são mais importantes para a vida. Daqui me alevanto contente e aqui me recolho descansado, porque nem acordo com os pensamentos na ventura, nem adormeço com eles repartidos em bens que enganam e em males que os homens escolhem de seu grado. De noite, qualquer estrela que vejo é minha, porque todas favorecem o meu estado; de dia, sempre o sol me aparece de ua cor, porque o vejo com os olhos livres. Tenho este instrumento a cujo som canto. Quando é bem me alegre, porque canto para me alegrar, e quando pelo contrário, me não pesa muito, porque o não faço por alegrar a outrem. Quando há frio e neve na serra, também há lenha nesses montes e fogo

nestas pedras com que me defendo; quando a cabana é grande, com o abrigo destas árvores e a vizinhança das fontes me recreio. Assim são os meus manjares como é a minha vida: nem ela me pede os que lhe façam dano, nem eu os tenho. O meu vestido é sempre desta cor, porque em qualquer cousa (ainda de menos contia) é a mudança perigosa. O maior trabalho que tenho é os pastores com que trato, porque cada um tem ua vontade e um entendimento, e eu me hei-de servir só do meu para com todos. Porém, de tal maneira uso dele que me não dá do sucesso que pode acontecer.³⁵⁷

Este trecho, talvez um pouco longo, não daria uma ideia muito correta do gênero de talento de Rodrigues Lobo, se não tivesse apresentado uma outra citação. Parece ter traçado o quadro de uma vida sem qualquer agitação, para servir de oposição a estas pinturas de paixões dolorosas que encontramos a cada instante em seus escritos.

182 O poeta publicou uma pequena obra de moral intitulada *Corte na aldeia*, que comprova seu talento, mas que muitas vezes se distancia do gênero verdadeiro ao qual o autor se relacionava. Há mais busca de estilo quando se dedica à observação da vida pastoril.

Há outro poeta que Joaquim de Foios³⁵⁸ inclui no número dos sete bucólicos³⁵⁹ que ilustram sua pátria: Manuel da Veiga, nascido nos últimos anos do século XVI.³⁶⁰

Trata-se de uma existência bem dolorosa: como Petrarca, ele amou uma Laura, e amou desde a infância;³⁶¹ como Abelardo, retirou-se para um claustro e seguiu o exemplo daquela que amava. Sua vida sofreu muitos reveses; um cativo de cinco meses acrescentou-se a seus males. É na prisão, sepultura do corpo e da alma, como ele mesmo afirma, que escreveu a maior parte de suas poesias. Seus infortúnios trouxeram-lhe uma velhice antecipada:

Já invejas e danos
Tem o ouro semeado
De prata em verdes anos;

Vendo-me tão mudado,
Que num cisne de neve estou trocado.³⁶²

Ele morreu à época em que Portugal caiu sob a dominação espanhola.

Conheço apenas fragmentos deste poeta, que me parece ter verdadeiro mérito. Recrimina-se nele a pouca correção. Suas odes mostram entusiasmo. Sua obra publicada apareceu sob o título de *Laura de Anfriso*.

Capítulo XIII

Bandarra, poeta popular.

Há ainda no século XVI uma dessas singularidades literárias que aparecem em todos os povos, que se dirigem primeiro à porção menos educada da nação e que terminam de algum modo comovendo as imaginações, por encontrar entusiastas até mesmo nas classes elevadas. Consagro aqui algumas palavras às rimas de Gonçalo de Bandarra.³⁶³

184 Considera-se este poeta da natureza o Nostradamus³⁶⁴ e o Mestre Adão de Portugal.³⁶⁵ Era um pobre sapateiro de Trancoso, na província da Beira. Entregando-se à chama poética, entendeu-se profeta e chamou a si a atenção do Santo Ofício, que, entretanto, não o condenou à fogueira. Se foi perseguido durante a vida, foi homenageado com um pequeno monumento após a morte. Uma inscrição lembrou que ele predisse o restabelecimento da monarquia.³⁶⁶ Suas obras foram impressas até na França [1644]. O pobre sapateiro de Trancoso provavelmente jamais esperou tantas honras à época em que penosamente ganhava a vida.

Brito, em *Theatrum lusitaniae litterarium*, surpreendeu-se com essa moda singular; não encontra nada de profético no Bandarra e acredita que só se entregava à sua verve rústica e alegre para encantar seus trabalhos. Confere-se a ele uma intenção que provavelmente nunca teve.

Pessoas letradas disseram-me que, por muito repetidas, as poesias de Bandarra exerceram grande influência no espírito do povo, razão porque me preocupei de indicá-las aqui.

Capítulo XIV

Visão sumária da poesia latina em Portugal.

Uma nação cuja língua tem surpreendente analogia com o latim devia produzir homens familiarizados com a poesia de Horácio e de Virgílio, e capazes de imitar esses grandes mestres. Os poetas latinos de Portugal são, pois, numerosos, como a coleção de suas obras.³⁶⁷ Quase todos estes autores viveram no século XVI, e a maioria escreveu com rara elegância. Os interessados podem ler uma tradução em versos latinos de *Os Lusíadas*, por Tomé de Faria.³⁶⁸ Mas o que merece atenção é o poema épico de Paiva de Andrade, intitulado *Chauleidos*,³⁶⁹ cujo assunto é o cerco de Chaul. Assim como em *Os Lusíadas*, a cena se passa nas Índias. Não pretendo examinar esta vasta composição, que não pertence propriamente à literatura nacional. Ela entusiasmou vários letrados, e entre outros o autor das *Soirées littéraires*, que assim se expressa a respeito:

185

Li atentamente os doze cantos: o assunto de *Chauleidos* é grande como convém à epopeia. A ação é simples na sua imponente majestade. O herói inspira o maior interesse. Uma ordenação magnífica, uma imaginação brilhante, belos episódios que dão um novo lustro ao que chamamos a fábula, imagens novas, muita sensibilidade, a pintura animada dos costumes selvagens, versos harmoniosos; eis o que notei de imediato com grande prazer. Distingo sobretudo uma heroína tão brilhante quanto a Penteseila,³⁷⁰ de Homero, a Camila,³⁷¹ de Virgílio, a Clorinda,³⁷² de Tasso.³⁷³

Coupé acrescenta que a descoberta desse poema, até então ignorado, tornou-o o homem mais feliz do mundo e que só lamenta não poder traduzi-lo, por causa dos meios limitados de sua fortuna. Ele desejava publicá-lo, ao lado do texto original.³⁷⁴

Há naquela vasta coleção muitos autores que seguiram, em uma língua estrangeira, o gosto dominante da nação e que deram

muitas éclogas, entre as quais podemos destacar as de Caiado,³⁷⁵ conhecido também na Itália.³⁷⁶

As obras latinas do célebre padre Macedo também são interessantes, como as tragicomédias latinas *Orfeu e Jacó*,³⁷⁷ compostas para a corte de Luís XIV, onde foram representadas.

O espaço me impede de entrar em detalhes sobre o estudo das línguas mortas. Os helenistas encontrarão nas *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa* bem elaborada memória sobre os progressos e a decadência do estudo do grego em Portugal.³⁷⁸

Capítulo XV

Historiadores portugueses do século XVI.

Jerônimo Osório, João de Barros, Couto, Albuquerque, Damião de Góis, Castanheda, Resende, etc.

Ainda que o clima e as circunstâncias políticas exerçam natural influência sobre a poesia, não deveriam agir sobre os historiadores, aos quais, sem se distanciarem inteiramente daqueles, caberia desafiar seu poder. Lamentavelmente só após duradoura civilização, alcança-se a imparcialidade que leva a rejeitar os preconceitos do tempo e do local. Não se deve buscá-la em uma época em que o povo sai da barbárie em política; seria injustiça exigi-la em historiadores portugueses do século XVI. Imbuídos das rápidas conquistas de onde provinha o esplendor de sua nação, empolgados por um zelo religioso que apaga a distinção entre o que é e não é justo, crendo terem seus compatriotas sido chamados, por uma missão particular, a fazer novas descobertas, eles são brilhantes na maneira como contam os fatos, às vezes cruéis em seus raciocínios, e citam, na maior parte das vezes, um milagre operado contra os povos infiéis, no momento em que esperaríamos encontrar consideração piedosa sobre a sorte deplorável a que foram reduzidos em nome de um Deus de paz.

Seus escritos lembram a poesia do século: tanto entusiasmo levou-os a um alto grau! Eles não precisaram buscar fora fatos elevados a celebrar, bastava o que se passava a seu redor. Sua imaginação não teve necessidade de exaltar-se para surpreender inventando, pois a verdade da história era essencialmente poética entre eles. Mares desconhecidos cruzados pela primeira vez, imensos impérios descobertos, alguns homens opondo-se a exércitos inteiros e vencendo-os, os tesouros da Índia acumulando-se nos portos de Lisboa, uma nova natureza ostentando seu esplendor aos olhos dos habitantes da Europa, que se acreditavam os mais favorecidos pelo

clima: eis o que os historiadores de Portugal descreveram, estimulou suas imaginações brilhantes, desenvolveu seu caráter original enquanto escritores.

Percebe-se que seus defeitos relacionam-se essencialmente à época. Nem todos chegam ao mesmo nível de um dos mais célebres, João de Barros; mas apenas uns poucos estão isentos disso. Estes autores laboriosos não foram simples cronistas, eles quase sempre mesclaram numerosas reflexões aos relatos dos acontecimentos que narraram. Por isso, despertaram meu interesse. Em nossos dias, ficamos surpresos com sua verve, seu tato para compreender os usos, e a educação que mostram em uma época em que ela faltava. Isso deve-se em grande parte, sem dúvida, ao fato de terem viajado a toda parte, ou então a seus frequentes contatos com os homens, tendo muito visto e comparado.

188 Os portugueses dispuseram, como se vê, de todos os elementos de uma história nacional brilhante; além disso, os soberanos encorajavam os autores. Mas, protegidos pelos reis, os historiadores diziam toda a verdade? Devemos, pois, pedir, em geral, aos historiadores portugueses apenas relatos brilhantes e enérgicos das descobertas. Foram tão ricos neste gênero, que exageraram a verdade. Um deles, porém, falava antes de tudo segundo a consciência.

Como apresento uma visão sumária desse século, não me limitarei a uma cronologia estrita. Trata-se de julgar homens cujo dever era educar. Portugal coloca João de Barros no topo de seus historiadores; mas a humanidade agradecida aí situa o virtuoso bispo de Silves.

Iniciarei, pois, por Osório, ainda que tenha escrito em latim a maior parte de sua obra; e coloco-o em primeiro lugar, embora ainda o dominasse o espírito do século. Mas ele sabia falar ao povo e levá-lo à tolerância; tinha profundo sentimento da verdade, e ousava dizê-la aos reis.

Este deve ser, sem dúvida, um grande mérito a nossos olhos – escrever segundo os impulsos de um coração reto, em uma época em que tantas circunstâncias contribuíam para falsificar o julgamento e para desprezar as leis da humanidade.

Jerônimo Osório, mais conhecido sob o nome de Osorius, nasceu no começo do século XVI [1506] e atravessou sua maior parte. Bispo de Silves, no Algarve, suas dignidades eclesiásticas não o impediram de elevar uma voz eloquente em favor dos judeus, quando esses sofriam ainda odiosa perseguição e em uma ocasião em que ninguém tentava implorar piedade em seu favor.

Jerônimo Osório redigiu uma *Vida e feitos d'el rei D. Manuel* notável sob todos os aspectos e que talvez tenha sido mais difundida na Europa que as diversas obras dos historiadores portugueses por causa da língua em que foi escrita. É muito conhecida, para que a analise. Citarei apenas um fragmento que evidencia a maneira de escrever do historiador.

Após desenhar a situação em que se encontravam os israelitas, as imunidades que lhes havia concedido João II e a maneira pela qual Manuel, acreditando-se livre dos compromissos assumidos pelo predecessor, ordenou a esses infortunados que saíssem do reino em menos de um mês, ele detalha as perseguições que seguiram este medonho arresto:

Já todos à porfia se davam prestes para a viagem, quando D. Manuel, que se lhe cortava o ânimo de correrem às penas eternas tantos milhares de homens, traçou de dar atalho a lhes salvar sequer os filhos. Foi injusta, foi iníqua a traça, bem que nascida de louvável pressuposto. Deu ordem que todo o filho de judeu que não raiasse além de catorze anos fosse tirado do poder do pai, para, arredado de sua vista, ser doutrinado na religião cristã; mas não o conseguiu sem grande alteração de ânimos. Era coisa piedosa ver arrancar os filhos do seio das mães, arrastar, e ainda abordoar e avergoar os pais, que estreitavam os filhinhos em seus braços:³⁷⁹ levantavam-se

estendidos alaridos e tremiam os ares com as lástimas e prantos das mulheres. Deles houve, que, turvados de indignação, os filhos nos poços afogavam: deles entraram em tal loucura, que se deram a si mesmos morte. Agravava-se mais a calamidades destes miseráveis, que, ansiosos de Sestras passar à África, fartos de tanta injúria, lhe negavam os meios todos. Que ardia el-rei em tanto afogo de reduzir estas ovelhas ao redil da Igreja, que metia prêmios para os atrair, e insultos para obrigá-los: até a licença mesma que para o embarque lhes fora dada, lha prolongavam de um dia a outro, para intermeiar-lhe tempo de mudar de aviso; e de três portos, que lhe tinham nomeado para a navegação, tolheu os dois, para que só de Lisboa se embarcassem, de modo que foi inumerável o concurso de judeus, que nela desaguou. Passou-se o dia decretado, e já era forçoso esbulhar da liberdade os judeus, que não puderam navegar-se.³⁸⁰

190 Certo, repito-o, este fragmento está escrito com amena indignação; mas era muito, para a época, não procurar desculpar uma temível medida política. O homem que vemos em geral como um dos mais notáveis historiadores portugueses, João de Barros, está bem longe de adotar o mesmo sistema. Levado pelo espírito do século XVI, ele desculpa os crimes cometidos na Índia, porque se perseguiam infiéis. Poderia comprová-lo, mas examinar-lo-ei sob outra perspectiva. Vejamos antes como, após pintar uma odiosa perseguição, Osório elevou a voz quando era preciso chamar a atenção para o perigo.

Fiel aos princípios que quase sempre o guiaram, o sábio Osório viu com temor os funestos projetos que um jovem monarca imprudente começava a querer executar.

Como idoso e como eclesiástico, seus conselhos deviam ser ouvidos. Sob o reinado de Sebastião, os perigos que corria a pátria deram-lhe de novo a virtuosa energia que se acreditava enfraquecida pelos anos. Retomou a pena com mão firme, para escrever ao rei.

Pela força de seus discursos, percebe-se que seu caráter não

tinha mudado. Mas o que podiam suas eloquentes evocações sobre um espírito desmesurado, que desdenhava mesmo os conselhos dos velhos guerreiros acostumados a vencer e que reunia os médicos para perguntar-lhes, com ironia cruel, se a idade não enfraquecia a coragem e transformava-a em pusilanimidade! Os discursos de Osório foram, pois, inúteis; permaneceram pelo menos como modelos de nobre eloquência, como provas de um belo caráter. Foram publicados há pouco tempo sob o título de *Cartas portuguesas de D. Jerônimo Osório, bispo de Silves*.³⁸¹ Estas cartas do bispo de Silves eram inéditas; foram reunidas em um volume in-12 por um erudito português. Todas tratam de assuntos políticos, e a primeira é dirigida ao rei. Como as outras, distingue-se por uma nobreza admirável de estilo: “Grandes perigos, diz Osório em certo momento, não carecem de seu louvor, e a fraqueza é acompanhada de perpétuo vitupério.”³⁸² Mais adiante, estimula o rei a ser firme e resistir aos maus conselhos. Como destaca o editor, um ponto histórico, a se examinar nesta carta, é a extrema repugnância que a nação tinha por esta guerra, apesar dos esforços do rei para estimular a participação dos súditos. Em outra carta, Osório fala a Sebastião sobre seu casamento. A terceira é destinada a Câmara,³⁸³ confessor do monarca, e também se destaca por grande força da alma. A quarta, escrita contra o juiz da coroa, Jorge da Cunha, está tomada pelo espírito eclesiástico do século XVI; e da parte de um espírito sábio como Osório, a violência que aí impera é grande prova da influência do tempo. A última é dirigida à rainha: como todas as outras, é notável no que diz respeito ao estilo.

Passamos agora à vida de um historiador superior a todos do século XVI também por seu estilo e por sua visão; já referimos Barros.

A vida deste escritor não pode ser indiferente, ligando-se essencialmente à história de suas obras. Vendo terras distantes, comparando costumes estrangeiros, concebeu o projeto de recuperar a história de seus compatriotas.

João de Barros nasceu nos últimos anos do século XV [1496]. Sua família era nobre, e ele logo achou-se empregado na corte de Manuel. Já vimos como as letras foram então encorajadas. O jovem Barros experimentou os efeitos desta afortunada influência que se expandiu mesmo longe do trono. Aquele que devia merecer o título de Tito Lívio³⁸⁴ português começou a carreira literária por um romance, notável antes pelo estilo que pelo poder da imaginação. Contudo, podia-se prever desde então que o autor de *Clarimundo*³⁸⁵ estava destinado a redigir história de uma maneira antes brilhante que sábia, mais cavalheiresca que filosófica, porém, ao mesmo tempo, singularmente útil, porque ela se faria ler com ardor e desenvolveria o espírito nacional.

Um homem como João de Barros não podia ser desdenhado na corte de João III. Este príncipe compreendeu sem dúvida que eram necessárias impressões inusitadas ao gênio destinado a contar tantos fatos novos.

192

João de Barros, enviado inicialmente para a África, foi nomeado governador dos estabelecimentos da Costa da Guiné. Alguns anos depois, retornou a Lisboa. Graças ao modo como cumpriu as tarefas de que estava encarregado, mostrou-se adequado para um posto mais alto na administração, tornando-se tesoureiro geral das colônias. Teve então condições de reunir os documentos necessários ao imenso trabalho que preparava. Adotou o plano depois executado por Faria e Sousa: as conquistas dos portugueses e suas descobertas nas quatro partes do mundo seriam contadas separadamente. Dedicou-se às guerras da Ásia, e sua vida não bastou para essa obra importante. Mas foi o primeiro a introduzir a Índia aos europeus.

Se consideramos João de Barros apenas como escritor, justifica-se, principalmente no que diz respeito a esse aspecto, o entusiasmo que os portugueses têm por ele: reuniu a elegância e a energia, e é ainda hoje autoridade relativamente à pureza da linguagem.

Um crítico português expressa em poucas palavras o imenso serviço que o historiador prestou à literatura nacional. “Do estudo, que tenho feito das obras do grande historiador, escreve Francisco Dias Gomes, colijo que ele foi quem preparou a bela linguagem para os nossos épicos.”³⁸⁶

Com efeito, suas pinturas se apresentam sempre da maneira mais poética, apesar de um pouco de exagero. “Uma nação a que Deus deu tanto ânimo, que se tivera criado outros mundos, já lá tivera metido outros padrões de vitória.”³⁸⁷ Ele revela encanto e exatidão, ao descrever as regiões que se encontram entre o rio Gâmbia e Canaga.³⁸⁸ Os costumes, os benefícios da agricultura, tudo está presente da maneira mais adequada.³⁸⁹

A época em que viveu levou-o a cometer alguns erros; mas, graças a ele, um bom número de escritos importantes enriqueceu a literatura. Graças à sua pena brilhante e experiente, ele fez os portugueses da Europa compreenderem as maravilhas que seus compatriotas realizavam na Ásia. O começo das *Décadas* apareceu um ano antes da partida de Camões [1552] para Goa, e pode-se acreditar que Barros fomentou nessa alma ardente a admiração patriótica que concebeu tantos belos versos.

No século XVI, João de Barros produziu uma obra que ainda hoje manifesta para nós encanto e utilidade. Um escritor, cujas opiniões nem sempre compartilho, expressou o segredo do historiador português de um modo que me parece o mais acertado. Empresto de Sismondi esta passagem notável. Após ter mencionado os imensos trabalhos a que Barros se devotou, continua assim: “Ele toma partido, é verdade, dos portugueses, mas talvez tanto quanto um historiador nacional deva sê-lo para interessar. Por que ele escreveria se não tivesse o desejo de erguer um monumento glorioso à sua pátria? Não a trairia se, consultado como um advogado, ele a condenasse como um juiz? Pode ele animar, aquecer os leitores pelo entusiasmo que a fez desempenhar as grandes ações, se as disseca

para as diminuir, se busca com empenho os motivos vergonhosos das coisas virtuosas, se acende os sentimentos para duvidar deles, se comunica através de seu livro o gelo que tem no coração? Chega-se mais frequentemente a conhecer a verdade através dos escritores que tomam partido de sua pátria, que por aqueles que não sentem nada; os primeiros têm ao menos uma coisa verdadeira, o sentimento.”³⁹⁰

Comprendemos que semelhante historiador deve ser lido com circunspeção, mas que não deixa de interessar. Lamento, por causa do espaço, não fazer mais citações de Barros. Constataríamos que é um desses homens eminentemente úteis aos séculos posteriores, porque pintam o próprio século com seus preconceitos, crimes e virtudes.

Atualmente as opiniões emitidas por João de Barros sobre os negros e sobre os indianos parecem-nos, sem dúvida, horríveis. Eram as da época; mas, adotando-as, o coração do historiador não foi culpado, pois há muitos poucos homens como Osório, como 194 las Casas³⁹¹ e como Cristóvão Colombo,³⁹² que se deixam falar pelo coração, e seu coração torna-os superiores a seu século.

A morte chegou, e o trabalho de Barros não estava concluído; pois, apesar de seu entusiasmo, ele entregou-se a um estudo profundo do estilo. Diogo de Couto foi encarregado de continuar a obra, que englobava uma parte dos fastos da nação. Como seu predecessor, sentiu-se emocionado com a lembrança das grandes ações e, se não teve todo seu talento, herdou parte das qualidades: se era difícil destacar-se após João de Barros, teve a glória de ser nomeado depois dele.

Diogo de Couto conhecia bem os acontecimentos cujo relato devia completar as *Décadas* de Barros. Ele percorreu as Índias e a África; como Camões, de quem era amigo, visitou as regiões a descrever. Dotado de grande sagacidade de observação, previu a queda dos conquistadores; e, graças ao zelo da Academia de Ciências de Lisboa, a literatura recentemente enriqueceu-se com interessante

obra daquele autor, intitulada *Observações sobre as principais causas da decadência dos portugueses na Ásia*, onde muitos fatos são explicados.³⁹³

Quando pensamos nas conquistas da nação portuguesa, o nome de Albuquerque logo se apresenta à memória; mas, nesta família, há mais de um gênero de glória, e as façanhas do pai foram dignamente transmitidas à posteridade por seu filho. Fernão de Albuquerque³⁹⁴ era filho natural do conquistador das Índias.³⁹⁵ Nasceu no primeiro ano do século XVI [1500] e atravessou a maior parte deste tempo de ilustração. Morreu com 80 anos. O rei quis que ele tomasse o nome do grande homem que todo Portugal lastimava. Consagrou seu talento à glória de seu pai, era consagrá-lo à de sua pátria; é notável por sua fidelidade e, muitas vezes, pelo efeito do estilo. Pela metade do século XVI publicou os comentários sobre as guerras na Índia, cujo material provavelmente foi reunido pelo pai, e colocou-o em condições de ser publicado [1557].

Resende apresentou algumas de suas poesias. Como nada do que diz respeito a um grande homem pode ser indiferente, acrescentarei aqui que o conquistador das Índias era, ele mesmo, um escritor hábil, que deixou inúmeras cartas notáveis, entre as quais se destaca a que relata a Manuel a conquista de Goa.³⁹⁶

Cabe mencionar um escritor muito interessante, talvez mais por aquilo que conta que por suas ideias e por seu estilo. Quero falar do célebre Damião de Góis, que ocupou diversos cargos na corte de Manuel e que expôs, ao menos com elegância e fidelidade, o que viu.

Sua vida foi, no princípio, errante, e seria interessante acompanhar suas viagens. Ainda que para compreender alguns historiadores seja indispensável apresentar sua vida, o espaço força-me a ser breve. Góis nasceu no começo do século XVI. Após ter sido ajudado por Manuel, foi encarregado de missões importantes por João III. Foi à Polônia, Suécia, Dinamarca, França, agradando em todos os lugares graças à distinção de suas maneiras e ao encanto de seu espírito.

Prisioneiro em Louvain, onde sua coragem tornou-o por um tempo general [1542], foi resgatado por muito dinheiro e retornou a Portugal. Um homem que havia percorrido tantos locais, e cujo grau de instrução amadureceu o julgamento, parecia apropriado para escrever história. Foi nomeado intendente da Torre do Tombo e grande historiógrafo do reino. Acredita-se que morreu em 1560.³⁹⁷

Ele deve sua reputação sobretudo à *Crônica do felicíssimo rei D. Manuel*. Essa obra pareceu-me repleta de fatos interessantes, muito bem narrados. Seria bastante difícil tentar fazer compreender a maneira dos historiadores. Seriam necessárias citações muito longas; contentar-me-ei, pois, em apresentar de Damião de Góis um fato que pinta muito bem a época em que viveu, e a introdução do fausto oriental entre os vencedores das Índias. Trata-se do cortejo que acompanhava Manuel quando passeava em Lisboa:

196

Foi o primeiro rei cristão da Europa a quem vieram elefantes da Índia, dos quais teve cinco juntos, quatro machos e uma fêmea, que, quando cavalgava pela cidade, ou caminhava, iam diante dele, a estes precedia (tão afastada que se não viam) a ganga, ou rinoceronte, e atrás dos elefantes ia diante do rei um cavalo acobertado persa, nas ancas do qual um caçador persa levava uma onça de caça, que lhe mandara o rei de Ormuz, a qual onça, e um elefante, e rinoceronte, mandou ao papa Leão como fica dito, com a qual pompa, tímpanos e trombetas, cavalgava o rei muitas vezes pela cidade, e quando caminhava.³⁹⁸

Nessa obra, é muito interessante tudo o que se relaciona ao monarca português. Cabe lembrar que se trata de um homem sob cujo reino a face do mundo mudou e que imprimiu a seu século a atividade política e o amor pelas Letras que ele diariamente comprovava, ao cercar-se de sábios, mesmo enquanto fazia suas refeições. Damião de Góis traduziu em português o tratado da velhice de Cícero³⁹⁹ e escreveu um tratado sobre a teoria da música que não foi impresso.⁴⁰⁰

Há alguns historiadores cuja vida ajuda a entender suas obras. Em algumas palavras fazem compreender o que procurar em seus escritos. Vi, e relato o que observei: eis sem dúvida um mérito incontestável. É o de Fernão Lopes de Castanheda, que redigiu uma história da descoberta e da conquista das Índias pelos portugueses, em oito volumes.

Ele nasceu no começo do século XVI, à época das conquistas; e quando quis lembrar a seus compatriotas os feitos de armas que impressionaram sua jovem imaginação, não recuou diante dos trabalhos a empreender. Eis a fala memorável, dirigida ao rei, oferecendo sua obra, em que menciona o tempo que levou para escrever esta história e da verdade que quis aí colocar:

E esta certifico a V. A que a não soube em minha casa, nem a mandei perguntar por escrito aos que a sabiam, porque me não respondessem como sacertasse, ou por ocupação, ou por outra qualquer causa. Mas que a fui saber à Índia passando na viagem bravas e terríveis tormentas: com que me vi perto da morte e sem esperança da vida com trabalhos de grande fome e de muito maior sede. E lá com mil perigos, em mui espantosas peleias de bombardadas e espingardas sem conto. E entre elas soube eu a verdade do que havia descrever de muitas coisas de vista e outras de ouvida.⁴⁰¹

197

Castanheda não é superior a seu século, como alguns historiadores, mas é valioso para os que buscam, com ele, a verdade. Sua obra, desde que apareceu, goza de grande estima, tendo sido traduzida para o espanhol e para o italiano. A tradução para o francês, por Jean de Grouchy,⁴⁰² apareceu pela metade do século XVI [1553], mas não a encontrei. Os imensos trabalhos de Castanheda não lhe valeram qualquer recompensa; e este autor, que um crítico estimado coloca ao lado dos melhores escritores, ocupava o lugar de bedel em uma igreja de Coimbra quando morreu.⁴⁰³

Enquanto muitos homens célebres se ocupavam em apresentar territórios distantes, um homem laborioso estudava os monumentos das conquistas dos romanos e os antigos povos da Lusitânia, bem mais numerosos quando não são de nossos dias. André de Resende⁴⁰⁴ tornou-se o maior arqueólogo do século XVI, e suas obras, que explicam tantos pontos obscuros da história de Portugal, gozam ainda de grande estima, mesmo entre os eruditos estrangeiros. Uma delas intitula-se *Antiquitatibus Lusitaniae* [1596], outra leva a denominação de *Deliciae Lusitanorum*.

Ser-me-ia fácil estender este capítulo, pois há poucas nações que apresentam tantos historiadores como os portugueses. O espaço limitado que posso consagrar a eles nesta obra obrigou-me a nomear apenas os mais célebres.⁴⁰⁵

Capítulo XVI

Moralistas. – Heitor Pinto, Amador Arrais.

À época em que floresceram tantos gêneros diversos de literatura, um homem de talento abriu um caminho à parte e tornou-se, de toda maneira, o moralista do século. Frei Heitor Pinto⁴⁰⁶ escreveu diálogos, ainda célebres pelo encanto do estilo e pelos princípios animados de uma moral pura. A religião sempre o guiou, mas ele desembaraçou seus princípios religiosos das formas pedantes que pareciam ter-lhe sido destinadas. Sua obra intitula-se *Imagem da vida cristã ordenada por diálogos*, englobando os princípios que devem dirigi-la. O primeiro diálogo trata da verdadeira filosofia, o segundo, da religião, o terceiro, da justiça, o quarto, da atribulação, o quinto, da vida solitária, o sexto, das recordações da morte. Heitor Pinto publicou uma segunda parte compreendendo o mesmo gênero de divisões. Correia da Serra afirma que eles foram traduzidos para o italiano, espanhol e francês;⁴⁰⁷ mas não conheço nenhuma dessas versões. Heitor Pinto é julgado clássico e ocupa posição de autoridade entre os melhores autores portugueses.

199

Outro moralista brilhou nesta nação: Amador Arrais,⁴⁰⁸ bispo de Portalegre. Como o autor a que me referi, distinguiu-se por um estilo notável. Escreveu *Diálogos* cheios das melhores ideias, e graciosos, sobretudo aos olhos dos letrados, pela escolha elegante das expressões. Chamamos a atenção para o que se refere à glória e aos triunfos dos lusitanos. Suas obras foram impressas em Lisboa.

Muitos outros escritores praticaram na mesma época o mesmo gênero, mas o espaço me impede de mencionar seus trabalhos, e uma mera relação de nomes e títulos tornar-se-ia inútil. Alguns oradores eclesiásticos ilustraram também o século XVI. É forçoso confessar, porém, que uma erudição escolástica tomou conta do púlpito em Portugal como no resto na Europa e que as citações dos escritores profanos se misturaram, da maneira mais extravagante, ao texto dos

autores sacros. Este defeito, aliás, encontra-se no maior dos oradores portugueses, o padre Vieira, que examinaremos mais adiante.

Capítulo XVII

Principais viajantes dos séculos XV e XVI.

Em relação às conquistas dos portugueses, e sobretudo suas descobertas, acredita-se que nenhuma nação possuiria número tão grande de viajantes. Porém, esta vida errante, que fez tantos historiadores e tantos poetas, só produziu quantidade bastante limitada de relatos. É verdade que um grande número de viagens às diferentes partes do mundo permaneceu em manuscritos e nunca foi consultada nos arquivos em que o governo os reuniu.

A maioria dos viajantes portugueses pertence ao século XVI, e eles estão bem distantes, na minha opinião, da ingenuidade dos viajantes franceses da mesma época. Eles sentem a exaltação que agitava a nação. Pode-se afirmar, porém, que sua educação era mais variada e que prestavam serviço sobretudo à navegação. Exageram, ao descrever os costumes e os produtos da natureza. Seu zelo religioso arrastava-os a conjeturas singulares e a estranhas explicações das ideias mitológicas dos povos que visitavam.

201

Não esqueçamos, porém, que este é um defeito da época e provém das circunstâncias em que se encontrava a nação. Os viajantes portugueses mais prestaram serviços à sua época do que propagaram erros. Aliás, na maioria, continham detalhes preciosos relativos à história. Muitas vezes, o historiador e o viajante preenchiam de tal modo as duas missões, que é difícil designar seu verdadeiro lugar na literatura.

Um dos primeiros relatos interessantes do século XVI é a carta que Vaz de Caminha,⁴⁰⁹ parceiro de Pedro Álvares Cabral,⁴¹⁰ escreveu ao rei de Portugal relativamente à descoberta do Brasil; chama a atenção por uma ingenuidade e uma boa-fé tocante. Aires de Casal⁴¹¹ publicou-a pela primeira vez, em 1817, na sua *Corografia brasílica*, e podemos considerá-la um precioso monumento histórico. Traduzi-a

para o *Journal des Voyages*, editado então por Verneur,⁴¹² e para a obra sobre o Brasil, que publicamos, Taunay e eu, há alguns anos.⁴¹³

Este homem célebre, que chamamos Magellan e cujo verdadeiro nome é Magalhães,⁴¹⁴ era português e pertenceu quase tanto ao século XV, quanto ao XVI. Subjugou Malaca [1510], e sua bravura garantiu outras conquistas para seus compatriotas. Nesta época, provavelmente nenhum outro teve conhecimento tão extenso das costas da Índia. Ao retornar a Portugal, Manuel recusou-lhe a recompensa que pensava ter merecido. A recusa injusta fez com que oferecesse seus serviços a Carlos V,⁴¹⁵ que os aceitou. Decidiu-se tomar posse das Molucas,⁴¹⁶ e o corajoso navegador partiu com cinco navios e 250 homens. Durante a viagem descobriu o famoso estreito a que deu seu nome. O chefe da ilha de Mactan não permitiu que acabasse sua missão e matou-o. Um bibliógrafo espanhol, de nome Nicolau Antônio, garante que o manuscrito do diário de Magalhães estava com Antônio Morena, cosmógrafo da contratação de Sevilha.⁴¹⁷

202

Por essa época, aparece um viajante cujo renome não é tão difundido na Europa como o de Magalhães, mas que goza de grande celebridade entre os compatriotas: Fernão Mendes Pinto, a quem se pode aplicar o que disse no começo deste capítulo sobre os viajantes do século XVI. Os próprios portugueses frequentemente censuraram a cor romanesca colocada em seus escritos, e muitas vezes ele careceu de defensores.

Acrescente-se, porém, que o tempo corroborou a maior parte do que afirmou, talvez exagerando um pouco e expressando muitas coisas conforme as ideias da época.

Mendes Pinto nasceu de pais muito pobres, em Montemor o Velho; ele comprova o que pode a coragem unida a uma ativa imaginação. Começou como doméstico de uma pessoa de distinção. Mas logo percebeu que a natureza o havia destinado a uma situação mais elevada e com doze anos embarcou para Setúbal. Começou o curso

de suas viagens sob auspícios desagradáveis; foi bastante maltratado por um corsário francês; mas chegou a seu destino e serviu o duque de Aveiro.⁴¹⁸ Então, estimulado pelos brilhantes relatos dos viajantes que retornavam da Índia, resolveu buscar a fortuna em um país cuja riqueza era apresentada de modo exagerado, mas que reunia os tesouros que, apesar de toda cupidez, a Europa ainda não tinha despojado inteiramente.

Mendes era estimulado [1537] tanto pelo ardor das viagens, quanto pela sede de ouro, pois viu os países a muito custo visitados antes dele. Percorreu a Etiópia, a Arábia Feliz,⁴¹⁹ a China, a Tartária⁴²⁰ e a maior parte do arquipélago oriental. Vinte anos se consumiram nesta vida errante; e se, na sua existência agitada, qualquer coisa pode ser comparada a seu desejo ardente de descoberta, foram suas desventuras. Ele foi cativo por treze vezes e vendido por dezessete vezes.

Apesar dos infortúnios, conseguiu reunir alguns bens e voltou a Portugal, quando seus velhos hábitos de viagem, exaltados por ideias religiosas, acordaram com força renovada. Desejou converter os japoneses, associando-se a um jesuíta denominado Nunes,⁴²¹ revestido do título de embaixador segundo o rei de Bungo;⁴²² ele embarcou com os missionários e resolveu consagrar seus bens à Companhia de Jesus, no seio da qual desejava morrer e que logo o recebeu entre seus membros laicos [1554].

Após ter percorrido tantas regiões diferentes, a lembrança de sua terra falou-lhe tão vivamente ao coração, que decidiu revê-la. Chegou a Lisboa durante a menoridade de Sebastião. Acreditava ter rendido verdadeiros serviços a seu país graças à coragem perseverante que o fez conhecer tantas regiões em que o comércio podia extrair numerosos tesouros. Ele chegou em um momento de poderio e de ambição; mas nada obteve da corte e decidiu viver em recolhimento. Retirado na Vila de Almada, casou-se e chegou a uma idade muito avançada, não possuindo mais que uma fortuna muito medíocre em

uma época em que tantos aventureiros enriqueciam. Lá escreveu suas viagens para a educação de seus filhos, diz ele.

Eles entregaram os manuscritos de seu pai para impressão muitos anos após sua morte, pois a primeira edição apareceu apenas em 1614. A segunda foi publicada em 1678. As duas outras apareceram com adições em 1711 e 1725. As viagens de Mendes Pinto foram traduzidas para o espanhol, o alemão e o francês [1628].

Apesar das críticas de que foi objeto, o relato oferece detalhes bastante interessantes; há nele um caráter cavalheiresco e aventureiro que pode inspirar suspeitas quanto à sua verdade, mas que entusiasma a imaginação. O estilo é, aliás, notável. Barbosa indica as autoridades que escreveram a favor da boa-fé de Pinto, e várias são respeitáveis. Faria afirma que ele diria muitas outras coisas, se não temesse que sua mensagem fosse matéria de suspeita.

Sob o enfoque do estilo, Mendes Pinto é colocado entre os clássicos por alguns escritores portugueses, e ele tem uma originalidade na expressão que o estudo não saberia dar.⁴²³

Se quisesse me ater a uma longa e aborrecida nomenclatura, poderia sem dúvida citar grande número de autores que são até bastante conhecidos; poderia também indicar alguns outros quase esquecidos e que oferecem bastante interesse. Indicarei Bermudes,⁴²⁴ tão interessante para informações sobre a África; Francisco Álvares,⁴²⁵ que residiu seis anos na Etiópia [1515] e cujas obras importantes foram traduzidas em francês; Gomes de Santo Estêvão,⁴²⁶ que percorreu a Palestina e a Itália; Gaspar Ferreira Reimão,⁴²⁷ autor de um apreciado *Roteiro das Índias*; e tantos outros que visitaram as regiões submetidas aos portugueses. Eles nos ensinam sobretudo agora com que rapidez o poderio de um povo guerreiro pode decair e ficaríamos mais surpreendidos, lendo esta passagem de um viajante moderno que, por sua vez, vê sua poderosa nação e deve educá-la por esta frase eloquente:⁴²⁸

Goa, a dourada, como então era chamada, não existe mais. Goa, onde o velho Gama terminou sua gloriosa carreira, onde sofreu e cantou Camões, é hoje tão somente uma grande sepultura, que a erva recobre inteiramente; e esta frágil e lúgubre população de padres e de religiosos que aí encontramos parece ter sido poupada apenas para celebrar o ofício dos mortos sobre os restos de suas gerações extintas.⁴²⁹

Capítulo XVII⁴³⁰

Francisco de Moraes, notável romancista do século XVI.⁴³¹

Entre os historiadores e os romancistas portugueses, cabe distinguir Francisco de Moraes,⁴³² que nasceu em Bragança no começo do século XVI e que, após ter viajado para a França, retornou a seu país, onde foi assassinado à entrada de Évora. Meus leitores sem dúvida conhecem a fama de sua principal obra. É a história do Palmeirim que o cura, em *D. Quixote*, não deseja atirar às chamas, afirmando que merecia ser conservada com tanto cuidado quanto as obras de Homero, guardadas tão ciosamente na caixa de Dario.⁴³³

206 Moraes escreveu também a história de Primaleão, filho de Palmeirim;⁴³⁴ publicou relatos referentes a certos acontecimentos testemunhados na França e em seu país. Distingue-se em geral pela imaginação e por notável estilo. Acredito que poderíamos retirar de seu *Palmeirim* em três volumes in-oitavo uma obra agradável.

Na sequência desse romance, encontram-se três diálogos muito interessantes graças à naturalidade do estilo e ao conhecimento que podem oferecer sobre os usos da época. São, de qualquer modo, três cenas de comédia de costumes; a segunda sobretudo é interessante: a conversa se passa entre um doutor e um cavaleiro que falam de sua superioridade em uma época em que as ciências e as armas gozavam de grande consideração:

Cavaleiro – Já sei que por demais são razões: estas são as armas, com que sempre pelejastes, e por isso não é muito que vençais quem se delas não aproveita: mas faço-vos uma aposta, se vos virdes em um campo raso cercado de mil mouros, que vistais as couraças às avessas, e que não saibas de que metal são as lâminas, e que vos não tire baldo as borboletas de diante dos olhos. Ah! senhor doutor, que nunca vos vistes com cem bombardas grossas assentadas nesses peitos, e as faces amarelas como cera,

e chamar pela Virgem Maria, e não achar quem vos acuda, e ter a salvação no fugir, desemparar-vos a vista de todo, ouvir gritar que racha os céus, e achar os pés peados, e travados. Quão longe de vos então lembrar Código, Digesto, nem outros escusados na paz, para fazer guerra a muitos, que a não merecem; pelejais nas audiências onde sois superiores, quereis-vos tratados como gente sagrada, e pondeis o mesmo nome à mesa, onde condenais.⁴³⁵

Traçando esses esboços leves, em que, de modo bastante imperfeito, se encontra uma alegria maliciosa, talvez Morais estivesse mais perto da verdadeira comédia que seus contemporâneos. Talvez lhe faltasse apenas a perseverança e o encorajamento para tornar-se um poeta dramático.

Analisando diversos autores, já me referi a muitos romances; contentar-me-ei aqui em lembrar que o século XVI foi, em Portugal como na Espanha, muito fértil nessas singulares concepções cuja crítica foi feita de modo engenhoso por Cervantes. Os homens mais célebres não desdenhavam exercitar-se neste gênero de composição, sendo atribuída a Fernão Álvares de Oriente a terceira parte do *Palmeirim de Inglaterra*.⁴³⁶

207

Eis que chegamos ao final do século XVI; sem dúvida, para que meu trabalho fosse completo, seria preciso acompanhar igualmente a história da ciência. Mas resta-me apresentar tanta riqueza literária, e uma lista de nomes de obras seria tão aborrecido e pouco útil, que prefiro remeter, para esta parte, às memórias da literatura portuguesa várias vezes citadas e que incluem numerosos documentos sobre a história das ciências no século XVI, em Portugal. Poderemos consultar a história das matemáticas de Bossut;⁴³⁷ a de Garção Stockler,⁴³⁸ escrita em português, fornecerá igualmente informações preciosas.

Chegamos ao terceiro período da literatura portuguesa. Os escritores eminentemente clássicos desapareceram aos poucos; mas, no começo do século XVII, encontra-se uma originalidade que

surpreende a imaginação. Muitas pessoas confundem os autores desta época com os do século precedente. Penso que eles diferem muito essencialmente por caminharem à parte: continuaremos acompanhando a ordem cronológica.

Capítulo XVIII

Considerações gerais sobre a poesia épica em Portugal. – Corte Real, Naufrágio de Sepúlveda,⁴³⁹ Segundo cerco de Diu. – Luís Pereira, a Elegiada, poema épico.

Muitas epopeias desenrolam-se ante nossos olhos, todas meritórias, mas ainda ignoradas na França. Os portugueses contavam com elas em uma época em que só dispúnhamos de tentativas informes, há muito abandonadas ao esquecimento. Corte Real, Quevedo, Pereira de Castro, Meneses escreviam em uma língua que já alcançara o mais alto grau de perfeição; eles souberam conservar a tradição dos grandes mestres a que dão continuidade. Bouterwek não os menciona; mas foram com justiça apreciados por um homem que queria divulgá-los e que foi surpreendido pela morte antes que pudéssemos avaliar seu trabalho.

“Os épicos portugueses, escreve Sané, não brilham pela disposição, a contextura, a coerência das partes, a unidade de ação e de interesse; falta-lhes a arte, o maravilhoso é pobre ou estranho; eles triunfam nos detalhes, as descrições, os episódios, a pintura dos caracteres, os movimentos ternos e patéticos, e quase sempre o estilo os absolve. São sobretudo grandes pintores de marinhas, o que não surpreende em uma nação que tinha então o império dos mares e cujos poetas tinham muitas vezes viajado à América, ao Oriente, às Índias, como guerreiros ou como observadores.”⁴⁴⁰

Enquanto Camões entregava-se à solidão, após ter percorrido os lugares que cantava em seu poema, um homem célebre e muito pouco conhecido⁴⁴¹ na Europa buscava no estrangeiro as cores brilhantes com as quais desejava embelezar sua poesia. Corte Real percorreu a Índia e a África; assistiu à célebre batalha de Alcácer Quibir. Após testemunhar a vida voluptuosa que levavam seus compatriotas na Ásia, presenciou os últimos esforços de sua coragem

nos campos da África; mas seu valor não o subtraiu da escravidão: tombou em poder dos bárbaros, e somente recuperou a liberdade à época do resgate dos prisioneiros.

Retornando à infortunada pátria, Corte Real aposentou-se e resolveu dedicar seu repouso à celebração da glória de Portugal; sob esse aspecto, teve notável relação com seu ilustre predecessor. Seu pensamento foi nobre como o de Camões; mas, ainda que essencialmente original, talvez tentasse imitá-lo com muita frequência, introduzindo nos poemas pinturas brilhantes da mitologia grega, em um tema extraído da história moderna, em que a religião cristã foi convenientemente empregada, adaptando-se sobretudo à situação da heroína.

Curiosamente, estes homens que percebiam a necessidade de conferir aspecto original às suas composições épicas não tinham noções mais adequadas sobre o tipo de maravilhoso a ser empregado. Mesmo sem saber, a cor local se fazia sentir, pois tinham viajado; mas, distanciando-se às vezes essencialmente dos antigos, ainda tinham
 210 por eles uma admiração tão exclusiva, que não ousavam mudar um dos principais motivos de seus acontecimentos. Os poetas dramáticos, que trataram exclusivamente de temas sacros, oferecem, como se viu, essa mistura estranha, e agora ela parece ainda mais monstruosa.

A primeira obra de Corte Real⁴⁴² não obteve muito sucesso; e, apesar de grandes belezas, não goza de celebridade para aqui analisá-la.

Um grande infortúnio, que inspirou em Camões alguns versos admiráveis,⁴⁴³ tornou-se o assunto de um poema verdadeiramente original, em que as maiores belezas cintilam ao lado dos defeitos.

As desventuras de Leonor de Sá são tão tocantes quanto as de Inês, mas menos célebres, e Corte Real faz com que as conheçamos.

Dois esposos, após o casamento nas Índias, desejam retornar à Europa, mas naufragam nas costas da África e erram por longo tempo antes de morrer.

Percebemos melhor o patético desta situação, ao lembrar que a infeliz Leonor de Sá levava consigo suas crianças e que ao amor

ao qual estava ligada se unia ainda o mais profundo sentimento maternal. Camões passara pelo lugar do naufrágio; seu coração emocionou-se e deixou falar seu coração; as desventuras de Leonor já tinham feito derramar lágrimas.

Havia algo de terrível na infelicidade dessa mulher interessante; havia algo ainda mais assustador na infelicidade de seu esposo, que sobreviveu a ela. O exemplo de um grande mestre, a celebridade das vítimas, tudo contribuía para exaltar a imaginação de Corte Real. Um forte pensamento dominou sua alma, ele se reportou a tudo o que havia visto em suas viagens. Poderia talvez ter produzido uma obra-prima em uma época em que o gosto estava ainda mais depurado, pois não tinha a genialidade que faz perdoar os desvios e que leva a ousadia, porque é inventiva. Suas ideias mitológicas em muitas ocasiões perverteram as mais belas situações.

Este poema, cuja maior parte deve nos emocionar tão profundamente, porque pinta com naturalidade os sentimentos mais ternos e os acontecimentos mais dilacerantes; este poema, cujos heróis são cristãos, invoca desde o começo os deuses do paganismo. Sepúlveda ama Leonor e não obtém o consentimento de seu pai, que escolhe um rival, a quem Cupido, por instigação de Vênus, logo faz perecer. E, durante os primeiros cantos, cabe aceitar a viagem entre estas regiões encantadas, onde os deuses do paganismo são descritos de uma maneira poética, é verdade, mas fatigante quando lembramos o assunto da epopeia.

Por fim, Sepúlveda desposa Leonor. Festas brilhantes marcam esse acontecimento venturoso; mas são muito longas: sua descrição ocupa a maior parte dos quarto e quinto cantos. Porém, apesar dos inúmeros detalhes que tornam essas pinturas fatigantes, há aí notável cor local. Quando a natureza é lembrada de modo favorável, não desaparece o interesse.

Por quatro anos, a felicidade embeleza a união tão desejada. Porém, os dois jovens esposos desejam rever a Europa e decidem

partir com os filhos. Um navio os recebe, logo viajam sobre os mares da Índia; de novo, porém, ouvimos os lânguidos lamentos dos deuses do Oceano, tomados de repente pelos encantos de Leonor. Os versos estão repletos de harmonia, mas é lamentável que tanto talento poético seja empregado de modo tão extravagante.

Cabe lembrar que a mistura incoerente da mitologia com os pensamentos do Cristianismo não era então ridícula, mas até admirada. Não acusemos muito, pois, Corte Real pelos defeitos de seu tempo; teremos logo de elogiá-lo pelas belezas que são de todas as épocas.

A ternura de um deus do Oceano causa os infortúnios de Leonor. Anfitrite e suas ninfas sentem ciúmes de sua beleza. Ela ordena que se arme uma tempestade, e o navio se choca sobre os recifes próximos do Cabo da Boa Esperança.

212 O naufrágio é descrito com força e grandeza; a catástrofe parece reanimar o gênio de Corte Real e dar-lhe energia para pintar os terríveis acontecimentos que apresentará.

Estimulado por seu lamentável modelo, oferecerá ainda imagens de mau gosto, mas muitas vezes sublimes. Ele retornará à natureza, que lhe falará a linguagem mais potente.

Cento e cinquenta portugueses, seguidos de uma multidão de escravos, são jogados em uma praia estéril e, penosamente, salvam alguns víveres. A fome e o desespero serão partilhados; eles sucumbem sem o consolo da religião.

Não somente estas planícies desoladas não lhes oferecem algum asilo, mas, ao vê-los, os habitantes selvagens fogem. Por uma fatal punição do céu, não podem acreditar na miséria desses cuja força tantas vezes temeram.

O caráter de Sepúlveda assume então nova dignidade: ele transfere sua coragem para a alma dos compatriotas, e nada é mais tocante que a prece deste pai desditoso, que, com os olhos banhados de lágrimas, tenta pacificar a cólera celeste.

Ele não ousa invocá-los em seu nome, pois cometeu tantos pecados; mas apresenta seus filhos ao céu, pois parece-lhe que a prece da inocência não pode ser rejeitada.

Que quadro também nos oferece a tocante Leonor, tão resignada quanto estes homens acostumados à fadiga dos combates! É preciso chegar aos acampamentos portugueses, mas quantos desertos ela deve ainda atravessar! Sim, eis uma verdade bastante funesta: ela foi obrigada a percorrer estes desertos abrasados. Durante a horrível viagem, a maioria dos desventurados portugueses morre de miséria e de fome; e, se eles tiveram uma sepultura é porque o vento do deserto levantou ondas imensas de areia, que os encobriram.

No meio do desastre, Leonor parece não poder resistir; o amor materno a sustenta.

A triste caravana encontra algum socorro e continua a marcha. Porém, nesta viagem de trezentas léguas, Corte Real não afasta completamente os deuses da Antiguidade, reunindo-os da maneira mais ridícula para admirar Leonor de Sá, cuja beleza celebra.

213

Após o novo passo de mau gosto, ele não teme avançar mais; encontra maneira de elogiar os santos e amaldiçoar os heréticos. Enquanto isso, um episódio muito longo, mas de grande beleza, prepara-se no décimo-segundo canto.

Um dos companheiros de Sepúlveda, Pantaleão de Sá, penetra em uma caverna, onde se desenrola, diante de seus olhos, a história de Portugal. O poeta chega então à famosa catástrofe de que foi testemunha, e seu gênio se anima de novo ardor para pintar o que então o emocionou tão profundamente. Vemos que ele assistiu à batalha de Alcácer Quibir; compreendemos o frêmito que nos faz experimentar.

A atenção é desviada, sem dúvida, por esse longo episódio; não sei se podemos lamentá-lo. Entretanto, sentimo-nos levados com o mais vivo interesse na direção da doce Leonor. Um rei negro que Sepúlveda, com sua coragem, ajudou em uma guerra declarada

a um chefe vizinho dá-lhe generosa hospitalidade, assim como a seus bravos companheiros de armas. Em vão deseja retê-los, o amor da pátria fala a seu coração; eles já desafiaram tantos perigos, que não temem mais o que ainda os ameaça.

Começa nova sequência de desditas; chegam à tribo de um chefe dos cafres, que deseja oferecer-lhes asilo, mas que os obriga a se separar para atravessar as regiões bárbaras sob seu domínio. Pantaleão de Sá e a maioria dos guerreiros sob sua liderança permanecem nas possessões dos cristãos; os outros viajantes morrem de fome ou são vítimas das feras que vagam sem cessar no deserto. Leonor e Sepúlveda, ficando sós, com dezessete escravos, vêm-se constrangidos pelo rei cafre a abandonar este asilo. Escapam dos dentes mortais dos animais selvagens; mas o leão não é o ser mais feroz dessas regiões, o homem ultrapassa-o em crueldade; seu furor não leva à morte, ele reserva mil tormentos. A frágil caravana aproxima-se do mar, quando é repentinamente atacada por uma

214 horda de selvagens, que a despoja de tudo que tem e não deixa as últimas vestes dos infelizes viajantes.

Leonor de Sá torna-se mais uma vez objeto de piedade. Mas, neste momento tão terrível e dilacerante, Corte Real outra vez paga tributo ao mau gosto, enviando um deus da Antiguidade para admirar a desventurada, que busca se encobrir com seus longos cabelos. Sem dúvida, este sentimento tocante de pudor oferece bastante interesse; mas é preciso estar inteiramente fora da civilização, ou bem mais avançado no sentimento que ela propicia, para se apegar sempre apenas à linguagem da natureza.

Corte Real percebe logo o poderio disso, quando pinta Sepúlveda procurando algumas raízes e frutos selvagens; quando mostra que, se o infeliz não encontrar seus ralos alimentos em uma terra desolada, haverá muitas vítimas e que um instante, um único instante de atraso, irá matá-los. Logo, porém, não há mais dúvida:

seu fim é vaticinado; e que morte! é preciso que ele testemunhe a de sua mulher e de seus filhos! Deixemos falar o poeta:

Com trabalho se apressa por achar-se
 Presente ao mal que teme e já vê certo,
 E da penosa dor afatigado,
 Quase arrastando vai os lassos membros.
 Um difícil anélito lhe seca
 A boca já mortal e os tristes olhos
 Sumidos de fraqueza, em vivas fontes
 De lágrimas piedosas se convertem.
 Chega a donde Leonor ao passo forte
 E ao termo tão temido estava entregue
 Vê que a turvada vista rodeando,
 A ele só demanda, a ele só busca,
 E vendo que é chegado esforça um pouco
 O ânimo, e procura despedir-se
 Levanta com trabalho os mortais olhos,
 Quer lhe falar a morte a língua impede.
 Firma-os cada vez mais no triste rosto
 Daquele único amigo que já deixa,
 Trabalha adasalhá-lo, e não podendo
 Com dor mortal na terra se reclina.⁴⁴⁴

215

Assistamos agora aos funerais; nunca houve talvez nada mais terrível:

Depois que um grande espaço está pasmado
 Oprimido de dor o peito enfermo
 Levanta-se. e vai mudo, e choroso
 Onde a praia se vê mais oportuna.
 Apartando co'as mãos a branca areia
 Abre nela uma estreita sepultura
 Torna-se atrás alçando nos cansados
 Braços aquele corpo lasso e frio.
 Ajudam as criadas as funestas

Derradeiras exéquias, com mil gritos.
 Ai duro tempo! (dizem), como apartas
 Para sempre de nós tal fermosura!
 Na perpétua morada tenebrosa
 A deixam, levantando alto alarido,
 Com salgado licor banhando a terra,
 Aquele último vale, todas dizem.
 Não fica só Lianor na causa infausta,
 Que de um tenro filhinho se acompanha,
 Que a luz vital gozou, quatro perfeitos
 Anos, ficando o quinto interrompido.⁴⁴⁵
 Ali co'a morta mãe o filho morto
 Ambos com morto amor em cerra jazem,
 Ela lhe nega o branco amado peito,
 E ele o doce, materno, amado gosto.
 Ambos na solitária praia ficam,
 Junto das grossas ondas sepultados,
 Deixando ao mundo um triste raro exemplo
 De perversa, cruel, ímpia fortuna.
 O mísero Sepúlveda rodeia
 Os olhos com efeito de saudade,
 Em lágrimas desfaz o bulcão turvo
 De que assombrado tinha o triste espírito.
 Com voz do triste choro embaraçada
 Palavras diz de lástima, e piedosas,
 Nos braços toma um filho que ali tinha
 De tenra idade e vista miserável.
 Por estreita vereda entra no mato
 De bravos leões e tigres povoado
 A morte vai buscando, eles doidos
 De seu mal lha darão em breve espaço.⁴⁴⁶

216

O poeta, para exacerbar a terrível cena, personifica o desespero, que aparece a Sepúlveda, dizendo-lhe que ele é agora seu único recurso. O desgraçado segue o espectro em silêncio;⁴⁴⁷ mas uma jovem aparece a ele, brilhante de luz e de beleza: é a doce Re-

signação: fala-lhe de Cristo e de seus sofrimentos. “Com lágrimas perdão geral alcança.”⁴⁴⁸ Faz também com que ele espere a glória eterna e coloca sua coroa na cabeça. Sousa de Sepúlveda toma um pouco de coragem em sua terrível agonia, a Desesperação afasta-se dele. Permanece a visão santa: ele já está no mais fundo da floresta:

A acompanhado só da visão santa,
 Que a tempestada intrínseca amansara,
 E do tenro menino, que nos braços
 Leva mortal, e já quase expirando.
 Cobriu-se o espesso bosque de cerrada
 Sombra, fusca nuvem, e no circuito
 Que ocupava o vapor turvo, se ouviram
 De tigres, e leões bramidos altos.
 Daquela escuridão as almas juntas
 Dos corpos desiguais, iguais se partem,
 E da prisão mortal já libertadas,
 Descansar ambas vão, na eterna glória.⁴⁴⁹

217

Quando a morte consumou o sacrifício, quando tudo emudece neste lugar de desolação, o poeta aproxima-nos do túmulo de Leonor, que se ergue sobre uma margem estéril, onde se ouve apenas o gemido das ondas e os gritos dos pássaros marítimos.

Neste lugar funesto, testemunha de tanto desespero, ele apresenta uma cena fantástica que o gosto reprova, mas que estimula a imaginação. Estes deuses, cujos amores eram tão extravagantes, vêm deplorar a sorte de Leonor e gravar versos sobre seu túmulo. Sem dúvida, teria sido preferível ater-se à simples realidade; mas, nessa derradeira homenagem prestada à infelicidade, há qualquer coisa de nobre e tocante; aliás, a poesia de Corte Real toma então tal caráter de grandeza, que não pode deixar-nos indiferentes. Experimentamos no fundo da alma que, vivamente sensibilizado com as cenas terríveis desenhadas, o poeta quis fazer sentir esta última emoção.

Assim é a obra em que, como afirmei, as maiores belezas estão ao lado dos maiores defeitos; em que as situações mais tocantes são prejudicadas por pinturas pretensiosas e expressões de mau gosto. Prefiro-o, entretanto, aos outros poemas que analisaremos. Só pode ter sido concebido por uma alma ardente e sensível. Desembaraçado das ficções mitológicas, Corte Real certamente teria sido o primeiro depois de Camões; porém, muitos portugueses não reconhecem esta posição: seu estilo é quase sempre harmonioso e cheio de nobres imagens;⁴⁵⁰ não que seja irrepreensível; aliás, tinha muita facilidade para escrever bem. Os escritores do século XVI tinham fixado a língua, e ele soube tirar partido de seu trabalho.

O prefácio informa que o poema só foi impresso após a morte de Corte Real,⁴⁵¹ no começo do século XVII, mas que ele a via como sua melhor obra. Esta voz secreta não o enganava.

Não quer dizer que as outras obras de Corte Real estejam privadas de mérito.

218

Não analisarei aqui, como afirmei, o *Cerco de Diu*.⁴⁵² Entretanto, há nesse poema belezas de primeira ordem; reencontra-se aí o guerreiro observador, o grande pintor da natureza: a originalidade de Corte Real mostra-se com todos os seus defeitos.

Menciono um trecho da obra, que faz compreender o caráter dos portugueses nessa época de conquistas. Vemos aí o ardor insaciável de combates, a coragem transformando-se muitas vezes em furor cego, uma religião de paz exaltada em meio de gritos ferozes. Há, por fim, a conquista das Índias, e estes guerreiros que querem combater até o esgotamento fazem-me compreender sua dedicação.

No canto XVI, após ter narrado o saque de Ançote, vencido pelos portugueses, Corte Real mostra-os no momento em que sonhos terríveis pintam à sua imaginação as façanhas desse dia fatal. Sobre este navio, que os levou a regiões desditosas, eles têm apenas recordações de carnificinas e ilusões sangrentas:

Todos tomam repouso do contínuo
 Trabalho, em que o passado dia andaram.
 Estendem-se por bancos, por conveses,
 Dão repouso aos cansados, lassos membros,
 Entregando-os a um brando, e doce sono.
 Dormindo, movem uns os fortes braços,
 Dando com muita força em vão mil golpes:
 Outros com vozes mal distintas, dizem
 Aqui matemos estes que nos fogem.
 Alguns isto dizendo, levantavam
 As cabeças em sono sepultadas,
 Mostrando com sinais de furor grande,
 Naquelas mortes inda andar envoltos:
 Mas o profundo sono torna logo
 Render os alterados corpos: liga
 Os sentidos de novo, e representa
 Em todos uma imagem muda, e triste,
 Da cruel, fera, horrenda, e negra morte.⁴⁵³

219

Barbosa informa que Corte Real foi responsável por outra obra intitulada *Perdição d'el rei D. Sebastião em África*,⁴⁵⁴ e constatamos, por um soneto de Andrade Caminha, que ele tinha composto obra sob o título de *Austriada*.⁴⁵⁵ *A Biblioteca Lusitana* fala de um certo João Pereira Corte Real,⁴⁵⁶ autor do poema *Transformación d'el cabo de Buena Esperança*;⁴⁵⁷ ignoro se é parente do poeta cujas obras acabo de examinar.

Um poema épico, hoje muito raro, ocupar-nos-á um momento. Há tantos por analisar, que só o apresento rapidamente. Encontrei as únicas informações sobre sua vida na *Biblioteca Lusitana*. Reproduzo o correto juízo de Sané.

Trata-se de Luís Pereira Brandão.⁴⁵⁸ Nasceu de uma ilustre família do Porto; ligava-se por amizade a Corte Real, que o elogia por ser a honra do século graças a seu valor, assim como encantava por seus belos versos. Assistiu à batalha de Alcácer Quibir e foi aprisio-

nado. Celebrou a grande catástrofe sob a título de *Elegiada*, poema heroico em dezoito cantos. Esta obra, ao qual o autor deu título tão singular, é uma epopeia de grande dimensão. Acompanham-se longos trechos desinteressantes, mas o estilo está impregnado de uma tristeza que emociona profundamente. Há grandes belezas no relato da batalha e no episódio de Leonor de Sá, pois Pereira desejou cantar, como os dois épicos que o precederam, o fim tocante dessa mulher infeliz. Como disse Sané, “os contrastes de natureza e de costumes que esbanjavam aos pincéis dos poetas as hordas árabes aprisionadas com os cavaleiros cristãos, honram o talento desigual de Pereira.”⁴⁵⁹

Capítulo XIX

Mouzinho de Quevedo,⁴⁶⁰ Afonso Africano.

Um dos maiores méritos dos poetas épicos de Portugal é o de serem eminentemente nacionais. Mesmo quando a pátria está subjugada, procuram reviver a antiga glória de Portugal. Mouzinho de Quevedo e Castelo Branco pagou dignamente seu tributo.⁴⁶¹ Um bom assunto a tratar, e foi escolhido pelo poeta, era a conquista de três poderosas cidades da África por um rei que soube vencer à época em que os mouros eram tão temidos. Ele canta a queda de Arzila e de Tânger; Afonso, o Africano, é seu herói.

O primeiro canto apresenta o monarca guerreiro adormecido; a filha de Atlas⁴⁶² aparece-lhe no sonho. Era preciso conquistar a região onde dominava seu pai e que os infiéis subjugaram. O rei desperta; sob suas ordens, o conselho se reúne, e é decidida a expedição à África. De imediato, o poeta nos introduz no inferno dos cristãos, que descreve com versos enérgicos. A seguir, conduz-nos à segunda residência de tormentos e de esperanças, que só deve durar o tempo concedido na terra:

Qual barra de ouro ainda não bem polida,
Para que seu valor claro se veja,
Na frágua ardente deixa toda escória,
e seus quilates mostra, e sua glória.⁴⁶³

Quevedo pinta os sofrimentos do purgatório; mas logo levamos ao mais profundo do inferno e mostra o falso profeta, que, rugindo com raiva impotente, gostaria de interromper os esforços dos cristãos. Maomé excita o furor do rei dos demônios, e a perda de Afonso é decidida no império sombrio.

Há, em geral, energia e nobreza nesta pintura; mas constata-se depois quanto é pobre o maravilhoso empregado por Quevedo. Ele intuía a necessidade de relacioná-lo ao cristianismo; mas não

soube tirar partido, parece-me, de duas crenças com as quais poderia animar a ação; e no segundo canto ainda acreditou estar obrigado a fazer concessões ao gosto da época pela mitologia grega.

A frota parte. O autor pinta, de maneira tocante, os lamentos das esposas e das mães, e logo introduz uma personagem que desempenha importante papel na epopeia. É Eudolo, temido mágico na África, cujo ódio pelos cristãos é estimulado pelos demônios. Ele desconfia dos desígnios dos portugueses; invoca a deusa da noite, o poder de Plutão: uma megera aparece em todo seu horror e informa-o sobre a expedição dos cristãos:

Não vêm buscar metal fino e luzente,
Nem das riquezas segue a vil cobiça,
Mas um desejo fervido e ardente,
De crédito imortal o acende e atiça:
A glória de um profeta, a que esta gente
(Julgando outra por vã, falsa e postiça)
Atribui celeste divindade,
Pretende consagrar à Eternidade.⁴⁶⁴

222

Ela induz o feiticeiro a impedir este funesto desígnio. Arma-se uma tempestade, a frota se dispersa; mas logo aparece a terra. Afonso entra em Gibraltar; um dos navios, o que carrega seu filho, não foi bem sucedido. Entretanto, o monarca procura esquecer os próprios males para despertar o valor dos companheiros e narra-lhes a expedição de seu avô.

No canto terceiro, os portugueses entram em Ceuta, sua há longo tempo e cuja conquista custou-lhes amargas lembranças. O governador prostra-se aos pés do rei, oferece-lhe a simples refeição do guerreiro e pede que relate a admirável expedição que começou. Afonso satisfaz seu desejo; inicia a narração de tão longe, que nos leva ao tempo dos egípcios, fala da fundação de Lisboa por Ulisses e só expõe sua viagem após várias digressões. A maior parte do

canto é, pois, dedicada ao relato de tradições antigas, feitas em belos versos, é verdade, mas cuja ação é vagarosa. Porém, descreve com grande efeito uma tempestade, que termina por uma visão que guarda alguma semelhança com a de Adamastor, a qual sem dúvida tinha surpreendido os espíritos e cuja grandeza começava a ser compreendida.

Desta vez, é o terrível Anteu⁴⁶⁵ que deseja dificultar a passagem dos portugueses. Sua cabeça alcança os céus, um de seus pés repousa sobre as rochas de Calpe, o outro pisa as de Abila.⁴⁶⁶ Ele narra os males que Alcides⁴⁶⁷ lhe inflingiu e prediz os naufrágios dos navegadores; mas Afonso invoca a divindade que até agora o preservou:

A nuvem de uma parte se abriu logo,
E o Céu mostrou a estrela luminosa:
Em cuja luz e rutilante fogo
De Alcides a figura milagrosa
Se transformou, lançando um raio vivo,
Com que se perturbou o monstro esquivo.

223

E bramando rompeu, fero inimigo,
Inda de lá me encontras e me ofendes?
Bastava o mal que usaste já comigo,
Quando me desbaratas e me rendes:
Mas não paras aqui, que no perigo
Meus contrários ajudas e os defendes,
Porque longe essa luz de mim não levas,
Que não podem sustê-la minhas trevas?

E tendo o resplendor por mais odioso
Que a noturna ave o sol resplandesciente,
De coragem frenético e furioso,
Desfazendo-se foi pelo ar patente.⁴⁶⁸

Nessa ocasião sem dúvida, Quevedo é imitador; mas está cheio de força, e sua energia selvagem produz grande efeito.

O canto seguinte mostra o inferno indignado, e os demônios juram a perda dos cavaleiros cristãos, bebendo o sangue de várias cabeças abatidas diante deles por um espírito infernal. Se voltamos à terra, é para ver o infeliz Afonso pedindo seu filho ao Oceano e acusando o céu; mas uma voz misteriosa grita-lhe: “Cuidas que dorme Deus quando vigias!”.⁴⁶⁹ E promete-lhe a chegada da frota.

O poeta interrompe a ação principal para introduzir Zara, jovem princesa africana que protege os escravos cristãos caídos em poder de seu pai; mas Quevedo não é tão bem sucedido nas pinturas graciosas quanto nas que lhe exigem energia. Ele nos aproxima de Afonso, para quem o inferno prepara novas dores. Eudolo, sob os traços de um português, dá notícia da morte de seu filho; conta-lhe suas deploráveis circunstâncias e convida-o a desistir de seu empreendimento. A dor não tira a coragem de Afonso; ele geme, mas deseja vencer; decide partir. O poeta retorna de maneira desajeitada a Zara, que abandona sua pátria para escapar à fúria de seu pai, que, apesar da viva ternura até aqui comprovada, lhe pede o sacrifício de uma vida exigida pelos oráculos para salvar a própria existência. Há grande beleza na descrição dos locais percorridos pela jovem fugitiva; mas a ideia básica deste episódio é falsa e apenas flebilmente interessa.

A emoção será estimulada mais fortemente. O poeta soube relembrar de maneira tocante um dos acontecimentos mais notáveis e mais patéticos da história dos portugueses.

A frota parte; a África oferece aos navegadores a esperança de bem sucedida conquista; enquanto se fendem as ondas, contos animam os soldados. Uma história célebre é lembrada por um guerreiro. Narra a memorável expedição que já teve lugar na África, quando os cristãos, inicialmente vencedores, tinham abandonado Ceuta para retornar à Europa, enquanto o infante Fernando⁴⁷⁰ permanecia no poder do inimigo e preferia um longo cativeiro a uma liberdade pela qual a pátria pagaria muito caro, privando-a de seus tesouros.⁴⁷¹

Um dos velhos soldados da expedição narra o que viu, os golpes terríveis que sofreu e a nobre devoção da coragem infortunada, que surpreende até as nações inimigas. Por fim, mostra os infelizes portugueses reduzidos ao extremo e constringidos a deixar na África o príncipe, que se entrega como refém para salvar os compatriotas. O interesse redobra. O infeliz Fernando é reduzido a cruel cativo, conservando a mais tocante resignação. É conduzido a Tânger:

Numa torre, que o muro levantava
 Desta infiel cidade, o Infante encerra.
 Que dali por diante começava
 Provar os mimos da inimiga terra:
 Em mil partes a mente variava,
 Um pensamento agora lhe desterra
 De se ver livre longe as esperanças,
 Outro peito lhe traz mil confianças.

Que se o ânimo lhe abate, e lhe derriba
 O triste estado, em que se vê presente,
 Na bondade de Henrique logo estriba,
 Por todas vias seu remédio intente:
 Ora os cansados olhos volve à riba,
 Com suspiros, que d'alma sair sente,
 E como que só lá o remédio tenha,
 Um pouco pará, e espera, que lhe venha.

Mas logo de seus males esquecido,
 (Que nele os comuns tem mais larga prova)
 Ao Campo, que deixou, passa o sentido
 De que não soube mais segura nova:
 Ora consigo julga ser perdido,
 Ora o contrário por razões aprova,
 Agora Henrique morte represente,
 E, entre elas mágoas tais, assim lamenta.
 Senhor, por cujo amor, e fé cativo
 Me fiz, por ganhar outra liberdade

D'alma, que será vossa, enquanto vivo
O espírito conhecer esta verdade:
Nesta prisão, e cativo esquivo
Entre gente sem cor de humanidade,
Fazei que alcance o pretendido efeito
Salvos os meus, pois é por seu respeito.⁴⁷²

Fernando é retirado por um momento de sua torre, mas é para ver-se exposto às injúrias de um povo cruel. Ainda assim, encoraja os prisioneiros a suportar seus males com resignação e oferecê-los a Deus. É levado a Fez, onde novos males o esperam. Enquanto isso, um velho avança no meio da multidão de bárbaros que cercam o infeliz cristão e pergunta porque se rejubilam com esse triunfo momentâneo. Suas palavras proféticas anunciam os maiores males para o dia em que os portugueses reaparecerem. Ele se dirige ao povo:

226

Que campo e monte d'África não lava
Sangue dos teus? Que casa hoje se assina?

Que não ficasse solitária, e muda,
Sem que voz de homem soe ou dela acuda?

De tantos mil, que a socorrer vieram,
Chega a Tânger verás os que tornaram,
Cobrem-se os ares de aves, que desceram
E menos são que os corpos, que acerraram:
As ribeiras de Inverno, que cresceram
Pasmam como em verão se anteciparam
Com tal crescente, que por maravilha
Dos valos dos cristãos fizeram ilha.^{473 474}

Assustados por estas palavras enérgicas, os bárbaros se calam, o som dos instrumentos perde-se no ar, o profeta foi compreendido.

A sorte do desafortunado Fernando torna-se mais rigorosa; ele é jogado em um calabouço e logo perde inteiramente a esperan-

ça de rever a pátria. Mas um dia em que dirige os votos ao Eterno, ouve-se uma voz, que prediz os males que ainda sofrerá e a glória celeste que o espera. Fernando não se perturba; aceita a predição, e seu coração a aprova.

Eis em parte este episódio, que considero o mais interessante do poema e que tem o grande mérito de mostrar-se verdadeiro, pois apresenta a expedição que precedeu a de Afonso V.

Chegamos ao sexto canto, e a ação principal ainda não está muito amarrada. Foi interrompida várias vezes, o poeta a reanima lentamente. O príncipe cuja morte lamentávamos aparece, os navios aportam, e Afonso contrai contra seu coração um filho pelo qual chorara.

Pede-lhe que conte o que se passou durante tão cruel ausência, e logo o infante narra a história de sua navegação.

Após separar-se da frota, viu-se joguete das ondas, quando uma ilha deliciosa aparece a seus olhos: o navio que o carrega aporta nesses lugares encantados, e todos os gêneros de sedução circundam a ele e a seus jovens companheiros. Nos jardins, que lembram os de Armida,⁴⁷⁵ sucumbem às ciladas de Eudolo. Mas um velho os seguiu e fala-lhes da glória e da religião; lembra-lhes que um prazer fugaz não vale os prazeres perenes de uma vida eterna. Dirige-se a eles em nome de Cristo, e a autoridade de seus discursos leva-os de volta à razão. Apenas um, submetido ao poder de gênios malignos, hesita um momento e não pode deixar este lugar de delícias. O arrependimento entra em seu coração, quando não há mais tempo. Chama os companheiros; o Infante deseja em vão enviar-lhe algum socorro. A ilha submerge, e as águas a recobrem inteiramente.

É fácil entender a ideia moral do poeta, mas suas descrições são muito longas, e é lamentável que não tenha conferido nada mais original às pinturas de um lugar encantado.

No sétimo canto, o príncipe ainda não terminou o relato; continua a história de sua navegação, que não oferece mais nada

interessante. Por fim, os portugueses estão diante de Arzila; os guerreiros precipitam-se em massa nas canoas que devem desembarcá-los sobre as praias inimigas, e, assim, Quevedo passa em revista a maioria dos capitães que tomarão parte na ação. O assalto começa, o combate é animado, chega-se junto à porta principal. Os esforços dos assaltantes redobram, mas o corajoso Azevedo encontra a morte, e não é desta vez que a vitória é alcançada.

Enquanto isso, os muçulmanos reúnem um conselho. Eudolo, vendo que seus encantamentos são inúteis, toma a resolução de incendiar a frota; mas seus esforços são ainda impotentes, e o oitavo canto começa.

Os mouros guarnecem as muralhas da cidade. Zara mistura-se entre os guerreiros; pede a Abdalá para lhe mostrar o rei terrível que faz tremer a África, e o filho deste herói, cujo valor já o tornou célebre. Ela vê o jovem príncipe, e decide-se o destino de sua vida. Em

228

O poeta mostra os preparativos da defesa efetuados na cidade, e conduz-nos logo a novos combates, em que seu talento sabe tirar grande partido dos quadros que apresentam os costumes orientais em oposição aos dos cavaleiros cristãos. Há, contudo, uma extravagância que nosso gosto não admite: designa os cavaleiros mouros com o nome dos animais que eles levam em seus escudos. Assim, vemos o Camaleão, o Avestruz, a Borboleta, correrem no meio do tumulto.

Quevedo lança também uma cor desfavorável sobre o jovem príncipe, privando-o de toda piedade por um inimigo que acaba de matar e que lhe suplica o favor de levar seus tristes restos a Zafira, filha do rei muçulmano. Ele desdenha, diz, as frias orações de um inimigo.

Enquanto isso, Zara deseja fazer todo o possível para ver aquele a quem ama. Mas Eudolo, não sabemos porquê, emprega ainda uma vez seu poder mágico para opor-se à sua vontade, colocando perto da tenda do príncipe um fantasma com todos seus traços. Este fantasma dirige-se para a beira do mar, entra em um

bote rápido e parece aguardar a infeliz Zara, que o segue e que parece reprovar sua indiferença. Ela deseja perguntar-lhe a causa de seu desdém e entra no barco; o fantasma desaparece, as ondas a cercam, ela é o joguete dos ventos, e em vão lamenta aos céus a sorte que lhe está reservada.

O nono canto apresenta a infeliz Zafira, em vão aguardando seu amante. A notícia fatal chega: ela vaga no palácio, presa de sua dor. Há grandeza na pintura desse desespero, que parece, diz o poeta, uma tragédia muda.

Os mouros são vencidos e apenas se defendem dentro de suas muralhas. Os chefes tomam a resolução de consultar Eudolo em sua antiga caverna. Ele sobe à torre misteriosa que serve às suas feitiçarias. Omar quer que ele lance um terror secreto no coração dos cristãos. Antes de recorrer a esse último remédio, Eudolo se coloca no topo da torre para contemplar o céu. Repentinamente, percebe bandos de corvos vencidos por cisnes muito brancos. Compreende o poder dos cristãos, o poderio de seu Deus preclaro, prevê sua vitória e trata de pacificar a cólera dos muçulmanos. Mas, secretamente, decide receber o batismo.

229

Cogitam-se novos esforços. Tudo se prepara para o combate decisivo e, aqui, como em outras epopeias, interessa mais a sorte dos que serão vencidos que a dos verdadeiros heróis do poema.

O ataque tem lugar: os cristãos expõem prodígios de valor. O poeta, nunca colocando de lado o espírito de seu tempo e de seu país, mostra um guerreiro que deseja converter seu inimigo antes de matá-lo. É ainda o implacável Fernando, a quem um mouro implora em nome de uma amante chorosa; pois, diz ele, é homicida, e não vencedor, quem quer arrancar a vida de um inimigo que se rende.

Fernando tira então de seu peito uma imagem da Virgem e de seu Filho; anuncia que é por ela que combate: “Por ela, diz, piedades exercito, / Esta só pode ser, por cujo meio / A vida te darei, se nela creres”; e o mouro se faz cristão.⁴⁷⁶

Outra cena chama a atenção. Zafira esperou a noite avançar sobre a terra; vaga em meio ao campo de batalha, procurando o amante e, sem escutar os lamentos dos feridos, busca-o por longo tempo. Enfim, encontra-o: uma lança atravessa seu corpo, ela precipita-se sobre ele, e seus lamentos são verdadeiramente tocantes, salvo alguns traços de mau gosto.

Os mouros estão entrincheirados; desejam capitular. Afonso rejeita o embaixador de Omar, anunciando-lhe que atacará apesar dos últimos esforços com que é ameaçado. Como eles, diz, um mouro não sente as alegrias da glória e do perigo. O árabe, abatido pela tristeza, retira-se. O assalto inicia. As portas são arrombadas, a cidade pertence aos cristãos. Após os males subsequentes ao saque de uma cidade poderosa, Fernando encontra Eudolo em sua caverna mágica, para conhecer a sorte que o espera.

230 Nesta residência misteriosa, pinturas fiéis desenham o que de memorável para os cristãos se passou na África. O mágico, convertido, explica ao príncipe o que chama sua atenção.

Entre as nações, como entre os indivíduos, as lembranças das dores deixam traços mais profundos que os acontecimentos bem sucedidos. Há certas tradições funestas que são como as angústias da alma que o tempo abranda, uma palavra as acorda, algumas falas provocam nelas toda sua energia.

É assim que cada português, que estremece de uma nobre alegria ouvindo pronunciar o nome do Gama, dirige seu pensamento na direção de Alcácer, relembra Sebastião e freme, ao lamentá-los. Se é soldado, quer ouvir o relato do combate; ao recordar tanta coragem, sente-se profundamente emocionado, pois lá ainda houve glória, mesmo que tivesse sido vencido. Se é poeta, espalha algumas flores sobre o túmulo dos heróis e geme, pois a glória do poeta caiu, como a glória do guerreiro. Quevedo pagou este nobre tributo ao renome da nação, e é preciso louvá-lo por ter recolhido a herança que legou Camões ao cantor da pátria infortunada que não podia celebrar, nem defender.

Fernando contemplou os quadros mágicos; o velho explica-
-lhe seus diversos assuntos, e chega-se então ao que oferece mais
interesse:

Por largo espaço um campo dilatava
Estendida planície, e aberto feio,
E pelo meio um rio caminhava
D'água emprestada já vazio, e cheio:
Aqui co'a vista o Príncipe ficava,
Queria perguntar, mas um receio
Temeroso o detinha, enfim rebenta
Nas palavras, que a dor lhe representa.

Ó não me passes em silêncio agora
Eudolo as maravilhas, e altos feitos,
Que vejo neste campo, que orna e cora
Sangue gentil de lusitanos peitos:
Bem imagino alguma infeliz hora,
Rota vai a batalha, vãos desfeitos
Os fortes esquadrões, mas no perigo
Vejo grandezas de valor antigo.⁴⁷⁷

231

Após este início, pleno de entusiasmo sombrio e misterioso,
o velho começa a explicar o quadro funesto. Sobre a causa principal
da guerra dos europeus na África, declara:

Estende os olhos, e verás pregado,
Numa alta cruz um corpo sem figura,
Por mil partes aberto, e mil chagado,
Para cristãos de estranha formosura:
Um sacertote o mostra levantado,
E com palavras cheias de amargura,
A todos animando a dar a vida,
Já por ele morrer nenhum duvida.⁴⁷⁸

O velho começa a descrever a batalha, e constatamos que, se Quevedo não a assistira, como vários poetas contemporâneos, ao menos consultou relatos fiéis. Teve verdadeiramente a intenção de elevar um monumento à coragem desafortunada. Nomeia as vítimas, celebra as grandes ações. Representa três mil portugueses cercados pelas falanges inimigas e declara:

(...) Que oprimidos
Poderão ser, mas não serão vencidos.⁴⁷⁹

Logo é Sebastião que se lança ao meio do campo de batalha; o jovem príncipe o contempla:

Quem é? que me dá n'alma um sentimento
Aquele em armas tanto avantajado,
Aquele no maior risco presente,
A quem segue em tropel luzida gente?⁴⁸⁰

232

O velho responde, explica os infortúnios do príncipe e declara por fim:

Aquele é Sebastião Rei sem ventura.⁴⁸¹

Quevedo apresenta a seguir um episódio simultaneamente terrível e tocante:

Ó espetáculo triste, ó nunca ouvido
caso jamais, como lastima e corta!
Mas é dia a desgraças referido,
Aberta a mágoas só temos a porta:
Andava pelo campo oferecido
Ao golpe derradeiro, a cor já morta,
As forças já quebradas, João Carvalho,
Buscando alívio no último trabalho.

Atravessado o peito esquerdo abria
 Duma lançada até que desfaleça,
 Quando defronte o filho amado via,
 Partida por três partes a cabeça:
 Parou, e nele não se conhecia,
 Inda que cousa sua lhe pareça,
 Que a gentileza, que seu rosto adorna,
 C'o sangue, e mortal sombra se transtorna.

C'os olhos cada qual se comunica.
 Que a língua c'o espetáculo emudece,
 Um no outro por espaço absorto fica,
 Muito lhe quer dizer, tudo lhe esquece:
 Vão-se aos abraços, que este não publica
 Afetos grandes, que alma em si conhece,
 Justos destarte, ali se ofereceram
 À morte, e juntos desapareceram.

Ditoso pai, que tanto soube ao vivo
 Gerar por natureza um semelhante,
 Que nele retratou seu brio altivo,
 Executado neste honroso instante:
 Ditoso filho, pois em trance esquivo,
 Teve exemplo tão vivo, e tão confiante:
 Ditosos ambos, pois num tempo, e forte
 Vistes o galardão de vossa morte.⁴⁸²

233

Tal trecho parece-me digno dos maiores mestres, e bastaria para imortalizar o gênio de Quevedo. Mas ele sabe variar suas pinturas, pois reanima, de modo inovador, uma imagem muitas vezes empregada:

Como tão cedo desprezais a vida.
 Moço gentil nascimento em boa estrela,
 Que primeiro, que seja possuída
 Fazeis renúnciação tão larga dela?

De três lustros não era bem cumprida
A roda, nem cobria a face bela,
Mimosa pluma, e qual fresca bonina,
Co'a calma Antônio e Sousa o colo inclina.⁴⁸³

Quando toda a esperança está perdida, quando sucumbe inteiramente a glória portuguesa, os guerreiros que cercam o rei Sebastião querem que se renda e, pelos sinais de uma bandeira branca, procuram interromper o furor dos inimigos:

Mas quem pudera pôr freio à virtude?
Quem reprimir um ânimo valente?
Para que inda em tais lástimas se ajude
De condições, que o brio não consente:
Não é bastante a morte, a que se mude
Sebastião de si mesmo, e de repente
Com furor represado se abalança,
Onde o reino acabou sua esperança.⁴⁸⁴

234

O velho encerra seu relato e maldiz os lugares funestos onde tanta glória foi aniquilada:

Campo de Alcácer, nunca em ti se veja
Primavera gentil, mas seco estio,
Nunca o céu, na sazão que se deseja,
De água te cubra, nem de orvalho frio:
O teu nome infamado sempre seja,
Que em ti perderam fortes lustre e brio,
Não pôde dizer mais Eudolo, e sente
O mal futuro, como já presente.⁴⁸⁵

Após este belo episódio, o último canto oferece interesse menor: como a cidade pertence aos cristãos, cuja coragem submeteu a todos, a ação principal está quase encerrada. Entretanto, o autor acrescenta ainda algumas cenas tocantes. Assim, um mensagem narra a desolação que reina em Tânger, em reação à notícia da vitória

dos cristãos: a fuga dos habitantes, seus adeuses à pátria, oferecem muita beleza. Neste último canto, Quevedo emociona também com os infortúnios de Zara. Após ter sido confiada ao mar, foi levada pelo barco encantado a uma cidade em que todos fogem, tão logo ouvem o nome dos vencedores. Primeiramente, segue a multidão apavorada; mas, em seguida, ganha o deserto; uma sede abrasadora a oprime, ela encontra uma fonte de água pura. Após ter sido saciada, as forças a abandonam, a morte não tarda a abatê-la, e o mensageiro que narra seu infortúnio diz que ela foi recoberta por palmas e mirtos.

Enquanto isso, teme-se que Tânger não tenha sido destruída, o vencedor hesita em se apoderar da fortaleza, e o mensageiro, tranquilizando Afonso, acha-se obrigado a fazer-lhe um longo relato da origem desta cidade, que remonta aos tempos de Hércules. Em seguida, o monarca distribui favores aos vassalos; por fim, aproxima-se de Fernando. Seu coração de pai atribui-lhe a vitória, ele não sabe inicialmente que prêmio oferecer-lhe por sua coragem; concede-lhe o mais nobre de todos:

Pois entre eles estou, de vós me valho,
E por prêmio tereis outro trabalho.⁴⁸⁶

O autor deveria ter interrompido aí, mas conclui por um trecho muito singular. Um padre celebra a missa em Tânger, quando uma horrível serpente sai de um altar consagrado ao profeta, e o rei a mata, atacando-a com uma lança que fora abençoada. Enquanto isso, os funerais do conde de Castro, morto durante os combates, se apressam. Afonso apresenta-o a seu filho como um modelo a seguir. O infante é armado cavaleiro.

Esta análise oferece uma ideia do que pode ser o *Afonso Africano*, muito estimado pelos nacionais. Ao estilo de Quevedo falta às vezes correção, mas é contrabalançado pela grandeza e energia; Macedo, Faria, Brito fazem-lhe com razão brilhante elogio.⁴⁸⁷ Devemos destacar, entretanto, que se confirma o julgamento de Sané

sobre os épicos portugueses. A ação principal avança lentamente e é muitas vezes interrompida. Mas esses defeitos são compensados por belezas de primeira ordem; as comparações têm em geral um grande efeito. Mais que todos os outros épicos da nação, há força e majestade.

Capítulo XX

A *Ulisseia*, ou Lisboa edificada, de Gabriel Pereira de Castro.

Apresento agora um poema épico cujo assunto é nacional: A *Ulisseia*, de Pereira de Castro, que alguns escritores posicionam logo após a epopeia de Camões relativamente ao estilo.⁴⁸⁸

Resume-se a biografia de Pereira de Castro. Ele nasceu no ano em que Camões preparava a impressão de seu poema [1571]. Ocupou empregos importantes na magistratura. Barbosa elogia longamente suas virtudes e afirma que ele perseguia os vícios, e não os homens.⁴⁸⁹ Esta frase deve bastar, pois pinta todo um carácter. Pereira de Castro morreu com sessenta anos [1632]. A primeira edição de seu poema apareceu somente após sua morte [1636]. Este foi o destino de muitos épicos desse tempo, que não puderam colher os frutos da glória literária que buscavam.

O assunto adotado por Pereira é a fundação de Lisboa, que uma tradição lendária remonta à época do cerco de Troia e é atribuída a Ulisses. Não devemos, pois, ater-nos à pintura dos costumes cavalheirescos que conferem tanta variedade aos poemas desta literatura, cabendo reportar aos tempos heroicos da Grécia: esta pode não ser agora uma atração a mais.

O início da *Ulisseia* tem algo de imponente, ainda que não ofereça nada de novo: os gregos são o joguete de uma tempestade, e o poeta apresenta Ulisses invocando Júpiter no meio da terrível tormenta. Suplica que lhe ensine o que está escrito em letras brilhantes nos céus, em que as estrelas, caracteres sagrados, podem revelar tanto mistério. Nesse início, o poeta mostra possuir todos os recursos do estilo e que está à vontade no meio das grandezas mitológicas. O Olimpo se abre, os deuses estão reunidos e, segundo a monótona prática dos poemas épicos, a sorte dos tristes humanos nos ocupa longamente. As discussões dos deuses são pouco interes-

santes; elas se devem ao tema: podemos admirá-las, mas, depois de muitos séculos, não mais emocionam.

Apesar da tumultuada oposição de Marte, o senhor dos deuses triunfa, como esperável, e decide-se o destino dos gregos. Eles verão ainda a morada de uma feiticeira enganadora; mais tarde, deverão fundar sob as costas da Lusitânia a cidade que será a capital de um mundo em que maravilhas se acumularão.

Os belos versos de Pereira de Castro levam-nos, então, à ilha de Circe; e tal é a magia de um estilo harmonioso, que ainda temos prazer em admirar as brilhantes pinturas, embora, há séculos, a imaginação venha sendo acalentada com as mesmas imagens.

Até aqui, a sorte do herói interessou muito pouco. Tudo já foi dito sobre os sofrimentos poéticos dos vencedores de Troia, e eles são de um gênero de tal modo elevado acima das dores vulgares, que a humanidade dificilmente ousa comover-se com elas. Confesso, prefiro ver o homem lutando contra a miséria, sem outra ajuda que a força de sua coragem, sem outro guia que a muda esperança que submete a fraqueza humana, mas que o deixa na incerteza até o momento em que ela o faz triunfar.

Ulisses recebeu do filho de Maia um anel que rompe todas as magias, e, com a descrição que o poeta faz da beleza de Circe, compreendemos que semelhante talismã é necessário. Mas é quando narra como a ninfa, que já enganou o herói uma vez, o recebe, que percebemos quão brilhante é a imaginação de Pereira de Castro. Sua poesia cria uma suntuosidade verdadeiramente digna dos deuses, e se o gosto não mais admite todas suas imagens, não há uma única que não cause admiração por sua graça ou por seu brilho:

Ambos entrando vão nas régias casas
 Ornadas de ouro e sedas mais custosas,
 Onde Cupidos com lascivas asas
 Não têm voando as setas ociosas;
 Queimam no mais secreto ardentes brasas

Aromáticas massas e cheirosas,
 E um dos Cupidos, que nesta obra entende,
 As asas bate, com que o fogo acende.⁴⁹⁰

Tudo o que o século XVI oferecia de suntuosidade aparece na descrição dos jardins de Circe. Mas parece-me um jardim criado por Le Nostre.⁴⁹¹ Prefiro uma descrição de Ariosto, e sempre admiro a brilhante versificação de Pereira de Castro.

Longa narração preenche o segundo canto; Ulisses reconta a queda de Ílion, suas viagens, seus infortúnios. Fala de Helena, que os gregos não podiam deixar de admirar, apesar dos males que causou. Se não tivessem sido tantas vezes repetidos, esses quadros ofereceriam interesse. O encadeamento dos eventos é bem realizado, a descrição, brilhante; mas o poeta não tocou meu coração, ainda que tenha maravilhado a imaginação. Como sabemos, aliás, a personagem de Ulisses dificilmente interessa. Região a região, ele visita Lemnos e a ilha de Éolo; em vão, busca a Ítaca, as tempestades o empurram para longe de suas margens. Na descrição de uma tormenta, Pereira verdadeiramente surpreende, e a harmonia imitativa de seus versos dá a crer que temos o quadro do tumulto sob os olhos.

239

Ulisses chega a Siros; pela primeira vez, o herói suscita um nobre impulso de sensibilidade. Compreendemos a dor do navegador, olhando as ondas que trazem, gemendo sobre a praia, os que não mais existem:

Ao monte alto subia, imaginando
 Que de mais longe o mar descobriria,
 E com a alma nos olhos corro os mares,
 Sem o peso os deter de meus pesares.⁴⁹²

Enquanto isso, acumulam-se os destroços da frota; após sepultar as vítimas do naufrágio, Ulisses adormece em uma gruta, onde Idoteia, filha de Proteu, aparece-lhe em sonho. Ela informa

que o lugar escolhido por ele é o abrigo de seu pai. O herói deseja conhecer seu destino, apodera-se do deus e pergunta a ele se pode ter esperanças.

Durante esta cena, notamos hábil imitação de Virgílio; e infelizmente a imitação predomina neste poema, o que a análise comprovaria. Ulisses, no terceiro canto, prossegue as viagens; visita o país dos lotófagos, onde uma árvore funesta apresenta um fruto ilusório que provoca o esquecimento. Alguns navegadores já sentiram seus efeitos funestos, quando um velho detém os que vão imitá-los. Aqui Pereira de Castro coloca um episódio verdadeiramente gracioso, no gênero das pastorais então em voga em todo o Mediterrâneo europeu.

240 A jovem Lótis tinha nascido nessa ilha; era, segundo a expressão do poeta, uma divindade escondida sob forma humana. Entregava-se com ardor ao exercício da caça. Era vista sempre na montanha ou no meio das florestas; mas, onde quer que se encontrasse, seja quando a aurora fazia brilhar as pérolas do orvalho, seja quando o sol lançava seus raios brilhantes e buscava o repouso, Lampsasseno a seguia, e o infortunado não conseguia se fazer amar. Um dia, o pastor confessa-lhe que encontrou uma jovem habitante das montanhas que o encantou; mas não diz seu nome. Promete levar Lótis ao lugar que ela escolheu por morada. Lampsasseno conduz a ninfa ao pico de uma montanha e faz com que ela veja sua imagem no cristal de uma fonte; mas Lótis foge: compreendendo o mal que causou, deseja fugir de si mesma. Seu amante a reencontra, e a sua celeridade não pode livrá-la de uma perseguição ardente, quando o céu se apieda de seus males, transformando-a em uma planta cujos frutos têm a virtude de fazer tudo esquecer.

Da sua parte, os gregos que comeram o fruto mágico reencontram a memória nas águas de uma fonte, e o poeta conclui por uma questão filosófica que desde então temos de resolver. Perguntamo-nos se as lembranças são preferíveis ao esquecimento dos bens e dos males.

Ulisses prossegue a viagem; entra no porto de Lilibeu, onde encontra Polifemo. A pintura do gigante é verdadeiramente homérica; mas, ao continuar a descrição, ainda se percebe a imitação de Virgílio. Logo o terrível hospedeiro comprova de modo funesto sua força: aprisiona dois gregos e lança-os em um fogo que devora seus membros.

Ulisses escapa ao perigo que o ameaça, cegando o monstro. Ele já chegou a seus navios, quando Polifemo implora a cólera de Netuno. O deus provoca a tempestade de que os gregos escapam, encontrando asilo junto à feiticeira que os acolheu.

Ulisses experimenta os prazeres que essa ilha oferece; mas Juno aparece a ele e motiva-o a fugir da indolência. Revela-lhe o novo destino que lhe renderá a fundação de uma cidade poderosa. Antes de o destino separá-los, Circe o conduz aos infernos, para que conheça o futuro reservado pelos deuses ao país de que ele, em breve, se tornará o dono. Pereira descreve o inferno, evidenciando que lera os italianos. Nota-se aí até o belo verso de Dante:

*Lasciate ogni speranza voi, che'ntrate.*⁴⁹³

Mas o poeta português, nessa oportunidade, está bem distante de seu modelo; almejando mostrar-se novo, seu bom gosto o abandona, várias vezes ele se perverte inteiramente. É assim que, na estrofe 71, Ulisses vê os homens que desconhecem a dignidade de sua alma, aos quais ela teve utilidade igual à do sal, que impede a corrupção do corpo.

Chegando aos campos elísios, Circe faz com que o herói contemple a imagem dos reis que devem governar Portugal. Pereira chega a Sebastião; ele se compadece por um momento do jovem monarca e da nação: mas segue em frente, e o cortesão se revela, ao elogiar os reis espanhóis. Camões teria gemido ou interromper-se-ia.

Após retornar à terra, Ulisses deixa a ilha de Circe, navegação descrita de maneira nobre e harmoniosa. Chega às Colunas de

Hércules, e, em belos versos, imita-se Camões. Hércules, como o gênio das tempestades, deseja deter a frota; recordando os destinos de Ulisses, contados por Proteu, anuncia os terrores de Atlas, que teme as vitórias dos portugueses na África, vitórias que são preditas. Por fim, a frota chega à região banhada pelo Tejo, e o poeta traça um quadro encantador, que certamente testemunhara:

Ua garça do Tejo ao ar se erguia
 Que o vento na presteza atrás deixava,
 E como que a queixar-se ao céu subia,
 Ao fogo asavas penas arriscava,
 A que ua águia real detrás seguia,
 Que em voltas por chegar-lhe se apressava,
 Levando sempre a vista firme e pronta
 Na garça, que antre as nuvens já remonta.

242

Despois de em largos giros ter cortado
 Os diáfanos ares vem decendo [sic]
 Como um raio de Júpiter alado
 A garça, as brancas asas encolhendo,
 A que a águia, por um, por outro lado
 Cos cerrados encontros o ar rompendo,
 Instando oprime, com furor aferra,
 Onde era o fim da vida o fim da guerra.⁴⁹⁴

Os gregos desembarcam na fértil região banhada pelo Tejo. Domina parte da região o rei Górgoris, que acolhe os navegadores e convida-os a descansar em suas terras. A filha do monarca, Calipso, tão logo vê Ulisses, apaixonou-se por ele. Após um festim esplêndido, o herói é convidado a relatar os acontecimentos que o trouxeram a uma terra estrangeira.

No sexto canto, Ulisses narra a Górgoris e aos que o cercam a eterna história de Helena e o cerco de Troia. Identificam-se frequentes imitações de Homero e de Virgílio, e se o estilo apresenta

belezas de primeira ordem, o interesse esfria. Reanima-se um pouco no canto seguinte. Górgoris prepara uma caça brilhante, e, enquanto os animais da floresta são perseguidos, Ulisses passeia com Calipso, como Eneias e Dido; uma gruta os recebe. Há, nesse trecho do poema, descrições verdadeiramente admiráveis.

Ulisses quer fundar a cidade que levará seu nome, e dirige-se ao Tejo, que lhe promete augúrios. Chegando ao brilhante palácio onde repousa o rio, ouve novas predições: a conquista da Índia é-lhe revelada, e o semideus passa em revista todos os portugueses que se distinguiram. Enquanto isso, a vila nascente ergue suas muralhas; mas Circe, irritada com o amor de Ulisses, desce aos infernos, e uma Fúria provoca a cólera de Górgoris contra os gregos. Ele marcha na direção da nova cidade, e começam longos combates, em que Home-ro serve de guia ao poeta português. Somente no novo canto, Ulisses e Górgoris se batem; o rei dos lusitanos sucumbiria, se Marte não o carregasse em uma nuvem. Enquanto isso, suas tropas triunfam momentaneamente sobre os gregos.

243

No último canto, o interesse, até esse ponto bastante interrompido, se reacende: o grande acontecimento se decidirá; veremos se Lisboa poderá celebrar a glória de seu fundador. Mas, neste momento decisivo, os deuses intervêm outra vez. Juno toma o partido dos gregos e implora, por eles, a ajuda do senhor do Olimpo. Para animar a ficção mitológica, muitas vezes empregada pelos grandes mestres, o poeta valeu-se das cores mais brilhantes e mais nobres. Há um encanto, uma harmonia em suas expressões que o igualam aos autores da Antiguidade, e não surpreende que Lope de Vega recitasse alguns de seus versos com entusiasmo.⁴⁹⁵ Chega o grande dia em que o chefe dos lusitanos combaterá um dos vencedores de Troia; os deuses favorecem o rival temível, que recebe de Palas um escudo que o torna invencível. Os exércitos estão presentes; o combate começa, Górgoris é vencido, e a cidade, novamente fundada, retumba com os cantos de vitória. Ulisses, porém, seguirá seu destino; venceu, mas deve partir. Em vão

Calipso mostra-lhe seus filhos, mas ele abandona-a para sempre, sem outra explicação que a vontade dos deuses. A infeliz filha de Górgoris percebe que suas preces foram vãs, apenas compreende as inúteis imprecações contra aquele que não pode reter. Seu desespero é mudo, ela sabe que morrerá, junto com os filhos, que viram o dia apenas por um momento. Errando sobre a praia, dirige-se ao oceano e aos céus:

Aqui do débil laço desatado
Meu esprito, este mar e este ar mais puro
há-de turbar, ó ingrato!” – lhe dizia,
E o eco: “Ó ingrato, Ó ingrato!... – repetia.
Ua montanha e serra inabitada
Se erguia ao ar, em cuja corpulenta
Espalda a cerviz dura de encurvada
Mostra que o cristalino céu sustenta;
De pungentes espinhos coroadas
A fereza das pedras se acrescenta,
Que pendentes do alto estão mostrando
Que sobre o mar se vão precipitando.

244

Abaixo ferve o mar, em cuja boca
Se ouvem disformes brados e gemidos
Com que batendo a levantada roca
Vai gastando os penedos carcomidos,
Grutas escuras abre, donde troca
Em noite o dia, e nelas escondidos
Marinhos monstros e noturnas aves
Saem meneando o ar com asas graves.
Por se arrojar, Calipso está subida
Onde a serra mais livre no ar se estente,
Cobardemente ousada e atrevida,
Duvida, e já a si mesma se reprende.
- “Que temo?” – diz – “pois é castigo a vida
A um triste!...” – E já no ar cos filhos pende.
O Tejo a recebê-los vai saindo,
Os puros braços de cristal abrindo.⁴⁹⁶

O poeta mostra-nos os dois filhos de Calipso transformados em rocha; sua mãe os envolve:

Têm nas portas do Tejo levantada
 A testa altiva e fera, ameaçando
 As naus que buscam porto e doce entrada,
 De branca espuma as ondas coroando;
 Ali o mar com roucas ondas brada
 Nos penedos altíssimos quebrando,
 Que ruínas marítimas preparam
 E o nome de Cachopos conservaram.⁴⁹⁷

A *Ulisseia* goza de grande reputação em Portugal, e alguns autores conferem-lhe o primeiro lugar após Camões; mas os elogios devem-se sobretudo ao estilo. Este mérito perde-se para os estrangeiros, e nada há de muito original na composição para provocar entusiasmo no século XIX. Em Pereira de Castro, a imitação dos antigos é incessante; ele toma empréstimos de todos os grandes poetas; mas o faz com surpreendente qualidade, mérito, repito, que só pode ser percebido pelos portugueses. Não negamos a ele a ousadia de ter desenhado as cenas mitológicas mais brilhantes e de ter-se aproximado ao gênero de seus modelos. Após a leitura de algumas descrições da *Ulisseia*, repete-se o que diz um crítico estimado: “Reina aí um timbre antigo que muitas vezes lembra a poesia grega, e acredita-se ler fragmentos da *Odisseia* que teriam sido recentemente descobertos.”⁴⁹⁸ É um grande mérito, sem dúvida, ter sabido conservar certa cor local; é lamentável que o poema não ofereça mais um tipo de interesse em harmonia com nossas ideias.

Existe um outro poema intitulado *Ulisseia*, de João Gomes do Pego,⁴⁹⁹ e mais tarde, como veremos, Sousa de Macedo trata o mesmo tema.⁵⁰⁰

Capítulo XXI

Francisco de Sá de Meneses. – Malaca conquistada.

Malada conquista é uma das obras em que mais se percebe a influência do grande século. No que diz respeito à concepção, alguns letrados situam este poema logo após a epopeia de Camões. De todo modo, um grande e belo pensamento deu-lhe origem em uma época em que Portugal fora destituído de sua antiga glória. Francisco de Sá de Meneses queria lembrar um de seus mais belos feitos de armas. Como um grande poeta, elevou um monumento à glória nacional.

A vida deste autor não oferece nada notável. Nasceu no Porto e, após alguns anos de existência secular, devotou-se à religião [1642]; morreu muito tempo depois [1664].⁵⁰¹

246 Considerando a cor local presente em *Malaca conquistada*, Sá de Meneses deve ter visitado as regiões descritas, e o poema apresenta um interesse cavalheiresco que provocou, sem dúvida, profunda sensação na época em que Portugal se gabava de seus destinos gloriosos. Quando apareceu, despertou lembranças amargas e arrebatou talvez as imaginações, suscitando alguma esperança.

Lendo o poema, constatamos que o gosto se acostumara a não misturar mais o sagrado e o profano. Sá de Meneses toma emprestado o maravilhoso da religião cristã; os deuses da Antiguidade são relegados ao inferno.

O grande Albuquerque, de quem Camões só reclama uma falta, este conquistador das Índias e de uma parte da Pérsia, é o herói do poema. Ele repousa das vitórias e vaga sobre os mares do Oriente, buscando novas regiões para conquistar, quando uma tempestade o constringe a retornar a Goa. O sono toma conta de seus sentidos; enquanto goza alguns momentos de descanso, uma visão terrível desenha para ele os males que acabaram de acontecer a seus compatriotas em Malaca:⁵⁰² os portugueses, ensanguentados, clamavam por vingança. O guerreiro desperta; a alma, profundamente emocionada

por esse sonho assustador, resolve cobrar caro dos árabes a injúria feita à sua nação, e logo seus navios fendem de novo o oceano para levar o ferro e o fogo a Malaca. Sá de Meneses descreve de maneira poética esta viagem aventureira; nomeia as terras que aparecem no horizonte, e há sempre certo encanto, ao percorrer com seus heróis os mares distantes. Chega a Cochim; a frota escapa a uma traição provocada por Asmodeu, o demônio que estende seu império sobre essas terras. Os barcos portugueses cortam ainda o oceano Índico; só então o poeta apresenta os guerreiros navegadores que os dirigem. Ele parece reunir toda a brilhante nobreza de que Portugal se ufanava; e o orgulho pode se satisfazer nos anais poéticos que concluem o primeiro livro. No segundo, adentra-se em um império mitológico e cristão; Satã lembra o que os portugueses fizeram para derrubar seu império, levando para aquelas regiões tão recuadas a religião cristã; é tempo, diz ele, de aniquilá-los.

Os demônios saem de seus antros, e uma tempestade terrível cai sobre a frota. O talento do poeta se revela de maneira notável: assiste-se com emoção à luta dos homens mais corajosos contra os elementos, cujo furor cresce graças a um poder sobrenatural. A frota seria aniquilada, se Rafael, protetor dos portugueses, não levasse sua causa aos pés do Eterno. Os anjos do céu combatem os anjos revoltados; a tempestade cessa aos poucos, mas causou desastres assustadores. Os navios se dispersam, um deles perde-se nos recifes de uma ilha; o amor de uma princesa pelo capitão salva os viajantes da morte. Os outros navios, conduzidos por Albuquerque, entram no porto de Sumatra, cujo rei oferece asilo ao herói da Ásia. Logo recebe a garantia de sua amizade, quando um português, que escapou dos desastres de Malaca, se apresenta aos navegadores. Viegas, antigo companheiro de armas de Albuquerque, relata aos compatriotas os males que experimentou em um país bárbaro.

O relato ocupa o terceiro livro. O poema assume cor romanesca, que mantém, mas o interesse aumenta. Viegas lembra a

expedição de que fazia parte e o jovem Siqueira, seu capitão. Os malaios já tramaram horrível complô: nenhum português poderia escapar ao cativeiro ou à morte, sendo odiados por todos. Mas a bela Aláida lamenta sua sorte e gostaria de salvá-los, pois viu Siqueira e ama-o. Filha de um rei destronado, seus esforços são impotentes; só lhe resta o amor, não partilhado, pois ama um europeu: “Na pátria (pode ser) preza a vontade, / Não terá para amar-me liberdade”,⁵⁰³ clama, e mesmo assim o adora; tal é o destino de sua vida. Este anjo protetor dos portugueses não pode salvá-los; a cupidez os arrasta, a traição os pune. Presentes são entregues a eles na praia; Siqueira aceita recebê-los, os guerreiros correm para lá e são massacrados. A cena de desolação é desenhada de modo enérgico e faz estremecer, porque verdadeira. Enquanto os europeus são aniquilados junto à costa, seus navios são atacados. Siqueira estende as velas, foge, defendendo-se; seus compatriotas não são vingados; numerosas vítimas permanecem em um cativeiro cruel.

248

Viegas pinta seus sofrimentos durante a longa escravidão e comove com seus infortúnios:

Neste infeliz, neste triste estado,
 Arrastando as prisões, cheguei um dia
 Ao pé de uma alta torre, onde, assentado
 Por descansar, chorei o em que me via.
 Dei suspiros, dei ais, e desmandado
 Algum dos que a dor da alma despedia,
 Aos ouvidos chegou de quem chorava
 Males, que amor na ausência acrescentada.

Ouvi, como em resposta ais numerosos,
 Que, ao que julguei, parece que detidos
 A seu pesar no peito, precurosos
 Rompem, deixando os ares acendidos.
 E suspiro não dei, que mil queixosos
 Me não ferissem logo nos ouvidos:

Tal como quando as aves namoradas.
Se respondem das plantas apartadas.⁵⁰⁴

Não é a Viegas que se dirigem esses lamentos, é Alaída que não pôde esquecer o jovem capitão dos portugueses e que lança continuamente seu olhar na direção do mar, onde o viu distanciar-se. Ela dirige-se àquele que deplora tão dolorosamente sua escravidão e, fugindo de uma terra que doravante abomina, chega, com seu liberador, a Sumatra. Termina o relato de Viegas. Logo o rei da ilha se dirige ao herói português; eles experimentam um mesmo ressentimento; a guerra vai começar. A descrição da entrevista do príncipe malaio com Albuquerque oferece cor local e exatidão de detalhes raramente abandonada no poema.

A frota deixa Sumatra. Albuquerque leva junto a jovem Alaída, que conserva, há longo tempo, justo ódio pelo rei de Malaca, usurpador do trono de seu pai. Uma parte do quarto livro é preenchida por dois episódios insípidos, sendo o primeiro bastante insignificante desde a perspectiva poética; o outro representa um jovem rei destronado que percorre os mares e é vencido por Albuquerque. Ele implora sua aliança, e em dois versos revela a enorme fama de que gozava o chefe português:

Inimigos dos reinos depusestes,
Diga-se que aos amigos reinos destes.⁵⁰⁵

Chega-se a Malaca. A descrição da urbe pomposa oferece interesse. O poeta, por um traço rápido, indica bastante bem o aspecto de uma grande cidade, vista do mar quando nasce o dia:

O sol, que alegre começava o dia,
As cúpulas das torres lhe dourava;
O mar, que brandamente a combatia.
Dos edifícios bases prateava.⁵⁰⁶

Albuquerque, cheio de admiração por tudo que vê, pede a

Alaída que lhe conte a história desse local, e ela, com graça, narra aos portugueses as diferentes revoluções que aconteceram no império malaio.

Neste ínterim, a frota foi avistada. O rei de Malaca é informado da chegada dos cristãos e contempla seus navios do alto de uma torre. Um português é levado a ele e nomeia os guerreiros mais ilustres.

O rei deseja conhecer a história do grande Albuquerque, e o poeta, após invocar a musa da história, começa um longo relato dos sucessos do grande capitão: mostra o descendente de sangue real, combatendo antes em Arzila, desembarcando nas costas da Índia, fundando uma cidade poderosa e levando o terror por todo o lado.

O sexto livro introduz Asmodeu, alçando-se de novo no antro dos infernos para conhecer os progressos dos portugueses. O mestre dos demônios grita de terror; desta vez, é bem o demônio do cristianismo. A pintura que faz Meneses tem uma energia selvagem:

250

Em pé o Rei das trevas, mor que Atlante,
Move as cabeças sete horrivelmente,
E vibra a cauda, com que o terço errante
Arreatou do Céu mais reluzente:
Os mui violentos braços ao Levante,
Ao Austro, a Calisto estende, e ao Ponente,
Com que num ponto Reinos mil resolve,
E em males a estendida terra envolve.

Por grande espaço horrível, e soberbo
Fogo, e fumo exalou à dor sujeito;
E apenas respeitando ao sacro Verbo,
Blasfêmias mil soltou do ingrato peito.
Viverá (disse o espírito protervo)
Meu valor, que não pode ser desfeito,
Por mais que me persiga vingativo
Aquele, por quem vim ao fogo vivo.⁵⁰⁷

Satã, após lembrar os combates com o arcanjo Miguel, ordena

a Asmodeu que percorra o inferno e reúna alguns emissários da tropa temível. A descrição deste lugar de trevas lembra a de Dante, e lamenta não ter espaço para reproduzi-la, seja quando Asmodeu chega ao local onde são castigados os amantes culpados, e ele vê “que o rio, que de fogo se derrama, / castiga em flama eterna a breve flama”,⁵⁰⁸ seja quando se aproxima de Judas e de Maomé, bizarramente juntos. Aos poucos, reúnem-se ou os homens que o cristianismo rejeita, ou os que a humanidade condenou. Mas o autor, mais prudente que o poeta italiano, não introduz em seu inferno personagens modernas cujos crimes eram apenas temidos.

Logo Meneses nos faz retornar à terra; assiste-se a uma embaixada insidiosa enviada pelo rei de Malaca ao grande Albuquerque, que oferece condições imediatamente rejeitadas pelo monarca. A intriga se complica, multiplicam-se os episódios romanescos, e o autor parece abandonar a marcha épica, para se entregar aos movimentos cavalleirescos de Ariosto. Há passagens de grande efeito, como a de um punhado de portugueses levando a morte e o incêndio até o interior de Malaca; como os grandes poetas de sua nação, ele é um grande pintor de batalhas. Logo, porém, a ação principal é interrompida pela chegada de um cristão de São Tomé, ou melhor, de uma espécie de profeta, que se oferece a Albuquerque para buscar alguns guerreiros invencíveis retidos em uma ilha encantada.

Ele pede apenas um cavaleiro da expedição; todos se oferecem, o nobre Sousa é aceito, e, conduzindo-o em seu rápido barco, seu guia lê nos céus a história da poderosa nação que quer socorrer. Chegam ao fim de sua viagem; eles recolhem uma dama vítima do amor e, não ousando fazê-la partilhar seus perigos, deixam-na junto à costa. Esta jovem dama misteriosa desempenha mais adiante papel importante no poema. Glaura esteve em vias de ser sacrificada ao ciúme de seu marido, ao qual, todavia, perdoa e que a crê vítima de seu furor.

A ilha que os viajantes alcançam é uma espécie de jardim de Armida, onde uma jovem feiticeira, descendente de Aurora, subjugava

valorosos cavaleiros portugueses; mas Etol arranca da indolência desse lugar de delícias o bravo Melo que ela adora, e o barco que os conduz já fende as águas, quando Titônia se dá conta de sua partida. A dor da ninfa é expressa com raro talento; seu desespero é profundo, suas queixas são tocantes, e o encanto da versificação não pode ser suficientemente louvado.

Contudo, a maneira como o poeta apresenta a morte dessa vítima do amor é bastante inesperada. Um príncipe indiano que a adora desembarca em suas praias para a constranger a satisfazer sua paixão. Titônia refugia-se no palácio; o tumulto chega ao auge; ela quer se defender e é morta por um guerreiro que avança em meio a uma escuridão profunda. Uma tocha lúgubre desvela ao amante o infortúnio que causou, que se fere com sua própria espada e morre, clamando:

Aceita este de mim último ofício,
Se por vingança não, por sacrifício.

.....

[...] E começa o dia,
O sucesso chorando a Aurora fria.⁵⁰⁹

252

No nono canto, deslocamo-nos para o centro da cidade malaia, cujo conselho está reunido. Meneses apresenta singular variedade de quadros; enquanto o temor reina em Malaca, a alegria está presente no campo de Albuquerque. Os cristãos, conduzidos por Etol, estão armados: o assalto logo começará. Dos dois lados a coragem é terrível; Lima sobretudo, o invencível Lima, unido a Andrade e a Sousa, distingue-se, e percebemos que o relato desses altos feitos, cujas circunstâncias são históricas, deve ser bem caro aos portugueses. Por fim, Albuquerque ordena que a cidade seja incendiada, e essa urbe poderosa seria destruída, se o rei malaio não conseguisse estancar o incêndio.

Os portugueses retornam a seu campo; a fortuna serviu à sua coragem; mas ainda não dominam a cidade, e temem mesmo a astúcia dos sitiados.

Durante esse momento de repouso, Sousa, um verdadeiro cavaleiro, deseja vingar-se do insulto feito a Glaura, a jovem companheira de sua viagem à ilha de Titônia. Ele a conduz à praia onde desafia seu esposo, quando então o poema assume inteiramente o caráter de um romance de cavalaria. Mas o combate não ocorre, a inocência de Glaura é reconhecida depois de tanto tempo por seu esposo, que deplora sua morte. Ele a reconhece, e sua alegria iguala sua dor. Nesta cena, Meneses se mostra hábil, ao pintar a gradação e a variedade das emoções. O casal retorna ao campo malaio, e a guerra recomeça.

O interesse, que, nos dois últimos cantos, foi sempre crescente, se interrompe de maneira cansativa. Etol, na companhia de um guerreiro português, observa o que se passa no campo inimigo; a seguir, ele o conduz a uma espécie de palácio encantado onde se desenrola a história dos fatos gloriosos dos que governarão Malaca após sua conquista. Os portugueses repetiram à saciedade essas longas narrações históricas, na maioria das vezes conduzidas sem arte. Eles se permitiram fazê-lo, tomando o exemplo de Camões; seria necessário, porém, que fossem tão dinâmicos quanto ele em suas narrações.

Logo o interesse se reanima; o desespero excita os sitiados, que não mais esperam vencer, mas que, morrendo, desejam ser vingados. A cidade, como último recurso, foi destruída; o segundo assalto começa. Não apontarei todos os golpes memoráveis apresentados, todo o tumulto reinante sob os muros de Malaca. Há, nesta pintura, energia e beleza. Os portugueses triunfam, mas o esposo de Glaura morre, e o episódio mais tocante anima o último livro. Meneses apresenta Glaura que vaga sobre o campo de batalha e procura o esposo querido depois que o perdeu; ela o pede ao céu, ela o pede a toda a natureza; por fim, reconhece seu corpo, “exemplo de valor pouco ditoso”:⁵¹⁰

No amado peito a seta vai cravada,
Desmaia o coração à dor rendido,
Cai mais morta enfim, que desmaiada,
Sobre o que tanto amou, morto marido.

Quase da alma fugaz desampara,
A falta lha deteve do sentido,
Tendo suspensa a dor, e do acidente,
Mortal torna, respira, atenta, e sente.

Torna de novo a dar co novo alento,
E lágrimas de novo os olhos derão;
Já suspiros o peito manda ao vento,
Com que de novo os ares se acenderam;
Ao triste suspirar o sentimento
Incauto grito ajunta, e dar quiseram
Já compassivas mais, que rigorosas,
As parcas fim às penas lastimosas.
Fere o grito no teto cristalino,
E soldado ignorante ao vulto tira,
Que por ordem secreta do destino
O lastimoso grito descobrira:
A seta fere o peito alabastrino,
Que para tanto mal amor ferira.

254

Ais a infelice ao Céu manda queixosos,
Bem que, se já mortais, ainda amorosos;
E, como pode, a débil voz levanta,
Dizendo: Ó vencedora gente forte,
Já comigo piedosa, e já com tanta
Ira, causa cruel de minha morte;
Se entre marcial furor piedade santa
Tem lugar, e permite minha sorte.
Pois me nega o poder à morte dura,
Ao Sião, e Batrão dai sepultura.⁵¹¹

A voz de Glaura é reconhecida por Etol e por alguns guerreiros, que a levam ao campo. O velho cristão consegue convertê-la:

Pede, confia, crê, serás ditosa,
Serás do Eterno Esposo eterna esposa:

.....
Ela já da esperança, e da fé cheia.
Que o Céu lhe infunde, disse: Antes que agrave
A morte o que é mortal, esta alma feia
Purifique a água santa, e a culpa lave.
Já neste tempo a vista se encendeia.
E o rosto cobre um pálido suave:
Cos sacros ritos, e água o sacerdote
Lhe dá (de Cristo esposa) o eterno dote.⁵¹²

Após traçar esta cena de dor, Meneses retorna aos combates; sua energia desperta para oferecer novos quadros. Um único assalto basta para derrubar o império de Malaca; o bronze retine, os malaios resistem ainda, mas logo fogem diante dos portugueses. Aladim apenas, Aladim procura reanimá-los; sua coragem é inútil, a queda da cidade é decidida no céu. Um espírito aparece a Afonso de Albuquerque, fazendo-o ver que os mais nobres heróis de Portugal que tomaram parte nas guerras das Índias ainda combatem por ele. Há grandeza e poesia em ter trazido essas sombras dos heróis mortos, que tomam parte nas vitórias de seus irmãos de armas. Em meio de uma nuvem de poeira e de fumaça, o anjo, resplandecente de luz, fala aos conquistadores das Índias:

O ponto, Afonso, chega, que desejas
Do pretendido fim da alta conquista:
Olha quantas o Céu, por quem pelejas,
Em tua ajuda esquadras hoje alista.
Levanta os olhos, que Deus quer que vejas
Ideias imortais, com mortal vista,

Daqueles, que por ele as vidas deram,
 E dos que com Miguel permaneceram
 Vês ali, onde mais arde o conflito,
 Entre a malaia, e portuguesa gente
 O teu Noronha, já glorioso espírito,
 E os dois Almeidas, glória do Ocidente:
 Coutinho ilustre, e um Correia invicto;
 E aqueles, que neste último Oriente,
 Seu sangue derramaram, lá combatem,
 E do guerreiro imigo a fúria abatem.⁵¹³

Não resta dúvida quanto ao resultado da batalha, os cristãos são vencedores, e Malaca cai sob o poder de Portugal.

256 Tal é este poema, em que se encontram graves incorreções de estilo, mas que se distingue pela brilhante imaginação e exata pintura do carácter nacional. Ainda que muitos episódios inconclusos interrompam frequentemente a marcha do acontecimento principal, em geral o interesse sustenta-se; todavia, seria desejável que as descrições de batalhas não fossem tão frequentes. Ao mesmo tempo, há no conjunto uma oposição bem realizada entre os costumes portugueses e os do Oriente; predomina a cor local, e a exatidão dos quadros aumenta bastante o interesse. O maravilhoso é o que nossa época exige. Haveria talvez uma espécie de ousadia, ao rejeitar as ficções mitológicas. Quevedo não ousou ultrapassar completamente seu antigo poder, há ainda sua débil presença em Meneses. Francisco Dias, que os portugueses vêem como um muito bom crítico, diz que *Malaca conquistada* é inferior aos outros épicos analisados. Isto é talvez verdade para o estilo, mas este julgamento me parece muito severo, e ele parte de um espírito mais metódico que suscetível de entusiasmo poético.⁵¹⁴

Brás Mascarenhas é autor de poema poético cujo herói é Viriato; poucas vidas foram tão agitadas como a deste poeta guerreiro. Ele nasceu na província de Beira em 1596; motivado pelo gosto das viagens, fugiu da casa paterna, embarcou e foi raptado por corsários.

Depois de recuperar a liberdade, chegou ao Brasil, onde se distinguiu durante a guerra dos intrépidos colonos contra os holandeses. Retornando à Europa, destacou-se ainda por diversas façanhas. Foi nomeado governador de um pequeno forte, mas, acusado de traição, foi arrancado de sua tranquila aposentadoria, para ser jogado em um calabouço da torre de Sabugal. Sua imaginação sugeriu-lhe um meio bastante extravagante de sair da prisão: obteve com seu guardião um pouco de farinha para compor, disse ele, um remédio necessário a seus ferimentos, um par de tesouras para reparar suas roupas, e um livro para dissipar o aborrecimento que o devorava. Teve a paciência de cortar as diferentes letras que compunham essa obra; colou-as sobre algumas folhas de papel reservadas para seu uso e assim escreveu uma longa epístola em versos ao rei, que lhe devolveu a liberdade, bem como seu emprego de governador de Alfaiates. Morreu em 1656, e com sessenta anos compôs seu poema, intitulado *Viriato trágico, um poema heroico*.⁵¹⁵ Ele tem vinte cantos e só foi impresso em 1699.⁵¹⁶ Não li esta obra, mas eis o julgamento por Sané:

257

Como o autor anda sempre apoiado sobre as tradições e os monumentos antigos, sua obra, por mais defeituosa que seja, apresenta de uma maneira interessante a época famosa em que Roma submetia por sua política, assim como pelas armas, o gênio altivo do ibero selvagem e cantábrico belicoso: a grande figura deste Viriato, que ameaçava Roma como um segundo Aníbal, anima esta vasta cena e eleva seguidamente o interesse ao mais alto grau.⁵¹⁷

Capítulo XXII

Ferreira de Lacerda, Miguel da Silveira, Botelho de Morais e Vasconcelos, poetas épicos.

Quando Portugal caiu em poder de Castela, a decadência das letras não foi tão imediata quanto à das armas.⁵¹⁸ Grandes talentos serviram à pátria e procuraram revelar sua glória decaída.⁵¹⁹ Mas a influência das circunstâncias foi tal, que muitas vezes se mostrou preferível adotar a língua dos vencedores, até para celebrar a pátria infortunada. Era, de todo modo, falta de patriotismo; e, como certos autores não souberam fazer uma escolha à sua altura, não sabemos agora em qual literatura classificá-los.

Cabe dizer, porém, que os poetas mais notáveis raramente fizeram esta concessão vergonhosa. Perceberam que eram a última esperança da pátria, quando as armas sucumbiram.

258 Entre os poetas que escreveram em espanhol, cabe citar a maravilha de seu tempo, Bernarda Ferreira de Lacerda, nascida no Porto em 1595, à qual os biógrafos concedem todos os talentos, assim como todas as virtudes. Ela casou com Fernão Correia de Sousa e morreu em 1644. Escreveu um poema épico intitulado *España libertada*. Não li essa obra; Lope de Vega elogia Bernarda de Lacerda pelo coração português e pena espanhola.⁵²⁰

Miguel da Silveira,⁵²¹ nascido em Celorico, na província da Beira, goza também de grande celebridade como poeta épico, de quem foi impresso em Nápoles, dois anos após sua morte [1636], *El macabeo*. Esta obra, em vinte cantos, gira em torno à restauração de Jerusalém por Macabeu. Por último, Francisco Botelho de Morais e Vasconcelos⁵²² adotou um assunto nacional, depois abordado de novo,⁵²³ e escreveu *El Afonso ou a Fundación del Reyno de Portugal*, no qual se encontram parte notáveis.

Capítulo XXIII

Escritores da primeira metade do século XVII.

Bernardo de Brito, Nunes de Leão, Frei Luís de Sousa, Faria e Sousa, Freire de Andrade, padre Vieira, orador, padre Macedo, Antônio Sousa de Macedo, polígrafos célebres.

Assim como somos às vezes levados a confundir os poetas que acabei de analisar com os do período precedente, acontece também de os historiadores do final do século XVI e do começo do século XVII não serem suficientemente caracterizados. Eles se encontravam em circunstâncias bem diferentes daquelas em que se achavam seus predecessores. Não tinham mais que lembranças gloriosas, tanto a glória havia decaído rapidamente. Não mais eram vistos sob a influência imediata da admiração; era-lhes então necessário empregar cores mais vivas para que os homens do século compreendessem as impressões que deveriam experimentar seus antepassados. Julgo-os menos simples, porém oferecem efeitos mais dramáticos: conservaram seu entusiasmo religioso, e não cabe pedir mais ideias filosóficas que a seus sucessores. Audaciosos em seus pensamentos, parece que foram os únicos a herdar o ardor guerreiro que entusiasmava a nação.⁵²⁴ Todas poéticas, suas ideias brilham com um reflexo de glória que faz compreender ainda a grandeza dos séculos precedentes. Um pensamento altivo mostra-se às vezes entre eles com tanta força, que se percebe que a nação jamais se submeterá. Percebem também ser necessário ligar-se a um único homem e agrupar em torno dele os acontecimentos, porque um homem então, sem ser rei, representa todo seu século.

O começo do século XVII destaca-se ainda por alguns gênios que abrem um novo caminho, que não saberíamos classificar, e que, dada a grandeza de suas ideias, seríamos tentados a registrá-los entre os poetas, se não escrevessem em prosa, se não fossem oradores ou historiadores. Tal é, entre outros, o padre Vieira, que busca suas

inspirações no Novo Mundo e cujo pensamento audacioso não pôde ser reprimido por um tribunal covarde.

Neste período, como em alguns outros, os portugueses, dotados de gênio verdadeiramente enérgico, vagaram muito tempo em regiões estrangeiras. Aparentemente, tinham o secreto instinto de fugir dos lugares em que a liberdade de pensamento seria arrebatada ou de garantir total independência. Tais eram estas almas ativas, e em Portugal sempre houve muitas delas, abrasadas por um amor patriótico e, ao mesmo tempo, devoradas pelo desejo de independência, que leva a buscar uma nova pátria, mesmo quando pensamos na glória da que deixamos.

Entre os escritores viajantes, deve-se destacar o padre Macedo, o mais extraordinário improvisador de seu século, ao mesmo tempo o autor mais fecundo.

260 As reflexões anteriores não são inteiramente aplicadas a ele, pois trata-se antes de um espírito feroso que de uma alma ardente, de uma imaginação mais rápida que sedutora. Não constava entre os que a Inquisição assustou, eles lançam-lhe inventivas em que se afastam dele. Seria interessante examiná-lo mais profundamente, pois sinaliza, com alguns outros, a época da decadência.

Seguindo a ordem indicada pelo tempo, examino primeiro um homem pertencente de algum modo aos dois séculos e cujo pensamento era mais vasto que o gênio era luminoso.

Cabe nomear Bernardo de Brito,⁵²⁵ que desejou escrever a história de Portugal desde a origem do mundo até à sua época. Mas morreu [em 1617] no momento em que seu trabalho ofereceria algum interesse aos compatriotas, lembrando-lhes os tempos modernos. Não devemos classificar este historiador entre os contemporâneos de João de Barros. Ele aparece no final do século e começa um novo período para a história [1597].⁵²⁶ Coube-lhe sem dúvida traçar a funesta catástrofe que arrebatou a Portugal sua independência, e é pena que ele não tenha feito; a nobreza de seu estilo o valoriza para este gênero de trabalho.

Em Brito, sempre me emocionou a pintura simples e nobre do desespero de Roderigo, último rei dos godos, após a funesta jornada em que perde o império. Quando o pensamento retroage muitos séculos, e refletimos sobre os acontecimentos representados por essa derrota, toca-nos a dor do guerreiro vencido, que afrontaria a morte, mas que não pôde suportar a vergonha; que busca na solidão do claustro a esperança do céu, mas que não prova sua doçura, pois suas recordações são proféticas e revelam-lhe os males que esmagarão o país.

Aparece também no começo do século XVII um homem que o ilustra graças a seus escritos e que colocamos entre os mais notáveis: frei Duarte Nunes de Leão,⁵²⁷ autor de muitas obras entre as quais se distinguem a *Descrição do reino de Portugal* e a *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal*.⁵²⁸ Seu estilo é puro, simples e às vezes muito nobre. Duarte de Leão bebeu em boas fontes: como historiador, inspira muita confiança, e sua pintura dos primeiros reinados é muito interessante. Dinis, poeta, guerreiro, agricultor, lá está bastante bem representado como o fundador da literatura portuguesa; é um verdadeiro trovador, escrevendo, à maneira dos provençais, cantos de guerra e de amor.⁵²⁹

Nunes de Leão narra de um modo verdadeiramente estimulante o acontecimento prodigioso que fundou a monarquia portuguesa, e sua simplicidade faz com que sobressaia admiravelmente o heroísmo de Afonso Henriques, que soube vencer os mouros, quando uma vitória decidia provavelmente a sorte de uma grande parte da Europa. Ele apresenta o frágil exército dos portugueses, marchando contra a multidão de árabes, e ficamos assombrados com a coragem de que os cristãos careciam para vencer, pois cada um deles tinha de combater cerca de cem inimigos. Mas tal é a influência de um homem verdadeiramente corajoso, que não esquece por um único instante sua firmeza e cujos discursos inspiram a mais nobre audácia. Quando os seus atemorizam-se ao ver trezentos mil homens que se

espalham na planície, observa-lhes que se trata de arriscar a honra de Portugal e buscar Deus ao travar a batalha: “e que como estavam revestidos de armas”, diz ele, “se vestissem de fé, e de esperança, que lhes prometia teriam muito certa a vitória.”⁵³⁰ Chega o dia do combate; sua alma ocupa-se unicamente com um pensamento forte, ele tem uma visão, a vitória é-lhe prometida; o exército será ainda mais numeroso, percebe-se que ele ousaria combatê-lo.

Nunes de Leão, seguindo o espírito de seu século, recorre a um eremita para prometer ao rei essa visão: o milagre é completo, mas é narrada com a ingenuidade que domina todo o relato. Deixarei que o historiador fale, contando como foi a eleição de Henriques: após ter dito como Afonso revelou sua missão aos companheiros de armas e como todo o exército se entregou a exercícios pios, ele refere-se à disposição dos dois exércitos. O príncipe dividiu o seu em quatro corpos, cujo comando foi confiado aos chefes mais experimentados; os mouros formaram doze massas imponentes por suas forças e pela ordem que conservavam:

262

Os portugueses, ainda que eram poucos, como em nascendo o Sol lhes davam os raios nas armas, resplandeciam de maneira que pareciam muitos mais, e faziam uma aparência temerosa. O Príncipe começou de animar os seus, chamando-os por seus nomes, e trazendo-lhes a memória coisas que os animassem. Quando os grandes, que estavam com o Príncipe viram as batalhas dos mouros, e souberam dos muitos reis, que ali estavam, pediram todos ao Príncipe, lhes fizesse mercê de querer, que o chamassem Rei, e que assim lho pedia toda aquela gente, e que com isso teriam muito mais ânimo para pelejar. O Príncipe como homem magnânimo que era, e que entendia que o mor reinado era o merecimento do reino, e o preço da pessoa, que o cetro e a coroa, lhes respondeu que assaz honra era para ele ser deles tão bem servido, e obedecido, e que disto se contentava, e que não se queria chamar senão seu irmão e companheiro, e que como tal os ajudaria sempre com sua pessoa contra os inimigos da fé, e

contra aqueles, que dano ou ofensa lhes quisessem fazer. E que para o que diziam, outro tempo haveria mais oportuno. Eles lhe tornaram dizer muitas razões e lhe pediram não quisesse resistir a tantas vontades. O Príncipe vendo-se apertado deles disse, que fizessem o que quisessem. Então todos mui alegres com grande grita e vozes e aclamações o nomearam por rei, e lhe beijaram a mão. Feito isso, cavalgou em um grande e poderoso cavalo coberto de suas armas, e quando viu tempo, disse a Dom Pedro Pais que abalasse rijo com a bandeira real, e os da sua batalha o fizeram assim, e foram todos juntos ferir nos inimigos, onde o Rei, que ia adiante feriu da lança um mouro de tal encontro, que logo deu com ele no chão.⁵³¹

Um tal fracasso, sem dúvida, não lhe causou grande impressão; o cronista nos diz que ele era visto por todo o lado onde havia perigo. A batalha durou desde a manhã até o meio-dia, e cinco déspotas foram vencidos por este rei que acabou por criar o entusiasmo militar.

A mesma época foi assinalada por um admirável talento, que fez pela prosa portuguesa o que grandes gênios fizeram pela poesia. Jacinto Freire de Andrade é um desses historiadores tão raros aos quais a natureza deu a energia e a nobreza, que sabem ver e que sabem pintar, cujo olhar envolve os acontecimentos, e que apenas oferecem detalhes quando necessários para bem desenvolver o conjunto. Ele escolheu um belo assunto e abordou-o com tal superioridade, que se tornou desde então um modelo proposto na literatura portuguesa.

Cabe convir que, para um espírito verdadeiramente nacional, havia uma bela história a contar, a de João de Castro, este homem que pode defender a glória de sua terra, oferecendo por garantia somas consideráveis de sua probidade e de sua família. Neste pacto fundado sobre um penhor efêmero, em que os que entregam seu ouro são tão honrados como os que o pedem, há algo de heroico e de cavalheiresco que não podemos admirar suficientemente. Esta ação foi transmitida por um homem capaz de sentir sua dignidade

e foi muito bom para João de Castro encontrar um historiador como Freire de Andrade. Sabemos quanta coragem o herói português demonstrou durante o cerco de Diu e como, após ter estado a ponto de perder essa importante praça, triunfou sobre a coragem dos sitiados. Freire de Andrade é admirável nos detalhes do cerco; muitas vezes emprega cores talvez muito brilhantes, mas somente este meio explica o gênio cavalheiresco de seu herói e, quando há verdadeiramente exagero na coragem, é difícil não se deixar levar pela emoção.

Após tantos combates, a fortaleza se encontra arruinada, e cabia reconstruí-la, mas faltava dinheiro, e os estrangeiros reclamavam o soldo devido. João de Castro escreveu a Goa para lhe enviarem as somas necessárias. Eis um fragmento da carta que admiramos em Andrade:

264

Eu mandei desenterrar D. Fernando meu filho, que os mouros mataram nesta fortaleza, pelejando por serviço de Deus e d'el Rei nosso Senhor, para vos mandar empenhar os seus ossos; mas acharam-no de tal maneira, que não foi lícito inda agora de o tirar da terra; pelo que me não ficou outro penhor, salvo as minhas próprias barbas, que vos aqui mando por Diogo Rodrigues de Azevedo; porque, como já deveis ter sabido, eu não possuo ouro, nem prata, nem móvel, nem coisa alguma de raiz, por onde vos possa segurar nossas fazendas, somente uma verdade seca e breve, que me nosso Senhor deu.⁵³²

Andrade conhece perfeitamente a arte de desenhar a enérgica originalidade desses caracteres ardentes nos quais encontramos a cada instante a influência nas guerras do século XVI. É assim que ele introduz Coge Sofar,⁵³³ tão temido por longo tempo nos mares da Ásia, onde tantos combates atestaram seu estratagema astucioso, assim como sua coragem.

Uma bela pintura nos apresenta as façanhas prodigiosas deste Barba Roxa, amado por seus soldados e temido pelos monarcas.

Buscaríamos em vão, atualmente talvez, o modelo de um caráter semelhante, que se impunha ao poder das circunstâncias, assim como ao da força e do gênio.

Mas o que melhor revela o caráter de um grande homem e revela o heroísmo de sua vida inteira, são as palavras que pronunciou pouco tempo antes de sua morte, transmitidas com tanta eloquência por Andrade.

Quando João de Castro, desgastado mais pelas fadigas da guerra que pelos anos, adoeceu e compreendeu que seu fim estava próximo, reuniu as principais personagens de seu governo, entre os quais se encontrava São Francisco Xavier. O historiador o faz falar assim, e neste discurso relembra quase textualmente suas palavras:

Não terei, senhores, pejo de vos dizer que ao Vice-Rei da Índia faltam nesta doença as comodidades que acha nos hospitais o mais pobre soldado. Vim a servir, não vim a comerciar ao Oriente; e vós mesmos quis empenhar os ossos de meu filho, e empenhei os cabelos da barba, porque para vos assegurar, não tinha outras tapeçarias, nem baixelas. Hoje não houve nesta casa dinheiro, com que se me comprasse uma galinha; porque nas armadas que fiz, primeiro comiam os soldados os salários do Governador, que os soldos de seu rei; e não é de espantar que esteja pobre um pai de tantos filhos.⁵³⁴

265

Há misérias tão nobres, como sugere este fragmento, que simplesmente desenhar seu quadro é oferecer a um século o mais belo espetáculo que ele pode admirar.

Frei Luís de Sousa está colocado entre os clássicos. Brillou não foi pela grandeza da concepção, mas pelo encanto de seu estilo. Escreveu primeiramente a crônica de São Domingos, em que tudo interessa, em que tudo emociona docemente. Relatarei o julgamento deste autor por um crítico notável pela severidade de suas observações. “O conhecimento de Frei Luís de Sousa, diz ele, procedia da educação cortesã, de alguma leitura, e de certo instinto raro ou de uma certa

felicidade de talento, que sei melhor compreender do que definir.”⁵³⁵

Transcrevi a frase de um dos membros da Academia de Ciências de Lisboa, porque é sobretudo a um português que compete julgar Luís de Sousa, notável por sua elegância e por sua pureza. Este escritor célebre revestiu com o encanto de seu estilo a vida de frei Bartolomeu dos Mártires, arcebispo de Braga, iniciada por Cácegas.⁵³⁶

Esta obra oferece grande interesse aos que desejam estudar o gênio das nações. Pareceu-me, após lê-la com atenção, que o autor teve a intenção de pintar na pessoa de Bartolomeu o tipo do religioso português elevado a uma alta dignidade eclesiástica; ele o representa como essencialmente paciente, essencialmente humilde. Nós o seguimos com admiração nos percursos que empreende pelas montanhas selvagens, para visitar igrejas pobres onde bispos nunca tinham entrado; experimentamos a mesma impressão, quando rejeita dignidades para se adentrar na solidão do claustro. Seu final é digno de um estoico, e a alma se eleva, vendo a energia da coragem que submete a força da dor e que faz da morte um verdadeiro triunfo. Não sei, mas ficamos mais surpreendidos que emocionados. O arcebispo de Braga, em geral, não suscita o doce interesse derramado pelo arcebispo de Cambrai, menos austero, porém, verdadeiramente mais humilde. E que diferença na sua maneira de exercer a caridade. Fénelon⁵³⁷ vê, em todos os homens, um amigo infeliz, seus olhares os consolam, assim como suas doces palavras. O arcebispo de Braga dá tudo o que possui; mas, no momento em que oferece o dinheiro do pobre, seus olhos estão virados em êxtase ao céu, ele não os abaixa na direção do infeliz. Deseja ser justo na divisão, deve socorrer os homens, mas não quer ser influenciado pela expressão de reconhecimento, nem pela de suas necessidades. Na pintura por Luís de Sousa dessa santa ocupação, há a exaltação meridional, sinto-me perto de um homem que não pertence mais à terra e interesse-me pouco por ele. Quando acompanho, em um campo de batalha, Fénelon so-

correndo os feridos, creio ver um ser que desce dos céus; um tem a exaltação do espírito, o outro, a do coração.

Não tento rebaixar a glória do herói cristão de Luís de Sousa: sua piedade é exaltada, mas verdadeira; ele percebe a verdade, e ousa dizê-la. É preciso não esquecer que, quando do famoso Concílio de Trento, onde tanta ambição se mostrou e tanto luxo brilhou, ele propôs, para que fosse durável a reforma a estabelecer entre o clero, que ela pesasse primeiro sobre a classe dos dignatários eclesiásticos da qual fazia parte.

Se a fecundidade garantisse a estima futura, ninguém melhor que Faria e Sousa mereceria ser elogiado por suas obras; mas este autor, que escreveu tanto, fornece apenas um pequeno número de coisas a seu favor. Considero-o apenas como historiador. Suas obras mais importantes foram escritas em castelhano e pertencem antes à literatura espanhola que àquela de que me ocupo. Faria e Sousa influenciou bastante seu século como poeta e como crítico, sem dúvida porque este tempo começava a ser o do mau gosto. Em seus comentários sobre Camões, ele despreza as belezas da inspiração, para exaltar quase todos os defeitos que se censura no grande poeta.⁵³⁸

Nascido nos últimos anos do século XVI [1590], admirou os autores desta bela época e nem sempre soube compreendê-los. É muito bom ele ter nascido em outro tempo. Submetido, como os compatriotas, a uma potência estrangeira, desdenhou a língua nacional; mas pesa a seu favor o fato de seu coração permaneceu português. Escreveu quatro volumes sobre a história de seu país, em que o gosto dos milagres vicia um pouco a gravidade histórica, mas onde se encontra movimento e um modo brilhante de apresentar os acontecimentos. A maneira como narra a morte de Inês de Castro é interessante, e descreveu com energia cavalheiresca a batalha de Alcácer Quibir. Suas poesias não mais merecem ser examinadas, ainda que tenham servido de modelo por longo tempo; sinaliza a decadência. Em seus sonetos encontra-se pretenciosa busca que

estraga algumas fagulhas de sensibilidade. O único título que deu às suas poesias bucólicas basta para avaliá-lo; não somente há élogos amorosas, marítimas, rústicas e fúnebres, mas também judiciárias, monásticas, críticas e fantásticas, das quais pouparei o leitor e que só comprovam o equívoco de um homem de talento.

Faria aposentou-se cedo e morreu no meio do século XVII [1649]; durante sua carreira literária, escreveu cada dia doze folhas de papel, contendo, cada uma, trinta linhas.

Já que se trata aqui de historiadores do século XVII, sugiro para os amigos da ciência um manuscrito português muito importante que Langlès me indicou com entusiasmo. Ele relata as guerras dos portugueses contra os habitantes de Angola e contém detalhes do mais alto interesse sobre as regiões ainda muito pouco conhecidas, apesar de nossas recentes viagens.⁵³⁹ Talvez valha a pena publicar um trecho dele, pois é muito considerável para entrar em nossas bibliotecas; e os três volumes in-folio que percorri poderiam facilmente ser reproduzidos. Nota-se nesta viagem o defeito de muitos historiadores portugueses que são de uma prolixidade verdadeiramente assustadora, não omitindo nenhum dos detalhes que um senso comum com frequência não admite.

Não se pode fazer a mesma censura a um manuscrito precioso, número 10 023, intitulado *Jornal das viagens dos portugueses às Índias, desde o ano de 1497 até 1632*, que a Biblioteca Real de Paris também possui e que examinei com interesse. Os fatos são apresentados de maneira muito árida, mas as datas são precisas, e ele já chamou a atenção do visconde de Santarém,⁵⁴⁰ que, após apontar muitos manuscritos, exprime-se a respeito nestes termos:⁵⁴¹

A vastidão deste códice, e o particular exame, que dele tenho feito, confrontando-o com a *Asia* de Faria e Sousa; com as *Décadas* de Barros, e de Couto; com as *Crônicas* de Damião de Góis; com a *História da Índia*, de Castanheda; com a *Crônica* de Andrade,

com Osório e outros, fazem a sua análise de tal modo extensa, que a reservo para memória separada.⁵⁴²

Recomendo igualmente o manuscrito 940, em que se encontram detalhes importantes sobre a batalha de Alcácer Quibir providas de um testemunho ocular.⁵⁴³

Aparece nesta época um homem que, pela natureza de seus escritos e pela sua prodigiosa fecundidade, evidencia qual era o gênio que mais se admirava e como, os defeitos do século precedente sendo exagerados, não mais se conheceram limites nas extravagâncias. A celebridade do padre Macedo foi muito maior a seu tempo que poderia ser em nossos dias. Entretanto, seria injusto calar a respeito, como alguns escritores fizeram, mas não podemos negar que ele não mostrou verdadeiro talento.

O padre Macedo nasceu em Coimbra, no final do século XVI [1596];⁵⁴⁴ obteve rapidamente prodigiosa instrução e afirma-se que começou a fazer versos em tenra infância. Entrou com catorze anos na ordem dos jesuítas, onde continuou os estudos; abandonou a Companhia de que fazia parte, para entrar, com 46 anos, na ordem de Santo Antônio, de onde passou para a dos franciscanos.

Seu profundo conhecimento de línguas, a variedade de seu saber, distinguiram-no por muito tempo; por ordem de João IV, acompanhou muitos embaixadores em suas missões. A Itália foi por muito tempo o teatro de sua glória literária, e ganhou de tal maneira as boas graças de Alexandre VII,⁵⁴⁵ que este papa o cumulou de empregos e de favores. Entretanto, tendo contrariado o Santo Padre em uma circunstância muito pouco importante, perdeu crédito e mudou-se para Veneza. Lá sustentou uma tese, cujo título, na minha opinião, pinta muito bem a energia de seu caráter e a excentricidade de seu espírito. Depois de ter discutido com os sábios *de omni re scibili*,⁵⁴⁶ proclamou durante oito dias suas célebres conclusões, conhecidas sob o nome de *Leonis Sancti Marci rugitus litterarii*.⁵⁴⁷

Elas trataram de vários assuntos e surpreenderam os homens mais acostumados a esse tipo de discussão, em que se misturavam o sagrado e o profano, bem como a ciência e a poesia.⁵⁴⁸

Macedo obteve uma cátedra de Filosofia Moral em Pádua; morreu nessa cidade, com 85 anos. Recebeu o título de historiógrafo de Portugal; mas não trouxe novas luzes à história de seu país.

Não citarei os títulos de todas as obras compostas por este laborioso escritor. Barbosa chega a 109 delas; e é com desconfiança que relato o que diz o biógrafo português. Além dessas obras, o padre Macedo pronunciou em público 35 panegíricos, sessenta discursos latinos e 32 orações fúnebres; fez ainda 48 poemas épicos, 132 elegias, 115 epitáfios, 212 epístolas dedicatórias, setecentas cartas familiares, 2600 poemas heroicos, 110 odes, três mil epigramas, quatro comédias latinas e uma sátira em versos castelhanos. Que fecundidade assombrosa, afirma um crítico,⁵⁴⁹ se não houve erro de cálculo ou de número em Barbosa!⁵⁵⁰

270

Um grande número de obras de Macedo não foi impressa; de resto, ele não rendeu um grande serviço à literatura de seu país, escrevendo quase tudo em latim, em espanhol e em italiano.⁵⁵¹ A França testemunhou seu sucesso em uma época em que possuía gênios bem distantes do gosto excêntrico de que ele era exemplo: o padre Macedo compôs em Paris uma tragicomédia latina, intitulado *Orfeu*, representada diante de Luís XIV.

Lamentamos não ter ele publicado uma tradução em latim, verso a verso, de *Os Lusíadas*, de Camões. Macedo empreendeu este trabalho em Paris, sem dúvida com a intenção de divulgar universalmente o mais belo monumento literário de sua nação. Este escritor tinha uma admiração por Santo Agostinho, que chegava ao delírio; uma de suas obras, intitulada *Clavis augustiniana liberi arbitrii a servitute necessitatis concupiscentiae vindicati*, tornou-se fonte interminável de embaraços entre ele e o cardeal de Noris.⁵⁵²

Eis um fragmento que bem indica o movimento encontrável em suas obras, emprestado ao autor de *Les Soirées littéraires*,⁵⁵³ tradutor de um poema latino composto sobre as vitórias obtidas pelos venezianos durante as guerras com os turcos:⁵⁵⁴

Europamque, Asiamque inter mare frangitur, arctis
 Faucibus exceptum, collectaque aëstuat ira,
 Et gemit objectis hinc inde prementibus undas
 Littoribus, formatque sretum, quod nomine dicunt
 Dardanio, veteris vicino à limite Gentis
 Dardaniæ, quo Tróia fuit, nunc campus & horror
 Stragis inest. Supra infelix se tollit Abydos,
 Littore ab adverso Sestos respondet, utramque
 Dividit aëstus aquis, ignis sed jungit amoris,
 Cujus adhuc gelido recalent vestigia fundo.
 Armataë huc coëunt diverso ex æquore Classes:
 Bosphorus hanc Lunis rutilantem mittit, & illam
 Adria purpurei referentem insigne Leonis.
 Hæc audax à fronte venit, cursuque citato
 Provocat adversam, ventosque ad prælia posci
 Iure, armis, pietate potens: it tardius illa,
 Quam gravat impietas. Turcarum Classis in altum
 Provehitur, damnatque Notos, & respicit arces
 Vicinas, & poscit opem, præsaça futuræ
 Cladis amat portus, & littora nota requirit:
 Argumenta fugæ. Videas decrescere fluctus
 Paulatim, & totum malis sylvescere pontum.
 Navibus innumeris pelago fluitare revulsas
 Cycladas, & lucis credas concurrere lucos.
 Hic digito monstrat Venetum mihi proxima Classem
 Cymodoce. Aspicio vicenas findere naves,
 Et super octonas, spumantibus æquora rostris,
 Turribus assimilés, septem quas ardua velis
 Navigia expansis sociant:⁵⁵⁵

Não se deve confundir este polígrafo com um outro autor

célebre que leva o mesmo nome e que viveu quase na mesma época. Antônio de Sousa de Macedo, nascido em Amarante em 1606, também escreveu prodigiosamente. Barbosa, listando suas obras, tem prazer em lembrar sua universalidade. “Foi estadista”, diz ele,⁵⁵⁶ “na *Harmonia política*; historiador na *Vida de Santa Rosa*;⁵⁵⁷ poeta em *Ulissipo*; genealogista em sua *Genealogia regum Lusitaniae*; filósofo moral no *Domínio sobre a fortuna*; jurisconsulto” em uma obra intitulada *Decisiones Suprimi* e em uma outra conhecida sob o nome de *Lusitania liberata*. Mostrou-se versado em diversos gêneros de literatura no livro que tem por título *Flores de Espanha, excelência de Portugal*. Apesar da variedade de obras, apenas seu poema épico *Ulissipo* goza de celebridade; com treze cantos, seu assunto é a fundação de Lisboa. Está colocado entre o número de obras notáveis.⁵⁵⁸

272

Já que examinamos um homem classificado entre os historiadores do século XVII, relaciono ainda alguns autores notáveis deste período: nomearei primeiro o elegante João de Lucena,⁵⁵⁹ falecido no começo do século XVII e célebre por sua *História da vida de padre Francisco de Xavier*. Antônio Bocarro,⁵⁶⁰ cronista geral das Índias, sucedeu a Diogo de Couto, e deu sequência às suas obras sob o título de *Décadas*, adotado por Barros, conduzindo a história da Ásia até 1617. É admitido entre os bons escritores.

Por último, Brito encontrou um hábil continuador em Antônio Brandão,⁵⁶¹ que se tornou professor em Coimbra em 1621. Este autor, devotado à vida religiosa, cuja generosidade igualava o desinteresse, tornou-se historiógrafo geral; destinava, afirma-se, aos pobres os emolumentos vinculados a seu emprego.

Neste período, pode-se notar uma circunstância, explicada facilmente pela situação política de Portugal. Os antecessores destes escritores eram guerreiros ou administradores; no século XVII, pertencem às ordens religiosas, porque o regime eclesiástico tudo usurpou sob a dominação espanhola e sob João IV. Encontra-se tam-

bém em seus escritos em geral mais arte, mais brilho, mais erudição que força cavalheiresca. Percebe-se neles a admiração contemplativa do homem que leva uma vida uniforme e cuja imaginação colore de um certo prestígio a vida aventureira do guerreiro. Também Frei Luís de Sousa, que foi cavaleiro antes de ser monge, combateu os mouros e tornou-se seu prisioneiro, acrescenta este sentimento à cor militar derramada em seu estilo, quando encontra meio de introduzir a descrição de uma luta, pintando a vida santa de um religioso.

A literatura tinha produzido muito, as riquezas literárias já eram imensas, e alguns críticos começaram a formar-se; mas seria uma grande injustiça exigir deles o raciocínio luminoso que somente se liga aos fatos verdadeiramente importantes, que leva em conta as circunstâncias em que o autor se encontrou e que busca antes reconhecer os movimento da alma que multiplicar os detalhes de uma fatigante erudição.

Devemos muito, sem dúvida, aos fundadores da crítica, ocupando-se exclusivamente de certos detalhes; apresentaram alguns conhecimentos tão comuns, que se tornou inútil dar atenção essencialmente a eles. Seria vagar sobre as costas áridas de uma região, enquanto que o interior apresenta cenas mais brilhantes e mais variadas.

Manuel Severim de Faria,⁵⁶² nascido em Lisboa em 1609 e falecido em 1655 em Évora, goza de grande celebridade no século XVII. Às vezes devemos vê-lo como um crítico superior a seu tempo; mas teve defeitos, isto é, podemos censurar nele uma erudição pedante em que a exibição vã espalha-se pelas palavras.

Entre os escritores ilustres deste tempo, cabe nomear ainda um homem que foi, diz-se, perseguido: Francisco Manuel de Melo. Após guerrear por longo tempo, foi acusado do assassinato de Francisco Cardoso e encarcerado por nove anos na Torre Velha. Deveu a liberdade a Luís XIII⁵⁶³ e mudou-se para o Brasil: produziu muitas obras, uma relativa à campanha de 1649 naquele local. Alguns de

seus escritos, como *Apólogos dialogais*, que tem originalidade, indicam espírito voltado à zombaria satírica. Barbosa caracteriza bem este autor, observando: “Ele viu tudo sobre o qual escreveu, e escreveu sobre tudo o que viu.”⁵⁶⁴

Detenho-me sobre o prosador mais extraordinário do século XVII, este homem que devemos, de algum modo, classificar à parte na literatura de seu país.

274 Antônio Vieira, indubitavelmente um dos homens mais notáveis que Portugal produziu, nasceu em Lisboa em 6 de fevereiro de 1608. Veio cedo para a Bahia, então capital da América portuguesa, e parece que escapou furtivamente da casa paterna para abraçar a vida religiosa. Entrou na Companhia de Jesus com quinze anos [1623] e não tardou a se fazer notar por sua notável erudição, assim como por sua eloquência. Voltou à Europa [1641], onde foi acolhido com a maior distinção por João IV. Visitou Paris, Holanda, Roma, e por todo lugar procurou ardorosamente aumentar seus conhecimentos. Logo foi considerado o melhor pregador de seu tempo, e em Roma teve ocasião de mostrar seu talento perante a rainha Cristina da Suécia,⁵⁶⁵ que, segundo as expressões de Barbosa, veio como uma nova rainha de Sabá admirar este Salomão evangélico. Contudo, recusou ser seu confessor, apesar das insistências do padre geral João Paulo Oliva [1680].⁵⁶⁶ Cinco anos depois, decidiu retornar ao Brasil, onde viria mostrar um caráter verdadeiramente enérgico e uma atividade bastante valiosa em uma época em que era preciso redobrar o ardor e os cuidados para expulsar daquele belo país os estrangeiros ambiciosos.

Mas, em vez de se destacar em meio aos exércitos, ele empregou seu ministério para abrandar, no Maranhão, a sorte dos infelizes indígenas. Pleiteou sua causa junto à corte de João IV [1653] e solicitou que fosse assegurada sua liberdade contra a avidez dos colonos. A acreditar-se no autor de sua biografia,⁵⁶⁷ levou tão a peito a conversão dos índios, que percorreu catorze mil léguas a pé nas

capitanias mais desertas desta parte do Novo Mundo. Durante essas viagens aventurosas, pensou que pereceria e, entretanto, não abandonou os estudos das letras: compôs seis catecismos em diversas línguas para os novos catecúmenos. Seus imensos trabalhos logo lhe valeram o título de visitador geral das missões [1688]. Encarregado das novas funções, seu zelo não diminuiu um só instante; por todo lado, ele levou a mesma atividade, o mesmo desejo do bem. Ao lado dessas qualidades, dispunha de uma impetuosidade de caráter, um ardor de imaginação que se reproduziam em seus escritos e que lhe teriam dado talvez maior celebridade em qualquer outro emprego diverso daquele de que se achava revestido. Fatigado com suas longas viagens e consumido pela vontade de consagrar o resto de seus dias ao estudo, este homem extraordinário retornou à capital do Brasil e aí terminou sua longa carreira.⁵⁶⁸

Vieira pode ser comparado a Bossuet;⁵⁶⁹ ele não conserva sempre a nobreza e a admirável simplicidade daquele grande escritor, mas tem muitas vezes sua audácia e energia. Surpreende pelos movimentos inesperados, entusiasmo por sua eloquência viril. Um dos monumentos mais notáveis de seu gênio, sendo algumas partes aqui apresentadas, foi transmitido à literatura francesa pelo abade Raynal.⁵⁷⁰ O Brasil estava então sob domínio dos holandeses e, após inumeráveis esforços, os infelizes colonos sentiam abater a coragem, quando Vieira despertou sua energia. É, sem dúvida, o discurso mais veemente e o mais extraordinário que se escutou em alguma cátedra cristã.

Vieira toma por mote o final do salmo XLIII em que o profeta, dirigindo-se a Deus, diz:

“Exurge! Quare obdormis, Domine? Exurge, et ne repellas in finem. Quare faciem tuam avertis? Oblivisceris inopiae nostrae et tribulationis nostrae? Exurge, Domine, adjuva nos et redime nos propter nomen tuum.”⁵⁷¹

Com estas palavras piedosamente resolutas, mais protestando

que orando, dá fim o profeta rei ao salmo quarenta e três, salmo que desde o princípio até o fim não parece senão cortado para os tempos e ocasião presente. [...] O que venho a pedir ou protestar, Senhor, é que nos ajudeis e nos liberteis: *Adjuva nos, et redime nos*. Mui conformes são estas petições ambas ao lugar e ao tempo.⁵⁷²

Vieira retoma seu texto e, após demonstrar a semelhança entre as infelicidades de Israel e as do Brasil, acrescenta:

Não hei-de pregar hoje ao povo, não hei-de falar com os homens; mais alto hão-de sair as minhas palavras ou as minhas vozes: a vosso peito divino se há-de dirigir todo o sermão. E este o último de quinze dias contínuos, em que todas as igrejas desta Metrópole, a esse mesmo trono de vossa patente Majestade, têm representado suas deprecações; e pois o dia é o último, justo será que nele se acuda também ao último e único remédio. Todos estes dias se cansaram debalde os oradores evangélicos em pregar penitência aos homens; e pois eles se não converteram, quero eu, Senhor, converter-vos a vós. Tão presumido venho da vossa misericórdia, Deus meu, que ainda que nós somos os pecadores, vós haveis de ser o arrependido.

.....
.....

Já que não quereis, Senhor, desistir ou moderar o tormento, já que não quereis senão continuar o rigor e chegar com ele ao cabo, seja muito embora; matai-me, consumi-me, enterrai-me: *Ecce nunc in pulvere dormiam*; mas só vos digo e vos lembro uma cousa: que “se me buscardes amanhã, que me não haveis de achar”: *Et si mane me quaesieris, non subsistam*. Tereis aos Sabeus, tereis aos Caldeus, que sejam o roubo e o açoute de vossa casa; mas não achareis a um Job que a sirva, não achareis a um Job, que ainda com suas chagas a não desautorize. O mesmo digo eu, Senhor, que não é muito rompa nos mesmos afectos, quem se vê no mesmo estado. Abrasai, destruí, consumi-nos a todos; mas pode ser que algum dia queirais Espanhóis e Portugueses, e que os não acheis. Holanda vos dará os apostólicos conquistadores, que levem pelo Mundo os estandartes da cruz; Holanda vos dará os pregadores evangélicos, que semeiem nas terras dos Bárbaros a doutrina católica e a reguem com o próprio sangue; Holanda

defenderá a verdade de vossos Sacramentos e a autoridade da Igreja Romana; Holanda edificará templos, Holanda levantará altares, Holanda consagrará sacerdotes e oferecerá o sacrifício de vosso Santíssimo Corpo; Holanda, enfim, vos servirá e venerará tão religiosamente, como em Amsterdão, Meldeburgo e Flisinga e em todas as outras colônias daquele frio e alagado inferno se está fazendo todos os dias.

Bem vejo que me podeis dizer, Senhor, que a propagação de vossa Fé e as obras de vossa glória não dependem de nós, nem de ninguém, e que sois poderoso, quando faltem homens, para fazer das pedras filhos de Abraão. Mas também a vossa sabedoria e a experiência de todos os séculos nos têm ensinado, que depois de Adão não criastes homens de novo, que vos servis dos que tendes neste Mundo, e que nunca admitis os menos bons, senão em falta dos melhores.⁵⁷³

O pregador apresenta o quadro enérgico de uma invasão estrangeira; pinta o massacre das mulheres e das crianças, a profanação dos altares, e exclama:

Enfim, Senhor, despojados assim os templos e derrubados os altares, acabar-se-á no Brasil a cristandade católica; acabar-se-á o culto divino; nascerá erva nas igrejas, como nos campos; não haverá quem entre nelas. Passará um dia de Natal, e não haverá memória de vosso nascimento; passará a Quaresma e a Semana Santa, e não se celebrarão os mistérios de vossa Paixão. Chorarão as pedras das ruas, como diz Jeremias que choravam as de Jerusalém destruída: *Viae Sion lugent, eo quod non sint qui veniant ad solemnitatem*. Ver-se-ão ermas e solitárias, e que as não pisa a devoção dos Fíéis, como costumava em semelhantes dias. Não haverá missas, nem altares, nem sacerdotes que as digam; morrerão os católicos sem confissão nem sacramentos; pregar-se-ão heresias nestes mesmos púlpitos, e em lugar de São Jerônimo e Santo Agostinho, ouvir-se-ão e alegar-se-ão neles os infames nomes de Calvino e Lutero; beberão a falsa doutrina os inocentes que ficarem, relíquias dos Portugueses; e chegaremos a estado que, se perguntarem aos filhos e netos dos que aqui estão: – Menino, de que seita sois? Um responderá: – Eu sou calvinista; outro: – Eu sou luterano. (...)

E se assim é (que assim o estão prometendo vossas entranhas piedosíssimas), se é que há-de haver dor, se é que há-de haver arrependimento depois, cessem as iras, cessem as execuções agora, que não é justo vos contente antes o de que vos há de pesar em algum tempo.⁵⁷⁴

Após suplicar a Deus que perdoe os portugueses, conclui por uma invocação da Virgem.⁵⁷⁵

Nesta alocação enérgica, reconhece-se bem, parece-me, o homem ardente para quem a Europa não bastava para difundir seu zelo e que se encravava nas solidões do Novo Mundo para encontrar obstáculos sempre novos a vencer, para triunfar até sobre a natureza.

É esta exaltação de que ele deu tantas provas que o fez traçar, de um modo tão poético e em poucas palavras, a origem do mundo: “A primeira cena deste teatro”, diz ele, falando da Terra, que acabara de ser criada, “foi o paraíso terreal, no qual apareceu o mundo vestido de imortalidade”.⁵⁷⁶

278

Em outro sermão, seu pensamento se engrandece mais, quando nos pinta a derradeira catástrofe:

Abrasado, finalmente, o Mundo, e reduzido a um mar de cinzas tudo o que o esquecimento deste dia edificou sobre a terra [...].⁵⁷⁷ Terminando afirmando que, em seus escritos, encontra-se sempre seu caráter: é bem o homem que, nas cidades, desdenhava o ouro dos reis, nos desertos, enfrentava a miséria e a fome.

Capítulo XXIV

Começo da decadência da poesia, na metade do século XVII. – Violante do Céu, Vasconcelos, Baía, Bacelar, etc. – Cartas portuguesas de Mariana de Alcoforado.

Não pode haver em literatura mudança completa e súbita. É por etapas que chegamos ao tempo da decadência, e se alguns homens de gênio, como Meneses,⁵⁷⁸ Jacinto Freire de Andrade, Luís de Sousa e Vieira aparecem, é que uns apartam-se do mundo, no claustro quando o mau gosto busca apoderar-se de tudo, e o outro encontra no seio das florestas da América o único espetáculo que convém à sua poderosa imaginação. Examinemos a situação política de Portugal, julguemos os efeitos funestos de um despotismo embrutecido sobre as instituições, e logo compreendemos que, quando os sentimentos verdadeiramente nobres são reprimidos, não pode haver poesia. Repito-o, no momento em que a literatura portuguesa se debruçou sobre seu nobre impulso, ela estava cheia de forma e de originalidade, abriu um novo caminho, tomou uma força que devia fazê-la triunfar no tempo.

279

Mas, durante sua submissão, a nação generosa, à qual não era facultado nem ao menos combater para conservar as colônias, não gozou dos benefícios de uma paz produtiva e que também tem seu gênero de glória. Sob a interferência monacal e jesuítica, tudo foi vergonhamente censurado; chegou-se mesmo a alterar as obras dos grandes mestres.⁵⁷⁹ Preparou-se desde então o tempo de embrutecimento em que os autores que tratavam de assuntos mitológicos preveniam que não adotavam, como dogmas religiosos, as ficções dos poetas e que eles só acreditavam no Deus dos cristãos. O despotismo da Inquisição extinguiu até a última fagulha o fogo patriótico que animava os poetas do período precedente; não assegurou nem mesmo aquele tipo de independência que uma nação guerreira sabe preservar, apesar da opressão. Desaparecera o entusiasmo

que constrói, pois o desconhecimento apagou o das lembranças. Entretanto, um povo não perde sua imaginação; quando não mais se aplica a concepções generosas, expande-se sobre coisas indiferentes ou fúteis. Se não pode mais desenvolver seus nobres sentimentos, busca ideias que crê engenhosas; mas o coração só tem uma linguagem, não sabemos onde pode parar a do espírito. Em meio a esse funesto repouso, ou melhor, dessa indolência deplorável, a que os portugueses se encontravam reduzidos sob o jugo da Espanha e dos monges, este povo ardente cujos nobres pensamentos eram reprimidos, entregou-se a todos os erros da imaginação. O gosto pela poesia não poderia estar em completa inação; as reuniões de ociosos se multiplicava, com elas nasceu o belo-espírito. Sonetos, cuja extravagância tornava tão difíceis de compreender quanto de inventar, foram louvados como as obras-primas do século, que se acreditavam um espírito superior os que compreendiam os enigmas sentimentais que a Inquisição não se preocupou em proibir e perder o tempo em censurar.

280

Faria e Sousa, exagerando o gênio natural da nação, sinalizou, pela quantidade de élogos, este triste momento em que o bucolismo mais requintado invadiria tudo. Gongora,^{58o} poeta cujo requinte pretencioso tornou-se funesto para a Espanha, exerceu sua influência na pátria de Camões e de Quevedo, que já tinham sido esquecidos e já não eram compreendidos. Todos se compraziam na reunião difícil de palavras estranhas, apresentadas rotineiramente a uma sociedade pretensiosa; mas não se buscava a inspiração em regiões distantes ou nas tradições históricas, e uma nobre exaltação não iludia mais os poetas desta época, pois o que agradava eram os frutos produzidos por uma imaginação extravagante e esmerada.

Em vão um dos homens mais extraordinários deste tempo, Freire de Andrade, quis interromper o mau gosto que desonrava a poesia. Suas zombarias amargas foram impotentes, e sua linguagem irônica, ignorada.

Desagrada-me esta época, em que se busca sem sucesso uma obra poética de verdadeiro talento; mas comprovo o que observei.

Pouco depois do tempo em que grandes poetas ainda resplandeciam dadas a força de sua concepção e muitas vezes a pureza de seu estilo, uma religiosa lançou os fundamentos de uma reputação brilhante, que devia enganar a todos os espíritos: Violante do Céu, nomeada a décima musa de Portugal, e um dos poetas que mais contribuíram pela extravagância de seu estilo para a decadência da literatura de Portugal no século XVII. Não se pode estabelecer nenhum paralelo entre ela e a infortunada Mariana de Alcoforado,⁵⁸¹ outra religiosa contemporânea, que examino adiante. Parece que uma se preocupou bastante em desfigurar a verdadeira linguagem do coração, enquanto a outra simplesmente expressou seu amor. Foi preciso que o gosto estivesse bastante pervertido em Portugal, para que reunisse tanta admiração pelas pinturas singulares e metáforas extravagantes de Violante do Céu. Não podemos, porém, recusar-lhe o mérito de uma invenção estranha e de possuir uma imaginação bastante ativa para desculpar algumas vezes seus desvarios.

Esta mulher célebre nasceu em Lisboa [1601], no começo do século XVII, que ela atravessou quase que por inteiro. Devotou-se desde cedo às letras, escrevendo aos dezoito anos uma comédia em versos, intitulada *Santa Engracia*. Logo se voltou à vida religiosa e, em seguida, entrou no claustro. Seu renome cresceu, e suas obras foram frequentemente imitadas. Como sua carreira estendeu-se até os 92 anos, há grande quantidade de suas poesias, hoje um tanto esquecidas, e a extravagância dos títulos pode dar uma noção delas. Compôs, perto do final de sua vida, uma obra intitulada *Parnaso lusitano de divinos e humanos versos*, plenos do misticismo mais estranho. Sismondi apresentou um exemplo que reproduzo e que, com algumas outras citações, podem dar a entender a que grau de mau gosto se chegou. Trata-se de um soneto dirigido a Mariana de Luna, sua amiga, musicista ou poeta, e é sobre o nome de Lua que giram os versos:

Musas que no jardim do Rei do Dia
Soltando a doce voz, prendeis o vento:
Deidades, que admirando o pensamento
As flores aumentais, que Apolo cria.

Deixai, deixai do Sol a companhia,
Que fazendo invejoso o Firmamento
Uma Lua, que é Sol, e que é portento,
Um jardim vos fabrica de harmonia.

E porque não cuideis que tal ventura
Pode pagar tributo à variedade
Pelo que tem de Lua a luz mais pura:
Sabei que por mercê da divindade,
Este jardim canoro se assegura
Com o muro imortal da eternidade.⁵⁸²

282

Tal extravagância não se restringe unicamente a um escritor de mau gosto: a maioria dos admiradores de Violante do Céu louva ainda seu Febo ininteligível. Para convencer meus leitores, apresento um trecho de Francisco de Vasconcelos,⁵⁸³ poeta nascido na Madeira, cujos outros escritos são um pouco menos carregados do excesso de mau gosto. Acreditar-se-ia mesmo que seu pequeno poema de Polifemo é uma crítica agradável, se seus contemporâneos não dessem uma justa ideia do que convinha ao público da época. O poeta narra quais eram as ocupações de Polifemo:

VI
Tinha o gigante ofício de ferreiro,
Indigno na verdade a tal grandeza;
Mas mal podia nele haver dinheiro,
Se é sempre o grande objeto da pobreza:
Malhava em ferro frio o dia inteiro,
vendo que Galateia assim o despreza;
Dando-lhe todos três para esse efeito

Ferro ela, fogo amor, carvão seu peito.

VII

Fez fornalha do peito, onde abrasado
Via o ferro constante de um sentido,
Avivando os incêndios de um agrado
Aos repetidos sopros de um gemido:
Por lima surda tinha o seu cuidado,
Por água o seu lamento enternecido;
E como só no vento se afiança,
Lhe servia de fole uma esperança.⁵⁸⁴

Após examinar brevemente tais extravagâncias publicadas em antologias, cujos títulos estranhos são antes de tudo prova da decadência do gosto, cabe nomear os autores que exemplificam este gênero e que gozaram de alguma reputação? Relaciono Jerônimo Baía,⁵⁸⁵ outro imitador de Gongora, e não menos grotesco, cujos amores de Polifemo e de Galateia apresentei, Simão Torrezão Coelho,⁵⁸⁶ Fernando Correia de Lacerda⁵⁸⁷ e tantos outros cujas insensatas produções Barbosa se compraz em assinalar em seu volumoso dicionário.⁵⁸⁸

283

Neste período, cuja funesta influência expandiu-se até o começo do século XVIII, apareceu um novo gênero de poesia, que, desde a Renascença das letras, foi muito adotado. São as elegias conhecidas sob o nome de *saudades*,⁵⁸⁹ às quais alguns atribuem caráter verdadeiramente tocante. Antônio Barbosa Bacelar⁵⁹⁰ inaugurou o gênero; às suas *saudades* não faltam nem harmonia, nem imagens graciosas ao lado de um requinte e de uma pretensão de que não pode se desdenhar, pois eram apreciadas.

Em que estado se encontrava a poesia dramática? Os autores portugueses tinham abandonado este gênero. Atores vindos de Espanha representavam em Lisboa as peças de seus autores favoritos. As obras do século XVI, não mais oferecidas ao público, foram

completamente esquecidas ou lidas apenas por um número muito pequeno de pessoas que cultivavam as letras com uma espécie de atividade: a esse número pertencia o pai do célebre conde de Ericeira. Ele foi autor de várias obras, e encontram-se algumas comédias entre seus manuscritos.⁵⁹¹

Quando todos os espíritos se desencaminham, muitas vezes uma alma sensível produz uma obra-prima, falando a linguagem da natureza, o que se comprova nesta época. As *Cartas portuguesas*, admiradas desde o século de Luís XIV e que podem ser comparadas às de Heloísa, foram escritas originalmente na língua de Camões. É talvez o que se ignoraria por longo tempo sem os trabalhos de Sousa, que consagrou seus últimos momentos à glória literária de sua nação.⁵⁹²

284 Ainda que não apresente nenhuma indicação irrecusável de suas hipóteses, ele comprovou de maneira quase certa que a heroína dessas cartas, a interessante Mariana de Alcoforado, vivia em um convento do Alentejo e escreveu a um oficial francês as páginas ardentes que emocionaram vivamente muitos corações e que o deixaram insensível. Sousa dedicou-se a pesquisas bastante extensas para separar o verdadeiro e o falso nas últimas edições das cartas da infeliz religiosa, e comprova que somente lhe pertencem as cinco primeiras, sendo as outras sete evidentemente objeto de fraude literária.

Profundamente tocado em sua juventude pela leitura das cartas da religiosa, cujos originais nunca puderam ser recuperados, Sousa procurou restituir à sua língua uma obra-prima que lhe pertencia. Traduziu então as cinco cartas verdadeiras a partir do texto francês, cuja ingenuidade e mesmo os traços portugueses apareciam nesse trabalho, e o fez de uma maneira que deve satisfazer a seus compatriotas, pois restitui um modelo de eloquência.⁵⁹³

Esta obra pertence a um pequeno número das que emocionam de maneira profunda e durável. Há nela o ardor de uma dessas

almas apaixonadas cujo amor determina o destino, cujos nobres sentimentos superam talvez outras paixões, que saberiam mesmo abandonar a vida, mas que não podem deixar de amar.

Após ter lido o estudo de Sousa, quanto nos sentimos emocionados, ao saber que tanto amor foi pago com a mais negra ingratidão e que a infortunada Mariana de Alcoforado não encontrou naquele a quem dirigiu suas cartas os sentimentos mais comuns de probidade, já que não foi ele que as traduziu e teve a infâmia de difundir-las ao mundo.

Talvez surpreenda que coloque as *Cartas portuguesas* entre as obras literárias; com efeito, não se trata de uma obra. Expressão simples da verdade, é bem mais que o trabalho de um escritor, e a imaginação com seu entusiasmo só fica tocada quando nos aproximamos de uma tal linguagem. A sorte nos revelou esse escrito; logo, não é um livro, mas seu modelo.

Após destacar, entre as obras poéticas da época, a única em que há verdadeiramente poesia, embora escrita em prosa, não me detenho sobre esta fase de decadência absoluta, multiplicando citações,⁵⁹⁴ que, após surpreender um momento, fatigam. Tendo a adotar o sentimento de um célebre crítico alemão, Schlegel, que nem sempre rejeita os *concetti* dos poetas mediterrâneos e que, tomando-os apenas como fruto de uma imaginação brilhante, admite-os, pois são de algum modo naturais ao clima. Mas, quando não mais colorem os movimentos da alma, quando sua extravagância só atesta um requinte frio, provocam profundo desgosto. Esta deplorável impressão se expande pelo período; adormecida a política, a literatura não acorda. E quando uma grande e imprevista convulsão política coloca a casa de Bragança sobre o trono de Portugal, os primeiros esforços do governo nascente são ainda débeis para elevar os espíritos, perdurando a tradição do mau gosto. O exemplo de outras nações, porém, exerce alguma influência sobre o chefe de Estado. Sob João V, de 1707 a 1750, reanima-se um pouco o gosto das letras;

identifica-se com dificuldade um historiador, e cria-se uma Academia de História [1720], cujos trabalhos foram imensos, mas quase inúteis. A volumosa coleção in-folio das memórias que deixou é um tanto desconhecida; acima de tudo, é importante fazer-se ler, e a pesada erudição dos membros da academia não era apropriada para isso. Não duvido, porém, que um exame atento desta obra permita encontrar aí documentos preciosos.⁵⁹⁵ A academia foi dirigida por algum tempo pelo célebre conde de Ericeira, o homem mais destacado do começo do século XVIII.

Capítulo XXV

Melhoria do estado das Letras. – O conde de Ericeira.

Passamos rapidamente sobre o tempo da completa decadência. Seria fácil mostrar que o mau gosto tinha lançado raízes profundas, para a literatura se desembaraçar inteiramente dele, quando novos modelos foram apresentados aos portugueses. O conde de Ericeira era amigo de Boileau; seu espírito elegante compreendeu as vantagens da pureza da linguagem; mas ele não foi mais longe que isso.⁵⁹⁶ Faltaram-lhe invenção e originalidade. Uma imaginação extravagante o arrastava na direção de questões ociosas que só exigiam erudição e tempo a perder; estes trabalhos, porém, foram úteis para o país, e ele levou os espíritos a ideias mais razoáveis, se bem que não pôde abalá-los por uma forte concepção.

General estimável por sua bravura,⁵⁹⁷ tornou-se um escritor honrado por suas intenções, às vezes por seu talento. Poucos autores igualam-no em fecundidade. Suas duas obras principais estão bastante divulgadas: o poema intitulado *Henriqueida*, e a história da restauração de Portugal.⁵⁹⁸ O mérito dessas duas obras reside no estilo.

287

O conde de Ericeira, como todos seus antecessores, consagrou seus cantos à glória da pátria. Seu entusiasmo poético ia bem até adotar um assunto brilhante, extraído da história nacional; mas detinha-se na execução. Sua imaginação se dobrava inteiramente às formas regulares impostas pelo legislador do Parnaso francês.⁵⁹⁹ Ele não era daqueles que precisam ser contidos, e isto se vê amplamente em cada canto do poema. Ainda que admirador dos homens de gênio, a quem a observação das regras parece conferir grande poder, em lugar de seguir passo a passo o autor da *Henriqueida*, eu preferiria, confesso, analisar um desses poemas originais do século XVI, que em várias ocasiões pecam contra as regras do gosto, mas emocionam. Viajar com eles é penoso; mas, se os acompanhamos,

revelam-nos subitamente belezas desconhecidas. Como Ericeira, muitas vezes o talento que nada sabe criar leva-nos por uma rota mais fácil: a cada instante, a imaginação gostaria de ousar mais, mas ele se interrompe, e faz com que continuemos calmamente a via traçada para si mesmo. O caminho se prolonga, e nada de novo aparece; ao final do percurso, encontramos-nos sem emoção e sem recordações.

288 Contento-me, pois, em lembrar o assunto da *Henriqueida*. O autor nos leva à época que precedeu o estabelecimento da monarquia: o herói é Henrique de Borgonha; a expulsão dos mouros, o motivo da ação; o maravilhoso provém da religião cristã; uma espécie de sibila revela ao príncipe os destinos de Portugal; os relatos dos combates e as aventuras de amor oferecem o frescor do resto deste poema, sem jamais excitar vivamente o interesse. O conde de Ericeira não tem, ademais, nenhuma pretensão de originalidade, e confessa que imitou muitas vezes a Homero, Virgílio, Ariosto, Tasso, Lucano⁶⁰⁰ e Sílio Itálico.⁶⁰¹ Era o meio de ser correto; certamente não se tratava de ser novo.

Há épocas em que uma imitação bem sucedida tem quase o mérito de uma criação. Cabe ter então a genialidade de escolher, o que ocorre quando uma literatura se institui, quando busca um ponto de apoio, quando é necessário um guia para sua juventude. Esse sistema não é sempre tolerável, e reproduzir por muito tempo o que os poetas do século XVI parecem ter criado de novo é aborrecimento certo. A observação da natureza seria um meio seguro de inovar; mas se observa pouco, quando urge imitar.

Essas reflexões bastante simples foram suscitadas pela lembrança da época a que chegamos. Contudo, talvez caiba atribuir o espírito imitador da época à crise de onde se saía; e certamente era melhor reproduzir os pensamentos nobres consagrados pela aprovação dos séculos que se entregar a extravagâncias e à bizarria que assinalavam as últimas obras.

O talento do conde de Ericeira adequava-se mais à escrita da história que à elaboração de uma epopeia. Sua obra sobre a restauração de Portugal⁶⁰² ainda goza de grande estima. Foi escrita com notável correção e lembra o grande século; mas há algo de francês, percebendo-se nela a influência de uma literatura estrangeira. O autor previne, no prólogo, que a obra custou-lhe muito trabalho, e a advertência é prescindível para quem a lê com atenção.

Barbosa lista muitas produções desse autor. Se ele meditava algum tempo sobre seus escritos antes de publicá-los, também se entregava frequentemente a uma extraordinária facilidade de composição. Uma obra intitulada *O tesouro da harmonia* é composta de quatro mil versos, produzidos em vinte horas.⁶⁰³ Não é sua única singularidade: ele reuniu quatrocentas estrofes de imprecções, em que não usa nem o V, nem o E.⁶⁰⁴ Tal generosidade não valia suas imitações dos antigos.⁶⁰⁵

Após o aparecimento deste autor, ao lado de alguns escritores estimáveis antes por sua ciência que pelo talento, Portugal permaneceu ainda muitos anos sem apresentar alguém digno de citar.⁶⁰⁶ Entre as obras da época, Juvenel de Carlenças⁶⁰⁷ indica o poema *Quitéria Santa*, de José do Couto Pestana,⁶⁰⁸ como um dos melhores que Portugal produziu.

Barbosa acumula nomes e títulos; mas, no século XIX, a fama não confirmou seus juízos; aliás, ele devia apreciar os contemporâneos, e só podia fazê-lo de maneira bastante imperfeita. A situação era, pois, frágil; os trabalhos das academias fundadas sob João V mais fatigavam que instruíam, quando um ministro, cujo gênio sabia tudo submeter e tudo construir, começou a conferir novo impulso ao país que dirigia. Pombal⁶⁰⁹ prestou dois grandes serviços a Portugal: expulsou os jesuítas e tentou reconstruir a literatura.

Entretanto, um acontecimento tão assustador quanto inesperado interrompeu os progressos de Portugal em direção mais favorável. Durante o terrível terremoto de 1755, muitas bibliotecas

incendiaram-se, várias obras preciosas foram completamente destruídas. É o que explica a excessiva raridade da maioria dos livros antigos, não encontrados mesmo nas bibliotecas mais completas. Em vão procuramos em Paris um Gil Vicente e alguns outros autores; não podemos trazê-los de Portugal, onde existe apenas um número muito pequeno de exemplares.

Os desastres da terrível catástrofe foram relatados em muitas obras; a mais interessante e completa sobre o assunto intitula-se *Memórias das principais providências que se deram no terremoto que padeceu a corte de Lisboa no ano 1755*, de Amador Patrício.⁶¹⁰ Contém os detalhes mais circunstanciados e as pinturas mais vivas de um infortúnio nunca igualado.

Capítulo XXVI

Fundação da Arcádia Lusitana.

Antônio Garção, Dinis da Cruz e Silva, Domingos dos Reis Quita, Francisco Dias Gomes.

Tal era a situação, quando muitos homens de gosto aproveitaram as boas disposições do ministro, para tentar tirar a literatura do estado deplorável em que ela caíra. Um homem notável pela força de seu pensamento lançou as primeiras ideias que modificariam o mundo literário. Luís Antônio Verney⁶¹¹ publicou *O verdadeiro método de estudar*,⁶¹² e pôde levar os espíritos a sair da apatia em que foram jogados.⁶¹³

Logo Dinis da Cruz, Manuel Nicolau Esteves Negrão e Teotônio Gomes de Carvalho reuniram-se para fundar uma associação que poderia reformar o gosto.⁶¹⁴ As primeiras sessões aconteceram em 1756, sob o título de Arcádia Lusitana. Esta academia prosperou bastante. Todos os que pertenceram a ela se destacaram no século. Seus diferentes membros estudaram sobretudo os autores contemporâneos de Camões e procuraram expandir o gosto por seus escritos. Aparecem vários poetas que ilustram o século XVIII e que logo analisaremos. A Arcádia Lusitana teve não somente o mérito de reanimar o gosto pelas Letras, mas também exerceu grande influência sobre o espírito da nação.

Como nas academias da Itália, os vários membros que compunham essa associação adotaram os nomes com que identificam as obras que publicaram. Dinis da Cruz celebrou-se sob o de Elpino Nonacriense, e Francisco Manuel adotou o de Filinto Elísio. A academia infelizmente não durou tanto tempo quanto necessário. Após dispersar-se, ainda procurou reunir-se⁶¹⁵ e terminou por dissolver-se completamente em 1773; foi dignamente substituída.⁶¹⁶

Todos conhecem o resultado dos trabalhos de Pombal; mas o gênio déspota, que criou muitas instituições úteis e derrubou um

poder odioso à nação, não pôde fazer nascer um poeta. Nesse aspecto, suas ordens foram impotentes. Ele conseguiu elevar as instituições cambaleantes de uma universidade antiga; reanimou o gosto das Letras talvez pela esperança de recompensas; mas, repito, aí cessou sua força. E quando a natureza produziu um destes talentos regeneradores independentes do poder, Pombal o perseguiu. Surpreso por aquele que pôde contrariar suas menores vontades, o ministro protetor das Letras sufocou em um calabouço os impulsos do gênio.

Tal foi teu destino, Garção! Foste poeta, e arrancaram-te da contemplação da natureza! Teus últimos suspiros não foram recolhidos, morreste na solidão de uma masmorra!

O maior mérito de Garção é talvez ter indicado o caminho a Dinis, a Bocage, a Francisco Manuel. Vários textos seus colocam-no junto ao número de poetas portugueses verdadeiramente dignos desse nome. Que sabemos nós aliás o que ele teria feito se o despotismo não tivesse interrompido seus esforços!⁶¹⁷

292

Lendo esse autor, que muitos intitularam o Horácio português, reconhece-se o estudo aprofundado dos poetas do século XVI. Ele identificava o mau gosto de seu tempo e desejava purificar a literatura. Talvez não tivesse audácia para um legislador do Parnaso, mas uniu o exemplo ao preceito, e isso então bastou.

Garção publicou um pequeno volume de odes, sátiras, epístolas e sonetos; chamam a atenção duas peças de teatro, que apresentarei ao referir a poesia dramática moderna. Há, na comédia intitulada *A assembléia*, uma cantata de Dido que passa por modelo de poesia e é verdadeiramente admirável pela harmoniosa energia da expressão. Acredito agradecer a meus leitores, citando-a aqui:

Já no roxo oriente branqueando,
As prenes velas da troiana frota
Entre as vagas azuis do mar dourado
Sobre as asas dos ventos se escondiam.

A misérrima Dido,
Pelos paços reais vaga ululando,
C'os turvos olhos inda em vão procura
O fugitivo Eneias.
Só ermas ruas, só desertas praças
A recente Cartago lhe apresenta;
Com medonho fragor, na praia nua
Fremem de noite as solitárias ondas;
E nas douradas grimpas
Das cúpulas soberbas
Piam noturnas, agoureiras aves.
Do marmóreo sepulcro
Atônita imagina
Que mil vezes ouviu as frias cinzas
De defunto Siqueu, com débeis vozes,
Suspirando, chamar: – Elisa! Elisa!
D'Orco aos tremendos numens
Sacrifícios prepara;
Mas viu esmorecida
Em torno dos turícremos altares,
Negra espuma ferver nas ricas taças,
E o derramado vinho
Em pélagos de sangue converter-se.
Frenética, delira,
Pálido o rosto lindo
A madeixa sutil desentrançada;
Já com trêmulo pé entra sem tino
No ditoso aposento,
Onde do infido amante
Ouviu, enternecida,
Magoados suspiros, brandas queixas.
Ali as cruéis Parcas lhe mostraram
As íliacas roupas que, pendentas
Do tálamo dourado, descobriam
O lustroso pavês, a teucra espada.
Com a convulsa mão súbito arranca

A lâmina fulgente da bainha,
E sobre o duro ferro penetrante
Arroja o tenro, cristalino peito;
E em borbotões de espuma murmurando,
O quente sangue da ferida salta:⁶¹⁸
De roxas espadanas rociadas,
Tremem da sala as dóricas colunas.
Três vezes tenta erguer-se,
Três vezes desmaiada, sobre o leito
O corpo revolvendo, ao céu levanta
Os macerados olhos.
Depois, atenta na lustrosa malha
Do prófugo dardânio,
Estas últimas vozes repetia,
E os lastimosos, lúgubres acentos,
Pelas áureas abóbadas voando
Longo tempo depois gemer se ouviram:
«Doces despojos,
Tão bem logrados
Dos olhos meus,
Enquanto os fados,
Enquanto Deus
O consentiam,
Da triste Dido
A alma aceitai,
Destes cuidados
Me libertai.
«Dido infelice
Assaz viveu;
D'alta Cartago
O muro ergueu;
Agora, nua,
Já de Caronte,
A sombra sua
Na barca feia,
De Flegetonte

A negra veia
Surcando vai.⁶¹⁹

Neste trecho, percebe-se muitas vezes a imitação de Virgílio, mas o poema é admirável por sua harmonia, nobreza e correção. Ele mostra a época a que chegamos; adotam-se outra vez os grandes modelos sem ser verdadeiramente original.

Ao final das obras poéticas de Garção, encontram-se vários discursos em prosa, dirigidos aos membros da Arcádia Lusitana. É onde revela a ardente vontade de que a literatura mudasse sua equivocada direção. Encerrando o exame das obras deste poeta, não posso descartar uma reflexão amarga sugerida por uma de suas sátiras: “Não sabes que das musas portuguesas, / Foi sempre um hospital o Capitólio”.⁶²⁰ Para ele, este templo foi uma prisão, e esta prisão seria aberta para o médico Sanches⁶²¹ e para Francisco Manuel, se eles não tivessem escapado da masmorra, e talvez da fogueira, por um lamentável exílio.

295

Outro eminente poeta desta época se mostra êmulo de Garção. Só conheço suas obras; não conheço sua vida, sabendo apenas que morreu nos últimos anos do século XVIII.

Este poeta, entregue ao entusiasmo do fogo poético, mereceu o nome de Píndaro⁶²² português; como Le Brun,⁶²³ entrega-se a toda sua verve, e entusiasma o espírito de seus leitores.

É, contudo, a um poema cômico e satírico que Dinis da Cruz deve talvez sua reputação entre os estrangeiros. Com efeito, é difícil imaginar um prazer maior que o que reina em *O hissope*; repetiu-se frequentemente que esta obra encantadora era uma imitação de *Le lutrin*.⁶²⁴ Dinis, por vezes, tomou Boileau por guia, mas ele a deve apenas à sua imaginação. Um fato histórico, aliás, a motivava, e é natural que recorresse a ele. Este fato era, sem dúvida, análogo ao primeiro dado de *Le lutrin*, porque a vaidade ridícula suscita por toda a parte gênero similar de pretensões. Ele tornou-se o domínio

da poesia satírica, e o poeta valeu-se dele com sucesso; ei-lo tal como aparece no argumento do poema.

José Carlos de Lara, deão da igreja de Elvas, desejando mostrar-se agradável ao bispo Lourenço de Lancastro, oferece-lhe o hissope à porta da casa do cabido sempre que o prelado desempenha suas funções na catedral. Não se sabe por que esfria a amizade entre o deão e o bispo. Carlos de Lara modifica a conduta, o que o bispo considera um insulto à sua dignidade. Quer obrigar o decano a render-lhe sempre as mesmas homenagens, reúne os simpatizantes que tinha no cabido e obtém a determinação de que o deão não o prive mais daquele privilégio. O segundo dignatário recorre da terrível determinação junto à metrópole, mas perde a causa. Tal é a ação do poema.

296 Pouco tempo depois da cruel sentença, morre o deão, e o decanato passa a um de seus sobrinhos, que, tal como seu digno tio, recusa submeter-se a esse humilhante costume. O bispo o repreende fortemente por sua insubordinação e chega a ameaçá-lo. A questão é levada à corte, e o tribunal ordena ao prelado que preste contas de seu procedimento. É então que ele desiste de seu imaginário privilégio, nega ter provocado a prisão do cabido e tudo o que fizera em relação a isso.

Sem analisar detalhadamente a obra,⁶²⁵ direi que, de uma ponta a outra, os caracteres são sustentados de maneira original e que o estilo apresenta notável pureza. A descrição do país das quimeras, que abre o poema, é muito agradável e pinta tão bem a sociedade de Portugal nessa época, que lamento não traduzi-la. Mas restam-me ainda muitas riquezas a apresentar, de modo que me limito a limites justos. Dinis da Cruz imitou muito bem o *O rapto da madeixa*.⁶²⁶ Não conheço esta obra, mas um crítico estimável afirma que os costumes da alta sociedade são pintados com uma elegância que congrega o natural e a verdade. Para bem compreender todas as alusões deste poema, seria preciso, porém, diz-se, ter estado em Portugal na épo-

ca em que foi composto; sem isso, escapam milhares de traços da sátira, e os versos mais agradáveis tornam-se verdadeiros enigmas.

Dinis da Cruz também compôs grande número de poemas diversos sob o nome de Elpino, adotado na Arcádia Lusitana. Neste gênero de poesia, reconhecem-se o estudo dos italianos e, muitas vezes, o dos antigos bucólicos portugueses. Aquele que traçou os encantadores quadros do *Hissope* talvez não fosse apropriado para descrever também as impressões profundas de uma paixão melancólica. Ele escapava, entretanto, das cenas do mundo para se entregar de todo ao delírio de um entusiasmo pindárico.

Apesar da superioridade de Dinis como poeta satírico, foram as odes que lhe garantiram o reconhecimento do país. Seu entusiasmo poético celebrou os grandes homens de que se orgulha Portugal, e ele entregou-se ao mais nobre envolvimento. Cantou façanhas prodigiosas cuja grandeza a poesia explica melhor que a história. Apesar da grande dificuldade que é passar para a prosa o movimento e a harmonia que encontramos em uma bela ode, tentarei traduzir a dirigida ao Gama:⁶²⁷

297

Estrofe

Bem que a teu ardimento eterna croa
 Tecesse, ínclito Gama,
 Sonora Musa, que no Pindo voa
 Sobre as asas da Fama;
 Eu, que apesar da inveja e seus furores,
 Aos astros levo o Nome Lusitano,
 A minha lira o pano
 No mar enfunarei de teus louvores.

Antístrofe

Por largo campo, indômito e fremente,
 Corre o Nilo espumoso;
 Feroz alarga a rápida corrente
 O Egito fabuloso:
 Mas se na grão carreira, às águas grato,

Tributo de caudais rios aceita,
Soberbo não rejeita
Pobre feudo de incógnito regato.

Épodo

Da Hemonia Jolchos denodado parte
O Tessalo extremado;
E do campo salgado
Com cem remos varrendo pouca parte,
As fauces entra do espantoso Euxino,
Chega a Colchos, e rouba o Velocino.

Estrofe

A grande ação, de glória a Grécia cheia,
Corre a fazer famosa:
Oh de ricas ficções que rica teia
Tece em Pimpla vaidosa!
Ferozes touros, que calçados de aço,
Brotam de negro fogo atroz corrente,
Fera, imensa serpente
Faz em Colchos ceder ao forte braço.

298

Antístrofe

Do negro mar na foz alçou fervendo
Vivas, rodantes ilhas,
Que a morte intimam com fragor horrendo
De longe às curvas quilhas:
Os ventos solta pelos mares largos;
E por mais realçar Jasão prestante,
Na região brilhante
Entre os astros coloca a imortal Argos.

Épodo

Assim o povo do Parnaso usa
Entalhar na memória
D'alto varão a glória:
Orna a verdade, mas não mente a Musa.

Costume tão gentil eu não condeno;
Exemplo tenho no Cantor do Ismeno.

Estrofe

Mas de estranhos adornos não carece
O peregrino Gama:
Tão alto voa, tanto resplendece
No mundo a sua fama!
Ele não desfraldou tímidas velas
Do bramador Netuno em curto braço,
Mas por imenso espaço.
No Oceano domou cruéis procelas.

Antístrofe

Qual seta ao alvo, pelo campo undoso,
Com imortal firmeza,
A rematar correu o herói famoso
A portentosa empresa.
A seus passos em vão bárbara gente,
Horrendos cabos, sirtes estuosas,
Se lhe opõem espantosas,
Que a seu pesar entrou no oculto Oriente.⁶²⁸

299

O poeta revê alguns dos grandes feitos que começaram desde cedo a ilustrar sua nação. Mas, para continuar, diz para sua alma que peça inspirações novas e quer deter-se em meio à quantidade de ações sublimes ainda a serem cantadas por ele.

Restrinjo o número de citações, oferecendo apenas uma ideia bastante imperfeita do gênio de Dinis da Cruz. Aliás, antes de tudo é preciso ser português para bem compreendê-lo. Há certos nomes que fazem um povo experimentar um frêmito de admiração ou de terror, pois encerram em si mesmos uma imagem que emociona profundamente. É uma influência inalcançável pelos estrangeiros, como a harmoniosa energia dos versos.

Dinis compôs vários sonetos plenos de admirável poesia, mas

às vezes resultam antes da força de seu empenho, como ocorre à maioria de pequenas peças deste gênero que os poetas meridionais parecem ter tornado necessário e que encontramos em todas as seleções de autores espanhóis e portugueses, e cuja imaginação faz quase sempre esquecer a dificuldade pretenciosa. Procuo dar uma ideia do talento de Dinis neste gênero; em geral, seus sonetos são mais engenhosos que ternos; este é pleno de doçura:

Onde quer que me levam meus ardores,
Para ver se divirto o meu tormento,
Descobre meu aflito entendimento
Uma imagem cruel dos meus amores;

Se ao bosque, eu a diviso entre as flores;
Se ao monte, a neve a traz ao pensamento;
Se ao rio, m'a retrata o móvel vento;
E se ao campo, do Sol os resplandores.

300

Como se há de esquecer meu desvario.
Se unidos me lembram desta sorte
Verde bosque, alto monte, fresco rio?

Mas não, não cesse Amor (queira-o a Sorte!)
Em aumentar meu mal; porque confio
Que cedo acabará com minha morte. ⁶²⁹

Além das odes e dos sonetos, Dinis da Cruz produziu idílios e élogos que o igualam talvez neste gênero, no que se refere ao estilo, aos poetas do século XVI.

Ainda que os portugueses, em todas as épocas, se devotassem com ardor à poesia pastoral e tivessem talvez obtido mais sucesso que muitas outras nações, raramente se ocupavam do idílio. Podemos mesmo afirmar que os poetas do século XVI não ofereceram nenhum trecho a que se pudesse atribuir este título, que parece muito moderno na literatura da Europa.

Entretanto, um homem que se devotou às inspirações poéticas mais elevadas voltou-se a este gênero fácil e gracioso, em que a melancolia muitas vezes se alia às mais doces emoções. Domingos dos Reis Quita⁶³⁰ é bem sucedido no novo gênero que adotou e mostrou que sabia modificar de maneira bastante satisfatória os acentos trágicos de uma musa talvez muito francesa. Nesta circunstância, a versificação de Quita é elegante e fácil, mas talvez lhe falte a originalidade quase sempre encontrada nas bucólicas do tempo de Camões.

A propósito dos poetas do século XVIII e dos reformadores da literatura, não posso ignorar um dos mais ardentes admiradores dos escritores do reino de João III. Francisco Dias Gomes foi apenas um poeta correto e elegante, mas teve a glória de ser útil, mostrando a seu século as belezas quase sempre desconhecidas. Como afirma seu biógrafo,⁶³¹ recebeu, na juventude, intruções tão falsas, contrariou-se tanto seus gostos, que ele não pode ser inteiramente bem sucedido nem no comércio, nem nas letras. Quando a dolorosa indigência veio atormentá-lo, buscou refúgio nos estudos. Soube, por sábias observações, tornar-se útil a seus compatriotas. Foi socorrido, porque fez amigos; mas conservou uma espécie de heroísmo na pobreza. Devorou a aflição da miséria em seu silêncio; e, quando as doenças vieram desolar sua família, sozinho, ele ousou dar um basta a tantos sofrimentos, cuidou de seus filhos e morreu.

Há, nesta luta e em seu fim, algo de tão triste, de tão nobre, que preciso contá-la. Aliás, Francisco Dias tem o mérito de todos que se ocupam da literatura portuguesa. Alguns escritores consideram-no o único crítico digno deste nome.⁶³² Podemos encontrar seus trabalhos críticos nas *Memórias da Academia* e nas notas de suas poesias.⁶³³

Capítulo XXVII

O teatro do século XVIII em Portugal. Antônio José, Garção, Dinis da Cruz, Silveira, etc.

Os portugueses deixaram de ocupar-se do gênero dramático, depois do aparecimento de autores dramáticos verdadeiramente originais no momento em que sua literatura se elevava, e de servir de modelos aos espanhóis. O teatro quase sempre empresta seu brilho ao poder de uma nação, e uma nação submetida raramente se entrega aos jogos da cena: quando é corajosa como esta, sonha com sua libertação e seus prazeres são esperá-la, como seu desespero é ter perdido a independência. Houve um teatro em Lisboa durante a dominação estrangeira, mas, quando aconteciam algumas representações, ofereciam-se peças espanholas ao público. Gil Vicente foi completamente abandonado; talvez os dominadores desejassem levar um povo generoso a esquecer que tivera uma literatura à parte, assim como uma glória militar que nada devia às outras nações.

Muitos anos após a invasão, o teatro francês brilhou com todo o seu esplendor, e ele influenciou os portugueses, que há longo tempo se ocupavam de nossa literatura e tinham-na adotada como um modelo a seguir. As traduções de nossas melhores obras dramáticas se multiplicavam; mas elas eram raramente representadas, e apenas as classes elevadas encontravam encanto em sua leitura. Seriam necessárias peças de outra natureza para a classe menos instruída, que desejava antes verem reproduzidos os costumes da pátria, e sobretudo diversão exagerada,⁶³⁴ a que seria avesso o imortal

Molière, em uma época em que o gosto era ainda mais apurado na França que em Portugal.

Um teatro nacional apareceu após a restauração; mas, o que é bastante singular, o autor de maior reputação parecia não ter lido as peças que então faziam a admiração da França. O gênio cômico e extravagante de Antônio José não se submeteu a nenhuma lei, afirmava-se até que se comprazia em afrontá-las. É o que tentei mostrar, indicando seu sistema dramático. Apesar da imperfeição de seu talento, suas peças foram numerosas e muito divertidas, para que nos limitemos a mencioná-las. Introduzo antes de tudo os infortúnios deste autor, que pertencia, diz-se, a uma raça cruelmente perseguida, e talvez não seja de modo algum fora de propósito repetir aqui o que disse, sobre o mesmo assunto, em “Notícia do teatro português”.⁶³⁵ Gostaria de poder pesquisar sobre a vida e sobre os escritos do infortunado Antônio José alguns detalhes circunstanciados. Meus esforços foram inúteis: só se conhece seu deplorável fim. Provavelmente nenhum autor dramático foi alvo de uma morte tão horrível. Acusado de judaísmo, foi aprisionado nos calabouços do Santo Ofício, aí penou algum tempo, e morreu em meio às chamas.⁶³⁶ Nem todos foram insensíveis a este julgamento terrível; os gritos dos infortunados repercutiram por muito tempo nos ouvidos dos que ele tinha muitas vezes encantado pela vivacidade de seu espírito e pela graça de algumas de suas personagens. Não se contentavam de lamentar em silêncio, e alguns homens corajosos elevaram a voz para deplorar sua sorte.

303

O célebre conde de Ericeira, de quem já falei, era o protetor de Antônio José, mas faleceu muito cedo para arrancá-lo da morte terrível que terminou seus dias. Deu-lhe excelentes conselhos, que o poeta nunca aproveitou. Após ter assistido à representação de uma de suas peças, recomendou-lhe vivamente que lesse Molière e tentasse imitá-lo. Esperava sem dúvida que as obras-primas do grande mestre impressionassem com um clarão súbito o único

autor dramático que Portugal então dispunha. Mas Antônio José continuou a se entregar, em todas as situações, a uma imaginação desregrada, em todas as triviais brincadeiras. Não era o que o conde de Ericeira esperava da leitura do *Tartufo* ou do *Misanthropo*. Ele continuou a rir das extravagâncias que escapavam da musa fecunda de seu protegido, mas não se esforçou mais para conduzi-lo a um melhor caminho. Percebeu que o dominava um gênio particular que motivava às vezes um diálogo picante, mas era incapaz de pintar os vícios ou os caracteres.

Era sem dúvida levar a comédia a seu mais alto privilégio; entretanto, Antônio José nunca teve medo de cometer certos abusos que vigoravam em seu tempo.

Sua alegria maliciosa pinta com destreza os ridículos; apesar das imperfeições, é original, e as extravagâncias podem ser absolvidas graças à sua vivacidade. O autor da interessante “Memória sobre o teatro português”, inserida nas *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*, diz, com razão, embora confessando seus defeitos, que este autor sabe estimular a imaginação pela sua graça cômica.⁶³⁷

Podemos considerar as peças de Antônio José como óperas cômicas na forma de grande espetáculo. Entre suas numerosas produções, prefiro *D. Quixote*, *Esopo*, os *Encantos de Medeia*. Em geral, a poesia de suas canções é tão negligente quanto a urdidura das peças.

Antônio José teve uma influência maior que talvez se poderia supor: tenho comigo uma coletânea de peças extremamente raras, que mostra seus imitadores. Eles têm seus defeitos, menos que suas qualidades; mas, entre eles, é preciso chamar a atenção para um certo S. Silvério da Silveira e Silva,⁶³⁸ que procura colocar mais do que regularidade em suas peças; cite-se entre elas *Só amor faz impossíveis*, ou *Inês de Castro, rainha de Portugal*, em três atos.⁶³⁹ Não analiso a peça, que pode ser vista como uma tragicomédia e que

termina pelo coroamento de Inês em cena.

Não surpreende que os espanhóis exercessem certa influência nos teatros de Lisboa, tendo gozado, por muito tempo, a prerrogativa de neles representar suas peças. Também se encontram no século XVIII algumas peças divididas, como as daqueles, em jornadas. É, entre outras, o *Polinardo na Suécia*, de Antônio Gomes Silva Leão.⁶⁴⁰

Durante este período, os entremezes gozaram de grande voga, e alguns são verdadeiramente cômicos. Mostram os costumes populares com admirável ingenuidade, e lamento não citar algumas cenas de *A saloia fingida*, *O velho louco de amor*, e *a criada astuciosa*, *Os poetas impertinentes*,⁶⁴¹ impressas em 1777, e muitas outras, recolhidas em diversas obras, e mais valiosas talvez pelo estudo da arte que as frias imitações de nossas comédias. É como o elã do espírito nacional se evidencia apesar da ciência. Assim como na época de Gil Vicente, os grandes poetas imitavam os clássicos latinos, os regeneradores do Parnaso buscando submeter às regras do sistema francês homens que somente obedeciam ao impulso de sua imaginação e ao gosto popular. Como Gil Vicente, Antônio José teve um Ferreira.

305

Alarmado com a decadência da arte dramática em Portugal, Garção decidiu melhorá-la, mas não produziu o bastante para operar a revolução que se esperava de seu talento.

Suas comédias mostram uma observação que se ampliaria e que teria alcançado caráter verdadeiramente cômico, se o autor, em vez de se ver exposto às perseguições de um homem altivo, tivesse recebido alguns estímulos. Garção escreveu uma peça intitulada *Teatro novo*, que oferece uma crítica judiciosa da arte dramática em Portugal e sobretudo das óperas de Antônio José. A segunda peça incorporada à coletânea de obras do poeta intitula-se *A assembleia*, que mereceu a celebridade de que gozou graças à intenção verdadeiramente cômica que a domina quase por inteiro. Mas durante este pequeno ato, muito bem escrito, o interesse é nulo; trata-se de um quadro de costumes, erradamente comparada com *Le cercle*,

de Poinset. ⁶⁴² A ideia inicial é diversa; o autor quis pintar o furor que se notava à sua época em todos os níveis da sociedade, por estas tardes em que um exterior ilusório escondia frequentemente uma miséria real. É quase o assunto do Luxo e da Indigência. Um burguês deseja, para satisfazer a esposa, oferecer uma assembleia; é obrigado a pedir emprestado a seus amigos a maioria da mobília indispensável. Durante a reunião, os agentes da justiça vêm fazer uma busca em sua casa. Há então uma cena muito divertida, em que cada um dos convidados reclama sua propriedade. Graças a um amigo, as coisas se ajeitam, e a peça termina por um triplo casamento.

Nesta época, multiplicam-se as traduções das melhores peças francesas e, às vezes, as mais medíocres. Molière sobretudo é saboreado, mas Molière deve ser sentido por todas as nações, como deve ser compreendido em todos os séculos.

O capitão Manuel de Sousa ⁶⁴³ traduziu, em 1769, *Tartufo* e *O burguês fidalgo*; *O doente imaginário* foi impresso em 1774. ⁶⁴⁴
 306 Alguns dos nomes foram alterados; fora isso, a versão é exata e bem preservada a comicidade do diálogo.

Os clássicos dedicam às suas composições quase a mesma rapidez que os que só trabalham com vistas ao público. Manuel de Figueiredo ⁶⁴⁵ começou sua carreira dramática em 1758, mas não foi bem sucedido. Produziu onze volumes in-8º de peças de teatro, que a nação obstinou-se em não querer adotar.

Por esta época, o Píndaro português, o encantador autor de *O hissope*, habilitou-se a um gênero em que tão poucas pessoas foram bem sucedidas, e escreveu uma comédia colocada, pelo estilo, ao lado das peças de Sá de Miranda, *O falso heroísmo*, ⁶⁴⁶ em que teve a corajosa ideia de elevar o mérito acima do nascimento. Como Garção, combate o gosto exclusivo que a nação parecia mostrar pelo gênero de espetáculo inspirado em Antônio José.

A musa da tragédia parecia querer permanecer muda em Portugal, quando Pedegache e Quita se reuniram para compor três

peças segundo o sistema francês.⁶⁴⁷ Distingue-se sobretudo *Hermione*; eles apresentaram uma *Inês de Castro* em três atos, que tem algum mérito; mas tudo isso não constituía, de modo algum, um teatro nacional, e a raridade de produções apresentadas devia-se certamente ao público e mesmo ao governo, que reservava todos os subsídios para o teatro italiano.⁶⁴⁸

Capítulo XXVIII

Biografias. Diogo Barbosa, Soares de Brito.

308 Não são numerosas as obras biográficas entre os portugueses. A mais importante e mais útil, a *Biblioteca Lusitana*, pertence a Barbosa. É um dos autores que podemos consultar com segurança, quando se ocupa da literatura portuguesa; em geral, seus documentos são exatos e numerosos. Como parece ter à sua disposição as obras manuscritas de diferentes bibliotecas, apresenta muitos detalhes preciosos ignorados por outros biógrafos. A *Biblioteca Lusitana* não é muito consultada, e seria desejável que orientasse com mais frequência os biógrafos franceses, quando se trata de Portugal. Porém, Barbosa adotou um plano que torna sua obra menos cômoda que nossos dicionários históricos, sobretudo para os estrangeiros: em lugar de proceder por ordem alfabética, designando os sobrenomes de família, começa pela longa sequência de nomes de batismo de cada escritor. O biógrafo, ao final de sua imensa obra, compensa este sistema fatigante com listas de autores segundo o gênero de literatura a que pertencem; desta maneira, pode-se abarcar, sumariamente, os poetas, os historiadores, os polígrafos. Infelizmente, este trabalho está ainda bastante incompleto, já que não se indica em nenhum lugar o número da página em que aborda cada escritor.

Em geral, não se deve exigir de Barbosa uma crítica interessante. Ele apresenta a vida do autor, lista suas obras e via de regra expõe os juízos formulados sobre eles pelos homens mais célebres. Nesse sentido, pode induzir a graves erros, porque relaciona tanto os elogios benevolentes, quanto os inspirados por um sadio espírito de crítica. Há um resumo de Barbosa em quatro volumes in-8, útil para os que não dispõem da obra maior.⁶⁴⁹

Barbosa é autor de um outro trabalho interessante relativo à história de Sebastião, em que reúne o que havia de mais singular sobre o infeliz príncipe.⁶⁵⁰

Apontarei ainda a quem se ocupa da literatura estrangeira uma obra cujo testemunho Barbosa muitas invoca e tornou-se bastante rara:⁶⁵¹ o dicionário de Soares de Brito, conhecido sob o título de *Theatrum Lusitaniae litteratum*, etc. Seus juízos são, em geral, concisos. Mas notei nele alguns erros biográficos, e erradamente confere a Gil Vicente o título de eclesiástico. Contudo, Soares de Brito foi muito útil para o autor da *Biblioteca Lusitana*.

Capítulo XXIX

Estudos das línguas orientais entre os portugueses.

As conquistas portuguesas nas Índias e na África desenvolveram rapidamente o gosto pelas línguas orientais no país. Desde cedo os numerosos missionários que sucederam aos guerreiros buscaram meios de se dedicar a este gênero de estudos. Multiplicaram-se as gramáticas e os dicionários; mas, tal como diversos trabalhos literários dessa interessante nação, permanecem desconhecidos para os outros povos da Europa. Lamento apenas apontar para rica mina ainda a ser explorada, e não temo afirmar que os portugueses talvez tenham contribuído tanto quanto os ingleses para o estudo das línguas orientais. Eles se mostraram superiores no conhecimento do chinês e do japonês. Infelizmente a maioria dos trabalhos de seus infatigáveis viajantes permaneceu inédita. Encontram-se disseminados nas bibliotecas dos conventos e na Torre do Tombo, que conserva preciosos manuscritos.

310

Em nome do interesse da ciência, reproduzo breves indicações transmitidas por Barbosa. Percorrendo essa imensa obra, os orientalistas encontrarão documentos menos incertos do que aqueles cuja estéril nomenclatura obrigo-me a resumir.

Devemos a Alvaro de Semedo⁶⁵² um dicionário chinês; Antônio de Gouveia⁶⁵³ traduziu o catecismo nesta língua; Henrique Henriques⁶⁵⁴ produziu uma gramática e um vocabulário da língua malabar; Gaspar Vilela⁶⁵⁵ escreveu *Controvérsias contra todas as seitas do Japão*, por meio das quais poderíamos encontrar indicações preciosas para estudar a língua. Os diversos idiomas da África ocuparam bastante os missionários. Barbosa refere-se à tradução do Novo Testamento para o etíope por Luís Cardeira.⁶⁵⁶ Mateus Cardoso⁶⁵⁷ compôs uma doutrina cristã na língua do Congo, e devemos a Mateus de Jesus⁶⁵⁸ uma *Arte gramatical da língua canarina*. Ele não

foi o único que se devotou a este gênero de trabalho; as indicações de Barbosa são bastante numerosas.

As pessoas que estudam as línguas americanas encontrarão em português muitas obras de grande interesse sobre esta matéria. Os colonizadores do Brasil ocuparam-se principalmente dos famosos tupinambás, que dominaram a maior parte das costas, e cuja língua os europeus, no século XVII, adotaram na capitania do Maranhão.

Já que me referi a algumas obras bastante antigas relativas à literatura oriental, indicarei outras mais modernas que apresentem grande interesse. Os hebraístas encontrarão detalhes muito interessantes sobre os judeus ilustrados de Portugal nas *Memórias de literatura*, editadas pela Academia das Ciências,⁶⁵⁹ que também publicou volume bastante interessante, conhecido sob o título de *Documentos arábicos para a história portuguesa, copiados dos originais da Torre do Tombo*. Trata-se de cartas dirigidas a Manuel e a João III por diversos príncipes do Oriente. Foram traduzidas por João de Sousa,⁶⁶⁰ o texto original e a tradução estão colocados lado a lado.⁶⁶¹

Provavelmente nada oferece uma ideia mais exata do poder a que chegou a nação portuguesa que estas cartas, onde muitos déspotas do Oriente humilham-se diante de seus reis.

O mesmo orientalista, falecido há alguns anos, destacou-se graças a muitos trabalhos importantes, entre outros, por um léxico etimológico das palavras portuguesas de origem árabe e por uma gramática desta língua, considerada notável.

Constatamos recentemente quanto Portugal pôde contribuir a nossos avanços no estudo das línguas orientais, e a gramática japonesa traduzida com talento por Landresse⁶⁶² comprova que mais detalhes poderiam ser oferecidos. Felizmente, há ainda uma pessoa ilustrada que se ocupa, neste momento, deste tipo de matéria e cujos trabalhos fornecerão provavelmente verdadeiro serviço à ciência.

Capítulo XXX

Fundação da Academia das Ciências; obras publicadas, em ordem, durante o século XVIII.

Vimos, pelo curto esboço apresentado sobre os trabalhos da Arcádia Lusitana, que a poesia começava a se destacar no século XVIII. Não se verifica, durante este período, qualquer obra muito notável em prosa. Correia da Serra não as considera dignas de serem citadas.⁶⁶³ Cabe conhecer tão somente Freire, que escreveu uma história do famoso príncipe Henrique, o autor das descobertas.⁶⁶⁴

É, porém, fácil perceber, perto do final do século, que hábeis escritores doravante consagrariam seu talento às ciências, como o empregavam antes em relatar as façanhas da nação. O doutor Sanches, um dos alunos mais célebres de Boerhaave,⁶⁶⁵ compôs excelente tratado sobre a preservação da saúde do povo. Logo os escritos científicos se multiplicariam com o nascimento de uma academia que imprimiria novo impulso aos espíritos.

312

Sob o reinado de José I, as Letras receberam poderosos estímulos: seria de recear que uma facção, inimiga do saber, viria a alterar esta benfazeja direção dada à nação. Maria I, porém, respeitou os estabelecimentos criados por seu pai. Sob seu reinado, fundou-se a Academia das Ciências.

O duque de Lafões, tio da rainha, tinha percorrido quase todas as regiões da Europa; visitou até o Egito e a Turquia, viagens que tomaram 22 anos. Dotado de um espírito observador, de um coração justo, de uma amabilidade que conquistava a todos, somava a essas qualidade amor sincero pela pátria, de onde o distanciara, diga-se, uma grande desgraça. Sua ausência foi proveitosa. Ele comparou as diversas instituições dos povos da Europa com as de seu país e constatou o que lhe faltava. Onze meses após seu retorno a Lisboa, foi constituída a Academia das Ciências. Nomeado presidente per-

pétuo, não deixou de protegê-la contra os esforços da incultura. Um estimável escritor, que expôs os principais estatutos da Sociedade, forneceu alguns destes detalhes:

Esta companhia se divide em três classes, uma se ocupa das ciências matemáticas puras e mistas; outra, das ciências físicas. a terceira, da língua, da literatura e da história de Portugal. Cada classe compõe-se de oito membros chamados *efetivos* e de doze chamados *livres*. A faculdade de eleger, tomar decisões, reside nos membros efetivos. Um pequeno número de *honorários* e de *sócios estrangeiros*, com cem *correspondentes*, completa a organização desta sociedade, a que atribuímos a tarefa de proporcionar mais aos meios do país que às suas necessidades.⁶⁶⁶

Os leitores que desejarem obter mais detalhes sobre este estabelecimento podem encontrá-los nas *Memórias* da Academia.⁶⁶⁷ Aí estão também os lamentos manifestados quando morreu o fundador; percebe-se neles mais do que um elogio acadêmico e que o duque de Lafões foi amado por seus colegas.

Um dos grandes serviços da Academia das Ciências foi a publicação, desde o começo, de uma série de livros que provavelmente não teriam aparecido sem sua fundação. Ela divulgou, com profusão, desde os primeiros anos, interessante obra sobre a maneira de preparar e de transportar os objetos da história natural, que poderia ser proveitosa na França;⁶⁶⁸ ocupou-se da agricultura em duas excelentes memórias sobre a cultura da oliveira e sobre a arte de produzir o óleo.⁶⁶⁹ Sempre com uma nova preocupação em vista, foram visitados, entre 1788 e 1795, os arquivos dos mosteiros; e até enviado a Madri um de seus membros para fazer o mesmo trabalho. Entre os homens que mais cooperaram com essas pesquisas, o sábio e modesto Correia da Serra lamenta que não foram publicados todos os documentos reunidos graças a essas laboriosas perquirições; entretanto, muitas obras importantes foram editadas. As observações de Couto sobre a decadência dos portugueses lançaram preciosas

luzes sobre aquele período histórico.⁶⁷⁰ Esclareceu-se o passado graças à publicação das crônicas pelo secretário da Academia.⁶⁷¹ A jurisprudência caminhou como as outras ciências, sendo publicada a *História do Direito português*, por Melo.⁶⁷² Gordo expôs as fontes imediatas de onde decorre cada lei de Felipe II, dois volumes in-4º.⁶⁷³ *Sinopse cronológica de subsídios, ainda os mais raros, para a História, e estudo crítico da legislação portuguesa*, por Figueiredo⁶⁷⁴ completou esta série de trabalhos importantes, considerando suas relações com o estudo da legislação.

314 Não tenho a intenção de referir todas as demais obras úteis publicadas no século XVIII pela Academia, cuja lista se encontra em suas *Memórias*. Há uma, todavia, que indico em razão de sua importância: o *Grande Dicionário*, cujo primeiro volume apareceu em 1793. Deve-se a um comitê acadêmico, presidido pelo professor Fonseca. Infelizmente, restringiu-se a este único volume, mas será sempre um monumento precioso para a literatura, não somente por causa de seu plano notável, mas também pela espécie de prólogo que indica os autores mais célebres de honraram a literatura portuguesa. Voltarei aos trabalhos da Academia relativos aos últimos anos.

Capítulo XXXI

Poetas e letrados do século XIX, falecidos há poucos anos. Francisco Manuel do Nascimento, conde da Barca, Brito, Sousa, Maximiano Torres, Barbosa du Bocage, etc.

Entre os poetas que ilustram o século XIX, o mais célebre, ao lado de Bocage, é Francisco Manuel do Nascimento. Como Camões, foi exilado; como ele, viveu na indigência, e a pobreza acompanhou-o até os últimos momentos. Conheci este nobre idoso, e apraz-me render-lhe aqui uma homenagem já manifestada por uma voz mais eloquente.⁶⁷⁵ Em meio a seus revezes, conservou incomum serenidade de alma; sua fisionomia via de regra reunia a expressão da doçura e da gravidade: se uma lembrança emocionava sua alma, os olhos ficavam cheios de fogo, os traços de seu rosto exprimiam uma energia ardente, havia então poesia em seu olhar, assim como em sua linguagem. Causou-me essa impressão, pintando os desastres de Lisboa, que testemunhara, e traçando os males mais recentes de que escapara. Antes de examinar suas obras, resumo sua vida.

315

Francisco Manuel nasceu em Lisboa em 23 de dezembro de 1734, em uma família ilustre. Seus primeiros estudos poderiam vaticinar os acontecimentos, pois seu espírito ardente recusava compreender sutilezas escolásticas a que, segundo dizem, devemos nos obrigar, para deter a caminhada do talento. Se Francisco Manuel se rejubila por ter afastado de sua memória as primeiras lições de um pedantismo exagerado, não esqueceu as da natureza, que o tornaram poeta. Também não esqueceu os autores da Antiguidade que lhe serviram de guia, lidos com prazer e que aperfeiçoaram seu talento. A música suscitou nele o primeiro sentimento de harmonia poética; o amor exaltou suas ideias, foi poeta que amou. Mas escondeu do público por muito tempo as primeiras experiências.

Francisco Manuel gozava de uma situação que lhe prometia exitosa carreira, quando aconteceu uma catástrofe terrível, em que

a coragem enfrentou a fúria dos elementos: enquanto o neto de Racine morria em meio aos escombros de Lisboa,⁶⁷⁶ o jovem poeta português transpunha com um passo ágil as ruínas que, em um instante, se acumulavam e de onde escapavam as chamas. Em minha infância, ouvi-o relatar essa história, que produziu então sobre mim uma impressão cuja lembrança não enfraqueceu.⁶⁷⁷

Quando, graças a Pombal, esta infelicidade foi reparada, quando uma nova cidade elevou-se sobre as ruínas, Francisco Manuel consagrou-se de novo à cultura das letras. Mas desconfiava de suas forças, e talvez seus poemas jamais tivessem aparecido se amigos não tivessem melhor opinião que ele sobre seus primeiros impulsos da imaginação: as obras foram publicadas sem que soubesse.

Sua celebridade cresceu, mas a modéstia não mudou. Estudou mais do que nunca Camões, Ferreira, Sá de Miranda, esquecidos da maioria, mas vivamente sentidos por ele, que devia relembrar algumas de suas belezas.

316

Este poeta que escapou das convulsões da natureza, não pôde escapar dos furores da inveja; seus inimigos aumentaram junto com sua reputação. A Inquisição mantinha seu poder terrível, e o exílio de Francisco Manuel foi decidido. Uma tradução do *Tartufo* foi-lhe atribuída e lançado contra ele um mandato de prisão. O encarceramento realizar-se-ia, não fosse sua firmeza surpreendente. Um familiar do tribunal apresenta-se; neste momento, sem dúvida, o poeta recorda a sorte de Antônio José, saca seu punhal, ameaçando-o, e diz-lhe que um único grito causaria sua morte. Lança-se então por uma escada secreta, foge rapidamente, chega à casa de um negociante francês, e poucos dias depois embarca para a França. Nessa rápida narração, deixei de lado muitas das singulares circunstâncias de sua fuga. Basta dizer que a impediam todos os gêneros de obstáculos e que a firmeza do poeta equivaleu ao perigo que correu. Ele pintou o que experimentou, abandonando a pátria. Escutemo-lo:

Eu vi, meu caro Freire, com tranqüilo
 Desassombrado rosto,
 O braço alçado, o punhal luzente,
 A coberta Calúnia
 M'ò apontar ao peito; os grillhões prontos,
 As lóbregas masmorras
 C'ò seio aberto, acesa, a infame teia,
 Sem demover os olhos:

Vi ao longe a Pobreza, a aguda Fome,
 Que os braços alargavam-me;
 A má Fama, o Viver desconhecido
 Que o manto espesso, escuro
 Abriam pelas pontas, e envolver-me
 Nas dobras pretendiam.
 Os gemidos do Pobre, da Viúva
 Ouvi, na despedida,
 Os abraços da Pátria, dos Amigos,
 Sem derramar um pranto,
 Sem que o passo me atalhem resoluto,
 Para o nobre degredo.⁶⁷⁸

Não pôde, porém, reter as lágrimas até então contidas, quando as margens de sua pátria desapareceram no horizonte e nunca mais viu as torres de Lisboa.

Francisco Manuel viveu na França pobre e ignorado. A generosidade de um ministro amigo das letras garantiu suas necessidades, e o trabalho a que se entregou impediu-o de perceber as privações da indigência. Residiu em Paris, Versalhes e Choisy; nestes diferentes lugares ergueu os monumentos de sua glória literária. Apesar da longa permanência na França, evitou o defeito que recriminamos em seus contemporâneos, cujo estilo importa às vezes o gênio de uma língua estrangeira. Mesmo quando são traduzidas nossas melhores obras modernas, reconhecemos o autor nutrido pela leitura dos poetas clássicos; ele é até acusado de se exceder em seu gosto pelo

estilo do século XVI e introduzir algumas expressões latinas nem sempre apreciadas; de resto, este defeito na língua portuguesa é bem menos lamentável que o que assinaei. Francisco Manuel produziu vários volumes de odes, sátiras, cartas, em que o talento poético revela-se em seu mais alto grau. Tendo Horácio por guia, conservou sua originalidade, e, como bem disse um escritor criterioso, acreditava-se sentir que o poeta de Tibur⁶⁷⁹ se exprimiria assim na língua de Camões no século XVI.

Era entusiasta de La Fontaine e traduziu suas fábulas, em que apresentou, com admirável felicidade, a graça e o encanto do original.

Se compreendia a tocante ingenuidade de um poeta que julgamos inimitável, percebeu a força e a imaginação de um outro poeta que talvez não possamos mais imitar. Traduziu *Os mártires* de Chateaubriand, e traduziu-os em verso.⁶⁸⁰ Nem tudo nesse trabalho é igualmente elogiável; mas o escritor francês encontra muitas vezes um intérprete digno, o entusiasmo é apresentado pelo entusiasmo.

318 Percebe-se que a prosa que inspirou versos tão belos deve ser ela mesma animada pela mais nobre poesia.

O poeta exilado tinha ainda, perto do final da carreira, o ardor dos meridionais; entregou-se até os últimos dias ao fogo poético, e podemos compará-lo a estas plantas da Ásia que obedecem, ainda na Europa, à ordem das estações marcadas por seu clima e florescem em nossas regiões na época em que começam os rigores do inverno.⁶⁸¹

Francisco Manuel faleceu longe de sua terra; nos derradeiros dias, cantou a glória e os infortúnios de Camões. Parece ter desejado dirigir à sua pátria ao mesmo tempo uma homenagem e uma queixa. Alguns dias antes de morrer, com o autor de *Les templiers*⁶⁸² celebrou o grande poeta.

Difundiram-se em francês várias odes de Francisco Manuel, e podemos ler a elegante tradução de Sané. Um trecho de sua “Ode à virtude” revela o poema a meus leitores:

Foragida entre os homens, e medrosa
 Tu, virtude, te escondes:
 Do seio de alto Deus, d'onde descendes.
 Rara as terras visitas.
 Que dela te afugenta um vício infesto,
 Vil arremedo, que se usurpa o nome.

.....
 Tu douras os celestes aposentos
 Com tua luz sagrada:
 Tu és o sol, que neste sombra espessa
 Os justos alumias;
 A tua luz dá na alma, a aclara, a esforça,
 E põem no humano assomos de divino.

Entre rodas, equuleus, e catastas
 O varão virtuoso
 Mostra ao medonho algoz plácido o rosto.
 E envergonha o tirano:
 Abre, entre as setas, abre entre as machadas
 No corpo retalhado uma alma inteira.

319

Co'a vulnífica proa o grande Castro
 Rompe os índicos mares
 Alastrados de pérolas luzentes:
 Visorei parco e pobre,
 A quem vislumbres dos rubis do Oriente
 Não desviaram do alvo da Virtude.

Envolto em negro fumo, em pó, em fogo,
 Entre estaladas pedras
 Da mina, e despedido baluarte,
 O impávido Fernando
 Desfigurado, ardente ainda, ainda
 Na semi-viva mão aperta a espada:

E co'os olhos nos turcos assombrados

Quer nesse arranco extremo
Vingar a Fortaleza! – Oh Castro forte,
Mandas tomar-lhe o posto
O espelho de teu ânimo, e virtude.
O único esteio da prosápia ilustre.

Que a tanto o guia aquele raio puro
Da honra bem fundada
Que por Deus, pelo rei e pela pátria,
Vê, sem torcer a vista,
Da Morte a foice, os cofres do Avaro
Sem susto a Morte; e sem cobiça o ouro.

Emudecei, profanos; afastai-vos,
Ministro do Deus sumo,
Que os Céus, que as terras c'um aceno rege,
Direi coisas mais altas
Que descrida não pensa a Iniquidade,
Mas que da sã Virtude foram dignas.

320

Virtude, que és o prêmio de ti mesma,
Tu zombas da Fortuna,
Ídolo vão dos homens imprudentes.

A Toga respeitada,
O bastão militar, o cetro de ouro
Não dão honra sem ti, dão vitupério.

.....
Tu vens nas almas, quando ao mundo brotam:
Qual o botão mimoso,
Que ajudado do sol, da mão cultora,
Desdobra do casulo
Os soberbos matizes, mil-corados,
Que bordou curiosa a Natureza.

Tu, qual ardente luz, da rija pedra,
De entre trabalhos duros

Exprimes teu valor, vibras luzeiros,
 Se vêm favônios sopros,
 Logo se ateiam altas labaredas,
 E vás lavar por almas bem-nascidas.

Eu te vejo, oh Virtude! Vens descendo
 Formosa em nuvens de ouro;
 Pelas modestas roupas te distingo,
 Pelo sereno lume,
 Que te reveste alvura, e doura a fronte,
 De lidadas vitórias coroadas.⁶⁸³

As cartas de Francisco Manuel têm grande interesse para os que se ocupam da literatura portuguesa. Há nelas pensamentos engenhosos, vivacidade, muitas vezes uma imitação bem sucedida dos clássicos; e quase sempre alguns traços relacionados a seu estudo favorito, o da língua e da poesia.

A primeira, cuja extensão faz com que possamos vê-la como um pequeno poema, é voltada inteiramente à exposição dos princípios literários do autor. Declara-se avesso às novas formas adotadas na linguagem, deseja que se retorne ao português do século XVI e condena as expressões tomadas do francês, optando pelo latim. Em decorrência, sua linguagem assume às vezes uma energia singular; não é mais a linguagem epistolar, é antes a da sátira. A maneira como caracteriza alguns prosadores de seu país é muito bem sucedida. Ocupa-se pouco dos poetas, e talvez a doçura de alguns dos contemporâneos de Camões não convinha a seu gênio, mais ardente que sensível, mais nobre que melancólico. Ferreira, imitador, como ele, de Horácio, parece ser, dentre os poetas do grande século, seu preferido; como seu talento flexível se adaptava a todos os gêneros, devota-se ao trabalho penoso, que consiste em lembrar o pensamento dos outros. Fez a tradução, além da mencionada, do poema de Sílio Itálico,⁶⁸⁴ que, em sinal de gratidão, dedicou ao conde da Barca;

a versão portuguesa de Osório goza também de grande estima.⁶⁸⁵

Após falar de um poeta desditado, destaco o nome do aristocrata que o socorreu durante sua vida agitada e que morreu dois ou três anos antes dele: o conde da Barca [Antônio de Araújo de Azevedo], falecido no Rio de Janeiro, onde se tornou ministro dos Assuntos Estrangeiros. Ele soube aliar o estudo das letras aos cuidados da política; um espírito amável, um coração generoso trouxeram-no numerosos amigos. Seus poemas o classificam entre os letrados de relevo.⁶⁸⁶

Outro protetor de Francisco Manuel é um homem falecido há pouco tempo, cuja morte lamenta-se. Brito, que residiu por bom tempo na França, cultivou as letras com sucesso e tinha grande conhecimento da literatura de seu país. É autor da biografia e da introdução sobre a literatura portuguesa, que precedem a tradução das odes de Francisco Manuel, por Sané.⁶⁸⁷

322 Sismondi coloca, com muita razão, Cunha entre os poetas de destaque desses últimos anos, e cita um trecho seu pleno de profunda sensibilidade.⁶⁸⁸ É conhecido por seus trabalhos em matemática; seus poemas nunca foram impressos, e não sei se devemos admiti-lo entre os autores do século XVIII ou do século XIX. De todo modo, possui um encanto de expressão e um abandono de alma, que revelam o verdadeiro poeta.⁶⁸⁹

Maximiano Torres,⁶⁹⁰ um dos homens mais notáveis deste período, foi contemporâneo de Francisco Manuel. Amigo do primeiro poeta deste século, teve, como ele, malfadada existência. Pertencia à Arcádia Lusitana, com o nome de Alfeno Cíntio. Por ocasião da perseguição aos *Afrancesados*,⁶⁹¹ morreu no lazareto de Trafaria, em 1809. Suas obras carecem às vezes de inspiração, defeito redimido por uma grande elegância e uma pureza deliciosa. Compôs um soneto considerado a obra-prima do gênero. Em suas éclogas, muito estimadas, mostra-se bem sucedido imitador dos clássicos,

dos espanhóis e dos poetas portugueses do século XVI; muitas vezes mescla às formas pastorais as formas mais pomposas da ode.

Um ano antes da morte de Francisco Manuel, a literatura portuguesa lamentou a perda de Antônio Ribeiro dos Santos, membro da Arcádia Lusitana, onde era conhecido sob o nome de Elpino Duriense. Como todos os membros daquela sociedade, dedicou-se à reforma da linguagem, e é notável pela pureza de seu estilo, assim como pelo gosto clássico que denota um reformador. Além das obras publicadas em três volumes in-4º, deixou apreciável tradução de Horácio.

Lembro também um poeta falecido há poucos anos, que goza de uma grande reputação como tradutor: Azevedo Sousa da Câmara, que passou para sua língua, com surpreendente sucesso, as melhores peças de Voltaire.⁶⁹²

Brilhou há pouco em Portugal um poeta tão difundido nas diversas classes da sociedade, que sua reputação quase se tornou popular: Manuel Maria Barbosa du Bocage. Ele expressou-se com uma nova linguagem, dirigindo-se à nação seja com graça, seja com energia. Foi desses poetas guerreiros aos quais as viagens e os infortúnios revelam grandes pensamentos. Desembarcou nas Índias, visitou as costas da China, emocionou-se em Macau com o exílio do grande poeta, e teve com ele uma coincidência a mais, pois uma sátira contra o ouvidor obrigou-o a deixar o país. Morreu em Lisboa, com 33 anos, no começo do século.

De boa formação, dotado de prodigiosa facilidade, teve talvez a infelicidade de expandir seu entusiasmo sobre uma porção de assuntos, sem se entregar a grandes composições. É verdadeiramente poeta e pouco se preocupa em ser autor.

Como todos os poetas dotados de alma sensível, Bocage experimentou a necessidade de pintar os sofrimentos de uma vida tumultuada. Percebe-se, nas obras, que sua existência devia ser breve, porque seus sofrimentos não eram imaginários. Nos sonetos da

maioria dos grandes poetas, encontram-se quase sempre os traços das impressões mais vivas que os agitaram, e estas pequenas peças de poesia parecem essencialmente adequadas para desenhar uma imediata emoção da alma, um movimento do coração perdido para sempre se alguns versos não bastarem para dar conta de sua vivacidade ou de sua tristeza. Tasso, Camões, Milton assim expuseram os diversos sentimentos que os agitaram, e muitas vezes é aí que se deve estudá-los. Os franceses não oferecem o mesmo exemplo: um soneto é muito difícil de compor nessa língua: é obra por demais do espírito para ser a do coração.

Bocage devotou-se a este gênero de composição com surpreendente facilidade. Mostra sensibilidade ardente e profunda, talvez mais ainda que em seus outros textos. Demonstra ao mesmo tempo um talento poético que o torna inimitável.

Apresento primeiro um poema que parece uma triste profecia e que pinta muito bem sua breve existência. Explica provavelmente seus outros poemas:

324

Apenas vi do dia a luz brilhante
Lá de Túbal no empório celebrado,
Em sanguíneo caráter foi marcado
Pelos Destinos meu primeiro instante:

Aos dois lustros a morte devorante
Me roubou, terna mãe, teu doce agrado;
Segui Marte depois, e enfim meu fado,
Dos irmãos e do pai me pôs distante.

Vagando a curva terra, o mar profundo,
Longe da pátria, longe da ventura,
Minhas faces com lágrimas inundo:

E enquanto insana multidão procura
Essas quimeras, esses bens do mundo,
Suspiro pela paz da sepultura.⁶⁹³

Este soneto parece lembrar algum grande infortúnio do poeta:

Voaste, alma inocente, alma querida,
 Foste ver outro sol de luz mais pura,
 Falsos bens desta vida, que não dura,
 Trocaste pelos bens da eterna vida:

Por Deus chamada, para Deus nascida
 Já de vãs ilusões vives segura:
 Feliz a Fé te crê; mas a ternura
 Co'o punhal da saudade está ferida.

Desgraçado o mortal, insano, insano
 Em dar seu pranto aos fados de quem mora
 No palácio do eterno soberano!

Perdoa, Anarda, ao triste que te adora;
 Tal é a condição do peito humano;
 Se a Razão se está rindo, Amor te chora.⁶⁹⁴

325

Ele pintou, com rara felicidade de expressão, um acontecimento muito celebrado por diferentes poetas da nação:

Da triste, bela Inês, inda os clamores
 Andas, Eco chorosa, repetindo;
 Inda aos piedosos céus andas pedindo
 Justiça contra os ímpios matadores;

Ouvem-se ainda na fonte dos Amores
 De quando em quando as náiades carpindo;
 E o Mondego, no caso refletindo,
 Rompe irado a barreira, alaga as flores:

Inda altos hinos o universo entoia
 A Pedro, que da morte formosura
 Convosco, Amores, ao sepulcro voa:

Milagre da beleza e da ternura!
Abre, desce, olha, geme, abraça e c'roa
A malfadada Inês na sepultura.⁶⁹⁵

Concluo as citações de Bocage por um texto tomado de profunda melancolia, de filosofia austera, comprovando o gênio poético do autor:

É todo o mundo um cárcere, em que a morte
Os míseros viventes guarda, encerra,
Para neles cumprir-se a lei da sorte:

Ou baça enfermidade, ou torva guerra
Vão co'as ferinas garras pavorosas
Tornando pouco a pouco um ermo a terra:

De dia em dia as lágrimas saudosas
De aflitos corações estão regando
Marmóreas campas, urnas ltuosas:

326

Males e males em terrível bando
Vagam por toda a face do universo,
Peste, veneno, horrores derramando:

Cai o exímio varão como o perverso,
A morte pelo efeito os dois iguala,
O modo com que os fere é que é diverso.

Àquele a voz de um Deus do céu lhe fala;
O remorso, de crimes carregado,
A este o coração golpeia, e rala:

Da chama divinal afogueado
Um, cravando no empíreo os olhos ternos,
Ergue d'almo futuro o véu dourado:

Outro, mordido de áspides internos,

Se entranha em feio abismo, e vê que passa
Do mal finito a males sempiternos.

A mão, que as frágeis vidas desenlaça,
Ao pio é, pois, suave; - ao ímpio dura;
Traz o flagel a um, ao outro graça.

Que importa que na térrea sepultura
Baqueie o corpo, a vítima do nada,
Se triunfa nos céus uma alma pura?
Se na radiante, olímpica morada,
C'o fulgor, que do Eterno reverbera,
Como o sol resplandece iluminada?

Vê negrejar ao longe a tênue esfera,
Onde o cego mortal vagueia ufano,
Nota quanto difere o que é, e o que era:

Por entre a cerração de antigo engano
Contempla como nutre, e como ceva
Vão tropel de ilusões o orgulho humano:

Como o barro servil se abstrai, se eleva,
Como a alucinação, como a loucura
Lhe abafa o pensamento em densa treva:

Como o bem, como a paz, como a ventura
No mundo não são mais que um falso lume,
Que doura mal o horror da vida escura.

Graças, graças ao bom, propício nume,
Que alisa com a destra onipotente
À foice matadora o férreo gume!

Dos céus, oh Morte, és dádiva eminente,
És precioso bálsamo divino,
Que cerra as chagas do infeliz vivente.⁶⁹⁶

Bocage compôs a maioria dos poemas nos países distantes para onde a sorte o levava. O segundo idílio passa-se às margens de um rio da Índia; nos campos de Macau, deplora a perda de um príncipe lamentado por toda a nação.⁶⁹⁷ Ele foi, creio, a Goa, quando compôs um idílio, “O farmacêutico”, de muito movimento e uma personagem muito original.

O poeta, fixado sobre as margens do Indo, quer rever a imagem de uma bem amada. Recorre a uma operação mágica aprendida em seu país; mistura incenso, betume e a noz de areca. O fogo se acende, a fumaça sobe, ele implora a sombra benfeitora que espera:

Qual, pungido da sede em pouco espaço
 Voa o rápido cervo à fonte amena,
 Caminhes tu, meu bem, com leve passo
 A mitigar meu pranto, e minha pena:
 Mas céus! Eu vejo Elfira!... Elfira abraço!...
 Eis, eis dos olhos seus a luz serena!...
 Ah! Menos conseguiste, Orfeu, co’ a lira.
 Não mais, encantos meus: cedeu-me Elfira.⁶⁹⁸

328

Bocage produziu as écloas, conhecidas como *Piscatórias*, tendo os pescadores como interlocutores. Seria desejável que pintasse mais reiteradamente a bela paisagem sob os olhos; as personagens situadas nos ricos campos da Índia são muito europeias.

Ele experimentou quase todos os gêneros de poesia. Até começou várias tragédias quando a morte o surpreendeu. Uma trata do antigo defensor de sua pátria, Viriato; outra apresenta-nos os nobres esforços que fez Vasco da Gama para estender os domínios dos portugueses nas Índias; há uma terceira cujo herói é Afonso Henriques.⁶⁹⁹

Este poeta, que conta com uma surpreendente facilidade, e que vemos como um extraordinário improvisador, não hesitou em transmitir, em seu estilo harmonioso, algumas obras de nossos

autores modernos. Fez numerosas traduções, entre as quais se salienta a do poema *L'agriculture*, de Rosset,⁷⁰⁰ que ficou inconclusa. Parente da célebre madame du Bocage,⁷⁰¹ começou a tradução do poema sobre Cristóvão Colombo; mas este trabalho apareceu somente após sua morte.

Capítulo XXXII

Breve panorama dos letrados vivos. – José Agostinho de Macedo: O Oriente, poema épico, entre suas obras. – Mouzinho de Albuquerque: as Geórgicas portuguesas. Medina e Vasconcelos; visconde de São Lourenço; condessa de Oyenhausen, etc.

Já ultrapassei os limites destinados a este gênero de obra, e resta-me ainda falar do estado da literatura do Brasil. O espaço obriga-me a apresentar uma visão apenas sumária dos poetas vivos que se destacam atualmente em Portugal. Infelizmente, é difícil encontrar suas obras; de todo modo, as mais notáveis chegaram a nós. Examinando com atenção a lista de livros de alguns anos, constatamos que os poetas portugueses nada perderam de sua antiga fecundidade, provando mais uma vez que o fogo poético, natural naquela nação, não pode se apagar, pois o encontramos no campo, assim como no seio de uma sociedade brilhante.

Verifica-se, em geral, o pendor à reforma literária. A Arcádia Lusitana esforçava-se para trazer de volta as expressões originais do século XVI, descartando as locuções francesas introduzidas na língua; de maneira similar, alguns homens de imaginação tendem a dar outra direção às ideias. Este movimento, percebido primeiro na França, desenvolve-se em Portugal, e os escritos de Chateaubriand⁷⁰² sem dúvida contribuíram bastante para isso. É um erro, porém, na minha opinião, encarar os autores do século XVI simplesmente como hábeis imitadores; Camões sobreviveu ao esquecimento, porque seu gênero de existência deu-lhe verdadeiramente originalidade, e sua poesia, rejuvenescendo velhas ideias, compara-se às inteiramente novas. Tentar oferecer novo impulso às ideias escolásticas é agora algo natural; mas essas ideias foram introduzidas desde o grande século. Os contemporâneos de Sá de Miranda buscavam o equivalente a seu gênio entre os clássicos,

não sendo, pois, simples imitadores; e comparada com nossa poesia eminentemente clássica, antes de ela ter adotado uma marcha monótona e regular, a do meridionais tinha um caráter particular, que a aproxima singularmente das formas mais livres de que carecemos no presente.

Estas reflexões foram sugeridas pelo exame de um autor moderno que prega a reforma em um sentido que não podemos mais admitir. Como veremos, Camões é seu antagonista, a quem encara como tão somente um hábil imitador.

O nome Macedo já foi ilustre na literatura portuguesa, e devemos lembrar sem dúvida do que já disse sobre esse polígrafo, cuja prodigiosa fecundidade não foi igualada. Um eclesiástico de mesmo nome ocupa agora um dos lugares mais destacados das letras em Portugal: José Agostinho de Macedo tem quase a mesma facilidade de seu predecessor, a julgar pela lista de suas obras; mas, como é bastante comum, ele não é bem sucedido da mesma maneira em todas.⁷⁰³

Há, na maioria das nações, certas obras cujo título, sozinho, suscita uma espécie de veneração. O poder que exerceram em um século, exercer-lo-ão em todas as épocas. Sua influência extraordinária sobre as ideias independe da mudança que trazem os anos: elas manifestam ao coração uma linguagem que não se modifica; o reconhecimento apaga seus defeitos, e cabe lamentar aquele que não admira as belezas que o gênio revela tão raramente a si mesmo. Sua origem vincula-se a algo cujo poder percebemos, que não podemos compreender, e que o poeta mesmo não saberia explicar, mas que as nações nunca ignoram; em sua admiração, devotam-lhe uma espécie de culto.

As obras que abrigam estas nobres inspirações podem ser facilmente criticadas; há alguns trechos que uma pena engenhosa poderia tornar ridícula. Esses ataques são bastante inocentes e podem ser úteis; esclarecem o gosto daqueles que não sabem escolher. Mas quando se perdem e tocam no que todos admiram, excitam um

sentimento que não sabemos como qualificar, e seu maior efeito é exaltar a glória que desejam diminuir.

A obra mais importante de Macedo é um poema épico intitulado *O Oriente*, cujo assunto é o de *Os Lusíadas*. Tudo foi submetido às justas proporções; as divindades do paganismo não intervêm mais em meio aos cristãos; tudo é reduzido às regras daquela sabedoria da qual a inspiração ousa às vezes escapar. Macedo afirma no prefácio que não deseja atacar a glória do grande poeta; pouco importa sua vontade, a glória de Camões é inteira.

332 Com mais espaço, examinaria este poema, pois os portugueses, apesar de tudo, consideram-no a primeira epopéia moderna. Acrescentemos que há seguidamente verdadeiro talento, que a energia mostra-se ao lado da nobreza; mas a vitalidade escondida que emociona a alma, que pertence ao navegador, ao soldado cheio de entusiasmo poético e que alguns parecem não apreciar, é em Camões que cabe buscar. Seu gênio e o gênero de vida que adotou revelaram-lhe certos segredos de composição que o raciocínio deve ter ensinado ao autor de *O Oriente*. Esse deveria ter percebido que removeu parte do interesse que podia inspirar seu herói, fazendo-o anunciar, por uma visão, o destino ao qual é chamado. Gama, em Camões, interessa pelo ardor com o qual se joga em uma empresa em que sua coragem deseja encontrar o fim, mas que a morte pode suspender; ele corre perigos, e ignora os que o esperam. Em seu desprezo pela vida, neste ardor de aventuras, há qualquer coisa que pinta o século em que a sorte está a serviço da coragem.

Há, repito, belezas de estilo em *O Oriente*. Reprova-se, contudo, ter o autor adotado certos finais rejeitados pelo gosto.

Outra obra de Macedo parece bastante extraordinária, cujo título reproduzo textualmente: *Carta crítica na qual se mostra até a evidência que a maior incoerência de Luís de Camões é o episódio de Adamastor, no canto V, de Os Lusíadas*. É uma carta em que ele comprova, com evidências, que a maior incoerência de Camões

é o episódio de Adamastor.

Se tal é a opinião de Macedo, ele está certo em expô-la, mas poucos concordarão com ele.

Macedo tem obras em prosa e em verso em que se patenteia seu talento. A mais notável é o poema intitulado *A meditação*, em que há, muitas vezes, nobreza de imagem e de pensamento. Pode-se dizer o mesmo de *Newton*, poema didático em vários cantos.

Não cito todas as obras desse autor, pois são inúmeras. Ele parece ter-se envolvido em discussões literárias com muitos escritores, por causa de um livro contra a seita dos sebastianistas e que apareceu, creio, por volta de 1810. A querela foi intensa de parte à parte, de que são prova suficiente os títulos das diferentes obras.

Macedo não se dedicou apenas à literatura; conhecem-se dele várias obras de filosofia.

Nos últimos anos, destaca-se o aparecimento de uma obra que lembra o gênero descritivo tão influente no começo do século XIX e que esgotou suas inspirações entre os clássicos. Há muito talento nas *Geórgicas portuguesas*, de Mouzinho de Albuquerque;⁷⁰⁴ mas desejaríamos talvez, para o resto da Europa, uma pintura mais nova de seu país. A versificação é correta, elegante; as descrições são animadas. Surpreendemo-nos a desejar que este belo país tão fértil apareça em toda esta pompa que deve tão pouco à arte; de resto, o título da obra rechaçava talvez este gênero de mérito. Albuquerque canta a agricultura avançada, e às vezes é preciso convir, seus quadros têm admirável graça; seria doce contemplar as paisagens descritas. A maioria dos periódicos literários de Portugal elogiou, com razão, esta obra. Mouzinho de Albuquerque prepararia, presentemente, um poema épico sobre as guerras de Pernambuco contra a Holanda.

Também Medina e Vasconcelos⁷⁰⁵ é considerado um poeta de qualidade, já prestigiado no começo do século. Nascido, afirma-se, na Madeira, habituado aos brilhantes quadros de uma natureza plena de esplendor, logo logrou justa celebridade. A descoberta de

sua terra pareceu-lhe merecer um poema épico. Seu herói é um navegador audaz, Zargo. A *Zargueida* apresenta muitas vezes versos notáveis; mas tal mérito é insuficiente para garantir a reputação de um poema épico.

A epopeia de Antônio José Osório de Pina Leitão, publicada na Bahia em 1818, trata, como mencionei, da fundação da monarquia portuguesa e apresenta alguns episódios notáveis. Apareceram, nestes últimos anos, vários poemas épicos, de que só conheço os títulos, mas que atestam o gosto da nação por este ramo da literatura, como, entre outras, a *Braganceida*, de Roque Carvalho Moreira,⁷⁰⁶ em dois volumes. As traduções de poemas estrangeiros se multiplicam, e apareceu nova versão dos *Os mártires*, de Chateaubriand.⁷⁰⁷

334 A literatura portuguesa enriqueceu-se recentemente com duas notáveis traduções em verso. Bento Maria Targini, visconde de São Lourenço,⁷⁰⁸ verteu para sua língua, com rara felicidade, o *Ensaio sobre o homem*, de Pope, e traduziu há pouco *O paraíso perdido*, de Milton, que denota grande talento. São Lourenço é autor de muitas sátiras apreciadas.

Lima Leitão,⁷⁰⁹ hábil poeta, amigo e aluno de Francisco Manuel, publicou no Rio de Janeiro uma tradução completa de Virgílio. F. de Borja Garção Stockler, famoso em outro gênero, ocupa-se com sucesso da poesia. Assim o conde de Palmela,⁷¹⁰ Pato Moniz,⁷¹¹ Pedro Lopes,⁷¹² Feliciano Castilho,⁷¹³ Pimentel Maldonado,⁷¹⁴ Antônio Correia,⁷¹⁵ etc., são indicados por alguns críticos como poetas estimáveis. Monteiro da Rocha⁷¹⁶ ocupa, afirma-se, um dos primeiros lugares na literatura.

Lastima-se algumas vezes em Portugal que a educação das mulheres deixa muito a desejar; mas parece que, atualmente, similar recriminação não pode mais ser feita, e muitas senhoras gozam de justa celebridade por suas obras. Entre os primeiros lugares, deve-se colocar a condessa de Oyenhausem, que escreveu em todos os gêne-

ros e que soma, ao conhecimento de línguas, notável talento para a versificação. Coloca-se entre suas melhores obras uma tradução do *Oberon*, de Wieland.⁷¹⁷ Possolo da Costa não publicou todas as obras cujos títulos são indicados por Balbi, mas é já conhecida por uma coleção intitulada *Francilia, pastora do Tejo*.⁷¹⁸ Ocupou-se da tradução de *Corina*, de madame de Staël. A viscondessa de Balsemão também compôs poemas agradáveis.⁷¹⁹

Capítulo XXXIII

A poesia dramática no século XIX. J. B. Gomes, falecido recentemente; condessa de Vimieiro, Pedro Nolasco, Pimenta de Aguiar.

336 *A Nova Castro*, de Gomes, é considerada atualmente a obra-prima do teatro em Portugal, merecido sob diversos aspectos. É lamentável que o autor não tenha ido mais longe em sua carreira. O andamento de sua peça apresenta interesse, o estilo se destaca pela elegância e pela harmonia. Gomes é muito sensível, e reiteradamente emociona em algo grau; em tudo prefiro-o a La Motte. Mas, confesso, o autor não me parece original: imita muito a Ferreira, e, ainda que sua peça esteja menos calcada que a clássica Inês sobre o teatro grego, há menos cor local. Suas personagens são modernas na extensão da palavra, pertencendo antes aos heróis de nosso sistema dramático que à natureza e à época em que viveram. D. Pedro era, repito, um caráter interessante, aliando a rudeza mais extravagante e a exaltação da mais tocante sensibilidade. D. Pedro, na *Nova Castro*, é impetuoso como todos os amantes que vencem a paixão; ele só tem energia nos momentos de desespero, e a história comprova, entretanto, que seu caráter extraía do século em que viveu uma força habitual que muito o diferenciava do cavaleiro infeliz colocado em cena por Gomes.

Murphy, em sua *Viagens em Portugal*,⁷²⁰ fala da Inês de Castro de Nicolau Luís, que obteve então muito sucesso. Mas é impossível julgá-la apenas a partir do fragmento que apresenta.

Alguns letrados colocam ao lado da *Nova Castro* a tragédia *O triunfo da natureza*, de Pedro Nolasco,⁷²¹ a quem as letras devem outras produções. Lamento não avaliar esta peça, considerada notável, pois não pude encontrá-la.

Antes da *Inês de Castro* de Gomes, considerava-se *Ósmia* a primeira tragédia moderna. Esta peça, coroada pela Academia, é da

condessa de Vimieiro,⁷²² que adotou as regras do gosto francês, até porque não tencionava indicar um novo caminho. A cena passa-se em Portugal, mas é preciso reportar-se à época da invasão romana. Os turdetanos reconhecem Ríndaco, que desposou Ósmia, como rei, mas ele não é amado. O povo, submetido a ele, revolta-se contra os opressores; um combate tem lugar, e Ríndaco é ferido, caindo em poder do inimigo. Ósmia compartilha seu cativeiro; inspirou a paixão mais viva em Lélio, sendo correspondido, mas o sentimento de seus deveres dá-lhe a força para resistir ao amor. Agitada por tantos combates, submetida de algum modo ao poder de uma profetisa, cuja única vontade é conceder a liberdade à sua nação, Ósmia encontra a morte, objeto de suas aspirações. A catástrofe é narrada, e a peça termina de maneira bastante comum. A tragédia, a que não falta certo interesse, é escrita em jambos não rimados, e o diálogo parece indicar que a autora preferiu o modelo de Voltaire acima dos outros dramaturgos.

Estamos longe da época em que o gênio pleno de força abria livremente um novo caminho na carreira dramática. Os progressos das diversas nações, a exigência do público, a expansão da educação detiveram talvez alguns espíritos originais. Por menos que admitamos nossos grandes trágicos, e que tenhamos refletido sobre a influência que exerceram sobre as nações mais independentes em matéria de gosto, devemos temer sem dúvida não poder seguir as regras a que eles se impuseram; mas também, quando percebemos algo desse ardor enérgico que se encontra entre os gênios completamente livres, parece natural abandonar-se a seu entusiasmo. Somente os poetas originais criam leis que lhes convêm.

Pimenta de Aguiar compreendeu que faltava a Portugal um teatro nacional. Em uma época em que o estado da literatura se reduzia à imitação dos franceses, ele tem, contudo, a originalidade de concepção e de pensamento, tornando interessante examiná-lo, pois peca muitas vezes pelo lado do estilo. Em geral, suas persona-

gens falam uma linguagem nobre e enérgica, mas ele ignora a arte do diálogo, e suas longas tiradas fatigariam o leitor francês. Ainda que tenha abordado assuntos extraídos da Antiguidade, mostra-se mais nacional, quando adota os temas oriundos da história de seu país. A coleção de suas obras, reunidas sob o título de *Teatro trágico português*, é já considerável e poderá despertar o gosto do teatro entre os portugueses, ainda mais que a Academia de Ciências estimula os poetas na direção deste gênero de composição.

338 Tentei mostrar o talento de Pimenta de Aguiar, quando organizei um volume de peças portuguesas na coleção de *Ladvo-cat*.⁷²³ Escolhi *Conquista do Peru* e *O caráter dos lusitanos* como impressões de uma cor mais verdadeira. Há nesta última peça um momento que produz profundo sentimento: a cena em que Viriato lembra o terrível massacre dos compatriotas ocorrido sob Sérvio Galba.⁷²⁴ Experimenta-se, lendo-a, que é desses crimes políticos cuja impressão o tempo não enfraquece; depois de alguns séculos, é como se o horror do acontecimento tivesse ocorrido há pouco. O poder da poesia eternizou o crime e explica a necessidade de vingança que o valente defensor da Lusitânia deve ter experimentado.

Ele recorda o número de guerreiros mortos, mas este não é o único crime dos romanos:

Nos lados dos montões, a verde relva
 No sangue sepultada, só se via
 Vermelho lago, que terror causava.
 As brancas carnes das mimosas filhas
 Na cor do roxo lírio se tornaram;
 Pelas lívidas bocas nos clamavam
 A mais justa vingança; e nós depondo
 A primeira impressão da dor, da mágoa,
 Ao furor nos lançamos: de seu sangue
 Tingimos nossas mãos; juramos guerra
 Interminável à insolente Roma;

Os deuses justiceiros lá no Olimpo
 Nos escutaram. No profundo Averno
 Selou Plutão o nosso juramento.
 Em desempenho da promessa augusta
 Milhares de romanos têm descido
 A seu reino sombrio. Hoje Aqueronte
 Deixou cair os remos de assombrado,
 Por ver a multidão que a nossa honra
 Mandou às margens da medonha Estige.
 Continuemos pois: na Lusitânia
 Dos pérfidos romanos se extermine
 A detestável raça. No ocidente
 Da escravizada Europa se despontem
 Traidoras lanças. Morram as perversas
 Águias romanas. Tenha asilo e cultos
 A sempre doce cara liberdade.⁷²⁵

Talvez haja um pouco de pompa no discurso do pastor guerreiro; mas a linguagem enérgica e selvagem de um habitante das montanhas não pode ser idêntica sob todos os climas. A cor um pouco oriental que encontramos na arenga de Viriato, estes deuses romanos que se introduziram em sua pátria, e que ele invoca com força – eis talvez a linguagem da verdade. O lusitano Viriato devia ter algo das ideias exaltadas que se encontram mais tarde entre os cavaleiros de sua nação.

Há poucas comédias modernas a citar, pois raros autores exploram esse ramo da literatura. No século XIX, como no XVIII, essas pequenas peças conhecidas sob o nome de *entremezes*⁷²⁶ ainda fazem sucesso entre os portugueses; mas estes ensaios dramáticos são antes picantes pela originalidade do estilo que pela força das situações, e aplica-se a eles o que afirma madame de Staël a propósito de certos romances cômicos:

Os gracejos que compõem as formas da linguagem dizem talvez mil vezes mais ao espírito que as ideias, e entretanto não se pode

transmitir aos estrangeiros estas impressões tão vivas provocadas por matizes tão finos.⁷²⁷

Capítulo XXXIV

Visão sumária da literatura e das ciências. Trabalhos recentes da Academia. – Correia da Serra, Solano Cons-tância, Garção Stocker, Verdier, Câmara, Casado Gerales, etc. – A imprensa.

Para obter uma ideia exata da situação em que se encontram atualmente as ciências e a literatura em Portugal, o melhor é consultar as *Memórias* da Academia. Nesta importante coleção, constatamos que uma nação interessante que acreditávamos ter descontinuado há longo tempo seu progresso, mantém os mais importantes trabalhos com um zelo que o resto da Europa não sabe apreciar suficientemente. Esta atividade que os portugueses dedicavam antigamente às descobertas, eles consagram hoje às ciências; e, neste percurso, apresentam conquistas. Ainda que separados de outros reinos da Europa, tiram vantagem dos trabalhos que se passam longe deles e provam que a distância não impediu sua perseverança. Os portugueses trabalham muitas vezes em silêncio, mas trabalham; e se não imprimem todas suas obras, existe entre eles um foro de luzes que terá sempre a melhor das influências, sobretudo no que diz respeito às ciências e à erudição. Graças aos árcades, a literatura foi conduzida a sábias doutrinas. Admiram-se os autores do século XVI e procura-se frequentemente imitá-los; mas é preciso convir, sua originalidade e sua melancolia cavalheiresca repleta de encanto não foram reencontradas. O estilo dobrou-se às formas que podem evitar o mau gosto, mas que não sentem a inspiração. De todo modo, os portugueses são mais ditosos que muitas nações. O passado apresenta-lhes uma glória literária que ainda expande um brilho intenso e que foi muito esquecido. Muitas produções clássicas podem ter ainda a atração da novidade, e constatamos com prazer que o entusiasmo de alguns letrados poderá oferecer

enfim os elementos de uma história literária, que falta à nação e é indispensável a ela. Neste sentido, muitas memórias da Academia das Ciências apresentam documentos preciosos. Não nomeio todos esses trabalhos científicos, mas apenas algumas memórias aos amigos da literatura. A primeira diz respeito ao teatro português, devida a Aragão Morato e repleta de fatos importantes, principalmente sobre Gil Vicente. Alexandre Lobo escreveu uma vida de Camões, com interessante pesquisa sobre suas obras. Ainda que não partilhe as opiniões literárias deste acadêmico, o trecho que inseriu parece merecer a atenção dos eruditos. A esse estudo prefiro o exame que fez das obras de frei Luís de Sousa. Por último, destaco interessante trabalho de Trigoso sobre as cinco primeiras edições de Camões, em que se constata, entre outras peculiaridades, que o grande poeta foi perseguido pelos jesuítas. Há ainda os discursos pronunciados sobre os trabalhos da Arcádia Lusitana, preciosos para a história literária. Um membro da Academia, que residia em Paris e que a França reivindicava, acabou de se reunir a todos os homens de distinção que citei. Timothée Lecussan Verdier, conhecido por sua vasta erudição, certamente oferecerá novas informações sobre a história literária da nação. Poucas pessoas conhecem tão bem quanto este estimável sábio as riquezas do século XVI, e devemos a ele preciosos trabalhos sobre Camões, de quem é o mais zeloso administrador.

Durante os primeiros anos do século XIX, a Academia não interrompeu suas importantes publicações. Entre outros documentos valiosos, promoveu duas coleções consideráveis de memórias; uma, que citei reiteradamente, é conhecida sob o título de *Memórias de Literatura*, contendo juízos importantes sobre alguns poetas do tempo de Camões. Os filólogos encontram ensinamentos valiosos sobre os povos da Lusitânia e sobre os judeus que se destacaram em Portugal. Trechos interessantes de antigas crônicas esclarecem tópicos da história nacional durante o domínio dos mouros; esclarecem-se

algumas das antigas leis do reino graças a importantes discussões. As *Memórias Econômicas* são preciosas sobretudo para o agricultor e para o geógrafo. Interessa particularmente aos portugueses pelo gênero de detalhes reunidos. Destaca-se, contudo, uma memória de interesse geral relativa à escravidão e a seus abusos, devida a um homem que a viu com os próprios olhos e que observa especialmente as diversas doenças que atacam os infelizes africanos em uma terra estranha. É assim que a nostalgia, conhecida no Brasil sob o nome de banzo, é descrita com assustadora energia, percebendo-se que este mal da alma pode provocar a morte como os males mais terríveis do corpo. Esta pintura dos horrores da escravidão, feita com extrema simplicidade, mas cheia de detalhes importantes, produz profunda impressão sobre o coração; e causa até mais horror pelo detestável tráfico que as frases eloquentes do homem que não contemplou as misérias que descreve.⁷²⁸

Sem entrar em maiores detalhes sobre as publicações da Academia, destaco a preciosa coleção de notícias sobre a história e a geografia das nações ultramarinas. Após mostrar o maior zelo pela propagação da vacina, ela publicou vários textos sobre esta descoberta tão preciosa para a humanidade.⁷²⁹

Seria, pois, errôneo acreditar que Portugal está atualmente atrás de outras nações no que diz respeito à cultura das ciências e das letras. O número de jornais publicados, a quantidade de obras impressas há alguns anos provam o movimento dos espíritos. Infelizmente, a massa da nação está ainda mergulhada na ignorância, e o progresso das luzes só se faz sentir em uma parte mínima da população, cuja atividade intensa a relaciona com o resto da Europa. Também surpreende que os mesmos nomes aparecem nos diversos ramos da literatura. Examinando brevemente a lista de obras impressas há alguns anos, espanta o número de escritos polêmicos que eclodiram. Às brochuras satíricas que apareceram contra Napoleão

e seus generais, sucedeu uma longa guerra contra os sebastianistas e suas crenças absurdas. Multiplica-se particularmente o número de memórias úteis à agricultura e à indústria. Aparecem de tempos em tempos algumas obras de filosofia bastante notáveis. Em 1813, S. Pinheiro Ferreira,⁷³⁰ ex- professor de lógica em Coimbra, e depois ministro dos Assuntos Estrangeiros, escreveu *Preleções filosóficas*, que alcançaram grande celebridade. A propósito desse autor, Balbi afirma com razão ter sido um português a publicar, na capital do Brasil, a obra mais filosófica que saiu dos prelos do Novo Mundo.⁷³¹ Em 1819, Antônio Leite Ribeiro⁷³² deu à luz sua teoria do discurso aplicada à língua portuguesa, aproveitando as ideias de muitos ideólogos modernos, entre outros as de Tracy.⁷³³ Percebe-se que pouco a pouco as ideias filosóficas de Kant⁷³⁴ começam a introduzir-se; e o que é bastante singular, são dois monges, Antônio de Santa Bárbara,⁷³⁵ o padre José de Almeida Drake⁷³⁶ e o padre João de Águeda,⁷³⁷ que professam a filosofia nas cátedras mais célebres depois das da Universidade de Coimbra. As melhores obras de nossos matemáticos também foram traduzidas, tendo aparecido grande número de tratados originais sobre esta ciência importante. A opinião pública coloca Francisco de Borja Garção Stockler,⁷³⁸ ex-governador dos Açores, à frente dos matemáticos portugueses. Ferreira de Araújo compôs um bom tratado de astronomia, que então faltava.⁷³⁹ Além desses autores, cujos trabalhos foram impressos, Balbi cita ainda várias obras manuscritas que gozam de certa celebridade junto à opinião pública.

Há alguns anos a química e a história natural são cultivadas com sucesso sempre crescente; os limites desta obra me impedem de apresentar, mesmo rapidamente, os homens que se destacam nestas ciências. Todos conhecem atualmente os trabalhos de Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt,⁷⁴⁰ João Antônio Monteiro,⁷⁴¹ José Bonifácio de Andrade,⁷⁴² Félix Avelar Brotero,⁷⁴³ Antônio Gomes,⁷⁴⁴ Correia da Serra, este último célebre sobretudo na França. Correia da

Serra pertence àquele pequeno número de homens dentre os quais nunca cessa o ardente desejo de propagar a educação e cuja coragem triunfa sobre os obstáculos. Graças a seus cuidados, foram publicadas recentemente várias obras importantes, relativas à história e à literatura. Divulgou os numerosos resultados de suas observações em história natural em várias revistas nacionais e estrangeiras. *Philosophical Transactions*, de Londres,⁷⁴⁵ inclui excelentes artigos dele. Lembro ter lido um trecho seu da mais alta importância em um jornal periódico, com muitas informações sobre o estado da agricultura na Espanha durante a dominação dos mouros. Possa esse infortunado país aproveitar as observações do sábio português! Correia da Serra escreve em nossa língua com muita pureza.

A propósito de homens verdadeiramente úteis às ciências e às letras, nomeio Francisco Solano Constâncio,⁷⁴⁶ que residiu longo tempo em Paris e foi um dos principais colaboradores dos *Anais das Ciências e Artes*. Ele é autor de muitas obras e de um grande número de excelentes artigos de jornais. Francisco de Oliveira⁷⁴⁷ também se destacou por trabalhos importantes. Balbi se queixa com razão de que a geografia não fez tão grandes progressos em Portugal quanto sua situação política poderia dar a entender. Contudo, cita alguns homens verdadeiramente ilustres nesta ciência, em que ele mesmo se destaca; e confere o primeiro lugar a Joaquim Pedro Casado Geraldês,⁷⁴⁸ conhecido na França por seu *Tableau des colonies et possessions anglaises dans le quatre parties du monde*. Este escritor reside atualmente no Funchal, e seus trabalhos descrevem a ilha da Madeira. Ele se ocupa, afirma-se, de uma geografia universal, que terá sem dúvida um caráter particular, se o autor souber tirar vantagem dos trabalhos dos antigos viajantes nacionais.

O que talvez melhor comprove o ardor da nação pelas ciências e pelas letras é o espírito de investigação que reina nas revistas.⁷⁴⁹ Acima do que foi publicado nos últimos anos, cabe colocar os *Anais das Ciências e das Artes*, cujo redator chefe era Diogo Mascarenhas

Neto. É lamentável que essa interessante obra tenha terminado no décimo-quinto volume, e compreende-se facilmente como devia expandir as luzes em Portugal; desejar-se-ia apenas que se ocupasse mais da literatura clássica. Os redatores, que um feliz concurso de circunstâncias reuniu em Paris, ocupam agora empregos que os distanciaram. A morte levou alguns dos mais célebres; mas os Solano Constâncio, os Verdier, os Correia da Serra, os Santarém não interromperam seus úteis trabalhos. Este último, cujo zelo infatigável torna valioso para os eruditos, prepara, afirma-se, uma obra que trará novidades sobre a história de Portugal e da Ásia. O visconde de Santarém, após visitar as bibliotecas estrangeiras e os arquivos nacionais, reuniu uma coleção completa de todos os tratados de paz e das alianças feitas com Portugal; afirma-se que os tratados concluídos sob a primeira dinastia formam já um corpo de 21 volumes in-4^o.⁷⁵⁰

346 Três jornais nos últimos anos exerceram grande influência sobre a situação política de Portugal; mas, como é de se imaginar, não foram publicados neste país. O *Correio Brasiliense*, impresso em Londres, provocou a inquietação do ministério, mas gozou de grande popularidade. Era redigido por Hipólito da Costa.⁷⁵¹ O *Investigador Português* foi preferido devido sobretudo a seus artigos políticos e à maneira como apresentava, mensalmente, a situação dos diversos estados da Europa. Contava, entre seus redatores mais destacados, com o autor de uma tragédia célebre, Vicente Pedro Nolasco. Este jornal deixou de circular em 1819. Cita-se ainda *O Português*, fundado em 1814 e redigido por Bernardo da Rocha,⁷⁵² notável pelo seu espírito de independência. Havia pelo menos dezessete jornais políticos em Lisboa em 1821. Um partidário da reforma nas letras publicou um deles, conhecido sob o título de *Motim Literário*,⁷⁵³ que já não encontrei e que contém, sem dúvida, críticas interessantes.

É tempo, porém, de me interromper, pois resta ainda destacar as produções literárias de um outro país. Sei quanto o débil

esboço que ofereço aqui é insuficiente: sem dúvida alguns nomes me escaparam, e uma obra mais extensa poderá um dia apresentá-los. Importava examinar sobretudo a literatura clássica, pois muitos poetas e historiadores notáveis eram completamente ignorados. Rica de recordações, orgulhosa de suas antigas façanhas, a nação portuguesa volta atualmente os olhos na direção do século XVI, de onde extrai a energia que vem sempre da glória. Até o presente, ela participa apenas debilmente das mudanças literárias que acontecem no resto da Europa; mas isto se deve antes à situação do país que a outra razão. Portugal não ignora os movimentos dos espíritos; o número de traduções que aparecem a cada ano, de composições importantes, comprova-o suficientemente; trata-se de desejar que sua literatura assuma caráter mais original. Mas, confessamo-lo, até o presente o mundo literário parece ter sido ingrato em relação a esta nação que reiteradamente impulsionou outras e cujos trabalhos foram quase sempre ignorados. Graças a Lobeira,⁷⁵⁴ é ela que, no século XIV, fornece as fábulas cavaleirescas de que se apropriam os italianos, de onde eles criam suas obras-primas; dois séculos depois, vemos aparecer o primeiro épico moderno da Europa. É exaltado pelo maior poeta da Itália, mas permanece desconhecido pelas outras nações. Antes de Camões aparecer, Sá de Miranda ofereceu o modelo das écloas; Gil Vicente criou um teatro original, que funda o dos espanhóis; e Ferreira escreve a primeira comédia de caracteres e a segunda tragédia regular de que se orgulha a Europa. O pioneiro Barros dá a conhecer a Ásia.⁷⁵⁵ À época em que só temos débeis tentativas, a literatura portuguesa brilha vivamente; é uma das primeiras a possuir uma destas folhas que propagam rapidamente os grandes acontecimentos ou as novas descobertas. Mas detenho-me, direi somente que é tempo de apreciar um povo que durante vários séculos não diminuiu seus esforços para o bem das Letras e que, renovando-os hoje, faz esperar de seu zelo o mais proveitoso resultado.

RESUMO DA HISTÓRIA LITERÁRIA DO BRASIL

Capítulo I

Considerações gerais sobre o caráter que a poesia deve tomar no Novo Mundo.

Durante muito tempo, a América meridional, submetida ao jugo de duas potências europeias, parecia condenada a fornecer-lhes riquezas sem partilhar de sua glória. Ao lado da exigência de liberdade, o Novo Mundo manifestou um desejo ardente de aumentar seus conhecimentos. Não estamos mais no tempo em que se podia manter os americanos dependentes por meio dos laços políticos e da incultura. Extraímos ouro, mas deixamos ali se desprender o germe de todos os conhecimentos. Veremos o que essa troca produzirá, ocorrida muitas vezes à nossa revelia, já que na maioria dos estados da América do Sul os livros eram proibidos ou escondidos nas bibliotecas dos monges, onde uma ignorância ociosa os desdenhava.

348

Contudo, é preciso convir que, no que diz respeito a essas medidas, Portugal foi bem menos rigoroso que os estados limítrofes. O antigo governo, transferindo sua sede para o Rio de Janeiro, levou também o gosto pelas ciências e pelas artes, facilitando sua educação. O Brasil deixou então de ser uma colônia: o odioso sistema caía por si mesmo; alguns anos mais tarde, os brasileiros viriam a aniquilá-lo por completo.

No começo do século, porém, o vasto império do Brasil ainda tomava de Portugal alguns raios débeis de sua velha glória literária, para com eles se adornar. Os êxitos obtidos pelos brasileiros contavam pouco; como as riquezas da terra, engrossavam o tesouro da metrópole. O resto do mundo ignorava-os, e os próprios americanos não sabiam se deviam exaltá-los. Contudo, o amor infeliz, a descoberta dessa bela região, as conquistas dos europeus, já haviam entusiasmado os homens do Novo Mundo. Sem o perceber, um clima

delicioso os estimulava; poetas da natureza, haviam celebrado sua beleza; submetidos a paixões nobres e ardentes, cantavam seu poder.

O Brasil, que sentiu necessidade de adotar instituições diferentes das que a Europa lhe impusera, o Brasil experimenta a necessidade de colher suas inspirações poéticas em uma fonte que verdadeiramente lhe pertença. Na sua glória nascente, logo oferecerá as obras-primas desse primeiro entusiasmo que atesta a juventude de um povo.

Essa parte da América adotou uma língua aperfeiçoada por nossa velha Europa; mas deve rejeitar as ideias mitológicas devidas às fábulas da Grécia. Empregadas por muito tempo por nossa civilização, foram levadas a regiões onde as nações não as podiam compreender bem, onde nunca deveriam ter sido conhecidas. Elas não se harmonizam, nem estão de acordo com o clima, a natureza ou as tradições. A América, brilhante de juventude, deve ter pensamentos novos e enérgicos como ela mesma; nossa glória literária não pode sempre iluminá-la com um raio que enfraquece ao atravessar os mares e que deve desbotar completamente diante das aspirações primitivas de uma nação plena de energia.

349

Nessas belas regiões tão favorecidas pela natureza, o pensamento deve se intensificar como o espetáculo que se lhe oferece; majestoso, graças às obras-primas do passado, deve permanecer independente e não buscar outro guia além da observação. Enfim, a América deve ser livre na sua poesia, assim como no seu governo.

Ao Novo Mundo não podem faltar tradições respeitáveis; dentro de alguns séculos, a época presente, a época em que se fundou sua independência, dar-lhe-á recordações nobres e tocantes. Sua idade das fábulas misteriosas e poéticas serão os séculos em que viveram os povos que exterminamos, que surpreendem por sua coragem e que retemperaram talvez as nações saídas do Velho Mundo. A recordação de sua grandeza selvagem cumulará a alma de orgulho, suas crenças religiosas animarão os desertos; os cantos

poéticos, conservados em algumas nações, embelezarão as florestas. O maravilhoso, tão necessário à poesia, encontra-se nos antigos costumes desses povos, como na força incompreensível de uma natureza em constante mutação. Se essa natureza da América tem mais esplendor que a da Europa, como podem ser inferiores aos heróis dos tempos fabulosos da Grécia esses homens de quem não se podia arrancar um só lamento em meio a horríveis suplícios e que pediam novos tormentos a seus inimigos, porque os tormentos aumentavam sua glória? Seus combates, seus sacrifícios, nossas conquistas, tudo apresenta quadros brilhantes. Por ocasião da chegada dos europeus, pensaram, na sua simplicidade, confiarem-se aos deuses; mas, quando perceberam que deviam combater homens, morreram sem serem vencidos. A voz de seu deus era o raio; seu templo, o deserto; para eles, mil gênios fantásticos animavam a natureza, favoreciam os homens ou desses se faziam temidos. Que se estudem os débeis tributos que escaparam a três séculos de destruição, aí se acharão os pensamentos primitivos
350 que excitam fortemente a imaginação; mas, para encontrá-los em toda a sua energia, não é preciso buscá-los às tribos que a civilização destruiu lentamente e que ocultam as desgraças da raça americana nas praias em que foram confinadas: que se penetre no seio das florestas, interroguem-se as nações livres, os campos estão ainda animados por pensamentos verdadeiramente poéticos.

Por outro lado, todo o heroísmo da Idade Média, todo o espírito ardente e aventureiro dos tempos da cavalaria, não aparecem com uma cor particular nessas viagens dos primeiros exploradores, corajosamente avançando no âmago das florestas virgens, enfrentando com audácia animais desconhecidos, visitando nações que poderiam aniquilá-los? Ambicionavam unicamente o ouro; mas não podemos lhes recusar alguma glória; a poesia pode apropriar-se de seus percursos distantes.

O que queremos que o americano faça com nossas comparações esgotadas, sugeridas por uma natureza gasta pelo trabalho de séculos?

Experimentamos, em suas florestas virgens, as mesmas impressões que em nossos bosques continuamente devastados pelo lenhador? Os animais que percorrem os campos não têm mais força e liberdade? Não arroja o oceano suas ondas contra um litoral mais imponente? Abrirá a aurora da Grécia, com seus dedos róseos, aquele céu brilhante de esplendor, cujo fogo empalideceria até Apolo? Que os poetas destas regiões contemplem a natureza, que se animem de sua grandiosidade, em poucos anos tornar-se-ão iguais a nós, talvez nossos mestres. Esta natureza, tão favorável aos desenvolvimentos do gênio, espalha seus encantos sobre todos, circunda mesmo os centros urbanos com suas mais belas produções; e não é como em nossas cidades, em que é ignorada, onde muitas vezes não a podemos conhecer.

Que o poeta dessas belas regiões celebre desde agora os afortunados eventos do século. Mas que não esqueça os erros do passado; que prenda por um momento sua lira nos ramos dessas árvores antigas cujas sombras escuras esconderam tantas cenas de perseguição; que, após ter lançado um olhar de compaixão sobre os séculos transcorridos, ele a compreenda; que lamente as nações aniquiladas, que suscite uma piedade tardia, mas favorável aos remanescentes das tribos indígenas; e que os cantos do poeta não esqueçam este povo exilado, diferente por sua cor e por seus costumes; que adote uma nova pátria e cante-a ele mesmo, que se console ao lembrar outros infortúnios, rejubile-se com a esperança radiosa que lhe dá um povo humano.

Não temo dizer, o americano, em que tantas raças se confundem, o americano, orgulhoso de seu clima, de sua riqueza, de suas instituições, virá um dia visitar a Europa como dirigimos nossos passos na direção das ruínas do antigo Egito. Pedirá então recordações poéticas a essa terra que brilhará de tanto esplendor; pagar-lhe-á justo tributo de reconhecimento. A Europa fundou a grandeza do Novo Mundo, mas este será talvez um dia seu mais belo título de glória.

Quer ele descenda do europeu, quer se tenha aliado ao negro ou ao habitante primitivo da América, o brasileiro apresenta disposições naturais para receber impressões profundas. Para se entregar à poesia, não requer educação urbana; parece que o gênio particular de tantas raças diversas revela-se nele: alternativamente ardente como o africano, nobre como o guerreiro das margens do Tejo, sonhador como o americano, quer percorra as florestas primitivas, quer cultive as terras mais férteis do mundo, quer apascente seus rebanhos em vastas pastagens, ele é poeta. Também o viajante vê continuamente formarem-se grupos nas cidades e no campo para ouvir um conto maravilhoso, uma canção melancólica, um relato das terras distantes; no litoral, nos bosques, nas cidades, encontra-se a necessidade de satisfazer a imaginação. Nunca é completamente indolente o descanso do brasileiro: canta, ou os acordes do violão acompanham os devaneios da sua meditação; se mergulha no descanso, liberto de reflexões, talvez contemple o que de opulento a natureza prodigalizou em torno dele. Que espetáculo! Como não admirá-lo! Nas bordas do mar, no seio das baías profundas, onde as débeis ondas morrem na praia, quase sempre os coqueiros se balançam docemente, a pervinca-rosa ou a ipomeia recobrem as areias áridas do litoral, o mangueiral forma labirintos de verdura. E, se os olhos se dirigem para alguma ilha longínqua, ao panorama dessas florestas verdejantes, dessas praias amenas, dessas férteis colinas que se desdobram diante dos olhos, a imaginação colabora com a ideia do mais tranquilo retiro, da solidão que ninguém viria perturbar. Muitas vezes, juntam-se à brisa do oceano os aromas da terra, e se a rajada fresca dobra o laranjal, espalha-se pelo ar um leve perfume que acaricia o olfato, dissipa-se por momentos, faz-se sentir de novo e perde-se no espaço. Tudo se reúne para nos encantar, nessa deliciosa paragem; e o tempo da seca interrompe por apenas alguns meses a beleza da paisagem. Mas, no interior, à beira dos imensos

rios que banham a região, a umidade benfazeja assegura quase sempre o esplendor da vegetação. Nesta exuberância da natureza, na desordem de suas produções, nessa fertilidade selvagem que se exhibe ao lado da fertilidade da arte, na esperança suscitada pela abundância da terra, ao rugir das florestas primitivas, ao fragor das quedas de água que se lançam de rochedo em rochedo, ao bramido dos animais selvagens, que parece desafiar o homem nos desertos, o pensamento do brasileiro ganha nova energia. Tanto isso é verdade que o viajante sente-se naturalmente atraído a povoar as florestas com os seus cantos, e quantas maravilhosas histórias da época do descobrimento encantam o lazer das caravanas. Segundo a maneira de contar, de escutar e de compreender, podem-se reconhecer esses homens tão diferentes nos costumes e no caráter, separados outrora por espaços imensos e agora reunidos pela Providência para formar um povo de irmãos. O americano ouve com melancolia, uma tristeza pinta-lhe o olhar; se fala, é em voz baixa, com um acento lastimoso nas palavras; raramente se anima, seu ardor está no fundo da alma, que é toda pela independência, pela liberdade que reina nas florestas. O negro necessita abandonar-se ao calor de sua imaginação, precisamos acompanhar seu pensamento; a rapidez de suas palavras não são suficientes para a abundância de suas ideias; com os gestos, excita os espectadores, a voz se lhe dispara em uma gargalhada, os olhos acesos denunciam o calor de sua alma. Inconstante nos sentimentos, mas sempre crédulo, o sobrenatural embeleza suas narrativas, dá vida, com as tradições poéticas da terra natal, à nova pátria. Sem dúvida, geme à lembrança dos infortúnios passados, mas, apesar das dores da escravidão, o presente, arrebatando-lhe o ardor da imaginação, o estimula e desvia seus olhos do futuro. E o branco, que partilha muitas vezes o trabalho daqueles dois homens, orgulhoso de pertencer à raça dos vencedores, cria tradições novas, mas retém as dos velhos tempos; seu pensamento vagueia algumas

vezes sobre as bordas daquele Tejo que jamais viu; sua imaginação pertence às terras distantes, mas seu coração pertence à pátria: nas suas narrativas, nos seus cantos, mistura-se a história de ambos os países. Quanto ao filho de mãe indígena, possui não sei que impulso de independência, que o leva a sentir a necessidade de exaltar, antes de tudo, sua pátria; busca aventuras no meio da floresta; tem a perseverança do branco e a coragem do homem acobreado: sua alma é enérgica e seu espírito sonhador; desta raça sairão grandes coisas.⁷⁵⁶

O filho de um europeu e de uma negra, o mulato, lembra o árabe nos traços, na cor e no caráter. O amor, exaltando sua alma, torna-o entusiasta; seu pensamento é rápido, a imaginação variada, o coração ardente. É poeta, a natureza assim o criou.

354 Parece-me que, no tempo em que uma luta heroica desenvolveu os caracteres, à época em que a Holanda foi vencida pelo Brasil, a natureza ofereceu ao mundo um espetáculo novo que deu a compreender seu destino. Fernandes Vieira,⁷⁵⁷ cheio de nobre heroísmo, deu o exemplo da coragem moral que os europeus aliam à meditação. O negro Henrique Dias⁷⁵⁸ teve a bravura impetuosa que desdenha a reflexão. Calabar,⁷⁵⁹ filho de um branco e de uma africana, dotado de inconcebível imaginação e admirável perseverança, teria sido tão notável quanto os outros, não fora um traidor; e por fim Camarão,⁷⁶⁰ afamado chefe indígena, após socorrer os colonos, aos quais poderia se igualar, quis isolar-se: mostrou-se o tipo da raça americana por sua coragem temível, por sua lentidão perseverante.

Perdoem-me a longa digressão, mas pareceu-me que antes de tudo conviria tornar conhecidos aqueles traços característicos que distinguem as raças, que modificar-se-ão um dia, mas que é importante não esquecer.

Nesse país, onde a natureza manifesta tanta pompa, onde os espíritos são arrebatados, nada, pois, pode permanecer débil, tudo deve crescer rapidamente.

Verdadeiramente notável é, porém, a influência que nossa literatura exerce presentemente sobre a dos brasileiros. Orgulham-se dos autores que fixaram a sua língua; mas leem os poetas franceses, conhecendo-os a quase todos. O papel que nos cabe desempenhar nesse país é ainda muito belo, e se os ingleses têm, mais que nós, a influência comercial que em toda a parte caracteriza sua atividade, devemos nos contentar em ver uma nação brilhante de juventude e de engenho afeiçoar-se às nossas produções literárias, por causa destas modificar suas próprias produções, e estreitar por meio dos liames espirituais os que devem existir na ordem política.⁷⁶¹

O início da literatura brasileira não data de época muito recuada; entretanto, é muito difícil determinar sua verdadeira origem, já que a separamos, por alguns momentos, da literatura portuguesa. Ela começou com alguns imperfeitos relatos do século XVI, sepultados, em grande parte, nos arquivos da Torre do Tombo.

Ao mesmo tempo em que apareceram os historiadores, existiram poetas, e é provável que os primeiros exploradores, cheios de entusiasmo pela bela região que contemplavam, mais de uma vez a exaltassem. Presta-se a língua portuguesa, como a italiana, às inspirações súbitas. O ócio das viagens alia-se à reflexão: os camponeses do Brasil nos dão hoje uma ideia do que era essa poesia primitiva, jamais confiada à escrita, e que nem por isso oferece menos belezas de primeira ordem. No campo, não é raro encontrarem-se consumados improvisadores. Como já se notou, convém distinguir o lavrador brasileiro de raça branca e o da Europa; são-lhe estranhos muitos recursos industriais, sua incultura é em alguns casos profunda, a superstição tem-no preso, mas o seu pensamento é veloz como o relâmpago, suas reflexões justas, suas ideias elevadas, o entusiasmo facilmente domina sua alma, e se a educação nas cidades desenvolver essas disposições favoráveis, advirão grandes vantagens para a literatura.

Capítulo II

Visão sumária sobre alguns poetas dos séculos XVII e XVIII.

Antes do começo do século XVII, não há poetas a serem citados. Os primeiros tempos, após o descobrimento, foram empregados em guerras, em penosos trabalhos, não havendo quem se ocupasse, em especial, da literatura propriamente dita. Contudo, pouco a pouco, propagou-se a educação, desenvolveram-se os espíritos, apareceram alguns homens ilustres. Indicarei, de maneira breve, os nomes que chegaram até nós.

Os brasileiros tiveram desde a sua origem alguns relatos recomendáveis. É bastante difícil dizer qual foi seu primeiro poeta. Entre os nomes conhecidos, há o de Bento Teixeira Pinto,⁷⁶² nascido em Pernambuco pelo final do século XVI. Pode ser considerado um dos autores mais antigos dessas regiões. Publicou, em 1601, uma espécie de poema, intitulado *Prosopopeia*, dedicado a Jorge de Albuquerque, governador de Pernambuco. A narração do naufrágio deste capitão-general, devida ao mesmo autor,⁷⁶³ foi muitas vezes impressa. Mais tarde, destaca-se o irmão de um homem célebre, Bernardo Vieira Ravasco,⁷⁶⁴ irmão do pregador deste sobrenome e nascido na Bahia, em 1638. Pretendeu abraçar bem cedo a carreira das armas, e combateu valorosamente durante a invasão dos holandeses. Sabe-se que compôs grande número de poesias, algumas das quais se encontram na coletânea conhecida sob o título de *Fênix Renascida*.

Manuel Botelho de Oliveira,⁷⁶⁵ igualmente nascido na antiga capital do Brasil, em 1636, devotou-se principalmente ao estudo de línguas, e publicou uma obra poética, *Música do Parnaso*, dividida em quatro coros de versos portugueses, espanhóis, italianos e latinos, que bem atesta seus conhecimentos nesse gênero.

João de Brito de Lima,⁷⁶⁶ nascido na Bahia, em 1671, compôs muitas poesias, das quais algumas se acham impressas. A lista de

seus manuscritos é considerável. Barbosa⁷⁶⁷ menciona um poema intitulado *Cesária*, que celebra as façanhas de Vasco Fernandes César⁷⁶⁸ durante seu governo.

Luís Canelo de Noronha,⁷⁶⁹ nascido em 1689, em Vila Nova, do arcebispado da Bahia, deixou poemas manuscritos, e foi um autor estimado.

O século também foi assinalado por um homem, Salvador de Mesquita,⁷⁷⁰ nascido no Rio de Janeiro, em 1646, que se distinguiu na poesia latina e que não tardou a adquirir renome. Mudou-se para Roma e entregou-se apaixonadamente ao estudo das Letras. Entre suas obras poéticas, há um drama sacro, intitulado *Sacrificium Jephthae*, que apareceu em 1682. Seu irmão,⁷⁷¹ também nascido no Rio, em 1633, mudou-se a Roma, onde se dedicou a trabalhos históricos; escreveu em espanhol e em italiano.

Já que mencionei um poeta latino, apontarei ainda Francisco de Almeida,⁷⁷² nascido em Cachoeira em 1721. Publicou um poema conhecido sob o título de *Orpheus brasilicus, sive eximius elementaris mundi*, que oferece pormenores muito interessantes.

Dentre as obras do período, cita-se *Labirinto de amor*, devida a Manuel da Costa, morador na vila de Mariana.⁷⁷³ Borges de Barros, nascido em 1706, em São Pedro de Tararipe, perto da Bahia, gozou ainda de alguma reputação como poeta.⁷⁷⁴

Mais ou menos na mesma época, João Mendes da Silva,⁷⁷⁵ nascido no Rio de Janeiro, compôs um poema sacro relativo à vida de Cristo. Foi um dos autores mais célebres do seu tempo.

Não sei se é nesta época que se deve colocar José Pires de Carvalho e Albuquerque, alcaide de Maragogipe.⁷⁷⁶ Barbosa situa-o entre os poetas, bem como a muitos outros que talvez fosse demorado citar aqui. Contudo, mencionarei ainda um autor do começo do século XVIII, Pedro Nolasco Ferreira,⁷⁷⁷ que publicou na Bahia um *Parnaso americano*. A esse nome acrescento o de Gonçalo Soares de França, que compôs o poema épico intitulado *Brasília, ou A des-*

coberta do Brasil,⁷⁷⁸ que ficou inédito e se compõe de 1800 oitavas. O primeiro canto foi lido perante a Academia instituída por Vasco Fernandes César de Menezes, vice-rei do Brasil, provando que uma sociedade erudita foi fundada nessa região por volta do começo do século XVIII.

Sem dúvida, a maior parte dos autores que acabo de citar⁷⁷⁹ não pode aspirar a grande renome literário. Mencionei-os, apesar disso, porque atestam os primeiros esforços da nação brasileira em prol das Letras, e assinalam um ponto de partida que sempre vale destacar. Lembro, ainda, um homem que teve mais influência sobre a literatura portuguesa do que seus predecessores.

Alguns autores juntam ao número dos poetas nascidos no Rio de Janeiro o desditoso Antônio José, que teve um fim tão deplorável. Pode-se consultar, sobre esse autor, o que escrevi acerca da situação da poesia dramática em Portugal, no século XVIII.⁷⁸⁰

Capítulo III

José de Santa Rita Durão. *Caramuru*, poema épico.

O primeiro poema épico composto no Brasil, detentor de algum renome, inspirou-se no episódio mais poético que se seguiu ao descobrimento desse belo país. *Caramuru*, no qual se recordam as aventuras de um jovem europeu, lançado pelo destino àquelas praias, apresenta bem sucedida pintura do gênio ardente e aventureiro dos portugueses dessa época, colocados em oposição à simplicidade selvagem de um povo ainda na infância. Percebe-se o que poderia produzir ótimo assunto em um país em que as recordações poéticas ainda são recentes e exercem forte influência sobre os espíritos. A descrição da natureza plena de grandeza e de pompa, dos costumes que lembram os tempos primitivos, tudo isso era digno de inspirar um poeta de primeira ordem. É de prever que este acontecimento encontrará novo cantor a quem dignamente inspirará.

Não faltam méritos ao poema *Caramuru*; lamentavelmente, o estilo nem sempre corresponde à concepção. Apresento alguns trechos seus, pois vale a pena conhecer os começos de um povo neste gênero. O *Caramuru* é totalmente desconhecido na Europa; nenhuma história literária o menciona, e já seria por si mesmo de alto interesse observar a cor local que o domina. Os americanos nem sempre manifestam em suas produções os efeitos da natureza que os inspirava. Antes de se libertar, parecia até almejavam esquecer a pátria para pedir à Europa uma parte de sua glória. Agora, devem fundar sua literatura, repito: ela deve ter um caráter particular.

O Brasil foi descoberto há muitos anos, mas a região pitoresca, onde Salvador foi depois construída, é desconhecida dos europeus. Uma de suas naves vaga nessas paragens; desaba a tempestade, e ela é arrastada para os recifes que bordam a costa. Perde-se logo a esperança. Alguns infelizes náufragos tentam escapar à morte, e a terra os acolhe.

Que abrigo encontrarão? Logo cerca-os uma turba imensa; este povo selvagem, no seu espanto, crê que o mar lhe envia monstros de uma nova espécie; sua cor, sua barba, seus cabelos, tudo era para ele motivo de surpresa.

Os desventurados europeus caem prisioneiros de uma tribo americana. Os temíveis tupinambás, que estendem seus domínios por toda a costa, reservam-nos a sangrentos festins. Tal é a sua sorte: em seus navios, seriam deuses; jogados pela tempestade em uma praia inhóspita, são menos que homens.

Não se deve acreditar, porém, que tais povos tivessem o instinto da ferocidade. A antropofagia era entre eles uma prática monstruosa, a que se submetiam sem protesto, destinando a ela as pessoas caídas em seu poder.

360 A natureza prodigalizou-lhes todos os seus bens; e, por inconcebível extravagância, reuniam a inocência das idades primitivas a uma ferocidade inconcebível pela civilização mais corrompida. Mas o poeta talvez exagere ao representá-los, devorando de imediato as vítimas que apanhavam ou que o mar jogava na praia. Essas cenas terríveis eram habituais em horrendas cerimônias, preparadas com muita antecedência. Durão mostra-os a seguir cobrindo-se às pressas com seus vestimentos de plumas e oferecendo aos sete náufragos, que decidiram poupar, abundante alimento. Uma caverna serve de refúgio àqueles europeus, que podem, contudo, percorrer a praia.

É então que o desventurado Diogo Correia, o herói do poema, sente voltar a coragem; entre os destroços do navio, vê um mosquete, cujo uso os bárbaros ignoram. Apossa-se dele e finge que sua fraqueza o obriga a empregá-lo como apoio. Sofria; sua palidez atesta seus males, essa fraqueza o salva; reservam-no para outros festins. Seus infelizes compatriotas devem sucumbir diante dele, em meio a festas terríveis. Porém, um dia, enquanto aguardam seu triste destino, um deles procura suavizar seus sofrimentos com cantos plenos de doçura. O jovem Fernando recolhera uma cítara na praia e celebra

os milagres do cristianismo, nascente naquelas regiões selvagens. Fala, e seus companheiros o escutam. Narra as maravilhas que se divisam do alto de um rochedo solitário da costa.

Ao tempo do descobrimento, um religioso veio ao encontro dessas nações. Deus revelou seus preceitos a um dos chefes, velho e cego, que compreende os discursos do piedoso missionário e deseja tornar-se cristão; recebe o batismo e morre. Mas Deus, do alto do seu poder, transforma-o em estátua, revestida de todos os atributos do guerreiro selvagem. Coloca-a sobre uma rocha solitária, batida sem cessar pelas ondas; esse monumento indestrutível do poder da Providência domina as terras dos arredores, servindo de exemplo aos povos vizinhos e provando ao ambicioso europeu que a voz do céu fora ouvida no Novo Mundo.

Essa imagem tem grandeza, mas é lastimável que o estilo nem sempre corresponda à impressão que deve despertar.

Fernando se cala. Um bárbaro se apossa do instrumento, mas provoca a alegria dos europeus, que passam das lágrimas ao riso. Aproxima-se, porém, o termo fatal; preparam-se as fogueiras, os cristãos serão imolados. No momento em que começa o sacrifício, o jovem Fernando invoca o céu; chega o valente Sergipe, inimigo de Gupeva, chefe da tribo. Os guerreiros se defendem, e os cristãos conseguem escapar, embrenhando-se no ermo.

Apenas Diogo permaneceu em poder dos bárbaros, e o poeta representa-o, no canto segundo, em sua caverna, à espera da morte. Enfrenta resolutamente o sacrifício, mas quer vingar-se. Sai, veste uma armadura brilhante, salva do naufrágio, e logo vê descer da colina a turba que Sergipe vencera. A couraça fulgente amedronta Gupeva, que cai quase desmaiado aos pés do seu prisioneiro, que o ergue do chão e socorre-o:

Se dalém das montanhas cá te envia
O grão-Tupá⁷⁸¹ (lhe diz) que em nuvem negra

Escurece com sombra o claro dia,
E manda o claro sol, que o mundo alegra;
Se vens donde o sol dorme, e se à Bahia
De alguma nova lei trazes a regra;
Acharás, se gostares, na cabana,
Mulheres, caça, peixe e carne humana.⁷⁸²

Diogo se transforma em motivo de pavor e admiração para todo esse povo. Conduz um magote de tupinambás à gruta; mostra-lhes as maravilhas que salvara do naufrágio. O espanto dos selvagens é muito bem descrito. À medida em que seu poder cresce, busca fazer-lhes compreender a moral dos povos civilizados.

362 Não conheciam, porém, todo o seu poder, revelado de modo assombroso. Um dia, estando a tribo a caçar, Diogo usa a arma terrível encontrada na praia. O tiro explode, e a horda, presa de terror, crê que o vira armado do raio. Nomeia-o Caramuru, porque vê nele o filho do trovão. Diogo poderia ter-se feito adorar, mas não deseja abusar da simplicidade selvagem e confessa que é apenas um escravo de Deus, a quem devemos temer.

Assim, pois, arremessado àquelas praias incultas, mas salvo por sua coragem, o jovem europeu não mais teme a morte. Imagem de um deus, tem um poder sobrenatural aos olhos dos tupinambás; sua presença infunde respeito. É bem diverso o sentimento que desperta na filha de um dos chefes dessa região. Paraguaçu recusou as homenagens dos que a rodeiam: ama Diogo, e é amada. Sabia a língua dos europeus, porque conhecera estrangeiros durante longa viagem às terras do Sul, onde eles já se haviam estabelecido. Presta inestimáveis serviços a Diogo: exprime todos seus pensamentos; transmite-lhe os do chefe que comanda essas nações.

Diogo deseja espalhar as luzes da religião entre os selvagens; mas, antes, precisa conhecer suas crenças, e Gupeva lhe explica as antigas tradições dos povos da região, em longa fala que ocupa o terceiro canto. Durão nem sempre consultou fontes muito exatas,

ou antes o zelo religioso busca nas crenças dessas tribos revelações que outrora lhes teriam sido feitas. Chega a transportar um apóstolo ao Novo Mundo e conta os seus milagres.

Enquanto isso, a bela Paraguaçu não tarda a inspirar violenta paixão em Jararaca, o terror das nações, um dos chefes mais poderosos da região. Estala a guerra pela posse da bela selvagem. Logo defrontam-se os dois exércitos. O poeta passa em revista as diversas famílias indígenas que ali existiam antes da conquista: ora são os caetés, desfigurados por horríveis cicatrizes; ora os temíveis margates de rosto pintado de negro:

Cupaíba, que empunha a feral maça,
 Guia o bruto Esquadrão da crua Gente;
 Cupaíba, que os míseros que abraça,
 Devora vivos na batalha ardente:
 À roda do pescoço um fio enlaça,
 Onde, de quantos come, enfia um dente;
 Cordão, que em tantas voltas traz cingido,
 Que é já mais que cordão longo vestido.

363

.....
 Sambambaia outra turma conduzia,
 Que as aves no frechar tão certa vexa,
 Que nem voando pela etérea via
 Lhe erravam tiro da volante frecha:
 Era de pluma o manto, que o cobria;
 De pluma um cinto, que ao redor se fecha;
 E até grudando as plumas pela cara,
 Nova espécie de monstro excogitara.

Seguem-no dez mil Maques, Gente dura,
 Que em cultivar mandioca exercitada,
 Não menos útil é na agricultura,
 Que valente em batalhas com a espada:
 Tomaram estes, como própria cura,
 De víveres prover a Gente armada;

Quais torravam o Aipi; quem mandiocas;
Outros na cinza as cândidas pipocas.

O bom Sergipe aos mais confederado
Consigo conduzia os Petiguares;
Que havendo pouco dantes triunfado,
Têm do dente inimigo amplos colares:
Seguem seu nome em guerras decantado
De Gentes valerosas dez milhares,
Que do férreo madeiro usando o estoque,
Disparavam com balas o bodoque.⁷⁸³

Nem tu faltaste ali, grão-Pecicava,
Guiando o Carijó das áureas terras;
Tu que as folhetas do ouro, que te ornava,
Nas margens do teu rio desenterras:

.....
Muitos destes é fama que traziam
Desde alto cerro, que habitavam dantes,
Com pedras, que nos beijos embutiam
Formosos, e belíssimos diamantes:
Outros áureos topázios lhe ingeriam;
Alguns safiras, e rubis flamantes;
Pedras, que eles desprezam, nós amamos:
Nem direi quais de nós nos enganamos.⁷⁸⁴
O feroz Sabará move animoso
Dos de Agirapiranga seis mil arcos;
Homens de peito em armas valeroso,
Que de sangue em batalhas nada parcos,
Deixaram seu terreno deleitoso,
Por matos densos, pantanosos charcos,
E ouvindo dos canhões o horrendo estouro,
Passaram desde o mar às minas do ouro.

.....
Este é o bravo Tapu.....
.....

Debaixo do seu mando em dez fileiras
 Doze mil Itatis formados iam;
 Surdos, porque habitando as cachoeiras,
 Com o grão-rumor d'água ensurdeciam:
 Pendem os seus marraques por bandeiras
 De longas hastes, que pelo ar batiam,
 Suprindo nos incônditos rumores
 O ruído dos bélicos tambores.⁷⁸⁵

.....
 Em guerreiras colunas, feroz Gente,
 Que no horror da figura assombra tudo,
 Trazem por armas uma maça ingente,
 Tendo de duro lenho um forte escudo:
 Frechas, e arco no braço armipotente;
 Nas mãos um dardo de pau-santo agudo;
 Sobre os ombros a rede, à cinta as cuias,
 Tal era a imagem dos cruéis Tapuias.⁷⁸⁶

Evitando fatigar o leitor, interrompo a longa descrição. Constatou-se como esses quadros variam e que movimento oferece o relato do combate. É verdadeiramente lastimável que falte ao Brasil um Cooper⁷⁸⁷ para dar à Europa uma ideia exata das nações cujos remanescentes vagam ainda nas florestas das capitâneas desertas.

365

O combate deve começar. O rival de Diogo exorta os índios a não temer a arma trovejante do inimigo. E lança-se no meio da luta.

A vitória cabe aos tupinambás, que se retiram para a sua aldeia. Infelizes prisioneiros devem servir de alimento no festim, segundo antigo costume. A cerimônia do massacre é fielmente descrita. Muitas vítimas sucumbirão. Em torno delas, que se acham amarradas, reúne-se a multidão:

Não sois vós (disse o bárbaro) traidores,
 Os que a matar-nos com furor viestes,
 E sem respeito aos míseros clamores,
 Os nossos tenros filhos já comestes?

Somos (disseram) nós: os teus furores
 Sem o laço, em que agora nos prendestes,
 Soubéramos domar: e assim cativo,
 A ver-me solto, te comera vivo.

Vivo, nem morto a mim me não tocaras,
 Porque se braço a braço te mediras,
 Ou imóvel de espanto em pé ficaras,
 Ou de um só golpe (diz) no chão caíras:
 Verias bem, se agora nos soltaras,
 Como logo (responde) me fugiras:
 Não queira de valente ser louvado,
 Quem pretende triunfar de um desarmado.

Esse vão pensamento melhor fora
 Que o tiveras, como eu, no campo, bravo;
 Mas tu (diz Tojucane) na mesma hora
 Te viste combatido, e foste escravo:
 Como te atreves a gloriar-te agora
 Com vil jactância, com soberbo gabo?
 A quem de resistir falta a constância,
 Não fica mais lugar para a jactância.

366

Dizendo assim na frente a espada ingente,
 Deixa o fero cair com golpe horrendo;
 Cai por terra Embiara, ainda vivente;
 Mexira morto já, porém tremendo:
 Mordeu aquele o chão com fúria ardente,
 E em cima o matador co'pé batendo:
 Morre, soberbo, diz, e serás vasto
 Para nosso troféu vingança, e pasto.⁷⁸⁸

Peço perdão ao leitor por apresentar este quadro arrepiante; embora mal escritas, as estrofes de Durão oferecem algo de *dantesco* em vista da imagem terrível que sugerem.

Pensamos que tais cenas se passam à revelia de Diogo. Renovam-se os combates, e Jararaca sucumbe. Mas, longe de aceitar a entrega dos prisioneiros caídos em seu poder, Diogo quer oferecer-lhes a liberdade, que eles desdenham. O poeta retrata um fato que assegura ter ocorrido na capitania do Maranhão. Um dos guerreiros, à espera da hora do sacrifício, é devorado pelos insetos. Ele mesmo os coloca no rosto, com a mão; Diogo deplora a sua sorte, mas um sorriso é a única resposta do selvagem.

De que te admiras tu? Que serviria
 Dar ao vil corpo condição mais branda?
 Corpo meu não é já, se anda comigo,
 Ele é corpo em verdade do inimigo.⁷⁸⁹

Durão pinta seus quadros, muito verazes, sem dúvida, mas interessantes, pelo menos para o europeu. Têm o mérito de revelar a cruel extravagância do coração humano.

Cenas menos horríveis sucedem aos festins guerreiros; Diogo é reconhecido como chefe supremo dessas regiões pelas tribos das cercanias. Paraguaçu participa desse triunfo. Orellana, que seguiu o curso do Amazonas, busca asilo no porto dominado por Diogo. Recebido de modo acolhedor, descreve uma parte de sua viagem; mas logo penetra na baía um navio francês. Inflamado pelo desejo de rever a Europa, Diogo nele embarca, com Paraguaçu. Suas outras esposas, a nado, seguem-no durante algum tempo. Uma delas suplica que a leve consigo,⁷⁹⁰ mas o navio continua a fender velozmente as águas; suas queixas não são ouvidas, e ela morre no seio das ondas.

Durão desembarca em Paris os dois viajantes, e o espanto da jovem índia é muito bem expresso. Ela é batizada. A rainha Maria de Médici serve-lhe de madrinha; e, dada a reputação do viajante, o rei deseja ouvir o relato de suas aventuras. Diogo faz uma longa descrição do Brasil, notável pela exatidão e pela observação dos pormenores. Passa em revista todas as produções daquela vasta região,

e, quando chega a falar das flores, tira bom proveito dos fenômenos mais graciosos, como se comprova:

Das flores naturais pelo ar brilhante
É com causa entre as mais rainha a Rosa,
Branca saindo a Aurora rutilante,
E ao meio-dia tinta em cor lustrosa:
Porém crescendo a chama rutilante,
É purpúrea de tarde a cor formosa;
Maravilha que a Clicie competira,
Vendo que muda a cor, quando o Sol gira.

Outra engraçada flor, que em ramos pende
(Chamam de S. João) por bela passa
Mais que quantas o prado ali compreende,
Seja na bela cor, seja na graça:
Entre a copada rama, que se estende
Em vistosa aparência a flor se enlaça,
Dando a ver por diante, e nas espaldas,
Cachos de ouro com verdes esmeraldas.⁷⁹¹

368

O poeta continua a descrever as diferentes produções do Brasil. Nomeia a cada passo os animais que dão vida às florestas, os monstros que povoam os mares, e várias vezes suas pinturas são feitas com rara felicidade.

Chegamos ao oitavo canto. A ação recomeça, mas com pouco interesse. Um tratado de comércio é celebrado com Diogo, que regressa à pátria adotiva. O navio fende as águas e já está perto do Equador. De súbito, Paraguaçu cai em êxtase místico, dando a impressão de ter morrido. Depois, levanta-se; acabara de ter uma visão, que narra. Sua voz profética anuncia a glória do Brasil e da religião que ali deve florescer. O final do canto oitavo e uma parte do nono contêm breve relato da história local. As guerras dos selvagens com os europeus são descritas com originalidade, mas o estilo

apresenta numerosos defeitos. Consagra-se o princípio do décimo canto à celebração da beleza celestial da Virgem. Conta Paraguaçu como ela lhe apareceu, brilhante de esplendor divino, cercada de anjos e de serafins. Ela ordenou à jovem americana que sua imagem, profanada por mãos bárbaras, seja recolocada em lugar consagrado.

Os viajantes avistam a baía de Salvador. Mas tudo mudou. Coutinho, um dos donatários do Brasil, assenhorou-se daqueles campos. Sua arrogância revoltou a independência selvagem que quer submeter-se ao bem, mas que resiste à opressão. É obrigado a fugir. Os espanhóis, antigos hóspedes de Diogo, e os que sob seu mando viviam tranquilos, narram estes acontecimentos. Visitando uma cabana selvagem, Paraguaçu reconhece a divina imagem que lhe aparecera durante o êxtase. A estátua da Virgem é colocada em uma capela que se ergue não longe da praia.

Os habitantes da aldeia exprimem ainda sua admiração pela santa imagem, quando se ouve um tiro de canhão. É Tomé de Souza que chega, para tomar posse da região em nome do rei de Portugal; Diogo recebe-o com solicitude. Os povos que ele governa oferecem-lhe hospitalidade, e logo se ergue poderosa cidade à beira-mar, onde alguns anos antes os desventurados navegantes não haviam encontrado abrigo. Assim termina o poema.

Os conhecedores da história do Brasil percebem que Durão não soube tirar partido da oportunidade excepcional que lhe haviam propiciado as aventuras de Diogo Álvares Correia.⁷⁹² Este chefe não permaneceu por muito tempo como brando senhor das terras cujo domínio lhe fora outorgado. Aquele a quem se havia feito em Portugal a concessão daquela parte da costa, Coutinho,⁷⁹³ perseguiu-o e acabou levando-o consigo para a capitania de Ilhéus, fazendo depois correr o boato de que havia falecido. Paraguaçu, desesperada, resolve vingar o marido e combater os opressores. Havia nesse devotamento, nesse ardor generoso de ódio e amor, matéria bastante para despertar as mais fortes impressões, e só por não compreender

devidamente tal assunto é que o autor não se propôs, como finalidade principal, destacar o heroísmo da mulher de Diogo.

Teria sido preferível, portanto, ter começado a ação do poema na época em que Coutinho invadiu as possessões dos tupinambás; o interesse seria muito mais vivo. Por outro lado, julguei-me obrigado a analisar a obra de Durão, porque, apesar de suas imperfeições, é nacional e indica muito bem para onde deve se dirigir a poesia americana.

Capítulo IV

Basílio da Gama, O Uruguai, poema épico; Quitúbia. Cardoso, Trípoli, poema latino.

Examinemos agora outro poema que goza de muita celebridade e que também se deve a um brasileiro do interior: *O Uruguai*, que provocou o ódio dos jesuítas e foi, contudo, composto por um jesuíta. A guerra das Missões é o assunto, e o autor teve por objetivo provar que os missionários tinham a intenção de consolidar seu poder no Novo Mundo e estabelecer aí uma teocracia independente, impondo aos índios despótico jugo. O assunto, sem dúvida, era importante. Podia conter interessantes desenvolvimentos de caracteres, animada pintura das paixões destes homens de hábitos e costumes tão diversos. Mas *O Uruguai* não brilha tanto pela originalidade da concepção, como pela correção do estilo. É mais atraente pelos detalhes poéticos que pela impressão que possa causar. Nele, contudo, há hábil pintura desta parte do Novo Mundo, onde vastas planícies se estendem ao longe, onde a natureza se mostra tão uniforme em suas produções e tão forte nas previsões, cobrindo de pastagens o espaço que não reserva às florestas.

A obra provocou grande barulho ao aparecer, porque a ordem que atacava se acreditou obrigada a combatê-la, por meio de um panfleto cruel.⁷⁹⁴ À falta de outra, foi nesta fonte que colhi alguns pormenores sobre a vida do autor, tomando precauções para não admitir, como é natural, tudo o que os bons padres disseram, e limitando-me a alguns fatos que mostram quão agitada foi a vida de Basílio da Gama.

O poeta nasceu no distrito de São José, província do Rio das Mortes, no Brasil. Sua mãe confiou-o, em pequeno, a um religioso franciscano, que o levou para o Rio de Janeiro, onde aprendeu latim com os jesuítas. Terminados os estudos no colégio, foi recebido como noviço na Companhia. Admitiram-no logo na ordem, e parece que o

que viu não o convidou a verdadeiramente prezar seus novos irmãos.

Quando os missionários foram expulsos do Brasil, achava-se ele engolfado em profunda miséria, e entrou em um seminário para estudar a filosofia escolástica. Uma sátira, que lhe valeu algumas perseguições, obrigou-o a fugir. Embarcou para a Europa. De Lisboa foi para a Itália, e seu crítico sustenta que os jesuítas, tocados por sua aflição, novamente o incorporaram às suas fileiras. De volta a Portugal, afirma-se que esteve prestes a ser exilado para Angola e que se livrou da adversidade graças a seus protetores. É muito provável que devesse aos jesuítas a perseguição de que era vítima. Foi então que escreveu o poema que contrariou os antigos dominadores do Paraguai, embora não contenha nenhum acontecimento importante que não seja atualmente conhecido de todos.

372 *O Uraguai* divide-se em cinco cantos, e a ação não é complicada; mas, para bem compreender o poema, cabe rememorar o principal fato histórico da época. Em 1750,⁷⁹⁵ Portugal cedeu à Espanha a Colônia de Sacramento, mediante a cessão das sete missões do Uruguai, a serem incorporadas ao Brasil. Os jesuítas afirmaram então não ter meios de reprimir a audácia de seus catecúmenos, que se recusavam a aceitar o decreto das duas cortes, obrigando a enviar tropas contra as missões. Elas se defenderam durante largo tempo.

No primeiro canto, o poeta nos conduz ao centro do acampamento português. Fazem-se preparativos para a partida, o exército vai pôr-se em marcha sob o comando do general Andrada, que deve reuni-lo ao dos espanhóis. O poeta pinta uma revista geral em que se congregam as forças da colônia. Nomeia os oficiais que se destacaram, e as descrições animadas devem agradar aos brasileiros. Por fim, Andrada dirige-se ao comandante dos espanhóis, anunciando-lhe a firme disposição de continuar a expedição, apesar dos obstáculos que aparentemente se oponham a eles. Ele pinta as dificuldades que tivera para manter seu exército, entre enormes alagadiços, provocados pelas cheias dos rios:

As tendas levantei primeiro aos troncos,
 Depois nos altos ramos: pouco a pouco
 Fomos tomar na região do vento
 A habitação aos leves passarinhos.
 Tece o emaranhadíssimo arvoredado
 Verdes, irregulares e torcidas
 Ruas, e praças de uma, e de outra banda,
 Cruzadas de canoas. Tais podemos
 Com a mistura das luzes e das sombras
 Ver por meio de um vidro transplantados
 Ao seio de Ádria os nobres edifícios,
 E os jardins que produz outro elemento,
 E batidas do remo e navegáveis
 As ruas da marítima Veneza.⁷⁹⁶

No segundo canto, espanhóis e portugueses, reunidos, atravessam o deserto. Encontram os índios; dois de seus chefes apresentam-se diante do general português, e o primeiro, chamado Cacambo, lhe dirige longo discurso, lembrando-lhe a opressão dos europeus e suplicando-lhe que se afaste, para evitar derramamento de sangue. Diz ele:

..... Aqui não temos
 Nem altas minas, nem os caudalosos
 Rios de areias de ouro.....⁷⁹⁷

O general português responde ao jovem comandante, procurando fazê-lo compreender qual é a ambição dos religiosos, a quem sua inocência entregou tal extensão de terras férteis. Mas em vão; a guerra está decidida. Andrada cumula os dois chefes de presentes: Sepé recebe um arco e uma aljava; Cacambo, uma espada refulgente e ricas vestimentas. Dá-se o sinal de combate; pela vez primeira naquelas solidões, ressoam a trombeta guerreira e o tambor dos europeus. A vitória cabe aos portugueses, os índios abandonam suas armas, e em vão muitos de seus chefes buscam reconduzi-los ao campo de

luta. O segundo canto finaliza com a descrição do combate singular entre o governador de Montevideu e o terrível Sepé, que cai morto.

Outro espetáculo se prepara no terceiro canto; os portugueses abandonaram o local em que se travou a batalha e avançam na planície. Chegou a estação seca, e as pequenas plantas aquáticas, que a umidade fizera crescer durante a inundação dos rios, cobrem imensa extensão de terreno. O índio tem o hábito de pôr fogo nesses campos; eles queimam tanto, que o vento favorece este incêndio, e a erva renascida sob as cinzas alimenta inúmeros rebanhos. É o aspecto oferecido pelo deserto, nesse momento, que nos lembra Basílio. Em sua pátria, o poeta deve tê-lo testemunhado, e sua pintura tem grande exatidão. A noite é triste, o céu está carregado de nuvens, o vento assobia ao longo do rio. Cacambo, o herói indígena do poema, procura em vão conciliar o sono, quando o espectro de Sepé lhe aparece:

374

Foge, fuge, Cacambo. E tu descansas,
Tendo tão perto os inimigos? Torna,
Torna aos teus bosques, e nas pátrias grutas
Tua fraqueza, e desventura encobre.
Ou se acaso ainda vivem no teu peito
Os desejos de glória, ao duro passo
Resiste valeroso; ah tu, que podes!
E tu, que podes, põe a mão nos peitos
À fortuna de Europa: agora é tempo,
Que descuidados da outra parte dormem.
Envolve em fogo e fumo o campo, e paguem
O teu sangue, e o meu sangue”. Assim dizendo
Se perdeu entre as nuvens, sacudindo
Sobre as tendas no ar fumante tocha;
E assinala com chamas o caminho.
Acorda o índio valeroso, e salta
Longe da curva rede e sem demora
O arco, e as setas arrebatada, e fere

O chão com o pé: quer sobre o largo rio
Ir peito a peito a contrastar com a morte.
Tem diante dos olhos a figura
Do caro amigo, e ainda lhe escuta as vozes.
Pendura a um verde tronco as várias penas,
E o arco e as setas e a sonora aljava;
E onde mais manso e mais quieto o rio
Se estende e espraia sobre a ruiva areia,
Pensativo, e turbado entra; e com água
Já por cima do peito, as mãos e os olhos
Levanta ao céu, que ele não via, e às ondas
O corpo entrega. Já sabia entanto
A nova empresa na limosa gruta
O pátrio rio; e dando um jeito à urna,
Fez que as águas corressem mais serenas;
E o índio afortunado a praia oposta
Tocou sem ser sentido. Aqui se aparta
Da margem guarneçada, e mansamente
Pelo silêncio vai da noite escura
Buscando a parte, donde vinha o vento.
Lá, como é uso do país, roçando
Dois lenhos entre si, desperta a chama,
Que já se ateia nas ligeiras palhas,
E velozmente se propaga. Ao vento
Deixa Cacambo o resto, e foge a tempo
Da perigosa luz; porém na margem
Do rio, quando a chama abrasadora
Começa a alumiar a noite escura,
Já sentido dos guardas não se assusta,
E temerária, e venturosamente,
Fiando a vida aos animosos braços,
De um alto precipício às negras ondas
Outra vez se lançou, e foi de um salto
Ao fundo rio a visitar a areia.
Debalde gritam, e debalde às margens
Corre a gente apressada. Ele entretanto

Sacode as pernas e os nervosos braços:
 Rompe as espumas assoprando, e a um tempo
 Suspendido nas mãos, voltando o rosto,
 Via nas águas trêmulas a imagem
 Do arrebatado incêndio, e se alegrava.⁷⁹⁸

Logo o fogo se propaga, cercando todo o campo, e o exército não escaparia ao perigo se o general não tivesse ordenado que se abrisse, por meio da água, largo caminho para isolar as tendas do incêndio.

376 Sem dúvida, o autor não tirou dessa circunstância todo o partido possível; mas à pintura da intrepidez selvagem e da astúcia de Cacambo não falta originalidade. Por fim, esse guerreiro, vencido pelos europeus, decide retornar à sua pátria, para os braços de Lindoia, a quem deverá unir-se. O padre Balda, chefe da aldeia, decidiu que ele não a reveria, pois deve morrer em segredo, envenenado. Cacambo é jogado em um cárcere; mas sua amada não quer que ele a aguarde nos reinos escuros. Antes de se matar, porém, consulta uma índia a quem a magia revelou os maiores segredos. Esta espécie de sibila americana enche um copo de água límpida, pronuncia palavras misteriosas, e logo os acontecimentos futuros pintam-se ante os olhos de Lindoia. Primeiro, vê Lisboa destruída; a poderosa cidade não apresentava senão ruínas, ainda devoradas pelo incêndio. O poeta continua sua pintura, e sob o véu da alegoria mostra em seguida os jesuítas expulsos por Pombal; acompanha-os a Hipocrisia, filha da Ambição. Logo o copo oferece outra cena: de um lado, a fidelidade portuguesa manchada de sangue; do outro, o fanatismo segura um punhal. Assim o poeta evoca o atentado cometido contra a pessoa do rei.

Um derradeiro espetáculo se oferece a Lindoia: a destruição do império dos jesuítas, e sua queda vinga a morte de Cacambo.

No quarto canto, o poeta mostra a expedição dos portugueses, continuando a avançar sobre o território das missões. Transporta-nos

igualmente ao meio do campo indígena; os chefes das diferentes tribos misturam-se aos chefes jesuítas. Ora aparece Caitutu, irmão de Lindoia, que dirige uma tropa de hábeis flecheiros; ora o temível Tatu-Guaçu, à frente de seus guerreiros recobertos de couraça de peles; ao lado desses chefes, mostra-se o orgulhoso Patusca, jesuíta de enorme corpulência, cuja indulgência moral sofre em paz as delícias desta vida. Preparam-se para marchar contra o inimigo; mas, antes do combate, Caitutu deseja rever a irmã. Penetra em um antigo bosque, e lá, perto de uma fonte cercada de flores, um corpo, o de Lindoia, está estendido. A desventurada já não vive, buscou a morte, fazendo-se picar por uma serpente. Treme o índio, diante do que vê, e com aguda seta fere o monstro; mas em vão, não pode restituir a vida à amada de Cacambo. A notícia de seu trespassse voa pelo acampamento indígena. Decide-se que o corpo não receberá as honras da sepultura e será exposto às injúrias das bestas ferozes. Prepara-se castigo mais terrível para a feiticeira que a tinha induzido a matar-se, quando se ouve um grito, que sinaliza a chegada dos portugueses. Fogem todos desordenadamente, mas lançam fogo às principais construções, e o general encontra apenas ruínas fumegantes.

No canto quinto, os portugueses se apossam do principal estabelecimento dos jesuítas. O poeta descreve as pinturas que decoram os edifícios; elas lembram os crimes dos jesuítas, perpetuados na história. Ali se vê também a liberdade americana dobrada ao peso de grilhões, sem ânimo para levantar os olhos. Neste ponto, interrompe-se a descrição, o general ordenou que se ocupem as salas. Novo espetáculo atrai seus olhares: os padres, carregados das melhores provisões, preparam-se para fugir. Os soldados cercam-nos, mas Andrada reprime a licença militar, e rende graças ao céu pela vitória.

Esta breve análise expõe o encaminhamento de *O Uruguai*. Não é sem razão, como se vê, que os jesuítas detestam esse poema, pois torna-os ridículos, ao mesmo tempo em que desvela os ambi-

ciosos planos que tentaram impor. Lamenta-se profundamente que o autor não tenha traçado um quadro mais completo do interior das missões e que uma pintura fiel não nos tenha iniciado mais profundamente no grande mistério dessa civilização espontânea, que assombrou, com justa razão, o mundo antigo, e que se extinguiu tão rapidamente quanto se desenvolvera. Basílio da Gama não é menos poeta hábil e homem corajoso. A obra foi reimpressa no Rio de Janeiro;⁷⁹⁹ é prova de que os jesuítas não conservaram sua autoridade, que ninguém mais pretende conceder-lhes.

Basílio da Gama é autor de outro poema, intitulado *Quitúbia*, nome de um chefe negro, que muito ajudou os portugueses durante a guerra na região de Angola.

378 O Brasil possui outra obra notável cujo cenário é africano. Trata-se do poema *Tripoli*, escrito em latim por Francisco Cardoso,⁸⁰⁰ autor nascido na Bahia, onde foi professor. Esta obra pareceu merecer de Bocage as honras da tradução, feita de modo bastante satisfatório, com uma rapidez verdadeiramente incrível. Não pude encontrá-la, e sinto não examiná-la brevemente.

Essas diferentes obras indicam algo que sem dúvida não terá escapado ao leitor: a poesia no Brasil parece dirigir-se a novos rumos. Extraí seus assuntos de uma natureza que não lhe é desconhecida, e essa tendência dos espíritos faz prever resultados favoráveis.

Capítulo V

Marília, cantos elegíacos de Tomás Antônio Gonzaga⁸⁰¹ – Metamorfoses do Brasil, de Dinis da Cruz, Caldas, Alvarenga; Poesias de M. B*, etc.**

O amor infeliz produziu poetas célebres em todas as partes, e a mais tocante das paixões, após inspirar cantos de dor, faz com que sejam repetidos por todos aqueles para quem pintam uma realidade funesta. Em geral, não é entre uma sociedade corrompida pelos erros da civilização que se devem buscar estes poetas, que sempre influenciaram nossas lembranças. Consiste seu maior mérito a expressão de inalterável constância; a pintura de sua desdita enobrece a alma por sua energia, ao mesmo tempo em que a toca por sua simplicidade. Em nossas cidades, os imitadores, que muitas vezes sentiram pela metade o amor, como sentem pela metade a poesia, causam profundo desgosto com seus cantos, em que se pintam males imaginários. Desprezam os que brotam da alma, e, por isso, preferimos enternecer-nos com as antigas tradições poéticas, cujas pinturas não são nenhuma quimera.

A América, brilhantemente jovem nas instituições políticas, bem como na literatura, disporá desses poetas de inspiração primitiva, que encantam todas as nações. Desde agora, os férteis campos de Vila Rica ressoam os cantos elegíacos que escaparam da musa harmoniosa de Gonzaga. Passaram-se apenas poucos anos, e são eles continuamente recitados naquelas cidades novas, assim como na velha Europa se repetem os lamentos de Abelardo.

Para bem compreender os poemas de Gonzaga, cabe conhecer sua vida, em que um pensamento mescla-se a todos os outros: o amor, tão verdadeiro quanto inalterável. O poeta de Vila Rica ocupava um posto importante na magistratura; amava apaixonadamente uma jovem pertencente a uma das principais famílias da região, quando se viu envolvido, com três amigos, em suposta cons-

piração, forjada sem dúvida para prejudicar algumas personagens influentes de Minas Gerais e arrebatar suas riquezas. Em vez de se unir a Marília e ocupar o emprego honroso que lhe fora designado, o desventurado Gonzaga viu-se metido em uma masmorra, e de lá transportado para as costas da África, onde morreu muito tempo depois. No início, Marília não quis aceitar nenhuma proposta de casamento, mas, vencida por solicitações de família, acabou por contrair matrimônio.⁸⁰²

380 As obras de Gonzaga dividem-se em dois livros, e o segundo oferece maior interesse. O autor escreveu-o para enganar os desgostos do cativo; transmite a impressão que sempre deixa a narrativa de um infortúnio verdadeiro. Os poemas de Gonzaga distinguem-se, sobretudo, pela ingenuidade, a graça da expressão e o encanto associado aos lamentos sinceros de um coração enamorado. Recrimina-se em Gonzaga o contínuo emprego de imagens extraídas da mitologia e das formas da poesia pastoral difundidas por Fontenelle: nada disso convém a um poeta brasileiro, habitante de uma região onde a natureza mais ostenta esplendor e majestade. Seja como for, Gonzaga é um poeta nacional; seus cantos, reproduzidos por toda a parte, animam as solidões mais remotas do Brasil. Merecem ser conhecidos, tendo sido traduzidos em francês, com muito encanto e elegância, por Monglave e P. Chalas.⁸⁰³ Monglave ouviu os poemas nos locais onde residiu Marília, e deve-se a ele detalhes preciosos sobre o poeta. Reproduzo dois trechos dessa tradução,⁸⁰⁴ que introduzem Gonzaga, o qual tomou o nome de Dirceu. Fora recolhido, desde algum tempo antes, à prisão no Rio de Janeiro, e lamenta seus infortúnios:

Minha Marília,
o passarinho,
a quem roubaram
ovos e ninho,
mil vezes pousa

no seu raminho;
piando finge
que anda a chorar.

Mas logo voa
pela espessura,
nem mais procura
este lugar.

Se acaso a vaca
perde a vitela,
também nos mostra
que se desvela:
o pasto deixa,
muge por ela,
até na estrada
a vem buscar.

Em poucos dias,
ao que parece,
dela se esquece
e vai pastar.

O voraz tempo,
que o ferro come,
que aos mesmos reinos
devora o nome,
também, Marília,
também consome
dentro do peito
qualquer pesar.

Ah! só não pode
ao meu tormento
por um momento
alívio dar!
Também, ó bela,

não há quem viva
instantes breves
na chama ativa;
derrete ao bronze,
sendo excessiva,
ao mesmo seixo
faz estalar.

Mas do amianto
a febra dura
na chama atura
sem se queimar.
Também, Marília,
não há quem negue
que, bem que o fogo
nos óleos pegue,
que, bem que em línguas
às nuvens chegue,
à força da água
se há de apagar.

382

Se a negra pedra
nós acendemos,
com água a vemos
mais se inflamar.
O meu discurso,
Marília, é reto;
a pena iguala
ao meu afeto;
o amor, que nutro
ao teu aspecto
e ao teu semblante,
é singular.

Ah! nem o tempo,
nem ainda a morte

a dor tão forte
pode acabar!

Já mencionei que os amigos de Gonzaga partilharam de sua triste sorte, entre os quais se achava Cláudio Manuel da Costa,⁸⁰⁵ um dos escritores mais notáveis que viveram no Brasil. O infeliz foi encontrado estrangulado na masmorra, e nem todos consideraram suicídio a essa morte cruel.

Suas poesias gozam de justa celebridade. Percebe-se que estudou sobretudo os italianos; mas talvez se tenha tornado demasiado europeu nas imagens. Parece desdenhar a bela natureza que o rodeia; suas élogas parecem submetidas às formas poéticas impostas pelos séculos anteriores, como se os habitantes dos campos do Novo Mundo devessem reencontrar imagens iguais às anteriormente oferecidas. Tal é, porém, a poesia de convenção: a observação não lhe faz falta, por isso inventa amiúde, quando não dirigida por genuína inspiração. Eis aqui gracioso trecho, que fará conhecida a maneira de Costa:

383

Não vejas, Nise amada,
A tua gentileza
No cristal dessa fonte. Ela te engana;
Pois retrata o suave,
E encobre o rigoroso. Os olhos belos
Volta, volta ao meu peito:
Verás, tirana, em mil pedaços feito
Gemer um coração: verás uma alma
Ansiosa suspirar: verás um rosto
Cheio de pena, cheio de desgosto.
Observa bem, contempla
Toda a mísera estampa. Retratada
Em uma cópia viva
Verás distinta e pura,
Nise cruel, a tua formosura.

Não te engane, é bela Nise,
 O cristal da fonte amena:
 Que essa fonte é muito serena,
 É muito brando esse cristal.
 Se assim como vês teu rosto
 Viras, Nise, os seus efeitos,
 Pode ser que em nossos peitos
 O tormento fosse igual.⁸⁰⁶

Em Costa, percebe-se quase sempre o estudo dos italianos, sobretudo o de Petrarca.

384 Embora Dinis da Cruz e Silva não tenha nascido na América, situo-o aqui, entre os poetas que honram o parnaso brasileiro. A natureza do Novo Mundo inspirou-lhe formosos trechos, conhecidos sob o nome de *Metamorfoses do Brasil*. Graças à sua brilhante imaginação, as mais graciosas ou deslumbrantes produções da América meridional lhe sugeriram bem realizadas alusões, valiosas para a poesia. Viajando por esses climas, desejou caminhar sobre os passos de Ovídio; mas não seguiu seu modelo no que concerne às ficções mitológicas. O diamante e o topázio, a tejuca, a clícia, ou rosa dos bosques, forneceram-lhe ficções encantadoras. Esta flor, tão bem descrita por Durão, que muda de cor com as horas do dia, prestava-se principalmente a criativas ideações. Uma jovem habitante das florestas vê partir o guerreiro a quem ama: a paixão da luta o arrasta, mas logo deverá voltar, e a glória será a recompensa do sacrifício que se impôs. Prolonga-se a guerra; a jovem índia não resiste às agruras da separação e quer matar-se: o céu a transforma em rosa silvestre. Guaçu em seguida retorna triunfante à aldeia, sendo informado da morte da amada. Mostram-lhe a encantadora planta que viceja à beira da praia; ele banha as flores com suas lágrimas. O amor ardente que o abrasa transmite-se à clícia: laivos encarnados animam as pétalas, e diariamente o guerreiro vem contemplar esse milagre, que renova sua ternura.

Entre as produções notáveis do período, incluem-se as obras poéticas de Sousa Caldas, o poeta que traduziu os *Salmos*. Na versão dos cantos sagrados, há nobreza de expressão, um encanto de estilo reveladores de que Sousa Caldas não é apenas hábil tradutor, mas também poeta original, o que ele de imediato confirma. Seus poemas sacros têm um ímpeto de entusiasmo e grandeza que estimula o pensamento na direção das ideias mais sublimes. Acertadamente, Garção Stockler arrola a ode segunda, à religião, entre as produções mais belas da poesia portuguesa. Os trechos intitulados poemas profanos denotam ainda o mais nobre talento; mas o autor se mostra menos à vontade. Por sua vez, *Ode ao homem selvagem* pode comparar-se, poeticamente, aos mais belos hinos sacros daquele autor.

Uma ideia satisfatória levou-o a compor o pequeno poema sobre as aves, que se encontra no fim do volume.⁸⁰⁷ Nessa produção cheia de encanto, Caldas lamenta tudo o que a incultura degradava em sua bela pátria; nos dias de hoje, teria celebrado com enternecida alegria os seus progressos.

385

Devem-se as notas da coletânea a Garção Stokler, que a precedeu de excelente texto sobre a poesia hebraica.

Acha-se muito difundido no Brasil o gosto do teatro; encontram-se salas de espetáculo em todas as cidades importantes. É preciso convir, todavia, que a arte dramática apenas engatinha, mesmo no Rio de Janeiro. Entre os atores dos diferentes teatros, sobressaem muitos homens de cor, que se fazem notar, em geral, pela vivacidade de seu desempenho, pela expressão de seus gestos e de seus movimentos. São, por natureza, excelentes mímicos; a arte fará com que assimilem os recursos da declamação. Mas, nesse belo país, que se crê ainda obrigado a solicitar à Europa a maior parte de seus usos, várias vezes se observa que a comédia não é bastante nacional e que os costumes do mundo antigo são evocados de maneira extravagante, para que ela seja exata. Os brasileiros terão verdadeiramente seu teatro quando dispuserem de autores nacionais; perceberão então o

que pode ser a verdade de uma representação dramática. Até agora, possuem apenas ideias muito imperfeitas sobre esse gênero. Acontece também de a montagem de muitas tragédias ser de tal modo singular, que facilmente se presta ao ridículo. Mas, dentro em pouco, poderá operar-se radical mudança nesse gênero, graças a alguns homens de gosto e mediante certos estímulos. Sabe-se muito bem que, melhorando a agricultura e as finanças, uma nação vê logo melhorar a situação das belas-artes. No Brasil, como em todos os países da América meridional, só se podem ter, até o momento, esperanças: elas existem e serão alcançadas.

Na maior parte dos vilarejos próximos das grandes cidades, representam-se ainda, com grandes pompas, autos sacros.

386 Não recebi as obras recentemente impressas no Brasil, e lamento não me ocupar delas; entretanto, um baiano acaba de publicar em Paris, sob o véu do anonimato, uma coletânea de poesias que li com muito interesse.⁸⁰⁸ Vê-se que M. B. foi amigo de Francisco Manuel; seu estilo é harmonioso, elegante e puro. É agradável acompanhar o poeta viajante pelos diferentes lugares que percorre, buscando nas musas consolo para as agitações de uma vida errante. Agrada sobretudo ouvi-lo falar de sua bela pátria; e o quadro da vida sossegada saboreada às margens do Jacuípe é pleno de encantos. Ao expressar a afeição do senhor pelo desventurado submetido à escravidão, deseja-se de que todos compreendam esse apelo à humanidade. As poesias de M. B. são em grande parte conhecidas no Brasil, e alguns de seus romances, cheios de doçura e melancolia, são continuamente repetidos nas cidades e no campo. “Josino e Marília”, “Minha lira malfadada” e tantos outros, cantados sem cessar, atestam a estima dos compatriotas pelo autor, considerado, com justa razão, como um de seus primeiros poetas. M. B., nas odes e nas epístolas, mostra que pode dedicar-se ao gênero mais elevado. Deveria entregar-se especialmente à pintura destas regiões estranhas, tão interessantes para os europeus: é isso talvez o que lamentavelmente falta muitas vezes na sua coletânea.

Capítulo VI

Do gosto dos brasileiros pela música.

Conquanto o Brasil ainda não tenha dado músicos célebres à América, penso que é, talvez, de todas as regiões do Novo Mundo, a que está destinada a produzi-los em maior número. A música é cultivada em todas as situações, ou antes, faz parte da existência do povo, que torna agradáveis, cantando, os seus lazes, e chega a esquecer as preocupações inerentes a um trabalho penoso todas as vezes em que ouve ligeiros acordes de guitarra ou de bandolim. Ao passo que a música de Rossini⁸⁰⁹ é admirada nos salões, porque cantada com uma expressão que nem sempre se encontra na Europa, modestos artesãos percorrem de noite as ruas, cantando tocantes *modinhas*,⁸¹⁰ impossíveis de escutar sem se enternecer. São quase sempre preferidas para pintar os devaneios do amor, seus sofrimentos ou esperanças. As palavras são simples, os acordes repetidos de maneira muito monótona; mas às vezes há tal encanto na sua melodia, e também tanta originalidade, que o europeu recém-chegado não pode deixar de escutá-las, e compreende a indolência melancólica desses bons cidadãos que escutam durante horas inteiras as mesmas árias.

387

É usualmente à noite que começam esses concertos improvisados; então, sons fugitivos misturam-se, aproximam-se, afastam-se, demonstrando que todos se entregam ao mesmo prazer. Muitas vezes grupos numerosos de jovens combinam os sons do bandolim aos da flauta; seus acordes em geral são pouco variados, mas sempre adequados; e essas árias simples, tão docemente recitadas, enchem de melancolia singular, sobretudo durante uma bela noite tropical.

Até o momento, é vão procurar perfeição musical entre os brasileiros; pode-se dizer, contudo, que quase não se realizam cerimônias importantes sem a celebração de missa, com acompanhamento de orquestra, e em quase todas as festas íntimas renovam-se os concertos. A música é uma necessidade, apetece-na constan-

temente, e escutam-na mesmo quando imperfeita. Onde existe semelhante gosto, grandes músicos deverão nascer, e não faltam senão encorajamentos governamentais para encontrar-se no Novo Mundo um Mozart,⁸¹¹ um Paesiello,⁸¹² um Cimarosa.⁸¹³ Na sociedade, os pianos se multiplicam, embora não sejam ainda fabricados no país. Há cinco ou seis anos, era raro uma harpa no Rio de Janeiro ou em Salvador, ainda que esse instrumento seja muito difundido em outras partes da América meridional.

Há no Rio de Janeiro uma ópera, e da mesma vantagem desfruta Salvador. Os cantores, como se imagina, estão longe de igualar os da Europa. Contudo, melhorarão com o tempo: não lhes faltam senão os modelos existentes nos lugares onde os esforços da arte se multiplicam e concorrem para um aperfeiçoamento desconhecido em qualquer outra parte, mesmo que aí exista inclinação natural.⁸¹⁴

388 A antiga capela real do Rio de Janeiro oferece excelentes modelos a imitar. O célebre Portugal⁸¹⁵ ali regeu numerosa orquestra, e dir-se-ia que fôramos transportados ao ambiente da harmoniosa Itália.

Dentre as belas-artes, a música é, pois, aquela para a qual os brasileiros mais se sentem atraídos. Não ocultemos, porém, que a estada dos artistas franceses chamados ao Rio de Janeiro exerceu afortunada influência nessa capital. Taunay,⁸¹⁶ Pradier,⁸¹⁷ Grandjean⁸¹⁸ mostraram o caminho que a pintura e a arquitetura deve seguir para chegar a florescente estado. Todos conhecem os belos quadros de Taunay. Há pouco tempo, no Panorama, foram admirados os trabalhos de seus filhos, expostos juntamente com os de Ronmy;⁸¹⁹ Pradier expôs trabalhos de gravura. Entre os muitos prédios que enriquecem o Rio de Janeiro, graças a Grandjean, distingue-se um teatro de efeito notável. É uma felicidade para os franceses terem trazido aos brasileiros o primeiro estímulo para o gosto das belas-artes.

Capítulo VII

Oradores e historiadores brasileiros. Manuel de Moraes, Rocha Pitta, Azeredo.

Considerados os poucos recursos de que outrora dispunham os brasileiros para cultivar as letras, surpreende o número de homens eminentes que houve entre eles, nos séculos XVII e XVIII, à parte os poetas e os historiadores. Citarei alguns. Ângelo dos Reis,⁸²⁰ nascido no interior da capitania da Bahia, tornou-se um dos mais célebres alunos de Vieira e morreu em 1723, quando percorria o interior como missionário.

Ruperto de Jesus,⁸²¹ nascido no povoado de Iguarassu, na capitania de Pernambuco, em 1644, professou no Rio de Janeiro e tornou-se um dos maiores pregadores do seu tempo; faleceu na Bahia, em 1708. Jacob de Andrade Velosino,⁸²² nascido no Pernambuco, da mesma província, mudou para Amsterdã, onde exerceu a medicina com o maior êxito; publicou obras controversas. Incluo entre os homens célebres um autor que veio à luz na América, mas longe destas terras; é o famoso Antônio de León,⁸²³ nascido no Peru, por volta de 1650, de pais portugueses. Publicou grande número de obras, entre os quais se salienta *Epítome da biblioteca oriental e ocidental*. Eusébio de Matos,⁸²⁴ falecido em 1692, e Lourenço Ribeiro,⁸²⁵ de Cotegipe, destacaram-se no púlpito e deixaram apreciados escritos.

Poderia citar numerosos autores nascidos no Brasil voltados à história desse belo país. Mas, sempre restrito ao quadro que tracei, será difícil apresentá-los, ainda que brevemente. Além de intrépidos viajantes, os brasileiros foram interessantes historiadores. Infelizmente, como suas biografias o atestam, nem todos seus relatos vieram a lume, e sem dúvida os amigos da literatura devem lamentar vivamente a interrupção de um trabalho que deveria exibir detalhes interessantes sobre a Ásia, a África e o Novo Mundo.

O primeiro volume dessa coleção foi impresso em 1795,⁸²⁶ mas não chegou a aparecer, e provavelmente uma quantidade de interessantes memórias, compostas por brasileiros, não puderam vir a lume. Seria obra digna do governo dar continuidade a essas antigas pesquisas e furtar à poeira das bibliotecas os documentos ali amontoados.

Considera-se Manuel de Moraes,⁸²⁷ nascido em São Paulo, no século XVI, o mais antigo historiador do Brasil. Foi jesuíta, mas logo abandonou a ordem; escreveu uma história da América, da qual Jean de Laet⁸²⁸ se utilizou para extrair matéria da maior importância.

Mas o homem mais notável, por sua importância e número de seus documentos, é inquestionavelmente Rocha Pitta. Nasceu na Bahia em 1660 e morreu em 1738. Sua obra, intitulada *História da América Portuguesa*, encerra grande quantidade de detalhes sobre o Brasil, desconhecidos por Barlaeus⁸²⁹ e Pison,⁸³⁰ mas é necessário lê-lo com alguma reserva, porque admite certos fatos maravilhosos que sua viva imaginação e o espírito da época o induziram a aceitar como dignos de inteira fé. É ele, sem a menor dúvida, quem fornece os mais valiosos pormenores sobre o império de negros independentes, formado no interior do Brasil sob o nome de Palmares. Dumouriez, na sua viagem, parece-me tratar esse historiador com excessiva severidade.⁸³¹

Autor bem mais moderno, Azeredo Coutinho, bispo de Pernambuco, prelado estimado por seus trabalhos literários e por sua conduta privada, brilhou em uma capitania fecunda em acontecimentos históricos, mas contentou-se em relatar a história do comércio, conferindo sumária atenção à sorte dos índios. Elaborou um ensaio político sobre o comércio de Portugal, do qual exigiríamos pormenores mais circunstanciados, mas que encerra visões filosóficas sobre certas tribos indígenas. Azeredo bem compreendeu o gênio particular do americano, quando afirma:

O índio selvagem criado sempre no meio de uma liberdade absoluta, sem mais necessidade do que aquelas que ele em poucas

horas satisfaz com o seu braço, educado sem alguma dependência uns dos outros, e que por isso se tratam todos de igual a igual, não se acomoda tão de repente com as ideias de obedecer seu semelhante, e este não tem mesmo a coragem de o mandar.^{832 833}

Existem muitas outras obras históricas publicadas por brasileiros, mas não chegaram ao meu conhecimento, ou o lugar em que nasceram seus autores não é suficientemente conhecido para que devamos incluí-los aqui.

Digamos uma palavra sobre as publicações periódicas que se imprimem no Brasil. Deve-se compreender quanto esse ramo da literatura pode influir em um império nascente, onde as distâncias são tão difíceis de vencer, e onde se faz cada dia mais indispensável divulgar o que se passa nas principais capitânias.

Desde alguns anos, cresceu o número dos jornais no Rio de Janeiro e em Salvador. Em geral, são feitos com bastante cuidado, mas ocupam-se quase exclusivamente dos eventos políticos que agitam a Europa. Seria desejável que o Brasil fosse o objeto essencial de suas reflexões. Li, contudo, artigos excelentes sobre a situação do país.

Para a literatura, e mormente para as ciências, seria desejável o estabelecimento de um jornal hebdomadário, onde se estampassem as memórias interessantes enviadas das províncias, assim como as tradições orais que diariamente fossem recolhidas. Por esse meio, não somente os produtos naturais seriam mais bem conhecidos, e o comércio se enriqueceria, mas redundaria também em se obterem informes do maior interesse sobre os povos selvagens que habitam ainda essa vasta porção da América do Sul. Os habitantes do interior vêm incessantemente ao litoral realizar suas trocas; conviria interrogá-los, e não desprezar nenhuma tradição interessante, mesmo quando não satisfaça inteiramente ao homem educado.

Assim é que me lembro de ter lido em um dos números de *Idade de Ouro*⁸³⁴ um trecho extremamente interessante sobre os selvagens do Rio Doce e os meios empregados para submetê-los.

Infelizmente, são bastante raras semelhantes narrativas, e quase só se conhece o Brasil pelos relatos publicados por estrangeiros.⁸³⁵ O estilo de alguns jornais políticos é realmente notável.

Capítulo VIII

Geografia, viagens, etc.

Os portugueses levaram para o Novo Mundo o gosto das explorações aventureiras; infelizmente, como afirmei, uma administração inquieta e desconfiada nunca permitiu a publicação dessas viagens, que se faziam continuamente ao interior, para descobrir terrenos auríferos. Tais relatos, por mais imperfeitos que fossem, teriam sido de grande utilidade para escrever a história do país. Em geral, eram enterrados nos arquivos do vice-reinado ou nas bibliotecas dos mosteiros, dificultando sua publicação. Ainda que se tenha talvez exagerado o número desses documentos, eram efetivamente preciosos; os mapas que se lhes juntaram são quase sempre bem executados. Vi muitos deles, em mãos de particulares e nas bibliotecas públicas, sendo desejável que não permanecessem apenas em manuscritos.

A Biblioteca Real de Paris possui um desses relatos originais, escrito evidentemente no próprio local e que são, muitas vezes devido à sua ingenuidade, mais úteis do que as obras em que a ciência imperfeita da época chegou a exercer influência. O manuscrito de que desejo falar intitula-se *Roteiro do Brasil*⁸³⁶ e contém sobretudo interessantes detalhes sobre as tribos indígenas. Podem-se colher ali informações gerais sobre a situação estatística do país por volta do século XVII. Há nele, também, outros interessantes informes, como raramente encontramos em narrativas de viagem. Dentre estes, citarei um fato simultaneamente extravagante e cruel, que parece ter sido peculiar à nação indígena mais considerável do Brasil. O autor do *Roteiro*, depois de longa descrição dos costumes dos tupinambás, acrescenta, ao falar da antropofagia praticada por esses povos, que eles nem sempre matavam os prisioneiros em seguida às batalhas, mas os conservavam para seus filhos os sacrificarem, época em que

trocavam de nome e herdavam a bravura do guerreiro morto. Ao lado desse horrendo costume, o autor cita outro, que refiro aqui, por indicar a veneração daqueles povos bárbaros pelos que possuíam inspirações poéticas. Esses seres privilegiados podiam andar no meio dos inimigos da sua nação, sem que ninguém ousasse fazer-lhes mal: não temiam confiar-se a qualquer uma das tribos. A eloquência e as ideias poéticas dos primeiros habitantes do Brasil serão, aliás, objeto de exame particular no livro que escrevo no momento, sobre a poesia de todos os povos selvagens.

Entre as obras de estatística surgidas no Brasil, a *Corografia brasílica*, do padre Manuel Aires de Casal,⁸³⁷ em particular, chamou a atenção dos sábios e foi verdadeiramente útil.

394 Seria desejável que esse importante trabalho oferecesse mais pormenores interessantes. A leitura só convém às pessoas exclusivamente dedicadas às pesquisas geográficas, e essas podem queixar-se de que não se tenham juntado cartas geográficas ao livro, a bem da compreensão do texto. Todavia, os serviços prestados à ciência por Manuel Aires de Casal são ainda consideráveis, e deve-se lembrar, com reconhecimento, que foi ele o primeiro a descrever, de modo menos incerto, as duas imensas províncias do Brasil designadas Pará e Mato Grosso. Esta última capitania era talvez menos conhecida do que a vasta região banhada pelo rio Amazonas, e, contudo, iguala em extensão a Germânia inteira.⁸³⁸ Não só oculta no seu âmago as mais ricas areias auríferas, as pedrarias mais preciosas, como também suas imensas florestas servem de refúgio a inúmeras tribos, das quais se conhece pouco mais que o nome.⁸³⁹

Parece que Aires de Casal procurou ter à sua disposição todos os documentos fornecidos ao governo pelos oficiais de cartório e empreendeu várias viagens para obtê-los. Lamenta-se que o autor não utilize com maior frequência suas observações pessoais e que se tenha limitado a uma árida nomenclatura de cidades e vilas, em vez de examinar as respectivas populações. Não falta ordem à sua

obra, embora haja pouco método no estilo. É fácil explicar em poucas palavras o plano a que obedece. Depois de dar, em rápida introdução, noções gerais sobre a história política e a história natural do Brasil, de passagem fala sobre os povos selvagens que ainda o habitam, onde, como na parte precedente, a documentação deixa muito a desejar; passa imediatamente à descrição especial de cada capitania, e segue esse plano até o fim. Antes de falar de cada cidade e de cada distrito, consagra artigo especial à história, à geografia geral das montanhas, dos rios e dos lagos. Em seguida, apresenta breves documentos sobre botânica, zoologia e mineralogia. Se o espaço permitisse, explicaria a maneira como o autor descreve, e ver-se-ia facilmente que não é um homem iniciado nos mistérios da ciência. Em geral, porém, não lhe falta exatidão, e tal exatidão é levada adiante pelos estrangeiros relativamente aos pormenores geográficos; quanto a isso, o autor não omite o menor edifício destinado a qualquer das inúmeras ordens religiosas do país.

De todo modo, agrada-me repetir aqui: a obra de Aires de Casal prestou eminente serviço à geografia. Dela se valeram, com proveito, muitos viajantes, como principalmente a obra de Henderson.⁸⁴⁰

395

Adriano Balbi anuncia como em vias de aparecer um trabalho da mais alta importância, com o título *Geografia estatística do Brasil*. Compõe-se de sete a oito volumes in 8º, e o autor, o abade N. N., percorreu, segundo afirma, quase todas as capitanias descritas.

O mais notável viajante nascido no Brasil morreu há poucos anos, e a publicação de suas obras ofereceria vivo interesse; nada, porém, anuncia que isto deva se realizar. Alexandre Rodrigues Ferreira⁸⁴¹ percorreu como filósofo e como naturalista as imensas províncias do Pará e do Mato Grosso, e recolheu sobre essas regiões tão pouco conhecidas pormenores de grande importância. Deve interessar muito o relato de um viajante⁸⁴² que visitou tantas tribos até agora ignoradas.

Não terminarei este capítulo sem lembrar que os brasileiros não necessitam deixar seu país para prestar ao mundo do saber os maiores serviços. Por meio deles, não só o Novo Mundo, mas a África poderão ser mais bem conhecidos. Seria mesmo desejável que o estudo de diversas línguas africanas ocupasse as pessoas cultas, que teriam, a esse respeito, as maiores facilidades. Sei que o sr. Lúcio,⁸⁴³ bibliotecário da Biblioteca Pública de Salvador, aprendeu vários idiomas, interrogando os negros e comparando suas respostas; seria sem dúvida de alto interesse para os orientalistas a publicação de seus trabalhos.

396 Quanto podem ser devedores, os naturalistas europeus, dos sábios do Brasil! Que observações importantes deve fornecer o belo Jardim Botânico, estabelecido perto do Rio de Janeiro! Lá, plantas da África e da Ásia se aclimatam imperceptivelmente, para enriquecer o Novo Mundo; e não é sem admiração que se nomeia esse lugar encantador, onde tudo suscita ideias de riqueza e de felicidade, anunciando para futuro não distante a prosperidade da agricultura.

Ser-me-ia sem dúvida agradável, após haver traçado um quadro sumário do estado da literatura no Brasil, mostrar quais são os sábios que honram esse país, mas ultrapassaria os limites impostos. Basta dizer que, graças a professores competentes, às escolas e às bibliotecas recentemente fundadas, o Brasil tem condições para alcançar notável prosperidade no estudo das ciências.

NOTAS

1 Pierre-Louis Ginguené (1748-1816) foi encarregado, à época de Napoleão Bonaparte (1769-1821), de escrever a história literária da França, contribuindo com os volumes que apareceram em 1814, 1817 e 1820. Seu trabalho mais importante, modelado a partir da obra de Girolamo Tiraboschi (1731-1794), é *Histoire littéraire d'Italie*, em 14 volumes, publicado entre 1811 e 1835, sendo os últimos redigidos por Francesco Salfi (1759-1832) e revisados por Pierre Danou (1761-1840). [RZ]

2 Friedrich Bouterwek (1765-1828) escreveu, entre 1801 e 1819, *Geschichte der Poesie und Beredsamkeit seit dem Ende des 13. Jahrhunderts (História da poesia e da eloquência desde o final do século XIII)*, sendo o quarto volume, de 1805, dedicado à literatura portuguesa. [RZ]

3 Jean-Charles-Léonard Simonde de Sismondi (1773-1842) publicou *De la littérature du Midi de l'Europe* entre 1813 e 1819, dedicando os últimos cinco capítulos à literatura portuguesa. [RZ]

4 Luís de Camões (1524?-1580?), autor de *Os Lusíadas*, de 1572, principal epopeia em língua portuguesa, celebra a expansão portuguesa, sintetizada na viagem de Vasco da Gama (c. 1460 ou 1469-1524), contornando a África e chegando à Índia, em 1498. [RZ]

5 A Vasco de Lobeira (?-1403) atribuiu-se, por muito tempo, a autoria do *Amadis de Gaula*, obra publicada na Itália por Bernardo Tasso. [RZ]

6 Bernardo Tasso (1493-1569) publicou o *l'Amadigi*, inspirado no *Amadís de Gaula*. [RZ]

7 Ignorava antes esse fato relatado por Couchu; não a indiquei no corpo da obra. [Couchu participou, ao lado de Jean François de Bastide (1724-1798), Denis-Dominique Cardonne (1720-1783), Jean-Marie-Louis Coupe (1732-1818), entre outros, da organização da *Bibliothèque Universelle des Romans*, publicação periódica que circulou entre julho de 1775 e junho de 1789, em um total de 224 volumes. – RZ].

8 Bernardim Ribeiro (1482?-1552?) foi poeta e prosador, tendo escrito *Menina e moça* (1554?), marco da narrativa em língua portuguesa. [RZ]

9 Francisco de Sá de Miranda (1481-1558), poeta e dramaturgo, introduziu o novo estilo renascentista em Portugal. [RZ]

10 Antônio Ferreira (1528-1569) é autor da tragédia *Castro*, de 1587, publicada no livro *Poemas lusitanos*, de 1598, e da comédia *O cioso*, incluída em *Comédias famosas portuguesas dos Doutores Francisco Sá de Miranda e Antônio Ferreira*, de 1622. [RZ]

- 11 Gil Vicente (1469?-1536?), dramaturgo, produziu autos religiosos, como o *Auto da barca do inferno*, e farsas cômicas, como *A farsa de Inês Pereira*. [RZ]
- 12 Diogo Bernardes (c. 1530-1595?), poeta lírico, escreveu *Várias rimas ao Bom Jesus* (1594), *Rimas várias - Flores do Lima* (1597) e o *Lima* (1596). [RZ]
- 13 Pero de Andrade Caminha (1520-1589) é autor de *Poesias*, publicadas postumamente pela Academia de Ciências de Lisboa, em 1781. [RZ]
- 14 Francisco Rodrigues Lobo (1579/1580-1621/1622), poeta e prosador, escreveu *A primavera*, *O pastor peregrino*, *O desenganado*, *O Condestabre de Portugal* e *Élogas*. [RZ]
- 15 Jerônimo Corte Real (1530?-1588) é autor de *Sucesso do segundo cerco de Diu*, de 1574, *Austríada*, redigido em castelhano, de 1578, e *Naufrágio e lastimoso sucesso da perdição de Manuel de Sousa Sepúlveda*, de 1588. [RZ]
- 16 Vasco Mouzinho de Quevedo Castelo Branco (15...-16...) escreveu o poema épico *Afonso Africano* em 1611. [RZ]
- 17 Gabriel Pereira de Castro (1571-1632) é autor do poema épico *Ulisseia*, de 1632. [RZ]
- 18 Francisco Sá de Meneses (1600?-1661/1664) escreveu a epopeia *Malaca conquistada*, em louvor de Afonso de Albuquerque (1453-1515), bem como sonetos, tragédias e sátiras. [RZ]
- 398 19 Soror Violante do Céu (1601-1693) foi poetisa, destacando-se sua habilidade de sonetista. [RZ]
- 20 Manuel de Faria e Sousa (1590-1649) notabilizou-se por seus comentários a *Os Lusíadas* e aos sonetos de Camões. Seu trabalho historiográfico distribui-se em três partes: *Europa portuguesa*, *Ásia portuguesa* e *África portuguesa*. É também autor dos poemas de *Fuente de Aganipe* o *Rimas várias* (1624). [RZ]
- 21 Francisco de Vasconcelos (1665-1723) pertenceu ao grupo de poetas que publicou a *Fênix Renascida*. [RZ]
- 22 Luís XIV (1638-1715) foi rei da França entre 1643-1715, período conhecido como o “grande século”. [RZ]
- 23 Nicolas Boileau-Despréaux (1636-1711) sistematizou na *Arte poética* as regras vigentes durante o Classicismo francês. [RZ]
- 24 Francisco Xavier de Meneses (1673-1743), quarto conde da Ericeira, militar, historiador, crítico literário e orador, traduziu a *Arte poética*, de Boileau, autor com quem se correspondia, e escreveu o poema épico *Henriqueida*, de 1741. [RZ]
- 25 Antônio José da Silva, o Judeu (1705-1739), é autor das comédias *Vida*

do grande *D. Quixote de la Mancha e do gordo Sancha Pança* (1733), *Anfitrião* (1736) e *Guerras do Alecrim e da Manjerona* (1737), entre outras. Morreu em um auto-da-fé, após julgamento do Tribunal do Santo Ofício, em Portugal. [RZ]

26 Pedro Antônio Joaquim Correia Garção (1724-1771), poeta e dramaturgo, um dos fundadores, em 1757, da Arcádia Lusitana, escreveu a *Cantata de Dido*, publicada postumamente em 1778. [RZ]

27 Antônio Dinis da Cruz e Silva (1731-1799), fundador da Arcádia Lusitana, escreveu o poema herói-cômico *O hissope*, que satiriza questões da Igreja em Portugal. [RZ]

28 Francisco Manuel do Nascimento (1734-1819), poeta arcádico e tradutor, conhecido como Filinto Elísio, publicou, em 1798, seus versos em Paris, onde se exilara. [RZ]

29 Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805) foi poeta, dramaturgo e tradutor. [RZ]

30 Frei José de Santa Rita Durão (1722-1784) é autor do poema épico *Caramura*, de 1781. [RZ]

31 José Basílio da Gama (1740-1795) é autor do poema épico *O Uruguai*, de 1769. [RZ]

32 Antônio Pereira Sousa Caldas (1762-1814) é autor de *Ode ao homem selvagem*, de 1785, *A criação*, de 1789, e *Poesias sacras e profanas*, publicadas postumamente por Francisco de Borja Garção Stockler (1759-1829), em 1820. [RZ]

33 Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) é autor das líras de *Marília de Dirceu*. [RZ]

34 Domingos Borges de Barros (1179-1855) é autor de *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras, por um baiano*, publicadas em Paris, em 1825. [RZ]

35 Fernão Lopes (138?-146?) é autor das *Crônica de D. Pedro I*, *Crônica de D. Fernando* e *Crônica de D. João I*. [RZ]

36 Gomes Eanes de Zurara (c. 1404-1473/4) é autor da *Crônica da tomada de Ceuta*, entre outras. [RZ]

37 Jerônimo Osório (1514-1580) é autor de *De Nobilitate Christiana* e *De Nobilitate Civili*, entre outras obras. [RZ]

38 João de Barros (1496-c. 1570) escreveu as *Décadas*, em que relata a expansão portuguesa. [RZ]

39 Fernão Lopes Castanheda (c. 1500-1559) escreveu a *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*, em dez volumes. [RZ]

40 Diogo do Couto (1524-1616) deu continuidade às *Décadas*, de João de Barros. [RZ]

- 41 Brás ou Afonso de Albuquerque (1500-1580?) é autor dos *Comentários de Afonso de Albuquerque*. [RZ]
- 42 Damião de Góis (1502-1574) escreveu a *Crônica do príncipe D. João e a Crônica do felicíssimo rei D. Manuel*. [RZ]
- 43 Fernão Mendes Pinto (c. 1510-1583) escreveu a *Peregrinação*, publicada postumamente em 1614. [RZ]
- 44 Frei Luís de Sousa (c. 1555-1632) escreveu *Vida de Dom Frei Bartolomeu dos Mártires*, em 1619. [RZ]
- 45 Jacinto Freire de Andrade (1597-1657) escreveu a *Vida de D. João de Castro* (1651). [RZ]
- 46 Antônio Vieira (1608-1697) destacou-se pelos sermões proferidos em Portugal e no Brasil. [RZ]
- 47 Sebastião da Rocha Pita (1160-1738) é autor da *História da América Portuguesa*, de 1730. [RZ]
- 48 José Joaquim da Cunha de Azeredo Coutinho (1742-1821) é autor do *Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias*, de 1794. [RZ]
- 49 As *Memórias de Literatura Portuguesa* foram publicadas pela Academia de Ciências de Lisboa, em oito volumes, entre 1792 e 1812. [RZ]
- 400 50 A *Biblioteca Lusitana*, de Diogo Barbosa Machado (1682-1772), foi a primeira bibliografia geral portuguesa, em quatro volumes, publicados em 1741, 1747, 1752 e 1759. [RZ]
- 51 João Soares de Brito (1611-1664) é autor do manuscrito *Theatrum lusitaniae litterarium, sive Bibliotheca Scriptorum omnium Lusitanorum*, composto em 1635, que incluía 876 autores, conforme Diogo Barbosa Machado. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1747. V. 2, p. 763-764. [RZ]
- 52 O *Dicionário da Língua Portuguesa*, de Pedro José da Fonseca (1737-1816), foi publicado pela Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1793. [RZ]
- 53 Francisco Dias Gomes (1745-1795) foi poeta e crítico literário. [RZ]
- 54 O *Mercure Étranger* ou *Annales de la Littérature Étrangère*, um periódico anual editado nos anos 1813, 1814 e 1816, dedicou-se às literaturas produzidas fora da França. [RZ]
- 55 Os *Anais das Ciências, das Artes e das Letras* foram editados pela Sociedade de Portugueses Residentes em Paris, sob a direção de José Diogo Mascarenhas Neto (1752-1826), e publicados entre 1818 e 1822. [RZ]
- 56 Heinrich Friedrich Link (1767-1851) é autor de *Bemerkungen auf einer Reise durch Frankreich, Spanien und vorzüglich Portugal*, publicado em francês com o título de *Voyage en Portugal depuis 1797 jusqu'en 1799*, entre 1803 e 1805. O capítulo XXXVIII, do volume 2, intitula-se “Sur la littérature

et la langue portugaise”. [RZ]

57 O manuscrito da *Voyage du ci-devant duc Du Châtelet en Portugal* foi revisto, corrigido e anotado por Jean François Bourgoing (1748-1811), de 1801. [RZ]

58 Charles François Dumouriez (1739-1823), general francês, é autor de *État present du Royaume de Portugal en l'année 1766* (1775) e *Campagnes du Maréchal Schomberg en Portugal, de 1662 a 1668* (1807). [RZ]

59 A erudita obra de Adriano Balbi não é suficientemente conhecida na França; não contém apenas uma descrição completa de Portugal, o autor compara sempre este país a outras regiões da Europa, e inclui preciosos documentos sobre a geografia geral. [Adriano Balbi (1782-1848), geógrafo e estatístico, é autor de *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve, comparé aux autres états de l'Europe, et suivi d'un coup d'oeil sur l'état actuel des sciences, des lettres et des beaux-arts parmi les productions portugais des deux hémisphères*, de 1822. – RZ]

60 Juan Andrés (1740-1817), jesuíta espanhol, escreveu, em sete volumes, *Dell'Origine del Progressi e dello Stato Attuale d'ogni Letteratura* (1782-1799), em que há referências às Letras portuguesas. [RZ]

61 Os portugueses fazem sentir muito bem seu valor por meio da pronúncia; há qualquer coisa de nasal, que nem sempre é agradável.

62 José Maria de Sousa Botelho (1758-1825), o Morgado de Mateus, político e diplomata, preparou uma edição de *Os Lusíadas* em 1817, precedida pelo ensaio *Vida de Camões*. [RZ]

63 Miguel de Cervantes (1547-1616) escreveu *D. Quixote de la Mancha*, publicado em duas partes (1605 e 1615). [RZ]

64 Lope de Vega (1562-1635) foi importante dramaturgo durante o Século de Ouro espanhol. [RZ]

65 Pedro Calderon de la Barca (1600-81) foi importante dramaturgo durante o Século de Ouro espanhol. [RZ]

66 Estrabão (64?-23 a. C), geógrafo e historiador, é autor do único livro atualmente existente que descreve os povos e regiões do mundo mediterrâneo no século I a. C. [RZ]

67 Os turdetanos, antigo povo da Hispânia bética, habitavam a margem oriental do rio Guadiana e junto ao curso médio e inferior do rio Guadalquivir. [RZ]

68 *Europa portuguesa*, V. 4. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. *Europa portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Antônio Craesbeeck de Melo, 1680. V. 3, Parte IV, Cap. IX. p. 376-377. – RZ]

69 *Europa portuguesa*, V. 4. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. Op.cit. V. 3, Parte IV, Cap. IX, p. 377-378. – RZ]

70 Existe um grande número destes trechos, contentar-me-ei em indicar um bem curto: o elogio da língua portuguesa por Manuel Severim de Faria: “O quam gloriosas memorias publico, considerando quanto vales, nobilissima lingua Lusitana. Cum tua facundia excessivamente nos provocas excitas, inflamas: quam altas victorias procuras, quam celebres triumphos speras, quam excellentes fabricas fundas, quam perversas furias castigas, quam feroces insolencias rigorosamente domas, manifestando de prosa, de metro tantas elegancias latinas.” [FARIA, Manuel Severim de. *Vários discursos políticos*. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791. p. 62. – RZ]

71 Camões, Faria, Barreto, Balbi, Sané, etc. Consultar também, a respeito, “Memórias e louvores da língua portuguesa”, texto que precede o grande dicionário produzido pela academia. V. também *Memórias de literatura portuguesa*. [João Franco Barreto (1600-depois de 1674), latinista e crítico literário, redigiu estudos sobre a obra de Camões. Alexandre-Marie Sané (c. 1773-1818) é autor de *Nouvelle grammaire portugaise, suivie de plusieurs essais de traduction française interlinéaire e de différents morceaux de prose et de poésie, extraits des meilleurs classiques portugais*; também traduziu as poesias de Filinto Elísio: *Poésie lyrique portugaise*, ou Choix des odes de Francisco Manuel, traduits en français, avec le texte en regard, précédées d’une notice sur l’auteur et d’une introduction sur la littérature portugaise, avec des notes historiques, géographiques et littéraires. Paris: Cérioux Jeune, 1808. “Memórias e louvores da língua portuguesa que se acham em diferentes autores” reproduz elogios à língua portuguesa formulados por intelectuais e escritores. Cf. *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793. p. XXI-XLI. – RZ]

72 Henrique de Borgonha (1069?-1112), conde de Portugal, lutou na Península Ibérica a serviço de Afonso VI (1039-1109), de Leão. Ao casar com sua filha, Teresa, recebeu o governo dos condados de Portucale e Coimbra, até aí unidos à Galiza. Conseguiu manter a autonomia daquele território, que legou ao filho, Afonso Henriques (1094-1108), primeiro rei de Portugal. [RZ]

73 Eis este antigo marco da literatura portuguesa:

O Rouço da cava impria de tal sanha
A Juliam et horpas a saa grey daninhos,
Que em sembra cò os netos de agar fornezinhos
Huâ atimaron prasmada fazanha

Ca Muza, et zarith com basta campanha
De juso da sina do Miramolino
Co falça infançom, et Prestes maligno

De Cepta aduxerom àõ solar de Espanha.

E perque era força, adarve, e foçado
 Da Betica Almina, e o seo Casteval
 O Conde per Encha, e pro comunal
 Em terra os encreos poyarom a saagrado
 Et Gibraltar, maguer que adordado
 et co compridouro per saa defensom.
 Pelo susodeto sem algo de afom
 Presto foy delles entrado et filhado.

Et os ende filhados leaes à verdade
 Os hostes sedentos do sangue de onjudos
 Metero a cutelo après de rendudos.
 Sem esguardarem à seixo nem idade
 Et tendo atimada a tal crueldade
 O templo e orada de Deos profanarom
 Voltando em mesquita hu logo adorarom
 Sa besta Mafoma a medes maldade.

403

O gazu, et assalto que os da alevosia
 Tramarom, per voltos de algòs sayoms.
 Co' os dous Almirantes da Hoste mandoms
 Quedarom com farta soberba, et folia,
 E Algesira que o medés temia
 Por ter a maleza cruenta sabuda
 Mandou mandadeiro come era teuda
 Ao rouzom do rey que en Toledo sia.

[BALBI, Adriano. *Essai Statistique sur le Royaume de Portugal et d'Algarve*. Paris: Rey et Gravier, Libraires, 1822. V. 2, p. I-II. O poema aparece igualmente em SOUSA, Manuel de Faria e. Op. cit. p. 378-379. – RZ]

Este trecho, reportado por Faria, foi encontrado no castelo de Louzã, tomado por Sancho I, por volta de 1187. A umidade o havia prejudicado de tal modo, que só se podiam ler as quatro oitavas aqui reproduzidas. Alguns atribuem-

-no a Rodrigo, último rei dos godos [Ferdinand Denis reproduz literalmente o comentário de A. Balbi sobre este trecho. Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. II. – RZ]. Creio dever relatar o juízo de Raynouard:

“Um exame aprofundado da língua em que estão escritos os fragmentos deste poema não me permite atribuir-lhe um antiguidade muito grande; não se notam aí os sinais que caracterizam marcos literários portugueses dos séculos XII e XIII, em que se reencontram formas romanas, que em vão buscaríamos nos versos deste fragmento.” [RAYNOUARD, [François-Just Marie]. *Grammaire comparée des langues de l’Europe latine*. Paris: Firmin Didot, 1821. p. XL-XLI. – RZ]

Transcrevi o trecho da obra de Balbi, que explica as palavras antigas pelas modernas. Sismondi não reproduz a terceira estrofe do fragmento, mas traduz a passagem transcrita, bem como o abade Andrés, que não acredita que possamos atribuir-lhe a antiguidade que lhe é concedida. V. *Littérature du Midi*, t. IV, p. 264. [Cf. comentário, tradução e reprodução parcial do poema em SISMONDI, J. C. L. Simonde de. *De la littérature du Midi de l’Europe*. 3. ed. Paris: Treuttel et Würtz, 1829. V. 4, p. 264-267. – RZ]

74 Rodrigo (?-714) foi o último rei visigodo da Península Ibérica; foi vencido pelos mouros em 711, na batalha de Guadalete. [RZ]

75 As indicações extraídas das obras de Faria e Sousa, Sismondi e Balbi estão referenciadas na nota ii, colocada ao final. Quanto a Bouterwek, cf. 404 BOUTERWEK, Frederick. *History of Spanish and Portuguese Literature*. Trad. Thomasina Ross. Londres: Boosey and Sons, 1823. V. 2, p. 8. [RZ]

76 É bastante duvidoso que seja tão antigo como supõe Faria e os que o seguiram. Raynouard julga-o de uma data posterior. [François-Juste-Marie Raynouard (1761-1836) foi historiador, filólogo e dramaturgo. É autor, entre outras obras, de *Éléments de la grammaire de la langue romane* (1816) e de *Grammaire des troubadours* (1816) É também autor de *Camões: ode*, de 1819. – RZ] V. igualmente Andrés, t. 2. p. 26. [Cf. ANDRES, Juan. *Origen, progresos y estado actual de toda la literatura*. Madri: Antonio de Sancha, 1784. V. 2, p. 21. – RZ]

77 Sancho I (1154-1212) foi o segundo rei de Portugal, filho de Afonso I e de Mafalda (1125-1157). [RZ]

78 Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 377-378. [RZ]

79 Gonçalo Hermingues, figura lendária do século XII, cavaleiro templário conhecido por Traga-Mouros, apaixonou-se por Fátima, moça de ascendência muçulmana, com quem casou, após sua conversão ao Cristianismo, quando passou a chamar-se Ouriana. A *Canção de Gonçalo Hermigues, o Traga-Mouros*, texto apócrifo difundido a partir do século XVI, narra o episódio. A nota II, ao final, reproduz a parte inicial da *Canção*. [RZ]

80 A Egas Moniz Coelho, da corte de Afonso Henriques, são atribuídas duas

canções, cuja autenticidade é contestada pelos historiadores da literatura. Manuel de Faria e Sousa reproduz, em *Europa portuguesa*, uma das canções imputadas a Egas Moniz Coelho. [RZ]

81 Eis a canção de Egas Moniz Coelho, que viveu sob o reinado de Afonso Henriques, falecido em 1185. Simonde de Sismondi indica essa e outras, mas não as reproduz, afirmando com razão que o próprio Faria não podia compreendê-las:

Fincaredes bos em hora
 Tam coitada
 Que ei boyme por aAhi fora
 De longada
 Sai-se o vulto de meu corpo
 Mas ei nom
 Ca os çocos vos fica morto
 O coraçam
 Se pensades que ci me vô
 No lo pensedes
 Que em vos chantado estò
 A nom ne vedes
 Mei jaziso et mei amar
 Em vos acara
 Grenhas tendes despelhar
 A lusia cara
 Nom farom estes meis olhos
 Tal abesso
 Que esgravizem os meis dolos,
 Da com peço
 Mas se ei for para Mondego
 Pois la vó
 Carulhas me fagom cego
 Como ei sò
 Se das penas do amorio
 Que ei retouço
 Me figerem tornar frio

Como ei ouço
Amademe se queredes
Come lusco
Se nom torvo me acharedes
A mui fusco.
Se me bos a mi leixardes
Deis me garde.
Nom asmeys vos de queimardes
Isto que arde.
Hora nom deixedes nom
Ca sois garrida:
E se nom Cristeleison
Per inha vida.

[SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 379-380. - RZ]

O poeta compôs essa canção, afirma-se, para se afastar de dona Violante, dama de honra da rainha Mafalda. [BALBI, Adriano. Op. cit. p. III. - RZ]
Balbi cita um fragmento de canção anônima, ainda anterior, acredita-se que de 1112; é bem mais fácil de entender que a anterior:

406 No figueyral figueyredo
A no figueyral entrey
Seis ninas encontràra
Seis ninas encontrey
Pera ellas andàra
Pera elles andey
Lhorando as achàra
Lhorando as achey
Logo lhes pescudàra
Logo lhes pescudey
Quem as maltratàra
Y a tom mala ley.

[BALBI, Adriano. Op. cit. p. II. - RZ]

Eis uma copla da canção de Hermingues à sua mulher, 1211:
Tinha rabos, non tinhe rabos
Tal a tal ca monte?

Tinharedesme, non tinharedesme
 De là vinherasde de cafilharedes
 Cà amabia tudo en soma.

[BALBI, Adriano. Op. cit. p. III. A canção é também citada por Faria e Sousa. Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 379. – RZ]

Encontram-se em Balbi dois sonetos atribuídos a Afonso IV, falecido em 1357. Ele também reproduz versos de Pedro, irmão do rei Duarte, falecido em 1438. Há numerosos fragmentos de obras poéticas deste príncipe na obra intitulada *Coleção de documentos* que se apontam nos três volumes das *Memórias para vida del rei D. João I*, por Soares de Silva. Foram copiadas no *Cancioneiro de Resende* e têm muito interesse, tratando de assuntos morais, tais como o desprezo pelas coisas humanas, o que fazer das dignidades, da beleza, da força moral, etc. [O Infante Pedro (1392-1449), irmão de Duarte, foi regente de Portugal entre 1439 e 1446. Garcia de Resende (1470-1536) publicou, em 1516, uma coletânea de poemas, amorosos, na maioria, produzidos nas cortes de Afonso V, João II (1455-1495) e Manuel. – RZ]

82 Balbi reuniu numerosa coleção, até agora desconhecida, destes marcos das idades iniciais. V. *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. [Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. I-V. – RZ]

83 V. *Louvores da língua portuguesa*, interessante texto que precede o grande dicionário, in-fº. [“Memórias e louvores da língua portuesa que se acham em diferentes autores”, citado anteriormente. – RZ]

84 “Docemente suspira, doce canta / A Portuguesa Musa”. [FERREIRA, Antônio. *Poemas lusitanos*. 2. impressão. Lisboa: Regia Oficina Tipográfica, 1771. V. 2, Livro II, Carta X, p. 106. – RZ]

85 Raynouard comprovou as relações do português com a língua romana. Darei aqui, segundo ele, prova incontestável desta analogia, que ele estabelece igualmente para o espanhol e para o italiano. É uma pequena peça encantadora de Camões traduzida na língua dos trovadores [RAYNOUARD, [François-Just Marie]. Op. cit. p. 385-386. – RZ]:

Português	Língua dos trovadores
Da lindeza vossa	De cuindanza vostra
Dama, quem a vê	Domna, qui la ve,
Impossivel he	Impossibil es
Que guardar se possa.	Que guardar se possa.
Se faz tanta móssa	Si faz tanta cocha
Ver-vos hum so'dia,	Vers vos un sol dia,

Quem se guardaria?	Qui se guardaria?
Melhor deve ser	Melhor deu esser,
Neste aventurar	En est aventurar,
Ver, e não guardar	Vezez e no guardar
Que guardar e ver,	Que guardar e vezer
Ver, e defender	Vezer, e defendre
Muito bom seria,	Molt bon seria,
Mas quem poderia?	Mas qui poiria?

86 V. *Gramática da língua romana*. [RAYNOUARD [François-Just Marie]. *Grammaire comparée des langues de l'Europe latine*. Paris: Firmin Didot, 1821. – RZ]

408 87 V. o grande dicionário publicado pela Academia de Lisboa. O espaço impede aqui as longas discussões sobre o progresso e a decadência da língua portuguesa. Há, a respeito, documentos da mais alta importância no prefácio do poema *O hissope*, nas notas das *Cartas de Jerônimo Osório* e na tradução portuguesa da *Ode a Camões*, de Raynouard. São devidas a um sábio modesto, que nem é nomeado, e que os amigos da literatura portuguesa viram com pesar deixar a França. V[erdier] indica sobretudo as importantes reformas a fazer na ortografia moderna, e ele sempre extrai seus exemplos dos escritores do grande século. Lembrando igualmente o imenso trabalho dos autores do dicionário in-folio, cujo primeiro volume já apareceu, destacarei o discurso preliminar, muito esclarecedor quanto à construção da língua portuguesa. Esta obra se encontra na biblioteca do Instituto. V. também as gramáticas de Sané e de Hamonière. [O prefácio, “Ao benévolo leitor”, e a tradução de *O hissope* devem-se a Timothée Lecussan-Verdier (1754?-1831), que o colocou na condição de prólogo às duas edições de Antônio Diniz da Cruz e Silva. Cf. LECUSSAN-VERDIER, Thimothée. Ao benévolo leitor. In: _____. SILVA, Antônio Diniz da Cruz e. *O hissope*. Poema herói-cômico. Paris: A. Bobée, 1817. p. I-XXVIII. E LECUSSAN-VERDIER, Thimothée. Ao benévolo leitor. In: SILVA, Antônio Diniz da Cruz e. *O hissope*. Poema herói-cômico. Nova edição revista, correta e ampliada de notas. Paris: Rougeron, 1821. p. I-XXXV. São de José Veríssimo Álvares da Silva (1744-1811) as “Reflexões sobre as cartas de Hieronymo Osório” que abrem a edição das *Cartas portuguesas*, organizadas por Veríssimo Álvares da Silva. Observa o autor: “E quando estas cartas não tivessem outra prova pela qual se pudesse conhecer que são obra do grande Bispo de Silves, isto bastaria para denotar que elas são de um século em que as antíteses pueris, as metáforas empoladas, os trocadilhos de palavras, não tinham ainda corrompido a frase dos nossos antigos escritores”. In: SILVA, José Verissimo Álvares da. Reflexões sobre

as cartas de Hieronymo Osório. In: OSÓRIO, D. Hieronymo. *Cartas portuguesas*. Paris: Rougeron, 1819. p. XIII. As observações de Verdier sobre a decadência da língua portuguesa a partir do século XVII encontram-se em *Version portugaise de l'Ode a Camoens de M. Raynouard avec des notes du traducteur*. Paris: H. Fournier, 1825. p. 59. G. Hamonière (1789-18??), gramático francês, é autor, entre outras obras, da *Coleção de pedacos em prosa / Recueil de morceaux en prose*, extraído dos melhores autores franceses e portugueses, de 1818, da *Grammaire portugaise divisée en quatre parties*, de 1820, e da *Grammaire espagnole divisée en quatre parties*, de 1821. Jorge de Montemaior ou Montemor (1520/1524-1561) escreveu *Los siete libros de la Diana*, também conhecido por *Diana*, romance pastoril extremamente popular no século XVI. – RZ]

88 Egas Moniz (c. 1080-1146), mordomo-mor e responsável pela educação de Afonso Henriques, teria oferecido a própria vida, a da esposa e dos filhos, ao rei de Leão, Afonso VII (1105-1157), como maneira de provar que era homem de palavra.[RZ]

89 Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Antônio Isidoro da Fonseca, 1741. V. 1, p. 13-14. [RZ]

90 Dinis (1261-1325), rei de Portugal a partir de 1279, escreveu cantigas de amor, de amigo e de mal-dizer. [RZ]

91 Pedro (1314-1354), conde de Barcelos, filho natural de Dinis, é autor de um livro de linhagens. [RZ]

92 Foi publicado em 1640, sob o título de *Nobiliário de D. Pedro, conde de Barcelos*. O original foi conservado preciosamente no tempo de Barbosa, na biblioteca da Torre do Tombo, onde ainda se encontra atualmente.

93 Afonso IV (1291-1357), filho de Dinis, foi o sétimo rei de Portugal, sucedendo ao pai em 1325. [RZ]

94 Pedro (1320- 1367) foi rei de Portugal a partir de 1357. [RZ]

95 Inês de Castro, dama da corte de Castela, foi amante de Pedro e assassinada, em 1355, com o consentimento de Afonso IV, então rei de Portugal. [RZ]

96 Eis um romance atribuído a este príncipe:

Senhora, quem vos matou
Seja de forte ventura
Pois tanta dor e tristura
A vós e a mim causou:

E pois não vi mais asinha
Tolher vosso triste fim

Recebo-vos, vida minha
Por Senhora, e por Rainha
Destes reinos e de mim.
Estas feridas mortais
Que pelo meu se causaram
Não uma vida, e não mais
Mas duas vidas mataram.

A vossa acaba já
Pelo que não foi culpada;
E a minha fica cá
Com saudade será
Para sempre magoada.
Oh crueldade tão forte
E injustiça tamanha,
Viu-se nunca em Espanha
Tão cruel e triste morte?
410 Contar-se é por maravilha
Minha alma tão verdadeira
Pois morreis desta maneira.

.....
Aí Senhora descansada.
Pois que vos eu fico cá,
Que vossa morte será
(Se eu viver) bem vingada.
Por isso quero viver,
Que se por isso não fora
Melhor me fora, Senhora.
Convosco logo morrer.

Que cousa há esta a que vim
Onde me ensanguentei,
E vós matastes a mim
Sangue do meu coração

Ferido coração meu
 Quem assim por esse chão
 Vos espargio sem razão?
 Eu lhe tirei o seu.

V. Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*. [BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. VII. Atualizamos a ortografia – RZ]

Encontrei em Barbosa, no verbete Pedro, uma outra canção desse príncipe em espanhol; ela se refere igualmente à morte de Inês de Castro e foi extraída do *Cancioneiro* do duque de Lafões. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. *Biblioteca Lusitana*. Lisboa: Ignacio Rodrigues, 1752. V. 3, p. 540. Pedro Ribeiro (?-?) é autor do *Cancioneiro* de 1577, conhecido por Diogo Barbosa Machado e pertencente à biblioteca do duque de Lafões. João Carlos de Bragança Ligne Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, duque de Lafões (1719-1806), bibliófilo e estadista, fundou a Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1779, com o apoio da Rainha Maria I (1734-1816). – RZ] Mas assinalarei aos filólogos uma obra em que se encontra a maior parte das obras poéticas do outro Pedro. Elas se referem em geral a assuntos morais e valem talvez uma análise. Foram extraídas do célebre *Cancioneiro de Resende*, cuja raridade conhecemos. [Pedro de Coimbra (1429-1466), neto de João I (1365-1433), fundador da dinastia de Avis e rei de Portugal entre 1385 a 1433, é o autor dos poemas citados no *Cancioneiro de Resende*. – RZ] V. da Silva, V. 4, Biblioteca Sainte-Geneviève. [José Soares da Silva (1672-1739) é autor das *Memórias para a história de Portugal que compreendem o governo do rei D. João I: do ano de 1383 até o ano de 1433*, em quatro volumes. O quarto volume intitula-se *Coleção dos documentos que autorizam as memórias para a vida del rei D. João I*, publicado em 1734. – RZ]

411

97 As ruas de Lisboa eram o palco dessas variedades de pantomima. V. a respeito Faria e Sousa, *Europa portuguesa* [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. *Europa portuguesa*. 2. ed, Lisboa: Antônio Craesbeeck de Mello, 1679. V. 2, p. 187. – RZ] e Trigo de Aragão Morato, *Memórias da Academia das Ciências*. [Cf. MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. *Memória sobre o teatro português* (que contém a sua origem, progresso, decadência e restauração). Lida na Assembleia pública de 24 de junho de 1817. Impressa no v. 5 das *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1817. Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato (1777-1838) foi membro da Academia de Ciências e político liberal português. – RZ]

98 Fernando (1345-1383) governou Portugal de 1367 até 1385. [RZ]

99 Duarte (1391-1438) escreveu o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda a sela* e o *Leal Conselheiro*. [RZ]

100 Está sob o número 7007; lemos nos *Anais das Ciências* interessante dissertação sobre este manuscrito, V. 8. [Cf. Resenha analítica. *Leal Conselheiro. Anais das Ciências, das Artes, e das Letras*. Paris: A. Bobée, 1820. V. 8, p. 3-35. – RZ]

101 Afonso V (1432-1481) assumiu o trono de Portugal em 1438. [RZ]

102 Barbosa, 4 v. in-fol, V. 1, p. 19 [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 19. – RZ]. Ele protegeu igualmente o estudo do português. V. a interessante carta que escreveu a Eanes de Zurara. Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, v. 2. [In: BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. IX-XII. – RZ]

103 Manuel I (1469-1521) governou Portugal durante o período das descobertas, quando Vasco da Gama percorreu o caminho marítimo para as Índias. [RZ]

104 João III (1502-1557), sucessor de Manuel, governou Portugal entre 1521 e 1557. [RZ]

105 Francesco Petrarca (1304-1374) foi um dos principais expoentes do Humanismo renascentista. [RZ]

412 106 V. o que escrevi a esse respeito nas *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie*. [Cf. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous les tropiques, et leur influence sur la poésie, suivies de Camoens et Jozé Índio*. Paris: Louis Janet, 1924. p. 198-213. – RZ]

107 Devemos consultar, sobre este assunto, o *Cancioneiro de Resende* e o *Cancioneiro dos Nobres*. Estas obras são muito raras. [O Cancioneiro que Denis chama dos Nobres é o Cancioneiro da Ajuda, manuscrito de finais do século XIII ou início do século XIV, com composições anteriores à época de Dinis. – RZ]

108 Data do século XV a lenda dos amores do trovador Macias, falecido em Jaen, entre 1467 e 1484. A serviço de Henrique de Aragão, marquês de Vilhena, apaixonou-se por Elvira, com quem não pôde casar, mas a quem dedicou canções de amor. Denunciado, foi preso; no cárcere, teria sido assassinado pelo marido dela. [RZ]

109 Macias era ligado à sua pessoa e servia-o nos assuntos de Estado.

110 Eis a canção que causou a morte de Macias, na tradução de De La Beaumelle. O trecho reproduzido foi retificado após sensatas indicações de Dubeux, da Biblioteca Real. É interessante monumento da ingenuidade da literatura hispano-portuguesa. O tradutor soube conservar a medida e a versificação do original:

Étonnés, pleins de douleur,
Oyant le bruit de mes chaînes,

Voulez savoir quel malheur
M'accable de telles peines.
Cessez, ô féaux amis!
Cessez vos questions vaines,
Toujours dirai ce que dis:
J'eus tort ayant des pensées
Pour trop hautes, insensées.
Ai voulu, dans mon orgueil
Atteindre le bien suprême;
Et vais descendre au cercueil,
Et ma misère est extrême.
Mais en vain suis malheureux,
Tant plus souffre et tant plus aime.
Chu dans un abîme affreux,
Le fol remonter désire,
Dût sa rechute être pire.
Pour si peu n'allez gémir,
Bien plus grande est ma faiblesse,
Et mourrai du seul désir
D'aggraver mal qui me blesse.
Las onde plus ne dois la voir!
Ne plus voir, aimer sans cesse.
Tal destin a pu m'échoir!
Cil qui vécut dans les chaînes
Doit mourir aus mêmes peines.
Mon sort ne sut enchaîner
A si douteuse espérance
Que mon coeur ne put donner
A mes voeux nulle assurance:
Mais de ce cruel amour
On ignore la puissance,
Et l'on dit du troubadour
Évitez-le! il a la rage.
Son maître en rend témoignage.

[Texto da canção original: Cativo, de minha tristura / Ja todos prenden espanto, / E preguntan, que ventura / Foy, que me atormenta tanto. / Mas non sei, no mundo amigo, / Que mays de meu quebranto / Diga, de esto que vos digo / Que bem sei nunca devia / Al pensar que faz folia: // Cuydê subir en alteza, / Por cobrar mayor estado; / E cay en tal pobreza, / Que moyro desamparado. / Con pezar e con desejo / Que vos direy. malfadado! Lo que yo he, bem o vejo: / Quando o loco, cay mais alto. / Subir prende mayor salto. // Pero que pobre sandece, / Por que me deva pezar? / Minha locura asi crece / Que moyro por entonar. / Pero, mays non a verey! / Si: non ver y desejar. / E poren assi direy: Quen carcel sole viver / En carcel se veja morrer. // Minha ventura, en demanda / Me puso atan dudada, / Que mi corazon me manda / Que seja siempre negada / Pero mais no saberan / De minha coyta lazdrada / E poren assi diran: / Com raviioso e cosa brava, / De su senhor se que trava. Reproduzido em: LA BEAUMELLE, A. Extrait de l'ouvrage intitulé Obleza [sic] de Andalucia, par Don Gonzalve [sic] Argote de Molina. In: *Chefs-d'oeuvre des théâtres étrangers*. Lope de Vega. Paris: Rapilly, 1827. p. 271-271. – RZ]

414 111 A. La Beaumelle, em suas excelentes informações sobre Lope de Vega e Calderon, esclarecedoras de muitos fatos obscuros, restabeleceu, com a ajuda de Dubeux, o texto fornecido por Sanchez, retomado por Sismondi. Ele traduziu, com felicidade, este monumento curioso da antiga literatura galega: encontra-lo-emos nas notas a esta obra. V. *Chefs-d'oeuvre des théâtres étrangers*. [Victor-Laurent-Suzanne-Moïse Angliviél de La Beaumelle (1772-1831), tradutor de Macias e de dramaturgos espanhóis do Século de Ouro, organizou, junto com J. B. d'Esménard (1772-1842), em 1822, as peças de Lope de Vega e Pedro Calderón de la Barca em dois volumes das *Chefs-d'oeuvre du théâtre espagnol*, dentro da coleção *Chefs-d'oeuvre des théâtres étrangers*, publicada em vários volumes. Cf. LA BEAUMELLE, A. Extrait de l'ouvrage intitulé Obleza [sic] de Andalucia, par Don Gonzalve [sic] Argote de Molina. In: *Chefs-d'oeuvre des théâtres étrangers*. Lope de Vega. Paris: Rapilly, 1827. p. 270-273. Louis Dubeux (1798-1863), orientalista, é autor de *La Perse*, de 1841, entre outras obras. Tomás Antonio Sánchez de Uribe (1723-1802) organizou a *Colección de poesías castellanas anteriores al siglo XV*. Cf. SISMONDI, J. C. L. Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 278-280. – RZ]

112 V. a este respeito interessante discussão na compilação intitulada *Memórias de literatura portuguesa*, t. 8, p. 7. [Cf. SANTOS, Antônio Ribeiro. Memória sobre as origens da tipografia em Portugal no século XV. *Memórias de literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real de Ciências de Lisboa, 1812. – RZ]

113 V. “Catálogo dos autores”, que precede o grande dicionário da Academia.

Sir Charles Stuart possui um exemplar do cancioneiro geral. [Cf. “Catálogo dos autores e obras que se leram e de que tomaram as autoridades para a composição do Dicionário da Língua Portuguesa”. In: *Dicionário da língua portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793. p. LXXIX. Charles Stuart (1779-1845), diplomata britânico, participou das negociações que levaram Portugal a reconhecer a independência brasileira. Atualmente, a coleção de seus documentos encontra-se em The Lilly Library, da Universidade de Indiana, Estados Unidos. – RZ]

114 V. Correia de Serra, etc. [Cf. SERRA, José Correia da. Discurso preliminar. In: _____. *Coleção de livros inéditos da história portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790. V. 1, p. VII-XI. José Francisco Correia da Serra (1750-1823) foi um dos fundadores e secretários da Academia Real de Ciências de Lisboa. – RZ]

115 Faria e Sousa. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. *Rimas várias de Luis de Camões*. Edição comemorativa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972. V. 1, p. 219. Ênio (239 a. C.-169 a. C.), poeta épico, chamado o pai da poesia latina, introduziu o hexâmetro – RZ]

116 *Memórias de literatura portuguesa*, v. 4, p. 33. [DIAS, Francisco. Análise e combinações filosóficas sobre a elocução e estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões, segundo o espírito do sábio Programa da Academia Real das Ciências, publicado em 17 de janeiro de 1790. *Memórias de literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793. V. 4, p. 33. – RZ]

415

117 As pessoas que desejarem conhecer melhor este historiador podem ler as reflexões interessantes e corretas de Buchon, no prefácio de sua edição de Froissart. [Jean Alexandre Buchon (1791-1846), historiador francês, publicou a *Collection de chroniques nationales écrites en langue vulgaire du treizième au seizième siècle*, em 47 volumes, entre 1824 e 1829. No primeiro volume, dedicado às crônicas de Froissart, faz referência a Fernão Lopes. Cf. BUCHON, J. A. Préface. In : *Collection des chroniques nationales françaises*. Paris: Verdière, 1824. V. 1, p. 1. Jean Froissart, ou Jehan Froissart (c. 1337-c.1405), é o pioneiro da crônica histórica na França. – RZ]

118 V. Correia de Serra, *Coleção de livros inéditos da história portuguesa*, Bib. do Inst. [Cf. SERRA, José Correia da. Op. cit. – RZ]

119 Francisco Dias tem razão ao dizer que ele foi o primeiro que, na Europa, escreveu história com dignidade. V. *Obras poéticas*. Francisco Dias, que citarei várias vezes, era, apesar de suas imperfeições, considerado quase que o único crítico português no começo do século XIX. V. o periódico que se publicava em Paris sob o título de *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*, 15v. in-8º, V. 7, p. 22. [Cf. F. S. C. Considerações rápidas sobre a crítica literária. *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*. Paris: A. Bobée,

1820. Segundo Ano, Janeiro. V. 7, p. 22. – RZ]

120 A avaliação de Gomes Eares de Zurara por João de Barros é reproduzida por Diogo Barbosa Machado, de onde Ferdinand Denis a transcreve. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 385. [RZ]

121 Em Balbi, *Essai statistique sur le royaume de Portugal et d'Algarve*, há curiosa carta do monarca ao historiador, a quem testemunha sua satisfação, lembrando que havia então muitos homens que se entregavam às armas e pouco às letras. V. v. 2, p. 9, *Appendice à géographie littéraire*. [Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. IX-XII. – RZ]

122 Rui de Pina (1440-1522) foi cronista oficial de João II e de Manuel I, autor de *Crônica de el Rei Dom Afonso o Quarto*, *Crônica do muito alto e esclarecido príncipe D. Sancho II*, *Crônica do muito alto e esclarecido Príncipe D. Sancho III*, *Crônica do muito alto e esclarecido Príncipe D. Dinis*, *Crônica do Senhor D. Duarte*, *Crônica do Senhor Rei D. Afonso V e Crônica d'El-Rei D. João II*. [RZ]

123 Fernão de Pina (c. 1499-?) foi cronista-mor do reino e guarda-mor da Torre do Tombo após a morte de seu pai. [RZ]

124 V. Faria e Sousa. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Introduction. In: _____. *Rimas várias de Luís de Camões*. Edição comemorativa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972. V. 2, p. 159-162. – RZ]

416

125 Lope de Vega dizia que os escritos de Diogo Bernardes haviam-no ensinado a fazer versos bucólicos. Francisco Dias, p. 292. [DIAS, Francisco. Op. cit. p. 100-101. – RZ]

126 V. Bouterwek e Sismondi. [Cf. BOUTERWEK, Frederick. Op. cit. V. II, p. 30-32. SISMONDI, J. C. L. Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 282-284. – RZ]

127 RIBEIRO, Bernardim. Écloga IV. In: *Obras de Bernardim Ribeiro*. Lisboa: Escritório da Biblioteca Portuguesa, 1852. p. 317-322. [RZ]. Sismondi traduziu também um trecho em versos de Bernardim Ribeiro, a “Cantiga”, de que já falei. V. *De la littérature du Midi*, v. 4, p. 285. [Cf. SISMONDI, J. C. L. Simonde de. *De la littérature du Midi de l'Europe*. 3. ed. Paris: Treuttel et Würtz, 1829. V. 4, p. 285. – RZ]

128 V. “Prólogo”: ele disfarça os nomes, mudando as letras que os compõem. Assim, nomeia-se Arbindel; Avalor designa Álvaro, Aoia, Joana. Duas edições logo se esgotaram; a última foi proibida.

129 Manuel da Silva Mascarenhas redigiu o prólogo a *Menina e moça*, de Bernardim Ribeiro, impresso em 1645 pelo editor Paulo Craesbeeck (1605-1664). [RZ]

130 MASCARENHAS, Manuel da Silva. Prólogo. In: RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*, ou *Saudades*. Lisboa: Domingos Gonçalves, 1785. s. p. [RZ]

131 RIBEIRO, Bernardim. *Menina e moça*. In: *Obras completas*. Lisboa :

Sá da Costa, 1982. V. 1, p. 6. [RZ]

132 Cristóvão Falcão de Sousa (1515? 1518?-1557) é considerado o provável autor da éloga *Trovas de um pastor de nome Crisfal*. [RZ]

133 Em português e em itálico no original. [RZ]

134 V. Bouterwek. [Cf. BOUTERWEK, Friedrich. Op. cit. v. 2, p. 39-44. FALCÃO, Cristóvão. *Crisfal*. Prefácio e notas de Rodrigues Lapa. Lisboa, Sá da Costa, 1978. p. 58-60. – RZ]

135 FALCÃO, Cristóvão. Op. cit. p. 79-81. [RZ]

136 Maria (1521-1577) era filha de Manuel e de sua terceira esposa, Leonor. [RZ]

137 Luísa Sigeia, nascida em Toledo, escreveu o poema *Cintra*, em honra da infanta Maria. [RZ]

138 V. a notícia sobre a literatura portuguesa que precede as odes de Francisco Manuel do Nascimento. [Cf. SANÉ, A. M. Introduction sur la littérature portugaise. In: *Poésie lyrique portugaise*, p. LXIX. – RZ]

139 Diogo de Teive (c. 1514-depois de 1565), escritor quinhentista, esteve ligado ao Humanismo português da época de João III. Estudou no Colégio de Santa Bárbara em Paris, tendo retornado a Portugal para lecionar no então recém fundado Colégio das Artes, da Universidade de Coimbra. [RZ]

140 André de Gouveia (1497-1548) foi professor em Paris e em Bordéus. A convite de João III, participou, em 1547, da fundação do Colégio das Artes, na Universidade de Coimbra. Antônio de Gouveia (c. 1513-1566) atuou em várias instituições de ensino na França do século XVI. [RZ]

141 George Buchanan (1506-1582), humanista escocês, destacou-se também como autor dramático, tendo escrito as tragédias *The Baptist e Jephtha*. [RZ]

142 Buchanan era amigo dos irmãos Gouveia, de Diogo de Teive e de outros portugueses, bolsistas no Colégio de Santa Bárbara de Paris; foi chamado com eles a Coimbra e professou as humanidades e a filosofia. V. as excelentes notas do poema *O hissope*, p. 175. [Cf. LECUSSAN-VERDIER, Timothée. Notas. In: SILVA, Antônio Dinis da Cruz e. *O hissope*. Poema herói-cômico. Nova edição revista, correta e ampliada de notas. p. 175. – RZ] Constatamos, nas obras completas do abade de Radonvillers, os serviços que Teive rendeu à França relativamente à educação pública. [O abade Claude-François Lizarde de Radonvillers, membro da Academia Francesa, é autor de *De la manière d'apprendre les langues*, de 1768. Nas notas finais, acrescenta Ferdinand Denis: Este autor fala de Gouveia; por erro, apareceu na frase o nome de Teive. – RZ]

143 MIRANDA, Francisco de Sá de. A El-Rei D. João. In: _____. *Obras completas*. Texto fixados, notas e prefácio de Rodrigues Lapa. 4. ed. revista. Lisboa: Sá da Costa, 1976. V. II, p. 39. [RZ]

144 O autor da Vida que precede suas obras afirma que ele morreu de pena por ter perdido a esposa. Após este acontecimento cruel, não foi mais o mesmo, e desceu ao túmulo corroído por uma sombria melancolia. [Atribui-se a Gonçalo Coutinho (c. 1560-1634) a autoria da “Vida do Doutor Francisco de Sá de Miranda”, que precede a edição das obras de Sá de Miranda, publicada em 1614. – RZ]

145 Fragmento traduzido no *Journal Étranger*, de junho de 1757. [Cf. *Journal Étranger*. Paris: Michel Lambert, 1757. Junho de 1757, p. 67-68. O *Journal Étranger*, periódico parisiense editado entre 1754 e 1764, teve entre seus diretores o abade Antoine François Prévost (1697-1763). Originalmente, o trecho foi publicado no verbete de *Biblioteca Lusitana*, dedicado a Sá de Miranda. Cf. MACHADO, Diogo Machado. Op. cit. v. 2, p. 253. A “Écloga VI”, de onde foi provém a citação, foi publicada em *O Lima*. Cf. BERNARDES, Diogo. *O Lima*. Lisboa: Antônio Vicente da Silva, 1761. p. 33-34. – RZ]

146 V. Neves Pereira, *Memórias de literatura portuguesa*, ensaio sobre a filologia, etc. [Cf. PEREIRA, Antônio das Neves. Ensaio sobre a Filologia Portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes poetas, que floresceram no século XVI. *Memórias da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793. V. 5, p. 1-252. – RZ]

418 147 Escreve Francisco Dias: “Neste estado se achava a língua portuguesa, quando o famoso Sá de Miranda entrou a florescer com seus escritos. Este filósofo poeta, rompendo por mil obstáculos, que lhe opunha um idioma pouco ou nada acostumado a operações poéticas, sem modelos, sem guia mais do que o exemplo dos metros italianos, domando a rudeza da frase e adaptando-a a infinitas combinações harmônicas, estabeleceu novas leis às cesuras métricas e determinou a harmonia da língua na poesia portuguesa. Apartando-se pois do uso comum, que então supersticiosamente se fazia do verso octonário, fixou os acentos do hendecassílabo ainda pouco ou quase desconhecido, e mostrou que este devia fazer o principal fundamento da nossa harmonia métrica; e com razão: porque notando nas palavras do idioma português o mesmo compasso, a mesma distribuição de vogais e consoantes, a mesma e igual melodia que na língua italiana, coligiu que a harmonia total da portuguesa devia ser a mesma, e que o hendecassílabo devia ser o metro principal da nossa poesia”. In: DIAS, Francisco. Op. cit. p. 62-65. [RZ]

148 DIAS, Francisco. Op. cit. p. 67. [RZ]

149 MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. V. I, p. 300-301. [RZ]

150 Neves Pereira, *Memórias de literatura portuguesa* [Escreve Antônio das Neves Pereira: “Nada faltava ao nosso Miranda para ser um Fedro, ou um La Fontaine dos portugueses na graça natural do apólogo, se não

o entregar-se a este gênero de poesia, que cita os homens para o tribunal dos animais”. In: PEREIRA, Antônio das Neves. Op. cit. p. 109. – RZ] Aos portugueses, cuja literatura é tão rica em todos os gêneros, faltam fabulistas, e era a Sá de Miranda que competiria preencher essa lacuna. Sempre admirei nele imitações muito bem realizadas das fábulas antigas. V., entre outras, o rato da cidade e o rato do campo, carta III; ou o cervo e o cavalo que exige um mestre, v. 1, p. 198. [Cf. MIRANDA, Francisco de Sá de. Carta: A seu irmão Mem de Sá. In: _____. *Obras*. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1784. V. 1, p. 239. E MIRANDA, Francisco de Sá de. Écloga VI: A Antônio de Sá, no casamento de sua filha D. Camila de Sá. In: _____. Op. cit. V. 1, p. 198. Jean de La Fontaine (1621-1695) é autor dos volumes de *Fábulas*, publicados entre 1668 e 1693. – RZ]

151 MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. V. I, p. 146. [RZ]

152 MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. V. I, p. 286. [RZ]

153 MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. V. II, p. 64. [RZ]

154 MIRANDA, Francisco de Sá de. *Obras completas*. V. II, p. 84. [RZ]

155 MIRANDA, Francisco de Sá de. A Pero de Carvalho. In: _____. *Obras completas*. V. II, p. 60. [RZ]

156 Sá de Miranda escreveu grande número de poesias em espanhol.

157 Virgílio (70 a. C.-19 a. C.) escreveu a *Eneida*, poema épico latino, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*. [RZ]

158 Quinto Horácio Flaco (65 a. C.-8 a. C.) escreveu *Odes*, *Sátiras* e *Epístolas*, onde se encontra a dedicada *Aos Pisões*, também conhecida como *Arte poética*. [RZ]

159 FERREIRA, António. *Poemas lusitanos*. Com prefácio e notas de Marques Braga. Lisboa: Sá da Costa, 1940. V. II, p. 252-254. [RZ]

160 FERREIRA, António. *Poemas lusitanos*. V. II, p. 268-269. [RZ]

161 Poder-se-ia aplicar, de alguma maneira, a Ferreira as corretas palavras de um crítico português: “Tem-se visto éclogas excelentes de muitos insignes poetas, e não é fácil de se explicar que é que lhes falta para exprimirem a ingenuidade de estilo pastoril; mas bem se conhece que lhes falta esta qualidade, e disto me parece que é causa em parte a que temos tocado.” Neves Pereira, *Memórias de literatura portuguesa* [Cf. PEREIRA, Antônio das Neves. Op. cit. p. 107. – RZ]

162 Fernão Álvares do Oriente (1530?/1540?-1607?) é autor de *Lusitânia transformada*, de 1607. [RZ]

163 Poder-se-ia acrescentar: e sem o qual não haveria provavelmente poesia portuguesa, como diz o melhor crítico do século XVIII, Francisco Dias Gomes. [Cf. DIAS, Francisco. Op. cit. – RZ]

164 Poeta grego que teria vivido no século VIII a. C., a quem se atribui a autoria da *Iliada* e da *Odisseia*. [RZ]

165 CAMÕES, Luís de. *Os Lusíadas*. Rio de Janeiro: Jackson, 1956. p. 369. [RZ]

166 Torquato Tasso (1544-1595) escreveu a epopeia renascentista *Jerusalém libertada*, de 1581. [RZ]

167 Catarina de Ataíde (?-1551?), filha de Antonio de Lima, camareiro-mor do Infante Duarte, foi dama da rainha Catarina (1507-1587), esposa de João III. [RZ]

168 Públio Ovídio Naso (43 a. C.-17 d. C.), poeta, escreveu, entre outras obras, *A arte de amar*, *As metamorfoses* e *Os fastos*. Exilado em Tomos, junto ao mar Negro, escreveu os *Tristes* e as *Cartas pânticas* [RZ]

169 Pedro de Menezes foi o primeiro governador de Ceuta. [RZ]

170 Como Cipião, escreveu: *Ingrata patria non possedebis ossa mea*. 2. ed. Sousa. V. a segunda elegia. [Luís de Camões cita Públio Cornélio Cipião (236-184 a. C.), conhecido como Africano, na Carta II, “mandada da Índia a um amigo”. Cf. CAMÕES, Luís de. *Obra completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 788. José Maria de Sousa Botelho, o Morgado de Mateus, refere-se à frase incorporada por Camões na “Vida de Luís de Camões”, que precede sua edição de *Os Lusíadas*. Cf. *Os Lusíadas*. Poema épico de Luís de Camões. Nova edição correta e dada à luz conforme a de 1817, por D. José Maria de Sousa Botelho. [2. ed.] Paris: Firmin Didot, 1819. p. LII. Também Faria e Sousa, na “Vida do poeta”, que precede sua edição de *Os Lusíadas*, refere-se à frase incorporada por Camões. Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. Vida do poeta. In: *Lusíadas de Luís de Camões*. Madri: Ivan Sanchez, 1639. V. 1, p. 28. A elegia a que Ferdinand Denis se refere abre com o verso “O Sulmonense Ovídio, desterrado”, transcrita no capítulo seguinte. – RZ]

171 Antônio de Noronha era filho do segundo conde de Linhares. Camões dedicou-lhe o soneto “À morte de D. Antônio de Noronha”, que faleceu em Ceuta. [RZ]

172 Francisco Barreto (1520-1573) foi governador da Índia entre 1555 e 1558, época em que teria exilado Camões em Macau por esse ter expresso, em *Disparates da Índia*, críticas à administração portuguesa naquela região. [RZ]

173 Constantino de Bragança (1528-1575) foi governador da Índia, com o título de vice-rei entre 1558 e 1561. Enquanto esteve na Índia, protegeu Luís de Camões. [RZ]

174 Francisco Coutinho, conde de Redondo, na época vice-rei da Índia. [RZ]

175 Foi acusado de desviar, com vantagens pessoais, dinheiro do Estado durante o tempo de sua administração.

176 Pedro Barreto foi governador da região hoje ocupada por Moçambique

entre 1567 e 1569. [RZ]

177 Na costa da África [Província de Moçambique, atualmente. – RZ].

178 Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. Op. cit. p. 31. Na “Vida del poeta”, de *Rimas várias*, Faria e Sousa reitera o episódio. Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Vida del poeta. In: _____. *Rimas várias de Luís de Camões*. Edição comemorativa. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1972. V. 1, s. n. p. [RZ]

179 Depois de alguns anos, *Os Lusíadas* foram reimpressos várias vezes, e muitos melhoramentos na correção do texto foram feitos em diversas edições, graças ao trabalho de Sousa. É certo, porém, que as excelentes reflexões de Mablin sobre o texto de *Os Lusíadas* contribuíram singularmente para a pureza das edições posteriores. Este sábio lembra que duas edições de *Os Lusíadas* apareceram em Lisboa durante a vida do autor, e pensa que a segunda foi corrigida pelo grande poeta. Pagando justo tributo de homenagem a Sousa, Mablin prova que o ilustre editor de *Os Lusíadas* fixou-se talvez demasiadamente na reprodução do texto da primeira edição, e preferiu seu sentimento a tudo o que a razão e o gosto ofereciam em seu favor. Este trabalho merece a atenção dos estudiosos portugueses; intitula-se *Lettres à MM. les Membres de l'Académie des Sciences de Lisbonne*. [O abade Giovanni Battista C. M. P. Mabellini (1774-1834), conhecido também como J. B. Mablin, é autor da *Lettre a l'Académie Royale des Sciences de Lisbonne sur le texte des Lusíades* (Paris: Treuttel et Würtz, 1826). – RZ]

180 Como prêmio por seus serviços militares, concederam-lhe uma pensão anual de 15.000 réis, cerca de cem francos. Sebastião era então rei. [Sebastião I (1554-1578) foi rei de Portugal após a morte de João III, em 1557, assumindo o trono na maioridade, em 1568. – RZ]

181 Segundo José Maria de Sousa Botelho, trata-se de Rui Dias da Câmara. Cf. BOTELHO, José Maria de Sousa. Vida de Luís de Camões. In: *Os Lusíadas*. Op. cit. p. LXII. [RZ]

182 O trecho provém da “Vida de Luís de Camões”, de José Maria de Sousa Botelho, o Morgado de Mateus. Cf. BOTELHO, José Maria de Sousa. Vida de Luís de Camões. In: *Os Lusíadas*. Op. cit. p. LXII. Ferdinand Denis apresenta, em francês, uma versão abreviada dessa fala atribuída a Luís de Camões. [RZ]

183 Vós não ereis tão numerosos, vós, alma grande e generosa que constituístes um monumento à glória do poeta.

184 Na “Vida do poeta”, de Manuel de Faria e Sousa, encontra-se a frase reproduzida por Ferdinand Denis: “Seja como for, o Poeta saiu de Lisboa para a Índia tão escandalizado, que levou propósito de não voltar à pátria, crendo se vingada assim dela; (...). Porém, mudando de parecer (que, ao fim, pode tanto o amor da pátria), voltou a ela, e morreu tão cheio de amor dela em Lisboa, que se crê foi a póstera coisa que escreveu, uma carta que

contém essas palavras: *Enfim acabarei a vida, e verão todos que fui tão afeiçoado à minha pátria que não somente me consenti de morrer nela – mas de morrer com ela.*” SOUSA, Manuel de Faria e. Op. cit. p. 28. O mesmo trecho acha-se na “Vida de Luís de Camões”, de José Maria de Sousa, o Morgado de Mateus. Cf. BOTELHO, José Maria de Sousa. Op. cit. p. LXII. [RZ] 185 *Journal de Savans*, julho 1825. [RAYNOUARD [François-Just Marie]. *Les Lusíadas ou Les Portugais*, poeme de Camoëns en dix chants: traduction nouvelles, avec des notes, par J. B. Millié. Paris: Firmin Didot, 1823 e 1824. 2 v. *Journal des Savans*, Paris: Imprimerie Royale, jul. 1825, p. 415. – RZ] 186 Trad. de Millié. Se tivéssemos apenas as duas antigas versões, teria tentado retraduzir as passagens citadas; mas, desde que possuímos a nova, seria uma temeridade fazê-lo. [CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 17. Denis vale-se da edição de *Os Lusíadas* traduzida por Jean-Baptiste Millié (1772-1826), de 1825. – RZ]

187 V. a Biografia. [Anne-Louise Germaine Necker, Madame de Staël (1766-1817), redige o verbete dedicado a Camões no volume 16, da *Biographie universelle*. Ancienne et moderne. Cf. STAËL, Madame de. CAMOENS (Louis). *Biographie universelle*. Ancienne et moderne. Paris: Michaud, 1812. V. 16, p. 618-622. A citação transcrita por Ferdinand Denis encontra-se na p. 619. – RZ]

422 188 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 45. [RZ]

189 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 86. [RZ]

190 A batalha de Ourique travou-se em 25 de Julho de 1139, entre as forças portuguesas de Afonso Henriques e uma coligação de reis mouros. [RZ]

191 Afonso II (1185-1223), terceiro rei de Portugal, ocupou o trono em 1211. [RZ]

192 Sancho II (1209-1248). [RZ]

193 Afonso III (1210-1279). [RZ]

194 Região localizada na Andaluzia. [RZ]

195 François-Marie Arouet ou Voltaire (1694-1778) destacou-se como filósofo, dramaturgo e prosador. Entre suas obras mais conhecidas estão *Cândido* ou o otimismo, *Cartas filosóficas*, *Zadig* e *Dicionário filosófico*. *Os Lusíadas* são examinados em *Essai sur la poésie épique*, publicado em 1739. Sobre o episódio de Inês de Castro, escreve Voltaire: “Vemos, no terceiro canto, a morte da célebre Inês de Castro, esposa do rei D. Pedro, cuja aventura adúltera foi encenada há pouco no teatro de Paris. É, no meu parecer, o mais belo trecho de Camões; há poucos momento em Virgílio mais ternos e mais bem escritos.” In: VOLTAIRE. *La Henriade*, suivi de *L’essai sur la poésie épique*. Estrasburgo: Lebrault, 1822. p. 289-290. [RZ]

196 Pedro Abelardo (1079-1142), teólogo e filósofo, e Heloísa de Paráclito

(1101-1164) notabilizaram-se pelo relacionamento amoroso proibido, que levou à sua reclusão, respectivamente, em um mosteiro e um convento. Suas cartas tornaram-se igualmente renomadas. [RZ]

197 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 121-122. [RZ]

198 Nuno Álvares Pereira (1360-1431) venceu os espanhóis na batalha de Aljubarrota, em 1385. [RZ]

199 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 144. [RZ]

200 Afonso V (1432-1481) foi rei de Portugal a partir de 1446. [RZ]

201 Um estudioso, voltado usualmente a graves assuntos, disse com justiça, ao falar desta passagem: “Em um autor fecundo, cada situação, cada fato lembra uma porção de ideias e de sentimentos, e quando ao mesmo tempo este autor tem gosto e arte, essas ideias, esses sentimentos fortificam a ideia principal. Assim, enquanto Camões pinta a partida de Vasco da Gama e de seus companheiros para uma arriscada navegação, ele os representa, preparando suas almas para a morte por meio de orações, e acompanhados por longas procissões de religiosos, que oram por eles; ele pinta a multidão que ocupa as margens; mães, esposas, irmãs; ele repete o discurso de uma mãe a seu filho que parte, de uma esposa a seu marido, de um ancião sábio que entende as causas e as conseqüências de tão vasto empreendimento, a vaidade da glória, os desastres que acompanham as conquistas: é mais do que contar um embarque.” Ver Jean-Baptiste Say, *Petit volume contenant quelques aperçus des hommes et de la société*, p. 32-34. [Jean Baptiste Say (1767-1832), economista, é autor do *Petit volume contenant quelques aperçus des hommes et de la société* (Paris: Deterville, 1817). – RZ]

423

202 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 164. [RZ]

203 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 175-179.

204 A observação de Montesquieu (1689-1755), enunciada em *O espírito das leis* (1748), constitui a epígrafe da tradução de *Os Lusíadas*, de J. Baptiste Millié: “A descoberta de Moçambique, de Melinde e de Calicute, foi cantada por Camões, cujo poema faz sentir algo dos encantos da *Odisseia* e da magnificência da *Eneida*.” In: *Les Lusiades ou Les portugais*. Poème de Camoens, en dix chantes. Trad. J. Bte. Millié. Paris: Firmin Didot, 1825. V. 1, folha de rosto. Este juízo é reproduzido no tomo segundo. Cf. *Les Lusiades ou Les portugais*. Poème de Camoens, en dix chantes. Trad. J. Bte. Millié. Paris: Firmin Didot, 1825. V. 2, p. 297. [RZ]

205 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 181. [RZ]

206 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 182-183. [RZ]

207 Parseval de Grandmaison, *Les amours épiques*. [François-Auguste Parseval-Grandmaison (1759-1834), tradutor e poeta, publicou, em 1804, o poema *Os amores épicos*, que contém episódios amorosos compostos

pelos grandes poetas antigos e modernos. O sexto canto é dedicado a Luís de Camões, de que extrai os episódios relativos à Ilha dos Amores, Inês de Castro e Adamastor, apresentados nessa ordem em seu livro. Cf. GRAND-MAISON, F. A. Parseval de. *Les amours épiques*. Poème heroïque en six chants. 2. ed. Paris: J. G. Dentu, 1811. – RZ]

208 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 190. [RZ]

209 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 218-219. [RZ]

210 V. Notas sobre o Canto Sexto, p. 383. [A comparação referida encontra-se em “Notes du chant sixième”, de autoria de Jean-Baptiste Millié: “Releiamos esta tempestade; comparemo-la às que Virgílio e Ovídio descreveram tão admiravelmente, e concluiremos que, pela veracidade das imagens, a força de expressão, e sobretudo a escolha dos objetos a serem pintados, Camões é muitas vezes superior a Ovídio e quase sempre igual à Virgílio.” In: MILLIÉ, J. Bte. J. Notes du chant sixième. V. 1, p. 384-385. – RZ]

211 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 225. [RZ]

212 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 229. [RZ]

213 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 235. [RZ]

424 214 Verifiquei depois que, em um artigo do *Journal des Savans*, Raynouard assinala com eloquência este apelo de Camões em favor dos gregos. [Cf. RAYNOUARD, [François-Just Marie]. Resenha ao *Cours analytique de littérature générale*, par N. L. Lemerrier, membre de l’Institut de France. In: *Journal des Savans*. Paris: Imprimerie Royale, jan. 1818. p. 157-166. – RZ]

215 Lord Byron, nascido em 1788, morreu em 1824, lutando pela independência da Grécia. [RZ]

216 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 251. [RZ]

217 O oitavo canto não apresenta, ou quase, o movimento observado no precedente; mas encontramos aí a pintura brilhante e bem sucedida dos costumes do Oriente. E, à época em que o poema apareceu, ele era ainda mais interessante que hoje. O final, como veremos adiante, emociona profundamente. É uma grande lição que esta nobreza de sentimentos une a uma profunda miséria.

218 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 259. [RZ]

219 Caio Lutácio Catulo foi o cônsul romano que venceu os cartageneses em batalha naval, encerrando a primeira guerra púnica. [RZ]

220 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 267. [RZ]

221 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 271. [RZ]

222 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 272. [RZ]

223 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 295. [RZ]

224 Voltaire, *Essai sur la poésie épique*. [Escreve Voltaire: “Camões, após

ter-se abandonado sem reservas à descrição voluptuosa desta ilha e dos prazeres a que os portugueses são jogados, preocupa-se em informar o leitor que toda esta ficção significa tão somente o prazer que todo homem honesto sente ao cumprir seu dever. Mas é preciso confessar que uma ilha encantada, em que Vênus é a deusa, e onde as ninfas acariciam os marujos depois de uma viagem de longo curso, parece-se antes a um lupanar de Amsterdam do que qualquer coisa de honesto.” In: VOLTAIRE. Op. cit. p. 291. – RZ]

225 Sétima nota da tradução da *Eneida*. [Jacques Delille (1738-1813), poeta, traduziu *As bucólicas*, *As geórgicas* e *Eneida* de Virgílio. Nas notas à tradução da *Eneida*, observa que “todos os poetas épicos creem dever consagrar um de seus cantos ao amor. Camões também faz os portugueses desembarcarem em uma ilha, onde as nereidas, estimuladas por Vênus e Cupido, e de acordo com o Pai eterno, esforçam-se em retê-los. Independentemente da monstruosa mistura de divindades do paganismo com a religião cristã, este episódio é descrito com tão pouco cuidado, que a ilha encantada de *Os Lusíadas* parece muito mais um lugar de libertinagem que uma morada dos deuses. Seria um ultraje a Virgílio compará-lo a tais produções.” (DELILLE, J. Notes du livre quatrième. In: *Oeuvres de J. Delille. Énéide*. Paris: Michaud, 1824. V. 2, p. 107. – RZ]

226 William Julius Mickle (1735-1788), poeta escocês, traduziu *Os Lusíadas* para o inglês, publicando-o entre 1771 e 1775.

227 John Milton (1608-1674) é autor do poema épico *O paraíso perdido*, de 1667. [RZ]

228 Dante Alighieri (1265-1321) é autor de *A divina comédia*, composta entre 1307 e 1321. [RZ]

229 Ariosto (1474-1533) é autor do poema épico *Orlando furioso*, publicado em 1532. [RZ]

230 Edmund Spenser (1552-1599) é autor de *The Fairie Queen*, poema épico e alegórico publicado entre 1590 e 1609. [RZ]

231 Ferdinand Denis apresenta o trecho entre aspas, como se fosse uma citação. Contudo, o original é mais extenso e não corresponde exatamente ao que escreve o autor dos *Resumos*: “Nenhum pintor então, deixem-me lembrar, foi alguma vez considerado culpado por desenhar as graças expostas ou nuas. Na escultura, na pintura e poesia, não se trata de nudez, é apenas a expressão ou maneira que ofende a decência. É o que constitui a diferença entre a Vênus de Médici e as pinturas lascivas nos aposentos de um Tibério. A sorte de Camões tem sido até agora muito particular. A mistura de mitologia pagã e cristã em sua arquitetura tem sido anatematizada, e sua Ilha dos Amores representada como um bordel. Entretanto, as duas acusações são asserções arrogantes de um conhecimento muito superficial de sua obra, um *diz-que-diz-que*, ecoando de crítico a crítico. O próprio po-

ema e a comparação de suas partes com similar conduta dos maiores poetas modernos claramente evidenciam que, em ambas as instâncias, nenhum poeta épico moderno de mérito tem dado menos motivos para verdadeira crítica. / Para não mencionar Ariosto, cujas descrições muitas vezes não admitirão paliativo, Tasso, Spencer e Milton têm sido estimados como os mais castos dos poetas, contudo, na delicadeza das mornas descrições, na modéstia não artificial da natureza, nenhum deles pode se jactar da contínua uniformidade do poeta português. [...] / [...] A resposta do Anjo à descrição de Adão de suas núpcias contém alguns choques intoleravelmente deliciosos. E o efeito inicial do fruto proibido oferece um contraste notável àquela delicadeza de expressão que adorna os primeiros amores de Adão e Eva. Se há propriedade, contudo, em assim representar os amores de envenenamento culpado, figura empregada por Milton, alguns dos termos da expressão são ainda indefensivamente indelicados. Em resumo, tão injusta é a censura de Voltaire, uma censura que não proveio de uma comparação de Camões com outros poetas, e tão pouco fundamentada é a acusação contra ele, que não podemos senão admirar sua delicadeza superior”. In: *The Lusiad; or The Discovery of India. An epic poem translated from the original portuguese of Luis de Camoens by William Julius Micke*. 2. ed. Oxford: Jackson and Lister, 1778. p. 409-411. [RZ]

426

232 V. também o que diz Gilibert de Merlhiac no discurso notável que precede a tradução do *Araucana*. Este julgamento é retomado por Millié. Ele não compartilha o do Abade Andrés; mas este autor, na sua *História geral da literatura*, escrita em italiano, parece-me ter compreendido mal, apesar de sua admiração por Camões, a passagem em questão. V. *Dell'Origine del Progressi e dello Stato Attuale d'ogni Letteratura*, v. 2. [Jean Joseph de Gilibert de Merlhiac (1742-1816) traduziu a *Araucana*, de Alonso de Ercilla (1533-1594), em 1824. No “Discurso preliminar”, expõe sua posição relativamente à epopeia de Camões, comparando-a com o poema de Ercilla. V. MERLHIAC, Gilibert de. Discours préliminaire. In: _____. *L'Araucana. Poëme Héroïque de Don Ercilla*. Paris: Igonette, 1824. p. 24-63. Jean-Baptiste Millié expõe sua posição relativamente a essa questão nas “Notes au chant neuvième”. V. MILLIÉ, J. Bte. J. Notes au chant neuvième. In: *Les Lusíades ou Les portugais*. V. 2, p. 131-132. O exame de *Os Lusíadas* por Juan Andrés pode ser encontrado em: ANDRÉS, Juan. *Dell'origine, progressi e stato attuale d'ogni letteratura*. Parma: Stamperia Reale, 1785. V. 2, Parte Primeira, p. 145-148. – RZ]

233 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 312.

234 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 330.

235 Nesse ponto, sem dúvida, gostaríamos de ver em Camões mais piedade pelos povos que foram aniquilados. Mas é preciso julgá-lo, lembrando as ideias funestas do século XVI. De resto, a pátria foi bem ingrata com Pa-

checo, este guerreiro que fez sua glória e que o poeta canta sem saber que ele compartilhará seu destino: morreu em um asilo de pobres, onde curava suas doenças.

236 Duarte Pacheco Pereira (1460-1533) foi navegador, militar e cosmógrafo. Camões designa-o o “Aquiles lusitano”. – RZ]

237 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 334.

238 Deve-se esta reflexão a Duperron de Castera, o primeiro tradutor de Camões; ele pinta admiravelmente a nobreza do herói. [A tradução de Duperron de Castera (1705-1752) de *Os Lusíadas* data de 1735. Comenta o tradutor: “Gama é um herói isento de fraqueza, [a ninfa] não teme apostrofá-lo, anunciando-lhe o fim de sua vida, e Gama, que a escuta, não dá nenhuma marca de emoção.” In: *La Lusíade de Camoens: poeme heroique sur la decouverte des Indes Orientales*. Trad. Duperron de Castera. Paris: Huart, 1735. V. 3, p. 242. – RZ]

239 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 352.

240 Um pouco mais adiante, o poeta explica de uma maneira engenhosa porque ele usou o maravilhoso dos deuses da mitologia: “Quer logo aqui a pintura, que varia, / Agora deleitando, ora ensinando, / Dar-lhe nomes, que a antiga Poesia / A seus Deuses já dera, fabulando.” (CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 355. – RZ)

241 CAMÕES, Luís de. Op. cit. p. 378. [RZ]

242 Castera escrevia muito mal. La Harpe não entendia o português. Na nova tradução, encontramos a exatidão e o encanto do estilo. [Jean-François de La Harpe (1739-1803) foi poeta, autor dramático e crítico, redator do magazine literário *Mercur*, e tradutor, entre outras obras, de *Os Lusíadas*. Seu livro mais importante é *Le Lycée* ou *Cours de Littérature*, texto fundador da historiografia literária francesa. – RZ]

243 Ferdinand Denis refere-se a François René de Chateaubriand (1768-1848), nomeado na sequência do parágrafo e que, *O gênio do cristianismo*, de 1802, escreve: “Era ainda um rico assunto o dos *Lusíadas*. Custa a conceber como um homem do gênio de Camões não soube tirar dele maior proveito. Mas convém notar que esse poeta foi o primeiro poeta épico moderno, que vivia em um século bárbaro; que há coisas patéticas e algumas vezes sublimadas nos seus versos, e muito para notar-se é que foi o mais desgraçados dos homens.” In: CHATEAUBRIAND. *O gênio do cristianismo*. Trad. Camilo Castelo Branco. Rio de Janeiro: Jackson, 1956. V. 1, p. 194. [RZ]

244 Népomucène Louis Lemerrier (1771-1840) foi poeta e dramaturgo. Na *Ode à la memoire du conte de Souza*, Lemerrier manifesta sua admiração pelo poeta português. Cf. LEMERCIER, Népomucène L. *Ode à la memoire du conte de Souza*. Paris: Firmin Didot, 1825. [RZ]

245 René Rapin (1621-1687), jesuíta, critica a obra épica de Camões em *Reflexions sur la poétique d'Aristote, et sur les ouvrages des poetes anciens et modernes* (Paris: François Mugner, 1674). [RZ]

246 Adrien Baillet (1649-1706) examina *Os Lusíadas* em *Jugements des savans sur les principaux ouvrages des auteurs*. Paris: Charles Moette; Charles Le Clerc; Pierre Morisset; Pierre Prault; Jacques Chardon, 1722. V. 4, p. 440-442. [RZ]

247 V. também o que escreve Andrés: “É o primeiro épico entre os modernos que obteve o aplauso de todas as nações e o primeiro que mereceu o estudo dos verdadeiros poetas.” *Dell'origine, de' progressi e dello stato attuale d'ogni letteratura*. V. 2, p. 148 [In: ANDRES, Giovanni. *Dell' origine, de' progressi e dello stato attuale d'ogni letteratura*. V. 2, p. 148. – RZ]

248 É sob essa perspectiva que Felix Bodin o colocou acima dos poetas italianos, superiores a ele pela concepção poética. [Felix Bodin (1795-1837) era historiador e político, tendo publicado, em 1824, *Diatribes contre l'art oratoire, suivie de mélanges philosophiques et littéraires*. – RZ]

249 Edição de Sousa Botelho, *Vida do autor*. [BOTELHO, José Maria de Sousa. *Vida de Camões*, p. LXVI. – RZ]

428 250 Sirvo-me dessa expressão, porque seria temeroso afirmar que o poema da criação do homem pertence a Camões. Depois de meu trabalho, pesquisei esse assunto; quando os consultei, os letrados portugueses estavam divididos a esse respeito. Confesso que minhas investigações foram infrutíferas. A incerteza permanece. Na erudita memória sobre as diversas edições de Camões, publicada pela Academia de Ciências de Lisboa, diz-se que Soropita, apresentando as obras completas do poeta, aí introduziu o poema de que se trata aqui, embora Camões nunca o tenha escrito [Cf. TRIGOSO, Sebastião Francisco de Mendo. *Exame crítico das primeiras cinco edições dos Lusíadas. História e memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1823. V. 8, Parte I, p. 206. Fernão Rodrigues Lobo Soropita (1562-?), advogado e humanista, preparou e dirigiu a primeira edição das *Rimas*, de Luís de Camões. – RZ]. Rodrigo da Cunha, a quem o volume é dedicado, enganou, diz-se, o editor; mas a impressão já tinha começado, e Soropita deu continuidade a ela, contentando-se em advertir o público [A edição das *Rimas*, de 1612, é dedicada a D. Rodrigo da Cunha (1577-1643), inquisidor em Lisboa, pelo livreiro e editor Domingos Fernandes. – RZ]. O autor do artigo não dá outros detalhes, e semelhante asserção não basta para estabelecer a fraude literária. Encontrei a *Criação do homem* em várias edições, sem que houvesse qualquer advertência; ela está, entre outras, na de 1720, pequeno in-fº, com os comentários de Manuel Correia; encontra-se igualmente na edição em três volumes in-18 de Dubeux. Os laboriosos autores do grande dicionário da Academia, que já citei com frequência, confessam sua incerteza em relação a esse assunto;

acrescentarei que vários portugueses letrados acreditam que o poema é de Camões; sua esquisitice não seria razão suficiente para afirmar o contrário; ela se harmoniza perfeitamente com as ideias da época, e confessarei que há algumas partes nas descrições que fazem com que nos inclinemos a pensar que esta pequena obra não é apócrifa [Manuel Correia (?-1643?) foi o autor dos comentários à edição de *Os Lusíadas*, publicada em 1613 por Pedro Crasbeeck. Louis Dubeux (1798-1863), nascido em Lisboa, fez as revisões e notas da tradução de *Os Lusíadas* para o francês, de J. Bte. J. Millié. *Da criação e composição do homem*, também denominada *Microcosmografia e Descrição do mundo pequeno que é o homem*, foi atribuída por algum tempo a Camões, mas seu autor é André Falcão de Resende (1527?-1598/99?). – RZ]

251 Da criação e composição do homem. In: *Obra do grande Luís de Camões, príncipe da poesia heroica*. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1615. p. 1-2. Também em RESENDE, André Falcão de. *Microcosmografia e Descrição do mundo pequeno que é o homem*. In: RAMALHO, Américo da Costa. *O essencial sobre André Falcão de Resende*. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1988. p. 41-42. [RZ]

252 Da criação e composição do homem. In: *Obra do grande Luís de Camões*, p. 17. [RZ]

253 Da criação e composição do homem. In: *Obra do grande Luís de Camões*, p. 24. [RZ]

254 Da criação e composição do homem. In: *Obra do grande Luís de Camões*, p. 27. [RZ]

255 Os *concetti*, ou conceitos, designam figuras de estilo que comparam duas coisas em princípio diferentes entre si; foram muito empregados no período barroco. [RZ]

256 De resto, La Harpe afirmava que a Camões faltava o gênio que inventa, e ele leu o episódio de Adamastor.

257 V. a respeito a defesa de Camões contra as críticas desse autor, por Araújo de Azevedo, conde da Barca, *Memórias de literatura portuguesa*. [É de Antônio de Araújo de Azevedo (1754-1817) “Em defesa de Camões contra Monsieur de la Harpe” no volume 7 das *Memórias de Literatura Portuguesa*. Cf. *Memórias de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1806. V. 7, p. 5-16. – RZ]

258 Editado por Louis Janet. [Não encontramos referência a essa publicação na bibliografia de Ferdinand Denis. Cf. ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido*. A fundação de uma literatura nacional. São Paulo: Siciliano, 1991. E BARBOSA, Rafael Souza. *A transmissão do legado camoniano no século XIX: o caso Ferdinand Denis*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Letras [UFRGS], 2017. – RZ]

259 V. a bela edição de Sousa. [Cf. *Os Lusíadas*. Poema épico de Luís de Camões. Nova edição correta e dada à luz conforme a de 1817, por José Maria de Sousa Botelho, já citada. – RZ]

260 CAMÕES, Luís de. Soneto 91. In: _____. *Obra completa*. Organização, introdução, comentários e anotações por Antônio Salgado Júnior. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005. p. 299. [RZ]

261 CAMÕES, Luís de. Elegia 5. In: _____. Op. cit. p. 360-362. [RZ]

262 Na edição francesa, o poema é transcrito em tradução de Ferdinand Denis. [RZ]

263 CAMÕES, Luís de. Soneto 55. In: _____. Op. cit. p. 287. [RZ]

264 CAMÕES, Luís de. Elegia 4. In: _____. Op. cit. p. 357-359. [RZ]

265 CAMÕES, Luís de. Canção 5. In: _____. Op. cit. p. 313-314. [RZ]

266 Nos poemas de Camões, tive a intenção, repito, de mostrar seus sentimentos e seus infortúnios; gostaria de mostrar também como seu gênio poético assumia caráter diferente daquele de *Os Lusíadas*. Há na sua poesia lírica muitos poemas de um gênero muito mais elevado; eles se aproximam do tom do poema [épico], mas não ajudam a compreender seus infortúnios. Lembrarei aqui que, dois meses após a publicação das *Scènes de la nature sous les tropiques*, em que se encontra um episódio sobre a vida do grande poeta, apareceu em português um poema anônimo intitulado *Camões*. Deixo a outros o cuidado de decidir sobre o mérito dessa obra; o autor confessa, é verdade, que ele apareceu depois do meu, mas que seis meses antes seu trabalho estava composto. Tive a honra de ler, dois anos antes, meu episódio em presença de numerosa assembleia, em casa de Thurot, um dos professores do *College de France*. [Ferdinand Denis refere-se ao poema épico *Camões*, de Almeida Garrett, publicado em 1825. Jean-François Thurot (1768-1832), filósofo e helenista, foi professor do *College de France*. – RZ]

430

267 Indiquei-o em um dos episódios de meu *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leus influence sur la poésie*. V. *Camoens et Jozé Indio*. [Em *Camões e José Índio*, Ferdinand Denis narra o retorno do poeta a Portugal após longo período na Índia e em Moçambique, exílio provocado, segundo o autor, por frustrações amorosas. Cf. DENIS, Ferdinand. *Camoens et Jozé Indio*. In: _____. Op. cit. – RZ]

268 CAMÕES, Luís de. Canção X. In: _____. Op. cit. p. 326-327. [RZ].

269 Elegia VIII, “À morte de D. Miguel de Meneses, filho de D. Henrique de Meneses, Governador da Casa do Cível, que morreu na Índia”. [RZ]

270 João Afonso Telo (?-1385) comandou os navios portugueses derrotados pelos espanhóis em 1381, morrendo a serviço do rei de Castela na batalha de Aljubarrota. O poema “À morte de D. Telo que mataram na Índia” é apócrifo. [RZ]

271 Lord Strangford publicou, há alguns anos, em Londres, poesias diversas

de Camões; mas que engenhosa imitação pode se comparar à verdade. V. o que diz a esse respeito a *Revista de Edinburgo*. [Percy Clinton Sydney Smythe (1780-1855), Lord Strangeford, teria traduzido de modo leviano para o inglês, em 1803, os poemas de Camões. – RZ]

272 Em português, no original. [RZ]

273 V. a erudita memória sobre o teatro português de Trigo de Aragão Morato, 1817, *Memórias da Academia das Ciências*, V. 5, p. 44. Ainda não conhecia essa obra, quando publiquei uma notícia sobre o teatro português; ela apresenta muitos detalhes preciosos. [V. MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. Op. cit. V. 5, p. 3-37. V. DENIS, Ferdinand. Notice sur le théâtre portugais. In: *Chefs d'œuvre du théâtre portugais*. Tradução e apresentação de Ferdinand Denis. Paris: Ladvoat, 1823. p. 3-28. A tradução da “Notice” foi publicada em *Remate de Males*, v. 27, n. 1, p. 24-39. ISSN 0103-183X. – RZ]

274 O marquês Henrique de Vilhena, (1384-1434) foi autor de *Los doce trabajos de Hércules, Tratado de la lepra, Arte de trovar, Tratado de consolidación*, entre outras obras. [RZ]

275 Fernando I (1380-1416), rei de Aragão entre 1412 e 1416, desposou Eleonor de Albuquerque em 1395. [RZ]

276 *La farce de Maître Pathelin*, de autor desconhecido, data provavelmente de 1464. [RZ]

277 *A paixão*, de Jean Michel, data de 1486. [RZ]

278 Ginguené, *Hist. lit. da Itália*, v. 6, p. 171. [Pierre L. Ginguené aborda a comédia italiana no capítulo XXII do sexto volume de sua *Histoire littéraire d'Italie*, em que examina as obras de Maquiavel e Bibbiena. Cf. GINGUENÉ, P. L. *Histoire littéraire d'Italie*. 2. ed. Paris: L. G. Michaud, 1824. – RZ]

279 Nicolau Maquiavel (1469-1527), autor de *O príncipe*, escreveu a comédia *A mandrágora* (1503). [RZ]

280 Bernardo Dovizi (1470-1520), conhecido por Bibbiena, nome de sua cidade natal, é autor da primeira comédia italiana escrita em prosa, *A calandra*, produzida em 1507 e encenada em 1514. [RZ]

281 Cada nação reclama para si a glória de ter dado à Europa a primeira peça dramática moderna. Para os ingleses, a origem de seu teatro precede em dois séculos a dos outros povos, se é verdade que, por volta do ano 1110, um mestre de escola de Dunstable compôs um drama intitulado “Santa Catarina”. No começo do século XVI [1515], apresentava-se na corte da Escócia uma comédia de Sir David Lindsay. Lord Berners, falecido em 1532, é considerado um dos mais antigos dramaturgos ingleses. Assim, ele viveu à época em que floresceu Gil Vicente. V. *La vie du cardinal Wolsey*, de John Galt, *Bibliothèque Britanique*, v. 58, p. 181. [Geoffrey de Dunstable

(?-1146) foi professor na Abadia de St. Alban, onde encenou um milagre, gênero de peça religiosa medieval; Sir David Lindsay (c. 1486-1555), poeta e dramaturgo escocês, é conhecido sobretudo por *Ane Satyre of the Thrie Estaitis* (c. 1540), moralidade de cunho político; Sir John Bouchier, Lord Berners (1467-1533), foi o primeiro a introduzir na literatura inglesa a figura de Oberon, que, mais tarde, protagoniza *Sonho de uma noite de verão*, de William Shakespeare (1564-1616); John Galt (1779-1839) publicou *The life and administration of Cardinal Wolsey* em 1812. A *Bibliothèque Britanique*, revista mensal editada em Genebra, alcançou noventa volumes entre janeiro de 1796 e dezembro de 1816. Em 1816, passou a denominar-se *Bibliothèque Universelle*. Thomas Wolsey (1475?-1530) foi uma das principais figuras da Igreja e da política exterior da Inglaterra, à época de Henrique VIII (1491-1547). – RZ]

282 Plauto (c. 254 a. C.-184 a. C.), comediógrafo, escreveu *Anfitrião*, *Aulúria* e *O soldado fanfarrão*. [RZ]

283 Erasmo de Rotterdam (1466-1536), teólogo e reformista, é autor de *Elogio da loucura* (1509). [RZ]

284 Públio Terêncio Afer (185-159 a.C.), dramaturgo romano, é autor de *O eunuco* e *Os irmãos*. [RZ]

285 Molière (1622-1673) é autor de *Escola de mulheres*, *Tartufo* e *O avarento*, entre outras comédias. [RZ]

432

286 Em português e em itálico no original. [RZ]

287 V. *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leus influence sur la poésie*. [Cf. Ferdinand Denis: “Quem sabe se a poesia dramática, que se expandiu em Portugal na mesma época, não encontrou alguns modelos nos dramas indianos que os conquistadores viram representados e cujas cenas irregulares eles reproduziram, no entanto, submetendo-as em parte às regras das peças latinas? Os portugueses assistiram a representações teatrais entre os cristãos de São Tomé, nas costas de Coromandel; não surpreende que tenham sonhado a seguir com os tesouros da Antiguidade.” In: DENIS, Ferdinand. De l’Orient. In: _____. *Scènes de la nature sous les tropiques, et de leus influence sur la poésie*. p. 361. – RZ]

288 V. *Biblioteca Lusitana*. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 384. – RZ]

289 *Auto da feira* (1527). In: *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão, 1965. p. 399. [RZ]

290 V. Trigoso de Aragão Morato, *Mem. da Acad.*, v. 5, segunda parte, p. 13. [Cf. Francisco Manuel Trigoso de Aragão Morato: “parece assaz desconforme com a delicadeza dos nossos atuais costumes, ter-se representado o auto da *Viagem [sic] do inferno* na própria câmara da rainha dona Maria, estando

ela enferma do mal de que faleceu”. In: MORATO, Francisco Manuel Trigoso de Aragão. Op. cit. V. 5, p. 13. – RZ]

291 “Mandaram-me aqui subir / Neste santo anfiteatro, / Para aqui introduzir / As figuras que hão-de vir / Com todo seu aparato. / É de notar / Que haveis de considerar / Isto ser contemplação / Fora da história geral, / Mas fundada em devoção.” In: *Auto de Mofina Mendes*. In: *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão, 1965. p. 507. [RZ]

292 Escreve Francisco Morato a propósito do *Auto de Mofina Mendes*: “Esta cena tem muito sal cômico”. In: MORATO, Francisco Manuel Trigoso de Aragão. Op. cit. V. 5, p. 17. [RZ]

293 *Auto de Mofina Mendes*. In: *Obras de Gil Vicente*. Porto: Lello & Irmão, 1965. p. 523. [RZ]

294 Trigoso de Aragão Morato, *Memórias da Academia das Ciências*, v. 5, p. 36 [sic]. [Cf. MORATO, Francisco Manuel Trigoso de Aragão. Op. cit. V. 5, p. 12-13; p. 16-17. – RZ]

295 Luís (1506-1555), infante de Portugal, é autor do *Auto de D. Duardos*, que, conforme Barbosa Machado, “saiu impresso com o nome de Gil Vicente” (MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 3, p. 49). [RZ]

296 Conforme Barbosa Machado, Fr. Brás de Resende compôs *Auto do pranto de Madalena* e *Auto do pranto de S. Pedro*. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 548. [RZ]

297 Henrique Lopes é autor de *Cena policiana*, publicada na *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*, custeada por Afonso Lopes e editada por André Lobato, em 1587. [RZ]

298 Jorge Pinto (?-1523) é autor de *Auto de Rodrigo e Mendo*, publicado na *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*. [RZ]

299 Antônio de Azevedo, conforme Barbosa Machado, foi “poeta cômico dos mais insignes que floresceram no feliz reinado del rei D. João III.” (MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 213). [RZ]

300 Antônio Ribeiro Chiado (?-1591) é autor de *Auto da natural invenção*, *Auto das regateiras*, *Prática de compadres* e *Prática de oito figuras*. [RZ]

301 É de Jerônimo Ribeiro o *Auto do físico*, editado na *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas*. [RZ]

302 Encontraremos detalhes preciosos sobre esses autores na *Biblioteca Lusitana*, de Barbosa.

303 Reimpressa, em edição facsimilada, em 1973. Cf. *Primeira parte dos autos e comédias portuguesas por António Prestes, Luis de Camões e outros autores portugueses*. Lisboa: Lysia, 1973. [RZ]

304 Encontraremos um exame crítico destas duas peças em *Memórias da*

literatura portuguesa, de Francisco Dias. [Ferdinand Denis provavelmente se equivocou; é no “Ensaio sobre a Filologia Portuguesa por meio do exame e comparação da locução e estilo dos nossos mais insignes poetas, que floresceram no século XVI”, de Antônio das Neves Pereira, que se encontra o estudo das duas comédias de Sá de Miranda. Cf. PEREIRA, Antônio das Neves. Do estilo cômico de Miranda. In: _____. Op. cit. V. 5, p. 31-34. – RZ]

305 Talia é a musa da comédia, segundo a mitologia grega. [RZ]

306 Cf. . PEREIRA, Antônio das Neves. Op. cit. [RZ]

307 Analisei esta peça na coleção dedicada ao teatro estrangeiro. V. Notice sur the théâtre portugais, que precede minha tradução. [Cf. DENIS, Ferdinand. Op. cit. – RZ]

308 FERREIRA, Antonio. *Poemas lusitanos*. Segunda impressão emendada e acrescentada com a vida e comédias do mesmo poeta. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1771. V. II, p. 90-91. [RZ]

309 Em português e em itálico, no original. [RZ]

310 A primeira, devida a Trissino e intitulada *Sofonisba*, precede-a em apenas alguns anos [Gian Giorgio Trissino (1478-1550) é autor de *Sofonisba* (1514-1515), considerada a primeira tragédia de estilo clássico do século XVI. – RZ]. V. Ginguéné e também Sismondi, *Lit. du Midi*. [Cf. GINGUENÉ, P. L. Op. cit. Cf. SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 309. – RZ]

434

311 *Mercurie Étranger*, v. I. [Cf. A. Sané: “Se a cena portuguesa nada tem para opor a nossos Racines, a nossos Corneilles, a nossos Crébillons, a nossos Voltaires, ao menos ela se orgulha de ter possuído, na *Inês de Castro*, do poeta Antônio Ferreira, a mais perfeita das tragédias modernas, antes de Corneille ter calçado, na França, o coturno de Melpomene. Ferreira é, dentre todos os poetas portugueses, o mais erudito, e é quem, com Camões, mais enriqueceu sua língua de torneios bem realizados e audaciosos. A tragédia não foi seu único domínio; ele adonou-se de todos os outros gêneros, salvo a epopeia. Familiarizado, como estava, com os escritores gregos e latinos, possuía tal pureza de gosto, que, à exceção de alguns versos duros e prosaicos, ele passa em Portugal por ser tão clássico como é Boileau entre nós.” In: SANÉ, [A.]. *Suite du Coup-d’oeil sur l’état de la littérature en Portugal*. In: *Mercurie Étranger* ou Annales de la Littérature Étrangère. Paris: D. Colas, 1813. Tomo I, v. 5, p. 270. Jean Racine (1639-1699) é autor das tragédias *Andromaque*, *Bérénice* e *Phèdre*, entre outras. Pierre Corneille (1606-1684) é autor das tragédias *Le Cid*, *Polyeucte* e *Cinna*, entre outras. Prosper Jolyot Crébillon (1674-1762) é autor das tragédias *Idoménée* e *Electre*, entre outras. – RZ]

312 João Batista Gomes Junior (c. 1775-1803) é autor da *Nova Castro* (1806). [RZ]

313 FERREIRA, Antônio. *Castro*. Seleção, introdução e notas de Silvério

Augusto Benedito. Lisboa: Ulisseia, 1989. p. 155-157. [RZ]

314 Antoine Houdar de La Motte (1672-1731) escreveu a tragédia *Inês de Castro* em 1723. [RZ]

315 Em rodapé, Denis comenta: “Traduzi este trecho bastante literalmente, porque me parece que a poesia dramática deve ser transmitida tanto em uma linguagem como em outra. Penso que o sistema de tradução deve variar segundo os trechos que temos a apresentar.” Reproduz-se aqui a versão original. [RZ]

316 FERREIRA, Antônio. *Castro*. p. 211-218. [RZ]

317 FERREIRA, Antônio. *Castro*. p. 234. [RZ]

318 *Littérature du Midi*, v. IV, p. 308. Sismondi admira com justa razão as passagens em que Afonso está dividido entre a piedade e o amor ao dever. [Cf. SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 308-328. – RZ].

319 Niccolò Vittorio Alfieri (1749-1803) é autor das tragédias *Saul*, *Antígona* e *Maria Stuart*. [RZ]

320 V. suas obras diversas. V. igualmente Neves Perreira, *Mem. de lit.* [Cf. PEREIRA, Antônio das Neves. Op. cit. – RZ]

321 Cf. DIAS, Francisco. Op. cit. [RZ]

322 V. *Biblioteca Lusitana*. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa Machado. Op. cit. v. 1, p. 273. – RZ] Foi dedicada ao conde de Atouguia pelo tradutor, que lecionava latim ao filho daquele nobre [João Gonçalves de Ataíde foi o 4º conde de Atouguia, tendo vivido no século XVI. – RZ]. Apesar das pesquisas diligentes de Van Praet [Joseph Basile Van Praet (1754-1837), bibliotecário, era conhecedor do acervo da Biblioteca Nacional de Paris, que ajudou a recuperar após o incêndio ocorrido em 1794. – RZ], não pude obtê-la. Um autor espanhol não teve escrúpulo de traduzi-la, atribuindo-se a autoria; tal é, ao menos, a opinião de Morato. V. *Memorias da Academia Real das Ciências*: “Dos castelhanos o primeiro que compôs uma tragédia regular, sendo já morto Ferreira, não fez mais que imitar fielmente a *Castro* portuguesa.” “Foi este Antônio da Silva (...); publicou em 1577 a *Nise lastimosa* e *Nise laureada*.” [MORATO, Francisco Manuel Trigoso de Aragão. Op. cit. p. 27-28. A primeira parte da citação aparece no corpo do texto; a identificação do imitador, em rodapé. Reproduz-se integralmente o rodapé de Morato: “Foi este Antônio da Silva, nome com o qual, segundo a opinião do sr. Bouterwek, se quis encobrir o dominicano de Galiza Jerônimo Bermudes. É o primeiro trágico regular da Espanha; publicou em 1577 a *Nise lastimosa* e *Nise laureada*. A primeira destas tragédias é uma imitação fiel cena por cena da *Castro* de Ferreira; a segunda é original, porém fica muito inferior à primeira; e o seu assunto é que a coroação de dona Inês de Castro depois de morta, e o processo e execução dos seus matadores não parece próprio para ser representado no teatro. O abade Barbosa diz que Antônio

- da Silva fora português e natural de Évora; e depois de fazer menção das suas duas tragédias e do louvor que a elas dá o padre Antônio dos Reis, no *Enthusiasm. Poet.* diz que este estranha a Nicolau Antônio ter feito ao autor natural da Galiza, quando certamente era de Portugal.” O dominicano Jerônimo Bermudes de Castro (1530-1599), oriundo da Galiza, publicou *Nise Lastimosa* e *Nise laureada* sob o nome de Antônio Silva em 1577. A Antônio da Silva, Diogo Barbosa Machado atribui a autoria das peças *Nise lastimosa* e *Nise laureada*, comentando sua procedência portuguesa. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 388. O padre Antônio dos Reis (1690-1738), em *Epigrammatum libri quinque*, de 1728, tem na Dedicatória a D. João V (1689-1750), rei de Portugal desde 1707 até sua morte, um *Enthusiasmus poeticus*, com 1483 versos heroicos, escritos em latim, relativos aos principais nomes da poesia portuguesa produzida até então. Neste poema, refere-se a Antônio da Silva, a quem atribui nacionalidade portuguesa, contrariando Nicolau Antônio. Cf. REIS, Antônio dos. *Enthusiasmus poeticus*. In: _____. *Epigrammatum libri quinque*. Lisboa: José Antônio da Silva; Ulyssipone Occidentali: ex praelo Josepho Antonii à Sylva, Academiae Regiae Typographi, 1728. V. 1, s. p. Nicolau Antônio (1617-1684), considerado iniciador da moderna historiografia da literatura, na Espanha, é autor da *Bibliotheca hispana nova, sive hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV floruerunt notitia*, publicada em quatro volumes. No primeiro tomo, refere-se a Antônio de Silva, atribuindo-lhe nacionalidade galega e autoria das tragédias *Nise lastimosa* e *Nise laureada*. Cf. ANTONIO, Nicolau. *Bibliotheca hispana nova, sive hispanorum scriptorum qui ab anno MD ad MDCLXXXIV floruerunt notitia*. Madri: Joachim de Ibarra, 1783. V. 1, p. 161. – RZ]
- 436 323 Cf. DENIS, Ferdinand. Notice sur le théâtre portugais, p. 16-21. [RZ]
- 324 É provável que *Filodemo* nunca tenha sido encenado. O cardeal-rei favorecia sobretudo o teatro clássico imitado dos antigos. Representavam-se, para ele e para uma numerosa assembleia eclesiástica, as peças de Sá de Miranda; e, segundo o espírito do tempo, os gracejos bastante temerários deste autor não pareciam estranhos. V. Barbosa. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 254. – RZ]
- 325 Jorge Ferreira de Vasconcelos (1515-1585) é autor de *Eufrosina* (1542-1543), *Ulisipo* (1561) e *Aulegrafia*, publicada postumamente em 1615. [RZ]
- 326 Jorge Ferreira tem tão pouco respeito a unidade de espaço, que vemos dois interlocutores, sem deixar o teatro, irem de Lisboa a uma casa de campo situada na Estrada da Luz, que ainda hoje se situa a uma boa distância.
- 327 Em português e em itálico no original. [RZ]
- 328 Em português e em itálico no original. [RZ]
- 329 Em português e em itálico no original. [RZ]

330 Simão Machado (1570-1640) é autor de *Cerco de Diu* e *Comédia da Pastora Alfea*. [RZ]

331 Não sei porque Schlegel não menciona o teatro português em sua obra sobre a poesia dramática. O Abade Andrés, que se refere aos teatros sueco e dinamarquês, não cita o português. V. *Storia d'ogni letteratura*. [August Wilhelm Schlegel (1767-1845) publicou o *Curso de literatura dramática* em 1809. – RZ]

332 GINGUENÉ, P. L. *Histoire littéraire d'Italie*. [Ferdinand Denis, ainda que cite o trecho entre aspas, procede a pequenas alterações no original. Escreve Ginguené : “Os primeiros poetas italianos, mais refinados que os provençais, porque eram quase todos formados nas escolas nascentes do platonismo, distanciaram-se de tal modo, em suas poesias amorosas, de tudo o que é vulgar e pedestre, que se afastaram até mesmo do que era inteligível e humano. As mulheres, que eram objeto de seus cantos, ficavam lisongeadas tanto com esta esta elevação do estilo, quanto com a dos sentimentos.” In: GINGUENÉ, Pierre L. Op. cit. V. 2, p. 498-499. – RZ]

333 Lembrarei aqui, antes de continuar o exame dos poemas bucólicos, que este gênero de poesia só pode parecer natural em Portugal, onde os camponeses são tão diferentes dos nossos. Escutemos um viajante alemão que os observou. Linck, após ter referido a melodia queixosa e doce que diferencia os cantos do lavrador português, exprime-se assim: “Surpreende ouvir muitas vezes um simples e pobre camponês, em uma linguagem que se diversifica bem menos que todas as outras daquela das pessoas de distinção, cantar: ‘Oh, minha pastora! Escuta minhas queixas, escuta meus suspiros! etc.’ A sílaba final *ão* (aoung), pronunciada com um tom viril, recebe, sobretudo na palavra *coração* [em português e itálico no original – RZ], um acento terno e agradável; seu “minha menina” [em português no original – RZ] é a expressão mais doce que podemos encontrar em alguma língua.” V. LINK, v. 2, p. 46. [Cf. LINK, Heinrich Friedrich. *Voyage en Portugal*. Paris: Dentu, 1808. V. 2, p. 45-46. – RZ]

334 BERNARDES, Diogo. Carta XX. In: _____. *O Lima*. Lisboa: Antônio Vicente da Silva, 1761. p. 196. Este trecho é citado por Diogo Barbosa Machado no verbete dedicado a Diogo Bernardes, de onde provavelmente Ferdinand Denis o transcreveu e traduziu. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 636. [RZ]

335 *O Lima* contém vinte élogos.

336 *Histoire de la Littérature du Midi*. [Escreve Sismondi: “Parece-me, com efeito, encontrar aí, no encanto da língua e a elegância da versificação, relações com Camões; mas o espírito das composições não é o mesmo: não nos sentimos arrebatados por sentimentos verdadeiros; o poeta quis ser antes poeta, que satisfazer às necessidades de seu coração; ele procura

frequentemente, nos *concetti* e os jogos de palavras, o espirituoso que seu assunto lhe recusa, e a monotonia da poesia pastoril não é suplantada pelas faíscas de um espírito menos justo ou de um gosto menos garantido.” In: SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 319-320. – RZ]

337 BERNARDES, Diogo. *Obras completas*. Lisboa: Sá da Costa, 1946. V. 2, p. 106. [RZ]

338 BERNARDES, Diogo. *Obras completas*. V. 2, p. 105. [RZ]

339 CAMINHA, Pero de Andrade. *Poesias*, mandadas publicar pela Academia Real das Ciências. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1791. [RZ]

340 Frei Joaquim Forjaz (1712-1798), cronista e pregador, pertenceu à Academia Real das Ciências de Lisboa. [RZ]

341 Trata-se da Livraria do Convento da Graça de Lisboa, conforme o Prólogo da edição das *Poesias*, de Pero de Andrade Caminha. O Prólogo narra o encontro do segundo manuscrito; informa igualmente que existe uma cópia do manuscrito de propriedade do duque de Cadaval. A edição das *Poesias* unifica as duas versões. Cf. Prólogo. In: CAMINHA, Pero de Andrade. *Poesias*, p. IX-XI. [RZ]

342 Cf. DIAS, Francisco. Op. cit, p. 104-108. [RZ]

438 343 Bernard le Bovier de Fontenelle (1657-1757) foi poeta e filósofo de inclinação iluminista. [RZ]

344 ANASTÁCIO, Vanda. *Visões de glória* (Uma introdução à poesia de Pero de Andrade Caminha). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian; Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1998. V. 2, p. 323.

345 ANASTÁCIO, Vanda. *Visões de glória*, V. 2, p. 1045. [RZ]

346 Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 3, p. 558. [RZ]

347 Fernão Teles de Meneses (1530-?) foi governador da Índia em 1580 e 1581. [RZ]

348 Manuel Temudo da Fonseca (?-1652) é autor de *Decisiones Senatus Archiepiscopalis Ulysiponensis*, cujas três primeiras partes foram publicadas entre 1643 e 1650. [RZ]

349 Há um erro: é Francisco Manuel que escreveu sobre este assunto a Temudo da Fonseca. Só encontrei uma velha edição de Fernão Álvares do Oriente, há uma moderna que contém, creio, a vida do autor. [Francisco Manuel de Melo (1608-1666) é autor da *Carta de guia de casados*, de 1651, *Epanáforas de vária história portuguesa*, de 1660, *Obras métricas*, de 1665, *Apólogos dialogais*, de 1721, entre outras obras. Na *Carta ao Doutor Manuel Temudo da Fonseca, Vigário Geral do Arcebispado de Lisboa*, publicada em 1650, comenta que Fernando Álvares do Oriente navegou “mais longe”, tendo levado “mais riquezas” à Musa. Cf. *Cartas familiares*

de d. Francisco Manuel, recolhidas e publicadas em cinco centurias por Antônio Luís de Azevedo. Lisboa: Of. dos Herdeiros de Antônio Pedroso Galram, 1752. p. 331. A primeira edição de *Lusitânia transformada* data de 1607; a segunda, de 1781, “deve-se ao P.º Joaquim de Foios, da Academia Real das Ciências.” In: LISBOA, Eugênio (Org.). *Dicionário cronológico de autores portugueses*. Lisboa: Instituto Português do Livro; Publicações Europa-América, 1983. p. 245 – RZ]

350 Este autor poderia ser o objeto de uma discussão muito curiosa, adotando a opinião de um dos homens que melhor conheciam a literatura portuguesa. Verdier pensa que Fernão Álvares do Oriente publicou sob seu nome uma obra que Camões perdera e que a compôs, imitando a *Arcádia*, de Sannazaro [Jacobus Sannazaro (1458-1530) publicou a *Arcádia* em 1502, em que descreve a vida pastoril conforme a tradição da Antiguidade. – RZ]. Já indiquei esta opinião em meu livro, *Scènes de la nature*. V. “Camões e José Índio” [Cf. DENIS, Op. cit, p. 446. – RZ] Acrescentarei que Diogo do Couto, que conheceu o poeta durante suas viagens, fala de um livro sobre o qual ele trabalhava, que devia girar sobre diversos temas e ao qual ele deu o título de *Parnaso*; esta obra foi-lhe roubada em Moçambique [Diogo do Couto teria encontrado Camões em Moçambique em 1569. O episódio referido por Ferdinand Denis encontra-se em: COUTO, Diogo do. *Década Oitava da Ásia*. Lisboa: João da Costa & Diogo Soares, 1673. Livro I, Cap. XXVIII, p. 119: “Em Moçambique achamos aquele Príncipe dos Poetas de seu tempo, meu matalote e amigo Luís de Camões, tão pobre que comia de amigos, e para se embarcar para o Reino lhe ajuntamos os amigos toda a roupa que houve mister, e não faltou quem lhe desse de comer, e aquele inverno que esteve em Moçambique, acabou de aperfeiçoar as suas *Lusíadas* para as imprimir, e foi escrevendo muito em um livro que ia fazendo, que intitulava *Parnaso* de Luís de Camões, livro de muita erudição, doutrina e filosofia, a qual lhe furtaram, se nunca pode saber no Reino dele, por muito que o inquiri, se foi furto notável, se em Portugal morreu este excelente poeta em pura pobreza.” – RZ]. V. A vida de Camões, por Sousa [Cf. BOTELHO, José Maria de Sousa. Vida de Luís de Camões. In: *Os Lusíadas*. Op. cit. p. LVIII-LIX. – RZ]; v. igualmente a que escreveu Alexandre Lobo, Mem. da Academia das Ciências [Francisco Alexandre Lobo (1763-1844), bispo de Vizeu, publicou *Memória histórica e crítica acerca de Luis de Camões e das suas obras* em 1820. Cf. LOBO, Francisco Alexandre: *Memória histórica e crítica acerca de Luís de Camões e das suas obras*. Lisboa: Academia de Ciências de Lisboa, 1820. O ensaio foi republicado em *Obras de D. Francisco Alexandre Lobo*, Bispo de Vizeu. Lisboa: José Baptista Morando, 1848. V. 1, p. 21-156. – RZ], e a continuação das *Décadas*. Sem estabelecer ainda um julgamento definitivo sobre as obras de Fernão Álvares do Oriente, podemos dizer que a maneira conforme a qual ele precisa os lugares em suas descrições indica um conhecimento local bastante extenso. Observarei também que ele

coloca sua primeira cena sob as margens do Zêzere, cantado por Camões, *Canção*. [F. Denis refere-se à canção apócrifa “O pomar venturoso”, hoje excluída do cânone camonianiano. – RZ]

351 ORIENTE, Fernão Álvares do. *Lusitânia transformada*. Introdução e atualização de texto de Antônio Cirurgião. Lisboa: Imprensa Nacional; Casa da Moeda, 1985. p. 27. [RZ]

352 Observarei, de passagem, que encontramos aqui uma prova desta cor oriental que se encontra tão frequentemente na literatura portuguesa. Já vimos quanto os árabes gostam de emprestar sentimentos de seres animados aos vegetais. V. numerosos exemplos em Humbert, *Antologia árabe* [A *Anthologie arabe*, do orientalista Jean Humbert (1792-1851), foi publicada em 1819; cf. HUMBERT, Jean. *Anthologie arabe*, ou Choix de poésies arabes inédites. Paris: Treuttel et Würtz, 1819. – RZ]; v. igualmente *Les Oiseaux et les Fleurs*, obra traduzida por Garcin de Tassy [Joseph Héliodore Garcin de Tassy (1794-1878), orientalista francês, publicou *Les oiseaux et les fleurs*, alegorias morais de Azz-Eddin Elmocaddessi, em 1821, além de outras obras sobre cultura islâmica e indu. – RZ]. De Chezy encontra com bastante frequência essas formas orientais em Camões. V. *Mer. Étrang.* [Antoine-Léonard de Chézy (1773–1832), orientalista francês, traduziu obras da literatura indiana. Estudou com Louis-Mathieu Langlès (1763-1824), um dos editores do *Mercurie Étranger*, especialista em assuntos orientais, filólogo, bibliotecário e curador da Biblioteca Nacional da França. Em 1832, o dramaturgo Wilhelm Theodor von Chézy, filho de Antoine-Léonard e Helmina von Chézy (1783-1856), escreveu e encenou *Camoens*, drama histórico em cinco atos, redigido em alemão. – RZ]

440

353 ORIENTE, Fernão Álvares do. *Lusitânia transformada*, p. 62-63. [RZ]

354 Teócrito (c. 310 a. C.-250 a. C.), poeta grego, é conhecido por seus idílios bucólicos. [RZ]

355 *A primavera; O pastor peregrino; O desengano*.

356 LOBO, Francisco Rodrigues. *A primavera*. Ed. de Maria Lucília Gonçalves Pires. Lisboa: Vega, 2003. p. 286-288. [RZ]

357 LOBO, Francisco Rodrigues. *O pastor peregrino*. Ed. de Maria Lucília Gonçalves Pires. Lisboa: Vega, 2004. p. 53-54. [RZ]

358 Joaquim de Foios (1733-1811) era membro da Academia das Ciências de Lisboa. [RZ]

359 *Memória sobre os poetas bucólicos de Portugal*, Acad. de Ciências. [Cf. FOIOS, Joaquim de. *Memória sobre a poesia bucólica dos poetas portugueses. Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1797. V. I, p. 388-491. – RZ]

360 Ferdinand Denis refere-se a Manuel da Veiga Tagarro (?-?). Camilo Castelo Branco, no *Curso de literatura portuguesa*, observa a respeito da

lenda criada em torno a esse autor: “Os redatores do Dicionário da Língua Portuguesa, publicado pela Academia Real das Ciências (1793), e Costa e Silva no rasto daqueles, e o Sr. Teófilo Braga no rasto de todos, à minguia de notícias positivas da vida de Manuel da Veiga Tagarro, autor de *Laura de Anfriso*, teceram uma biografia conjetural fundamentada nas referências que o poeta se faz em suas poesias: amores aos doze anos, contrariedades, tiranias, prisões, trevas em masmorras profundas, clausuras, eremitérios, com tudo o mais que avulta nos infortúnios do enamorado Macias, de Torquato Tasso, de Cristóvão Falcão e na aventureira juventude de Brás Garcia Mascarenhas. O que pode asseverar-se independentemente da equívoca autoridade dos poemas, é que Manuel da Veiga nasceu em Évora, licenciou-se em Teologia, pertencendo ao primeiro quartel do século XVII, e supõe-se que falecera antes de 1640.” Cf. CASTELO BRANCO, Camilo. *Curso de Literatura Portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Labirinto, 1986. p. 38-39. [RZ]

361 Desde os doze anos, diz o Catálogo dos Autores que precede o grande Dicionário. [Cf. Catálogo dos autores e obras que se leram e de que tomaram as autoridades para a composição do Dicionário da Língua Portuguesa. Op. cit. p. CXCIII. – RZ]

362 *Laura de Anfriso*. Poesias do Licenciado Manuel da Veiga. Nova edição, correta e emendada. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1788. p. 118. [RZ]

363 Gonçalo Annes Bandarra (1500-1560) é autor das *Trovas*, de conteúdo messiânico e conhecidas como “Profecias do Bandarra”. Foi processado pelo Santo Ofício, que o condenou a acompanhar procissão do auto-de-fé de 1541 e proibiu a circulação de seus poemas. [RZ]

441

364 Michel de Nostredame (1503-1566), conhecido como Nostradamus, médico, astrólogo e alquimista, ficou famoso por sua suposta capacidade de vidência. [RZ]

365 Adam Billaut (1602-1662), conhecido como Mestre Adão, marceneiro e cantor, foi um dos primeiros poetas operários; sua obra, *Les chevilles*, de 1644, obteve grande sucesso. [RZ]

366 MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 390-391. [RZ]

367 Sob o título de *Corpus illustrium poetarum lusitanorum, qui latinè scripserunt / nunc primum in lucem editum ab Antonio dos Reys*, 8v. Essa importante obra encontra-se na biblioteca da cidade. [Foi publicada entre 1745 e 1748, tendo sido editada por Antônio dos Reis (1690-1738). – RZ]

368 Frei Tomé de Faria (1558-1628) publicou a tradução de *Os Lusíadas* para o latim em 1622. [RZ]

369 *Chauleidos*, de Diogo de Paiva de Andrade (1576-1660), data de 1628. [RZ]

370 Pentesileia é a rainha das Amazonas, com quem Aquiles trava um combate. O episódio não aparece na *Iliada*. [RZ]

371 Camila, rainha dos volscos, morre em combate com Eneias, na *Eneida*, de Virgílio. [RZ]

372 Clorinda, princesa guerreira, provoca a paixão de Tancredo, herói de *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso. [RZ]

373 Coupé, *Soirées littéraires*, volumes 11 e 12. [Cf. COUPÉ, Jean-Marie-Louis. Poètes portugais qui ont écrit en latin. In: *Les Soirées Littéraires*. Paris: Honnert, 1797. V. 11, p. 156-157. O abade Jean-Marie-Louis Coupé (1732-1818) redigiu e editou, entre 1795 e 1801, em vinte volumes, *Les Soirées littéraires, ou Mélanges de traductions nouvelles des plus beaux morceaux de l'antiquité, de pièces instructives et amusantes, françaises et étrangères*. – RZ]

374 Tentarei, mais tarde, divulgar este poema, no todo ou em parte.

375 Henrique Caiado (1475-1508), ou Hermicus Caiadus, escreveu élogos e epigramas em latim. Estudou nas universidades de Bolonha e Florença, tendo residido e produzido sua obra na Itália. [RZ]

376 V. a este respeito um artigo do *Journal des Savans*.

377 Francisco de Santo Agostinho Macedo (1596-1681), jesuíta e, depois, franciscano, é autor de *Orpheus tragico-comoedia in aula regia palatii parisiensis coram rege christianissimo Ludovico XIV*, de 1647, e de *Diatriba de adventu S. Jacobi in Hispaniam*, de 1662. [RZ]

442 378 Cf. BOAVENTURA, Fr. Fortunato. Memória do começo, progressos, e decadência da Literatura Grega em Portugal desde o estabelecimento da monarquia até ao reinado do sr. d. José I. In: *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1823. V. VIII, Parte I, p. 1-51. Frei Fortunato Boaventura (1777-1844) doutorou-se em Teologia na Universidade de Coimbra, onde também lecionou. [RZ]

379 Parece bem moderado para nossa época; mas leiamos outros historiadores, e o pensamento sobretudo retrógrado de alguns séculos, e veremos que a palavra de piedade era bela na boca do bispo de Silves.

380 OSORIO, Jerônimo. *Da vida e feitos d'el-rei D. Manuel*. Trad. Francisco Manuel do Nascimento. Lisboa: Impressão Régia, 1804. V. I, p. 40-41. [RZ]

38 Essa pequena obra, publicada por Veríssimo Álvares da Silva, tem grande interesse para a história. [As cartas portuguesas de D. Hieronymo Osorio, Bispo de Silves foram publicadas em 1819, em Paris. – RZ]

382 OSÓRIO, D. Jerônimo. Para o Rei Dom Sebastião [1574]. In: _____. *Cartas*. Trad., compulação e notas de A. Guimarães Pinto. Silves: Câmara Municipal de Silves, 1995. p. 91. [RZ]

383 Luís Gonçalves da Câmara (1518-1575), jesuíta, foi um dos preceptores de Sebastião. [RZ]

384 Tito Lívio (c. 59 a. C.-17 d.C.) redigiu a história de Roma desde sua fundação até o início do século I d. C. [RZ]

385 João de Barros publicou o romance de cavalaria *Crônica do imperador Clarimundo* em 1522. [RZ]

386 GOMES, Francisco Dias. Notas à Ode II. In: _____. *Obras poéticas*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1799. p. 308-310. Ferdinand Denis parafraseia as observações de Francisco Dias Gomes sobre João de Barros, expressas nas Notas à Ode II. [RZ]

387 BARROS, João de. *Década primeira da Ásia*. Década I, Livro IV, Cap. 11, fol. 81. Lisboa: Impressa por Jorge Rodrigues, 1628. O trecho é citado por Francisco Dias. Cf. DIAS, Francisco Gomes. Notas à Ode II. In: _____. Op. cit. p. 303. [RZ]

388 O rio Gâmbia atravessa atualmente as repúblicas de Gâmbia e Senegal. O rio Canaga, atualmente rio Senegal, separa o Senegal e a Maurítânia [RZ]

389 V. Livro III, da *Década Primeira*. [Ferdinand Denis refere-se ao capítulo VIII, do Livro III, do primeiro volume das *Décadas*, de João de Barros. – RZ]

390 SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 493. [RZ]

391 Bartolomeu de las Casas (1472-1566), dominicano, foi cronista, bispo de Chiapas, no México, e defensor dos índios no período da ocupação espanhola. [RZ]

392 Cristóvão Colombo (1451-1506), navegador, chegou à América em 12 de outubro de 1492, sendo considerado o descobridor do Novo Mundo. [RZ]

393 O título integral da obra, publicada pela Academia Real de Ciências de Lisboa, em 1790, é *Observações sobre as principais causas da decadência dos portugueses na Ásia, escritas por Diogo do Couto, em forma de diálogo com o título de Soldado Prático*. [RZ]

394 Trata-se de Brás de Albuquerque (1500-1580?1581?), filho de Afonso de Albuquerque, de quem tomou o nome, e autor dos *Comentários de Afonso de Albuquerque*, obra publicada em 1557. [RZ]

395 Afonso de Albuquerque (1445/1462-1515), soldado, diplomata e escritor, é autor das *Cartas para el-rei*. [RZ]

396 Barbosa, *Biblioteca Lusitana*. V. igualmente o *Catálogo de autores*, que precede o grande dicionário. [Conforme Diogo Machado Barbosa, Garcia de Resende incluiu poemas de Afonso de Albuquerque no *Cancioneiro geral*, observando que o autor foi “tão versado foi na Poesia, como na História.” (BARBOSA, Diogo Machado. Op. cit. V. 1, p. 26). O *Catálogo de autores* inclui observação sobre Afonso de Albuquerque (filho). Cf. *Dicionário da língua portuguesa*, p. LVIII. – RZ]

397 É Diogo Barbosa Machado quem informa que Damião de Góis faleceu em 1560 (Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Op. cit. V.

1, p. 617). Damião de Góis faleceu em 1574. [RZ]

398 *Crônica do felicíssimo rei D. Manuel*. [Cf. GÓIS, Damião de. *Crônica do felicíssimo rei D. Manuel*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1955. V. 4, p. 224-225. – RZ] Há um precioso exemplar desta obra na Biblioteca Sainte-Geneviève; é a edição *princeps*, portando a data de 1566. Notei aí a assinatura do autor, o que desmente o que diz Barbosa, que localiza, por ouvir dizer, a morte do autor em 1560.

399 Damião de Góis traduziu o *Livro de Marco Túlio Cícero chamado Catão Maior ou da Velhice dedicado a Tito Pompônio Ático*. [RZ]

400 *Biblioteca Lusitana*. [Diogo Machado Barbosa indica o manuscrito de um *Tratado da teórica da música* (Cf. BARBOSA, Diogo Machado. Op. cit. v. 1, p. 621) – RZ]

401 CASTANHEDA, Fernão Lopes de. *História do descobrimento e conquista da Índia pelos portugueses*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1833. Livro III, s. p. [RZ]

402 Nicolas Grouchy (1520-1572), filho de Jean de Grouchy, é o autor da tradução, intitulada *L'Histoire des Indes de Portugal, contenant comment l'Inde a esté decouverte*, publicada em 1554 e reeditada em 1576. [RZ]

403 V. Francisco Dias Gomes, *Obras poéticas*. [Cf. DIAS, Francisco Gomes. Notas à Elegia X. In: _____. Op. cit. p. 143. – RZ]

444 404 André de Resende (c.1500-1573), arqueólogo e professor das universidades de Lisboa e Coimbra, é autor de *De Antiquitatibus Lusitaniae, Deliciae Lusitano Hispanicae e Epitome rerum gestarum in India a Lusitanis*, entre outras obras. [RZ]

405 Os amigos da literatura da Europa meridional esperam, impacientemente, importante trabalho de Buchon sobre os historiadores portugueses e sobre os poetas, considerados em suas relações com a história.

406 Heitor Pinto (1528?-1584) é autor de *Imagem da vida cristã ordenada por diálogos*, publicada em duas partes, a primeira em 1563, e a segunda, em 1572. [RZ]

407 O livro *Imagem da vida cristã* foi publicado em espanhol, com o título de *Imagen de la vida christiana*, em 1571, em italiano, com o título de *Imagine della vita christiana*, em 1595, e em francês, com o título de *L'image de la vie chrestienne*, em 1603. [RZ]

408 Amador Arrais (1530-1600) é autor dos *Diálogos*, de 1589, iniciados, em latim, por seu irmão, o médico Jerônimo Arrais (?-?) [RZ]

409 Pero Vaz de Caminha (c. 1450-1500), escrivão da armada de Pedro Álvares de Cabral (1467/1468-1520 ou 1526), redigiu a carta dirigida a Manuel I, em que comunica a chegada da frota portuguesa à América. [RZ]

410 Pedro Álvares Cabral comandou a segunda viagem marítima de Portugal

às Índias; durante o percurso, chegou às possessões lusitanas na América, em 22 de abril de 1500. [RZ]

411 Manuel Aires de Casal (1754-1821) publicou em 1817 a *Corografia brasílica, ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil composta e dedicada a sua majestade fidelíssima por um presbítero secular do Gran Priorado do Crato*. [RZ]

412 Jacques Thomas Verneur foi o editor do periódico *Journal de voyages, découvertes et navigations modernes*, ou *Archives géographiques du XIXe siècle, contenant les plus remarquables imprimés en Europe*, entre 1819 e 1824. A *Carta* de Pero Vaz de Caminha foi publicada no vigésimo-oitavo fascículo do volume VII, em 1821, traduzida por Denis (Cf. ROUANET, Maria Helena. Op. cit. p. 300.) [RZ]

413 Com Hippolyte Taunay (1793-1864), filho do pintor Nicolas-Antoine Taunay (1755-1830), Denis publicou, entre 1821 e 1822, *Le Brésil, ou Histoire, moeurs, usages et coutumes des habitants de ce royaume*, em seis volumes. [RZ]

414 Fernão de Magalhães (1480-1521), navegador português, comandou a expedição espanhola que efetuou a primeira viagem de circunavegação do globo. [RZ]

415 Carlos V (1500-1558) foi imperador da Espanha, do Sacro Império Romano, Arquiduque da Áustria e Príncipe dos Países Baixos, reinando sobre grande parte da Europa na primeira metade do século XVI. [RZ]

416 As ilhas Molucas, hoje parte da Indonésia, eram disputadas por Portugal e Espanha, que divergiam quanto à interpretação do Tratado de Tordesilhas, de 1494. Fernão de Magalhães, a serviço de Carlos V, alcança a região em nome da Espanha. [RZ]

417 Nicolau Antônio, na *Bibliotheca hispana*, dedica um verbete a Fernão de Magalhães e atribui a autoria do *Diário da navegação* a Antônio Morena. O relato de *A primeira viagem ao redor do mundo* foi realizado por Antônio Pigafetta (1491?-1534), obra publicada originalmente em 1525. [RZ]

418 Jorge de Lencastre (1548-1578). [RZ]

419 A Arábia Felix correspondia à região hoje ocupada pelo Iêmen e por Omã, habitada por tribos sedentárias dedicadas à agricultura e ao comércio. A denominação devia-se à extensão de suas terras férteis. [RZ]

420 A denominação Tartária foi atribuída pelos europeus, desde a Idade Média até o século XX, à região que se estendia do mar Cáspio e das montanhas Urais até o oceano Pacífico, habitadas por turcomanos e mongóis, conhecidos como tártaros. [RZ]

421 Trata-se do jesuíta Belchior Nunes Barreto, Provincial da Índia. [RZ]

422 O rei de Bungo, província do Japão, foi visitado por Fernão Mendes

Pinto; sua conversão ao catolicismo deveu-se a São Francisco Xavier (1506-1552). [RZ]

423 Foi até escrito um romance francês que trata de suas principais aventuras e que é passavelmente maravilhoso; intitula-se *L'heureux voyageur* ou *Avantures de Mendès Pinto*; mas é preciso não confundir esta obra de má qualidade com suas verdadeiras aventuras. [Jacques-Philibert Rousselot de Surgy (1737-1791) é o autor de *L'Heureux voyageur*, ou *Avantures de Mendès Pinto*, publicado em 1769. – RZ]

424 João Bermudes (?-1570) é autor da *Breve relação da embaixada que o patriarca D. João Bermudes trouxe do imperador da Etiópia chamado vulgarmente Preste João, dirigida a El-rei D. Sebastião*, de 1565. [RZ]

425 Francisco Álvares (c. 1470?-c.1540) é autor da *Verdadeira informação das terras do Preste João*, de 1540. [RZ]

426 Gomes de Santo Estêvão (1388-?) é autor do *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou pelas sete partidas do mundo*, publicado em 1554. [RZ]

427 Gaspar Ferreira Reimão (?-1626), piloto e cartógrafo, é autor de *Roteiro da navegação e carreira da Índia*, publicado em 1612. [RZ]

446 428 *Esquisses de l'Inde*, por um oficial inglês, *Revue Britannique*, n. 1. [O trecho original foi extraído da segunda edição, publicada em 1824, de *Stetches of India*, do capitão britânico Moyle Sherer (1789-1869), identificado na folha de rosto como “um oficial”. Corresponde ao parágrafo de encerramento no livro: “Goa, a dourada, não existe mais. Goa! onde o idoso De Gama encerrou sua vida gloriosa. Goa! onde o imortal Camões cantou e sofreu. É hoje apenas uma vasta sepultura, recoberta pela erva – e parece que sua rala e lúgubre população de padres e frades foi poupada para cantar réquiens por suas almas que partiram.” ([SHERER, Moyle]. *Stetches of India*. 2. ed. Londres: Longman, Hurst, Rees, Orme, Brown and Green, 1824. p. 328). A *Revue Britannique* foi fundada em 1825 por Louis-Sébastien Saulnier, Jean-Michel Berton e Prosper Dondey-Dupré, e compunha-se de textos escritos principalmente por ingleses. Cf. RAMICELLI, Maria Eulália. *Narrativas itinerantes*. Aspectos franco-britânicos da ficção brasileira em periódicos do século XIX. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2004. No volume citado por Ferdinand Denis, há uma resenha do livro inglês, adaptada do texto publicado originalmente em *The Edinburgh Review*, tendo o crítico repetido, com comentários, o parágrafo final da obra de Sherer. Cf. *Revue Britannique*. 3. ed. Paris: Dondey-Dupré, 1825. p. 99.]

429 Deve-se destacar igualmente Leão Camelo: aprisionado na infeliz batalha de Alcácer, residiu por muito tempo no império do Marrocos, onde sofreu mil infortúnios; mas, no final de sua vida, Saldanha o resgatou,

dedicou-se à ciência e escreveu comentários sobre a conquista do reino de Goga. *Barbosa*, v. 3. [Conforme a *Biblioteca Lusitana*, de onde provêm as informações registradas por Denis, Leão Camelo é autor dos *Comentários sobre a conquista do reino de Goga, que é no sertão dos azenegues*. Seu resgate dever-se-ia a Antônio de Saldanha. Cf. BARBOSA, Op. cit. V. 3, p. 2-3. – RZ]

430 No edição original do *Resumo da história literária do Portugal*, repete-se a numeração do capítulo XVII. Para acompanhar a numeração dos capítulos subsequentes, mantivemos o equívoco editorial. [RZ]

431 Algumas pessoas atribuem a João II a obra de Francisco Morais, Faria, *Europa portuguesa*. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. Op. cit. p. 371. – RZ]

432 Francisco de Morais (c. 1500-1572) é o autor do romance de cavalaria *Crônica de Palmeirim de Inglaterra*, possivelmente publicado pela primeira vez em Portugal entre 1543 e 1545. A primeira edição, sem referência ao autor, deu-se em Toledo, Espanha, em 1547. A primeira edição portuguesa foi publicada em Évora, em 1567. Cf. *História e antologia da literatura portuguesa*. Século XVI. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003. p. 8. [RZ]

433 Cf. CERVANTES, Miguel de. *Don Quijote de la Mancha*. São Paulo: Alfaguara; Real Academia Española, 2004. p. 64. [RZ]

434 A Francisco de Morais atribui-se igualmente a autoria de *Primaldeão Imperador de Grecia*. [RZ]

435 MORAIS, Francisco de. Diálogos. In: _____. *Crônica de Palmeirim de Inglaterra*. Texto estabelecido, anotado e com um glossário organizado por Geraldo de Ulhoa Cintra. São Paulo: Anchieta, 1946. V. III, p. 383.

436 É de Diogo Fernandes (?-?) a autoria da *Terceira [-quarta] parte da Crônica de Palmeirim de Inglaterra: na qual se tratam as grandes cavalaria de seu filho o príncipe Dom Duardos segundo e dos mais príncipes e cavaleiros que na ilha deleitosa se criaram*, obra publicada em 1604. Conforme o *Dicionário cronológico de autores portugueses*, haveria uma edição anterior de 1587. Cf. LISBOA, Eugênio (Coord.). *Dicionário cronológico de autores portugueses*. V. I, p. 319. [RZ]

437 Charles Bossut (1730-1814) é autor do *Essai sur l'histoire generale des mathématiques*, publicado em 1802. [RZ]

438 Francisco de Borja Garção Stocker (1759-1829) foi lente de Matemática e membro da Academia Real das Ciências de Lisboa, tendo publicado *Ensaio histórico sobre a origem e progressos das matemáticas em Portugal* em 1819. Foi também poeta, sendo suas *Obras* editadas em 1805. [RZ]

439 No volume 96, da *Bibliothèque des Romans*, há uma análise bastante insatisfatória, e sem qualquer citação, do naufrágio de Sepúlveda. [Uma ver-

são em prosa da epopeia de Jerônimo Corte Real, precedida de comentários sobre o autor e a obra, foi publicada no volume II da *Bibliothèque Universelle des Romans*, de janeiro de 1784. Cf. *Le naufrage & le déplorable événement de la perte de Manuel de Souza de Sepúlveda, de Dona Léonore de Sá, son épouse, & de leurs enfants, etc.* In: Première Classe. Romans Étrangers. *Bibliothèque Universelle des Romans*. Paris: Au Bureau, 1784. Janeiro, V. II. p. 3-45. – RZ] Couchu, que apresentou, nessa coleção, grande número de artigos sobre a literatura espanhola, fornece também alguns documentos sobre a literatura portuguesa. É a partir dele que afirmei que o pai de Tasso colocou em versos o *Amadis de Gaula*, de Lobeira. [Cf. COUCHU. *Lettre aos Auteurs du Journal de Paris*: sur de roman d'*Amadis de Gaule*. In: *L'Esprit des Journaux*. Paris: Par une Societé de Gens-de-Lettres. V. IX, setembro de 1779. p. 205-211. – RZ] Este autor, que mereceria ser conhecido, caracterizou, penso, da maneira mais afortunada as primeiras tentativas de literatura moderna [Couchu era especialista em literatura castelhana e catalã.]: “Uma simplicidade espiritual no relato e uma certa malícia amável, que não é a da sátira, fazem hoje o encanto dos *fabliaux* franceses. Os italianos, em seus antigas novelas, são bastante doces, lisonjeiros, simples também na aparência; mas, mais viciosos que ternos, mais intrigantes que galantes, e muitas vezes até trágicos. O espanhol, nas suas antiguidades, se distingue por uma simplicidade tão nobre que é inimitável, e por sentimentos tão belos, que parecem orgulhosos. Todos nossos guerreiros são amantes em nossos contos, todos seus amantes são guerreiros cujo amor orgulhosos se exprime com exagero”. Nota que precede o *Espejo de Amadores*, volume 93, da *Bibliothèque des Romans*. [Espejo de Amadores, & C. Le miroir des amants, *Dans l'histoire de la princesse Belerme & du chevalier Durandart*. *Bibliothèque Universelle des Romans*. Paris: Au Bureau, 1787. Janeiro, V. I, p. 8-9. – RZ]

440 V. *Coup d'oeil sur la Littérature portugaise*, volume 1, *Mercure Étranger*, publicado por Amaury Duval. [Cf. SANÉ, Alexandre-Marie. *Coup-d'oeil sur l'état de la littérature en Portugal*. *Mercure Étranger*, ou *Annales de la Littérature Étrangère*. Paris: Arthus-Bertrand; D. Colas, 1813. V. 1, p. 251. – RZ]

441 Corte Real, poeta e guerreiro, descendia de uma família ilustre; o fogo de uma brilhante imaginação deu a ele irresistível inclinação para a música, a pintura e a poesia que determina os talentos extraordinários para seguir a profissão para a qual estão destinados; morreu em 1593. V. *Catálogo dos autores*, grande dicionário. [Jerônimo Corte Real morreu em 1588. O verbete dedicado a Jerônimo Corte Real situa-se na p. XCIV do Catálogo de autores. Cf. *Dicionário da língua portuguesa*, p. XCIV. – RZ]

442 Trata-se do *Segundo cerco de Diu*, de 1574, que é, contudo, lembrado ao final deste capítulo. [RZ]

- 443 São os versos das estrofes 46, 47 e 48, do Canto V, de *Os Lusíadas*. [RZ]
- 444 CORTE REAL, Jerônimo. *Naufração de Sepúlveda*. In: *Obras de Jerônimo Corte Real*. Introdução e revisão de M. Lopes de Almeida. Porto: Lello & Irmãos, 1979. p. 866. [RZ] Após pintar a expirante Leonor com tanta energia, o poeta compara-a a uma bela estátua da Antiguidade, obra do escultor mais hábil, e este longo trecho suspende de maneira desagradável uma situação dilacerante.
- 445 Sismondi traduz em parte o trecho que apresento, aproximando-se mais do original; interrompe nesse ponto, desinteressando-se pelo final do poema. [Cf. SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 486. – RZ]
- 446 CORTE REAL, Jerônimo. *Naufração de Sepúlveda*, p. 868-870. [RZ]
- 447 Em português, o desespero é representado por uma mulher hedionda. [Corte Real denomina-a a Desesperação. – RZ]
- 448 CORTE REAL, Jerônimo. *Naufração de Sepúlveda*, p. 871. [RZ]
- 449 CORTE REAL, Jerônimo. *Naufração de Sepúlveda*, p. 872. [RZ]
- 450 Como Trissino, ele escreveu em versos jâmbicos não rimados.
- 451 Não há razão para que o poema seja menos bom, segundo nossas ideias atuais. O autor enriqueceu talvez as descrições mitológicas, a pesquisa sufocou o primeiro movimento da alma, e somente o estilo lucrou.
- 452 O *Segundo cerco de Diu* foi impresso dois anos depois de *Os Lusíadas*, em 1574. 449
- 453 CORTE REAL, Jerônimo. *Sucesso do segundo cerco de Diu*. In: *Obras de Jerônimo Corte Real*, p. 287. [RZ]
- 454 Cf. BARBOSA, Diogo Machado. *Biblioteca Lusitana*. V. 2, p. 497. [RZ]
- 455 A *Felicíssima victoria concedida del cielo al señor don Juan d`Austria en el golfo de Lepanto de la poderosa armada Othomana en el año de nuestra salvacion de 1572* foi publicada em 1578. [RZ]
- 456 João Pereira Corte Real é autor de *Discursos sobre la navegacion de las naos de la India de Portugal*, obra publicada em 1622. [RZ]
- 457 Cf. BARBOSA, Diogo Machado. *Biblioteca Lusitana*. V. 2, p. 720. [RZ]
- 458 Luís Pereira Brandão (1530/1540-?), depois de capturado em Alcácer Quibir, escreveu o poema *Elegíada*, em dezoito cantos, sobre a derrota portuguesa e a morte de Sebastião. [RZ]
- 459 Cf. SANÉ, Alexandre-Marie. Op. cit. p. 250. [RZ]
- 460 Ferdinand Denis grafa Mauzinho Quebedo, nome com que o poeta aparece na capa da edição de 1786, consultada pelo historiador francês. É desta edição que foram retiradas as citações aqui reproduzidas. [RZ]
- 461 A vida deste autor não oferece muito interesse; nasceu em Setúbal, no

século XVI, e estudou em Coimbra; começou, creio, sua carreira literária por um discurso sobre a vida e a morte de Santa Isabel, rainha de Portugal, impresso em 1596. O poema *Afonso africano* só apareceu em 1611. [Vasco Mouzinho de Quevedo e Castelo Branco (15??-16??) publicou em 1611 *Afonso Africano. Poema Heroico da Presa de Arzila e Tânger*; é também autor de *Discurso. Sobre a vida e morte de Santa Isabel, Rainha de Portugal*, de 1596 e de *Triunfo del monarca Filipe III en la felicissima entrada de Lisboa*, de 1619. – RZ]

462 Filho de Japeto e Clímene, e irmão de Prometeu, o titã Atlas foi condenado por Zeus a sustentar os céus sobre os ombros. [RZ]

463 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*. Poema Heroico da presa d'Arzilla, e Tanger. Lisboa: Francisco Luiz Ameno, 1786. p. 21. [RZ]

464 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 45. [RZ]

465 Anteu, um gigante de força prodigiosa, obrigava todos os que passavam pelo deserto da Líbia a lutar com ele. Foi vencido por Hércules. [RZ]

466 Calpe, na Espanha, e Abila, na África, formam as colunas de Hércules, no estreito de Gibraltar. [RZ]

467 Alcides é outro dos nomes de Hércules. [RZ]

468 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 78. [RZ]

450

469 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 83. [RZ]

470 Fernando (1402-1443), oitavo filho de João I, morreu no cativeiro em Fez, após o fracasso das missões militares e diplomáticas de Portugal junto a Ceuta. [RZ]

471 O assunto inspirou em Calderon uma de suas peças mais notáveis, conhecida sob o título de *O príncipe constante*. [*O príncipe constante*, de Calderon de la Barca, foi encenada em 1628. – RZ]

472 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 127. [RZ]

473 Apresentei apenas uma singela parte desta arenga; ela provoca grande efeito e encontra-se pouco prejudicada pelas marcas do mau gosto.

474 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 133-134. [RZ]

475 Armida, personagem de *Jerusalém libertada*, de Torquato Tasso, é uma feiteira que, em seus jardins, encanta Rinaldo, uma das personagens daquele poema épico. [RZ]

476 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 215. [RZ]

477 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 245. [RZ]

478 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 246. [RZ]

479 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 255. [RZ]

480 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 255. [RZ]

- 481 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 256. [RZ]
- 482 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 263-264. [RZ]
- 483 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 265. [RZ]
- 484 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 269. [RZ]
- 485 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 270. [RZ]
- 486 QUEBEDO, Vasco Mausinho. *Affonso Africano*, p. 289. [RZ]
- 487 Conforme Barbosa Machado, Mouzinho de Quevedo foi elogiado por Antônio de Sousa de Macedo (1606-1682) na *Lusitania liberata*, de 1645, por Faria e Sousa na *Europa portuguesa* e por João Soares de Brito em *Theatrum lusitaniae litterarium*. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. v. 3, p. 777. O elogio de Faria e Sousa é transcrito no *Catálogo dos autores*. Cf. *Dicionário da língua portuguesa*, p. CXLXXXIX. [RZ]
- 488 Entre outros, Soares de Brito, *Theatrum Lusit. Litt.*, Manuscrito da Biblioteca Real.
- 489 Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana*. Op. cit. v. 2, p. 318. [RZ]
- 490 CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*. Texto estabelecido e comentado por J. A. Segurado e Campos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000. p. 48. [RZ]
- 491 Andre Le Nostre ou Andre Le Nôtre (1613-1700), paisagista, desenhou, a pedido de Luís XIV, os jardins de Versalhes; projetou também o eixo central do Jardim das Tulherias, em Paris. [RZ]
- 492 CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*, p. 117. [RZ]
- 493 A citação provém de *A divina comédia*, Inferno, Canto III, verso 9, de Dante Alighieri, traduzido por Pereira de Castro: “Quem entra deixe aqui toda a esperança!” (CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*, p. 248). [RZ]
- 494 CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*, p. 357. [RZ]
- 495 V. *Discurso poético*, de Manuel de Galhegos. [Manuel de Galhegos (1597-1665), poeta português e crítico da poesia épica, viveu em Madri e foi amigo de Lope de Vega. É autor do *Discurso poético*, colocado como prefácio na primeira edição da *Ulisseia*, de Gabriel Pereira de Castro. – RZ]
- 496 CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*. p. 760-761. [RZ]
- 497 CASTRO, Gabriel Pereira de. *Ulisseia ou Lisboa edificada*. p. 763. [RZ]
- 498 Cf. SANÉ, Alexandre-Marie. Coup-d’oeil sur l’état de la littérature en Portugal, p. 248. [RZ]
- 499 Segundo Diogo Barbosa Machado, João Gomes do Pego teria escrito

Ulisseia, poema heroico, obra que “comunicou a João Franco Barreto como ele escreve na sua *Bib. Portug. M. S.*”. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. v. 2, p. 670. [RZ]

500 Barbosa, *Bibli. Lusit.* [Antônio de Sousa de Macedo é autor de *Ulissipo*, poema heroico, publicado em 1640. Segundo Diogo Barbosa Machado, contém 13 cantos e narra a fundação de Lisboa por Ulisses. Escreveu também *Flores de Espanha, excelências de Portugal* (1631) e *Harmonia política dos documentos divinos com as conveniências do Estado* (1651). Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. v. 1, p. 401. – RZ]

501 Francisco de Sá de Meneses era sobrinho do célebre Sá de Miranda.

502 “Malaca era um dos mais consideráveis mercados da Índia e partilhava, com Ormuz, os navios e as bandeiras de toda a Ásia. Os portugueses apresentavam-se primeiramente como comerciantes nessa cidade; mas o rumor de suas usurpações sangrentas desmentia a pretensão de um título tão pacífico. Os árabes fomentaram um complô cuja execução foi apenas parcial.” Alphonse Rabbe, *Resumé de l’histoire de Portugal*, p. 96. [Cf. RABBE, Alphonse. *Résumé de l’histoire de Portugal*, depuis les premiers temps de la monarchie jusqu’en 1823. Bruxelles: Auguste Wahlen, 1824. V. I, p. 115. O *Résumé de l’histoire de Portugal*, depuis les premiers temps de la monarchie jusqu’en 1823, de Alphonse Rabbe (1784 (?)-1829), foi publicado em 1824. – RZ]

452

503 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada pelo grande Afonso de Albuquerque*. Poema heroico. 3. ed. Lisboa: José de Aquino Bulhões, 1779. p. 93. [RZ]

504 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 112-113. [RZ]

505 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 151. [RZ]

506 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 154. [RZ]

507 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 206. [RZ]

508 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 209. [RZ]

509 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 307. [RZ]

510 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 442. [RZ]

511 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 442-443. [RZ]

512 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 445-446. [RZ]

513 MENEZES, Francisco de Sá de. *Malaca conquistada*, p. 456. [RZ]

514 V. Notas de sua ode onze, à língua portuguesa. [É nas notas à Ode II que Francisco Dias Gomes observa: “e ainda Francisco de Sá de Meneses, autor da *Malaca conquistada*, posto que esta seja a mais inferior de nossas epopeias regulares.” In: *Obras poéticas* de Francisco Dias Gomes, p. 296. – RZ]

515 Brás Garcia de Mascarenhas (1596-1636) governou o Castelo de Al-

faiates; tendo sido detido no Castelo do Sabugal, compôs o poema *Viriato trágico* com o fito de obter a clemência de João IV (1640-1656). [RZ]

516 *Biblioteca Lusitana*. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. v. 1, p. 545-546. – RZ]

517 *Mercurie Étranger*, V. 1, p. 250. [Cf. SANÉ, Alexandre-Marie. Coup-d’oeil sur l’état de la littérature en Portugal, p. 249-250. – RZ]

518 A propósito dos autores do século XVII, observo que Barbosa menciona um homem de nome célebre e autor de um poema sacro, que permaneceu manuscrito, sobre São Paulo eremita: é Simão Camões, jesuíta aos dezesseis anos, em 1648. Ignoro se era parente do grande poeta. Pode-se incluir entre os escritores deste período o irmão do célebre Diogo Bernardes. Era religioso e chamava-se frei Agostinho da Cruz. Morreu em odor de santidade em 1619; entregou-se com sucesso às Letras. E Antônio da Piedade, cronista da província arrábida, imprimiu alguns de seus poemas, bastante elogiados por alguns autores. [Simão Vaz de Camões (1629-?) é, segundo Barbosa, autor da *Vida do glorioso S. Paulo, primeiro eremita*. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. v. 3, p. 711. Agostinho Pimenta (1540-1619), conhecido como frei Agostinho da Cruz, é autor dos poemas reunidos postumamente em *Obras*, de 1771. Antônio da Piedade (1675-1731) é autor de *Espelho de penitentes* e *Crônica da Província de Santa Maria da Arrábida*, em dois volumes, publicados em 1728 e 1737. – RZ]

519 V. a notícia que precede a tradução das odes de Francisco Manuel. [Cf. SANÉ, A. M. Notice sur Francisco Manoel. In: MANOEL, Francisco, *Poésie lyrique portugaise*. V. Também SANÉ, A. M. Introduction. In: MANOEL, Francisco, *Poésie lyrique portugaise*. – RZ]

520 Bernarda Ferreira de Lacerda (1595-1644) é autora de *Espanña libertada*, obra narrativa em verso. Lope de Vega dedica a ela sua égloga *Filis*, em que “chama à poetisa a ‘décima musa lusitana’.” In: LISBOA, Eugênio. Op. cit. p. 296. [RZ]

521 Miguel da Silveira (1576?-1636) é autor do poema épico *El macabeo*, redigido em castelhano. [RZ]

522 Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos (1670-1747) é autor de *El Alfonso*, de 1711 ou 1712, redigido em espanhol e, depois, traduzido para o português pelo autor. [RZ]

523 Em 1818, sob o título de *Afonsiada*, por A. J. Osório de Pina Leitão. [Antônio José Osório de Pina Leitão (1762-18??) é autor de *Alfonsiada*, poema heroico da fundação da monarquia portuguesa pelo senhor Rei D. Alfonso Henrique, publicado em 1818, na Bahia. – RZ]

524 Todos conhecem a situação política deste reino sob a administração do Cardeal [D. Henrique] e sob o poder espanhol, de 1580 a 1640. “Portugal, submetido a Felipe II, foi sistematicamente tiranizado e devastado durante

os dez anos que ainda durou seu reinado, tão pesado para a humanidade. Os homens, o dinheiro, as munições e a artilharia, tudo foi roubado, tomado no campo, nas cidades e nos arsenais, menos para o proveito da Espanha do que para a ruína deste infeliz país. É uma justiça que Felipe fazia aos portugueses, ao pensar que esta nação generosa só seria verdadeiramente submetida quando aniquilada.” Alphonse Rabbe, *Resumé de l’histoire de Portugal* [Cf. RABBE, Alphonse. Op. cit. V. II, p. 1-2. – RZ]

Sob este jugo de ferro, há ainda alguma energia, e ela atua sobre a literatura; mas, quando os frágeis sucessores de Felipe II mantêm Portugal submetido, e eles deixam escapar suas conquistas, a decadência literária é completa; o regime monacal sujeita tudo a seu poder. [Felipe II (1527-1598) foi rei da Espanha a partir de 1556, e de Portugal a partir de 1580. – RZ]

525 Bernardo de Brito (1569-1617) projetou a *História de Portugal* em oito volumes, tendo publicado os dois primeiros, respectivamente em 1597 e em 1609. [RZ]

454 526 *Monarquia lusitana composta por Frei Bernardo de Brito*. Correia da Serra, com justa razão, reprova este autor por estar contaminado pelo amor a acontecimentos extraordinários que destacou na Itália os Anniius de Viterbo e os Inghirami. V. *Archives littéraires. de l’Europe: ou Mélanges de littérature, d’histoire et de philosophie par une société de gens de lettres*, v. 1: “De l’état des sciences et des lettres en Portugal, à la fin du dix-huitième siècle”. [Ferdinand Denis refere-se ao ensaio com o título de *Coup d’oeil sur l’état des sciences et des lettres parmi les portugais pendant la seconde moitié du siècle dernier*. Escreve Correia da Serra: “Uma outra doença histórica, que consiste em inventar fábulas, manifestou-se no século XVI na Itália pelos Anniius de Viterbo e os Inghirami, etc.; ela infectou os espanhóis por seus Higuera, Urreta, etc., e comunicou-se a partir daí aos historiadores portugueses, sendo que alguns deles [em nota: Brito, entre outros] quase ultrapassaram seus ridículos precursores.” SERRA, Correia da. De l’état des sciences et des lettres en Portugal, à la fin du dix-huitième siècle. *Archives littéraires de l’Europe*, ou Melanges de Littérature, d’Histoire et de Philosophie. Paris: Henrichs, 1804. V. I, p. 273. Giovanni Nanni, conhecido por Anniius de Viterbo (1432-1502), dominicano e historiador, publicou em 1498 *Antiquitatum Variarum*, onde se encontram escritos atribuídos a autores da Antiguidade, mas cuja falsidade foi comprovada por José Justo Scalígero (1540-1609). Curzio Inghirami (1614-1655) teria forjado textos etruscos antigos, publicados em 1636, com o título de *Ethruscarum Antiquitatum Fragmenta*, desmentidos em 1640 por Leone Allacci (1586-1669). Ramon de la Higuera ou Jerónimo Román de la Higuera (?-1611), jesuíta, foi um pseudo-historiador, tendo apresentado como verdadeiras as crônicas de Flávio Lúcio Dextro (?-444), obra até então dada como desaparecida. Frei Luís de Urreta (séculos XVI-XVII) é autor das obras *História eclesiástica*,

política, natural e moral dos grandes e remotos reinos da Etiópia, monarquia do imperador chamado Preste João das Índias, de 1610, e *História da sagrada ordem de predicadores nos remotos reinos da Etiópia*, em que teria relatado episódios falsos ocorridos na Etiópia, aludindo a uma suposta presença dominicana nessa região. – RZ]

527 Duarte Nunes de Leão (1530?-1608) é autor de *Ortografia da língua portuguesa* (1576), *Genealogia verdadeira dos reis de Portugal* (1590), *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal* (1600), *Origem da língua portuguesa* (1606) e *Descrição do Reino de Portugal*. Em 1643, foram publicadas as *Crônicas del Rei Dom João de gloriosa memória*, de cuja redação participou também Rodrigo da Cunha (1577-1643). [RZ]

528 *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal, reformadas pelo licenciado Duarte Nunes de Leão*. Somente apareceu esta primeira parte. A obra tornou-se rara. Encontra-se na Bibliothèque Mazarine. [Nas *Crônicas del Rei Dom João de gloriosa memória*, publicadas postumamente, encontra-se a sequência do relato histórico de Duarte Nunes de Leão. – RZ]

529 O historiador dá-lhe o título de *trovador* [em português e em itálico no original – RZ] e informa como as poesias deste monarca foram encontradas em um *cancioneiro* [em português e em itálico no original – RZ], que uma biblioteca da Itália possuía. [A obra de Dinis encontra-se no Cancioneiro da Biblioteca Vaticana, coletânea do lirismo trovadoresco galaico-português, compilado na Itália no final do século XV ou no início do século XVI. – RZ]

455

530 LEÃO, Duarte Nunes de. *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal*, reformadas pelo licenciado Duarte Nunes de Leão, desembargador da casa da Supliciação, per mandado del Rei Dom Felipe o primeiro de Portugal, da generosa memória. Lisboa: Pedro Crasbeeck, 1600. p. 33. [RZ]

531 LEÃO, Duarte Nunes de. *Primeira parte das crônicas dos reis de Portugal*, p. 34. [RZ]

532 ANDRADE, Jacinto Freire de. *Vida de D. João de Castro*. Lisboa: Academia Real de Ciências de Lisboa, 1835. Livro Terceiro, p. 223. [RZ]

533 Coge Sofar era o comandante do exército mouro que sitiava Diu. [RZ]

534 ANDRADE, Jacinto Freire de. *Vida de D. João de Castro*, p. 308-309. [RZ]

535 LOBO, Francisco Alexandre. Memória histórica e crítica acerca de Fr. Luís de Sousa e das suas obras. In: *História e Memórias da Academia Real de Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real de Ciências de Lisboa, 1823. V. VIII, Parte I, p. 77. Francisco Alexandre Lobo (1763-1844) foi clérigo, político e historiador. [RZ]

536 É o que indica o título da obra: *Vida do frei Bartolomeu dos Mártires, repartida em seis livros com a solenidade de sua trasladação*. Por Luis de

Cacegas, e reformada em estilo e ordem por frei Luís de Sousa. Lembro ter lido, a propósito deste autor, uma história, cuja autenticidade não garanto, mas que explicaria, contudo, a espécie de exaltação mística derramada em seus escritos. Antes de entrar na ordem, ele se apaixonou perdidamente por uma dama cujo marido, dizia-se, desaparecera na famosa batalha de Alcácer Quibir. Ainda que partilhasse os sentimentos de Sousa, ela diariamente adiava o momento de desposá-lo, porque ainda não tinha certeza da morte do marido. Por fim, ela estava a ponto de coroar sua constância, quando um português retornado da África foi-lhe apresentado. Ele tinha visto quase todos os prisioneiros que ficaram em poder dos mouros, e esperava-se ter, por este meio, notícia certa do oficial que todos diziam morto. Este viajante ignorava seu nome; mas, quando foi conduzido a uma galeria onde eram conservados os retratos da família, não hesitou e reconheceu o de seu companheiro de infortúnio. Luís de Sousa, não podendo mais aspirar à mão daquela que amava, retirou-se ao claustro. Barbosa conta diferentemente esta aventura. [Frei Luís de Cácegas (1540-1610) é autor dos apontamentos a partir dos quais Luís de Sousa redige *Vida do frei Bartolomeu dos Mártires*. – RZ]

456

[Em nota de fim:] Esqueci de dizer que frei Luís de Sousa, antes de se ordenar, chamava-se Manuel de Sousa Coutinho. Era Cavaleiro de Malta, foi prisioneiro dos mouros e tornou-se amigo de Miguel de Cervantes. A anedota, tal como a relato, encontra-se, creio, nas memórias de história e de literatura portuguesa do Cavaleiro de Oliveira. [Francisco Xavier de Oliveira (1702-1783), conhecido por Cavaleiro de Oliveira, é autor de *Cartas familiares, históricas, políticas e críticas. Discursos sérios e jocosos* (1741), *Mémoires de Portugal* (1741), *Mille et une observations* (1741), *Amusement périodique* (1751), *Discours pathétique* (1756), *Suite* (1757), *Le Chevalier d`Oliveyra brûlé en effigie* (1762), entre outras. – RZ] Barbosa, que parece mais bem informado, anota que ele já estava casado com Madalena de Vilhena, quando soube que o marido dessa senhora ainda vivia. Todos estes fatos foram esclarecidos em um excelente artigo das memórias da Academia. [Cf. LOBO, Francisco Alexandre. Op. cit. V. VIII, Parte I, p. 28-48. – RZ]

Entre os pregadores deste tempo, destaca-se frei Antônio Feio [Antônio Feio (1573-1627) é autor de *Tratados quadragesimais e da páscoa*, de 1613. – RZ], nascido em 1589 e falecido em 1627. Foi reitor da universidade de Coimbra, e uma parte de suas obras foi traduzida para o francês sob o título de *Doctes e rares sermons pour tous les jours de carême*, por Hezecques. [Os *Doctes et rares sermons pour tous des jours de carême* foram publicados em Paris, em 1618. – RZ] Suas obras completas foram reimpressas várias vezes. 537 François Fénelon (1651-1715), arcebispo de Cambrai, é autor do *Tratado de educação das moças*, de 1681, e de *As aventuras de Telêmaco*, publicado em 1699. [RZ]

538 Nada dá uma ideia mais exata de seu mau gosto que os jogos de palavras que faz com o nome de Luís de Camões, em anagramas em que encontra o nome de todas as qualidades e todas as virtudes. V. a edição de Camões de 1639, V. 1, p. 134. [Cf. SOUSA, Manuel de Faria e. Op. cit. V. 1, p. 134. – RZ]

539 Trata-se provavelmente da *História geral das guerras angolanas*, de Antônio de Oliveira de Cadornega (1624-1690?), publicada apenas em 1940. Cf. CADORNEGA, Antônio de Oliveira de. *História geral das guerras angolanas – 1680*. Anotado e corrigido por José Matias Delgado. Lisboa: Agência Geral das Colônias, 1940-1942. 3v. [RZ]

540 Manuel Francisco de Barros e Sousa de Mesquita de Macedo Leitão e Carvalhosa, visconde de Santarém (1791-1856), destacou-se como historiador dos descobrimentos e cartógrafo. É autor, entre outras obras, do *Atlas composé de cartes des XIVE, XV, XVI et XVII siècles: pour la plupart inédites, et devant servir de preuves à l'ouvrage sur la priorité de la découverte de la Côte Occidentale d'Afrique au dela du Capo Bojador par les portugais*, de 1841. [RZ]

541 *Anais das Ciências*. A lista dos manuscritos portugueses que se encontram na Biblioteca Real começa no volume 13 desta coleção, estando indicados os números. [A lista dos manuscritos pode ser encontrada nos volumes 13 e 15 dos *Anais das Ciências*. Cf. SANTARÉM, Visconde de. Notícia dos manuscritos que se acham na Biblioteca Real de Paris, pertencentes ao Direito Público Externo Diplomático de Portugal, e à história e literatura do mesmo país. *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*. Paris: A. Bobée, 1821. V. XIII. E SANTARÉM, Visconde de. Notícia dos manuscritos que se acham na Biblioteca Real de Paris, pertencentes ao Direito Público Externo Diplomático de Portugal, e à história e literatura do mesmo país. *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*. Paris: A. Bobée, 1822. V. XV. – RZ]

542 SANTARÉM, Visconde de. Notícia dos manuscritos que se acham na Biblioteca Real de Paris, pertencentes ao Direito Público Externo Diplomático de Portugal, e à história e literatura do mesmo país. *Anais das Ciências, das Artes e das Letras*. Paris: A. Bobée, 1822. V. XV, p. 25-26. V. também SANTARÉM, Visconde de. *Notícia dos manuscritos pertencentes ao Direito Público Externo Diplomático de Portugal e à História, e Literatura do mesmo país*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1827. p. 52. [RZ]

543 Este manuscrito também está incluído em: SANTARÉM, Visconde de. Op. cit. p. 39-48. [RZ]

544 Era parente de Camões pelo lado materno. V. *Biblioteca Lusitana*. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 3, p. 70. – RZ]

545 Alexandre VII (1599-1667) foi Papa entre 1655 e 1667. [RZ]

546 Ferdinand Denis emprega a divisa de Pico della Mirandola (1463-1494), que significa “de todas as coisas que é possível saber”. Mas retira-a

do verbete dedicado por Barbosa Machado ao padre Francisco de Santo Agostinho Macedo. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 84. [RZ]

547 Rugidos literários do leão de São Marcos. Ferdinand Denis apresenta a designação em francês. [RZ]

548 Eis o artigo que Moréri consagrou a este assunto: “Tendo sido chamado à república de Veneza para lecionar, ele desejou dar novos sinais de sua capacidade para teses públicas, que sustentou durante oito dias sobre todo tipo de matéria, exceto matemática; e os versos latinos fluíam nesta ocasião de sua verve poética com ainda maior facilidade e rapidez que no primeiro encontro. Conta-se que alguém, acreditando exasperá-lo, propôs que fizesse imediatamente a descrição da Gigantomaquia e a de Medeia em fúria; Macedo fez na hora e empregou neles mais de dois mil versos.” V. *Suplemento ao Grand Dictionnaire*. [Cf. MORÉRI, Louis. *Supplément ao Grand Dictionnaire Historique*. Paris: Jacques Vincent; Jean-Baptiste Coignard; Pierre-Gilles Lemercier; Jean-Thomas Herissant, 1735. V. 2, p. 4. Louis Moréri (1643-1680) é autor de *Le Grand Dictionnaire Historique*, publicado em 1674. O trabalho foi levado adiante por seus sucessores, que o expandiram e revisaram. A última edição, em dez volumes, data de 1759. – RZ]

549 Cf. MORÉRI, Louis. Op. cit. V. 2, p. 4. [RZ]

458

550 V. *Biblioteca Lusitana*. [Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 96. – RZ]

551 Publicou nesta língua universal um volume intitulado: *Discorso academico*. Qual godi con piú diletto la rappresentatione comica, o tragica, o mista di un palco. Se un Cieco che senta, o un Sordo che veda. [Discurso Acadêmico. A quem dará mais satisfação a representação cômica, ou trágica, ou mista em um palco. Um cego que ouça, ou um surdo que veja. Ferdinand Denis apresenta em francês o título desse discurso. – RZ]

552 O cardeal Henrique Noris (1631-1704) destacou-se como conhecedor da obra de Santo Agostinho (354-430). [RZ]

553 O artigo dedicado a Francisco de Macedo foi publicado em *Les Soirées Littéraires*, volume onze, terceiro ano, e contém o trecho transcrito por Ferdinand Denis. Cf. François de Macédo. In: *Les Soirées Littéraires*. Paris: Honnert, s. d. p. 165-170. Traduz-se do francês o trecho do poema de Macedo: “Neste lugar onde o mar muito contraído se quebra entre a Europa e a Ásia e onde as ondas, ressoando sobre as margens imitam os lamentos dos humanos, brilhou um dia a afortunada Troia, que hoje não é mais que um campo de desolação. Lá vê-se erguer o triste Abydos, e Sestos, não menos lúgubre, responde-lhe desde a outra margem. Foi neste famoso estreito que se deu a grande batalha. Vós teríeis visto as vagas decrescerem e todo o mar coberto de mastros tomar o aspecto de uma floresta imensa: eram

bosques inteiros que atacavam bosques, eram as cíclades arrancadas de suas terras e que pareciam correr sobre outras cíclades. Mas a ninfa Cymodoce mostrou-me a frota de meus queridos venezianos, vi seus audazes navios fenderem o mar espumoso [...]” [RZ]

554 Trata-se do *Trophaeum epicum pro victoria de classe Turcica celeberrima ad fauces Hellesponti parta, Venettis in Vrbe erectum*, de 1656. Segundo Diogo Barbosa Machado, o poema data de 1656, tendo sido republicado, com acréscimos pelo autor em 1683, em *Carmina Selecta*. [RZ]

555 MACEDO, Francisco de Santo Agostinho de. *Trophaeum epicum pro victoria de classe Turcica celeberrima ad fauces Hellesponti parta Venettis in Vrbe erectum*. In: _____. *Carmina Selecta*. Lisboa [Ulyssipone]: apud Michaellem Deslandes, 1683. p. 242. [RZ]

556 Cf. BARBOSA, Diogo Machado. Op. cit. V. 1, p. 400. [RZ]

557 O título original é *Epitome panegyrico de la vida admirable, y muerte gloriosa de S. Rosa de Santa Maria, virgen dominicana*. [RZ]

558 Ferdinand Denis referiu-se a esse autor no capítulo XX, dedicado à *Ulisseia*, de Pereira de Castro. [RZ]

559 João de Lucena (1549-1600) é autor de *História da vida do padre Francisco Xavier do que fizeram na Índia os mais religiosos da Companhia de Jesus* (1600). [RZ]

560 Antônio Bocarro (1594?-1642) deu prosseguimento às *Décadas da Ásia*, de João de Barros e Diogo de Couto, redigindo a *Década XIII*. [RZ]

561 Antônio Brandão (1584-1637) publicou a terceira e a quarta parte da *Monarquia Lusitana*, dando continuidade à tarefa de Bernardo de Brito. [RZ]

562 Manuel Severim de Faria (1583-1665) é autor de *Discursos políticos*, de 1624, que contém a “Vida de Luís de Camões”. [RZ]

563 Luís XIII (1601-1643) foi rei da França entre 1610 e 1643. [RZ]

564 Citação não localizada na obra de Diogo Barbosa Machado. [RZ]

565 Cristina I da Suécia (1626-1689), rainha da Suécia a partir de 1632, residiu em Roma desde sua abdicação, em 1654, até sua morte. [RZ]

566 João Paulo Oliva (1600-1681) foi Padre Superior dos Jesuítas à época em que Antônio Vieira pregou em Roma. [RZ]

567 Trata-se provavelmente da *Vida do apostólico padre Antônio Vieira*, de André de Barros (1675-1754), de 1746, “primeira biografia de Vieira” (VAINFAS, Ronaldo. *Antônio Vieira*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 314). [RZ]

568 Dumouriez, que, em sua viagem, fala com algum conhecimento da literatura portuguesa, faz justiça a Vieira. Ele revela um fato curioso relativo àquele grande escritor. O padre Vieira, informa ele, “tinha sido posto

duas vezes na Inquisição pela sua demasiado grande liberdade de orador e sobre uma acusação de judaísmo; o papa foi obrigado a interpor a sua autoridade para impedir que ele fosse vítima deste tribunal.” [DUMOURIEZ, Charles. *O reino de Portugal em 1766*. Trad. de Margarida Reffóios. Casal de Cambra: Caleidoscópio, 2007. p. 142. – RZ] V. *Voyage en Portugal*, p. 218-219 [DUMOURIEZ, Charles. *État présent du Royaume de Portugal en l’année MDCCLXVI*. Lausanne: François Grasset & Comp., 1775]. V. para os trabalhos relativos aos índios, Manuel Aires de Casal, *Corografia brasileira*. [Cf. CASAL, Manuel Aires de. *Corografia Brasileira*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional; Ministério da Educação e Saúde, Instituto Nacional do Livro, 1947. V. II, p. 275-276. Ed. facsimilar. – RZ]

569 Jacques-Bénigne Bossuet (1627-1704) destacou-se como orador sacro, sendo *Orações fúnebres* (1656-1691) exemplo de seu estilo. [RZ]

570 Guillaume-Thomas François Raynal (1711-1796), conhecido como o abade Raynal, destacou-se na época do Iluminismo francês. É do livro *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des européens dans les deux Indes*, publicado originalmente em 1770, que Ferdinand Denis copia (literalmente) os trechos citados, pertencentes ao sermão *Pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda*, de Antônio Vieira. Conforme as indicações bibliográficas, colocadas em rodapé, Ferdinand Denis utilizou a edição publicada em 1780. Cf. RAYNAL, Guillaume-Thomas. *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des européens dans les deux Indes*. Genebra: Jean-Léonard Pellet, 1780. V. 2, p. 381-386. [RZ]

460

571 Antônio Sérgio e Hernâni Cidade propõem a seguinte tradução para o salmo: “Levanta-te! Porque dormes, Senhor? Levanta-te e não repilas para sempre. Porque voltas a face? Esqueces-te da nossa miséria e da nossa tribulação? Levanta-se, Senhor, ajuda-nos e redime-nos em atenção ao teu nome.” Cf. VIEIRA, Antônio. Sermão pelo bom sucesso das armas de Portugal contra as de Holanda. In: _____. *Obras escolhidas*. Prefácio e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade. V. X, p. 42. Ferdinand Denis apresenta em francês as primeiras linhas do salmo. [RZ]

572 VIEIRA, Antônio. Op. cit. p. 42-49. [RZ]

573 VIEIRA, Antônio. Op. cit. p. 48; p. 61-62. [RZ]

574 VIEIRA, Antônio. Op. cit. p. 68-69. [RZ]

575 RAYNAL, Guillaume-Thomas. *Histoire philosophique et politique des établissemens et du commerce des européens dans les deux Indes*. [Cf. RAYNAL, Guillaume-Thomas. Op. cit. 4. parte, v. 2, p. 386. – RZ]

576 VIEIRA, Antônio. Sermão da Primeira Dominga do Advento [1655]. In: _____. *Obras escolhidas*. Prefácio e notas de Antônio Sérgio e Hernâni Cidade. Lisboa: Sá da Costa, 1954. V. XII, p. 198. [RZ]

577 VIEIRA, Antônio. Sermão da Primeira Domingo do Advento [1650]. In: _____. *Os sermões*. Seleção com ensaio crítico de Jamil Almansur Haddad. São Paulo: Melhoramentos, 1963. p. 97. Denis, que apresenta o trecho em francês, faz o seguinte comentário em rodapé: “Aqui minha tradução traz de uma maneira bem fraca a nobreza do original.” [RZ]

578 Há alguns outros prosadores portugueses do século XVII cujas obras lamentado ter esquecido, mas não as encontrei. Entre esses, Francisco Manuel, considerado clássico e muitas vezes admirável pela pintura das regiões estrangeiras [Ferdinand Denis já havia nomeado Francisco Manuel de Melo no capítulo XXIII, “Escritores da primeira metade do século XVII”]. Seu livro chama-se *Epanáforas*. Sua descrição da ilha da Madeira, no momento da descoberta, é cheio de encanto. [Na *Epanáfora Amorosa*, de *Epanáforas de vária história portuguesa*, de 1660, Francisco Manuel de Melo narra “a história de dois amantes ingleses (Roberto Machin e Ana de Arfet), que estariam na origem do descobrimento da Madeira”. In: LISBOA, Eugênio (Coord.). Op. cit. p. 342. – RZ]

579 V. a *Memórias da Academia de Ciências de Lisboa* sobre as cinco primeiras edições de Camões. [Cf. TRIGOSO, Sebastião Francisco de Mendo. Op. cit. p. 167-212. – RZ]

580 Luís de Gongora (1561-1627) foi um dos principais expoentes do Barroco na Espanha. [RZ]

581 Mariana Alcoforado (1640-1723) foi por muito tempo considerada a autora das cinco *Cartas portuguesas* anônimas, publicadas em Paris, em 1669, e dirigidas ao oficial Noel Bouton (1636-1715), depois marquês de Chamilly. Seu autor é Gabriel Joseph de Lavergne, conde de Guilleragues (1628-1685). [RZ]

582 PÉCORA, Alcyr (Org.). *Poesia seiscentista: Fênix Renascida & Postilhão de Apolo*. São Paulo: Hedra, 2002. p. 113. [RZ]

583 Francisco de Vasconcelos (1665-1723) é autor de *Feudo do Parnaso* e de *Hecatombe métrico*. [RZ]

584 *A Fenix Renascida*, V. 2, p. 3. [VASCONCELOS, Francisco de. Fábula de Polifemo e Galateia. In: *A Fênix Renascida*, ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses. Lisboa: Antônio Pedroso Galram, 1746. V. 2, p. 3. – RZ]

585 Jerônimo Baía (1620/30-1688) publicou seus poemas na *Fênix Renascida* e no *Postilhão de Apolo*. [RZ]

586 Simão Torresão Coelho (?-1642) publicou “Saudades de Albânia” no segundo volume da *Fênix Renascida*, em 1717, e “Las dos peñas a los desdenes de Silvia”, no quinto volume, em 1728. [RZ]

587 Fernando Correia de Lacerda (1628-1685) compôs o poema heroico

Império lusitano, que narra a história portuguesa desde Afonso Henrique até sua época, e poemas líricos publicados na *Fênix Renascida*. [RZ]

588 *A Fênix Renascida*, ou Obras poéticas dos melhores engenhos portugueses. Lisboa, 1746. Esta obra se encontra na Biblioteca Real. *Ecoss que o clarim da Fala dá, postilhão de Apolo*: as obras em prosa, mesmo as que tratam da história e da teologia, não portam títulos menos extraordinários.

589 Em português e em itálico no original. [RZ]

590 Antônio Barbosa Bacelar (1610-1663) publicou seus versos nos volumes da *Fênix Renascida*. [RZ]

591 Fernando Xavier de Meneses (1614-1699), o 2º conde de Ericeira e avô de Francisco Xavier de Meneses, o 4º conde de Ericeira, teria escrito comédias. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 42. [RZ]

592 José Maria de Sousa Botelho, o Morgado de Mateus, publicou em 1824 *Lettres portugaises*, contendo as cartas consideradas autênticas. [RZ]

593 V. a nova edição, em que o português e o francês são colocados lado a lado. [Cf. *Lettres portugaises* de Marianna Alcoforado. Nouvelle édition conforme à la première, avec une notice bibliographique sur ces lettres (et une traduction portugaise en regard) par José Maria de Sousa Botelho. Paris: F. Didot, 1824. – RZ]

462 594 Elas provariam à saciedade a asserção de Sané, que apresentou esboços curtos, mas muito exatos: “Os *concetti* mais grotescos, os ritornelos da mitologia mais gasta e mais insossa, insópidos madrigais, as frias tolices de um bucolismo aborrecido, tal foi a literatura portuguesa sob o reinado de João V.” V. *Mercure Étranger*, V. 2. [A observação de Sané não provém do ensaio publicado no *Mercure Étranger*, mas do estudo sobre a poesia de Francisco Manuel do Nascimento (Filinto Elísio). Cf. SANÉ, A. M. Notice sur Francisco Manoel. In: *Poésie lyrique portugaise*, p. VI. João V (1689-1750) foi rei de Portugal entre 1707 e 1750. – RZ]

595 Esta coleção encontra-se na Biblioteca Sainte-Geneviève.

596 Ao tratar de Francisco Xavier de Meneses, o 4º conde de Ericeira, Ferdinand Denis confunde sua obra com a de seu pai, Luís Xavier de Meneses (1632-1690), o 3º conde de Ericeira, que foi general de artilharia e escreveu *História de Portugal restaurado*, publicada entre 1679 e 1698. Francisco Xavier de Meneses, 4º conde de Ericeira, traduziu a *Arte poética*, de Boileau, e escreveu o épico *Henriqueida*, de 1741. [RZ]

597 Trata-se de Luís Xavier de Meneses, 3º conde de Ericeira e pai de Francisco Xavier de Meneses, o 4º conde de Ericeira. [RZ]

598 Obra escrita por Luís Xavier de Meneses, o 3º conde de Ericeira, citada em nota anterior. [RZ]

599 Ferdinand Denis refere-se a Boileau, citado antes. [RZ]

600 Marco Aneu Lucano (39-65) é autor da *Farsália*, ou *Guerra civil*, obra sobre o conflito bélico entre Júlio César (100 a. C.- 44 a. C.) e Pompeu (106 a. C.- 48 a. C.). [RZ]

601 Sílio Itálico (25/26-101) é autor do poema épico *Púnica*. [RZ]

602 *O Portugal restaurado*. [Esta obra, como indicado, foi escrita por Luís Xavier de Meneses, o 3º conde de Ericeira, e não por Francisco Xavier de Meneses. – RZ]

603 Informa Diogo Barbosa Machado que a “comédia intitulada *El tesoro de la armonia* [foi] escrita em vinte horas com quatro mil versos.”. In: MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 294. [RZ]

604 O livro, segundo Diogo Barbosa Machado, intitula-se *Obras poéticas portuguesas*, que compreendem “trezentos sonetos, e 150 romances, e um jocosório de imprecações, que consta de quatrocentas coplas todas no Assoante V, e E sem repetir toante, e seguindo um romance a esse assunto do insigne Antônio Barbosa Bacelar; oitavas, elegias, tercetos, canções, silvas, odes, redondilhas, décimas e glosas.” Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 294. [RZ]

605 O avô do conde de Ericeira, Fernando de Meneses, foi aluno do padre Macedo e entregou-se com sucesso ao estudo da poesia e da história. Possuímos dele uma vida de João I e uma história de Tânger, da qual ele foi governador. [Fernando Xavier de Meneses (1614-1699), o 2º conde de Ericeira, é autor de *Vida e ações de el-rei D. João I*, de 1677, e da *História de Tânger*, de 1732. – RZ]

606 A infame Inquisição levou à fogueira o único poeta dramático da nação, em 1745. Antônio José pereceu na estaca.

607 Felix de Juvenel de Carlenças (1679-1760) é autor de *Essais sur l'histoire des belles-lettres, des sciences et des arts*, publicado em dois volumes entre 1740 e 1744. [RZ]

608 José do Couto Pestana (1672-1735) é autor do poema sacro *Quitéria Santa*, de 1715. [RZ]

609 Sebastião José de Carvalho e Melo (1699-1782), marquês de Pombal, foi primeiro-ministro de José I (1714-1777) desde 1755 até a morte do rei. [RZ]

610 Lisboa, 1758. É um in-folio de 355 páginas. [Amador Patrício de Lisboa é o pseudônimo adotado por Francisco José Freire (1719-1773), mais conhecido por Cândido Lusitano. – RZ]

611 Luís Antônio Verney (1713-1792), autor de *O verdadeiro método de estudar*, foi filósofo, teólogo e professor, adotando o pensamento iluminista, que introduziu em Portugal [RZ]

612 Só conheço o resumo desta importante obra, publicado sob o título *Essai sur les moyens de rétablir les sciences et les lettres en Portugal*, dirigido aos

colaboradores do *Journal Étranger*, por Antônio Teixeira Gamboa [Luís Antônio Verney publicou o *Essai sur les moyens de rétablir les sciences et les lettres en Portugal*, versão abreviada do *Verdadeiro método de estudar*, sob o pseudônimo de Antônio Teixeira Gamboa, em 1762. – RZ] Anota-se na advertência que era um pseudônimo sob o qual se escondia Verney. A obra foi traduzida do latim para o francês. Talvez nada prove melhor que este livro o estado de decadência em que caíra a literatura portuguesa, pois o autor, aliás muito bem informado, parece desconhecer os poetas clássicos de sua nação. O que diz sobre a literatura portuguesa é em geral bastante injusto e muito resumido; por outro lado, é excelente consulta para conhecer o estado das ciências em Portugal no começo do século XVIII, e os preceitos que ele dá são muito bons. O padre Isla, em *Irmão Gerundio*, atacou Verney [José Francisco de Isla (1703-1782), pregador espanhol, é autor de *História del famoso predicador fray Gerundio de Campazas, alias Zotes*, publicado entre 1757 e 1768. – RZ]. Apesar disso, sua obra foi traduzida para o espanhol em 1760.

464

613 V. *Memórias da Academia das Ciências*. [Escreve Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato: “Um só homem apareceu em Portugal no fim do extenso reinado de el-rei D. João V que preparasse o caminho para o renascimento da literatura pátria: foi este Luís Antônio Verney; e a obra que ele publicou mais tendente àquele fim tem por título *Verdadeiro método de estudar*.” In: MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. Sobre o estabelecimento da Arcádia de Lisboa e sobre a sua influência na restauração da nossa literatura. In: *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1819. V. 6, Parte I, p. 59. – RZ]

614 Os fundadores da *Arcádia Lusitana* foram Antônio Dinis da Cruz e Silva, Manuel Nicolau Esteves Negrão (?-1824) e Teotônio Gomes de Carvalho (1728/1732-1800). [RZ]

615 Houve várias sessões junto ao Morgado de Oliveira. [Conforme Ivan Teixeira, “em 20 de janeiro de 1774, alguns membros da Arcádia Lusitana organizaram uma sessão poética em homenagem ao já então marquês de Pombal, no palácio de seu genro, João de Saldanha de Oliveira, mais conhecido como Morgado de Oliveira” (p. 334). Ele completa: “além de ser membro da Arcádia Lusitana, o Morgado de Oliveira cedeu seu palácio para que ali se realizassem algumas sessões dessa academia” (p. 359). In: TEIXEIRA, Ivan. *Mecenato pombalino e poesia neoclássica*. Basílio da Gama e a poética do encômio. São Paulo: EDUSP; FAPESP, 1999. – RZ]

616 Fundada em 1757, a Arcádia Lusitana, ou Arcádia Ulissiponense, extinguiu-se em 1774. Foi refundada em 1790, com o nome de Nova Arcádia, e dissolveu-se definitivamente em 1794. [RZ]

617 Garção deixou aos filhos, como ele dizia, a nobre tradição de um pai

que detestava a lisonja e abriu novo caminho na direção de Pindo, que se entregou ao estudo e mostrou ao menos como se deve afrontar a má sorte. V. *Memórias da Academia das Ciências*. [Escreve Francisco Manuel Trigo de Aragão Morato: “Garção, além de *jazer inculgado em cárcere tenebroso*, morreu pobre; ‘deixando a seus filhos para exemplo (como ele dizia) a nobre tradição de descenderem de um pai que detestou a vil lisonja, que abriu novo caminho para o Pindo, que leu e estudou, e que aprendia ao menos a zombar da má fortuna.’” In: MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. Op. cit. p. 78. Grifo do A. – RZ]

618 Francisco Manuel do Nascimento propõe, em sua primeira carta, esta parte da cantata como um modelo de versificação. V. *Obras de Filinto Elísio*, V. 1. [Escreve Filinto Elísio, na “Carta ao Senhor F.*** J.** M*** de B.**”]: “Olha o Garção, quão rico na pintura / Da infeliz Dido, as cores assinala, / Quando perecedora, entregue a Cloto, / “Com a convulsa mão súbito arranca / A lâmina fulgente da bainha, / E sobre o duro ferro penetrante / Arroja o tenro cristalino peito: / Em borbotões de espuma murmurando, / O quente sangue da ferida salta: / De roxas espadananas rociadas / Tremem da sala as Dóricas colunas.’” In: *Obras de Filinto Elísio*. Nova edição. Lisboa: Tipografia Rollandiana, 1836. V. I, p. 79. – RZ]

619 GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. Cantata de Dido. In: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/garcao.htm>. Acesso em: 20 jul 2010. [RZ]

620 GARÇÃO, Pedro Antônio Correia. Sátira I. In: *Obras poéticas de Pedro Antônio Correia Garção*. Lisboa: Régia Oficina Tipográfica, 1778. p. 143. [RZ]

465

621 Antonio Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), médico e iluminista, é autor, entre outras obras, da *Cartas sobre a educação da mocidade*, de 1760. Era judeu, e teve de deixar Portugal, exilando-se na França. [RZ]

622 Píndaro (518-438 a.C.), poeta grego, celebrou-se por suas odes, gênero que tomou seu nome. [RZ]

623 Charles Le Brun (1629-1690), pintor francês e um dos fundadores da Academia Real de Pintura e Escultura, destacou-se à época de Luís XIV como o principal artista plástico do período barroco. [RZ]

624 *Le lutrin*, publicado entre 1672 e 1683, é uma paródia célebre, escrita por Nicolas Boileau. [RZ]

625 Feita por Sané no *Mercurie Étranger*. [Cf. SANÉ, Alexandre-Marie. *O hissopo*, poema herói-cômico de Antônio Dinis da Cruz e Silva. In: *Mercurie Étranger*; ou *Annales de la Littérature Étrangère*. Paris: D. Colas, 1813. p. 279-289. – RZ] Dinis, diz-se, imitou *O rapto da madeixa*. Não encontrei este último poema em suas obras em seis volumes. Mas *O hissopo* também não se encontra nessa edição; deve-se a observação a Verdier, que o enriqueceu com notas extremamente interessantes. [Em 1817, em Paris, Timothée

Lecussan-Verdier publicou sua tradução de *O hissope*, acompanhada de prefácio e notas. Essa edição, ampliada, foi reeditada em 1821. – RZ]

626 Alexander Pope (1688-1744) é autor de *O rapto da madeixa* [*The rape of the lock*], poema heroico-cômico publicado entre 1712 e 1714. [RZ]

627 Vale lembrar que Antônio Dinis da Cruz adotou todas as formas poéticas de Píndaro. [No original, Ferdinand Denis apresenta em prosa a tradução do poema aqui reproduzido. – RZ]

628 SILVA, Antônio Dinis da Cruz e. Ode XVIII. A Dom Vasco da Gama, conde da Vidigueira, descobridor, Vice-Rei, e Almirante do Mar da Índia. In: *Poesias* de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Lisboa: Impressão Régia, 1817. V. VI. p. 3-6. [RZ]

629 *Poesias* de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Lisboa: Lacerdina, 1807. V. I, p. 58. [RZ]

630 Domingos dos Reis Quita (1728-1770), Alcino Micênio na Arcádia Lusitana, foi poeta e dramaturgo, tendo publicado suas *Obras poéticas* em 1766. [RZ]

631 *Obras poéticas*. [Francisco de Borja Garção Stocker (1759-1829) escreveu a “Breve notícia da vida e obras de Francisco Dias Gomes”, prefácio das *Obras poéticas*, de Francisco Dias Gomes, publicada pela Academia Real de Ciências de Lisboa em 1799. – RZ]

466

632 V. entre outros *Anais das Ciências*, etc. [Cf. F. S. C.: “Alguns também, em menor número, se têm dado a investigações críticas sobre o merecimento e caráter dos nossos antigos poetas; e entre eles nenhum merece tanto louvor como o modesto e erudito Francisco Dias, que foi, se pode dizer, o primeiro que procurou pelas regras da sã crítica avaliar o merecimento dos nossos melhores poetas antigos.” In: F. S. C. Op. cit. p. 20-21. – RZ]

633 Francisco Dias Gomes é autor do já citado estudo “Análise e combinações filosóficas sobre a locução e o estilo de Sá de Miranda, Ferreira, Bernardes, Caminha e Camões”, publicado no volume IV das *Memórias de Literatura Portuguesa*, em 1792. Suas *Obras poéticas* foram publicadas postumamente, em 1799. Escreveu uma dissertação sobre o bom gosto na poesia. Cf. BECHARA, Evanildo. Para o conhecimento da língua portuguesa no século XVIII: os comentários de Francisco Dias Gomes. In: AZEVEDO FILHO, Leodegário A. (Org.) *Para Segismundo Spina*. Língua, Filologia, Literatura. São Paulo: EDUSP; Iluminuras, 1995. [RZ]

634 V. minha tradução das obras-primas dos teatros estrangeiros, publicadas por Ladvoat. [A coletânea organizada por Ferdinand Denis, já citada, contém: *Nova Castro*, de João Batista Gomes; *A conquista do Peru*, tragédia, e *Caráter dos lusitanos*, tragédia, de Manuel Caetano Pimenta de Aguiar (1765-1832); *Vida do grande D. Quixote de la Mancha* e *do gordo Sancho Pança*, de Antônio José da Silva. – RZ]

- 635 Cf. DENIS, Ferdinand. Notice sur le théâtre portugais, p. 3-28. [RZ]
- 636 Queimado [em 1745]. Trememos, pensando que esta medonha palavra só contém a verdade. Os monstros que fizeram esse homem inocente morrer quiseram que um poeta desde então célebre experimentasse o mesmo destino. O infeliz Antônio José provavelmente previu a infelicidade que lhe estava reservada, pois, na primeira edição de suas obras, cada volume termina por uma espécie de ato de fé, em que declara não acreditar nas divindades colocadas em cena. [Antônio José morreu em 1739. – RZ]
- 637 Cf. MORATO, Francisco Manuel Trigo de Aragão. Op. cit. [RZ]
- 638 Silvestre Silvério da Silveira e Silva é o pseudônimo de Manuel José de Paiva [1706-?], autor de *Só o amor faz impossíveis*, de 1764, e *Comédia joco-séria intitulada: Quem boa cama fizer nela se deitará*, de 1786. [RZ]
- 639 Mais ou menos na mesma época, aparece uma tragédia com o mesmo título, sem nome de autor e que só merece ser mencionada. [Trata-se provavelmente da *Tragédia de Dona Inês de Castro*, de 1772, adaptação, por Nicolau Luís da Silva (1723-1787), da tragédia espanhola *Reynar despues de morir*, possivelmente de 1630, de Luis Vélez de Guevara (1579-1644). Cf. SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro na literatura portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1984. – RZ]
- 640 Antônio Gomes da Silva Leão (1719-?) é autor de *Polinardo na Suécia*, de 1745, e da *Comédia nova, intitulada: Entre amorosos enredos o amante mais desvelado*, de 1746. [RZ]
- 641 Veja-se, entre outras, *Coleção de entremezes escolhidos*, de 1816. Suspeito que a coletânea contenha entremezes mais antigos que a data de sua segunda edição. [Cf. *Coleção de entremezes escolhidos*. 2. ed. Lisboa: Oficina de J. F. M. de Campos, 1816. – RZ]
- 642 Antoine-Alexandre-Henri Poisinet (1735-1769) é autor de *Le cercle*, ou *La soirée à la mode*, comédia em um ato, de 1764. [RZ]
- 643 Manuel de Sousa (1737-?) publicou a tradução de *Tartufo*, de Molière, em 1768, de *O burguês fidalgo* em 1769, e das *Aventuras de Telêmaco*, de Fénelon, em 1770. [RZ]
- 644 O título não indica a quem se deve esta tradução.
- 645 Manuel de Figueiredo (1725-1801) é autor das tragédias *Viriato*, de 1757, e *Ósmia*, de 1773. [RZ]
- 646 Dinis da Cruz ainda traduziu, em versos, a *Ifigênia em Táuride*, de Guimond de La Touche; mas ela foi impressa a partir de um manuscrito muito defeituoso, tendo-se perdido o original. [A tragédia *Ifigênia em Táuride*, de Claude Guimond de La Touche (1723-1760), foi representada em 1757. – RZ]
- 647 Domingos dos Reis Quita e Miguel Tibério Pedegache Brandão Ivo (1730?-1794) escreveram a tragédia *Mégara*. Domingos das Reis Quita é

também autor das tragédias *Astarto*, *Hermione* e *Castro*. [RZ]

648 Em 1770, começou a se estabelecer no teatro da Rua dos Condes uma família italiana de nome Zamperini, que se celebrou pela famosa cantora assim nomeada. Sob os auspícios do conde de Oeiras, filho do marquês de Pombal, formou-se uma sociedade com um fundo de cem mil cruzados, a ser empregado na fundação de um teatro italiano e que acabou por ser perdido pelos acionistas. V. a nota extensa sobre esse assunto no poema *O hissope*, p. 183. [Cf. LECUSSAN-VERDIER, Timothée. Notas ao poema. In: *O hissope*. Poema herói-cômico de Antônio Dinis da Cruz e Silva. Nova edição revista, correta e ampliada de notas. Paris: P. N. Rougeron, 1821. p. 183-189. – RZ]

649 *Sumário da Biblioteca Lusitana*, de Bento José de Sousa Farinha (1740-1820), publicado entre 1786 e 1788. [RZ]

650 *Memórias para a história de Portugal que compreendem o governo de el-rei Dom Sebastião*, em quatro volumes, publicados entre 1736 e 1751. [RZ]

651 O manuscrito encontra-se na Biblioteca Real.

652 Álvaro de Semedo (1585-1658), jesuíta, é autor de *Relação da propagação da fé no Reino da China*, que teve uma edição em espanhol, editada em Madri em 1642, intitulada *Imperio de la China*. [RZ]

653 Antônio de Gouveia (1593-1677) escreveu *Ásia extrema*, sobre a atividade dos jesuítas na China. Segundo Barbosa Machado, é autor do *Catecismo na língua chinesa*. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. I, p. 296. [RZ]

654 Henrique Henriques (1520-1600), jesuíta, publicou um dicionário e uma *Arte de gramática da língua malabar*. [RZ]

655 Gaspar Vilela (1524-1572-4), jesuíta, redigiu, segundo Barbosa Machado, *Controvérsias contra todas as seitas do Japão e História das vidas dos santos*. Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. II, p. 373. [RZ]

656 Luís Cardeira (1585-1640) foi, segundo Barbosa Machado, responsável pelo “*Testamento novo*, vertido na língua amarina que se fala na corte da Etiópia.” MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. III, p. 77. [RZ]

657 Mateus Cardoso (c. 1584-c.1625), jesuíta, é autor da *Doutrina cristã (...)* traduzida na língua do Reino do Congo, obra publicada em 1624. [RZ]

658 Ferdinand Denis se equivoca: o jesuíta Cristóvão de Jesus é autor da *Arte gramatical da língua canarina*, manuscrito datado de 1600. Conforme Barbosa Machado, Cristóvão de Jesus era “religioso menor da Província de São Tomé da Índia Oriental” e “muito perito na língua canarina”. Cf. BARBOSA, Diogo Machado. Op. cit. V. I, p. 579. [RZ]

659 Cf. SANTOS, Antônio Ribeiro dos. Da literatura sagrada dos judeus portugueses desde os primeiros tempos da Monarquia até os fins do século XV. In: *Memórias da literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792. V. II, p. 236-312. SANTOS, Antônio Ribeiro dos.

Da literatura sagrada dos judeus portugueses no século XVI. In: *Memórias da literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792. V. II, p. 354-414. SANTOS, Antônio Ribeiro dos. Da literatura sagrada dos judeus portugueses no século XVII. In: *Memórias da literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792. V. III, p. 227-273. SANTOS, Antônio Ribeiro dos. Da literatura sagrada dos judeus portugueses no presente século. In: *Memórias da literatura portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1793. V. IV, p. 306-338. Antônio Ribeiro dos Santos (1745-1818) pesquisou a literatura sacra hebraica, a história da poesia lusitana e a história da tipografia em Portugal. [RZ]

660 João de Sousa (1735-1812) é autor dos *Vestigios da lingua arábica em Portugal ou Lexicon etimológico de palavras e nomes portugueses que têm origem arábica, composto por ordem da Academia Real de Lisboa e de Documentos arábicos para a história portuguesa, copiados dos originais da Torre do Tombo com permissão de Sua Majestade e vertidos em português por ordem da Academia Real das Ciências*, de 1790. [RZ]

661 Cf. SOUSA, João de. *Documentos arábicos para a história portuguesa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790. [RZ]

662 Ernest Augustin Xavier Clerc de Landresse (1800-1862) traduziu a *Arte da língua do Japão* (1604), de João Rodrigues Girão (1561-1633), publicada em 1825, com o título *Éléments de la grammaire japonaise*. João Rodrigues Girão, jesuíta, é autor também do *Vocabulário da língua do Japão*, de 1603, e da *História da Igreja no Japão*. [RZ]

469

663 De l'état des sciences et des lettres en Portugal à la fin du dix-huitième siècle. [Cf. SERRA, J. Correia da. Op. cit. p. 270. – RZ]

664 Francisco José Freire (Cândido Lusitano) é autor de *Vida do Infante D. Henrique*, de 1758. [RZ]

665 Herman Boerhaave (1668-1738), médico e botânico holandês, considerado o fundador do ensino clínico e do hospital acadêmico moderno, escreveu *Institutiones Medicae*, de 1708, *Aphorismi de cognoscendis et curandis morbis*, de 1709, e *Elementa Chimiae*, de 1724. [RZ]

666 Cf. SERRA, J. Correia da. Op. cit. p. 270. [RZ]

667 As *Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* foram publicadas em 1797, reunindo ensaios produzidos entre 1780 e 1788. Entre 1788 e 1791, foram publicadas as *Memórias da Agricultura*, em dois volumes, e entre 1798 e 1815, as *Memórias Econômicas*, em cinco volumes. A série *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa* começou em 1815, estendendo-se, com intervalos, até 1851. [RZ]

668 Cf. *Breves instruções aos correspondentes da Academia sobre as remessas dos produtos naturais para formar um Museu Nacional*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1781. [RZ]

669 Cf. *Memórias sobre o modo de aperfeiçoar a manufatura do azeite em Portugal* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1784) e *Memórias sobre a cultura das oliveiras em Portugal* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1786), de Giovanni Antonio Dalla Bella (1730-c.1823). [RZ]

670 Cf. as já mencionadas *Observações sobre as principais causas da decadência dos portugueses na Ásia*, escritas por Diogo do Couto, em forma de diálogo, com o título de *Soldado prático* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790), publicadas por Antônio Caetano do Amaral (1747-1819). [RZ]

671 Cf. a já mencionada *Coleção de livros inéditos de história portuguesa, dos reinados de D. João I, D. Duarte, D. Afonso V, e D. João II* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790), publicada por José Correia da Serra. [RZ]

672 Pascoal José Melo Freire (1738-1798) é autor de *Historiae Juris Civilis Lusitani*, Liber Singularis, assim como das seguintes obras: *Institutiones Juris Civilis et Criminalis*, *De obligationibus et actionibus*, *Dissertação histórico-jurídica sobre os direitos de jurisdição do grão-prior do Crato e do seu provisor*, *Ensaio do código criminal a que mandou proceder a rainha D. Maria I*, *Novo Código de Direito Público de Portugal com as Provas*. [RZ]

470 673 Cf. *Fontes próximas da compilação filipina, ou Índice das ordenações, e extravagantes, de que proximamente se derivou o Código Filipino* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1792), publicadas por Joaquim José Ferreira Gordo (1758-1838). [RZ]

674 Dois volumes, in-4º. Esta obra encontra-se na biblioteca do Instituto. [Cf. *Sinopse cronológica de subsídios, ainda os mais raros, para a História, e estudo crítico da legislação portuguesa* (Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1790. 2v.), de José Anastácio de Figueiredo (1766-1805). – RZ]

675 V. as *Primeiras Meditações* de Lamartine, “A um poeta exilado”. [Alphonse de Lamartine (1790-1869) dedicou a décima-segunda meditação, “À un poète exilé”, a Francisco Manuel do Nascimento. Cf. LAMARTINE, Alphonse. *Méditations poétiques*. 6. ed. Paris: Henri Nicolle, 1820. p. 70-73. – RZ]

676 O neto do dramaturgo francês Jean Racine e filho de Louis Racine (1692-1763), poeta, faleceu durante o terremoto que assolou Lisboa, em 1755. [RZ]

677 Em uma fábula imitada de La Fontaine, “O rico e o pobre”, ele expôs, em poucas palavras e de uma maneira enérgica, essa recordação da juventude. O rico lembra as vantagens que sua opulência oferece, e grita: “Ser rico é tudo, um letrado é nada.”/ Não acabava, quando um terremoto / Derruba as casas – lavra o fogo, e queima / Móveis, papéis – o pó, a chama, o fumo – / O ruído arrasado das paredes – / O clarão de alongadas labaredas, / Que em

roda lambem templos, e palácios – / Os gritos, o tropel, o estrago, a morte, / Ais, soluços, mortíferos arrancos / Põem em fugida os peitos mais valentes: / Foge a piedade, fuge o parentesco, / Até o amor deixava ao desamparo / A suspirada amante.” [ELISIO, Filinto. “O rico e o pobre”. In: *Mércure Étranger*, ou *Annales de la Littérature Étrangère*. Paris: Arthus-Bertrand; D. Colas, 1813. V. 2, p. 130. No mesmo volume, entre as páginas 130 e 131, está impressa “La Richesse ignorante et le Talent pauvre”, em tradução de Sané, versão transcrita por Ferdinand Denis. – RZ]

678 ELISIO, Filinto. Ode X. O sábio lutando contra os infortúnios. In: *Poésie lyrique portugaise*, p. 102-104. [RZ]

679 Horácio [RZ]

680 A tradução de *Os mártires ou Triunfo da religião cristã*, por Francisco Manuel do Nascimento, foi publicada em Paris em 1816. [RZ]

681 Ele traduziu para o português a “Ode a Camões”, de Raynouard. Francisco Manuel morreu de uma hidropsia do peito em 25 de fevereiro de 1819; está enterrado no cemitério de Père Lachaise.

682 François Just Marie Raynouard é autor da tragédia *Les templiers*, publicada em 1805. [RZ]

683 *Versos de Filinto Elísio*. Tomo I. Paris: s. e., 1797. p. 174-178. [RZ]

684 V. *Versos de Filinto Elísio*. [Filinto Elísio traduziu o poema épico *Púnica*, de Sílio Itálico. – RZ]

685 Filinto Elísio traduziu *Vida e feitos d’el rei D. Manuel*, de Jerônimo Osório, obra redigida originalmente em latim. [RZ]

686 Traduziu poemas ingleses de Grey e de Dryden e colocou-se com frequência contra a monotonia da poesia pastoral. [Antônio de Araújo de Azevedo, conde da Barca, traduziu a “Ode a Dryden para o dia de Santa Cecília” e a *Elegia composta no cemitério de uma igreja de aldeia*, de Thomas Gray. John Dryden (1631-1700) foi dramaturgo, poeta e crítico literário; Thomas Gray (1716-1771), poeta, é autor de *An Elegy Written in a Country Church-Yard* e de odes. – RZ]

687 Francisco José Maria de Brito (1739-1825), diplomata, residiu em Paris e pertenceu ao círculo de Francisco Manuel do Nascimento. São atribuída a ele a “Nota sobre o autor” e a “Introdução sobre a literatura portuguesa”, que, sem assinatura, precedem a antologia de odes de Francisco Manuel do Nascimento, publicada na França (Cf. *Poésie lyrique portugaise*). [RZ]

688 Cf. SISMONDI, Simonde de. Op. cit. V. 4, p. 557. [RZ]

689 José Anastácio da Cunha (1744-1787), matemático e professor, foi condenado pela Inquisição, acusado de heresia e encarcerado. É autor de *Princípios Matemáticos* e de poemas, publicados postumamente. [RZ]

690 Domingos Maximiano Torres (1748-1810) publicou *Versos* em 1791.

[RZ]

691 Em português e em itálico no original. Os chamados Afrancesados eram partidários dos ideais da revolução francesa, favoráveis à adoção de um regime constitucionalista em Portugal. Foram perseguidos depois de 1807, ano da ocupação do país pelo exército de Napoleão Bonaparte. [RZ]

692 José Pedro de Azevedo Sousa da Câmara (?-1812) traduziu *Orestes*, de Voltaire, e a *Tragédia intitulada D. Inês de Castro*, de Antoine Houdar de La Motte, publicadas respectivamente em 1790 e 1792. [RZ]

693 *Obras poéticas de Bocage*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1875. V. 1, p. 157. [RZ]

694 *Obras poéticas de Bocage*, p. 110. [RZ]

695 *Obras poéticas de Bocage*, p. 129. [RZ]

696 *Obras poéticas de Bocage*. Porto: Imprensa Portuguesa, 1875. V. 2. p. 186-188. [RZ]

697 José (1761-1788), primogênito de Maria I, que faleceu prematuramente. [RZ]

698 *Obras poéticas de Bocage*. V. 2. p. 282. [RZ]

699 Bocage é autor de *Vasco da Grama ou O descobrimento da Índia pelos portugueses* (tragédia), *Afonso Henriques ou a Conquista de Lisboa* (drama heroico) e *O herói lusitano ou Viriato* (tragédia). [RZ]

472

700 Pierre Fulcrand de Rosset (1708-1788) é autor de *L'Agriculture, ou les Géorgiques françaises*, de 1774. [RZ]

701 Anne-Marie du Bocage (1710-1802) é autora do poema épico *La Colombiade, ou La foi portée au nouveau monde*, de 1756. [RZ]

702 Como vimos, *Os mártires* foram traduzidos por Francisco Manuel; *O gênio do Cristianismo* apareceu há pouco tempo; mas já havia várias traduções de René e de Atala. [*O gênio do Cristianismo* foi traduzido em 1817 por Benvenuto Antônio Caetano Campos (1778?-1836/1840). As traduções de *Atala* foram publicadas em Portugal em 1810, na Bahia em 1819, e novamente em Portugal em 1820. – RZ]

703 José Agostinho de Macedo (1761-1831) escreveu as epopeias *Newton*, poema filosófico (1813), e *O Oriente* (1814). Foi também crítico e polemista, como em *Os sebastianistas* (1810), e nas discussões mantidas com seus contemporâneos Manuel Maria Barbosa du Bocage, Pato Moniz e Almeida Garrett (1799-1854). [RZ]

704 Luís da Silva Mouzinho de Albuquerque (1792-1846), militar e político, é autor do poema *Geórgicas portuguesas*, de 1820. [RZ]

705 Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (1768-1824) é autor do épico *Zargueida*, de 1806. [RZ]

706 Francisco Roque de Carvalho Moreira (1755-1840) é autor de *Braganceida*, de 1815, e de *Portugaida*, de 1816, cujo assunto é a primeira tentativa francesa de se apossar de Portugal. [RZ]

707 Foram publicadas entre 1816 e 1817 duas traduções de *Os mártires*, de Chateaubriand: *Os mártires ou a vitória da religião cristã*, traduzida por Benvenuto Antônio Caetano Campo; e *Os mártires ou a religião cristã em triunfo*, traduzida por Manuel Nunes da Fonseca (1778-1826). [RZ]

708 Francisco Bento Maria Targini, visconde de São Lourenço (1756-1827), traduziu *O paraíso perdido*, de John Milton, e o *Ensaio sobre o homem*, de Alexander Pope. [RZ]

709 Antônio José de Lima Leitão (1787-1856) traduziu a *Eneida*, as *Bucólicas* e as *Geórgicas*, de Virgílio, publicadas no livro *Monumento à elevação da colônia do Brasil a reino e ao estabelecimento do tríplice império luso*, em três volumes, impresso no Brasil entre 1818 e 1819. [RZ]

710 Pedro de Sousa Holstein, duque de Palmela (1781-1850) e conde à época em que Ferdinand Denis escreveu o *Resumé*, traduziu para a língua francesa os três primeiros cantos de *Os Lusíadas*. [RZ]

711 Nuno Álvares Pato Moniz (1781-1826) é autor de *Agostinheida*, de 1817. [RZ]

712 Joaquim José Pedro Lopes (1787?-1840) é autor da “Ode ao ilustre General Silveira, seguida de um elogio à Nação Portuguesa na sua segunda restauração”, de 1809, da “Ode ao faustíssimo dia natalício de S. A. R. o príncipe regente”, de 1811, e de “Ao exército português, restituído vitorioso à Pátria”, de 1814. [RZ]

713 Antônio Feliciano de Castilho (1800-1875) tinha publicado *Cartas de Eco e Narciso*, em 1821, e *A primavera*, de 1822, à época em que Ferdinand Denis escreveu o *Resumé*. [RZ]

714 João Vicente Pimentel Maldonado (1773-1838), arcádico tardio, é autor de *Apólogos*, de 1820. [RZ]

715 Antônio Correia (?-1822) é autor da *Dissertação cronológico-crítica sobre os anos de Cristo*, de 1822, que assina como Philoteoro Duriaccola. [RZ]

716 José Monteiro da Rocha (1734-1819) foi matemático, filósofo, astrônomo e educador. [RZ]

717 Leonor de Almeida Portugal de Lorena e Lencastre (1750-1839), marquesa de Alorna e condessa de Oyenhausen, foi poeta e tradutora. Suas *Obras poéticas* foram publicadas em 1844. Traduziu *Oberon* (1780), de Christoph Martin Wieland (1733-1813). [RZ]

718 Francisca de Paula Possolo da Costa (1783-1838) publicou *Francília, pastora do Tejo*, em 1816. [RZ]

719 Catarina Micaela de Sousa César e Lencastre, viscondessa de Balsemão

(1749-1824), dedicou-se à poesia, sem, contudo, publicar seus sonetos. [RZ]
 720 James Murphy (1760-1814), em *Travels in Portugal*, inclui a peça de Nicolau Luís da Silva entre as versões dramáticas da história de D. Pedro e Inês de Castro, apresentada por meio de citações. Cf. MURPHY, James. *Travels in Portugal*. Londres: A. Strahan, T. Cadell Jun. e W. Davies, 1795. p. 112-128. Ferdinand Denis menciona brevemente a peça de Nicolau Luís da Silva no capítulo XXVII. [RZ]

721 Vicente Pedro Nolasco da Cunha (1773-1844) é autor da tragédia *O triunfo da natureza*, de 1809. [RZ]

722 Teresa de Melo Breyner (1739-1798), condessa de Vimieiro, é autora da tragédia *Ósmia*, premiada pela Academia Real das Ciências em 1788. [RZ]

723 Cf. a já referida coletânea *Chefs d'œuvre du théâtre portugais*, organizada por Ferdinand Denis. [RZ]

724 Sérvio Galba teria sido o pretor romano que derrotou os lusitanos e, depois, dizimou a população. [RZ]

725 AGUIAR, Manuel Caetano Pimenta de. *Caráter dos lusitanos*. In: _____. *Teatro trágico português*. Lisboa: Impressão Régia, 1820. p. 13-14. [RZ]

726 Em português e em itálico no original. [RZ]

727 STAËL, Madame de. *De l'Allemagne*. Paris: Librairie de Firmin Didot Frères, 1845. p. 346. [RZ]

474

728 Luis Antônio de Oliveira Mendes (1750-1814), nascido no Brasil, é autor do “Discurso Acadêmico ao Programa: Determinar com todos os seus sintomas as doenças agudas, e crônicas, que mais frequentemente acometem os pretos recém tirados da África: se talvez a mudança do clima, se a vida mais laboriosa, ou se alguns outros motivos concorrem para tanto estrago: e finalmente indicar os métodos mais apropriados para evitá-lo, prevenindo-o, e curando-o. Tudo isto deduzido da experiência mais sisuda, e fiel”, publicado em *Memórias Econômicas* da Academia Real das Ciências de Lisboa. V. IV, 1812. [RZ]

729 Cf. SILVA, Joaquim Xavier da. Discurso histórico acerca da vacinação em Portugal. *História e Memórias da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Academia Real das Ciências de Lisboa, 1820. V. VI, Parte II. p. XXX. Joaquim Xavier da Silva (?-1858) escreveu também *Breve tratado da higiene militar e naval*, de 1819. [RZ]

730 Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846), filósofo, é autor de *Preleções filosóficas sobre a teoria do discurso e da linguagem, a estética, a diceósina, e a cosmologia*, de 1813. [RZ]

731 Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. XXXVII. [RZ]

732 Antônio Leite Ribeiro (1785-1829) é autor de *Elementos de Belas Artes: Teoria do discurso aplicado à língua portuguesa, em que se mostra a mútua*

dependência de quatro ciências intelectuais, a saber: Ideologia, Gramática, Lógica e Retórica, de 1816. [RZ]

733 Antoine-Louis-Claude Destutt, conde de Tracy (1754-1836), cunhou o termo ideologia, fundando um campo de estudos, o da ciência das ideias. É autor de *Elementos de ideologia*, obra publicada entre 1801 e 1815. [RZ]

734 Emanuel Kant (1724-1804), filósofo alemão, é autor da *Crítica da razão pura*, de 1781, *Crítica da razão prática*, de 1788, e da *Crítica do juízo*, de 1790. [RZ]

735 Antônio de Santa Bárbara (17??-18??), bacharel em Filosofia, é autor do *Sermão na profissão solene de D. Maria de O, religiosa do convento da Ave Maria da cidade do Porto*, de 1819, e do *Sermão em ação de graças pela desejada e muito feliz união da Junta Provisória do Governo Supremo do Reino com o Governo Interino de Lisboa* (1820). [RZ]

736 José de Almeida Drake (1778?-1828), professor de filosofia, é autor de *Teses de psicologia racional e experimental sobre a origem dos conhecimentos humanos*, de 1814, e de *Novena de Nossa Senhora de Jesus*, de 1814. [RZ]

737 Escreve Adriano Balbi sobre João de Águeda: “religioso franciscano, professor real de Filosofia Racional e Moral no Colégio do Espírito Santo em Évora. É um metafísico profundo que escreveu muito sobre esta ciência que lecionou durante 25 anos.” In: BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. XXXVII-XXXVIII. [RZ]

738 Ele produziu uma história da matemática.

739 Manuel Ferreira de Araújo Guimarães (1777-1838) é autor de *Elementos de Astronomia*, impresso em 1814, no Rio de Janeiro. [RZ]

740 Manuel Ferreira da Câmara Bittencourt Aguiar e Sá (1762?-1835), nascido em Minas Gerais, é autor do *Ensaio de descrição física e econômica da Comarca dos Ilhéus na América*, publicada em 1799. [RZ]

741 João Antônio Monteiro (?-1834), mineralogista, é autor da *Memória sobre o fluato de cal do Vesúvio*, *Memória sobre muitas novas variedades de formas determináveis de topázios*, de 1811, e *Memória sobre a determinação direta de uma nova variedade de forma cristalina do carbonato de cal*, de 1813. [RZ]

742 José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838) foi naturalista, poeta e estadista; escreveu *História da Academia Real das Ciências de Lisboa, para o ano de 1818*. *Poesias avulsas* foi publicado em 1825. [RZ]

743 Félix de Avelar Brotero (1744-1828), botânico, é autor de *Princípios de agricultura filosófica*, de 1793, e de *Flora Lusitanica*, de 1804. [RZ]

744 Bernardino Antonio Gomes (1768-1823), médico e botânico, escreveu *Observações botânico-médicas sobre algumas plantas do Brasil*, de 1803,

e *Ensaio dermosográfico, ou Sucinta e sistemática descrição das doenças cutâneas*, de 1820. [RZ]

745 *Philosophical Transactions* era a revista científica da Royal Society, da Inglaterra. [RZ]

746 Francisco Solano Constâncio (1777-1846) dirigiu os *Anais das Ciências, das Artes e das Letras* (1812-1822), publicados em Paris. [RZ]

747 Francisco Xavier de Oliveira Matos (1762- 1808) dirigiu a publicação das *Ordenações do senhor rei D. Manuel*. [RZ]

748 Joaquim Pedro Cardoso Casado Geraldes (?-1845), diplomata, é autor do *Mapa geo-hidrográfico, histórico e mercantil*, de 1815, da *Estatística histórico-geográfica do reino de Portugal*, publicada em Paris em 1815, do *Tableau des colonies et possessions anglaises dans le quatre parties du monde*, impresso em Paris, e do *Tableau statistique de l'île de Madere et Porto-Santo*. [RZ]

749 Desde 1649, os portugueses possuem uma gazeta política; mas eles não progrediram neste gênero até o século XIX, pois, antes de 1800, a *Gazeta de Lisboa* era a única folha política publicada no reino de Portugal.

476 “Enquanto que em 1809 ainda se reclamava na Europa contra a ignorância dos portugueses, recriminados por só disporem do *Almanaque* e da péssima *Gazeta de Lisboa*, o *Calendários dos Santos* e o *Almocreve das Petas*, eles tinham pelo menos treze obras periódicas publicadas em sua língua, além do *Almanaque de Lisboa* e do *Almanaque Militar*. Eis seus títulos: *O Observador Português, Histórico e Político de Lisboa*; *O Semanário Patriótico*; *O Correio da Península*, ou *O Novo Telégrafo*; *O Postilhão de Lisboa*; *A Abelha do Meio Dia*; *O Mensageiro*; *A Lanterna Mágica*; *O Telescópio Português*; a *Gazeta de Lisboa*; as *Efemérides Náuticas* publicadas em Coimbra pela universidade, e outras *Efemérides Náuticas* publicadas em Lisboa pela Academia das Ciências; o *Correio Brasiliense*, publicado em Londres, e a *Gazeta do Rio de Janeiro*, publicada no Brasil.” [In: BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. CLXXVIII-CLXXIX. – RZ]

750 Ferdinand Denis referiu-se previamente ao Visconde de Santarém e à sua pesquisa no capítulo XXIII. [RZ]

751 Hipólito José da Costa (1774-1823) foi editor do *Correio Brasiliense*, impresso em Londres, entre 1808 e 1823. [RZ]

752 João Bernardo da Rocha Loureiro (1778-1853), jornalista, dirigiu *O Português* ou *Mercúrio Político, Comercial e Literário*, publicado entre 1814 e 1826. [RZ]

753 Publicado em 1811, em quatro volumes, por José Agostinho de Macedo. [RZ]

754 Ao ocupar-me da origem da literatura, equivocadamente não falei deste

autor, cuja brilhante imaginação certamente exerceu grande influência sobre os italianos. Não há pleno acordo relativamente à época em que ele viveu. Faria e Sousa crê que era contemporâneo do rei D. Fernando [Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 360. – RZ]; mas pensa-se de modo geral que viveu à época de Dinis. Dois sonetos reproduzidos por Faria [Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 381. – RZ], e dirigidos ao autor de *Amadis de Gaula*, esclarecem se seu verdadeiro autor era conhecido. O autor da *Europa portuguesa* os atribui ao infante Pedro, irmão do rei Duarte [Cf. SOUSA, Manuel de Faria. Op. cit. p. 381. – RZ]; outros críticos pensam que se devem a Afonso IV, falecido em 1357, ou a seu irmão natural Afonso Sanches [Afonso Sanches (1289-1329), nobre trovador, era filho bastardo de Dinis. – RZ]; mas isto precisa ser comprovado. Balbi, que examina esta questão em uma nota interessante, escreve: “Pessoas dignas de fé, que viram o manuscrito original de *Amadis* quando foi transferido aos arquivos reais (pelo confisco dos bens do duque de Aveiro, no feudo em que ele se encontrava) nos asseguraram que ele era perfeitamente semelhante aos manuscritos de Dinis pela linguagem, escrita, etc.” [Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. V. 2, p. XIII. – RZ] Alguns sábios pensavam que este precioso romance havia desaparecido por ocasião do terremoto de Lisboa. Consultando Couchu, já afirmei que desde a origem a obra foi traduzida para o italiano.

755 O papa Pio IV construiu uma estátua para este historiador. V. Faria, *Europa portuguesa*. [É Manuel Severim de Faria quem informa que Pio IV (1499-1565) homenageou João de Barros com uma estátua, no Vaticano. Cf. FARIA, Manuel Severim de. Vida de João de Barros. In: _____. *Vários discursos políticos*. Lisboa: Oficina de Antônio Gomes, 1791. p. 215. – RZ]

756 V. o que diz Koster na *Viagem ao Brasil*; o mameluco é geralmente o herói das histórias poéticas compostas no país. [Cf. KOSTER, Henry. *Viagem ao Nordeste do Brasil*. Trad. Luiz da Camara Cascudo. São Paulo: Nacional, 1942. p. 484. Henry Koster (c. 1793-1820) publicou *Travels in Brazil* em Londres em 1816. – RZ]

757 João Fernandes Veira (c. 1613-1681) destacou-se nas lutas dos portugueses residentes em Pernambuco contra os holandeses, que, através da Companhia das Índias Ocidentais, ocupavam a região desde 1630. [RZ]

758 Henrique Dias (?-1662) liderou as milícias negras na luta contra os holandeses. [RZ]

759 Domingos Fernandes Calabar (c. 1600-1635), senhor de engenho pernambucano, teria colaborado com os holandeses durante a ocupação de Pernambuco pela Companhia das Índias Ocidentais. [RZ]

760 Antônio Felipe Camarão (c. 1600-1648), indígena potiguar, combateu ao lado os portugueses, durante as guerras contra os holandeses. [RZ]

761 Em *Scènes de la nature sous le tropiques*, refiro-me ao gosto que a

sociedade brasileira demonstra pela poesia. [Cf. DENIS, Ferdinand. *Scènes de la nature sous le tropiques*, p. 4. – RZ]

762 Bento Teixeira (1560?-1618), não Bento Teixeira Pinto, e nascido no Porto, não no Brasil, é autor da *Prosopopeia*, poema épico publicado em 1601, em que celebra Jorge Albuquerque Coelho (1539-1603), donatário da capitania de Pernambuco. [RZ]

763 A *Relação do naufrágio da nau Santo Antônio* foi atribuída a Bento Teixeira por Barbosa Machado. (Cf. MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 1, p. 512); contudo, foi redigida provavelmente por Afonso Luís, piloto da nau Santo Antônio. [RZ]

764 Bernardo Vieira Ravasco (1617-1697), irmão de Antônio Vieira, publicou poemas na *Fênix Renascida* e *Postilhão de Apolo*. [RZ]

765 Manuel Botelho de Oliveira (1636-1711) é autor de *Música do Parnaso*, de 1705. [RZ]

766 João de Brito e Lima (1671-1747), da Academia Brasílica dos Esquecidos, é autor do poema *Cesária*, que permaneceu inédito. [RZ]

767 MACHADO, Diogo Barbosa. Op. cit. V. 2, p. 616. [RZ]

768 Vasco Fernandes César de Meneses (1673-1741) foi vice-rei do Brasil entre 1720 e 1735. [RZ]

478 769 Conforme Rubens Borba de Moraes, Luís Canelo de Noronha (1689-?) teria nascido em Portugal. Cf. MORAES, Rubens Borba. *Bibliografia brasileira do período colonial*. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1969. p. 203. [RZ]

770 Salvador de Mesquita (1646-início do século XVIII) escreveu em latim as obras *Sacrificium Jephthae* (1680) e as tragédias *Demetrius* e *Perseus*, entre outras [RZ]

771 Conforme Guilhermino Cesar, apoiado em Diogo Machado Barbosa, “deve tratar-se de Martinho de Mesquita” (1633-?). Cf. CESAR, Guilhermino. Notas ao capítulo II. In: DENIS, Ferdinand. *Resumos da história literária do Brasil*. Trad. Guilhermino Cesar. Porto Alegre: Lima, 1968. p. 45.

772 Francisco de Almeida (1706-1761) é autor de *Orpheus brasílicus, de 1737, e do “Sermão de São Francisco Xavier, protetor da cidade da Bahia”, de 1743*. [RZ]

773 Manuel da Costa é Cláudio Manuel da Costa, autor de *Labirinto de amor*; Ferdinand Denis considera-os dois autores distintos. [RZ]

774 João Borges de Barros (1706-?) é autor da *Relação panegírica das honras funerárias, que às memórias do muito alto, e muito poderoso senhor rei fidelíssimo, D. João V, consagrou à cidade da Bahia, corte da América Portuguesa*, de 1753. [RZ]

775 João Mendes da Silva (1656-1736) teria escrito o poema *Christiados*, de 1754. [RZ]

776 José Pires de Carvalho e Albuquerque (1701-1760) é autor do poema *Culto métrico, tributo obsequioso dedicado às aras da santíssima pureza de Maria Santíssima, senhora nossa*, de 1750. [RZ]

777 Pedro Nolasco Ferreira Peres é autor do *Parnaso Americano*, triunfo panegírico, de 1742. [RZ].

778 Gonçalo Soares da França (1632-1724?) é autor do poema *Brasília* e de “Dissertações da história eclesiástica do Brasil”, obras que permaneceram inéditas. [RZ]

779 Dentre as mulheres ilustres de que se honra Pernambuco, conta-se D. Rita Joana de Sousa, natural de Olinda; faleceu em 1719. Cultivou com êxito as belas-artes e a literatura; deixou diversos tratados. [Rita Joana de Souza, poeta, provavelmente viveu entre 1696 e 1718, em Olinda; nenhum verso seu foi publicado. – RZ]

780 Cf. capítulo XXVII. [RZ]

781 Nome de Deus entre os tupis; Tupã significa Trovão.

782 DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*. São Paulo: Cultura, 1945. p. 49. [RZ]

783 O uso desse arco é corrente, cuja representação pode-se ver no Príncipe de Neuwied. Consulte-se igualmente *Lé Brésil*, ou Moeurs et coutumes des habitants de ce royaume, 6v., in-18, de autoria de Taunay e minha. [Maximilian Wied-Neuwied (1782-1867) escreveu *Viagem ao Brasil*, publicado em 1820. – RZ]

784 O hábito de introduzir um corpo estranho, guarnecido de desenhos em volta, no lábio inferior, ou nas faces, é corrente no Brasil. V. as obras antes citadas.

785 O maracá é um instrumento sagrado, formado de uma cabaça vazia ou de um coco, cheio de sementes ressoantes, ou de seixos.

786 DURÃO, José de Santa Rita *Caramuru*, p. 98-101. [RZ]

787 James Fenimore Cooper (1789-1851) é autor dos romances históricos *Os pioneiros* (1823), *O último dos moicanos* (1826) e *A pradaria* (1827), entre outros. [RZ]

788 DURÃO, José de Santa Rita *Caramuru*, p. 124-125. [RZ]

789 DURÃO, José de Santa Rita *Caramuru*, p. 134. [RZ]

790 Traduzi essa passagem nas *Scènes de la nature sous les tropiques*. [Cf. DENIS, Ferdinand. Op. cit. p. 128. – RZ]

791 DURÃO, José de Santa Rita. *Caramuru*, p. 167-168. [RZ]

792 Diogo Álvares Correia (1475-1557) naufragou nas costas da Bahia, sendo

acolhido pelos tubinambás. Era conhecido pela alcunha de Caramuru. [RZ]
 793 Francisco Pereira Coutinho (?-1547) foi donatário da Capitania da Baía de Todos os Santos. [RZ]

794 Intitula-se *Resposta apologética ao poema intitulado “O Uruguai”*, etc. Encontra-se ao final curioso mapa das missões. [Os jesuítas lançaram, em 1786, a *Resposta apologética ao poema intitulado O Uruguai por José Basílio da Gama, e dedicado a Francisco Xavier de Mendonça Furtado, irmão de Sebastião José de Carvalho, conde de Oeiras e marquês de Pombal*, obra não assinada, mas atribuída posteriormente ao padre Lourenço Kaulen (1716-?). – RZ]

795 Ferdinand Denis dá equivocadamente o ano de 1710 como data para a assinatura do Tratado de Madri, entre Portugal e Espanha. [RZ]

796 GAMA, Basílio da. *O Uruguai*. In: TEIXEIRA, Ivan. *Obras poéticas de Basílio da Gama*. Ensaio e edição crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996. p. 203. [RZ]

797 GAMA, Basílio da. *O Uruguai*, p. 208. [RZ]

798 GAMA, Basílio da. *O Uruguai*, p. 219-220. [RZ]

799 A segunda edição foi editada pela Imprensa Régia, em 1811 Cf. CABRAL, Alfredo do Vale. *Anais da Imprensa Nacional do Rio de Janeiro de 1808 a 1822*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. [RZ]

480

800 José Francisco Cardoso (1761-1842) é autor de *De rebus a Lusitanis ad Tripolim viriliter gestis Carmen, Canto heroico sobre as façanhas dos portugueses na expedição de Tripoli*, na tradução de Manuel Maria Barbosa du Bocage, obra publicada, em latim e em português, em 1800. [RZ]

801 Ferdinand Denis atribui *Marília* a Gonzaga da Costa, equivocando-se quando ao nome do autor daquele livro. É Tomás Antônio Gonzaga (1744-1810) o autor de *Marília de Dirceu*, de 1792. [RZ]

802 Maria Dorothea Joaquina de Seixas (1767-1853), a Marília dos poemas de Tomás Antônio Gonzaga, não casou. [RZ]

803 Eugène de Monglave (1796-1878), historiador, traduziu, em parceria com Paul Chalas, os poemas de Tomás Antônio Gonzaga, publicados no livro *Marilie, chants élégiaques de Gonzaga*, de 1825. [RZ]

804 Ferdinand Denis não transcreve dois trechos, mas a lira XXVIII. Cf. *Marilie. Chants élégiaques de Gonzaga*. Trad. E. de Moglave e P. Chalas. Paris: Panckoucke, 1825. p. 165-166. Na edição de Rodrigues Lapa, corresponde à lira 25, da Parte II. Cf. GONZAGA, Tomás Antônio. *Marília de Dirceu e mais poemas*. 3. ed. Prefácio e notas de M. Rodrigues Lapa. Lisboa: Sá da Costa, 1961. p. 126-128. [RZ]

805 Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) é autor de *Obras poéticas*, de 1768, *Labirinto de amor*, de 1753, e *Vila Rica*, de 1773, publicado postumamente em 1839. [RZ]

806 Cf. COSTA, Cláudio Manuel da. *Obras poéticas*. Ed. organizada por João Ribeiro. Rio de Janeiro: Garnier, 1903. V. II, p. 53. [RZ]

807 Intitula-se *As aves*, noite filosófica.

808 *Poesias oferecidas às senhoras brasileiras, por um baiano*. 2 vols. in-32.

809 Gioachino Rossini (1792-1868) é autor das óperas *O barbeiro de Sevilha*, *A Cinderela* e *Guilherme Tell*, entre outras obras. [RZ]

810 Em português e em itálico no original. [RZ]

811 Wolfgang Amadeus Mozart (1756-1791) é autor das óperas *As bodas de Fígaro* (1786), *Don Giovanni* (1787) e *A flauta mágica* (1791), entre outras obras. [RZ]

812 Giovanni Paesiello (1740-1816) é autor das óperas *La serva padrona* (1781) e de *Il barbiere di Siviglia* (1782), entre outras obras. [RZ]

813 Domenico Cimarosa (1749-1801) é autor de *Il matrimonio segreto*, *La finta pagina*, *La vanita delusa*, *I traci amanti*, *Le astuzie famminili*, entre outras obras. [RZ]

814 V., sobre os músicos célebres do Brasil, o livro de Adriano Balbi. [Cf. BALBI, Adriano. Op. cit. p. CCVII-CCXVII. – RZ]

815 Marcos Portugal (1762-1830), músico português, estabeleceu-se no Brasil a partir de 1811, tendo atuado como compositor oficial da Corte portuguesa radicada no Rio de Janeiro até 1821. [RZ]

816 O pintor Nicolas-Antoine Taunay fez parte da missão francesa que chegou ao Brasil em 1816. [RZ]

817 Charles Simon Pradier (1783-1847), gravador, fez parte da missão francesa que chegou ao Brasil em 1816, onde permaneceu até 1818. [RZ]

818 Auguste Henri Victor Grandjean de Montigny (1776-1850), arquiteto, fez parte da missão francesa que chegou ao Brasil em 1816, onde se radicou. [RZ]

819 Félix de Taunay (1795-1881), filho de Nicolas-Antoine Taunay, faz os desenhos que serviram de base ao primeiro Panorama do Rio de Janeiro, pintado em tela, em 1824, por Frédéric Guillaume Ronmy (1786-1854) e exposto em Paris. [RZ]

820 O jesuíta Ângelo dos Reis (1664-1723) é autor do *Sermão da canonização do grande apóstolo do oriente S. Francisco Xavier pregado no dia da mesma festa, no colégio de Rio de Janeiro*, de 1709, e do *Sermão da restauração da Bahia pregado na Sé da mesma cidade em dia dos apóstolos S. Felipe e Santiago*. [RZ]

821 Ruperto de Jesus (1644-1708) é autor do *Sermão da gloriosa madre Santa Teresa*, de 1699. [RZ]

822 Jacob de Andrade Velosino (1639-1712), médico e filósofo, judeu de ascendência portuguesa, é autor de *O teólogo religioso contra o teólogo*

politico de B. de Espinosa, também intitulado *Epítome da verdade da lei de Moisés*, e de *O Messias restaurado*, entre outras. Após a expulsão dos holandeses, Jacob de Andrade Velosino radicou-se em Amsterdam, onde praticou seu ofício de médico e escreveu seus livros. [RZ]

823 Antônio de León Pinelo (1590-1660), filho de judeus portugueses e historiador. publicou *Epítome de la Biblioteca oriental y occidental, nautica y geografica*, de 1629, e *El Paraiso en el Nuevo Mundo*, de 1656. [RZ]

824 Eusébio de Matos e Guerra (1629-1692), primeiramente jesuíta e depois carmelita, é autor do *Sermão da soledade e lágrimas de Maria Santíssima Senhora Nossa*, de 1681. [RZ]

825 Lourenço Ribeiro (1648-1724) era orador sacro e compositor de modinhas. [RZ]

826 Correia da Serra, Coup d’oeil sur l’état des sciences et des lettres parmi les portugais. [Cf. SERRA, J. Correia da. Op. cit. p. 274. – RZ]

827 Manuel de Moraes (1586-1651) é autor das *Memórias históricas sobre Portugal e o Brasil, História da América, Particularidades da fertilidade e sítio do Brasil*. [RZ]

828 Johannes de Laet (1581?-1649), ou Jean de Laet, geógrafo holandês, é autor da *História do Novo Mundo*, de 1625. [RZ]

482 829 Gaspar Barlaeus (1584-1648) é autor de *Historia naturalis Brasiliae*, de 1648, editada em Amsterdã. [RZ]

830 Guilherme Pison, Gulielmus Piso ou Willen Piso (1611-1678), médico holandês que atuou por certo tempo em Pernambuco, durante a ocupação holandesa, é autor de *História natural do Brasil*, escrita em latim e publicada em 1648. [RZ]

831 Charles Dumouriez critica os historiadores portugueses por se mostrarem “carregados de milagres, fanfarrice, discursos e maravilhoso”. Cf. DUMOURIEZ, Charles. Op. cit. p. 140. [RZ]

832 COUTINHO, José Joaquim da Cunha de Azeredo. *Ensaio econômico sobre o comércio de Portugal e suas colônias*. 3. ed. Lisboa: Academia Real das Ciências, 1828. p. 43-44. [RZ]

833 Este trabalho acha-se traduzido em apêndice à *Viagem*, de Bourgoing. [Jean François Bourgoing (1748-1811), diplomata francês, é autor de *Voyage du duc du Chatelet en Portugal, où se trouvent des détails intéressans sur ce royaume, ses habitans, ses colonies, sur la Cour et M. De Pombal, sur le tremblement de terre de Lisbonne*, que inclui, na segunda edição, de 1801, as *Notes sur la situation actuelle de ce royaume et de ses colonies*. – RZ]

834 O periódico *Idade d’Ouro do Brasil* foi publicado em Salvador, na Bahia, entre 1811 e 1823. [RZ]

835 A respeito, comenta Guilhermino Cesar: “Pela data em que escreveu,

Ferdinand Denis parece referir-se a Guido Tomás Marlière, francês radicado na região mineira da Zona da Mata, autor de trabalhos sobre a civilização dos botocudos e dos puris.” In: CESAR, Guilhermino. Notas ao capítulo VII. In: _____. Op. cit. p. 99. [RZ]

836 Eis o título completo: *Roteiro geral com largas informações de toda a costa que pertence ao estado do Brasil e a descrição de muitos lugares dele, especialmente da Bahia de Todos os Santos*, nº 8.172. [Gabriel Soares de Sousa (década de 1540-1591) é o autor desse manuscrito, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen (1816-1878) no século XIX. – RZ]

837 Ignoro se o autor é brasileiro. [Manuel Aires de Casal, autor da *Corografia brasílica*, nasceu e morreu em Portugal. – RZ]

838 Ferdinand Denis refere-se à Confederação Germânica, união política de estados alemães, formada em 1815, a partir do do Ato Federativo de Viena de 9 de junho daquele ano. [RZ]

839 Nos *Nouvelles Annales des Voyages*, de Eyriès et Malte-Brun, publico a tradução dos capítulos consagrados a essas duas capitânias. [Jean Baptiste Benoît Eyres (1767-1846) e Malte-Conrad Bruun (1775-1826), ou Malte-Brun, na França, geógrafos, foram os editores dos *Nouvelles Annales des Voyages, de la Géographie et de l’Histoire*, publicados a partir de 1807. Em 1821, Ferdinand Denis publicou a tradução dos capítulos relativos ao Pará e ao Mato Grosso respectivamente nos volumes IX (p. 209-284) e XI (p. 209-285). – RZ]

483

840 James Henderson (1783-1848) viveu no Brasil entre 1819 e 1821, tendo escrito o livro *A history of Brazil: comprising its geography, commerce, colonization, aboriginal inhabitants*, publicado em 1821. [RZ]

841 Alexandre Rodrigues Ferreira (1756-1815) empreendeu, entre 1783 e 1792, prolongada viagem pela Amazônia e Mato Grosso. O “Diário da viagem filosófica” foi publicado *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* em 1887. [RZ]

842 É grande a lista de suas obras. V. o artigo consagrado a ele nas *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa*. [Cf. SÁ, Manuel José Maria da Costa e. Elogio do doutor Alexandre Rodrigues Ferreira, seguido da Notícia dos escritos do senhor doutor Alexandre Rodrigues Ferreira. In: *História e Memória da Academia Real das Ciências de Lisboa*, V. 5, parte II, 1818. Os dois artigos foram reproduzidos nos *Anais da Biblioteca Nacional*, v. 72, 1952. – RZ]

843 Ferdinand Denis refere-se a Lúcio José de Matos, bibliotecário da Biblioteca Pública de Salvador, por ocasião de sua fundação. Cf. MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos; São Paulo: Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo, 1979. p. 147. [RZ]